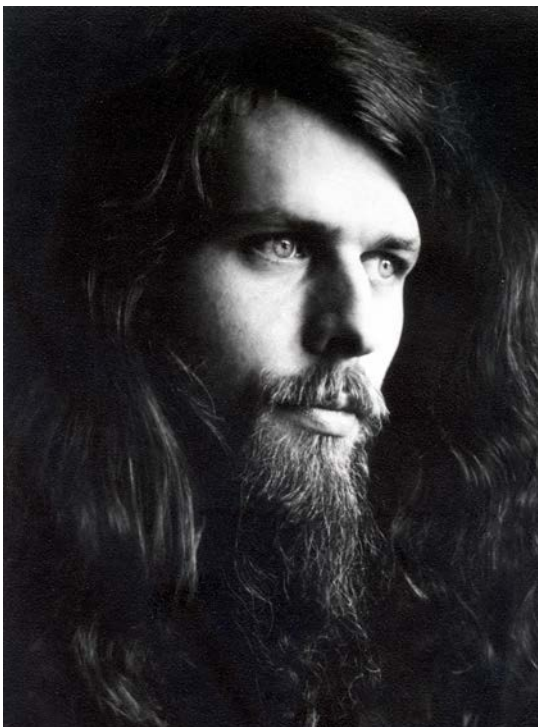




Jacob Holdt

Uma viagem de 50 anos na...

RAÍZES DE  
OPRESSÃO



“Desde a publicação do livro de crítica social de Jacob Riis, *How the Other Half Lives*, não tem havido um registro tão poderoso da vida americana quanto o *American Pictures*. Sua apresentação no Festival de Cinema de Cannes criou uma sensação”.

*O Festival de Cinema de São Francisco*

“Uma das melhores interpretações da psicologia preto e branco - particularmente dos sulistas - que eu já encontrei”.

*James Baldwin*

**Importante!!!**

**Textos diferentes virão aqui escritos por minha editora de *Raízes de opressão***

**Importante!!!**

### **Exemplo de texto de aba interior...**

Jacob Holdt cresceu a apenas 15 milhas da cidade natal de Jacob Riis, na Dinamarca. Como Riis, cuja chegada na América precedeu a de Holdt quase um século, ele passou seus primeiros seis anos como vagabundo. No entanto, a semelhança entre os dois vai além das circunstâncias de seu nascimento, criação e viagens. Sua fotografia e sua escrita compassiva e pouco sofisticada também são semelhantes. Ambos insistem na reforma social, insistindo que “a outra metade da sociedade americana é de responsabilidade de todos”.

*Raízes de opressão*, porém, é também uma investigação do Holdt racista que percebe crescer em si mesmo à medida que perde gradualmente seu status de forasteiro e se integra em sua nova sociedade e interioriza também seus valores mais infelizes. Embora seja um vagabundo sem um tostão, ele entende que seu privilégio branco lhe dá responsabilidade. Ele insiste que suas fotos devem ser vistas não como uma descrição das que estão numa classe inferior negra esmagada pelos efeitos de tal racismo, mas de uma doença social branca tão perturbadora que é mais fácil para a maioria se concentrar (fotograficamente ou não) nos sintomas do que na causa. Em sua invulgar exposição a essa doença, *Raízes de opressão* tem uma mensagem urgente para todos os brancos.

“Eu vi seu slide show em uma universidade em Washington DC nos anos 80 e ele causou uma impressão indelével em mim”. Quando falei em fazer uma exposição com o museu Louisiana na Dinamarca, eles enviaram o canal Louisiana para me filmar em meu estúdio em Los Angeles. E eles me trouxeram seu livro *American Pictures* como um presente e perguntaram se eu o conhecia por acaso. E comecei a rir, porque tenho várias cópias - compro cópias extras para amigos toda vez que o vejo em uma livraria. A coisa principal que me impressionou desde a primeira vez que vi o livro foi que eu nunca tinha visto imagens que eu sentia serem tão precisas em seus renderings do Sul que eu conhecia”.

*Arthur Jafa*



**Uma viagem de 50 anos na....**

# **Raízes de opressão**

**Jacob Holdt**

# UMA LIÇÃO SOBRE OPRESSÃO

*50 anos de opressão negra/branca na América como experiente e fotografado por um viajante branco, esperançosamente com algumas idéias e inspiração para os combatentes da libertação no mundo*

Raízes de opressão  
Layout e design de imagem de Jacob Holdt baseado no módulo projetado por Kitte Fennestad para o livro original “American Pictures”.  
Texto atualizado 2021  
© American Pictures Foundation e Jacob Holdt  
ISBN 87-?????????  
Todos os direitos reservados. Publicado por ????>

Espaço para o texto da editora

Um livro raramente é o trabalho de uma pessoa, e uma foto e um livro de viagem certamente se torna um esforço muito colaborativo. Neste livro decidi não mencionar ou mudar todos, exceto alguns dos nomes reais. Isto me entristece, já que todas as fotos de rua exploradoras são o resultado não só da hospitalidade das pessoas, mas geralmente de sua forte cooperação, interação e confiança em mim - bem como de sua posterior aprovação. Entre as pessoas que ajudaram a fazer o livro, gostaria de agradecer especialmente àqueles que me encorajaram e doaram financeiramente durante meus primeiros anos vagabundos sem um tostão: Alice Turak (\$10), John Ray (\$20), Susan Kennedy (\$30), Cary Ridders (\$50), Allan Tunick (15 rolos de filme). Um agradecimento muito especial a Eveleen Henry e Marly Sockol por armazenarem meus slides e a Tommy Howard por me emprestar seu velho Buick com vários tanques de gasolina para circular nas estradas secundárias da NC, onde eu não podia pegar carona.

Obrigado desde então a Dick Boggle por doar seu carro, permitindo-me levar o slideshow para a maioria das pessoas do livro em meu primeiro retorno aos Estados Unidos. Por críticas e feedback durante muitos anos, através dos quais muitas das idéias do livro cresceram, estou profundamente grato a Tony Harris, que durante 30 anos foi meu parceiro em oficinas sobre racismo em centenas de escolas americanas e européias. E aos milhares de estudantes em minhas oficinas, que abriram seus corações e me ensinaram sobre um racismo muito mais profundo e a dor por trás dele do que eu podia ver e fotografar originalmente como um vagabundo ingênuo e superficial. E aos negros que - embora meu slideshow muitas vezes fosse doloroso demais para eles mesmos verem em seus ambientes universitários, em sua maioria brancos - insistiam que os brancos “vissem e entendessem minha dor” e me levavam de volta aos seus campi por essa razão.

Mais para vir...

Com amor Jacob Holdt  
A Casa Ubuntu  
Copenhague, Dinamarca  
www.american-pictures.com

## PARTE UM - PÁGINA 6:

*“Raízes da opressão”*

*Os padrões básicos e históricos de opressão*

## INTERMEDIUM - PÁGINA 200:

*“Entendendo as raízes do ódio branco”*

*Estudar a opressão na infância de pessoas em categorias*

*e assassinos em série de negros*

## SEGUNDA PARTE - PÁGINA 240:

*“O gueto em nossas mentes”*

*Entendendo como nós, que queremos fazer o bem, acabamos oprimindo*

*negros na América e minorias em outros países*

## PALAVRA POSTERIOR - PÁGINA 456:

*Meus pensamentos sobre a cura*

*Encontre links em cada página para vídeos com as músicas transcritas, entrevistas e histórias atualizadas das pessoas incluídas no livro. [Ou veja uma visão geral aqui.](#)*

## Ponto de partida

Antes de começarmos nossa jornada tentando entender e agir sobre as forças escuras que nos dividem, não esqueçamos as crenças humanas esclarecedoras que nos unem.

“O rebelde”: Não há em nenhum lugar do mundo uma pobre criatura que tenha sido linchada ou torturada em quem eu não seja assassinado e humilhado...  
...Aime Cesaire: “*Les Armes Miraculeuses*”

Somos chamados a amar ou a odiar tal e tal país e tal e tal povo. Mas alguns de nós sentimos que nossa humanidade comum é muito forte para fazer tal escolha.  
...Albert Camus

Devemos aprender a viver juntos como irmãos ou perecer juntos como tolos.  
...Martin Luther King

Odeio o pecado, amo o pecador.  
... Mahatma Gandhi

Além das questões de certo e errado, há um campo. Encontramo-nos lá.  
....Rumi

Na África existe um conceito conhecido como ‘ubuntu’ - o sentido profundo de que somos humanos somente através da humanidade dos outros; que se quisermos realizar algo neste mundo será em igual medida devido ao trabalho e à realização dos outros.  
.....Nelson Mandela



## Ubuntu

“Uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas” - a afirmação da humanidade de alguém através do reconhecimento de um “outro” em sua singularidade e diferença. Podemos integrar este velho “sonho africano” - “somos porque você é, e como você é, definitivamente eu sou” - com a idéia de “o sonho americano”?

**“IMPORTANTE!** As fotos deste livro não retratam a cultura negra e negra, nem a cultura branca e negra, pois elas são desproporcionalmente da classe inferior negra e da classe alta branca. São afirmações visuais alegóricas utilizadas em uma parábola sobre a opressão. E não é um livro sobre a opressão histórica dos negros, mas “a história vista no presente” como a vivi durante meus 50 anos na América; padrões paralelos aos que vi em meu trabalho antirracista no Terceiro Mundo e na Dinamarca, onde, portanto, na velhice, criei o centro de diálogo A Casa Ubuntu. Todas as opressões têm vítimas, mas geralmente as pessoas vivem nelas há tanto tempo que individualmente não tendem a se ver como vítimas, mas como pessoas fortes e resilientes - embora todas as estatísticas mostrem que, como grupo, elas são vitimizadas e retidas por forças invisíveis (não fotografáveis)”.

Jacob Holdt, The Ubuntu House, Copenhagen, Dinamarca



Padroeira da Casa Ubuntu, Zindzi Mandela, filha de Winnie e Nelson Mandela



Centrados em torno de Zindzi Mandela em nossa Casa Ubuntu, estamos celebrando a humanidade que compartilhamos através de todas as fronteiras artificiais



1995 - Queens, NY



1995 - Queens, NY

## Onde toda essa raiva vem de?

...então o que está reservado?

...estou falando de guerra racial!

“Reúna-se”

“Abra seus olhos, fique sábio”

Guerra das raças.... pessoas sendo mortas nas ruas

sangue em seus pés

as pontas não se encontram,

e a quem eles vão culpar, a mim?

## Onde erramos?

Tente a mídia, tente a polícia, tente sua TV,

qualquer pessoa, menos você mesmo.

Mas quando as balas começam a voar

as pessoas começam a morrer

é tudo por causa da mentira

livros de história eles ensinam o ódio

Eu não tive escapatória da fé racista

é como na África do Sul, vamos começar a matar

guerra racial, guerra racial, guerra racial, guerra racial,

guerra racial.

#006

## Prefácio a Raízes de opressão

*“Foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos, foi a era da sabedoria, foi a era da loucura, foi a época da crença, foi a época da incredulidade, foi a época da luz, foi a época das trevas, foi a primavera da esperança, foi o inverno do desespero”.*

*Charles Dickens: Um conto de duas cidades*

Estas famosas palavras descrevem excepcionalmente bem meus sentimentos quando, em 1970, tentei fazer a ponte entre duas sociedades - minha própria dinamarquesa e minha nova identidade americana - bem como minha indesejável nova identidade como “branca”, com um paralelo separado na sociedade “negra”. A esperança e a luz pareciam envolver a todos alguns anos após o triunfo do Movimento dos Direitos Cívicos, que trouxe consigo a promessa de um futuro melhor e mais integrado racialmente em breve. Assim como a escuridão e o desespero pareciam envolver a todos tentando deter o assassinato de milhões de vietnamitas. A magnitude do massacre fez com que eu e milhões de jovens em todo o mundo fôssemos bastante antiamericanos, e eu não tinha interesse em ficar nos EUA quando peguei carona do Canadá a caminho da América Latina. Durante os meus primeiros dias no país, fui assediado por negros furiosos, mas também fui convidado a viver como o único branco no Che Lumumba Club de Angela Davis e levado a grupos como os Panteras Negras, além de ser abraçado por grupos brancos antiguerra. Neste crepúsculo ofuscante entre a escuridão e a luz,

logo perdi minha orientação original enquanto viajava por esta sociedade (norte-americana) lutando para encontrar sua própria nova identidade. Eu me apaixonei completamente pela juventude em sua busca da verdade - e, portanto, pela América. Na época, eu não tinha idéia de que este amor continuaria, assim como meu trabalho com a juventude, pelo resto de minha vida. Escrevi diários e cartas sem fim para meus pais sobre as pessoas que me convidaram para suas vidas, e para minha boa sorte eles me enviaram uma câmera fotográfica meio fotográfica barata “para que você possa enviar algumas fotos sobre suas experiências para casa”. Eu nunca havia feito fotografia antes, mas achei uma maneira muito mais rápida de lembrar as pessoas e os eventos (do que com palavras) e depois de quase seis anos voltei para casa com 15.000 fotos.

Durante muito tempo, usei a câmera como meu diário fotográfico, mas depois de superar meu medo inicial dos bairros do gueto, o que me fez ser assaltado de novo e de novo, foi como se tivesse sido levado pela mão e arrastado para um mundo que não sabia que existia. Em meus anos de escola na Dinamarca, tínhamos ouvido falar de Martin Luther King e do Movimento dos Direitos Cívicos, mas isso não havia mudado nossa visão mundial prevalecente da América como sendo basicamente um país branco.



1973 - Denmark, SC



1973 - Washington, DC

Aparentemente, a maioria dos americanos também preferia ver as coisas dessa maneira e, como a maioria dos motoristas que me pegaram eram brancos, rapidamente me vi no papel de mensageiro entre duas sociedades totalmente separadas e desiguais. Em minha própria ingenuidade, eu não via isto como (o resultado de) racismo, mas estava incrédulo que os brancos pudessem permitir que os negros vivessem em condições tão horríveis - muitas vezes mesmo ao lado - sem fazer nada a respeito. Pior, eles nem mesmo “viram”, ou justificaram porque não viram os negros como seres humanos semelhantes. Os mesmos brancos fariam qualquer coisa por mim como estrangeiro, e como eu, em troca, os via como pessoas de amor decente, eu não os considerava verdadeiros racistas e quase nunca usava a palavra racismo - palavra que associei ao Movimento dos Direitos Civis dez anos antes e apliquei ao Ku Klux Klan. Não, eu senti que todos esses brancos amorosos estavam apenas mal informados e podiam facilmente ser mudados, como quando os levei comigo para visitar meus amigos negros do outro lado das pistas. Desta forma, meu projeto educacional começou. Tirei cada vez mais fotos e as coloquei em pequenos livros com citações bíblicas e de Shakespeare adequadas para mostrar aos meus motoristas e anfitriões na rodovia. Também o fiz por razões egoístas, já que eles ficaram tão emocionados que me deram alguns dólares ou uma lancheira “para apoiar seu projeto, pois estas fotos precisam ser vistas por todos os americanos”. Quanto mais eu pudesse movê-los, mais tempo economizaria não tendo que pedir carona duas vezes por semana para as grandes cidades e ficar em bancos de sangue por quatro horas de cada vez para vender meu plasma por US\$ 5 ou US\$ 6 o suficiente para dois rolos de filme. Esta foi minha única renda desde que cheguei na América com apenas 40 dólares, uma soma que durou cinco anos devido à incrível hospitalidade dos americanos.



1975 - San Quentin, California

Depois de cerca de três anos, comecei a sentir que estava trabalhando em algum projeto para educar os americanos brancos - um por um. O ponto de virada veio em 8 de março de 1974, quando uma mulher me levou para ver um slideshow sobre mineiros de carvão no Santa Fe College, FL. Havia imagens, narração e música, e embora fosse muito primitivo, era extremamente poderoso, trabalhando mudando rapidamente as imagens de modo que quase parecia cinematográfico. E utilizava duas telas, que eu podia ver imediatamente, seria uma maneira eficaz de transmitir meu próprio choque de experimentar a lacuna entre a América branca e a América negra. Muitas vezes, os professores me pegavam e me convidavam para falar com suas turmas nas faculdades. Quão mais eficaz seria minha mensagem se eu pudesse converter meus pequenos livros ilustrados em slideshows apresentados para aulas inteiras de cada vez? Devo confessar que naquela época eu não tinha imaginado, em minha fantasia mais selvagem, que só alguns anos mais tarde acabaria apresentando-os para até 2000 estudantes de cada vez nas universidades americanas. No entanto, de agora em diante eu estava ciente de que estava trabalhando em um slideshow. Isto foi apenas um ano antes de ter que fugir da América - um ano durante o qual eu estava preso em um casamento em São Francisco. Passei muito desse tempo improdutivamente, escrevendo inúmeras aplicações para conseguir fundos para comprar equipamentos de câmera melhores - “Se eu pudesse conseguir uma Nikon de verdade” - mas em vão. Nem mesmo quando os negros estavam nos quadros de fundação. Uma dificuldade que tive naqueles anos, quando todos sentiam que “o problema da raça tinha sido resolvido” e as coisas estavam avançando, foi que muitos negros bem sucedidos se sentiam desconfortáveis com minhas imagens - tanto por vergonha de que seus próprios irmãos ainda vivessem nestas condições e ainda mais pelo medo de que as imagens estereotipassem negativamente os negros na mente



1987 - Antes da exposição no Boston College

branca. Meu próprio sentimento era que esses estereótipos já eram tão profundos que os brancos precisavam ser informados sobre sua própria responsabilidade de forçar desproporcionalmente os negros à pobreza e ao crime. Embora eu não usasse a palavra “racismo” com tanta frequência como “o sistema de nosso pensamento opressivo diário” (meu termo para “racismo sistêmico”, antes que a frase fosse cunhada, o que nos tornou responsáveis, não “o sistema”), eu senti que minhas imagens mostravam claramente a devastação humana que o racismo tinha criado ao nosso redor. As muitas perguntas morais sobre o que acontece à sua própria mente branca quando durante vários anos você se move principalmente na devastação da subclasse negra, sem muita interação com os negros mais ricos, também serão discutidas neste livro. Um resultado foi que no último ano senti que não poderia terminar meu projeto sem ir a países como Haiti, Jamaica, Cuba e Brasil, com suas diferentes formas de escravidão, se eu realmente e objetivamente quisesse ver, entender e descrever a diferença entre “verdadeira escuridão” e “o resultado da opressão”. Pois nesse sentido, todos nós que vivemos em uma sociedade com racismo sistêmico, somos prisioneiros na caverna de Platão. Isso, no entanto, teria sido um projeto acadêmico sem fim, bem fora do alcance de um desistente do ensino médio como eu. Portanto, não pretendo com este livro ser mais do que um homem das cavernas “de rua” na minha tentativa de dar voz àqueles igualmente perdidos “de rua” no gueto que sempre diriam: “Ei, cara, isto não é nada além de escravidão”. Pode haver, pergunto em um livro experimentado do ponto de vista de um sapo, alguma verdade em tais afirmações em uma chamada “sociedade livre”?

Como mencionei, essa mesma sociedade não me daria apoio à fundação para o meu projeto. No final, tive que voltar à Dinamarca, mas só depois de quase ser assassinado e viver com



Muitas vezes os estudantes só precisavam de tal publicidade quando eu voltava ao acampamento

medo constante de que o FBI estivesse prestes a confiscar minhas fotos.

Fiquei muito desiludido quando me mudei de volta para minha casa de infância, uma reitoria de aldeia. Meu pai, um pastor, me emprestou dinheiro para três projetores de slides e em menos de dois meses eu fiz um show de slides para apresentar em sua igreja local. Naquela área rural, eu não tinha acesso a uma biblioteca para fazer pesquisas, e o Google ainda não havia sido inventado.

Foi como se cinco anos de raiva social reprimida tivessem acabado de sair de dentro de mim. Pensei que sempre poderia fazer a pesquisa quando voltei aos Estados Unidos com “o show” (um slideshow acompanhado de música gravada), mas os rumores sobre ele espalharam-se tão rápido que logo foi apresentado por toda a Europa por voluntários negros americanos, muitas vezes com milhares fazendo fila para vê-lo (embora eu ainda não tivesse tempo de verificá-lo, os negros verificaram tudo). Em menos de um ano, foi transformado em um livro best-seller, e criamos uma fundação para dar todos os lucros do show e do livro para a luta contra o apartheid na África do Sul. Entretanto, apenas um mês após a publicação, descobri da KGB que a União Soviética pretendia usá-lo mundialmente contra as políticas de direitos humanos do Presidente Carter, apontando suas fotos para (erroneamente) afirmar que os direitos humanos eram tão ruins nos Estados Unidos quanto na Rússia comunista.

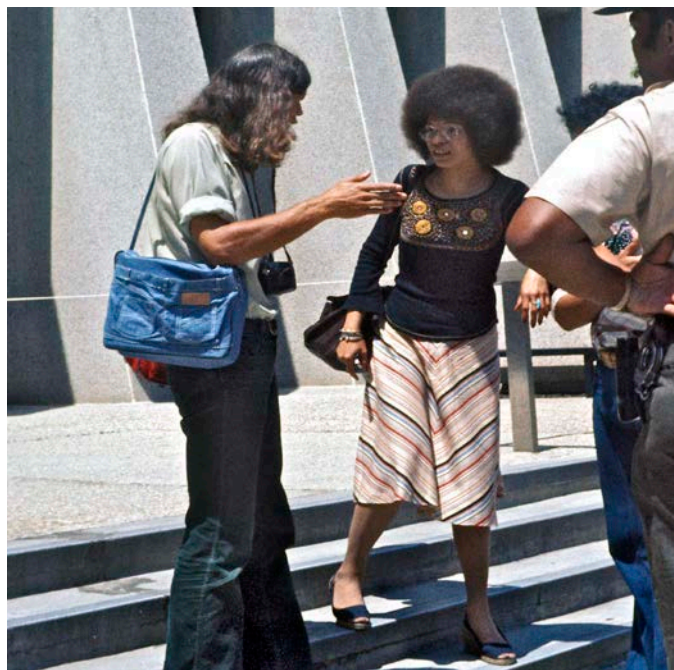
Como eu era um grande fã de Carter - o primeiro presidente americano a não derrubar governos eleitos democraticamente em todo o Terceiro Mundo - decidi processar para impedir as vendas do meu livro em todo o mundo. Depois disso, voltei para a América com meu slideshow, onde senti que ele pertencia.



1991 - Até meu 10º show aqui em Stanford U. estava lotado no maior auditório

Aqui ele também se tornou um sucesso imediato, e nos 30 anos seguintes, eu estava no palco de uma nova faculdade quase todas as noites em minhas excursões - muitas vezes apenas no quarto de pé. Além disso, aqui eu experimentei escuridão e luz ao mesmo tempo. Ficava trancado em auditórios escuros cinco horas por noite, trocando as bandejas de deslizamento a cada cinco minutos. Depois de 7000 shows, acabei passando 35.000 horas de minha vida na escuridão. Que desperdício de vida se não tivesse sido pela luz - ou pelo esclarecimento mútuo - experimentei no dia seguinte em minhas oficinas sobre racismo. Estes foram assistidos por estudantes “chocados” agora empenhados em erradicar seu próprio racismo e por negros que entenderam como a interiorização do racismo havia cortado suas asas. Aqui eu aprendi mais sobre o custo do racismo nos brancos do que nunca durante meus cinco anos de vagabundagem através de sua destruição negra.

No entanto, eu e Tony Harris, meu assistente negro, com sua profunda percepção psicológica e sua capacidade de aproveitar suas próprias experiências de gueto, quase nunca falamos sobre racismo. Pois levou horas e muitas vezes dias inteiros para ajudar os estudantes a tomar consciência e curar os ferimentos que sofreram individualmente em sua educação - mesmo os mais bem sucedidos e “privilegiados” estudantes da Ivy League. Normalmente havia muita descarga ou choro na sala, à medida que todos eles gradualmente percebiam como sua dor era compartilhada e como eles estavam juntos neste barco - preto e branco. Depois disso, eles frequentemente começavam semanalmente o diálogo/grupos de cura/jogos de “American Pictures unlearning racism” no campus depois que Tony e eu saímos - e dentro de um ano trouxemos o programa de volta ao campus para ajudar a chocar mais estudantes em grupos semelhantes de “unlearning”. Recebemos muitas cartas deles sobre como isso havia gradualmente “clarificado suas mentes” e “elevado sua inteligência”. Como resultado, eles estavam mais



1975 Raleigh, NC - Novamente brigando com Angela Davis sobre as idéias do show

“presentes” nas aulas e obtiveram notas mais altas na escola. Foi um testemunho vivo de como o racismo e as outras opressões prejudicaram nosso pensamento, nossa inteligência e nosso bem-estar.

Combater o racismo, nós insistimos, era do nosso próprio interesse. No entanto, não fomos tão ingênuos a ponto de pensar que poderíamos acabar com o racismo deles. Tentamos apenas torná-los racistas anti-racistas, sexistas antissexistas, etc. Cientes de como eles seriam sempre vítimas do racismo sistêmico da sociedade, mas comprometidos em trabalhar em solidariedade com aqueles que o racismo esmagava - especialmente quando chegavam a posições de poder que lhes permitiam ajudar a mudar o racismo sistêmico. Muitas vezes recebi convites para me juntar a eles 15-20 anos depois, quando seus grupos se reuniram novamente para avaliar como o programa havia mudado suas vidas, agora que eles tinham posições no governo e nas grandes empresas. Muito do que eles me ensinaram, estou tentando transmitir neste livro difícil.

Sim, “difícil” para a maioria. Para qualquer um que saiba um pouco sobre a vida no campus nos Estados Unidos, sabe quão curta é a capacidade de atenção dos estudantes. Quando os palestrantes chegam ao campus, os estudantes muitas vezes começam a sair depois de meia hora se acham que não podem usar a palestra para obter notas mais altas. Se eles soubessem há quanto tempo minhas palestras eram, nunca teriam aparecido para eles. Muito menos se eles soubessem que eram sobre racismo! Assim, sempre tivemos que enganá-los para que viessem, e uma vez que eles estavam lá - como nos disseram - eles lutaram com sua culpa por papéis que tiveram absolutamente que escrever na mesma noite. No entanto, eles geralmente ficavam por cinco horas inteiras. E até mesmo faltaram a todas as aulas na manhã seguinte para ir às nossas oficinas sobre racismo.



1987 - Conversando com James Baldwin toda a noite depois que ele viu o show de 5 horas

Como eu consegui isso e empacotei casas - mesmo em Harvard, onde, em minha primeira visita, me disseram que naquela mesma semana tinham três estadistas mundialmente famosos falando (que haviam atraído apenas 20 estudantes)? Barack e Michelle Obama, “Harvard Black Law Student Ass”, me trouxeram de volta 18 vezes ao longo do ano - para multidões “só de sala parada”. Foi a mesma história nas outras escolas da Ivy League.

Pelo que entendi, ao ler seus muitos trabalhos e cartas sobre a experiência, foi porque eu (involuntariamente) os tinha oprimido. Eles passaram por uma opressão sistemática - ou melhor, “opressão reversa”. Deixe-me explicar. Em quase todos os lugares, eu via os estudantes da mesma maneira que eles se viam: como pessoas basicamente boas, bem intencionadas, atenciosas, que realmente queriam fazer o bem aos negros, aos pobres e à sociedade. Eles não se viam como racistas e, muitas vezes, racionalizavam a situação: “Eu sou um bom cristão, portanto não posso ser racista”, etc.

Eles sentiam que estavam fazendo o bem, mas durante as horas do programa, eu gradualmente quebrei suas defesas e lhes mostrei passo a passo como eles estavam fazendo o mal, como tudo o que eles faziam oprimia os negros. Durante o intervalo (após as duas primeiras horas), muitos ainda teriam suas defesas intactas e em seus corações culpavam outros (por exemplo, as pessoas do Sul) por serem os verdadeiros racistas. Ou alguns, como o administrador de um hospital na Filadélfia, me atacariam, o mensageiro. Mas depois de cinco horas, todas as suas rotas de fuga haviam sido bloqueadas, todas as suas defesas quebradas, e eu os vi noite após noite sair chorando, cabeças curvadas em culpas. Alguns, como o administrador do hospital, perguntaram: “Como posso colocar dinheiro em seu projeto para que ele possa ser espalhado por toda a América?”

Quando os professores pediram aos alunos brancos que colocassem palavras em suas emoções, fiquei surpreso ao descobrir que eles escolheram quase literalmente as mesmas que os negros listaram quando lhes pediram para colocar palavras no que eles sofrem diariamente por causa de nosso pensamento racista, que constantemente lhes diz que estão fazendo mal e os culpa por tudo, deixando-os quase sem escapatória, sem luz no final do túnel. Quando você mesmo sente que está fazendo o bem, mas desde o nascimento são infinitamente bombardeados com mensagens de que está errado, você certamente não acaba com sentimentos muito construtivos. É disto que se trata a opressão efetiva, e os estudantes brancos de repente experimentaram isto em si mesmos, o que foi tão chocante que no dia seguinte faltaram às aulas para tentar curar seu racismo - uma mudança que acredito que não poderia ter sido alcançada em uma palestra acadêmica de duas horas (sem fotos e música), mesmo pelos melhores de meus principais concorrentes no circuito de palestras, como Angela Davis ou Coretta e Yolanda King.

Por esta razão, algumas universidades, como a conservadora Dartmouth, até mesmo forçaram todos os seus calouros a passar pelo meu programa de “opressão reversa” antes de começar as aulas. Devo ressaltar que tive um longo conflito com Angela Davis após uma entrevista com ela sobre o auto-ódio negro em meu primeiro programa. Mesmo após uma apresentação pessoal em sua própria casa, ela nunca concordou comigo e se recusou a financiar o programa toda vez que seus alunos da UCSC me trouxeram de volta. Felizmente, tive o apoio e o endosso da maioria dos outros importantes porta-vozes negros, como James Baldwin. As pessoas na França e em Amherst estavam sempre tentando nos unir. Finalmente, ele dirigiu duas horas em uma terrível tempestade de neve para ver o show, após o que conversamos a noite inteira. Ele sentiu que era a coisa mais próxima que ele já havia experimentado para descrever sua



1991 NYC - Entre palestras no campus, passei as noites com os sem-teto

própria visão do racismo branco, mas ele já estava doente e, infelizmente, morreu apenas alguns meses depois de câncer de estômago.

No final, Yolanda King foi minha concorrente mais forte durante o Mês da História Negra, mas de alguma forma nós unimos forças e montamos um show para o presidente Clinton no Kennedy Performing Arts Center em homenagem a Martin Luther King. Também o apresentei no King Center for Nonviolent Social Change, em Atlanta. Depois disso, a família quis mostrá-lo lá permanentemente, “pois ele mostra melhor do que tudo aquilo contra o que Martin lutou, o que a juventude negra de hoje não sabe muito sobre ele”.

E assim continuei por 30 anos até conseguirmos a eleição do primeiro presidente negro, após o que me aposentei na crença de que as coisas estavam indo na direção certa. Bem, novamente eu era um pouco ingênuo, e o resto é história ....

O racismo explodiu na Europa e em meu próprio país, a Dinamarca, onde agora eu sentia que era meu dever ser o mesmo tipo de mensageiro em uma sociedade dividida. Observei horrorizado como Trump foi inspirado pela maneira como políticos racistas europeus ganharam eleições usando retórica divisória e cheia de ódio. Depois de muitos anos de políticos americanos falando politicamente corretamente e usando apenas racismo codificado, isso agora também aconteceu nos Estados Unidos. Quando, como resultado, começamos a ver o ódio e o racismo explodirem abertamente na América - os grupos Klan com os quais eu havia trabalhado agora surgiram abertamente, e o racismo da polícia lhes permitiu justificar abertamente a matança de negros - senti que era difícil para mim sentar-me como uma testemunha passiva.

E quando vi o surgimento do maior movimento contra o racismo



1985 - Apresento meu show ao ar livre para apoiar o boicote ao desinvestimento da Columbia Univ.

que havia experimentado em todos os meus anos na América, eu queria de alguma forma apoiá-lo. Especialmente quando vi quantos dos jovens participantes idealistas não entendiam como a raiva que impulsionava o movimento Black Lives Matter tinha raízes muito mais profundas do que os assassinatos de homens negros registrados visualmente hoje. Como eu poderia ajudar a visualizar para eles toda a opressão que levou a isso de forma eficaz? Muitos bons livros são agora publicados sobre o assunto - não menos pelos negros - mas quase nenhum com fotos mostrando tudo tão eficazmente quanto os vídeos de hoje. E então surgiu a idéia de tentar fazer um livro como meu antigo e eficaz slideshow bombardeando o leitor com imagens mostrando as raízes de toda a opressão que eu mesmo testemunhei pessoalmente. Deixe-me ver se posso oprimir meus leitores levantando todas as mesmas defesas e emoções em você - no papel - como pude com minhas audiências em salas escuras. Incluirei até mesmo links musicais para as canções ao longo do caminho. Talvez demore mais de 5 horas de luta interna para lê-la como um livro, mas no final você também pode aqui verificar e ver se suas reações à minha opressão reversa são as mesmas que foram durante 30 anos para “os melhores e mais brilhantes” dos estudantes. Vamos para o início do meu “show”:

Esta é uma lição pictórica sobre a opressão e os danos que ela nos causa. O mais importante é a opressão dos adultos sobre as crianças. Em toda parte do mundo as crianças são prejudicadas muito cedo pelo comportamento irracional dos adultos. Isto causa padrões severos de angústia, resultando em comportamento doloroso. Mais tarde na vida nós reencenamos esses padrões de angústia em nossos próprios filhos ou uns nos outros, por exemplo, nos sexistas, racistas, nacionalistas, totalitários, anti-semitas, anti-muçulmanos, homofóbicos, etários, deficientes ou opressão de classe.



1978 - Com meu colega de trabalho Tony Harris na Oslo Concert House

Na maioria de nós, estes padrões se tornaram tão crônicos que nos tornamos defensivos quando desafiados e acabamos culpando as vítimas. Não ousamos encarar o fato de que em tais sistemas somos tanto vítimas quanto opressores. Existem poucos lugares no mundo onde os principais ingredientes da opressão são tão flagrantes quanto na relação entre negros e brancos nos EUA. Com esta tragédia sinto que todos nós podemos aprender algo sobre nós mesmos.

Ao passarmos por este livro, é importante entender os danos pelos quais passamos em uma sociedade segregada. Negros ou brancos, nascemos naturalmente abertos e curiosos, sem preconceitos raciais inatos. Então, as coisas correm mal. Ouvimos coisas como “Os negros são sujos, estúpidos e preguiçosos”. Eles pertencem ao fundo do poço”. Para a criança carinhosa e afetuosa isto é irracional, confuso e doloroso. Enquanto estamos ferindo nossa mente não pensamos mais racionalmente e uma cicatriz rígida é criada em nosso raciocínio. Após anos de mensagens tão dolorosas, acabamos aceitando e internalizando estas definições limitadas de nós mesmos e de nossa sociedade.

Como visto através dos olhos de um estrangeiro, espero que seja mais fácil ver como tais atitudes raciais aleijam nosso caráter, qualquer que seja nossa cor. Embora haja muito racismo na Europa, tive a sorte de ter minha infância na Dinamarca durante anos, quando não fui gravemente ferido pela insegurança social e por condicionamentos racistas. Também tive a sorte de que as primeiras pessoas com quem fiquei na América não eram brancas. A maioria dos visitantes europeus fica em primeiro lugar com os americanos brancos, que os advertem: “Não andem três quarteirões por aqui ou dois quarteirões por ali”, e imediatamente os assustam a aceitar o medo dos brancos e a rígida segregação. Minha experiência foi exatamente o oposto. A primeira casa americana que me acolheu foi uma casa de negros no lado sul de Chicago. Com todo seu amor, calor e abertura, imediatamente me senti em casa e vi os brancos apenas como caras frias distantes na

TV ou em subúrbios hostis. Mais tarde, viajando para o mundo branco, eu não era mais tão vulnerável a seus padrões racistas de culpa e medo.

Viajei 118.000 milhas e fiquei em mais de 400 casas em 48 estados. Eu tinha chegado com apenas 40 dólares. Duas vezes por semana eu vendia meu plasma sanguíneo para ganhar o dinheiro necessário para o filme. Viajar em uma sociedade tão profundamente dividida era inevitavelmente uma experiência violenta:

4 vezes fui atacado por assaltantes com pistolas, 2 vezes consegui evitar cortes de homens com facas, 2 vezes a polícia me apontou armas, 1 vez fui cercado por 10-15 negros em um beco escuro e quase morto. 1 vez fui emboscado pelo Ku Klux Klan, várias vezes tive balas voando ao meu redor em tiroteios, 2 vezes fui preso pelo FBI, e 4 vezes pelos Serviços Secretos. Eu vivi com 3 assassinos e incontáveis criminosos.....

...mas nunca conheci um americano mau!

Que sobrevivi, devo à minha teimosa crença nestas palavras de José Martí:

Você deve ter fé no melhor das pessoas e desconfiar do pior. Se não, o pior prevalecerá.

Espero que você compartilhe meu amor por este país enquanto lê o livro.... .... e depois trabalharemos juntos, preto no branco, para desfazer o mal que fazemos um ao outro e assim curar a divisão e a violência que infligimos em nossa sociedade. Para iniciar nossa dolorosa jornada rumo a esse objetivo, façamos juntos uma viagem de barco....

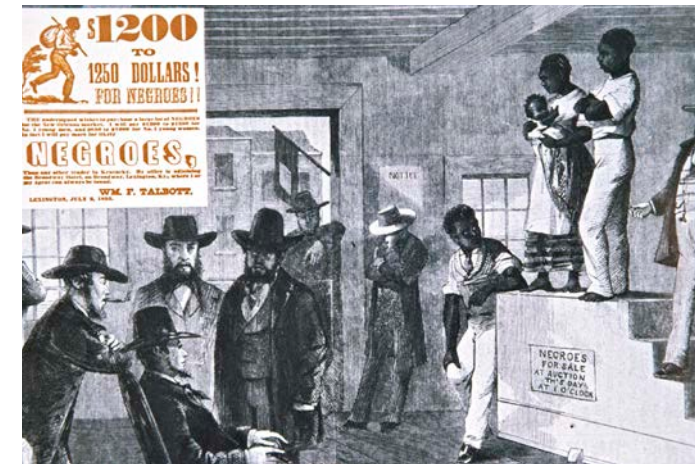




*Navio Ahoy! Navio Ahoy! Navio Ahoy!  
Até onde seus olhos podem ver,  
homens, mulheres e escravos bebês  
vindo para a terra da Liberdade,  
onde o projeto da vida já está feito.*

*Tão jovem e tão forte  
eles estão apenas esperando para serem salvos...  
Senhor, estou tão cansado  
e eu sei que você também está cansado,  
olhar sobre o horizonte,  
ver o sol  
brilhando sobre você...*

*Navio Ahoy! Navio Ahoy! Navio Ahoy!  
Você não consegue sentir o movimento do oceano?  
você não consegue sentir o vento frio soprando?  
Há tantos peixes no mar,  
nós somos apenas, nós somos apenas, nós somos apenas  
cavalcando sobre as ondas...  
as ondas... as ondas...*



#015



Eu pensava que a escravidão era muito antiga na história, mas na Flórida eu conheci Charles Smith, que afirmava ter 134 anos de idade e se lembrar claramente de ter sido escravizado na África.

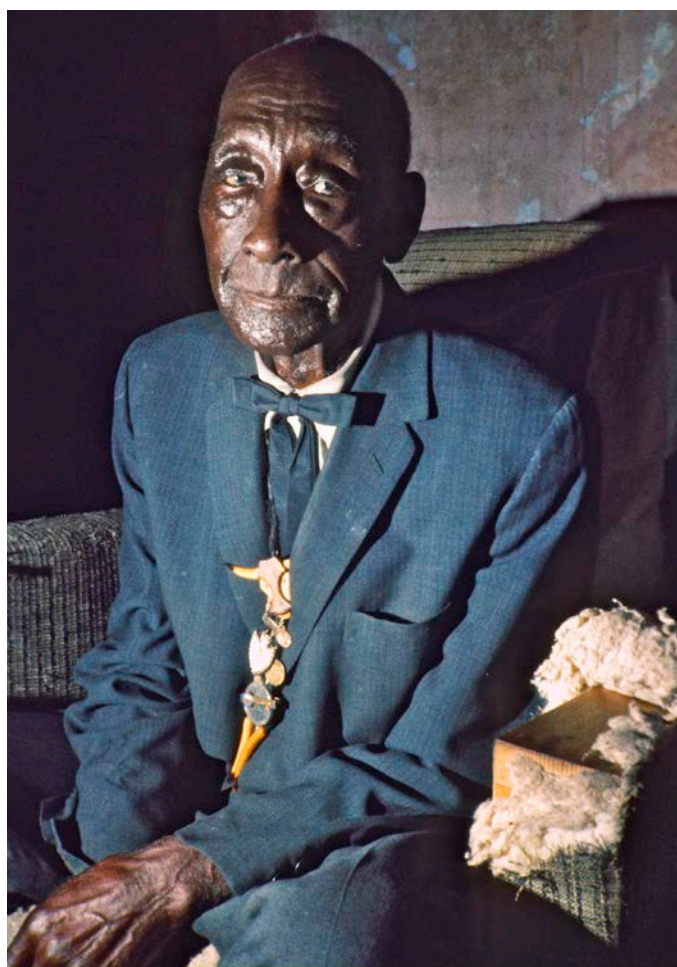
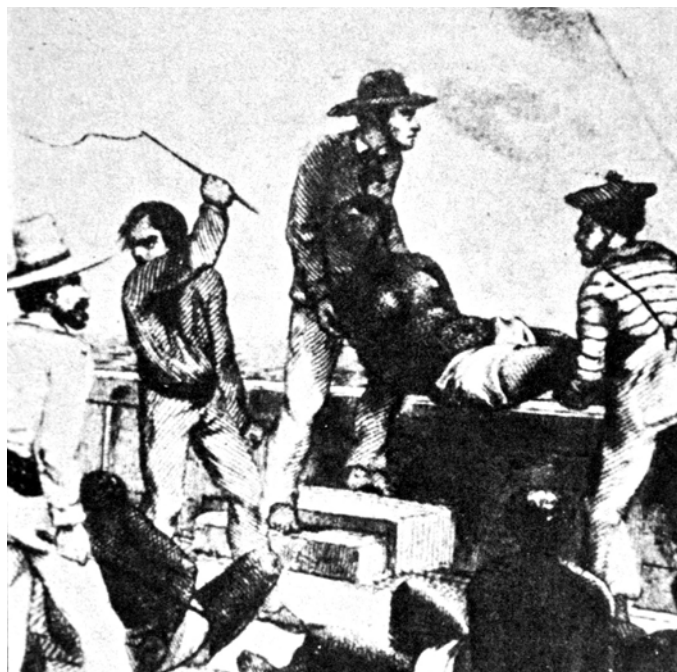
- Vim para os Estados Unidos, quando eu tinha apenas doze anos de idade.

- Você foi vendido como escravo para os Estados Unidos?

- Sim, espere, deixe-me dizer-lhe agora. Eles me trouxeram da África... Isso foi no tempo da escravidão. Eu nunca tinha visto uma pessoa branca na África. Bem, perguntei à minha mãe, poderia ir até o barco e ver o homem branco. Ela disse que sim, e eu não vi a mamãe desde então. As pessoas adultas carregavam as crianças no açucareiro para ver as "árvores de açúcar" nos buracos da escotilha. Sentimos que o barco estava em movimento, mas pensamos que era o vento. Ele nunca mais nos trouxe de volta. Nunca vimos as "árvores de açúcar". Os de cor queriam me jogar fora. Lembro-me disso como se fosse ontem. Legree, o capitão do barco, não queria que eu fosse expulso. Entramos neste país, e fomos vendidos em Nova Orleans. Colocamos em um quarto e lançamos um lance. O maior licitante ganhou...

Um assistente social negro que me pegou e viu minhas fotos enquanto eu estava vagabundear na Flórida me contou sobre Charles Smith e me trouxe para sua casinha. Tanto ele quanto outros negros da região me disseram que Charles Smith é diferente dos outros negros e, de fato, olha para eles com desprezo. Smith era muito jovem para entender porque os africanos mais velhos o jogariam borda fora, o que, segundo os historiadores, era bastante comum a fim de salvar as crianças da escravidão. Quando foi comprado por um fazendeiro do Texas em 1854, ele já era velho demais para ser criado como escravo e sofrer as cicatrizes interiores que os escravos fazem quando são forçados a ser submissos para evitar castigos cruéis ou a morte ao menos sinal de resistência.

Embora Charles Smith provavelmente tenha adotado e recontado a história de seu pai como sendo sua, é uma descrição pungente do destino de milhões de outros africanos capturados. Descobri que este comportamento de sobrevivência ainda atormenta os negros americanos, e me impressionou que se a escravidão deixou cicatrizes psíquicas tão profundas, a verdadeira liberdade ainda não foi alcançada. Muitas das coisas que me lembrei dos jornais em meus dias de escola, agora, em minha jornada, vi sob uma nova luz. Lembrei-me de como nos anos 60 os Estados Unidos finalmente se tornaram uma democracia na qual todos os seus cidadãos tinham o direito de votar e fiquei surpreso ao saber que Louisiana, por exemplo, tem mais de 257.000 cidadãos analfabetos. Não é o dever de uma democracia educar seus cidadãos?



1974 - Bartow, Florida



1974 - Bartow, Florida



Foto histórica de cães policiais contra negros em Birmingham, AL

Martin Luther King, e o Movimento de Direitos Civis que ele veio simbolizar, mudou as formas mais evidentes e primitivas de discriminação. Mas a parte mais significativa de seu sonho foi para o túmulo com ele:

“Tenho um sonho, que um dia, nas colinas vermelhas da Geórgia, os filhos de ex-escravos e os filhos de ex-proprietários de escravos poderão sentar-se juntos à mesa da fraternidade. Tenho um sonho, que meus quatro filhos pequenos um dia viverão em uma nação onde não serão julgados pela cor de sua pele, mas pelo conteúdo de seu caráter”. Tenho um sonho, que um dia todos os vales serão exaltados e todas as colinas e montanhas serão baixadas...”.

Os belos sonhos de Martin Luther King são compartilhados por mim e pela maioria dos outros brancos. Em minha jornada, porém, logo aprendi, e foi reforçado com a eleição de Trump, que o único que se tornou realidade pode ser que os afro-americanos não são mais julgados pela cor de sua pele, mas pelo seu caráter. O triste é que os traços de caráter dos negros desenvolvidos após séculos de opressão não estão à altura das normas dos brancos, cujos traços de caráter e “colinas” econômicas são moldados por serem opressores. Ver o quanto os traços de caráter afro-americanos diferem daqueles dos imigrantes brancos e negros me ajudou a entender a enorme subjugação da mente que a escravidão e nossa contínua exclusão estão causando.

Assim, no otimismo da Luta pelos Direitos Civis, nunca sonhei que um dos “quatro filhinhos” de Martin Luther King se tornaria um dia não apenas meu concorrente como orador do Mês da História Negra, mas ao mesmo tempo um aliado na luta contra a opressão contínua. Ou que um dia eu seria convidado a mostrar meu slideshow permanentemente em cima do túmulo de Martin Luther King, enquanto a própria filha Yolanda o apresentou ao Presidente Clinton e trabalhou comigo para “Parar a Violência”. O ostracizar e marginalizar outras pessoas é cometer violência contra sua humanidade. Que nossa linguagem da violência hoje não é apenas compreendida, mas também falada por aqueles que tiveram que ouvi-la por séculos não deveria ser surpresa.



1975 - Tuskegee, AL



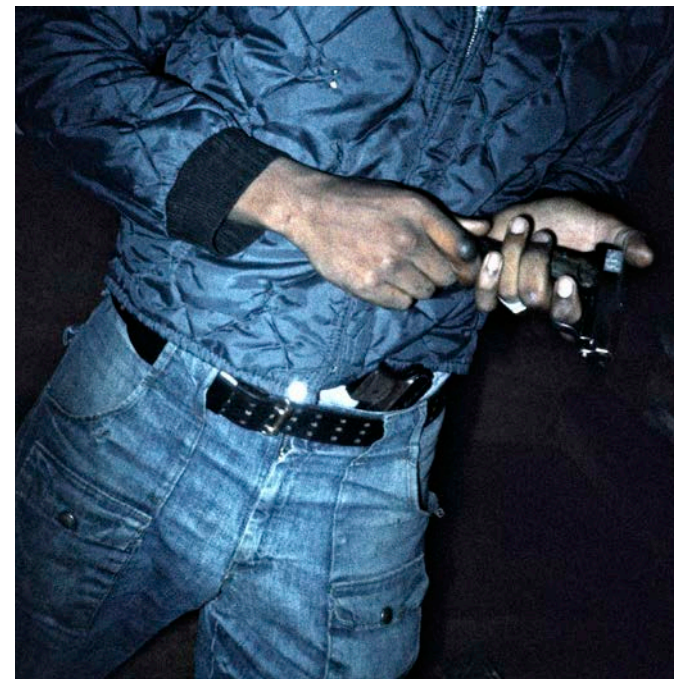
1975 - Beaumont, Texas



1975 - Texas



1973 - Norfolk, VA



1972 - New York



1987 - Harlem, NY

Mas quando, como eu, você vem da Europa e nunca viu, por exemplo, uma pistola, você recebe um choque que nunca esquecerá na primeira vez que ouvir o tom desta língua. Depois de apenas alguns dias neste novo país, fiquei retido por pistoleiros - um tipo de personagem que eu nunca tinha conhecido. Da mesma forma, o medo que senti foi um medo que nunca havia experimentado antes: o medo de outro ser humano.

Minha jornada depois se tornou, em grande parte, uma viagem para este ser humano. E quanto mais eu entendia e gostava deste ser humano, mais começava a ver como eu mesmo poderia ter causado esta raiva em um sistema opressor que desde o primeiro dia me obrigou, a mim e a outros imigrantes, a ficar do lado do opressor, quer eu, como turista dinamarquês, quisesse ou não. Poderia eu, através do meu comportamento, ser até mesmo a causa desta raiva? Poderia eu mesmo acabar abrigando tal raiva?

A partir do dia em que vivi essa violenta realidade americana, comecei a entender até que ponto o medo e a raiva caracterizam a relação entre o opressor e o oprimido.

## Carta de Jakob 5: 1-6

(ou Amós 5:11, Eclesiastes 5:8-13, Mateus 19:16-24)

### 5:1-6

Em Nova Orleans eu vivia com um assassino negro chamado Nell. Como os outros assassinos que conheci ou com quem fiquei, ele era uma pessoa bastante comum que só havia se tornado um assassino por acidente ou melhor, por causa de sua origem social. Naturalmente, levou algum tempo até que ele me contasse sobre seu passado, pois havia escapado de uma prisão em Nevada e era um homem procurado; mas, como outros criminosos, ele tinha a necessidade de compartilhar o que pesava sobre ele com outro ser humano em quem pudesse confiar. Ninguém pode viver sozinho com um fardo tão pesado. Vivíamos com algumas outras pessoas na parte oriental de Nova Orleans, e Nell tentou, tanto quanto as circunstâncias permitiam, levar uma vida normal e respeitável. Como sabia que seria condenado a prisão perpétua se se envolvesse em alguma coisa, tentou, tanto quanto possível, ficar longe do crime e ganhar a vida principalmente como doador de sangue. Eu não achava que suas chances de permanecer livre pelo resto de sua vida fossem muito grandes, mas tentei muito fazer com que seu espaço de liberdade fosse o mais feliz e encorajador possível para ele. Senti que ele já havia sido punido o suficiente antes de cometer qualquer crime pela pobreza e humilhação a que a sociedade o havia submetido em sua infância.

Foi quando expressei esta opinião durante uma de nossas conversas noturnas que ele me confidenciou sobre seu crime, e depois disso ficamos ainda mais próximos um do outro através desta confiança secreta. Frequentemente dávamos passeios ou íamos juntos ao banco de sangue. Na maioria das vezes, podíamos sobreviver vendendo plasma sanguíneo duas vezes por semana, já que os bancos de sangue em Nova Orleans naquela época eram os que pagavam mais caro nos EUA: US\$ 6,10 por visita. Só raramente era obrigado a roubar queijo e outros itens pequenos dos supermercados para ficar cheio. Eu não queria que Nell o fizesse, pois ele poderia acabar recebendo uma sentença de prisão perpétua por isso, enquanto eu, com meu privilégio branco, sabia que seria capaz de falar com os funcionários para sair de uma situação tão embaraçosa se eu fosse pego. Nell sempre foi perseguido por seu destino desta maneira. Mas nunca me pareceu tão forte como na noite em que o vi pela última vez.

Tínhamos cometido o erro estúpido de caminhar juntos pela rua, no bairro negro onde morávamos, e assim atraímos a atenção da polícia. É um pecado mortal para um homem branco e um homem negro caminharem juntos em um bairro negro, pois são imediatamente suspeitos de serem traficantes de drogas. Mas estando profundamente em conversa quando entramos no bairro, esquecemos de nos separar. Não demorou muito para que um carro patrulha parasse ao nosso lado em uma das ruas pouco iluminadas do gueto do leste. Os policiais eram do tipo simpático e jovial que realmente só queriam nos assustar, e por isso disseram que poderíamos ir em liberdade se simplesmente

### 5:7-13

lhes entregássemos nossos cigarros de maconha. Já vi a polícia usar este método tantas vezes em bairros negros, já que eles não precisam denunciar a erva confiscada, mas podem fumá-la eles mesmos. Eu mesmo não carregava nada, mas sabia que Nell tinha uma ou duas juntas, como a maioria das outras. Mas de repente Nell foi tomado pela paranóia de seu destino - a paranóia e a desconfiança de seu semelhante quase toda a sua origem social - e se recusou a entregar as juntas. De minha parte, eu não teria hesitado um momento. Eu tinha total confiança na polícia. A desconfiança de Nell em relação à polícia fez com que ele se obstruísse como uma fechadura e agisse de forma irracional. A polícia é treinada para observar esse tipo de reação nos criminosos e eles saíram imediatamente do carro para revistá-lo. Eles só encontraram duas pequenas juntas e sua faca, mas como ele não tinha nenhuma identificação, o levaram para a delegacia para tirar impressões digitais. Eu soube logo que nunca mais veria Nell. Ele havia sido tropeçado pela paranóia e sentimento de culpa comuns a todos os pobres negros, independentemente de terem cometido ou não um crime. Foi a mesma paranóia que originalmente fez dele um assassino.

Depois que Nell deixou “este mundo”, Nova Orleans de repente parecia uma cidade fantasma e eu não podia mais suportar ficar na mesma casa. Eu queria deixar a cidade, então tentei pegar carona na direção de Baton Rouge. Nova Orleans é um dos lugares mais difíceis da América para conseguir uma carona, e esperei horas na Interestadual com meu cartaz, esperando ser pego antes que a polícia chegasse. De repente, o único Rolls Royce com o qual consegui uma carona no meio da rodovia de três pistas para me pegar. Foi bem no meio da hora de ponta e imediatamente criamos um grande engarrafamento de carros de buzina. Assim que eu tinha entrado no carro, a polícia veio lamentando atrás de nós para nos dar uma multa por termos parado ilegalmente. O homem que me pegou disse que cuidaria disso, voltou para a polícia e sem uma palavra lhes deu seu cartão. Quando a polícia viu seu nome, eles se tornaram todos sorridentes e simpáticos e o seguiram de volta ao seu Rolls Royce, batendo-lhe palmas no ombro enquanto lhe asseguravam que era apenas uma bagatela e que não deveríamos mais nos preocupar com isso. Naturalmente me perguntei quem poderia ser este cara que saiu tão levemente sem sequer um bilhete. Ele me disse que seu nome era Wayne A. Karmgard, e que ele tinha me pegado porque eu estava de pé com meu cartaz, “Touring USA from Denmark”. Ele nunca havia pegado carona antes, mas de repente pensou que poderia ser divertido, já que ele mesmo era de ascendência dinamarquesa. Normalmente, esta informação me faz pegar carona instantaneamente e sair do carro o mais rápido possível. Há muito tempo eu perdi qualquer desejo de estar com dinamarqueses-americanos, que muitas vezes me dão apenas um sentimento: um sentimento de vergonha de ser dinamarquês. Aos dinamarqueses que visitam os Estados



1974 - Palm Beach, FL

Unidos dou este conselho: se você quiser ter uma boa impressão do país, fique longe deste grupo populacional, que muitas vezes representa um dos grupos brancos mais racistas e reacionários dos Estados Unidos. 80 por cento deles votam republicanos que já ouvi. Tudo o que eles podem falar é sobre como é maravilhoso se livrar dos altos impostos na Dinamarca. Eles estão fugindo de qualquer responsabilidade humana a fim de ter seus impostos reduzidos. Conheci dinamarqueses-americanos que eram social-democratas “vermelhos” na Dinamarca, mas que em apenas 5 anos haviam se transformado nos mais sombrios reacionários. Os dinamarqueses-americanos estão em contraste flagrante com os judeus americanos, que são o único grupo branco com o qual sinto uma forte harmonia. Este grupo tem uma compreensão muito profunda das condições dos negros e dos mecanismos sociais que, da mesma forma, fizeram deles os “negros” da Europa por tantos séculos.

Mesmo assim, eu não poderia dizer não a um dinamarquês-americano num Rolls Royce. Comecei imediatamente a entretê-lo com histórias de viagem para que ele me convidasse para casa. Eu enfatizei especialmente minhas experiências com Rockefeller e Kennedy, já que todos os milionários pequenos admiram os milionários grandes. Eu sabia que ele me convidaria para casa sentindo que isso o aproximaria um pouco mais dos Rockefellers. Funcionou, e eu acabei voltando para Nova Orleans. Ele era dono do melhor e mais caro hotel da cidade, bem no coração do Bairro Francês. Todos na cidade o conheciam, e mais tarde me disseram que ele era dono de uma grande parte do Bairro Francês e era um especulador de moradias (slumlord). Uma suíte fabulosa em seu hotel, “Maison de Ville”, foi colocada à minha disposição e me disseram para tocar a campanha sempre que eu quisesse alguma coisa. Garçons pretos em uniformes recém-prensados me serviram tudo em bandejas prateadas, com excessiva servidão. Sentei-me no jardim do hotel e deixei um

### 5:14-24

garçom negro me trazer uma coisa atrás da outra na tentativa de fazê-lo abrir, mas era impossível. Ele provavelmente sentiu toda a sua existência ameaçada quando eu me dirigi a ele como um ser humano normal. Sentei-me ponderando como era estranho que neste momento Nell estivesse sendo “servida” por guardas prisionais brancos no inferno, enquanto eu estava sendo servida por garçons negros no céu. Era como se tudo em nossas vidas tivesse, de maneira natural, nos levado cada um a seu próprio lugar, e nossa curta amizade tivesse sido apenas um vislumbre de utopia. Mas me chamou a atenção que Nell, como negra, tinha realmente ido mais longe, pois ele não era mais livre do que este criado quebrado que só conseguia manter sua cabeça erguida aprendendo a desfrutar de sua própria opressão aqui neste rico universo sadomasoquista de dinamarqueses? Não era Karmgard um poderoso opressor e ao mesmo tempo um ser humano terno, quieto e infeliz que tinha aprendido a explorar ao máximo os mecanismos que lhe foram dados nesta sociedade? Além disso, as pessoas diziam que ele era o homossexual mais rico da cidade, o que significava que ele mesmo fazia parte de um grupo minoritário oprimido. Não foi a mesma insegurança da minoria vulnerável que o levou a esta infeliz posição, como levou muitos judeus na Europa a uma segurança econômica semelhante através dos tempos?

garçom negro me trazer uma coisa atrás da outra na tentativa de fazê-lo abrir, mas era impossível. Ele provavelmente sentiu toda a sua existência ameaçada quando eu me dirigi a ele como um ser humano normal. Sentei-me ponderando como era estranho que neste momento Nell estivesse sendo “servida” por guardas prisionais brancos no inferno, enquanto eu estava sendo servida por garçons negros no céu. Era como se tudo em nossas vidas tivesse, de maneira natural, nos levado cada um a seu próprio lugar, e nossa curta amizade tivesse sido apenas um vislumbre de utopia. Mas me chamou a atenção que Nell, como negra, tinha realmente ido mais longe, pois ele não era mais livre do que este criado quebrado que só conseguia manter sua cabeça erguida aprendendo a desfrutar de sua própria opressão aqui neste rico universo sadomasoquista de dinamarqueses? Não era Karmgard um poderoso opressor e ao mesmo tempo um ser humano terno, quieto e infeliz que tinha aprendido a explorar ao máximo os mecanismos que lhe foram dados nesta sociedade? Além disso, as pessoas diziam que ele era o homossexual mais rico da cidade, o que significava que ele mesmo fazia parte de um grupo minoritário oprimido. Não foi a mesma insegurança da minoria vulnerável que o levou a esta infeliz posição, como levou muitos judeus na Europa a uma segurança econômica semelhante através dos tempos?

A segurança nestes ambientes era nauseante. Eu me sentia inquieto e solitário. Era um hotel favorito dos mais ricos e glamourosos astros de cinema, mas não havia contato humano. Devo sair à rua e encontrar uma pessoa pobre com quem dividir minha suíte luxuosa e uma garrafa de vinho? Não, não se deve comprar amizade com a riqueza, pensei eu. Nem mesmo com a riqueza emprestada. Só fiquei lá uma noite, uma noite terrivelmente solitária.

Durante anos eu havia compartilhado casas e camas com as



1973 - New Orleans

peças, e foi um choque estar deitado ali de repente sozinho. Depois do meu café da manhã de bandeja de prata no dia seguinte, voltei de cabeça para a liberdade, determinado a encontrar algumas pessoas com quem viver. Na Bourbon Street duas jovens garotas vieram correndo até mim para conseguir meu autógrafo. Sendo turistas, elas tinham entrado no famoso hotel por curiosidade e tinham me visto ali sentada no café da manhã debaixo das palmeiras e, portanto, assumiram que eu era uma estrela de cinema. Por um momento me senti tentado a fazer de “estrela de cinema” e talvez ficar com elas, mas depois optei por dizer a verdade. Então eles perderam todo o interesse em mim, e eu percebi que eu estava de volta à terra novamente. Devido aos muitos turistas, é impossível para um vagabundo encontrar um lugar para ficar em Nova Orleans.

À noite eu estava com muita fome e me lembrei do Bonnie's Grill na Rua Decatur, que Nell uma vez me havia mostrado. Bonnie era uma mulher branca enormemente gorda que dirigia um barzinho de café. Bonnie era do tipo que só podia falar com as pessoas em palavras grosseiras e mal-humoradas e estava sempre choramingando, mas quanto mais dura ela falava com as pessoas, mais ela as amava. Ela poderia facilmente ter ganhado bom dinheiro com o café, mas em vez disso ela estava sempre falida porque o lugar era freqüentado pelas pessoas mais pobres



1973 - Natchez, MS - Meu criado Earline Gaynes - e mais tarde amigo de toda a vida

da rua, e Bonnie dava refeições gratuitas o dia todo para as pessoas que não tinham dinheiro. Bonnie se lembrava bem de mim, e sabia que eu não tinha dinheiro, então imediatamente ela empurrou uma grande tigela de grãos à minha frente, e mais tarde hambúrgueres e outras guloseimas. Ela ficou ali em toda a sua imensidão com as mãos nos quadris e me observou sem uma palavra, mas eu sabia que ela gostava de mim porque eu tinha conhecido Nell.

Sem mencionar Nell, ela disse depois de um longo silêncio: “Você pode vir e viver comigo agora”. Então, mudei-me para o apartamento piroso e desarrumado de Bonnie. Havia piolhos e pulgas e vários centímetros de poeira por toda parte. O que aconteceu nos dias seguintes foi peculiar, pois embora mal pudessemos nos comunicar um com o outro e não tivéssemos uma relação sexual, rapidamente nos aproximamos mais do que eu me aproximei de qualquer outra pessoa em minha jornada. Quando percebemos que éramos provavelmente os únicos a quem Nell havia confiado seu passado, ficamos inseparavelmente ligados um ao outro. Viver com Bonnie era como viver em um vulcão de calor humano. Ela é a única que eu conheço que ainda dirige a “ferrovia subterrânea”. Viver com ela era ser acordado quase todas as noites por algum negro em fuga da lei. Aqui todos eles encontraram um lugar de refúgio. Bonnie amava os negros,



1973 - Natchez, MS

especialmente aqueles que de uma forma ou de outra tinham se revoltado contra a relação mestre-escravo. Ela sempre tinha sido assim. Anteriormente, ela havia vivido em Jacksonville, Flórida, mas havia sido espancada e expulsa da cidade pelos brancos. Ela tinha ido para Nova Orleans, que é considerada uma cidade sulista mais livre.

Na verdade, seus próprios dois filhos foram negligenciados e precisavam de roupas, alimentos saudáveis e vitaminas; mas, por outro lado, eles foram educados, através das ações de sua mãe, a não odiar, e eram muito mais saudáveis à sua própria maneira do que a maioria das crianças brancas. Durante toda a infância eles tinham visto assassinos, ladrões, estupradores, drogados e outros criminosos tomarem o lugar do pai na cama da mãe, mas eles tinham experimentado todos eles como seres humanos porque os viam através dos olhos de sua mãe. Bonnie se recusou a aceitar e ver apenas suas identidades oprimidas e, através desta fé mais profunda nos seres humanos, realmente criou os seres humanos. Para estas crianças, termos como “assassino” e “negro” não tinham significado, pois na casa de Bonnie todos os homens se comportavam como seu “papai”, e era assim que as crianças os viam. Havia sempre alegria quando um “papai” saía da prisão. Bonnie suspirou um pouco porque eles nunca mais iriam ver Nell, mas ela já estava preparada para acolher uma nova Nell.



1973 - New Orleans

Bonnie e eu desenvolvemos uma compreensão silenciosa e afeição uma pela outra que, com o passar dos anos, se tornou uma relação de amor tão forte que, uma e outra vez, voltei a Nova Orleans para viver com ela. Bonnie não sabe se ela é judia, dinamarquesa, irlandesa ou polonesa. Ela é apenas americana, diz ela.

*Trechos de cartas originais em meu estilo primitivo primitivo*



1974 - ländliches Elizabethtown NC



1973 - Allendale County, SC

A caminho da Flórida no inverno, descobri onde esse medo e essa hostilidade, que floresceram em meu assustador encontro nas ruas do Norte, tiveram suas raízes. Poucos negros hoje apanham algodão, mas encontrar aqueles ainda presos atrás da cortina de algodão, no meio da sociedade afluyente dos anos 70, parecia tão surreal que imediatamente me senti jogado de volta à história - enfeitado pelo algodão cuja tirania branca uma vez envolveu toda a vida negra no Sul.

Quando trabalhei nos campos de algodão, descobri que a realidade era bem diferente daquela sugerida nas fotos históricas e caricaturas que recordei dos colhedores de algodão sorridentes, quase infantilmente felizes. Os sorrisos nesta foto eram de fato os únicos que eu via nas plantações de algodão - quando um dos colhedores não conseguia entender como funcionava minha máquina fotográfica.



2004 - Arkansas rural



1973 - Allendale County, SC



1973 - Allendale County, SC



1973 - Allendale County, SC



1975 - rural Macon County AL



1995 - rural Bullock County, AL



1975 - rural Edgecombe County, NC



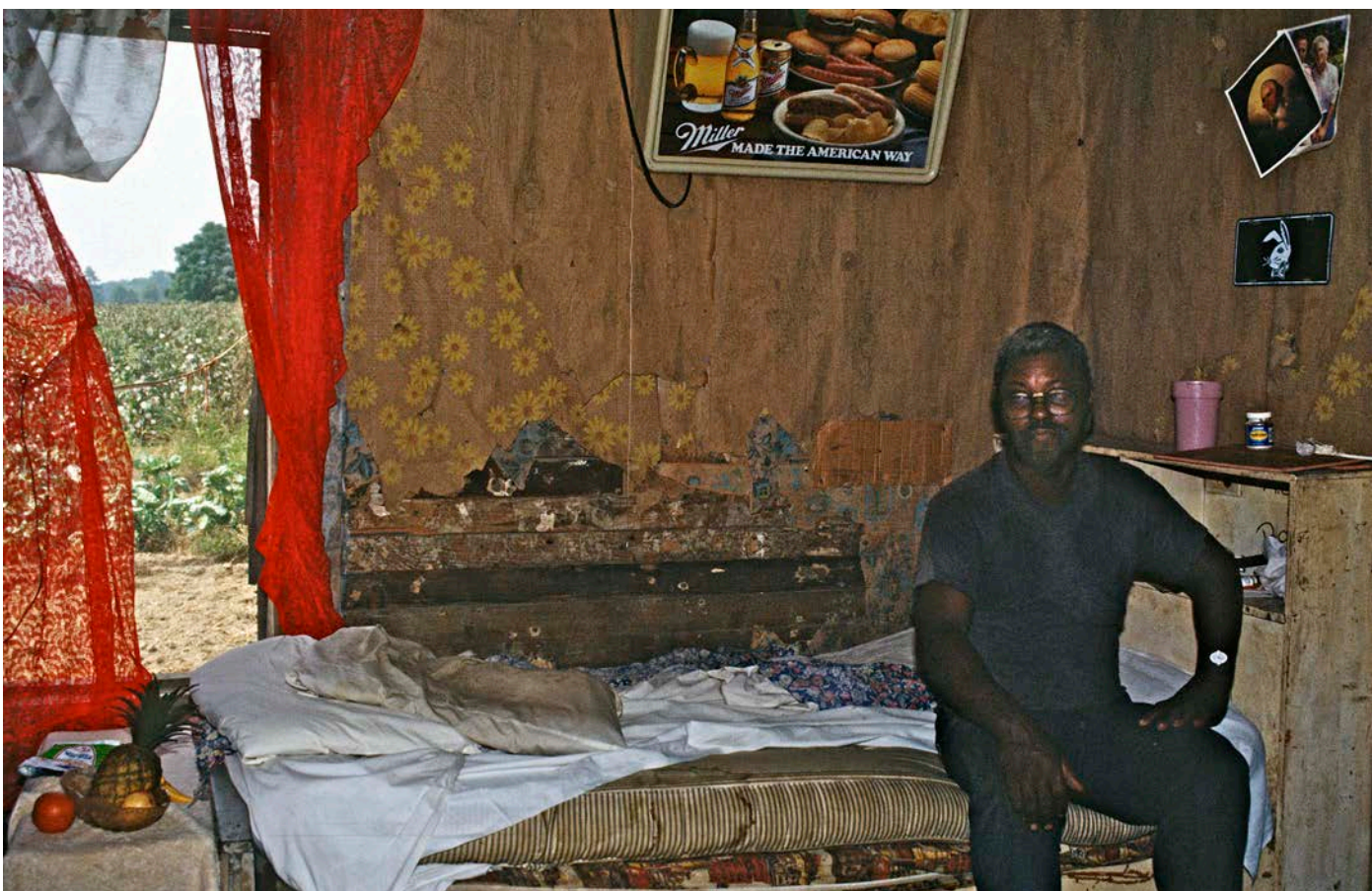
1973 - Allendale County, SC



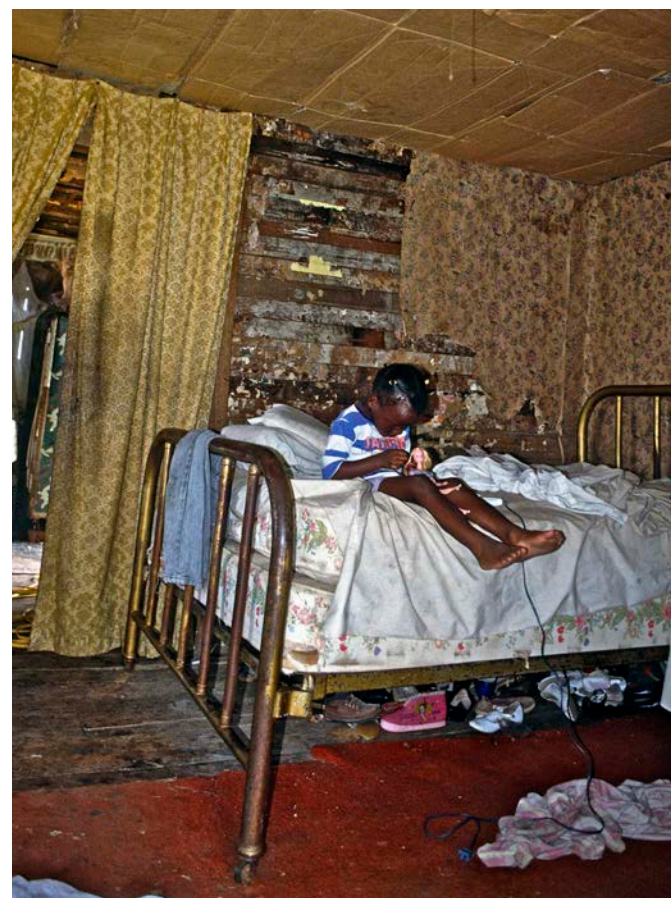
1996 - rural Selma, AL

Demorei muito tempo para superar sua hostilidade e medo de mim como branco, mas no final consegui ficar com Martha e Joe em troca de lhes dar todo o algodão que escolhi. Embora eu trabalhasse de manhã à noite e estivesse doendo por toda parte, nunca consegui colher mais de quatro dólares por dia. Os outros eram mais experientes e podiam ganhar mais de seis dólares por dia. Isto era relativamente o mesmo de hoje, onde vejo Martha e muitos outros trabalhando para o Walmart e ainda incapazes de se puxar para cima pelas botas. Trabalhávamos à base de trabalho à peça e recebíamos quatro centavos de dólar por libra. O fazendeiro branco revendeu-o então no mercado por 72 centavos de dólar a libra. Comecei a entender como o proprietário podia se dar ao luxo de viver em uma grande mansão branca enquanto seus colhedores negros moravam em barracos.

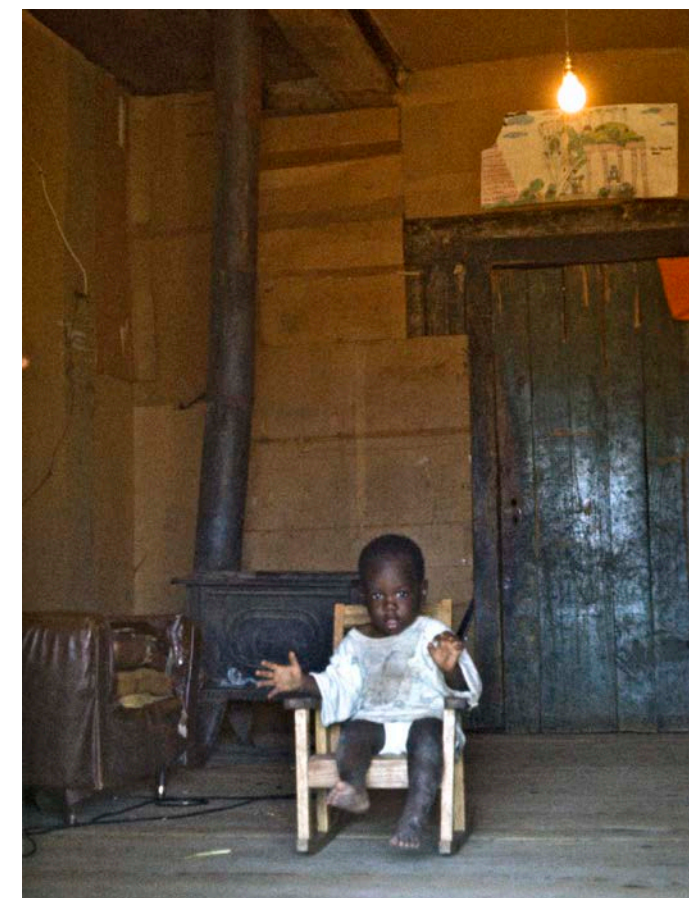
Na hora do abandono, o filho do senhorio chegou para pesar o algodão e nos pagar na hora. Estávamos exaustos e não havia alegria em receber o dinheiro, que dificilmente poderia ser esticado para cobrir o querosene para a lâmpada em casa no barracão, que provavelmente não era maior ou melhor do que aqueles em que os escravos viviam originalmente. Como se pode chamar estas pessoas de livres, quando tudo ao seu redor as lembra da antiga relação senhor-escravo?



1996 - colhedora de algodão na Selma rural, AL



1996 - rural Selma, AL

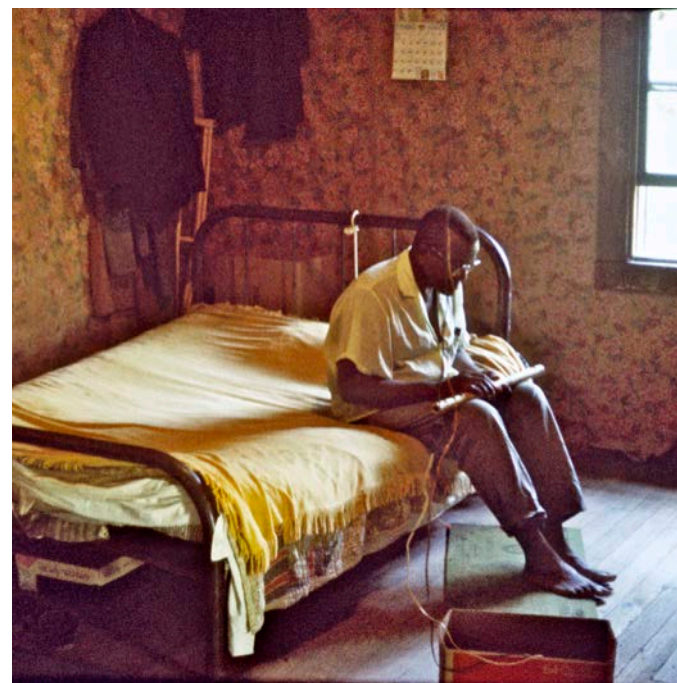


1973 - Tunica, LA





1990 - rural Burke County, GA



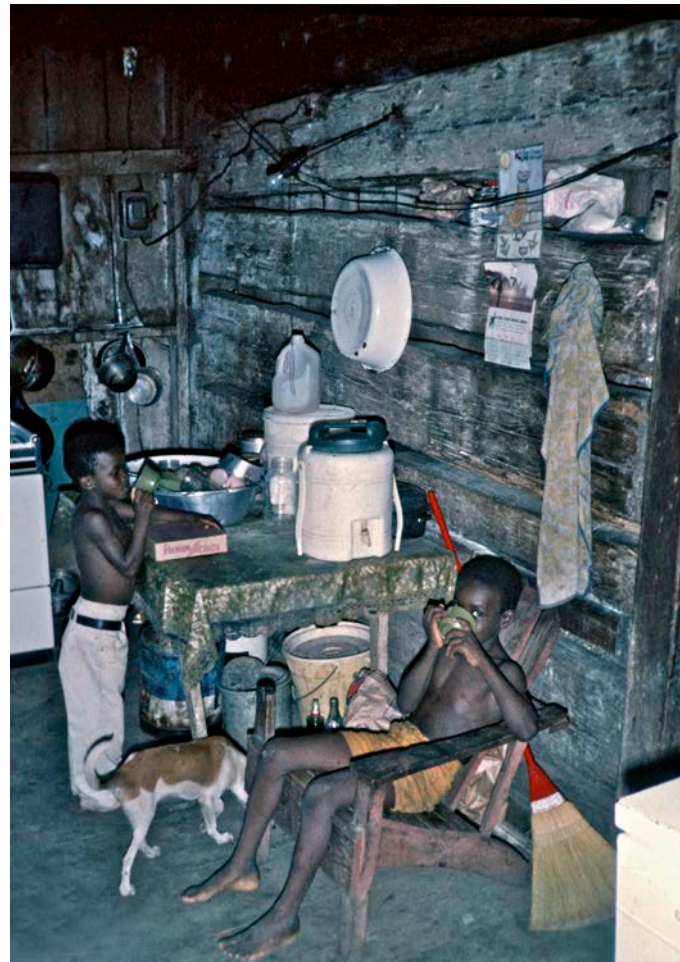
1978 - Bullock County, AL



1974 - Apopka, FL



1995 - rural Edgecombe County, NC



1975 - rural Macon County AL



1975 - rural Edgecombe County, NC



1973 - Zebulon, NC



1974 - Washington, NC



1975 - Waynesboro GA



1974 - Washington, NC



1974 - Alachua, FL



1974 - Allendale County, SC



2004 - rural Arkansas



1975 - rural Meridian, MS

*Condutor de escravos  
 As mesas estão viradas agora  
 pegar fogo  
 você vai se queimar agora.  
 Toda vez que eu ouço a rachadura do chicote  
 meu sangue corre frio  
 Eu me lembro em um navio de escravos  
 como eles brutalizaram minha própria alma.  
 Hoje eles dizem  
 que somos livres  
 apenas para ser acorrentado nesta pobreza!  
 Bom Deus!  
 Eu acho que é analfabetismo  
 é apenas uma máquina que faz dinheiro.*

Um século antes, os brancos haviam acreditado ser seu “direito natural” de investir em seres humanos como propriedade privada. Hora após hora, em uma versão atualizada desta crença, os nortenhos abastados passaram por nós nos campos de algodão em suas grandes motorhomes a caminho da ensolarada Flórida. (Muitas das universidades do norte onde falei mais tarde, como Harvard, já foram financiadas pela escravidão). Hoje, cada uma de suas casas rolantes queima o máximo de gás em uma hora que pudemos comprar após um dia inteiro de colheita de algodão. Por que os catadores de papel em Nova York e Massachusetts, que já têm enormes casas, são capazes de ter essas motorhomes enquanto os catadores de algodão não têm nem mesmo uma barraca à prova d’água para viver?



1974 - Allendale County, SC



1974 - rural Bethel, NC

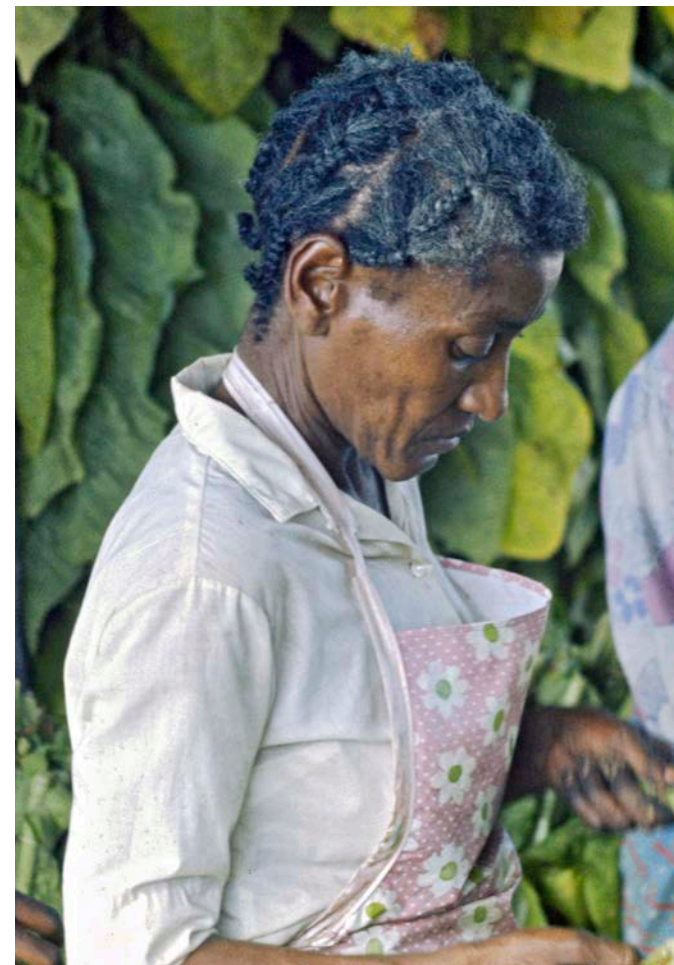
Também nos campos de tabaco, vi que os brancos possuíam e dirigiam tudo, enquanto os negros tinham que seguir atrás deles, tanto na primavera, quando o tabaco era plantado e as mulheres desempregadas observavam de seus barracos, como em agosto, quando era colhido. “É um verdadeiro trabalho de negros”, ouvi os brancos dizerem. “Eles já são negros para que o alcatrão não se agarre tanto a eles”. Por lei os trabalhadores têm um salário mínimo garantido, mas é apenas 1/3 do da Dinamarca. Pior, já que a colheita de tabaco é trabalho sazonal e não há muito trabalho no resto do ano, foi de fato uma renda escassa que eles raspam juntos. Essas pessoas, que poderiam ter ganho igualdade e liberdade se recebessem apenas alguns centavos por maço de cigarros vendido, usavam expressões faciais, pois só um escravo podia usar.



1988 - rural Bethel, NC



1974 - rural Bethel, NC



1974 - rural Bethel, NC



1974 - rural Bethel, NC



1986 - Wendell, NC



1986 - Wendell, NC

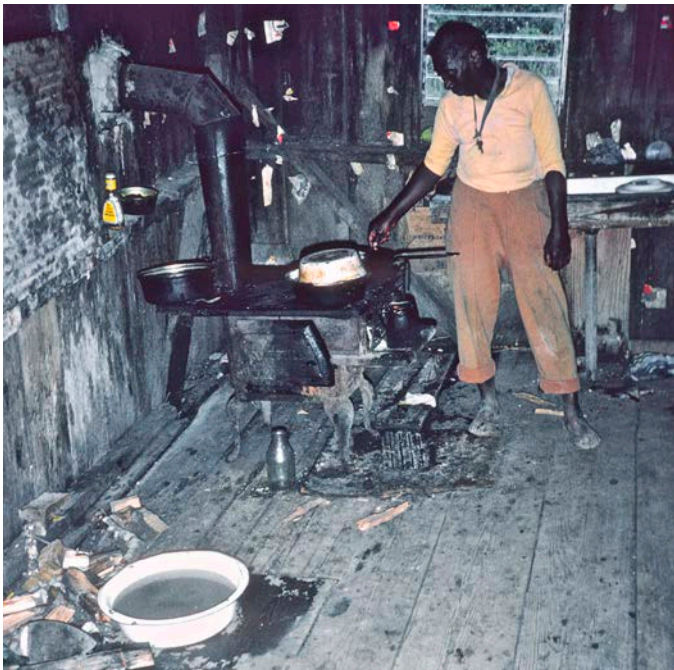
Mais tarde, no verão, o tabaco foi seco e vendido em leilão. Em poucos outros lugares o fazemos de forma visível e forçada, continuamos a imprimir a relação mestre-escravo na consciência dos negros. Onde quer que eu vá, vejo compradores brancos das empresas de tabaco que andam na frente, dando sinais rápidos e discretos com dedos pontiagudos e cabeças abanando, enquanto os negros correm atrás deles empacotando os maços de tabaco. Os brancos vão direto para o salão de leilões em grandes carros vistosos. Eles comem bifes do tamanho de pratos para o almoço em mesas internas, enquanto os pretos têm que comer seus almoços de saco marrom do lado de fora. Hoje, a maioria dos negros abandonou os campos de tabaco para imigrantes ilegais, mal pagos, vindos da América Latina.



1974 - rural Bethel, NC



1974 - rural Bethel, NC



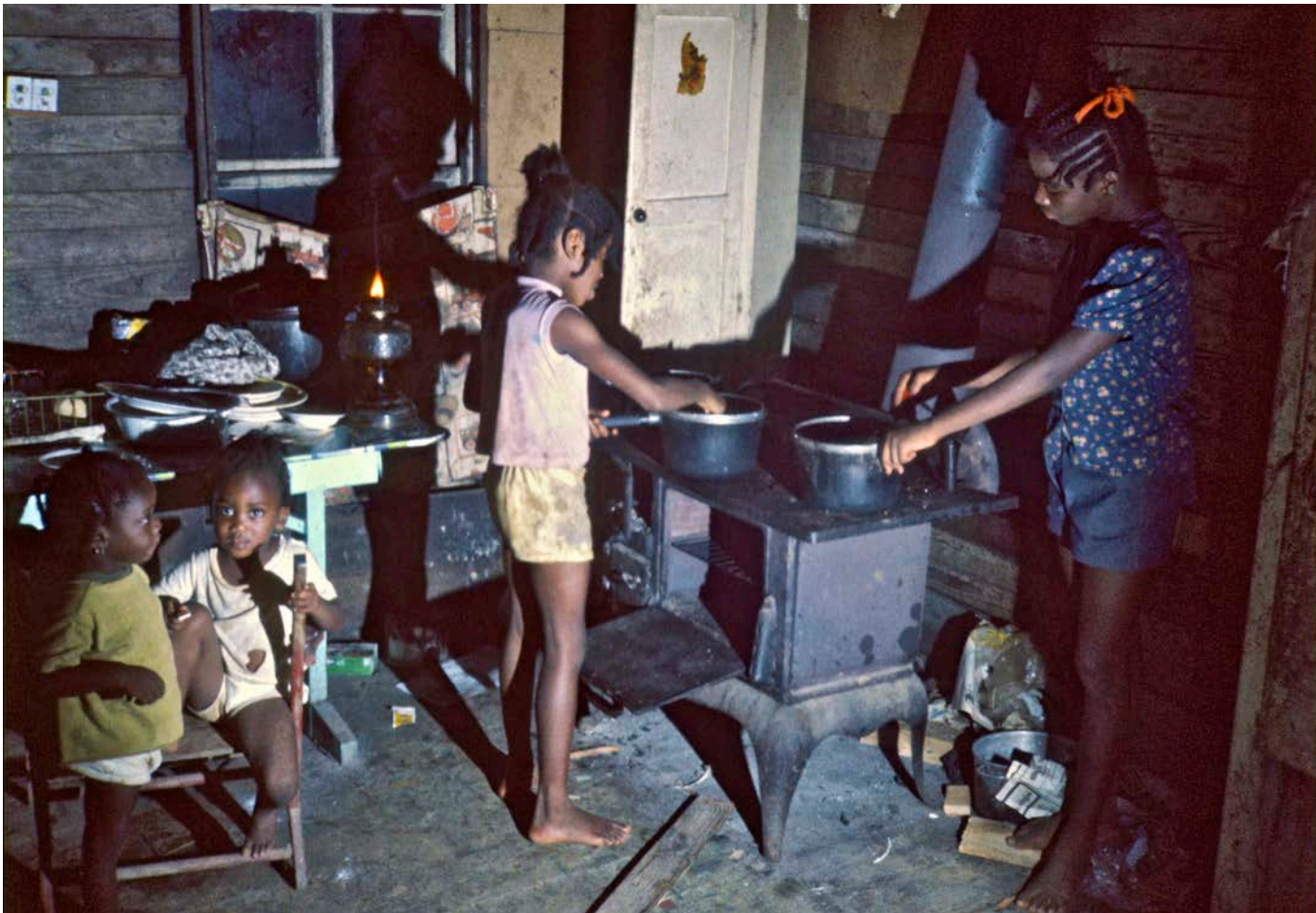
1975 - Bullock County, AL



1973 - Zebulon, NC



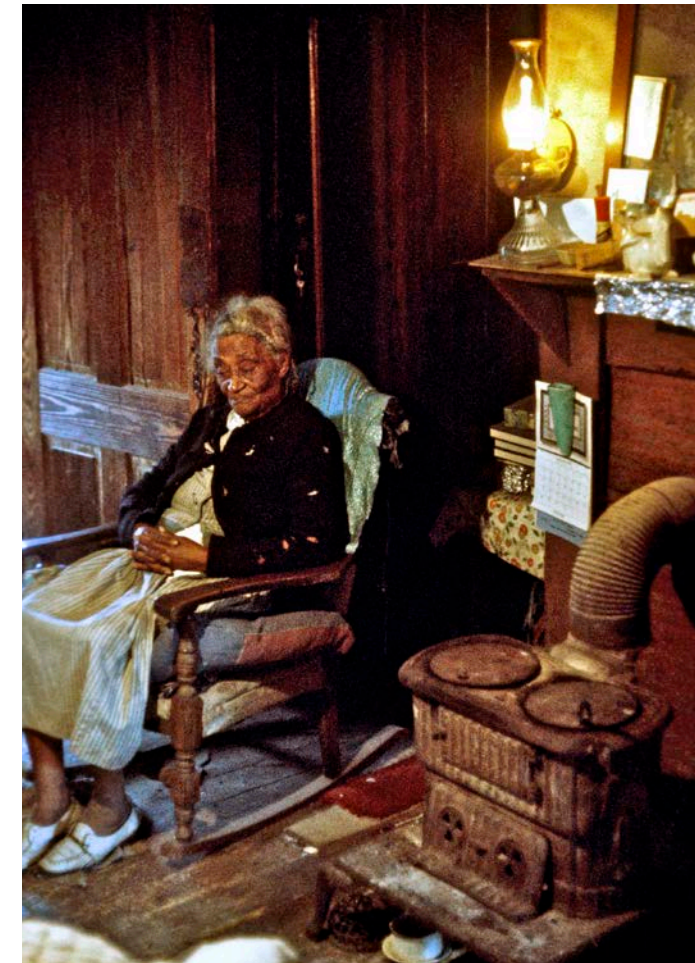
1973 - Tunica, LA



1975 - rural Meridian, MS



1975 - rural Macon County, AL



1978 - Waynesboro, GA



1975 - rural family TN



1975 - rural LA



1996 - Houma, LA



1974 - rural store LA

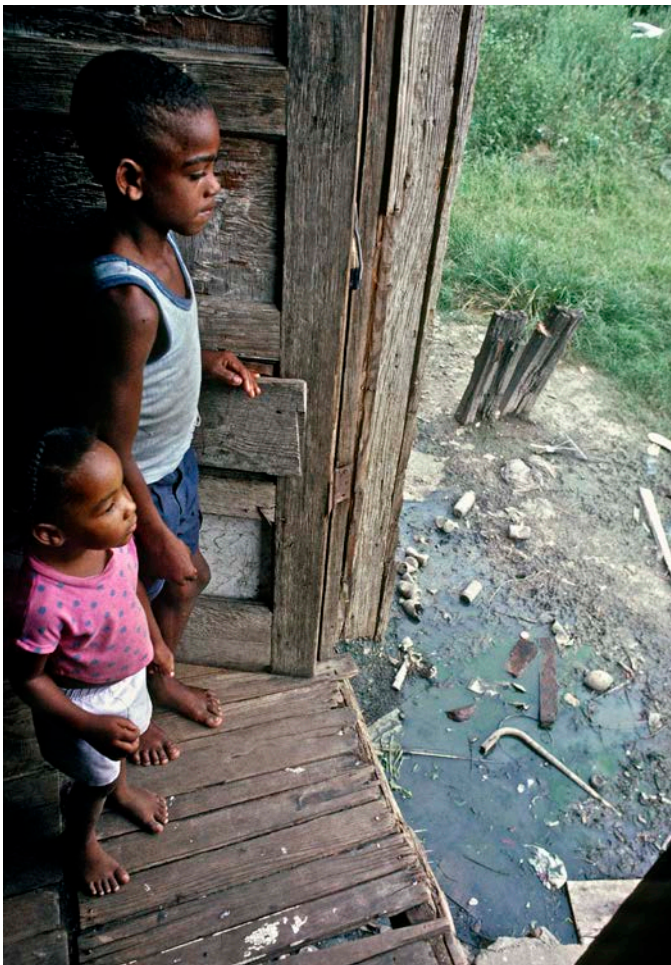
No inverno eu costumava ficar nos estados mais profundos do Sul, e um ano no Natal eu acabei nas plantações de açúcar da Louisiana. Embora eu tivesse percebido a escravidão nos campos de tabaco da Carolina do Norte principalmente como um estado de espírito, aqui fiquei chocado ao encontrar condições puramente feudais, semelhantes a servidão. Os brancos eram donos não só das plantações, mas também das casas em que viviam os trabalhadores negros. Os barracos ficam ao redor de sua grande casa de plantação em pequenos grupos - exatamente como na época da escravidão. Os brancos também possuíam tudo mais nestas pequenas aldeias, incluindo a única loja, conhecida como "a loja da empresa". Os preços eram 30% mais altos aqui do que nas lojas das grandes cidades, onde os trabalhadores não podiam se dar ao luxo de ir, e onde, aliás, muitas vezes não conseguiam ler os sinais de rua (muitos eram analfabetos).

Sua renda média era inferior a 3.000 dólares por ano, o que muitas vezes tinha que sustentar uma família de 6-10 pessoas. Para sobreviver, os trabalhadores, portanto, começaram a pedir emprestado ao proprietário e logo caíram em débito. Normalmente, eles não pagavam com dinheiro em suas lojas, mas obtinham mais crédito e eram lentamente empurrados para a servidão econômica.

As pessoas que não recebem salário por seu trabalho só podem ser chamadas de escravas. Caindo em tal círculo vicioso, eles eram de fato propriedade do proprietário: eles não podiam deixar sua plantação até que pagassem suas dívidas. E isso só poderia acontecer por um milagre.



1973 - Labarre, LA



1996 - rural Montgomery County, AL



1996 - rural Montgomery County, AL



1996 - rural Montgomery County, AL

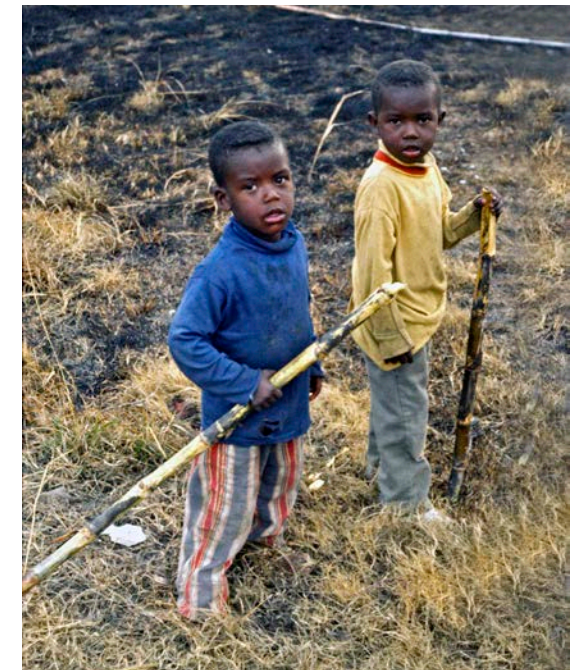


1990 - rural Burke County, GA

Quando estive em Nova Orleans em 1973, um jornal publicou artigos sobre este feudalismo nos arredores da cidade, oferecendo relatos sentimentais de crianças nas plantações de açúcar, que só recebiam uma laranja uma vez por ano no Natal.

Foi lançada uma campanha de choro para enviar às crianças presentes de Natal, e estudantes de odontologia arranjaram ônibus dentários gratuitos quando foi revelado que eles nunca tinham tido condições de ir ao dentista.

Mais tarde descobri que outros haviam feito esforços para organizar estes trabalhadores escravos. Um padre católico branco tentou organizar as reuniões de negros em segredo porque eles eram constantemente baleados, mas em vão. Os negros, que se lembraram de uma insurreição anterior nos anos 30, na qual muitos foram mortos, tinham medo de perder tudo. Embora isto provavelmente tivesse passado à história para os brancos, logo descobri em todos os lugares da comunidade negra que um escravo se lembrava por gerações.



1974 - rural Houma, LA



1973 - Tunica, LA

Devido ao seu medo de represálias brancas, era quase impossível conviver com os trabalhadores das plantações. Quando finalmente consegui encontrar um lugar e tinha ido para a cama, o boato sobre mim já havia varrido a cidade como um relâmpago. De repente, a porta foi aberta e George Davis, um vizinho furioso, enfiou o cano de uma arma no meu estômago e me expulsou para fora na noite de inverno.

Mais tarde naquela noite, Virginia Pate, uma pobre viúva, teve pena de mim e me deixou compartilhar uma cama com cinco de seus filhos em uma barraca distante nos pântanos. Faz frio pela manhã quando o fogão sai, e como as crianças puxaram o cobertor para si mesmas, eu congelei na primeira noite. Mas na manhã seguinte Virginia começou a consertar velhas colchas para que eu não congelasse na noite seguinte. Nunca vou esquecer esta viúva, que visitei quase todos os anos. Ela estava disposta a desafiar os brancos mesmo que ela mesma não ousasse ficar sob o mesmo teto comigo (ela dormia na barraca de sua irmã Eleanor). Fui caçar nos pântanos, junto com seu filho Morgan, tatus e outros animais. Conseguimos água potável da sarjeta do telhado. George Davis foi mais tarde assassinado pela sobrinha e sobrinho da Virgínia.



1973 - Tunica, LA



1975 - Meridian Oriental, MS - hoje um centro comercial



1973 - Natchez, MS





Dando a Virginia Pate meu livro em 1978

Eu não havia imaginado em minha fantasia mais selvagem que minha amizade com Virginia Pate duraria quase 40 anos até 2012, quando vim despedir-me dela pouco antes de sua morte. Inúmeros amigos, incluindo um líder Ku Klux Klan que eu havia trazido comigo para vê-la ao longo dos anos. Quando as equipes de cinema dinamarquesas vieram fazer filmes com ela, ela os levou a todos os lugares onde eu havia ficado com ela e com a família. Pois através dela eu também me tornei um membro de sua família maior de 7 irmãs e 4 irmãos. Como em muitas outras famílias deste livro, eu fiz elaboradas árvores genealógicas para acompanhar seu crescente número de filhos, 17 netos e 10 bisnetos. Seus filhos Morgan, Doretha e Oliver freqüentemente subiam ao palco comigo para responder perguntas de minha audiência, “como foi para eles terem compartilhado a cama com um homem branco de aparência estranha”.



46 Virginia tentando estrangulando o líder da Ku Klux Klan Jeff Berry em 2005



Última visita à Virginia no hospital em 2012

Sua irmã Beryl ou “negra” divertia todos os meus amigos. Embora profundamente religiosa, como guarda prisional na prisão local de Angola, ela se sentava na torre 12 horas todas as noites. “Você atiraria em seus dois sobrinhos se eles tentassem fugir?” “Claro, eu atiraria em qualquer um que se aproximasse da cerca”. Pois foi sua irmã, os dois gêmeos de Elnora, Bertha e Bertram, quem matou George Davis - que na primeira noite quase me matou com sua caçadeira na casa da Virgínia. Eu não conheci Bertha mostrada aqui até 1994 quando ela foi libertada, mas com sua sentença de 75 anos Bertram nunca sairá de Angola.

E isto me leva ao meu ponto de vista de porque é tão importante reunir as pessoas. Eu tinha conhecido todas elas em 13 de abril de 1973 quando estava tentando entrar na prisão de Angola porque os negros em Nova Orleans tinham me dito que uma vez que você entrasse lá, nunca mais saía de lá. Eu havia começado a fotografar para os Panteras Negras e no ano anterior três Panteras ativistas de Nova Orleans haviam sido falsamente acusados de apunhalar um guarda branco. Emoldurados inteiramente por seu ativismo Pantera, eles foram atirados para a solitária por toda a vida. Em 1994, convidei Anita Roddick comigo. Ela havia se tornado bilionária da noite para o dia quando levou sua empresa de cosméticos, The Body Shop, ao mercado de ações e queria minha ajuda para investir na comunidade negra. Então, quando eu e Bertha lhe contamos sobre “Os Três de Angola”, ela iniciou uma campanha mundial para o lançamento deles. Ela conseguiu entrar na prisão para visitar os três “presos políticos”, onde Woodfox falou sobre sobreviver aprendendo através dos Panteras Negras e lendo em sua cela sobre a história da opressão negra, “Quando comecei a entender quem eu era, eu me considerava livre”. Agora Anita tinha o poder de fazer uma mudança para os oprimidos - e a usou para fazer com que os três Panteras fossem libertados após 30-42 anos em solitária - a mais longa da história americana. Isto foi o que saiu de minha amizade com Virginia Pate e por que eu amo esta foto que Anita tirou de nós juntos. No ano seguinte, Anita me convidou para ir ao seu castelo ao lado do Balmoral da Rainha. O privilégio branco tem muitos rostos.

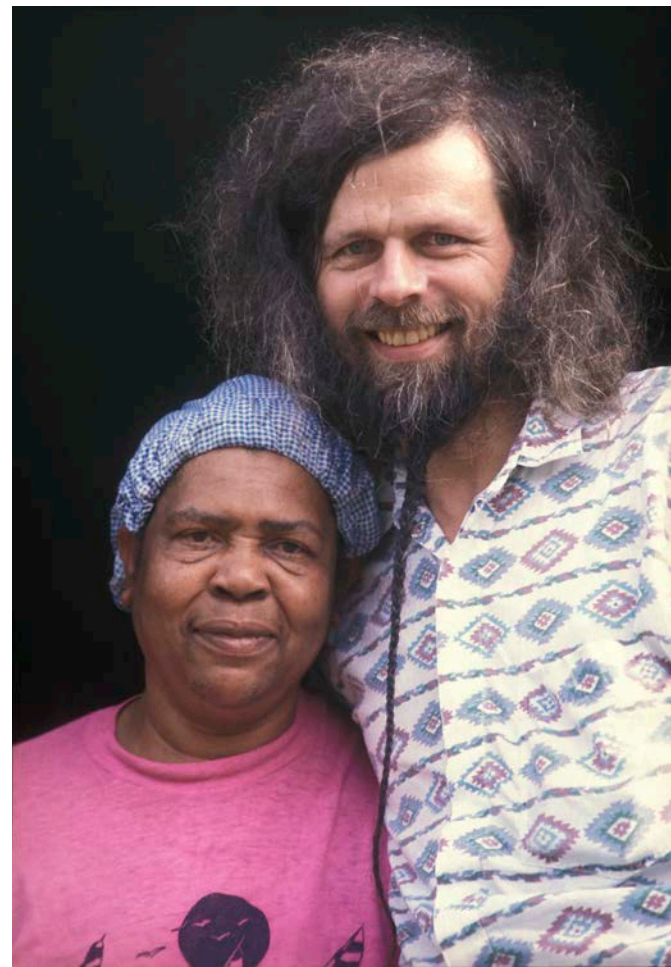
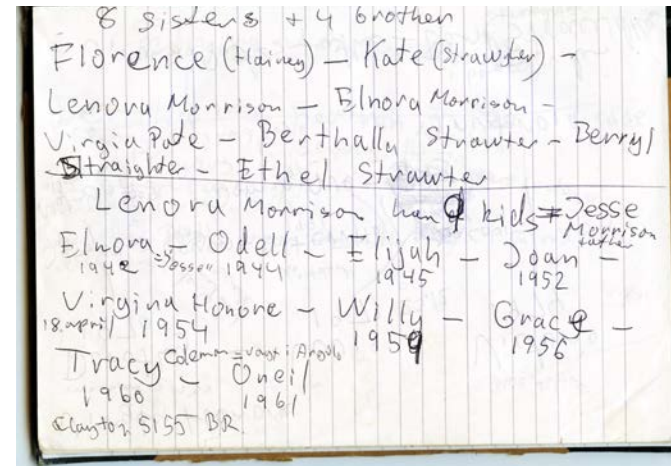


Foto de Virginia Pate e eu tirada por Anita Roddick em 1994



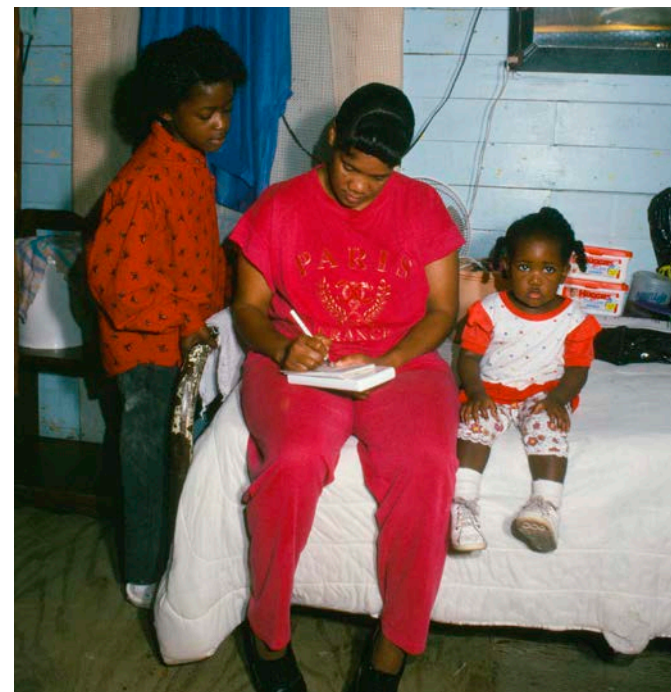
Anita Roddick, em 1994, com a sobrinha de Virginia, Virginia Honore



Antes dos programas de genealogia, era difícil acompanhar as famílias do livro



Da luta para libertar a Angola 3



Bertha em 1994 após sua libertação escrevendo para seu irmão gêmeo em Angola 47



1974 - Immokalee, FL



1996 - Belle Glade, FL

Nos meus anos vagabundos, 1970-76, o Procurador Geral da Flórida acusou os proprietários de plantações de açúcar de escravidão. Alguns foram presos por realmente acorrentarem os trabalhadores, mas pouco tempo depois tais proprietários de escravos simplesmente não foram processados. Após um exaustivo dia de trabalho, os homens foram levados em caminhões como gado para acampamentos de escravos, muitas vezes cercados por arame farpado. Pouco antes de minha visita, dois desses caminhões foram derrubados, matando um e ferindo outros 125. Em vez de receberem indenização, os homens foram demitidos. Dentro dos acampamentos, muitas vezes com mais de 100 para uma sala, apenas um trabalhador ousou falar comigo. Nós nos escondemos em um banheiro desde que foram demitidos por falarem com os brancos. Estes campos de escravos são propriedade da Gulf & Western, mas os verdadeiros detentores de escravos são o governo e o público, que pagam até a metade dos custos operacionais para evitar a importação de açúcar mais barato.



1974 - Palm Beach County, FL

## 4 Are Convicted of Enslaving Migrant Workers in the South

Special to The New York Times

TAMPA, Fla., Aug. 18 — A farm labor crew chief, his two sons and another man were convicted today of holding migrant workers in slavery. After a day and a half of deliberation, a Federal jury found the men guilty of forcefully keeping the workers, recruited along the East Coast in 1979 and 1980, in involuntary servitude at two Southern labor camps through threats of violence and actual beatings. Attorneys for the four defendants, Willie Warren, 49 years old, Willie Warren Jr., 26, Richard Warren, 24, said Mr. Warren was within his rights when he sold the workers food and wine. He also said that many of workers who said they were against their will were taken by Warren to doctors and social work outside the camp. "These are not the acts of a man trying to run a slave camp," Mr. Warren said in his argument at the close of a 10-day trial. Richard Simmons, 45, an unemployed cook from Atlanta, told the jury

1983 - New York Times



1996 - Benson, NC



1974 - Belle Glade, FL



1974 - rural Palm Beach County, FL



1974 - Belle Glade, FL



1974 - Belle Glade, FL



1974 - Palm Beach County, FL



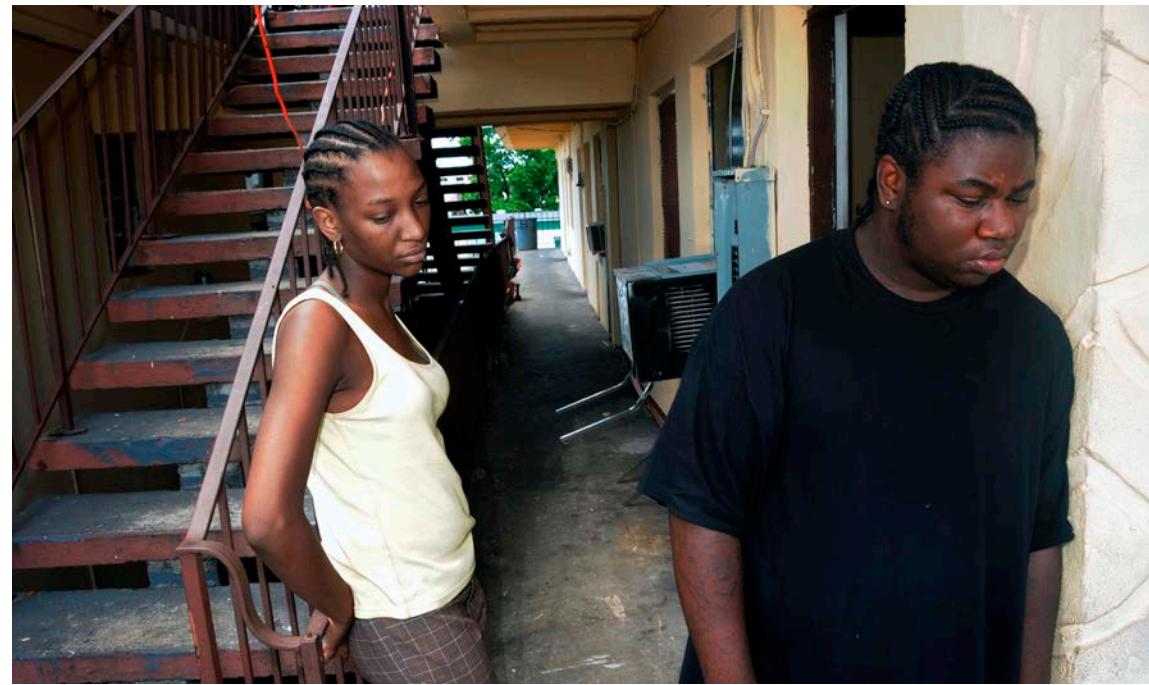
1974 - Belle Glade, FL



1974 - Hwy 29, FL



1974 - Allendale County, SC



2009 - Belle Glade, FL



1974 - rural Greenville, NC

Hoje, encontro cada vez mais desses campos de escravos e muitas vezes levo meus estudantes universitários chocados para visitá-los. Na Carolina do Norte, encontrei bares onde “caçadores de escravos” seqüestram homens bêbados para levá-los a seus acampamentos. Estes acampamentos separam e destroem a família negra, como a escravidão sempre fez. Esposas e filhos não são permitidos nos acampamentos. Vários homens com quem conversei não tinham visto suas famílias por até oito meses. Um carona negro manchado de sangue que peguei depois de uma palestra tardia de uma noite tinha sido tão espancado pelos guardas durante sua tentativa de fuga que eu tive que tratar suas feridas. Ele falou de outro, cujas pernas foram esmagadas pelos guardas após uma tentativa de fuga e que agora tinha que andar de muletas. “Bem-vindo de volta ao mundo livre”, disse eu. Mas ele balançou a cabeça. Ele estava a caminho dos campos da Carolina do Norte, e votar com os pés não era uma escolha real para alguém aprisionado por eleitores americanos indiferentes neste gulag. Em outro lugar, eu vi campos de migrantes onde famílias inteiras podiam viver juntas, mas estavam tão dependentes uns dos ganhos dos outros que não podiam deixar seus filhos sair do trabalho para ir à escola. Ainda hoje grande parte da fruta da América é colhida por crianças menores de 16 anos. Vale a pena lembrar que quando nós, na Europa, somos bombardeados com produtos frutíferos americanos baratos, que estes não são apenas o resultado de salários apenas metade do que na Escandinávia, mas também as “uvas da ira” dos trabalhadores rurais, que escolhemos não fornecer nenhuma rede de segurança social como a nossa. Eles não têm nenhum benefício de desemprego, nenhuma assistência médica ou educação gratuita, subsídios de aluguel, suplemento infantil, creches ou jardins de infância. Quando adoecem, passam fome e são despejados como Sonny, à direita, em 2009, em Belle Glade. A fruta barata que apreciamos nos torna culpados de escravidão de fato.



1974 - Belle Glade, FL with white landlord



1992 - USA Today



2009 - Belle Glade, FL



1996 - Immokalee, FL



1974 - Apopka, FL

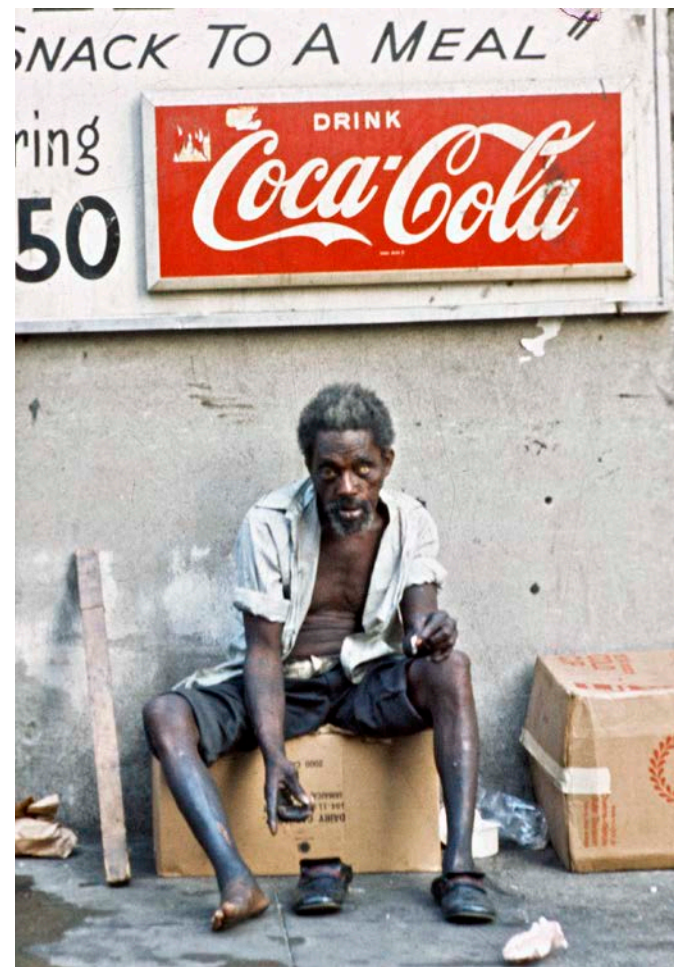
Um dia vi o nome Coca-Cola nos caminhões que levam suco de laranja dos acampamentos para os estados do norte e descobri que a Coca-Cola, sob o nome Minute Maid, é proprietária de vários desses acampamentos de escravos. Os acampamentos de escravos da Coca-Cola não são os piores da Flórida, embora muitas crianças sofram de doenças deficitárias e anemia, o que as torna exaustas e emaciadas. Quando meu livro saiu pela primeira vez, a Coca-Cola me enviou uma carta, admitindo quão terríveis eram as condições, mas também declarando que agora haviam embarcado em reformas e se oferecido para me levar até lá para que eu pudesse testemunhar que haviam melhorado as condições. Fiquei encantado que minha crítica social fosse recompensada com umas férias na Flórida. Mas quando voltei alguns anos mais tarde, a única mudança visível foi uma mudança de nome em algumas das chaminés.



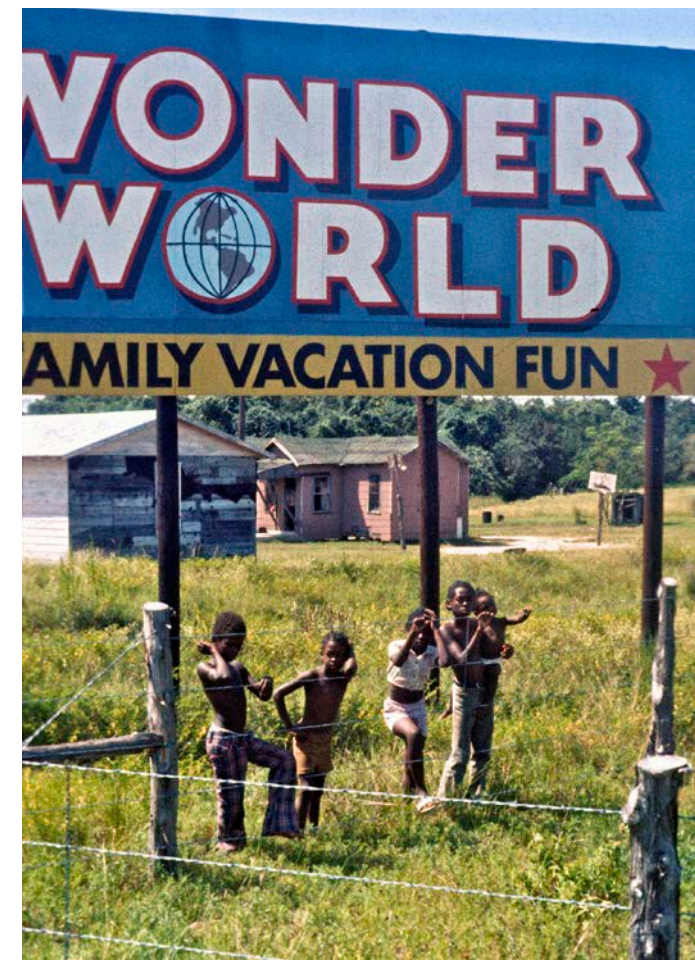
1974 - rural Homestead, FL



1974 - Hwy 29, FL



1975 - NY



1974 - rural TX



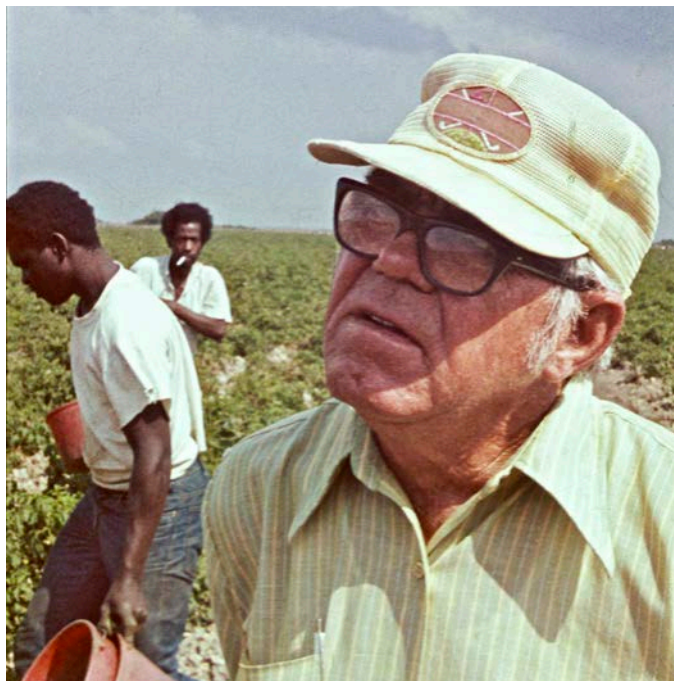
1974 - rural Homestead, FL



1994 - rural Bullock County, AL



1974 - Hwy 29, FL



1974 - Hwy 29, FL

No sul da Flórida, vim morar com um produtor de tomate branco que me disse que ganhava quase um milhão de dólares por ano com trabalhadores migrantes. Fui expulso quando ele descobriu minhas fotografias de “negros”:

- Agora, qual é o seu principal objetivo? Não é apenas uma turnê. Eu não nasci ontem. Eu lhe digo a verdade, você é daquela coisa dos direitos civis no Norte.
- Não, estou apenas estudando agricultura para um livro...
- Bem, se você ficar com essas pessoas de favela, esse é o tipo de livro de favela que você vai ter, não é verdade? Depende do tipo de pessoas com quem você falar. Você diz que fala tanto com brancos como com pessoas de cor.
- Eu confio em todos.
- Você vai encontrar pessoas de cor tratadas melhor aqui do que em qualquer outro lugar dos Estados Unidos. Eles são felizes.

Eu sempre tentei respeitar a honestidade desses racistas do sul, então quando meu gravador mais tarde revelou que eu, no calor da discussão, lhe tinha contado uma mentira (branca), eu me senti um pouco deprimido. Naquela época, eu não tinha idéia de que minhas fotos acabariam um dia em um livro.

#056

Mais tarde consegui viver com alguns de seus trabalhadores de campo, que eram negros e mexicanos fugitivos. A situação deles é deprimente, para dizer de forma branda. Muitos estão demasiado destruídos para falar de sua situação, mas esta mulher, que era uma das poucas brancas pobres nos campos, me falou, em seu pequeno barracão alugado, sobre as condições:

- Você já esteve em carimbos sociais ou de alimentação?
- Se eu pudesse conseguiria, porque eu realmente preciso.
- Quanto seu marido ganha uma semana normalmente?
- Não muito, trinta e cinco ou quarenta dólares por semana, talvez. Isso dificilmente paga o aluguel e por algo para comer.
- E você trabalha sete dias por semana?
- Sete dias por semana por 40 dólares, sim!
- Você teve momentos em que não tinha nada para comer?
- Houve momentos em que eu não tinha nada, nem mesmo um cigarro. Estive três semanas em baixo onde só comi açúcar, água e pão. As pessoas que não têm, elas realmente sofrem.
- Mas quem você culparia por tudo isso?
- O governo. Ele está tentando nos matar de fome.
- Você não culpa nenhuma das pessoas por aqui?
- Não, eu não culpo meu povo. Eu culpo o meu governo.
- Fico feliz que você não culpe os negros nem os mexicanos por isso. Muitas pessoas culpam, você sabe.

#057



1974 - Immokalee, FL

- Não, isto vem do próprio governo. É por isso que tem havido todos os tumultos e todas essas coisas... Já tive minhas roupas e tudo isso queimado três vezes.



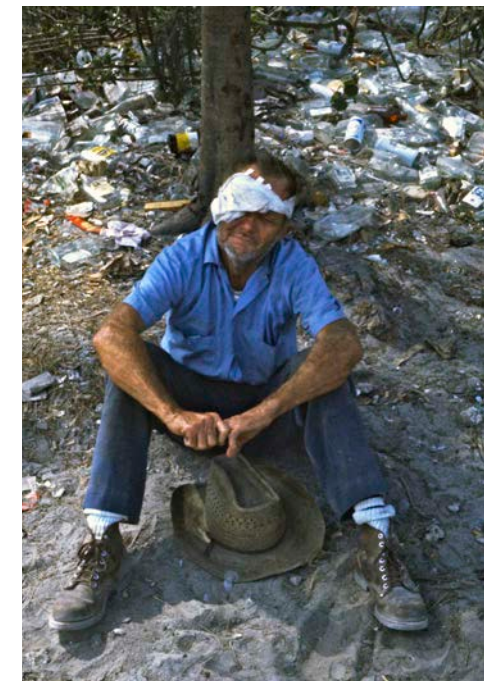
1974 - Immokalee, FL



1974 - Immokalee, FL

Foi uma agradável surpresa encontrar um pobre branco que não culpou indiretamente os negros por sua própria desgraça, já que é comum entre pobres brancos transformá-los em bodes expiatórios. Em sua cidade, Immokalee, vários dos donos brancos de campos de escravos foram presos pelo procurador geral da Flórida.

Mas as condições ficaram muito piores desde minhas primeiras visitas, quando guardas armados dispararam contra todos os invasores. Quando a NBC chegou, os jornalistas foram alvejados e não filmaram nada. Até mesmo os caipiras brancos inclinados à violência me avisaram para não ir lá e não ousaram me levar nem mesmo durante o dia. Acabei morando lá por uma semana com alguns pobres trabalhadores migrantes, mas até hoje estou surpreso por ter escapado com minha vida. De alguma forma, consegui fazer amizade com um dos guardas negros, que me deu um pouco de comida e me seguiu à distância nas ruas para “me proteger”. Tanto ele quanto o chefe da polícia me disseram que 25 cadáveres haviam sido encontrados nas ruas no último meio ano nesta cidade de apenas 3.000 habitantes. Todas as noites eu podia ouvir tiros.



1974 - Immokalee, FL

Eu vi mais sangue lá do que em qualquer outro lugar da América, mas só ousei fotografar algumas coisas. Este mexicano foi esfaqueado enquanto eu estava sentado ao seu lado. Todas as manhãs havia uma fila de indivíduos maltratados ao longo da estrada que tinham sido derrubados e roubados de tudo na noite anterior e agora tentavam pedir carona para fora da cidade. Mas muitos nunca saíram deste acampamento de escravos. O que mais me interessou não foram os cadáveres, mas as pessoas vivas - pessoas em quem tudo foi extinto. Estes infelizes exaustos, que tinham conseguido sobreviver trabalhando duro sete dias por semana, tinham sucumbido lentamente e agora estavam apenas deitados à espera de morrer. À noite, dormiam nas ruas. Um deles é espremido entre as máquinas da Pepsi e da Coca-Cola.

Vinte e cinco anos depois, o quadro não tinha mudado. Em 2008, a Campanha Anti-Escravidão do Trabalhador Immokalee ganhou sua ação judicial contra o que o Procurador Geral dos EUA chamou de “escravidão direta”. Quando eu levei uma carona para casa em 1996, meu companheiro de viagem, Eli Saeter, um norueguês, escreveu sobre a viagem em seu livro: “Fora da casa onde estamos agora, o caminhante encontrou duas pessoas mortas. Uma levou um tiro na cabeça. A outra foi apunhalada. Estou com medo. Eu não ouseo dormir. Jacob está exausto, já foi longe demais. Ele dorme como uma pedra”.



1974 - Immokalee, FL



1974 - Immokalee, FL

Logo recebi tantas ameaças de morte por causa de minha fotografia que, como os escravos negros fugitivos de muito tempo atrás, encontrei refúgio com os índios fora da cidade. Vivi aqui com esta mulher Seminole. Achei romântico viver em uma cabana de folhas de palmeira, mas o romance não deveria durar apenas alguns dias. Uma noite, fui despertado por gritos que me ordenavam a sair da cabana. Senti que minha última hora tinha chegado, mas não tinha outra escolha senão sair para os faróis de uma caminhonete da qual homens armados gritavam comigo com sotaque mexicano: “Você estará fora da cidade antes do nascer do sol. Se não, você nunca mais verá outro nascer do sol”! Eu sabia que eles eram muito sérios, e a mulher não ousava mais ousar me abrigar, então eu fugi da cidade como uma sombra, grata por os Seminoles terem me dado abrigo, como outrora tinham feito para os negros.

Que eu tinha de fato vivido fora da lei que vi anos depois quando voltei e descobri que os Seminoles tinham criado o primeiro cassino nativo americano dos Estados Unidos, lançando as bases para uma indústria multibilionária para substituir a luta de jacarés e seus tipos anteriores de jogos de azar. No entanto, não me surpreenderia se os brancos, há muito tempo, assumissem o controle da mesma forma que assumiram tantos negócios negros.



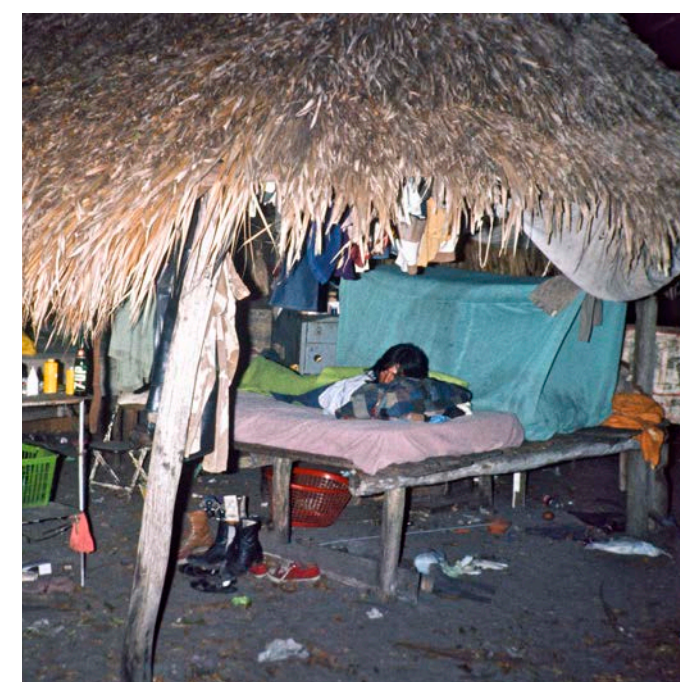
1974 - Immokalee Reservation, FL



1974 - Immokalee, FL

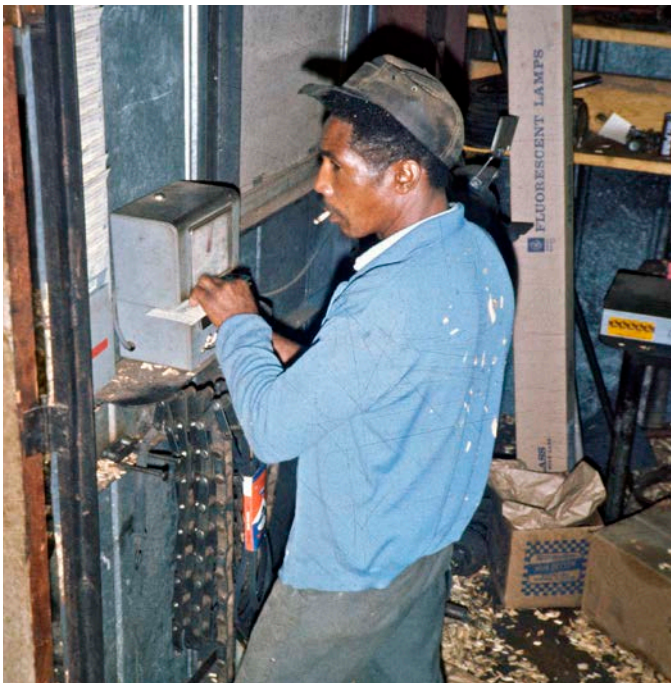


1974 - Immokalee Reservation, FL



1974 - Immokalee Reservation, FL

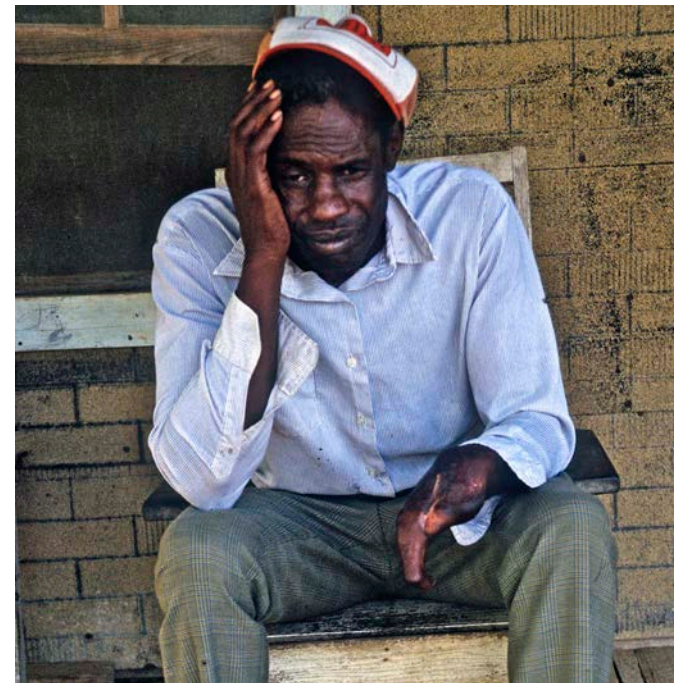




1975 - Washington, GA

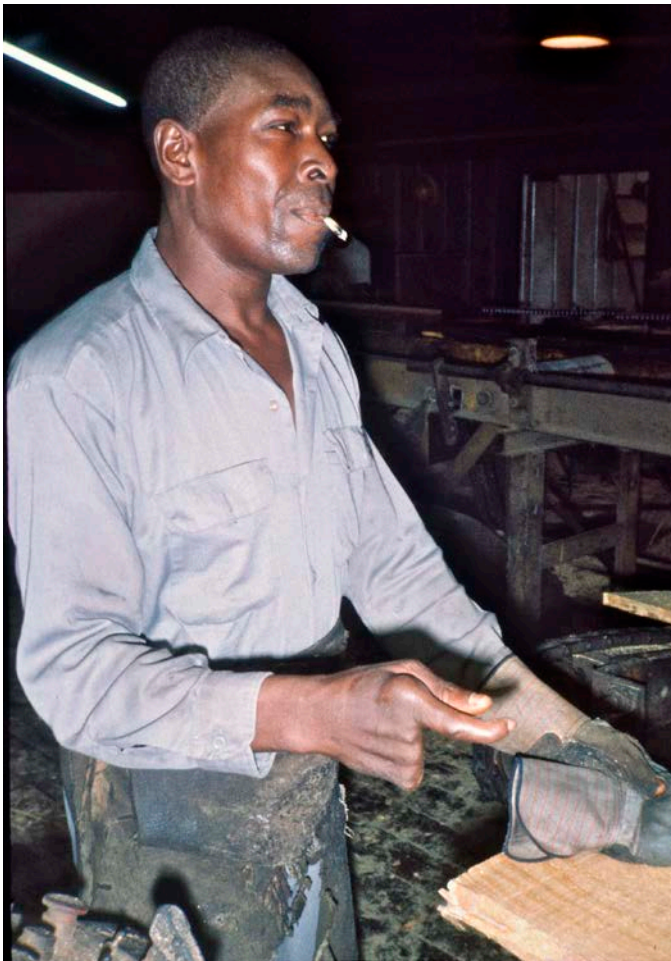


1975 - Washington, GA



1996 - rural Bullock County, AL

Em uma sociedade que faz uma incursão tão violenta na vida, em um país onde conceitos europeus como gestão de trabalhadores e sindicatos estão a anos-luz da consciência do trabalhador, o relógio do tempo se torna facilmente o novo chicote do mestre dos escravos - um símbolo de nossa violência perene. Quando, cinco anos depois, voltei para ver Sam Kator (foto na página 65) para entregar-lhe meu livro, descobri que ele havia sido espancado até a morte pela polícia em uma cela de prisão. Viajar no mundo dos negros americanos torna-se inevitavelmente uma viagem para a alma e para a história de cada pessoa que se encontra. Você começa a entender os traços e tendências que impressionamos nas almas e na consciência coletiva dos negros através da escravidão, bem como como, desde então, não só perpetuamos e revivemos seus padrões de angústia e os nossos, mas também os intensificamos.



1975 - Washington, GA



1996 - Immokalee, FL

Em minha busca por respostas sobre por que vemos constantemente uma imagem inimiga em nossos semelhantes - uma imagem que usamos para justificar a violência - me perguntei sobre as condições de trabalho que continuam a nos embotar no corpo e na mente. O trabalho rude ainda é realizado por negros enquanto os brancos o dirigem. Muitos negros foram mortos nestas serrarias e ainda mais pés e dedos foram cortados - como aconteceu com este trabalhador. Na América Central eu vi como os EUA fornecem apoio militar para a repressão sangrenta dos sindicatos, mas fiquei chocado ao encontrar quase nenhum sindicato nos Estados do Sul que pudesse proteger tais trabalhadores. Estes trabalhadores não receberam nenhuma compensação quando a serra cortou seus dedos, e tiveram que voltar ao trabalho dois dias depois, pois como foi dito, "há muitos negros famintos lá fora esperando para conseguir trabalho".



1973 - Tunica, LA



1996 - rural Bullock County, AL



1974 - rural Bullock County, AL

*Pobre escravo, tire as grilhetas do seu corpo,  
pobre escravo, coloque as grilhetas na sua mente.*

*Por favor, escute-me com atenção  
e se eu estiver errado, então me corrija.  
Mas se eu estiver certo, minha canção é elogiada,  
agora vamos ver se estamos de acordo:  
A definição de um escravo  
significa que não se está totalmente livre  
então um escravo ainda é um escravo  
se ele não consegue pensar de forma independente.*



1994 - rural Bullock County, AL



1974 - Washington, NC



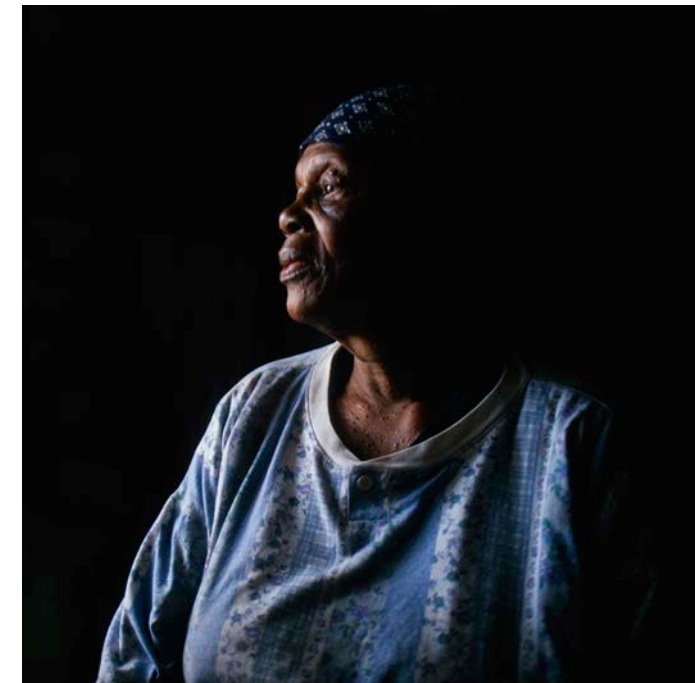
1974 - Greenville, NC



1973 - St. Francisville, LA - still Jim Crow



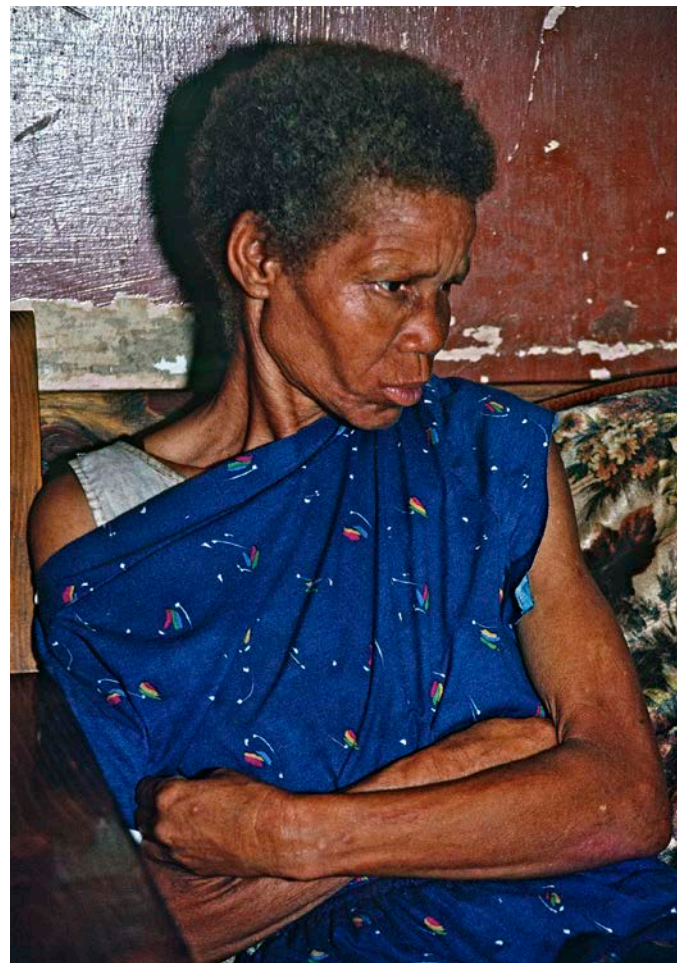
1975 - Dallas, TX



1994 - Tunica, LA

*Uma árvore ainda é uma árvore  
apesar de soltar suas folhas quando chega o inverno.  
Mas ela floresce novamente na primavera.  
pois não perdeu de forma alguma suas raízes.  
Mas um escravo continua sendo um escravo  
sem o conhecimento de suas raízes  
até que ele tenha ensinado o passado  
não apenas alguns, mas toda a verdade.*

*Pobre escravo, tire as grilhetas do seu corpo,  
pobre escravo, coloque as grilhetas na sua mente.*



1996 - Bullock County, AL



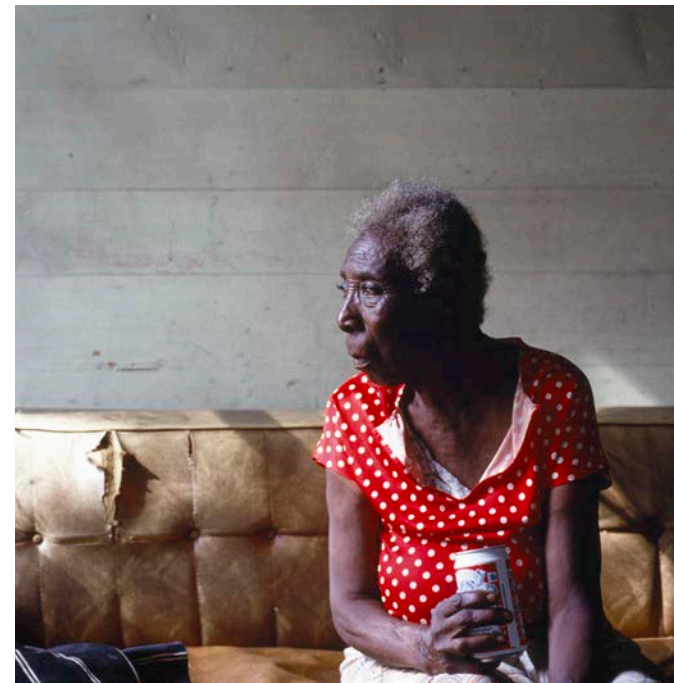
1974 - Immokalee, FL



1974 - rural Alachua, FL



1973 - Baltimore



1994 - Bullock County, AL



1974 - Washington, NC

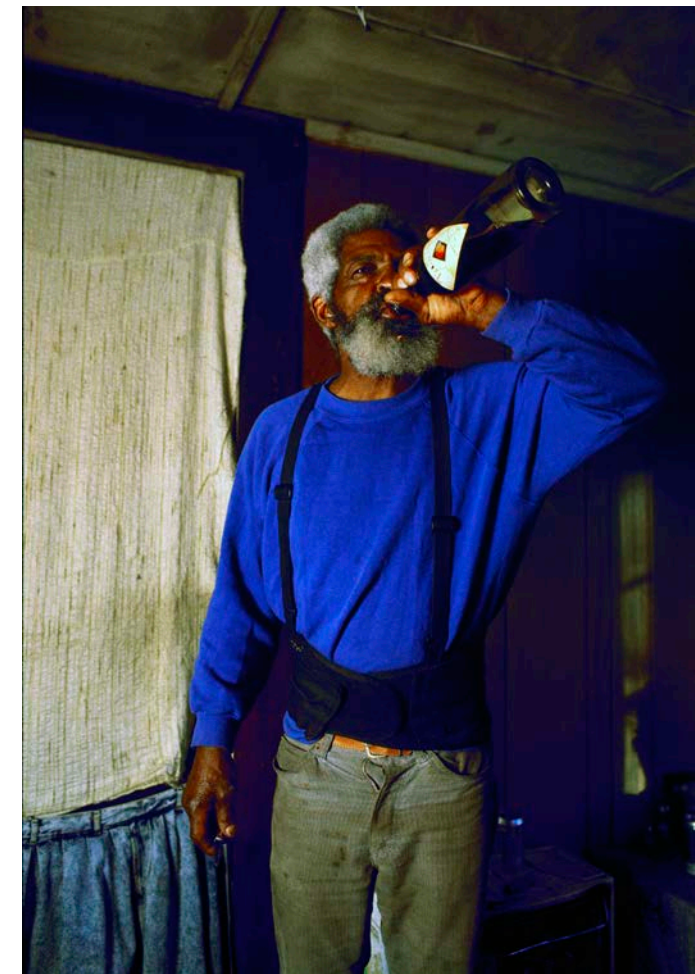


1978 - Zebulon, NC

*Havia um irmão no outro dia  
me dizendo que ele está se sentindo alto  
mas infelizmente tive que suspirar  
para drogas e bebidas não é glória,  
e se eu tivesse a chance de ficar pedrado  
Eu diria a verdade e não uma mentira,  
para a mais alta elevação que um homem pode obter  
é de sabedoria, conhecimento e compreensão.*

*Pobre escravo, alivie a pressão de seu corpo,  
pobre escravo, coloque em sua mente...*

#065

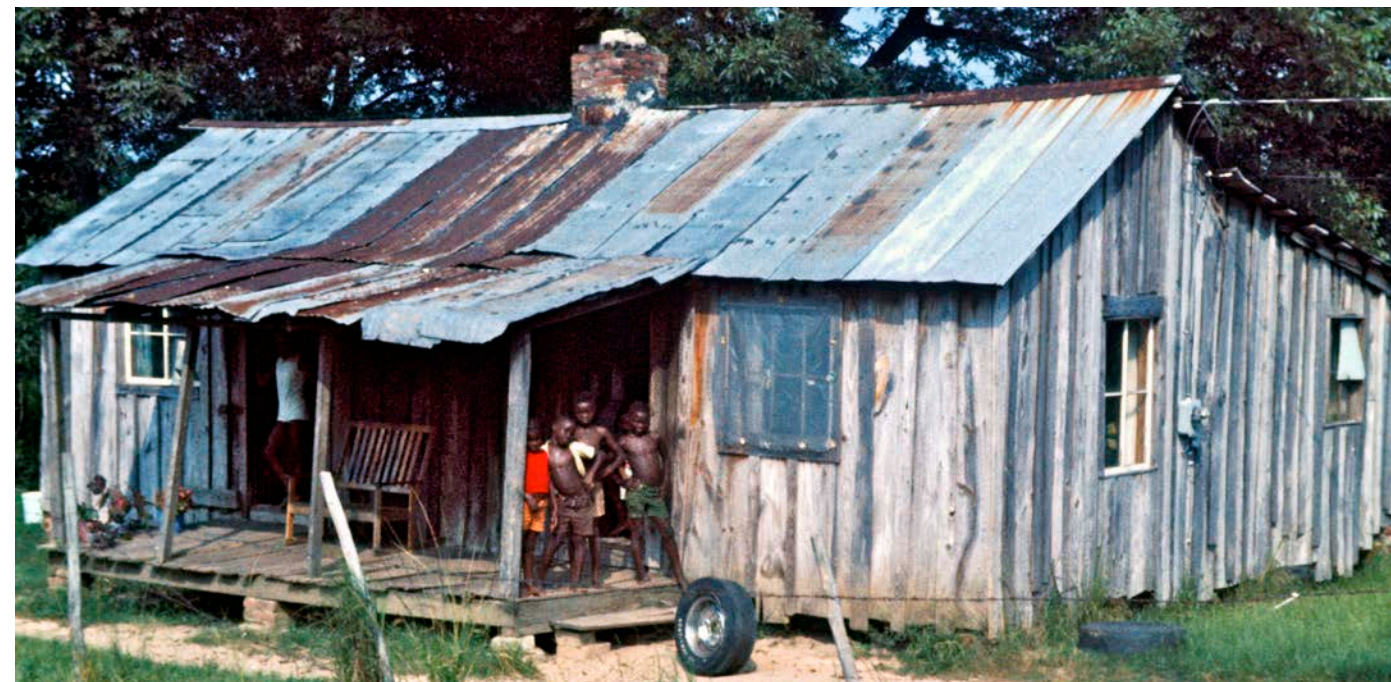


1996 - Philadelphia, MS

Quando vivi com a classe inferior, entendi como as grilhetas físicas também se tornaram grilhetas mentais. Estas grilhetas nas quais confinamos nosso irmão Caim morto desde a escravidão são totalmente desumanas e não admitem um sentimento de liberdade ou a oportunidade de desdobrar intelectualmente e criativamente. Há cem anos atrás, vivíamos ao lado de negros. Ver nossos vizinhos remetidos a condições de vida inferiores é incompreensível e prejudicial para a criança branca inocente. Crescendo, somos lentamente manipulados para desenvolver imagens hostis - com o resultado de que a alegria natural de estar com negros nos EUA ou imigrantes na Europa é violentamente reprimida. Quando o círculo vicioso de opressão é assim cumprido, torna-se natural que os brancos racionalizem como estes marginais vivem ao lado de suas próprias casas de luxo em barracos miseráveis, muitas vezes menores do que esta cabana original de escravos.



1978 - Bullock County, AL



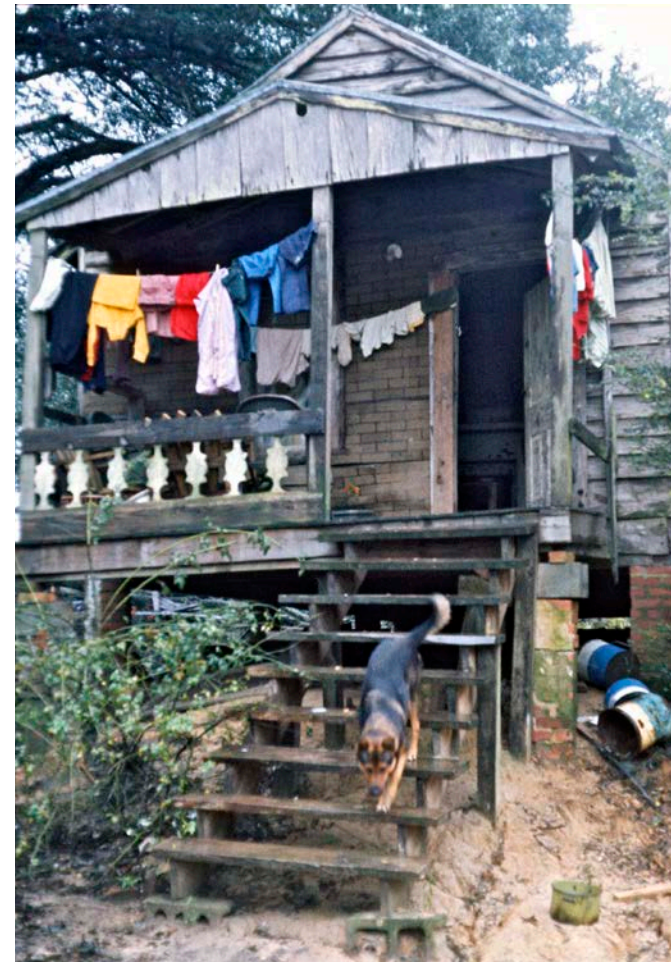
1975 - rural Bullock County, AL



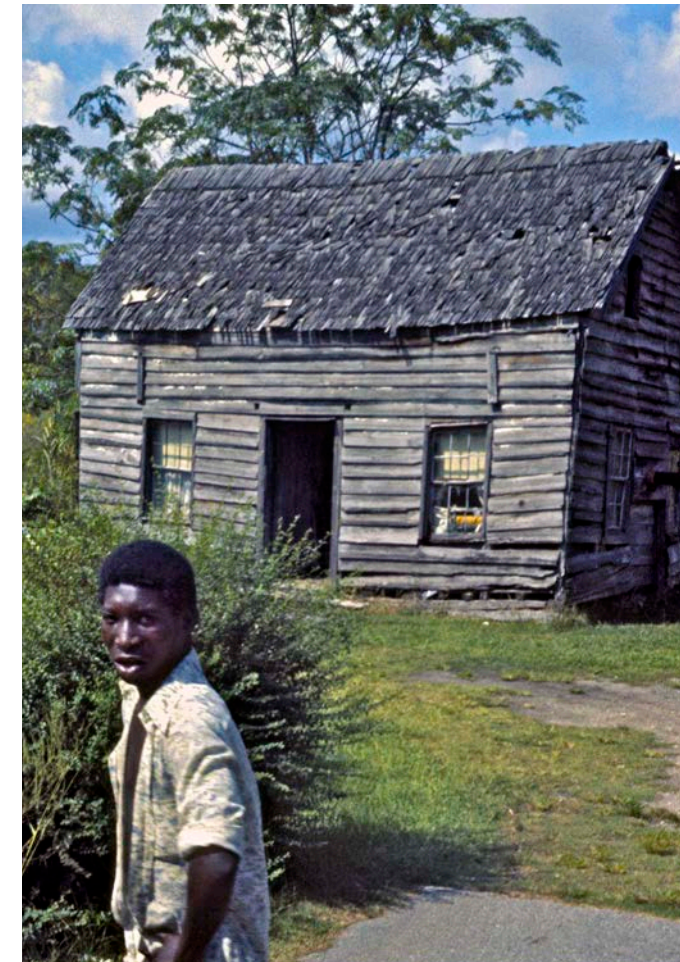
1974 - cabine escrava original sobre plantação, SC



1973 - near Bamberg, SC



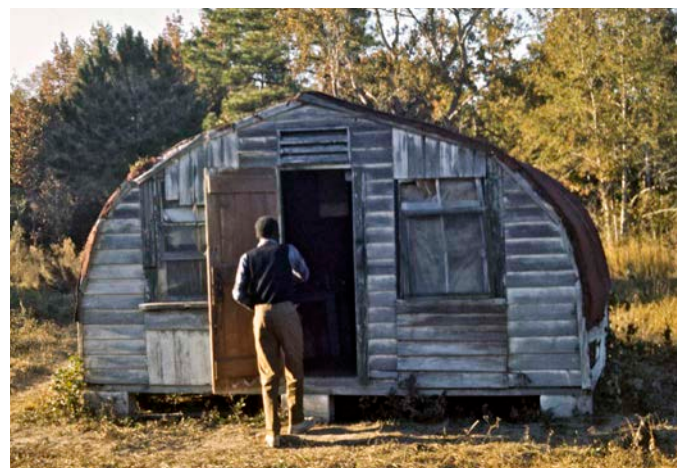
1973 - rural MS



1974 - rural Savannah, SC

Ou como os estudantes brancos costumam dizer após minhas palestras: “Antes de ver seu programa, nunca me ocorreu que pessoas reais vivessem naqueles barracos”.

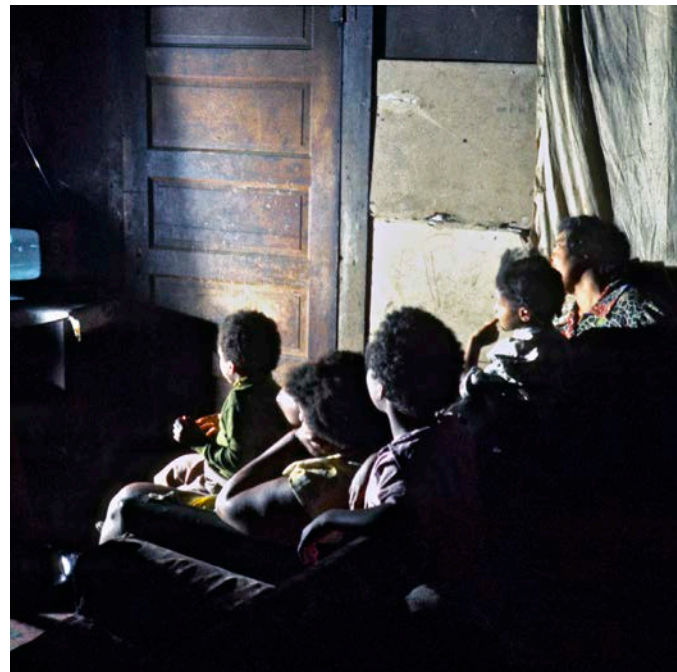
No entanto, o abismo sombrio em nossas mentes, refletido por estas condições de favela, é muito pior do que em minhas fotografias. As fotos não mostram como o vento assobia através das rachaduras, tornando impossível manter o calor no inverno ou o chão podre e flácido com rachaduras tão largas que cobras e vermes rastejam até a sala de estar. A impotência que sinto ao tentar fotografar estas sensações sufocantes espelha a impotência que elas impõem às nossas vítimas presas. Mesmo que eu pudesse ter uma lente grande angular para registrar a estreiteza, as imagens não poderiam mostrar a ausência de água corrente, banheiros, chuveiros e eletricidade. Vi milhares de americanos crescerem no brilho da lâmpada de querosene.



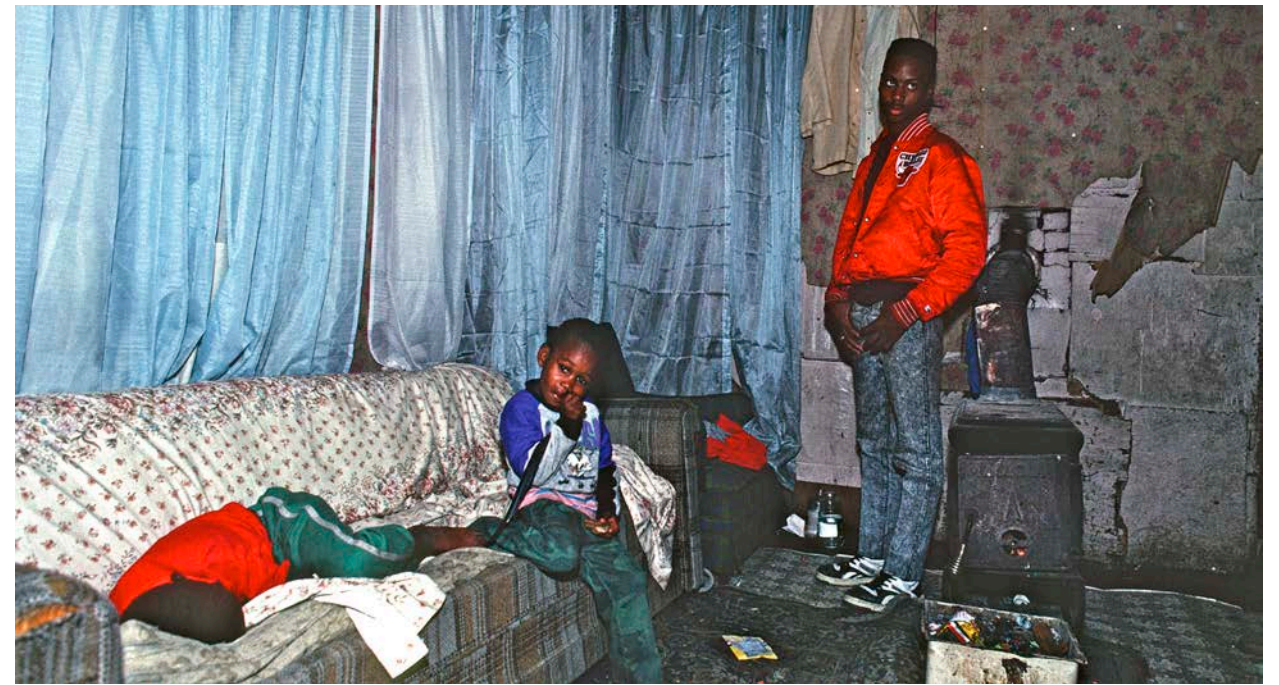
1974 - rural Savannah SC



1974 - rural La Crosse, FL



1973 - Zebulon, NC



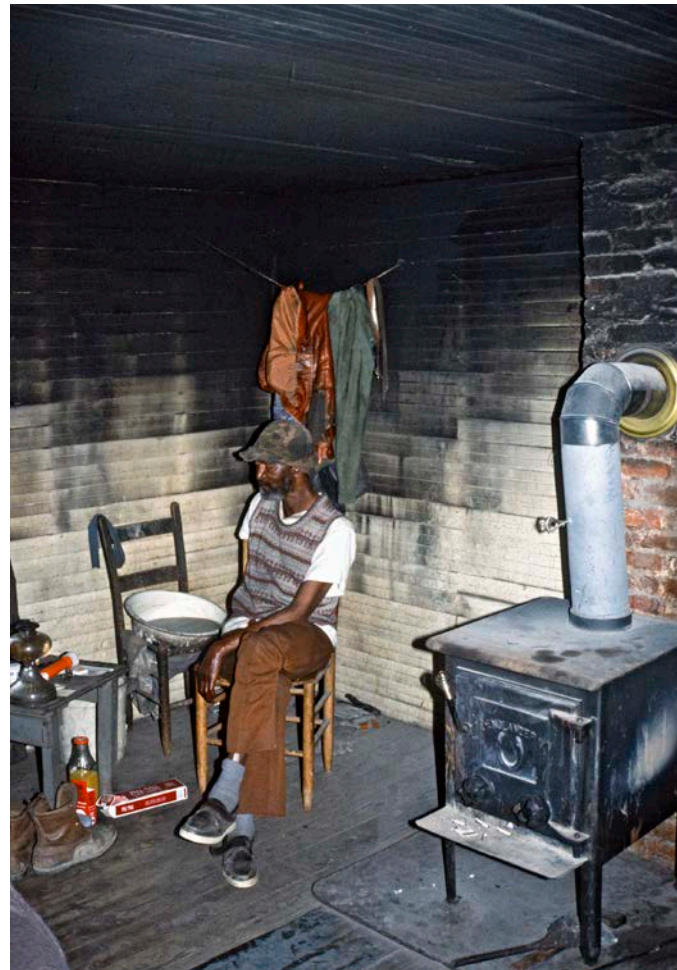
1990 - Burke County, GA



1974 - Jacksonville, FL

Da mesma forma, não me senti capaz de retratar a estranha sensação psíquica de ser transferido de repente para uma condição que nós na Dinamarca não conhecemos nos últimos cem anos (embora seja encantador, depois de todo o barulho sufocante que caracteriza os lares americanos, ficar de repente no silêncio de nenhuma TV ou rádio). Os brancos liberais, que não temem que suas luzes sejam apagadas, às vezes argumentam durante minhas palestras que os negros deveriam estar felizes pelo mesmo motivo. Com tal romantismo, revelamos uma terrível insensibilidade à psicologia da pobreza involuntária.

E mesmo que você esteja talvez livre da invasão dos comerciais da sociedade afluyente dentro de sua barraca, você ainda assim tem sua perspectiva destruída pelos outdoors agressivos e onipresentes do lado de fora.



1996 - rural Capron, VA



1975 - rural Burke County, GA

## Barracas hoje

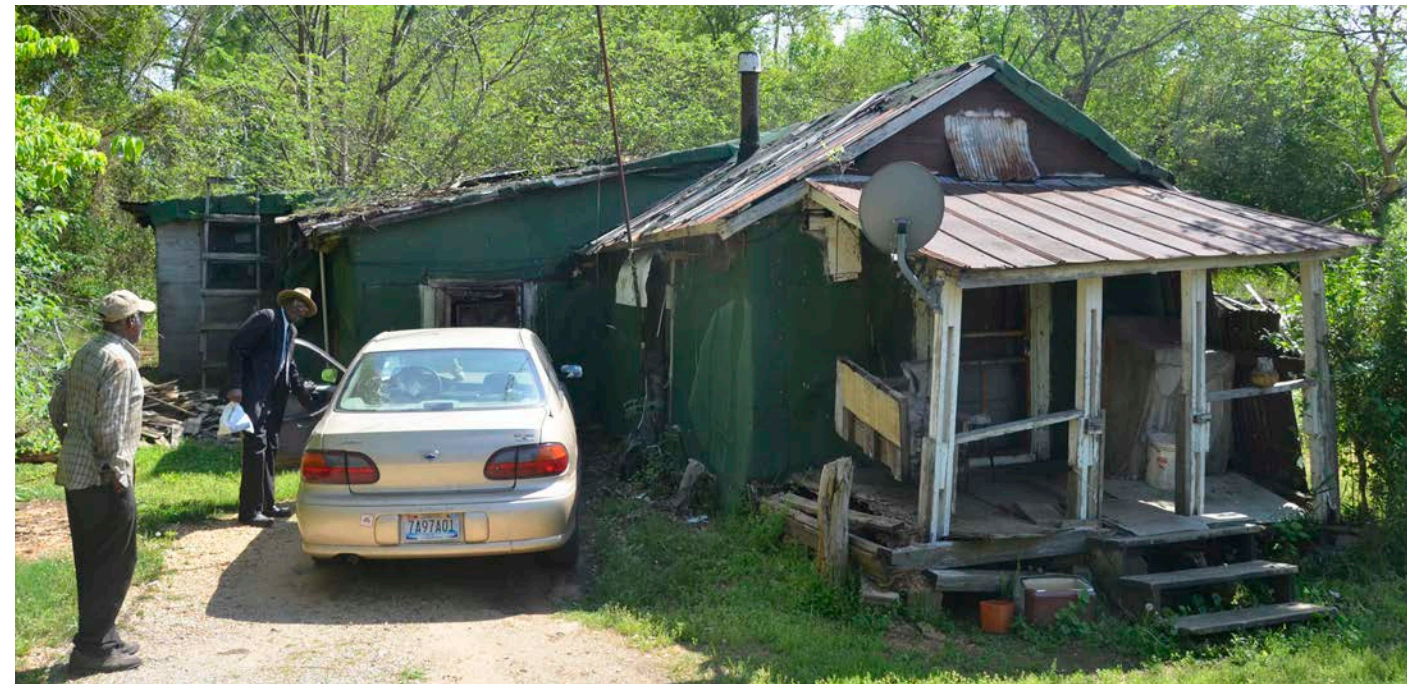
Nos anos 70, eu tirei milhares de fotos de barracos para dar à Coleção Schomburg no Harlem, na crença de que logo seriam história. Como eu estava errado. Ainda vejo barracos delapidados por toda parte. Aqui estão algumas de minha última excursão em 2012.



2003 - Union Parish, LA



2009 - St. Francisville, LA



2012 - Pregador retornando da igreja, Condado de Perry, AL



74 2012 - Velho com telefone celular em sua cabana, Condado de Perry, AL



2009 - St. Francisville, LA - Mulher cega de 98 anos de idade



2012 - Pregador relaxando em sua cabana depois da igreja, Condado de Perry, AL



1975 - rural Tuskegee, AL



1975 - Bullock County, AL



1973 - Orangeburg County, SC



1975 - Bullock County, AL





1973 - Natchez, MS

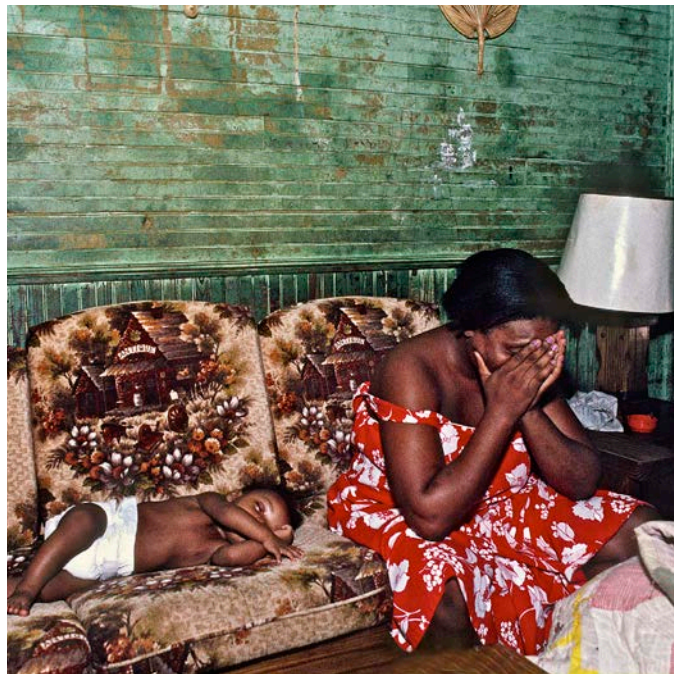
Da mesma forma, senti dificuldade para fotografar a classe alta rica da América. Ao contrário dos ricos de hoje, os ricos demonstraram culpa nos anos 70. A distância entre ricos e pobres cresceu dramaticamente desde os anos 70, quando os EUA haviam alcançado sua maior igualdade de sempre. Nessa época, a classe alta permitia apenas mansões e ranchos “modestos” em todo o país. Eu só podia fotografar um quarto de cada vez, o que de forma alguma mostrava as verdadeiras dimensões de suas mansões. Embora a distância fotográfica entre ricos e pobres fosse pequena, os saltos psíquicos que eu dava do barraco para a casa de uma plantação ou gueto urbano para a casa milionária sempre me sentia como se tivesse feito uma viagem da Terra para a Lua.

Por isso usei Søren Kierkegaard como minha orientação:

*“A filosofia de nosso tempo é como o homem rico que em uma noite escura, mas estrelada, sai em sua confortável carruagem com sua cabeça brilhante - luzes e carrega consigo sua própria luz e escuridão. Ele desfruta de sua segurança e da luz que é lançada sobre o entorno imediato, mas não compreende que este forte brilho o deslumbra e o impede de ver as estrelas que o pobre camponês, a pé ou em sua lâmpada menos carrinho, pode observar com perfeição na imensidão do céu”.*



1974 - Palm Beach, FL



1995 - Montgomery County, AL



1974 - Alachua County, FL

## Na carona e nos saltos psíquicos



1971 - Newton, MA



1974 - Daytona Beach, FL



1974 - Cambridge, MA



1975 - Oglethorpe County, GA



1974 - Greenville, NC



1975 - rural Burke County, GA

Pedir carona na América é uma tentativa perpétua de tentar superar o medo das pessoas e tornar uma experiência positiva para que elas o peguem. Quando você vê as emocionantes luzes vermelhas de freio e se apressa no escuro e rasga a porta do carro apenas para olhar dentro do cano de uma arma de motorista assustada, você sabe que é para sua vantagem mútua e segurança que você deve ser forçado a mostrar o conteúdo de seus bolsos ou passaporte desta maneira. A confiança pode ser promovida com um belo sinal elaborado. Eu experimento todos os tipos de slogans como “Poupar combustível para você” (durante a crise de combustível de 1973) e “cinto bíblico - e nenhum bom samaritano?”, mas é triste dizer que a única coisa que dá às pessoas verdadeira confiança é a publicidade de que eu não sou americano.

A confiança é essencial para a carona demográfica. Passeios com mulheres são considerados entre os caroneiros como um encorajamento psíquico especial e segurança depois de todas as agressões dos chamados “caipiras” e “pervertidos”. Mas as mulheres também são um problema. Como os estrangeiros geralmente encontram mulheres americanas brancas extremamente abertas e, ao contrário das mulheres motoristas na Europa, elas frequentemente convidam você para casa, tornando-se extremamente vulneráveis. Por um lado, é importante deixar sempre a mulher estabelecer os limites da nova amizade. Desta forma, há alguma chance de evitar o sexismo inevitavelmente imposto a você como homem. A sociedade nunca lhe deu a escolha de se tornar ou não um sexista ou racista, em vez disso você fica tentando contra-atacar os atos negativos que causam tanto sofrimento. Sem uma consciência de seu sofrimento, você está obrigado a ferir os oprimidos com suas “vibrações mestras”. Por outro lado, você não pode simplesmente - como acontece com os motoristas masculinos - flutuar em qualquer situação, pois então você pode facilmente causar sentimentos feridos. Ser um bom vagabundo é mais difícil do que ser um andarilho de corda bamba.

Mesmo o vagabundo mais competente comete erros aqui, até mesmo porque você mesmo é tão vulnerável e as imensas dificuldades na estrada muitas vezes o fazem se apaixonar por tipos aos quais você nunca se abriria de outra forma. Eu tive uma experiência impressionante de dar sinais tão prejudiciais quando um motorista me ofereceu a chamada “droga do amor” MDA que faz com que você se apaixone inacreditavelmente por todas as pessoas. Mas o próximo passeio que tive foi com uma mulher rígida de 80 anos que, devido ao meu amor ingovernável, não pôde deixar de ser afetada e no decorrer das horas seguintes começou a se comportar como uma adolescente amorosa. Assim, ambos ficamos um pouco abatidos quando a intoxicação desapareceu. Entre as coisas mais belas que você experimenta como vagabundo estão, no entanto, tais relacionamentos com

pessoas idosas que de uma forma ou de outra você consegue evitar na vida normal. Eles são o grupo mais harmonioso para o vagabundo, pois - ao contrário das pessoas que trabalham - vivem com o mesmo senso de tempo que o vagabundo e, além disso, podem dar à sua viagem sua importante quarta dimensão: a perspectiva histórica. Quando você ouve declarações deles como “O que este país precisa é de outra grande depressão para nos reunir a todos novamente” você experimenta a enorme alienação que faz com que estar junto com o vagabundo seja tão importante para estas pessoas.

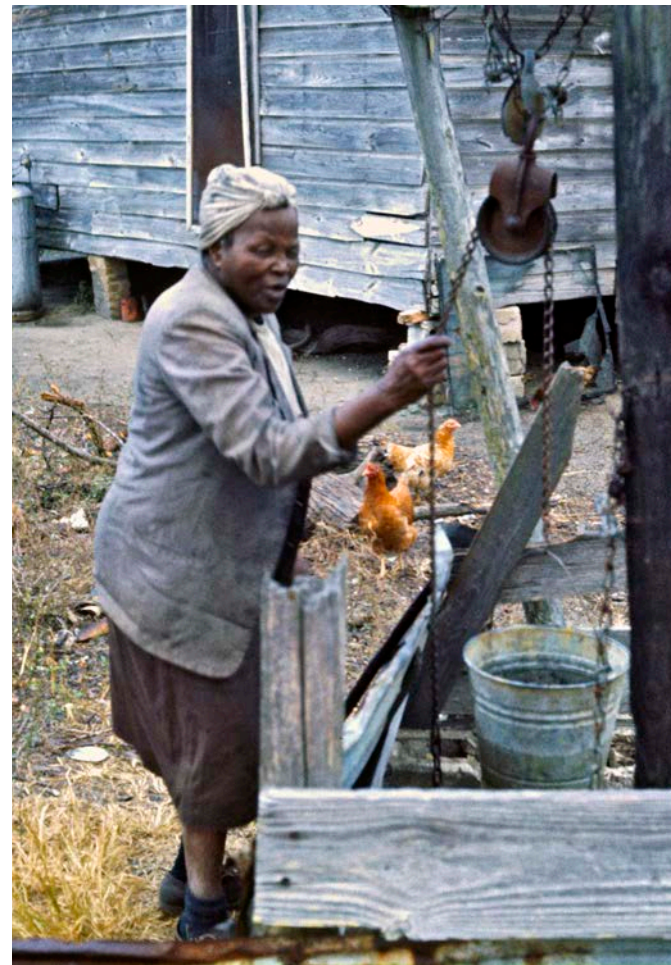
Mas os hiperativos podem matá-lo com seus saltos psíquicos! Na Flórida, um homem rico de 72 anos, o famoso “Wild Bill” Gandall, me pegou. Quando ele soube que eu fotografiei, fez de mim seu fotógrafo particular. Ele queria que eu expusesse os “ricos imundos” em Palm Beach e me levou para as festas mais exclusivas, onde chafurdamos em champanhe, mulheres e multimilionários. Imediatamente depois, ele me levava a mim e a presentes luxuosos para as favelas negras em West Palm Beach ou para os acampamentos de escravos fora da cidade. Então, no momento seguinte, ele estaria dirigindo para denunciar estas condições “criminosas” à polícia, aos tribunais e às prefeituras. Das seis da manhã às duas da noite, ele invadiu e se enfureceu com as injustiças. Se estivéssemos perdidos, ele pararia em qualquer lugar para pedir orientações. Uma noite ele estava do lado de fora de uma igreja suburbana cheia. Ele entrou correndo, parou o culto, me apresentou como filho de um ministro da Dinamarca, depois proferiu um sermão de indignação trovejante, após o qual conduziu o coro. Depois de meia hora a congregação ficou em ataques de riso e de repente ele se lembrou de sua verdadeira missão e mandou os frequentadores da igreja para seus carros para obterem mapas, após o que um grande círculo ficou no chão da igreja para encontrar a “Indian Road”. Todos os dias ele tinha novos projetos. Um dia, ele aprendeu com alguns jovens sobre “agricultura orgânica” e se inspirou tanto que começamos imediatamente a adquirir quatro caminhões de esterco dos Everglades a fim de transportá-lo para sua propriedade nas Bahamas. Após uma semana como esta, fui totalmente derrotado pela falta de sono e de proporção e tive que partir. Oh, como eu desfrutei novamente da liberdade na rodovia!

Mas o próximo passeio foi com uma mulher de 82 anos que estava tão hiper-ativa que só dormiu a sesta enquanto eu dirigia de fato. Se ela não tivesse me mandado para a Filadélfia alguns dias depois para pegar um de seus carros e me deixasse usar seu cartão de crédito para convidar meus pobres amigos dos campos de algodão e tabaco, além de passar à deriva e pedir carona para os melhores restaurantes no caminho de volta para a Flórida, ela poderia muito bem ter me desgastado completamente.

*Carta para Mog, um amigo americano.*



1973 - Orangeburg County, SC



1973 - Orangeburg County, SC



1973 - Orangeburg County, SC

Uma razão pela qual nunca me canso de viajar pelos Estados Unidos é que é o único país que conheço onde se pode dar tais saltos psíquicos quase diariamente. Às vezes, quando eu vivia, por exemplo, com uma pobre mãe social em um gueto do norte, eu ia de carona para o norte da cidade, onde vivem os ricos, a fim de não sobrecarregar seu orçamento alimentar. Muitas vezes eu era pego por um homem de negócios rico, e quando o entretinha com minhas histórias de viagem, ocasionalmente era convidado para jantar em sua grande casa com ar condicionado central. Durante o jantar eu contava como a mãe com três filhos no gueto raramente podia pagar uma comida decente. Se eu estivesse com uma família conservadora, mais cedo ou mais tarde eles diriam que eu era certamente bem-vindo a viver com eles para que eu não tivesse que voltar a essas condições. Mas as famílias liberais geralmente me carregavam com alimentos caros do freezer e me levavam até a fronteira do gueto e me davam dinheiro para um táxi no resto do caminho. “Lá vem Robin Hood”, eu diria e riria orgulhosamente quando voltasse para casa. Sendo um bom vagabundo, aprendi, é uma questão de dar e receber. Um médico em Skokie me deu oito assados para uma mãe social no sul de Chicago, e um homem de negócios no norte da Filadélfia me deu um grande saco de fichas para que o filho da minha família no sul da Filadélfia não tivesse que caminhar até a Temple University.



1973 - Orangeburg County, SC

Raramente encontrei a mesma compaixão efusiva pelos pobres do Sul, mas também lá experimentei saltos psíquicos.

Uma manhã eu estava cortando lenha para esta mulher de 104 anos na Carolina do Sul. Ela e sua filha de 77 anos, Scye Franklin, geralmente tinham que cortar sua própria lenha. Sua barraca se parecia com as casas medievais do Museu ao ar livre em Copenhague, embora tivesse um poço (muitos não tinham). O marido de Scye tinha 97 anos, e os três dormiam na mesma cama para se manterem aquecidos quando a lareira ficava fria pela manhã. A casa deles era propriedade do proprietário branco (que vivia atrás das árvores nas traseiras), a quem pagavam 30 dólares por mês.

Desde então, quando eu pegava carona e mostrava minhas fotos aos motoristas, eles diziam: “Você deve ter tirado estas fotos nos anos 60”. Eu diria: “Bem, venha visitar meus amigos naquela barraca ali mesmo nos campos”. Eles se sentavam com a família de Scye, olhando para baixo com descrença e vergonha para as amplas fendas no chão dela, depois davam a ela alguma comida e a mim alguns dólares por minha fotografia.

Estas doações me permitiram dar palestras durante os próximos 40 anos, e muitas vezes eu trouxe meus estudantes ricos e amigos - como a multimilionária Anita Roddick (proprietária da cadeia de cosméticos The Body Shop) - para visitar meus amigos nas barracas, mesmo depois do ano 2000. Anita mais



1994 - Anita Roddick no condado de Bullock, AL

tarde enviou-lhes grandes cheques e escreveu sobre eles seus livros: “A pobreza nos envergonha a todos”. Tentei ver se o The Body Shop poderia montar uma iniciativa econômica em pequena escala dentro das comunidades que visitamos”. O encontro entre o super-capitalista e o sub-proletariado é sempre gratificante para ambas as partes.



1974 - Washington, NC



1974 - Washington, NC



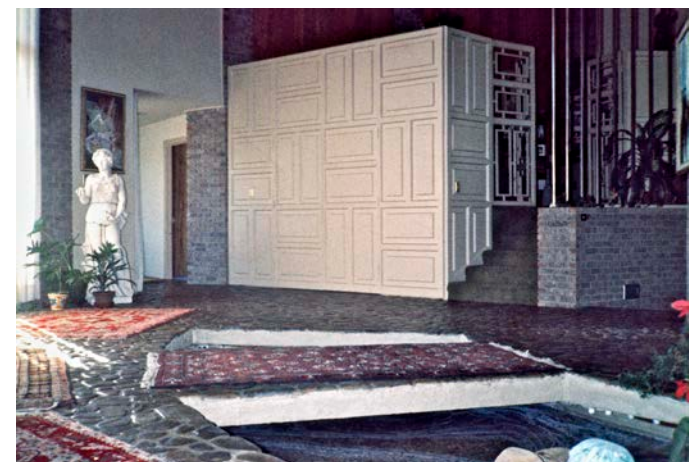
1974 - Washington, NC



1978 - Washington, NC



1974 - Washington, NC



1974 - Washington, NC

Mudar de ambiente tão rápido pode ser chocante quando a distância física é de apenas alguns quilômetros. Mas quando você perambula por muitos anos, você percebe que tal vagabundagem psíquica é necessária para sua sobrevivência. Tendo sido moldado por um ambiente dinamarquês de classe média, achei avassalador viver inteiramente em casas de gueto por muito tempo com sua superlotação, ruído constante e opressão psíquica. Depois de um tempo, achei necessário procurar casas mais abastadas onde pudesse passar alguns dias em meu próprio quarto e ter paz de espírito. Mas logo me aborreci aqui e encontrei meu caminho de volta para as casas do gueto.

Em Washington, NC, eu vivia em quatro casas negras, três delas sem eletricidade ou água corrente. Quando fiquei com esta jovem mulher, Cay Peterson (ao lado da lâmpada de querosene), tive que dormir a noite toda em uma poltrona, já que ela estava

dormindo em um sofá com um bebê. Não havia mais espaço. Minha situação foi ainda pior na noite seguinte em uma barraca de espingarda onde a mãe gritou a noite toda em um soprano perfurante com seu filho, James Paige, porque ele havia trazido um branco para dividir sua cama. Eu escondi sua pistola em uma pilha de roupas por medo de que a usassem uma contra a outra. Em outra barraca, fui expulso por um vizinho zangado que odiava brancos. Era difícil entender esta constante rejeição por parte da maioria dos negros, que se recusavam a deixar um branco entrar pelas portas. A princípio, não vi que esta era uma reação natural à nossa própria rejeição dos brancos quando, precisamente nesses mesmos anos, empurraramos ativamente milhões de negros para os guetos. “Você não deve confraternizar com o opressor”, disse nossos marginalizados, vistos em paralelo hoje entre os muçulmanos marginalizados da Europa.

As condições nestas casas eram tão miseráveis que no final eu andava com uma constante dor de cabeça por causa da fome e da falta de sono. Uma noite eu estava tão doente e sobrecarregado de cansaço que me vi a caminho da prisão municipal na esperança de poder passar a noite ali - uma fuga que eu nunca havia procurado antes. Mas, como sempre, quando fui exposto à dor e ao sofrimento, as portas do céu se abriram. Sem esta crença quase religiosa, o vagabundo não pode sobreviver. Pouco antes da prisão, uma jovem mulher branca me pegou e me levou para o lar mais luxuoso em que eu já vivia há muito tempo. Havia quadras de tênis privadas e campos de golfe tão grandes quanto metade do gueto daquela cidade, uma piscina coberta - até mesmo aviões e veleiros. Nas casas do gueto, eu tinha conseguido ouvir todos os sons, sejam externos ou privados, através de paredes finas de papel.

Aqui tínhamos um interfone para nos comunicarmos entre as diferentes seções da casa. Havia até mesmo um viveiro de peixes coberto tão grande quanto algumas das piscinas dos barracos quando chovia. De onde tinha vindo toda essa abundância? A resposta nem sempre é tão simples, mas as pessoas me disseram mais tarde que o pai da mulher, um advogado, era dono de muitos dos barracos do gueto degradados desta cidade, uma cidade onde 60% viviam abaixo do nível de pobreza. Eu me perguntava como tinha acabado em sua casa justamente quando a miséria que ele ajudou a criar no gueto praticamente me levou à prisão. Novamente, senti a acusação dos negros de meu privilégio branco e como tudo na sociedade nos força a imigrar para o lado branco do padrão de opressão nos EUA.



1992 - New Orleans



1974 - New York, NY



1975 - com Joan Little, Raleigh, NC



1975 - Angela Davis em Oakland, CA



1975 - San Francisco

Outros não tiveram tanta sorte. Naquele momento, uma mulher negra cuja família eu conhecia estava sentada na cadeia da cidade. Ela havia sido estuprada pela guarda da prisão branca e logo se tornou mundialmente famosa porque ela, Joan Little, matou o estupro. O estupro de negros brancos não é incomum no Sul, mas era surpreendente que Joan Little tivesse tido a coragem de matar seu estupro. Sem uma grande campanha de direitos humanos, ela teria sido condenada à morte neste estado, onde até mesmo o roubo era punível com a morte.

Em todo o mundo, as crianças nascem com a mente aberta e amorosa, com apetite pela vida. Mas nos Estados Unidos esta maravilhosa inocência é brutalizada desde cedo pela mensagem prejudicial e incompreensível do governo - que é justo tirar a vida de outra pessoa! Esta brutalização eles reencenam mais tarde na vida, onde a violência aumenta, enquanto que na Dinamarca ela diminuiu quando abolimos a pena de morte.

Os saltos psíquicos que eu havia dado na cidade natal de Joan Little haviam me dado, por coincidência, uma visão das condições econômicas prévias para a supremacia dos brancos. Tais viagens de contraste são necessárias para ver claramente a sociedade. Não posso, por exemplo, ficar muito tempo nos lares brancos antes

de começar a ver com os olhos deles, para ver os “negros” como inferiores. Opressores de todo o mundo desenvolvem esta visão devastadora daqueles que eles prejudicaram.

Eu sempre tento estar aberto a essa lavagem cerebral, pois se você não se permite entrar na visão de mundo do opressor, você não tem oportunidade de amá-los e entender a dor que sentimos quando, como crianças abertas e amorosas, aprendemos a desumanizar nossos vizinhos mais próximos. Sem entender nossos motivos mais profundos e nossa dor, eu não seria capaz de entender por que o racismo continua geração após geração, apesar de nosso elevado ideal de “amar o próximo”. Nos meus anos de vagabundo, no entanto, consegui sair dessa lavagem cerebral e voltar à cultura negra.



1974 - Washington, NC

## Credo

Prezada Edwina.

Finalmente cheguei a uma casa com uma máquina de escrever, o que me dá a chance de contar um pouco sobre o que aconteceu desde a última vez que estivemos juntos. Acabei morando com duas jovens mulheres brancas aqui em Greensboro. Elas estão me tratando como se eu tivesse ido para o céu, o que tem um efeito esmagador sobre mim após as últimas semanas de existência de um abrigo. Uma delas, Diane, é modelo e criminóloga do tipo esquerdista, e gosta tanto das minhas fotos que ela fará tudo o que estiver ao seu alcance para que eu tenha dinheiro para comprar mais filme. Terei que esperar pelo menos meio ano, mas ela prometeu que até lá, até lá, ela vai recolher algum dinheiro para mim, dizendo às pessoas que ele será usado para um lar para crianças deficientes ou algo assim. Acho que parece um pouco desagradável, mas ela diz que pode ser que isso lhes ensinará que é tarefa do governo proporcionar tais direitos humanos, e não algo que deveria ser deixado à caridade privada. Bem, duvido que ela seja realmente capaz de coletar qualquer coisa para mim. Toda vez que tive esse tipo de pequena esperança, fiquei desapontado. Acho que ainda tenho que me contentar com a venda de sangue e com os pequenos presentes de dinheiro que recebo na estrada, entretendo as pessoas com minhas fotos e experiências. Na semana passada eu tive uma renda de nove dólares, que é a melhor de sempre: cinco dólares de um vendedor interessado que me pegou, dois dólares de uma mulher negra na churrasqueira do pai do Tony e dois dólares de um cara da Virgínia Ocidental que achou interessante minha foto dos drogados com a Capital ao fundo e a comprou. Incluído no negócio estava sua lancheira que continha três pernas de frango.

Agora, desde que mandei fazer meus livros de fotos, isso me deixa tão feliz cada vez que experimento esse tipo de reação positiva. Mas isso também me assusta um pouco às vezes. Em um lugar, uma mulher começou a chorar quando viu minhas fotos, e eu não sabia o que fazer. É estranho com os americanos. Eles viveram no meio deste sofrimento toda a vida sem pensar e, de repente, quando o vêem congelado em uma fotografia, podem começar a chorar. Alguns me acusam de embelezar o preto, eu simplesmente não o entendo; eu os fotografo exatamente do jeito que os vejo, e uma fotografia não mente, não é mesmo?

Mas quanto mais penso sobre isso, mais percebo que esta paralaxe na maneira como vemos os negros deve ser devida ao fato de eles terem vivido nesta relação de mestre-escravo por tanto tempo que simplesmente não são capazes de ver os negros como seres humanos.

Mas quando os brancos do Sul, no entanto, reagem positivamente às minhas imagens, acredito que é porque na realidade eles estão infelizes em ver com esses olhos “mestres”. Eles estão ansiosos para se tornarem humanos, e no momento em que eu posso “provar” a eles que os negros são humanos e não escravos, crianças eternas ou sub-humanos, isso os torna humanos e não mais mestres ou super-humanos ou o que quer que seja. Se eu não interpretar desta maneira, como então devo explicar que mesmo os piores racistas aqui em baixo me dão dinheiro de vez em quando, embora murmurando algo ou outro sobre como eles pensam “é engraçado como eu ando por aí fotografando pretos”. Tenho que admitir que muitas vezes parece difícil quando tento retratar a relação mestre-escravo como uma instituição para não acabar retratando como se as pessoas neste sistema realmente tivessem esta “natureza”.

Muitas vezes sinto que minha própria visão fica contaminada por este veneno furtivo no Sul, porque coloco grande ênfase no respeito à dignidade destas pessoas, especialmente das pessoas mais velhas. Eles viveram nesta tradição de mestre-escravo toda a vida, e tanto para os negros quanto para os brancos, sinto que lhes faria violência tentar arrancá-los desta tradição (embora as gerações vindouras devam absolutamente evitar este paralisação da mente). Eu, portanto, nunca tento impor meus pontos de vista a eles, mas tento entender seus pontos de vista e aprender com eles. Justamente porque desde o início respeito sua dignidade, muitas vezes construo com eles amizades tão fortes que, através dessas amizades, posso fazê-los respeitar e aprender do meu ponto de vista. Como um vagabundo do Sul, é absolutamente essencial ser capaz de se comunicar através da amizade ao invés de incitar hostilidade e confronto.

Mas se você for capaz de fazer isso - e até receber amor e admiração constantes, como eu tenho sorte, ou quase diariamente ouvir frases como “Eu te invejo” ou “Você sabe que você é uma pessoa muito sortuda”? - então você está caminhando por uma linha fina onde você facilmente se enrosca na lama com sua internalização.

Esta lacuna entre minha realidade utópica (o amor das pessoas ao vê-las como pessoas em uma sociedade livre) e minha realidade real (amar as pessoas como elas estão em sua condição atual de não-livre) é tão difícil de superar quanto um rio que cresce constantemente mais e mais, de modo que você lentamente perde de vista a outra margem utópica, enquanto você aos poucos se afoga na lama em sua própria margem. Entretanto, parece que se você interpretar “a lama” (a realidade real) deste lado do rio corretamente

(isto é, se você escavar até os anseios mais profundos das pessoas, mesmo que elas ainda não vejam as conexões entre tudo isso), então elas lhe darão o material que lhe permitirá construir uma torre de marfim tão alta e bonita que você poderá sentar-se lá em cima e dizer às pessoas na margem abaixo de você como a outra margem parece agradável.

Mas como você mesmo não tem nenhum contato pessoal com a outra margem - um contato que poderia ter mudado seu próprio caráter e toda a sua alma - não há como comunicar sua visão às pessoas abaixo, uma vez que elas não vêem nenhuma evidência de que você mesmo tenha sido realmente “tocado” ou mudado. Pois as idéias visionárias não necessariamente o tornam mais amoroso e compassivo do que aqueles que lutam para ajudar uns aos outros a manter a cabeça acima da lama (o desafio para a maioria dos americanos de hoje). Eles logo esquecem a mensagem de sua história, mas acham a própria história de minhas fotos não americanas tão interessante, que lhe permitem construir a torre de marfim ainda mais alta e reforçá-la e embelezá-la. Na frustração e na depressão por não poder comunicar-lhes sua mensagem, você fica cada vez mais inseguro e tem uma maior necessidade de reconhecimento e admiração pela torre de marfim que você construiu - ainda mais do que pelo reconhecimento deles do motivo pelo qual você originalmente a queria construir. Finalmente você fica tão confuso e inseguro que só o reconhecimento da torre em si, de sua beleza e forma, conta para você. E você a constrói cada vez mais alto, até chegar àquelas alturas cínicas onde você não pode mais ver nem o seu próprio banco nem o banco oposto, e eles começam a ser parecidos.

Além disso, agora você atingiu tal altura que perde o contato com as pessoas de seu próprio banco também e decide enviar sua torre de marfim em forma de livro para que as pessoas tenham algo com que se entreterem lá na lama. Embora o que você realmente começou a fazer foi construir uma ponte para o banco utópico oposto, você acaba construindo uma torre em seu próprio banco. Em vez de ajudar as pessoas a sair da lama, na realidade você está piorando a situação delas, pois agora você lhes deu algo para ficarem felizes ou para chorarem bem onde estão e assim você está reforçando esta margem lamacenta do rio.

Além disso, sua torre de marfim é moralmente repreensível precisamente porque está construída sobre uma fundação de lama: seu trabalho artístico é o resultado direto da exploração das pessoas que você tinha originalmente em mente para ajudar, e quanto mais alta sua torre se torna, mais você se afasta do sofrimento delas. São pensamentos como estes que me deixaram cada vez mais deprimido nos últimos

meses. Ouço constantemente as pessoas dizerem: “Como invejo você que pode viajar assim entre os negros”, ou algo assim, e percebo que já me distanciei tanto da lama. E é quando percebo, apesar deste anseio, a impossibilidade de fazer uma ponte, que posso ficar tão desesperado que sinto que a arma deve ser minha verdadeira arma e não a câmera. Mas imediatamente surge a questão de saber em que direção eu atiraria, já que eu - como você sabe - sinto que todos estão igualmente atolados nesta margem do rio - e, portanto, tanto culpados quanto inocentes ao mesmo tempo. Onde está o produtor da chuva que criou a poça de lama? E, portanto, continuo caminhando aqui na lama, tentando apenas manter minha câmera limpa o suficiente para que ela possa registrar as vítimas - sem realmente acreditar em mim mesmo que ela alguma vez será de alguma utilidade.

Bem, mas o que eu realmente queria lhes dizer era um pouco sobre o que aconteceu desde que nos separamos. Uma das primeiras pessoas que me pegou foi um empresário judeu rico (os judeus estão sempre me pegando para me agradecer porque a Dinamarca salvou vários judeus durante a guerra, embora eu nem tivesse nascido naquela época e apesar de sentir cada vez mais que sou tão americano quanto dinamarquês). Ele não tinha realmente vontade de me levar para casa, pois estava completamente nocauteado, em parte porque seu negócio estava indo mal e em parte porque seu irmão estava morrendo de câncer. Ele estava fortemente sob a influência de tranquilizantes, mas percebeu que precisava de alguém com quem conversar e, portanto, me levou para casa, para sua esposa. Foi uma experiência muito poderosa para mim. Completamente abalados, eles esperaram de momento em momento por uma ligação do hospital dizendo que o irmão estava morto, e contra este fundo sombrio minhas fotos causaram uma impressão enormemente forte neles. Quando saí na manhã seguinte, eles me agradeceram muito e ele tentou dar expressão à experiência com lágrimas correndo pelas bochechas, citando “Eu costumava chorar porque não tinha sapatos até encontrar um homem que não tinha pés”. Antes de eu sair, ele me comprou 15 rolos de filme.

De Filadélfia, fui então para Norfolk para passar a noite em meu caminho para o sul. Andei pelo gueto procurando um lugar para ficar e conversei com algumas das velhas mulheres que andavam com seus carrinhos de mão para coletar lenha nas ruínas do gueto. Uma delas me disse que agora ela podia pagar apenas quatro caudas de porco por dia em vez de cinco por causa da inflação. Foi estranho ouvir isso na sombra da maior base naval do mundo. Acabei ficando com uma mãe negra solteira de 32 anos. Ela não era do tipo que normalmente me convidava a entrar, mas seu tio

tinha me levado ao seu apartamento para me mostrar como seu teto estava vazando, na esperança de que eu fosse um jornalista que conseguisse que a cidade o consertasse.

Quando ele saiu, eu continuei com a mulher tão bem que ela me deixou ficar. Ela tinha acabado de ter seu primeiro filho e foi uma experiência maravilhosa vê-la passar quase todos os minutos cuidando dele. Eu fiquei horas sentado observando. Ela também era profundamente religiosa, e quando o bebê estava dormindo, nós nos sentávamos orando juntos ou ela me lia em voz alta da Bíblia enquanto segurava minha mão. Ela ficava sentada ali por muito tempo olhando para uma imagem de Jesus bem debaixo do teto pingante com um olhar tão intenso e cheio de amor que eu ficava muito emocionado. Depois de alguns dias na cidade, desci para Washington, Carolina do Norte, chegando logo após o anoitecer. Andei a noite toda procurando abrigo para a noite, mas todos tinham medo de mim, pensando que eu era um “homem do mato” (policial à paisana). Primeiro um homem disse que eu poderia ficar na casa de seu tio no sofá. Ele me levou para uma velha barraca pintada de vermelho, que estava imunda e sem luz. Seu tio saiu com uma lâmpada de óleo na mão e ficou extremamente irritado e usou seu bastão para demonstrá-lo, mas conseguimos entrar e eu consegui colocar algumas pernas de frango velhas em um prato sujo naquele canto da barraca que servia de cozinha, embora não houvesse água corrente. Mas o velho ainda estava zangado e a situação piorava cada vez mais, e finalmente ele me jogou fora com seu bastão. Ele não ia ter nenhum branco em sua casa, ele trovejou. Então ele pegou grandes tábuas e tábuas e as pregou na frente das janelas e portas por medo de que eu entrasse, e saiu na escuridão, ainda gritando e gritando. Ele não tinha confiança nos brancos. Mais abaixo na rua, uma mulher telefonou de um alpendre, oferecendo-se para compartilhar uma lata de cerveja. Mais tarde, enquanto eu estava sentada tentando conversar com seu marido doente, que estava em uma cadeira de rodas e não conseguia falar, notei que ela olhava para uma imagem de Cristo na parede. Um tempo depois, ela me indicou que eu deveria entrar no quarto incrivelmente bagunçado lá atrás. Eu me perguntava o que o marido estava pensando sobre isso, incapaz de dar um passo. Lá, ela primeiro me abraçou, me encarando com grandes olhos lacrimejantes. Depois de repente ela caiu aos meus pés, e enquanto segurava meus tornozelos, beijou meus sapatos sujos, sussurrando: “Jesus, Jesus”.

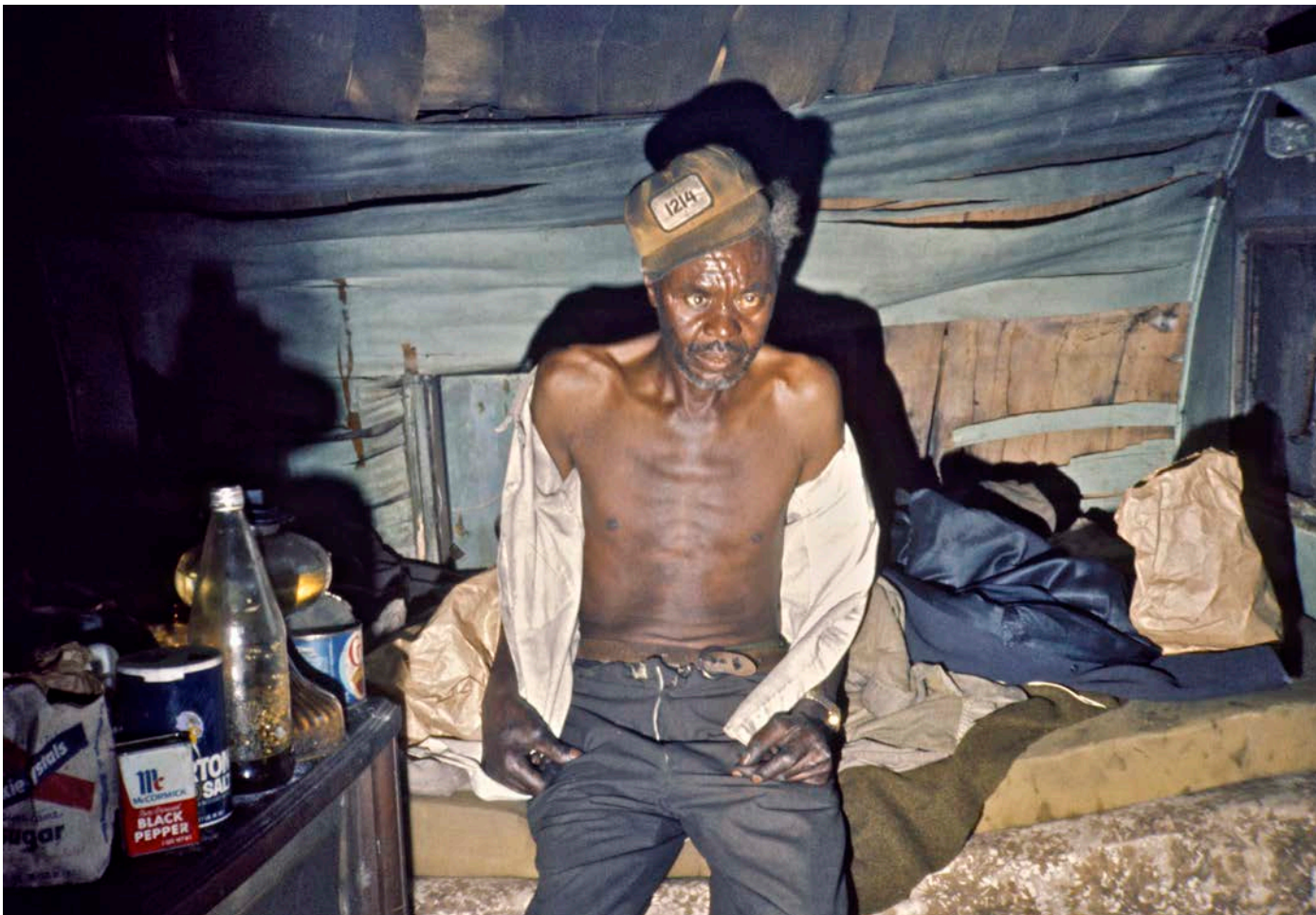
Como você sabe, muitas vezes me confundi com Jesus entre os negros do Sul por causa do meu cabelo (que é uma das razões pelas quais guardo minha barba trançada), mas na maioria dos casos seu senso de humor nos permite rir juntos de sua identificação com Jesus. Você provavelmente verá



1973 - Norfolk, VA

isso como mais um exemplo da identificação do “escravo” com o “mestre” ou até mesmo do seu fascínio direto por ele. O que quer que esteja por trás disso, provavelmente é de alguma ajuda para eu quebrar a barreira da raça. Mas em uma situação tão chocante como esta, eu simplesmente não tinha idéia do que dizer, pois não sabia se seria errado sacudi-la de sua experiência religiosa. Procurei uma citação bíblica adequada... a futilidade da mulher samaritana bebendo do poço de Jacó... mas não consegui chegar a uma palavra em meus lábios. Fiquei ali por mais de uma hora antes de ter a coragem (crueldade) de quebrar o transe dela. Foi uma experiência tão forte que eu não senti que poderia passar a noite ali.

Enquanto vagueava pelas ruas novamente, por volta das dez horas conheci uma jovem mulher negra que devia estar um pouco bêbada, pois ela perguntou logo se não podíamos ser amigas (incomum pela minha experiência de mulheres negras no Sul). Ela disse que se eu pudesse encontrar um lugar para ficar naquela noite, ela viria ficar comigo. Eu duvidava que funcionasse, mas entramos em um desses “charros” do Sul (speakeasies) e conversamos com a prima dela sobre possíveis lugares. De repente, ela começou a me



1974 - rural La Crosse, FL

beijar loucamente por toda parte e perguntou docemente: “Você é um hippie? Eu disse que não, mas ela não entendeu. Na verdade, este lugar não era o lugar mais seguro para se sair. Ao nosso redor, no escuro, podíamos ver dificilmente 15 a 20 “super moscas”. Alguns deles vieram e me avisaram em tom amigável que era um lugar perigoso, mas eu respondi com convicção: “Não tenho medo de nada”, o que geralmente os impressiona, já que eles mesmos têm medo de sua própria sombra nestas articulações.

Mas depois o inferno se soltou. Alguém deve ter dito ao cara que a mulher estava “acorrentada” comigo, pois de repente ele entrou correndo com uma faca grande e foi primeiro pela mulher. Felizmente ele não usou a faca, mas bateu na pobre mulher em pedaços, bateu na cara dela e lhe deu uma surra de verdade, pior do que eu tenho visto em meses. Devo ter tido bastante sangue frio naquela noite, agora que penso nisso, porque imediatamente puxei minha câmera para fora e tentei prender o flash, mas só então dois caras vieram correndo e me agarraram: “É melhor você ir embora daqui. Quando ele terminar com ela, ele vai atrás de você”. E eles praticamente me levaram para fora do lugar. Eu nunca mais vi a mulher. Embora eu tenha visto este tipo de coisa com tanta frequência, fiquei mais chateado, porque de alguma

forma eu mesmo tinha sido a causa disso. Com meu status de opressor percebido, é se eu não posso alcançar relações humanas mais profundas sem me tornar nem vítima nem executor. Na maior parte das vezes sou uma vítima (de compreensível rejeição), mas como sempre tento sair com as pessoas, acontece de vez em quando que cruzo a linha invisível que separa a vítima do verdugo. Isto eu odeio, porque sou obrigado a tomar as coisas em minhas próprias mãos em vez de deixar que outras pessoas dirijam as coisas. Mas não cheguei tão longe nesta noite, e começo a temer que me tornei tão endurecido gradualmente que perdi meu próprio poder de vontade. Talvez tenha sido este pensamento que me incomodou e me fez reagir de forma diferente do que de costume mais tarde naquela noite. Pois quando eu tinha andado por mais duas horas, finalmente consegui ter um teto sobre minha cabeça com dois vagabundos velhos. Eles estavam bêbados como o inferno, e havia uma confusão incrível. Eles não podiam nem comprar querosene, então não havia luz. Nós os três deveríamos dormir em uma cama. Havia polegadas de sujeira debaixo dela e a cada 25 minutos um de nós tinha que se levantar para colocar lenha no fogão, já que estava muito frio. No início eu estava dormindo entre eles, mas depois percebi que ambos eram homossexuais. Então me mudei para o lado da parede para que eu só tivesse

um para lutar, mas ele acabou sendo o mais excitado. Nesse tipo de situação eu normalmente me resignaria ao que quer que acontecesse, mas esta noite não me apeteceu, talvez por causa da experiência anterior naquela espelunca. Ele era o que se poderia chamar de um “velho sujo” com restolho e baba, mas não era essa a razão. Eu já passei por coisas muito piores do que isso. Provavelmente tinha acabado de chegar ao ponto em que estava cansado de ser usado por homens homossexuais. Odeio magoar as pessoas, mas suponho que esta noite eu estava tentando provar para mim mesmo que ainda tinha pelo menos alguma força de vontade. Por isso, deitei-me de lado com meu rosto encostado à parede. Mas ele estava arranhando e rasgando tão forte minhas calças que eu tinha medo que elas rasgassem, e como é o único par que tenho, eu não podia me dar ao luxo de sacrificá-las. Então eu me virei com o rosto voltado para ele, mas ele continuou e pressionou sua grande tesão contra minhas costelas e começou a me beijar por toda parte - beijos que cheiravam a vinho de maçã da Fazenda Boone. O pior foi que ele continuava sussurrando coisas no meu ouvido como: “Eu te amo”. Eu te amo”. Oh, como eu te amo”. Bem, isso talvez fosse verdade naquele momento, mas me deixou louco ao ouvi-lo. Como você sabe, sinto que, especialmente entre os negros, esta palavra tem sido usada em excesso. Acho que não é algo que se possa dizer na primeira noite em que se vai para a cama com alguém. A única coisa que faltava era ele dizer: “Oh, você simplesmente não gosta de mim porque sou negro”. Mas, felizmente, fui poupado dessa. Bem, ele finalmente recebeu sua chupeta, mas isso não o satisfaz, pois ele era o tipo de homossexual que vai para a popa. Ele ficou cada vez mais excitado e finalmente ficou tão excitado que eu me senti realmente culpado, mas mesmo assim não dei nem mais um centímetro. Ele tentou e tentou. Finalmente ele destruiu o lindo cinto de couro que você me deu naquela época em que eu não conseguia mais manter minhas calças para cima. Fiquei tão furioso que agarrei seu grande canhão com ambas as mãos e o virei com força para o outro cara que roncava como um navio a vapor. “Por que vocês dois não se divertem um com o outro e me deixam em paz? Eu quero dormir”. Mas não ajudou, então a luta continuou a noite toda comigo a cada cinco minutos virando o canhão na outra direção (cerca de quatro vezes entre cada nova carga de lenha).

Finalmente o cara saiu por volta das oito horas e eu consegui dormir algumas horas. Mais tarde, no final do dia, o encontrei no café local. Ele veio e perguntou se eu estava com raiva dele. Eu disse: “Claro que não, nós ainda somos bons amigos. Eu estava tão cansada ontem à noite”. Ele ficou tão contente que começou a dançar por aí, fazendo todos rirem dele. Ele era um dos proscritos entre negros

e brancos. Eu estava muito triste, porque sentia que tinha destruído algo dentro de mim. Senti uma profunda irritação que não tinha sido capaz de lhe dar amor. Aos seus olhos, eu era uma espécie de grande fã e o teria feito feliz se eu tivesse me dado plenamente. Havia apenas uma coisa ou outra dentro de mim que se “cliquou” naquela noite, então todo o dia seguinte eu senti uma profunda aversão por mim mesmo. Estou constantemente encontrando muitas falhas em minhas relações com as pessoas, mas o pior é quando minhas falhas ferem essas pessoas, que já estão feridas e destruídas de todas as maneiras possíveis pela sociedade que as cerca.

Se eu não pudesse constantemente dar um pouco de amor a tais perdedores, simplesmente não seria capaz de ficar viajando tanto tempo quanto eu. A única coisa que tem algum significado para mim em minha jornada é estar junto com essas almas solitárias e naufragadas. Meu hobby fotográfico é realmente, quando tudo é dito e feito, nada mais é que uma exploração do sofrimento, que provavelmente nunca virá a contribuir para aliviá-lo. Mas ainda não posso deixar de registrá-lo, porque de uma forma ou de outra ele deve sair para o mundo exterior. Essa força que tenho por estar junto com esses perdedores extremos, e o amor que frequentemente recebo deles, é o que, apesar de tudo, me dá uma pequena esperança de que minhas fotos possam falar até mesmo com os vencedores da sociedade. Que, no entanto, reagi tão negativamente que a noite também pode resultar do fato de que tive recentemente uma experiência semelhante que me feriu profundamente. Foi no mesmo dia em que o deixei em Plainfield. Um dos primeiros que me pegou na estrada em Nova Jersey foi um cara branco na casa dos cinquenta ou sessenta anos. Ele imediatamente começou a falar sobre como sempre tinha sido a ovelha negra da família e até usou a expressão “velho sujo” sobre si mesmo. Muitas vezes vejo esse ódio por si mesmo entre os homossexuais mais velhos e ressoo com esse sentimento, tendo sido a ovelha negra de minha própria família por outras razões.

Ele me pediu para ir para casa com ele e conversar com ele, e eu não pude dizer não, embora tivesse em mente chegar à Carolina do Norte no mesmo dia. Depois de termos conversado o dia todo, ele me levou à noite ao cinema onde ele era o projetorista. Ele estava dirigindo um filme do tipo John Wayne, do costume. No meio do filme, ele começou a acariciar minhas coxas. Não me surpreendeu muito, mas achei tão irônico que o tempo todo ele ficou ali comentando o filme, especialmente as cenas de dois punhos, torcendo por John Wayne: “Dê a eles, nocauteie-os” etc. Como ele poderia se identificar tanto com o assustador universo do



machismo e opressão machista de John Wayne, que mais do que qualquer outra coisa o oprimia ao longo de sua vida e lhe dava esse ódio a si mesmo violento? Durante o intervalo, eu andei pelo grande centro comercial onde o cinema estava localizado. Não importava para onde eu fosse, música plástica estimulante de vendas dos alto-falantes me seguia, e de repente senti um desgosto terrível com a América, que equacionei erroneamente com minha experiência com John Wayne. Mas no meio desse desgosto senti que, mesmo sendo essas pessoas em tal grau seus próprios opressores, tinha que ser possível chegar até eles e libertá-los desse padrão sadomasoquista. À noite, quando voltei para casa para ele, tentei ver toda a beleza que havia nele. Não foi fácil, pois ele era de fato daquele tipo que a sociedade condenou como repulsivo e obsceno, mas com toda a energia que acabava de receber de minha estadia com você, eu tinha um excedente tal naquela noite, que realmente acredito que sentia vislumbres de amor por ele.

Mas então aconteceu o que era para me derrotar. No calor da noite, na cama, minha peruca escorregou e caiu meu cabelo comprido. Eu podia ver claramente seu espanto e desgosto, mas ele tentou segurá-la e murmurou algo no caminho: “Bem, pelo menos você não é um hippie sujo”. (Quando pedia carona e para sobreviver entre brancos conservadores, eu geralmente usava uma peruca de cabelo curto e enrolava minha barba de 17 polegadas de comprimento). Mas a partir daquele momento nossa relação ficou em pedaços e eu não consegui que ele se abrisse novamente. Ele provavelmente teria preferido me expulsar logo ali e depois, mas me foi permitido ficar desde que estava chovendo naquela noite. Embora ele fosse baixo e tivesse pernas curtas e truncadas, ele era tão gordo que eu tive que dormir até a beira da cama e só consegui evitar cair me apoiando a noite toda com uma mão no chão. Portanto, não conseguia dormir, mas ficava ali deitado pensando como é estranho que as pessoas possam ter preconceitos tão fortes que até as levam para a cama com elas. Como ainda estava chovendo na manhã seguinte, eu me perguntava se deveria ficar mais um dia e tentar quebrar o gelo, mas obviamente não era isso que ele tinha em mente. Quase sem murmurar uma palavra, ele me levou até a estrada principal perto de Milltown, onde fiquei na chuva torrencial durante as sete horas seguintes, já que, como você sabe, as pessoas nunca irão buscá-lo quando você mais precisa dele. Você deve estar louco se destacando na chuva, eles pensam. Foi então que o empresário judeu finalmente me pescou. Como você pode entender, eu estava quase tão em baixo quanto ele, embora eu não lhe tenha contado sobre minha experiência deprimente.



1974 - Plainfield, NJ - A família de Edwina em 2005 me visitou na Dinamarca

Bem, vou lhe contar mais sobre Washington, N.C., em uma carta posterior e só terminar dizendo que estou agora na saída da depressão em que eu estava sobre você naquela época, embora a memória de você ainda paira como uma pesada nuvem escura sobre minha jornada. Ainda é um mistério para mim como eu poderia ser tão ferido por nossa relação, e por que ela tomou a direção que tomou. Embora você seja mais jovem do que eu, no entanto, ela se desenvolveu em algo como uma relação mãe-filho, que eu de forma alguma poderia ter imaginado no início do meu amor por você. Sua força e sabedoria não o deixaram ser seduzido por um relacionamento tão irrealista como o nosso teria se tornado. Você pertence à burguesia negra, e embora eu adorasse me atirar em seus luxuosos móveis estofados, eu deveria ter percebido imediatamente que não era o meu mundo. Você ficou fascinado pela minha vida vagabunda e me apoiou em meu projeto com seu sentimento de orgulho negro, mas seu orgulho foi no entanto ameaçado pelo mundo que eu representava. Desde quando seus ancestrais foram educados pelo mestre dos escravos, sua família manteve esta diferença de classe, e não posso deixar de sentir que esta distância psicológica de 1,5 km que você foi criado para sentir entre você e aquele gueto em que normalmente me movo, foi o que realmente destruiu nosso relacionamento. Mas não importa como eu o analiso e tento entendê-lo, é difícil para mim aceitar que termine assim entre nós. O sofrimento que passei em sua casa, nunca mais desejo vivenciar, mas como um vagabundo, tornei-me, no entanto, tão fatalista que acredito que tenha sido bom para alguma coisa, e que me tornará mais fácil me identificar e me tornar um com o sofrimento de outras pessoas, embora, é claro, o sofrimento que vejo ao meu redor nesta sociedade seja de uma natureza muito mais violenta do que o que

vivi com você. Mesmo assim, ainda vou usar a palavra “sofrimento” para descrever o processo pelo qual passei com você. Sem este sofrimento, você não poderia ter me desequilibrado tanto. Desde o momento em que você percebeu que não éramos certos um para o outro e seu amor esfriou até um certo distanciamento, eu experimentei um desespero crescente em mim mesmo. Por natureza não sou muito agressivo, como você sabe, e nem mesmo muito autoprotetor, mas confrontado com sua rejeição inicial, experimentei uma agressão crescente que se tornou cada vez mais insuportável. Com toda sua percepção psicológica, você provavelmente a sentiu. De qualquer forma, ela se acendeu naquela noite, quando me mudei para sua cama sem ser convidado, quebrando assim meu princípio fixo de viajar: nunca violar a hospitalidade das pessoas.

Mas se eu realmente quero ilustrar o desespero psicológico que senti por você em meu amor, um desespero mais forte do que qualquer outro que já senti por uma mulher, então não posso fazê-lo melhor do que deixar a conhecida citação de W.E.B. Dubois descrever meu estado de espírito: “É difícil deixar que outros vejam todo o significado psicológico da segregação de castas”. É como se alguém, olhando de uma caverna escura em um lado de uma montanha iminente, visse o mundo passar e falasse com ele; falasse cortês e persuasivamente, mostrando-lhes como estas almas enterradas são impedidas em seu movimento natural, expressão e desenvolvimento; e como seu afrouxamento da prisão seria uma questão não apenas de cortesia, simpatia e ajuda para eles, mas de ajuda para todo o mundo. Fala-se de maneira uniforme e lógica desta maneira, mas nota-se que a multidão que passa nem sequer vira a cabeça, ou se vira, olha com curiosidade e caminha. Aos poucos penetra nas mentes dos prisioneiros que as pessoas que passam não ouvem; que entre eles e o mundo há uma espessa folha de vidro invisível, mas horrivelmente tangível. Eles ficam excitados; falam mais alto; eles gesticulam. Alguns do mundo que passa param em curiosidade; essas gesticulações parecem tão inúteis; eles riem e passam adiante. Eles ainda não ouvem nada, ou escutam, mas com dificuldade, e mesmo o que ouvem, não compreendem. Então, as pessoas dentro delas podem se tornar histéricas. Elas podem gritar e se lançar contra as barreiras, dificilmente percebendo em sua perplexidade que estão gritando no vácuo sem serem ouvidas e que suas artimanhas podem realmente parecer engraçadas para aqueles que estão de fora olhando para dentro. Eles podem até, aqui e ali, romper em sangue e desfiguração, e se verem confrontados por uma multidão de pessoas horrorizadas, implacáveis e bastante avassaladoras, assustadas por sua própria existência”.

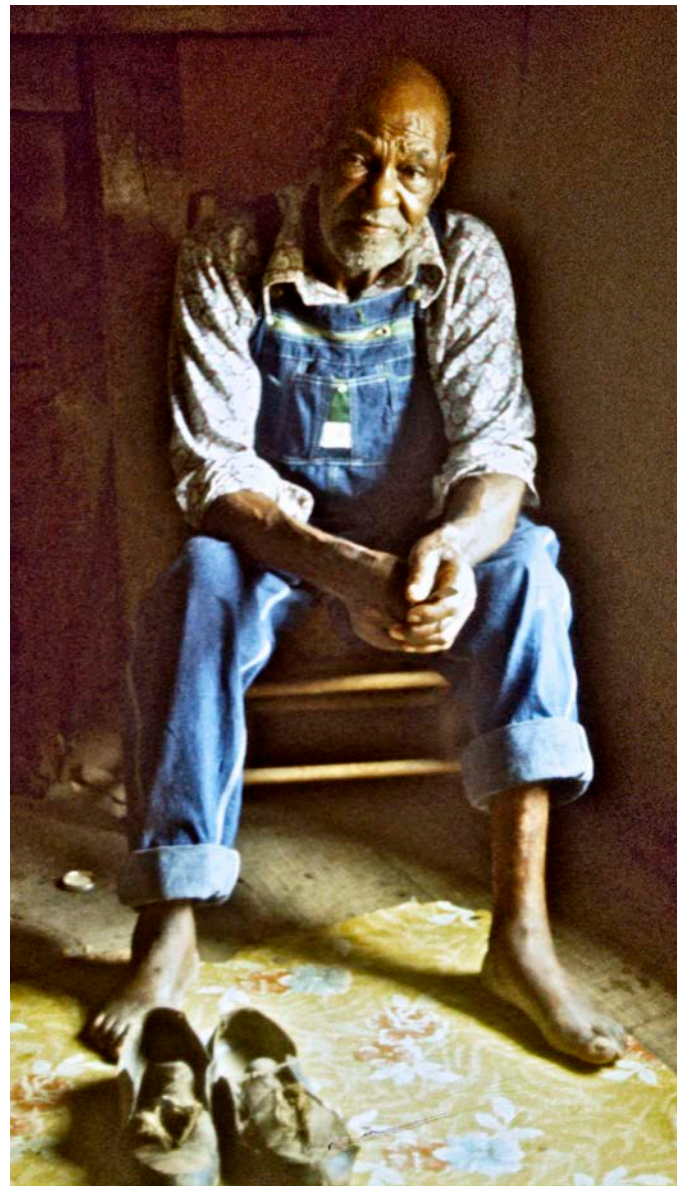
Não acho que esta imagem do meu estado de espírito durante aqueles dias seja muito exagerada, tão insana foi a minha paixão”. Mas me surpreende que, numa fase tão precoce, você pudesse ver como nosso relacionamento era desequilibrado. Um casamento entre nós, quando tudo está dito e feito, teria tido esta barreira de vidro invisível entre nós, comigo dentro da caverna, à qual dediquei tanto da minha vida, e com você por fora. Com toda sua natureza de classe alta você nunca poderia ter vivido a vida que levo na caverna, e que eu tento mostrar ao mundo exterior com minhas fotos. Sei que na minha mente, de uma forma ou de outra, estarei sempre dentro da caverna, enquanto você sabe tão bem quanto eu que estará sempre do lado de fora, apesar de uma certa visão da caverna. Toda vez que eu me aprofundei demais na caverna e me senti perdido, você sempre poderia, com sua sabedoria e profunda percepção humana, explicar-me e colocar tudo em perspectiva. Não era, portanto, surpreendente que você se tornasse cada vez mais uma espécie de mãe para mim, apesar de toda a minha resistência. O que eu temo é que, apesar de sua compreensão da caverna, você ainda tenha sido tão marcado por sua classe que no ponto crítico quando a barreira de vidro for quebrada, quando tudo for dito e feito, você será encontrado entre a multidão horrorizada e implacável. Para evitar isso, temos que continuar trabalhando juntos. Se um casamento entre nós foi irrealista, e para mim na caverna inevitavelmente destrutivo, de qualquer forma não é irrealista que haja uma profunda amizade entre nós. Se você continuar me apoiando e aconselhando, podemos em tal amizade quebrar gradualmente aquela barreira de vidro e construir uma relação de tal força e valor como nossas duas raças terão na América pós-racial, quando nossa luta comum tiver terminado. Através de nossa amizade contínua, posso assim construir a ponte sobre o rio, para que meu trabalho não se torne apenas a torre de marfim de um homem branco. Meu amor por vocês ainda tem mais o caráter de apaixonado do que de amizade. Sua beleza e suavidade, grande afro, sua voz suave e profunda (e materna) e seus doces lábios que costumavam me beijar acordado pela manhã ainda me atormentam em meus pensamentos. Mas assim que eu estiver fora deste estado de espírito cavernoso, talvez em apenas alguns meses, estarei de volta a Plainfield, e poderemos começar a construir nossa amizade - uma amizade sem a qual nunca conseguiremos quebrar as barreiras de vidro e construir uma ponte para uma nova e bela América. Até lá, você continua sendo minha amada, mas distante e inalcançável, Edwina.

*Com amor, Jacob.*



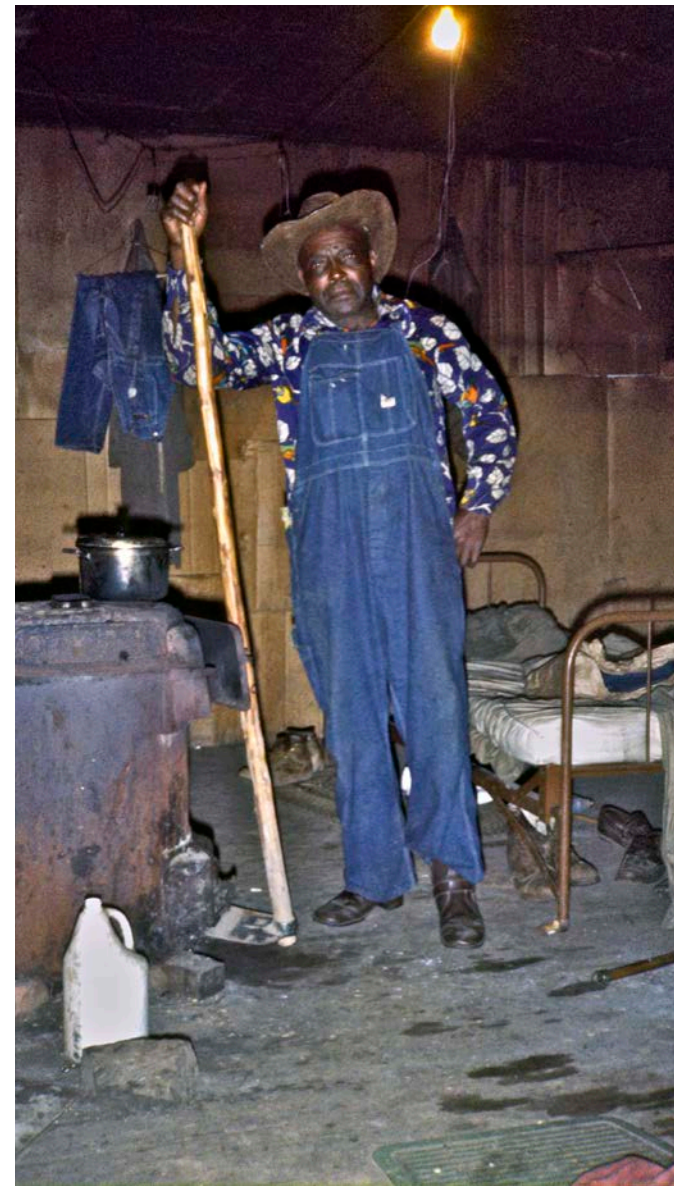
1973 - Orangeburg County, SC

No Alabama eu vivia com Jack Ray, que tinha estabelecido e possuía vários bancos. Jack era um dos homens mais liberais do Alabama e empregava negros como caixas. Ele era uma pessoa empática amorosa, por isso me machucou quando ele se referiu a eles como “negros”, como as pessoas faziam por lá. Muitas vezes, como o pobre vagabundo, eu tinha um forte desejo de ter uma educação formal para poder iniciar uma carreira e ascender à classe alta, mas sempre que eu, como aqui, tinha a chance de viver a chamada vida boa, isso geralmente me deixava tão doente que eu fugia rapidamente para a estrada novamente. Pois de onde veio todo o dinheiro, com o qual Jack havia comprado sua luxuosa casa fora da cidade? Ele me disse que tinha feito sua fortuna dando empréstimos aos pobres meeiros negros para que eles pudessem comprar uma mula ou se mudar de sua barraca podre para um trailer de plástico aerodinâmico e se juntar ao novo proletariado de plástico de mais de 30 milhões de



1975 - Bullock County, AL

americanos. Mas muitos meeiros não podiam nem mesmo pagar estes barracos modernos. Eles já têm problemas suficientes para pagar suas mulas e estão em dívida tanto com o banco quanto com o fazendeiro branco, a quem frequentemente tiveram que pagar a maior parte de suas colheitas, assim como nós, na Europa feudal, pagamos à igreja e ao fazendeiro. O sistema americano começou após a Guerra Civil, quando nem os plantadores nem os escravos libertados tinham dinheiro. Impelidos pela fome de trabalhar por pouco ou nada, os negros indigentes fizeram acordos com seus antigos proprietários de escravos para emprestar terra, moradia e sementes. O lucro deveria ter sido dividido. Mas a dívida e a contabilidade desonesta geralmente levavam os meeiros a uma situação materialmente pior do que a que havia sido sob escravidão (o patrão pelo menos tinha interesse em alimentá-los). O sistema continuou de geração em geração e, além da dívida eterna para com o proprietário, veio a dívida para com a



1975 - Oglethorpe County, GA



1973 - Gadsden, AL



1973 - Gadsden, AL

loja comercial e finalmente o banco, tudo ajudando a criar uma classe branca superior. Já quando ele me pegou em 1973, Jack Ray tinha se tornado tão rico que podia me levar de avião em seu jato particular. Quando voltei, descobri que seu império bancário havia crescido ainda mais, e ele me convidou para jantar em um clube só para brancos. Como patrocinador de tudo, desde bolsas de estudo a orquestras, ele entrou para a Câmara de Comércio em 1993. O Parque da Família Jack L. Ray foi dedicado a ele, mas nenhum negro participou das festividades. Talvez porque sua contribuição mais importante à sociedade consistiu em políticas monetárias que ajudaram a dobrar o patrimônio líquido de cada branco americano, de 6 para 12 vezes o de cada negro americano, entre nosso primeiro encontro e sua morte em 2006.



1974 - Charleston, SC

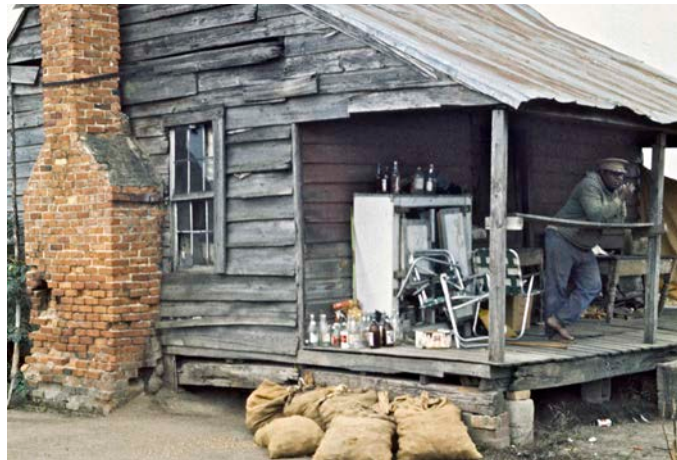
Mais tarde, visitei este rendeiro, que morava perto do banqueiro. Ele e sua esposa tinham 78 anos de idade e deveriam ter parado de trabalhar há anos. Mas ele disse: “Eu tenho que trabalhar até cair morto nos campos”. No ano passado, minha esposa teve problemas de coração, por isso agora tenho que fazer o trabalho sozinho”. Duas vezes por ano ele ia até a loja local para comprar um pouco de farinha e um pouco de açúcar. Isso é tudo o que ele sempre comprou. Eu perguntei o que eles comiam no café da manhã. “Um copo de chá e um pouco de nabo verde”, respondeu ele. E o almoço? “Apenas nabo verde”, respondeu ele. E depois, para o jantar? “Principalmente nabijas verdes”.

Outro rendeiro, esfolando um coelho, falou comigo:  
- Mas muitas vezes você ia para a cama com fome?  
- Sim, senhor, mais vezes do que não. Mas às vezes as pessoas nos davam um pouco de pão ou uma refeição.  
- Pessoas brancas?  
- Às vezes brancos, às vezes de cor. Às vezes não tínhamos nada e íamos para a cama com fome. Fomos para a cama um milhão de noites com fome. Às vezes queríamos caçar, mas éramos fracos demais para pegar coelhos.

Minhas tentativas de descobrir as condições para estes meeiros se depararam com uma parede quase impenetrável de medo e intimidação. Eu havia imaginado que este medo estava inteiramente condicionado historicamente. Uma noite, no entanto, após uma visita a um tal mordomo, eu estava fazendo da caminhada de 10 milhas um beco sem saída para minha barraca quando fui “emboscado” por uma caminhonete com seus faróis e armas apontadas para fora. Consegui sair desta confusão, mas pouco a pouco percebi que tal intimidação estava profundamente enraizada no violento sistema de peonage, que impediu que os meeiros e trabalhadores rurais fugissem de suas “dívidas” através de espancamentos, prisões e assassinatos.



1973 - Yazoo City, MS



1973 - Orangeburg County, SC



1994 - Pahokee, FL



1975 - Burke County, GA



1974 - Elizabethtown, NC



1975 - Notasulga, AL



1975 - Bullock County, AL

Durante a Segunda Guerra Mundial (na qual os EUA foram aclamados como a Terra da Liberdade), o Departamento de Justiça dos EUA admitiu que “há mais negros detidos por estes escravos da dívida do que eram realmente possuídos como escravos antes da Guerra Civil”.

No entanto, o Departamento de Justiça não fez nada para processar esses proprietários de escravos, que até comercializaram e venderam peões uns aos outros. Embora houvesse um número crescente de casos de peões nos anos 70, apenas alguns acabaram em tribunal, e apenas os mais cruéis, como um caso em 1980 no qual um plantador acorrentou seus trabalhadores para impedir sua fuga, chegaram à imprensa (e ao público americano). Nos anos 90, a Constituição de Atlanta publicou uma grande história sobre um proprietário de terras que havia fugido para as Bahamas, um paraíso fiscal, abandonando seus agricultores endividados, que não tinham idéia se haviam sido comprados ou vendidos. Quanto mais eu começava a penetrar nesta corrente de pavor e terror, mais sentia que o século 20 tinha uma influência muito mais violenta sobre a psique negra do que a escravidão.



1973 - Zebulon, NC



1990 - Bullock County, AL - 96 Jahre alte Frau



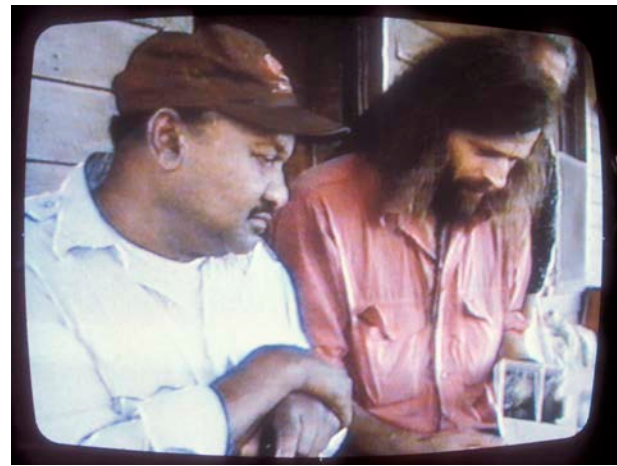
1974 - Washington, NC



1973 - Zebulon, NC - Lefus Whitley



Mosel e crianças 1973 - Gwen de 5 anos à direita na TV. Eles sempre tiveram TV.



Lefus na TV dinamarquesa em 1992



Da esquerda Kenny, Gwen com livro, Rene, Betty Jean e Mosel em 1978.



Lefus morreu em 17 de março de 2004, com 77 anos de idade. Eu vi Mosel pouco antes de sua morte, em 2008.



Gwen com o livro, em 2003. Como técnica de laboratório, ela me enviou um e-mail sobre a família.

Como é importante vagabundear na quarta dimensão - com o fator tempo incluído - minha amizade com Lefus Whitley mostra. Para as fotos, muitas vezes, até mesmo para o próprio fotógrafo. Lep, um gângster em Nova York, em 1973 me convidou para visitar seus pais na floresta da Carolina do Norte. Lá eu tirei a foto de seu pai Lefus bêbado e apático na TV na página 99. Tais fotos “honestas” de Lefus dificultaram a entrada de meu programa nas escolas secundárias por medo de que eles intensificassem o preconceito negativo dos estudantes contra os negros como “preguiçosos” e “apáticos”. Temo até que eu mesmo o tenha visto dessa maneira, pois cada vez que o visitava ao longo dos anos ele estava deitado bêbado no chão, exceto uma vez em 1991, quando o fizemos sentar-se para aparecer na TV dinamarquesa. Eu sempre precisei da ajuda de seu filho para encontrar sua família nas profundezas da floresta em novos barracos podres desde que ele queimou o anterior em bebedeiras. Assim, meu preconceito durou 30 anos até que em 2003 eu viajei por aí para fazer entrevistas em vídeo com meus amigos sobre sua própria percepção de suas vidas, ao contrário de minhas interpretações em meu programa. Tanto para a família quanto para os vizinhos confirmaram que Lefus nunca havia perdido nem mesmo um dia de trabalho em toda a sua vida. Como um reideiro trabalhador em sua juventude, ele só bebia um pouco nos fins de semana, mas piorou quando perdeu suas terras quando os fazendeiros brancos expulsaram os



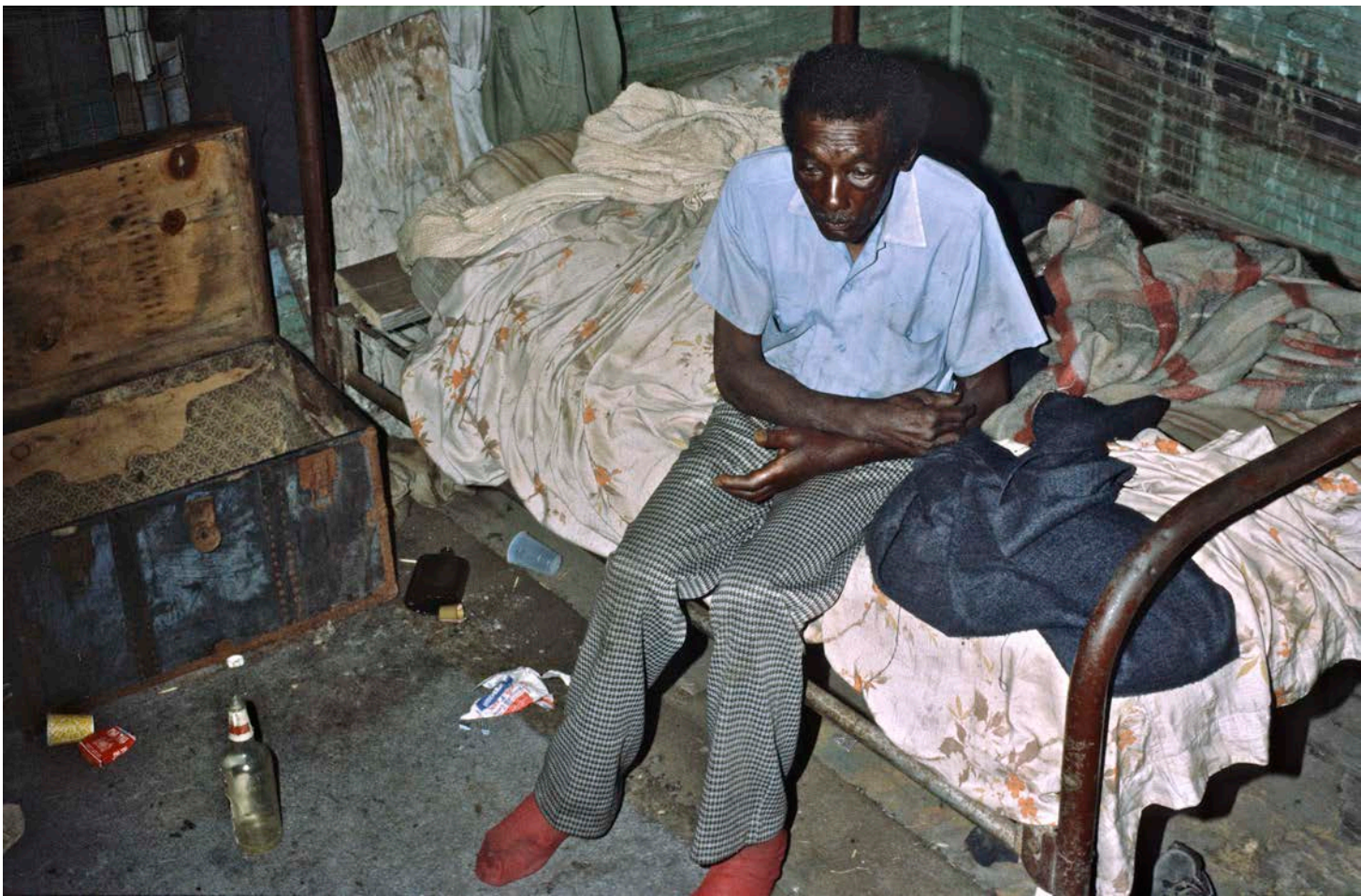
Quando vi Lefus pela última vez em 2003, ele havia parado de beber.

fazendeiros negros restantes. Ele então se tornou um trabalhador da construção civil, e sua equipe o pegou todas as manhãs às cinco e o levou para Raleigh, onde ele construiu a maior parte do arranha-céu visto hoje na capital do estado. Todos aqueles anos ele só bebia depois do trabalho e depois de dar a sua esposa Mosel o que ela precisava para criar a família - isto é, quando eu estava de visita à noite. Minha superficialidade veio de nunca ter vivido com a família, porque eu sempre vivi com seu filho Lep. Eu tinha sido “preguiçoso”, não Lefus, o que mais uma vez me ensinou a nunca julgar as pessoas até que tivéssemos vivido com elas 24 horas por dia.

Anos mais tarde Bruce Springsteen cometeu o mesmo erro quando roubou esta foto para colocar em seu álbum mais vendido “57 canais e nada está ligado” sem pedir ou pagar nem a mim nem ao Lefus um centavo. Ao contrário de nosso pensamento estigmatizante sobre pessoas como Lefus como um “preguiçoso freeloading n.....” que ele teve até sua morte, 17 de março de 2004 nunca recebeu nenhum apoio da sociedade. Então, por que culpamos a liberdade de deixar a “alta sociedade” sair impune, tanto no que diz respeito à terra como ao freeloading? Bruce Springsteen poderia ser “nascido nos EUA”, mas como eu sempre disse, “meu amigo Lefus construiu a América”!



Lefus tornou-se mundialmente famoso em 1992



1978 - rural La Crosse, FL



1974 - Manhattan, NY



1994 - Pahokee, FL

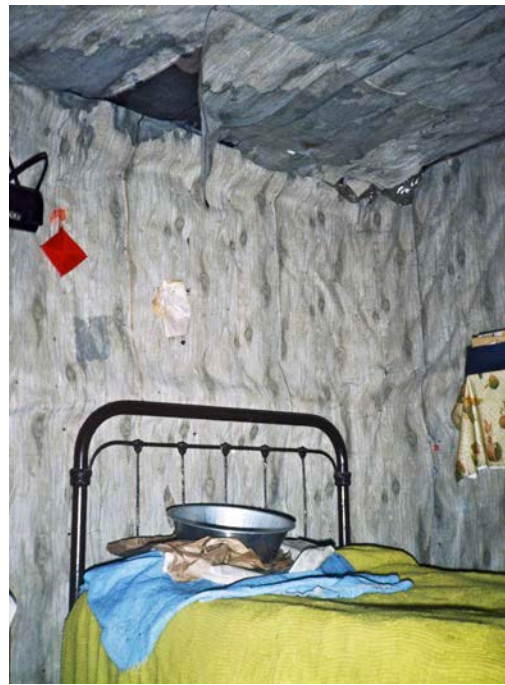
Meu amigo Jack Ray, um beneficiário recente desta ignorância violenta, sem saber encaixou mais uma peça para mim no padrão de fome e pavor que vi na subclasse rural dos anos 70.

O racismo assombra todos os países, mas é mais visível na América porque está entrelaçado com a opressão implacável da classe - a maior brecha entre ricos e pobres no mundo industrializado. Sem um estado de bem-estar protetor para manter as forças de mercado à distância, muitos são tão pobres que perdem tanto sua liberdade quanto a iniciativa de enfrentar o mercado. Quando 2% possuem hoje 80% de tudo nos EUA, é mais fácil ver de onde vem a pele de marta deste banqueiro. A única coisa que ele não conseguia comprar era a verdadeira felicidade. Vejo repetidamente que a classe alta é obrigada a substituir casacos de marta, álcool, pílulas para os nervos e cocaína pela felicidade pessoal.

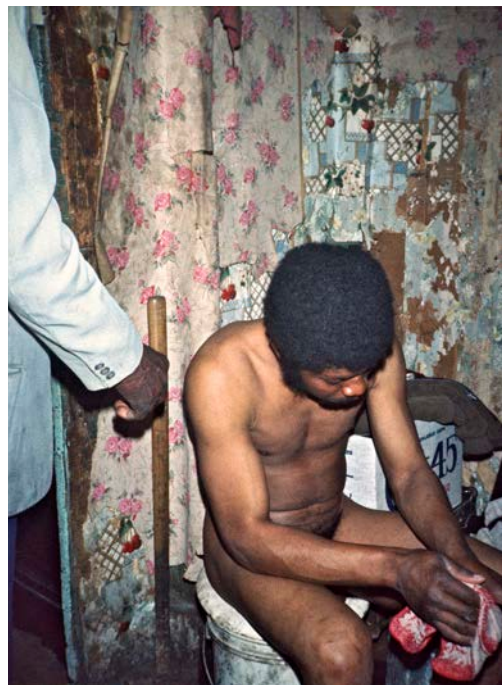
Comecei a sentir pólos à parte da ignorância branca prevalecente, que parece para sempre incapaz de entender porque seus próprios ancestrais brancos poderiam "sobreviver" em pouco tempo, enquanto, depois de mais de 100 anos de "liberdade", os negros ainda lutam.



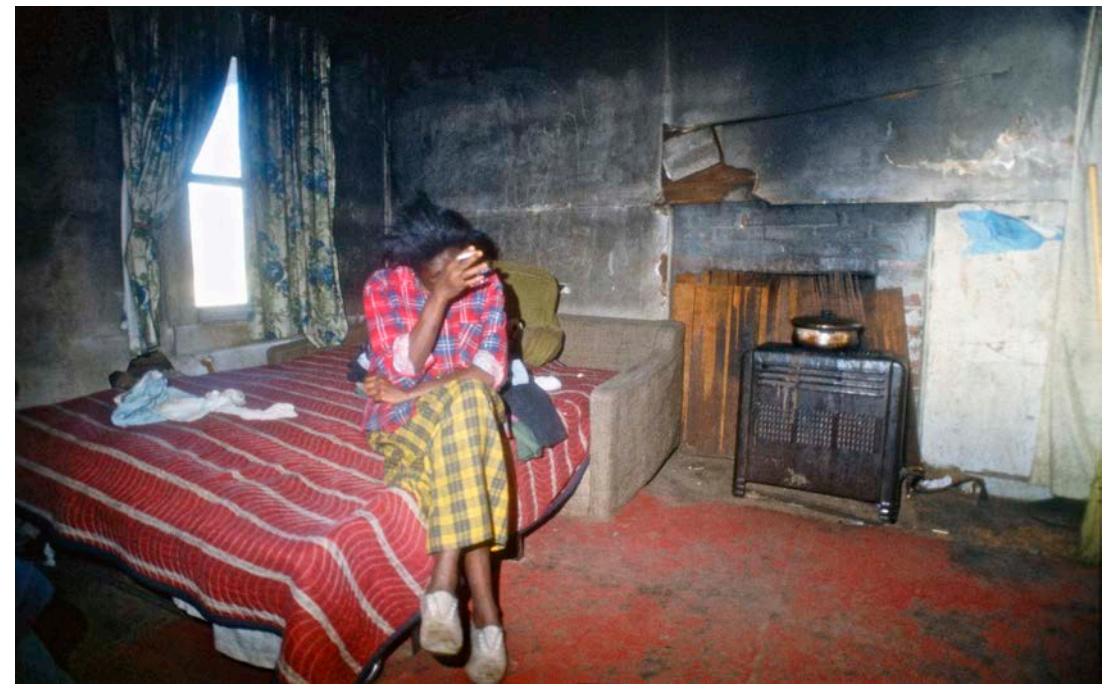
1973 - Gadsden, AL



1975 - Tuskegee, AL



1974 - Washington, NC



1996 - rural Selma, AL



1974 - Washington, NC



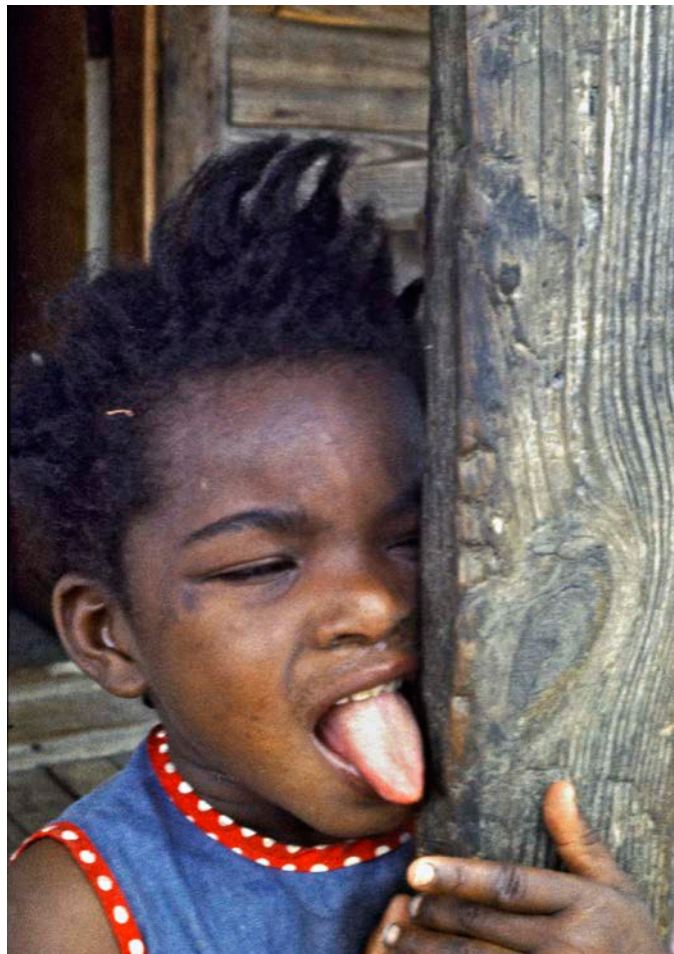
1975 - Bullock County, AL (avô de Mary, 102 anos, esposa morta pouco depois)



1974 - Vanceboro, NC



1973 - Baltimore



1974 - rural Greenville, NC

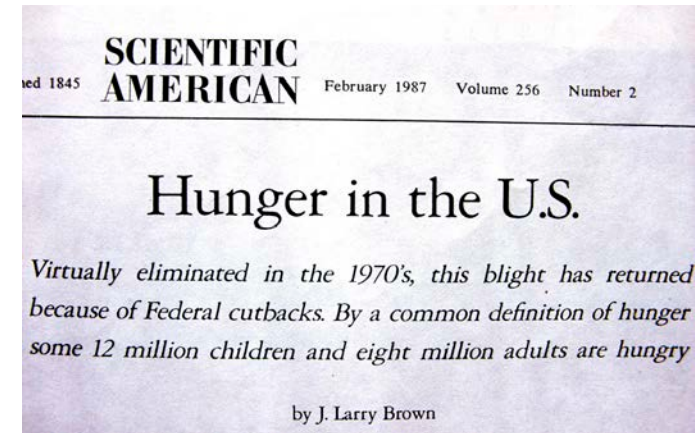
A fome, e as razões para ela, que eu vi ao redor do banqueiro, não eram únicas. A sabedoria tradicional americana insiste que se um homem passa fome, ele só tem a si mesmo para culpar - porque não está disposto a trabalhar. Então, por que eu via com tanta frequência os famintos trabalharem mais duro e por mais tempo do que aqueles que causam sua fome? São as crianças que esse cinismo social mais dói. A desnutrição lhes dá menor resistência às doenças, razão pela qual a fome era normalmente chamada de “pneumonia” na certidão de óbito. Em todos os lugares do Sul eu vi estas pequenas lápides escondidas nos campos. Em muitos distritos, a mortalidade infantil entre as crianças negras era 8-10 vezes maior do que entre os brancos. Em comparação, a taxa de mortalidade infantil entre os negros era apenas duas vezes maior do que entre os brancos durante a escravidão (como é hoje para o país como um todo). Em outras palavras, mais de 6.000 bebês negros morrem a cada ano porque não têm a mesma saúde e nutrição que os brancos. Ainda mais bebês poderiam ser salvos a cada ano se tivessem acesso às mesmas visitas semanais por enfermeiras antes e depois do nascimento, o que tomamos como garantido em um estado de bem-estar como a Dinamarca. Bangladesh tem uma expectativa de vida mais longa em 2021 do que em 10 condados do Mississippi.



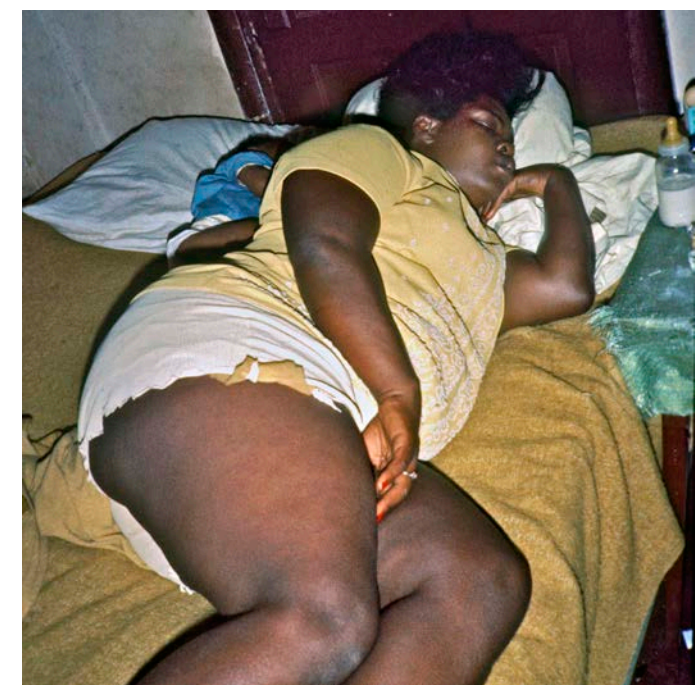
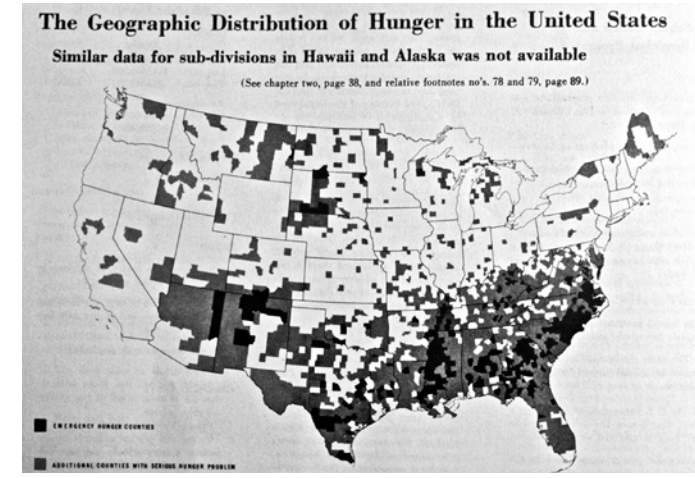
1974 - rural Pireway, NC

Achei difícil fotografar a fome, já que poucos estavam visivelmente emaciados. Muitas pessoas, de fato, estavam acima do peso porque tinham que comer muitos carboidratos para obter proteína suficiente, como a mãe da Lourinha Ecell (vista aqui). Quando voltei para lhe dar um exemplar do livro, ela ficou envergonhada por eu ter me referido a ela como acima do peso. Desde então, a obesidade se tornou tão comum entre os pobres que grande parte da vergonha desapareceu. Enquanto nós, brancos de melhor condição, antes criticávamos a letargia dos negros desnutridos, hoje criticamos sua obesidade.

Muitas vezes me perguntei se, como fotógrafo, eu mesmo discriminava enquanto tentava mudar os brancos racistas com minhas fotos - ou porque eu mesmo estava sujeito a seus pontos de vista racistas. Mas não há desculpa para a fome em uma sociedade altamente desenvolvida. Ao contrário do racismo, a pobreza e a desnutrição são apenas o resultado do nosso voto. E desde os anos 70 os americanos votam em todas as eleições para ampliar o fosso entre ricos e pobres. Eles esquecem que países como a Dinamarca, Suécia e Japão, que alcançaram a maior renda e igualdade de saúde (e por isso não esmagam a iniciativa de tantos), exibiram o maior crescimento econômico do mundo durante o século 20.



1987 - Scientific American



1974 - Daytona, FL





1992 - Dayton, OH



1984 - festa privada com B.B. King contratado para tocar em Houston



Homem faminto em Pahokee, FL, em 1990 a menos de uma hora dos milionários à direita em Palm Beach



1974 - milionários em Palm Beach, FL

USA  
1996



1996 - rural Selma, AL

USA  
1975



1975 - Pireway, NC

Yes, and it's happening right here in the U.S.A. Right this minute as you read these words. Who's Caroline? One of thousands of hungry children throughout the rural South suffering from a lack of nourishment so severe it affects her present health and the development of her mind and body.

In the words of a white Southern doctor to a Senate committee . . . "Malnutrition is not quite what we found; the boys and girls were hungry, weak, in pain, sick . . . suffering from hunger and disease and, directly or indirectly, they are dying from them—which is exactly what starvation means."

A few years ago, the NAACP Emergency Relief Fund was established to do something about this critical situation. And it's working. In the last three years, alone, 112,988 of the neediest people have been assisted. What's more, by providing the money for buying Federal food stamps, the food purchasing value of this



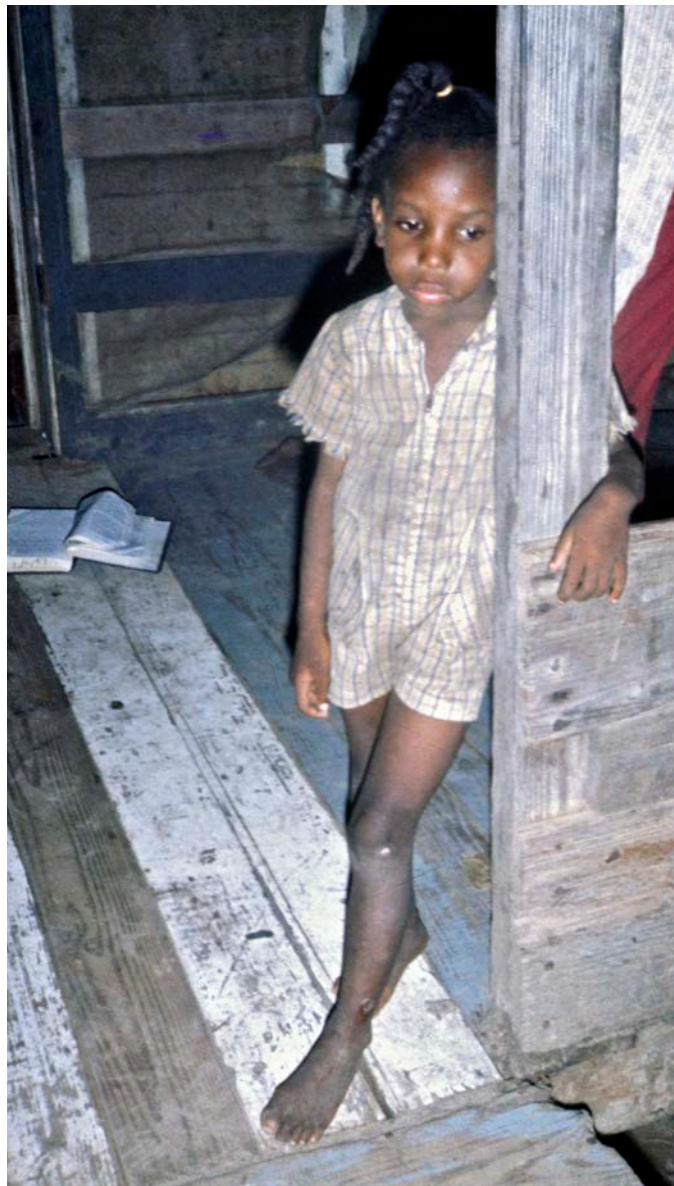
NAACP  
EMERGENCY RELIEF FUND.  
DEPT. 88, BOX 121.

1973 - NAACP



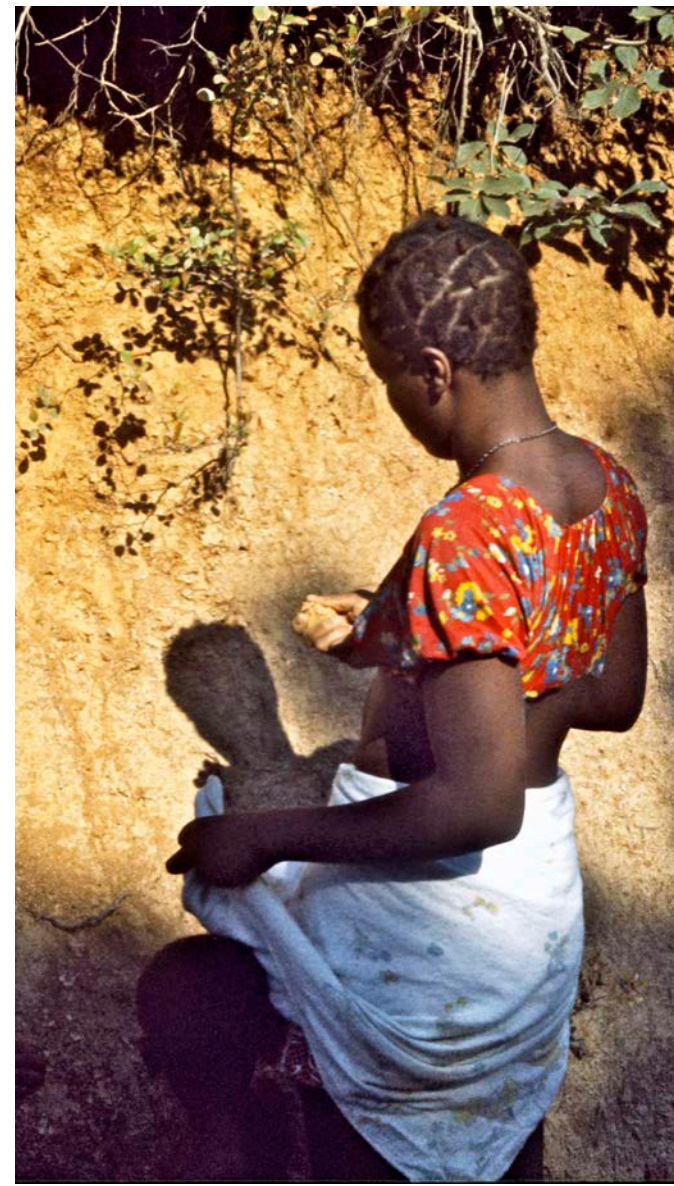
1974 - anywhere

A fome que indiretamente infligimos a nossos marginalizados reforça nossa visão racista sobre eles. Durante os anos que viajei, encontrei brancos culpando cada vez mais as vítimas, em vez da política federal, por sua letargia. As mortes marcadas pelas lápides representaram apenas a ponta do iceberg. Uma dieta pobre deixa as pessoas indiferentes e suscetíveis a numerosas doenças, o que é uma das razões pelas quais a expectativa de vida para os negros é sete anos mais curta do que para os brancos (como visto novamente sob as condições da Covid-19). Historicamente, numerosas crianças negras, devido à fome, sofreram danos irreversíveis ao cérebro, o que também causa preguiça, apatia, alienação e incapacidade de trabalhar. Tive dificuldade para me aproximar dessas crianças amuadas e retraídas - elas tinham um medo incrível de estranhos. Uma e outra vez, enquanto permanecia em barracos degradados, eu comia pão de milho, grãos de milho e feijão cozido com pedaços de gordura.



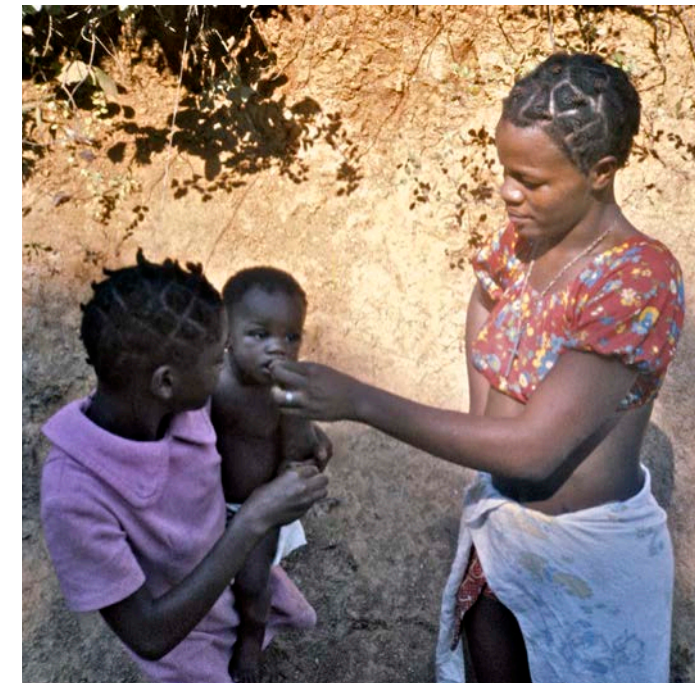
1975 - rural Meridian, MS

Nos lares mais abastados, era servido um "alimento de alma" mais tradicional, como os nós dos porcos, a serpente de porco, o chitterlings, as espigas, pés e rabos de porco, assim como migalhas de gordura semelhantes da mesa do homem branco. Centenas de milhares receberam menos de 3,5 kg de toucinho e carne de porco por mão de campo a cada semana sob a escravidão de chattel. Encontrei a pior fome em remotas estradas secundárias e entre os idosos urbanos. Um cão faminto é um sinal de que há pessoas famintas por perto. No inverno, quando a fome estava em seu pior momento, vi negros desenterrando raízes em campos de propriedade dos brancos. Muitas mulheres negras no Sul comem sujeira. Quando visitei pela primeira vez, quase 50% das mulheres negras no Alabama, Mississippi e Carolina do Norte comiam argila. De acordo com o New York Times, isso ainda estava acontecendo em 2000. Esta mulher, exausta da anemia, me levou a uma encosta onde ela cavou para a "comida" que dividia com seu filho.

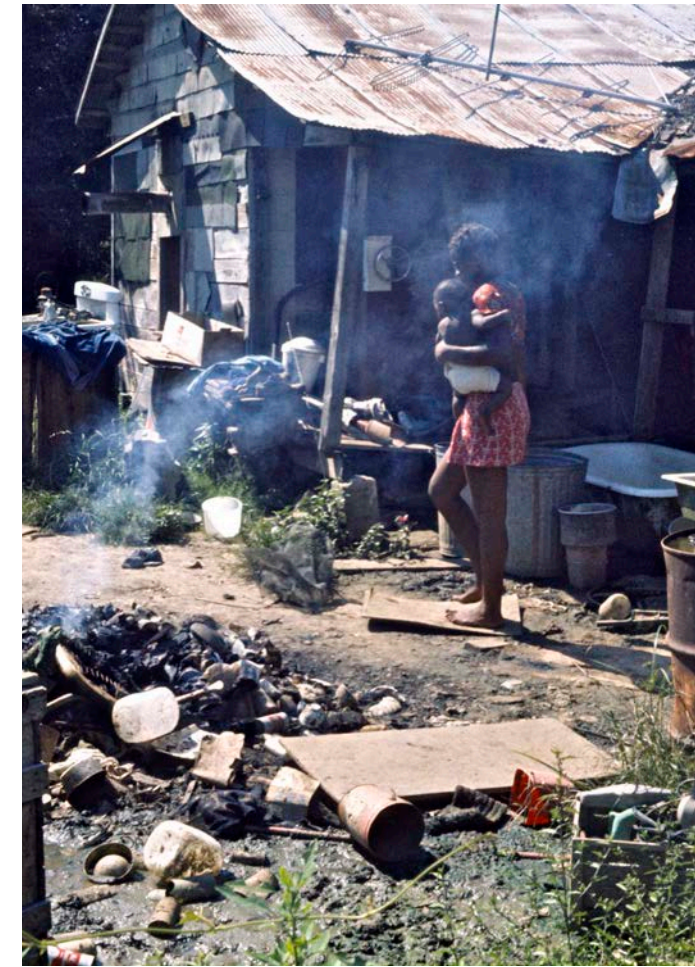


1975 - rural Meridian, MS

- *Você já comeu sujeira?*  
 - *Às vezes...*  
 - *Sabe bem?*  
 - *Sim. (Com surpresa) Você nunca a comeu?*  
 - *Não, mas eu gostaria de experimentar. De que tipo é, barro? Argila vermelha?*  
 - *Sim, é realmente barro vermelho....*  
 - *Como você o chama?*  
 - *Chamamos de doce sujeira...*  
 - *Eu pensei que se chamava lama do Mississippi. Isso é o que lhe chamam no norte. (Muitos negros no Norte eu descobri que foi enviado pelo correio pela família no Sul).*  
 - *Você costuma comer amido de lavanderia?*  
 - *Às vezes.*  
 - *Quem mais come lama por aqui?*  
 - *Minha mãe e minha tia ali. Todos, eu acho.*



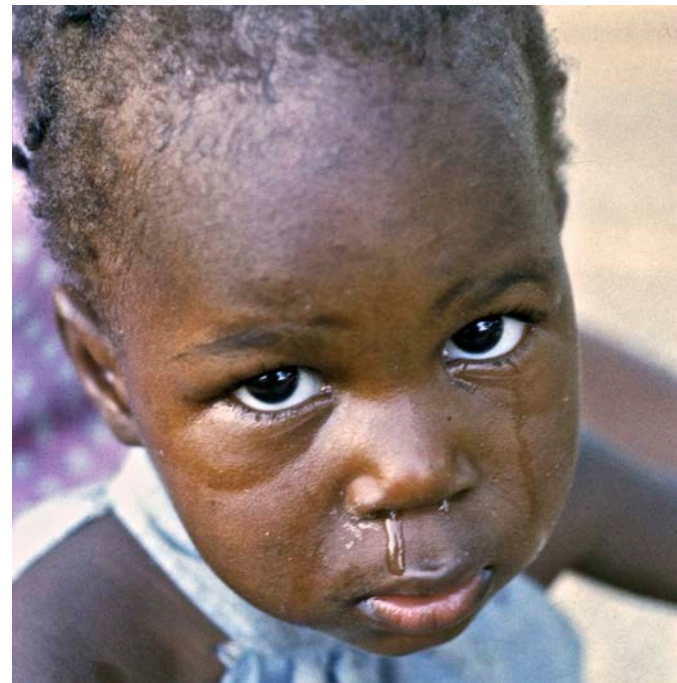
1975 - rural Meridian, MS



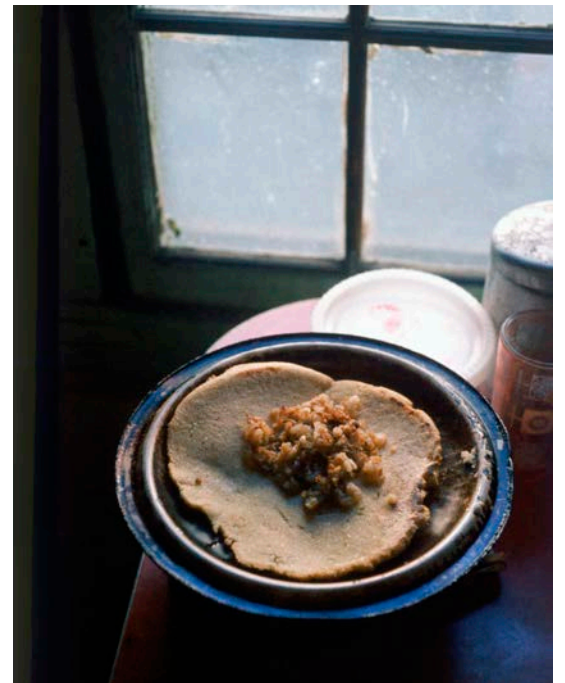
1975 - rural Meridian, MS



1975 - Philadelphia, MS



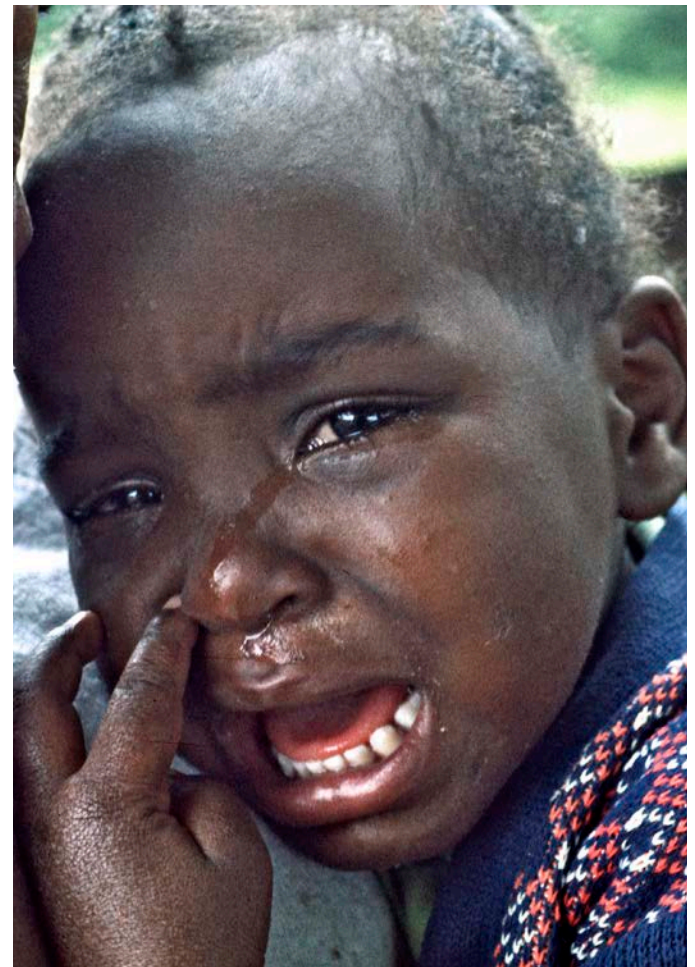
1973 - Vanceboro, NC



1974 - Greenville, NC



1973 - rural Wallace, NC



1974 - rural Morehead City, NC



1973 - New York

O encontro pessoal com o constante choro, a agitação e o nariz ranhoso das crianças que choram incessantemente porque estão com fome parece quase um alívio - é infinitamente preferível aos olhos vazios e ao silêncio morto das crianças que a fome tornou tão apáticas que não são mais capazes de chorar. Será que nós mesmos somos capazes de chorar? Quando esfriei nos intermináveis centros comerciais com seu muzak entorpecido, quase chorei por causa do contraste com a extrema pobreza que acabava de ver. Sobre a facilidade e a brandura com que deixamos passar esse tipo de fome ser esculpida na experiência dos negros ao longo da história americana. Eu não nasci para esta opressão, mas como me afetaria, ao longo da minha vida, testemunhar o que acontece com a alma de um povo? Ver as mães deitarem seus filhos na cova? Ou ver as mães morrerem a um ritmo brutal (13.600 mulheres negras morrem anualmente durante o parto)? Somente 3.481 morreriam se tivessem acesso aos cuidados de saúde brancos - menos de 2.000 se tivessem cuidados de saúde europeus. Como podemos gastar bilhões na concepção de novos modelos de carros a cada ano, enquanto condenamos nossos filhos a ficarem apenas na 15ª posição em mortalidade infantil (17.686 bebês morreram desnecessariamente em 1977)? Ser bombardeados por anúncios de carros e outros bens nos torna cegos aos valores humanos e ao sofrimento ao nosso redor? O que diz sobre nossas prioridades que o cemitério de carros ao fundo é cercado, mas não o cemitério humano em primeiro plano? Prioridades que deixaram a GM destruir os carrinhos elétricos nas cidades americanas em 1936 para vender mais carros, prendendo-nos para sempre em labirintos de esparquete de concreto, como o de Los Angeles, que acabou causando 500 mortes por ano graças à emissão anual de 460.000 toneladas de poluentes de carros - sem mencionar as crianças negras paralisantes no interior da cidade com envenenamento por chumbo.



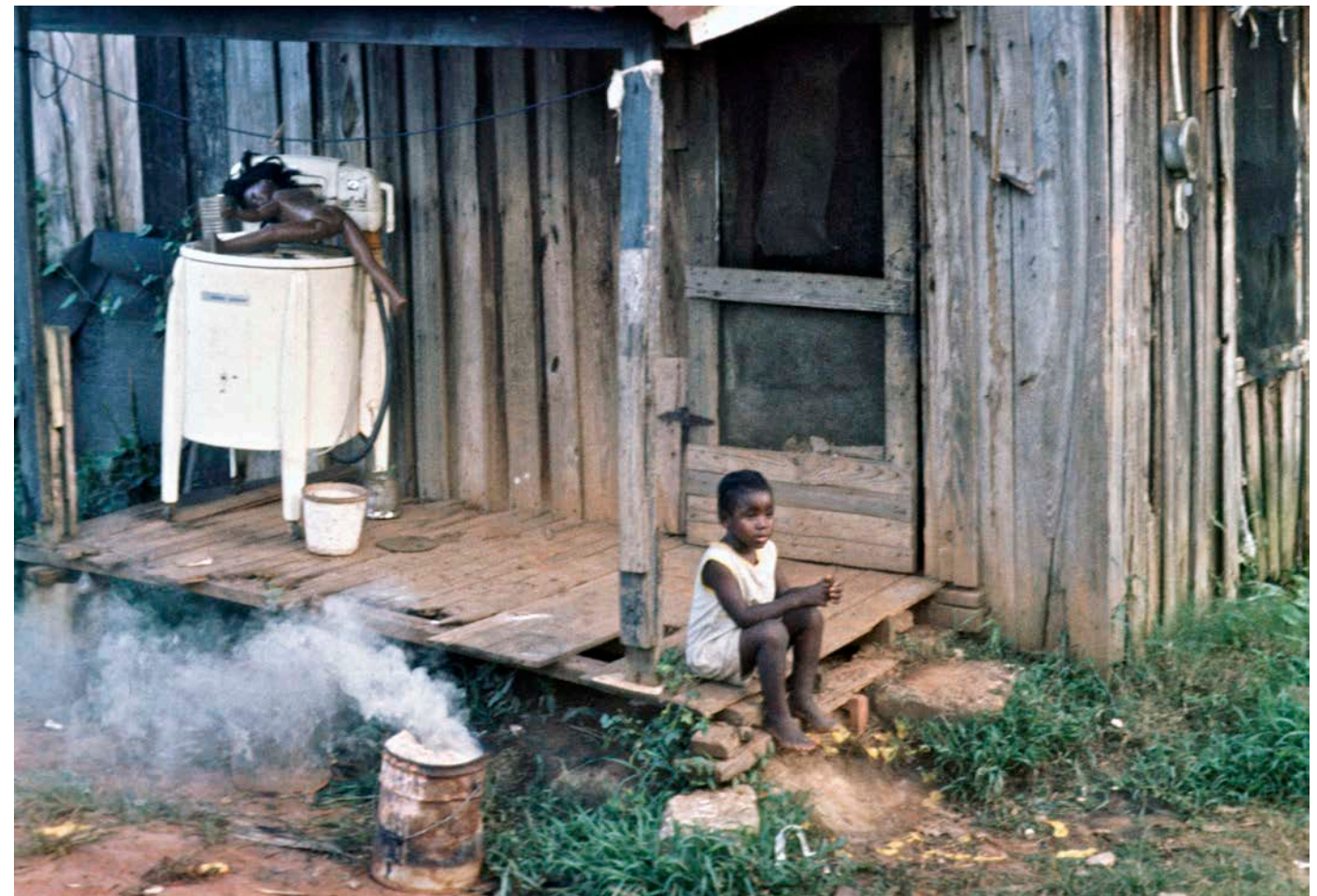
1974 - New Bern, NC



1974 - New Bern, NC



1974 - rural Eastern NC



1975 - Philadelphia, MS



1991 - New York



1974 - 42nd St, NYC



1996 - NYC



1974 - NYC



1973 - NYC. Rolls royce with black chauffeur

A cegueira ideológica que insiste em que as pessoas “remem seus próprios barcos” é mantida através de apelos persistentes ao nosso egoísmo e avariza. As leis de nosso sistema, invisíveis para a maioria das pessoas, nos manipulam com a incessante propaganda de Horatio Alger, com histórias sobre Rockefeller e “o homem feito por si mesmo” -lessons na possibilidade de alcançar o sucesso. A enorme exploração e sofrimento necessários para criar, por exemplo, um Jeff Bezos e seus escravos do relógio do tempo é deixada de fora. O caminho para o sucesso é retratado como um caminho com obstáculos, que um homem determinado com as qualidades necessárias pode superar. A recompensa é esperar na distância. O caminho é solitário e para alcançar o sucesso é preciso adotar qualidades semelhantes às de um lobo: comer ou ser comido. Só se pode ter sucesso à custa do fracasso dos outros.



1974 - Miami Beach, FL



1974 - New Orleans

Fiquei chocado nos anos 70 ao ver a grande desigualdade dos Estados Unidos, mas foi difícil fotografar a dinâmica que criou as muitas vítimas que eu vi nas ruas. Mesmo assim, às vezes eu era bastante visionário: Este banco, E. F. Hutton & Co., envolvido na lavagem de dinheiro para a máfia, perdeu milhões na segunda-feira negra e quase causou o colapso do capitalismo global em 1987. Em seguida, fundiu-se com o Lehman Brothers e deu início à crise financeira em 2008, quase conseguindo derrubar o capitalismo global. Anos de desregulamentação “Reaganomic” combinada com empréstimos subprime sem valor, muitos dados à classe média negra em dificuldades, forçaram milhões a sair de suas casas. Eu agora via negros como estes no Harlem em linhas de alimentação. Após a crise, o branco médio tornou-se vinte vezes mais rico do que o negro médio, embora os brancos só tivessem sido seis vezes mais ricos quando cheguei em 1970.

## Wealth Gap Grows Between Whites and Minorities

The median wealth of white households is 20 times that of black households and 18 times that of Hispanic households, according to a Pew Research Center analysis of newly available government data from 2009.

These lopsided wealth ratios are the largest since the government began publishing such data a quarter century ago and roughly twice the size of the ratios that had prevailed between these three groups for the two decades prior to the Great Recession that ended in 2009.

### 20-to-1

The median wealth of white households is 20 times that of black households and 18 times that of Hispanic households, according to an analysis of newly available government data from 2009.

2011 - Pew Research Center



2009 - Harlem, NY - linha de alimentos durante a Crise Financeira



1971 - NY - Este banco E. F. Hutton & Co. fundiu-se com o Lehman Brothers e causou a crise financeira



1975 - San Francisco



1974 - anywhere



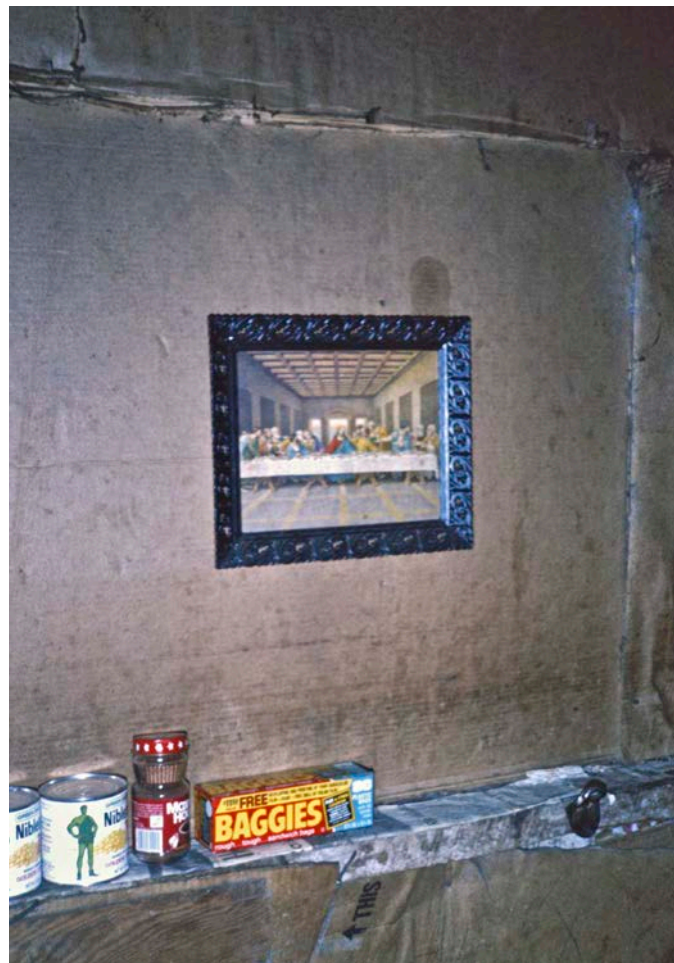
1973 - Charleston, SC



1974 - NYC - Você pede e não recebe porque pede erroneamente



1975 - Bullock County, AL

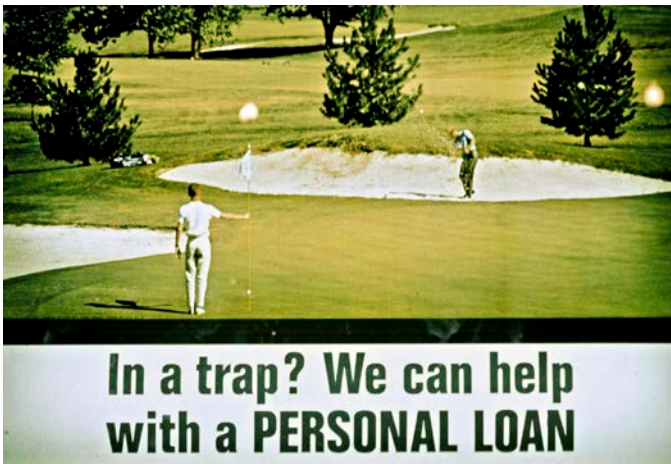


1975 - Union Springs, AL



1978 - Waynesboro, GA





**In a trap? We can help with a PERSONAL LOAN**

1974 - anywhere

É fácil ver como esta filosofia lobisomem se manifesta. Gigantescos palácios de dinheiro no meio de favelas negras compreendiam apenas um dos aspectos mais hediondos da natureza patológica desta filosofia. Hoje, o dinheiro está localizado apenas em áreas brancas e cercado por um exército de negros sem-teto que não existiam nos anos 70. Ao lado de bairros sujos infestados de ratos e violência, é possível entrar em bancos construídos como castelos de mármore com enormes abóbadas de ouro. Sim, há muito dinheiro nos bancos, mantidos pelas companhias de seguros, e entre aqueles que os possuem. Mas por que então, pergunto - com a moralidade da rua e do vagabundo - não há dinheiro para meu amigo aleijado Lee, que deve sentar-se na rua todos os dias e implorar por centavos? Lee me disse que ele havia estudado direito na universidade na juventude, mas teve que desistir quando contraiu a poliomielite. Ele ainda estuda e eu trouxe vários livros para ele sobre o tema que mais o interessava, ou seja, direito comercial, que ele ainda acreditava ser uma forma de se puxar para cima por suas calças de botas.

Lee não foi apenas uma vítima de sua própria filosofia de bolso, mas uma caricatura da doença social que determina que os médicos americanos ganharão tanto dinheiro que os pobres não podem arcar com eles. Enquanto todos os outros países ricos têm seguro de saúde gratuito, os médicos americanos operam com fins lucrativos, com o resultado de que milhares morrem de causas que não seriam fatais na Europa. Antes de Obamacare, 50 milhões de pessoas não tinham condições de pagar um seguro de saúde. Por que a classe média deveria pagar menos de 4% de sua renda em saúde enquanto os pobres pagam mais de 15% (para cuidados dilatatórios de terceira e quarta classes)? O resultado é que os americanos brancos mais abastados são tão saudáveis quanto os dinamarqueses, mas a saúde dos pobres (negros) é comparável à das populações das nações subdesenvolvidas. Por que há menos médicos per capita em guetos negros do que na África Central? E por que eles nunca fazem visitas domiciliares lá?

No gueto de Norfolk, passei um dia inteiro confortando um homem solitário e aflito cuja esposa havia morrido na noite anterior porque ele não conseguia levá-la a um médico, e não pude deixar de me sentir sobrecarregado pela culpa. Lembrei das muitas manhãs da minha infância quando pedi para consultar



1973 - 5th Ave, NYC

um médico por minha “dor de estômago”, porque não tinha feito meus deveres de casa. Poucos podem se dar ao luxo de chorar lobo, como eu tive, em meio a uma sociedade lobista, onde a saúde para lucro é um negócio mortal: 24.000 negros morrem anualmente por falta de “assistência médica branca”; 39.500 mulheres americanas por ano morrem no parto por falta de “assistência médica escandinava”, e a expectativa de vida do



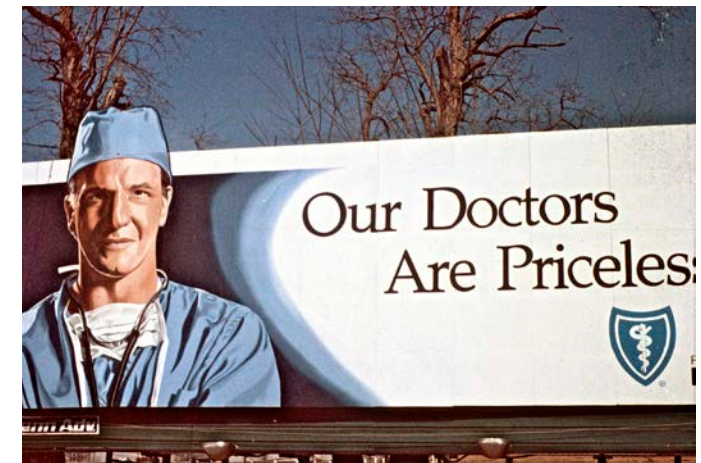
1973 - 5th Ave, NYC



1971 - New York, NY



1973 - 5th Ave, NYC



1987 - MS

homem americano ocupa apenas a 35ª posição entre as nações membros da ONU.

Como os americanos pagam quase duas vezes mais por seus cuidados de saúde privatizados do que os europeus e também têm que pagar mais do que o preço de uma casa por apenas quatro anos de universidade, você entende porque a maioria não pode mais pagar ou ter tempo para nossas férias pagas de seis semanas. Eles não entendem que precisamente porque os dinamarqueses pagam o dobro dos impostos, temos tanto dinheiro sobrando, depois que todas as contas são pagas, que até mesmo os trabalhadores podem pagar para viajar pelo globo. (Uso a Dinamarca como exemplo, já que Bernie Sanders também o fez quando concorreu à presidência em 2020).



1975 - Waynesboro, GA

As estatísticas de morte mostram apenas a superfície. Willie Williams aqui fica o dia todo sentado numa poltrona, olhando fixamente para os dois homens que uma vez lhe deram tanta esperança: Martin Luther King e Robert Kennedy. Sua esposa, Julia, está deitada na cama, doente e debilitada pela fome. Ela não pode pagar por alimentos especiais para diabéticos, pois eles só recebem 72 dólares por mês. Eles estão sozinhos, esquecidos pela sociedade em um mundo de vazio apenas interrompido pelo gotejamento sem alegria da chuva através do teto.

A mais perniciosas das doenças da pobreza é, sem dúvida, a apatia, o estado de espírito em que milhões de pessoas são atiradas quando percebem que não conseguem se manter num mundo de otimismo ascendente - o otimismo ascendente da filosofia lobista - e simplesmente desistem da luta.



1975 - Waynesboro, GA



1974 - Washington, NC



1975 - Waynesboro, GA



1998 - NYC



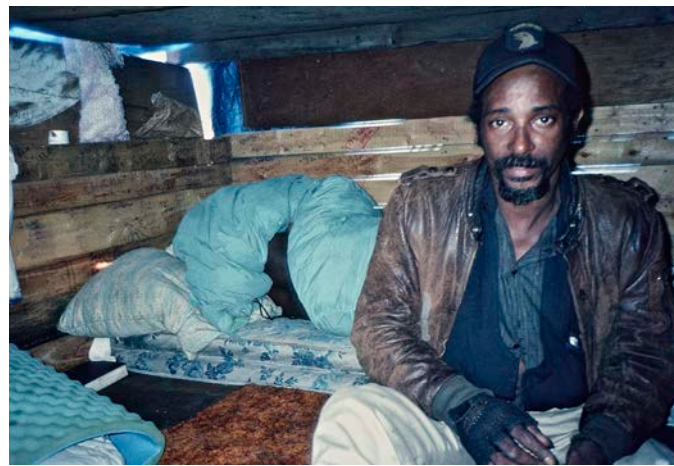
1991 - NYC

Os necessitados nos Estados Unidos são uma minoria e vêm de todos os lugares para onde olham. Como resultado, a solidariedade e o orgulho que frequentemente caracterizam as comunidades rurais nos países pobres estão ausentes; a pobreza se torna mais cruel e muito mais destrutiva psicologicamente aqui do que em qualquer outro lugar do mundo.

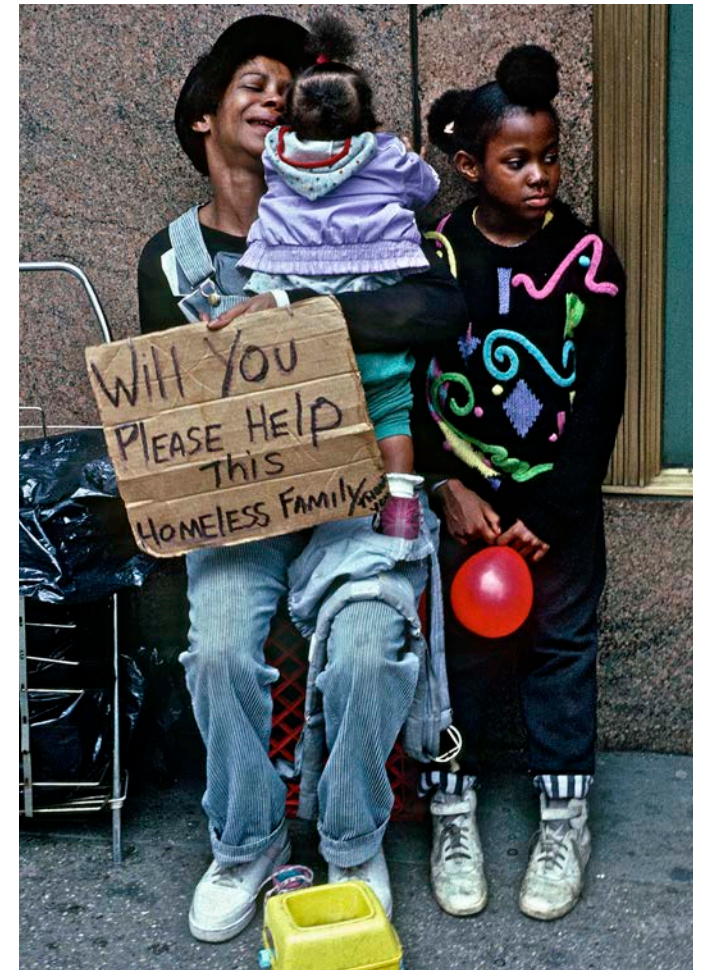
Nos Estados Unidos, é constantemente dito que a culpa é sua se você é pobre. Assim você cai num ódio a si mesmo violento, um estado mórbido que eu acho inigualável em qualquer outra parte do mundo. Este estado de espírito destrói o amor social, os fios invisíveis da interdependência mútua e da confiança que unem as pessoas em uma sociedade saudável. A destruição do amor semeia desconfiança e medo crescentes. Embora o medo pareça dirigir a todos em tal sociedade, antes de tudo, ele paralisa os pobres.



1975 - Bullock County, AL



1990 - New York, NY



1995 - NYC



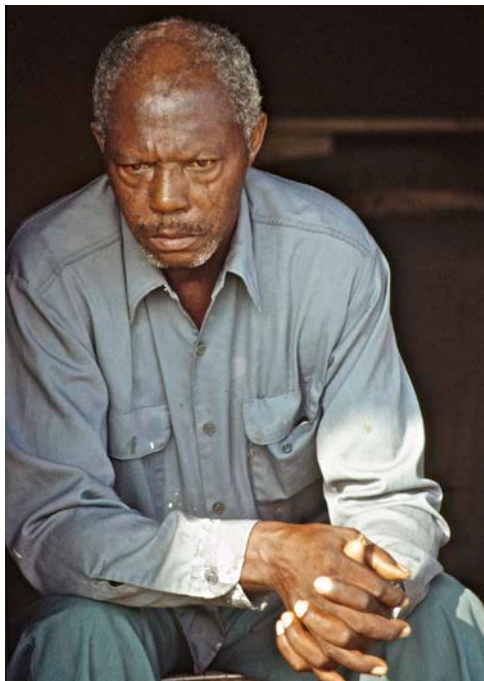
1974 - Washington, NC



1974 - Tarboro, NC



1978 - Zebulon, NC



1996 - rural Houma, LA



1995 - Bullock County, AL

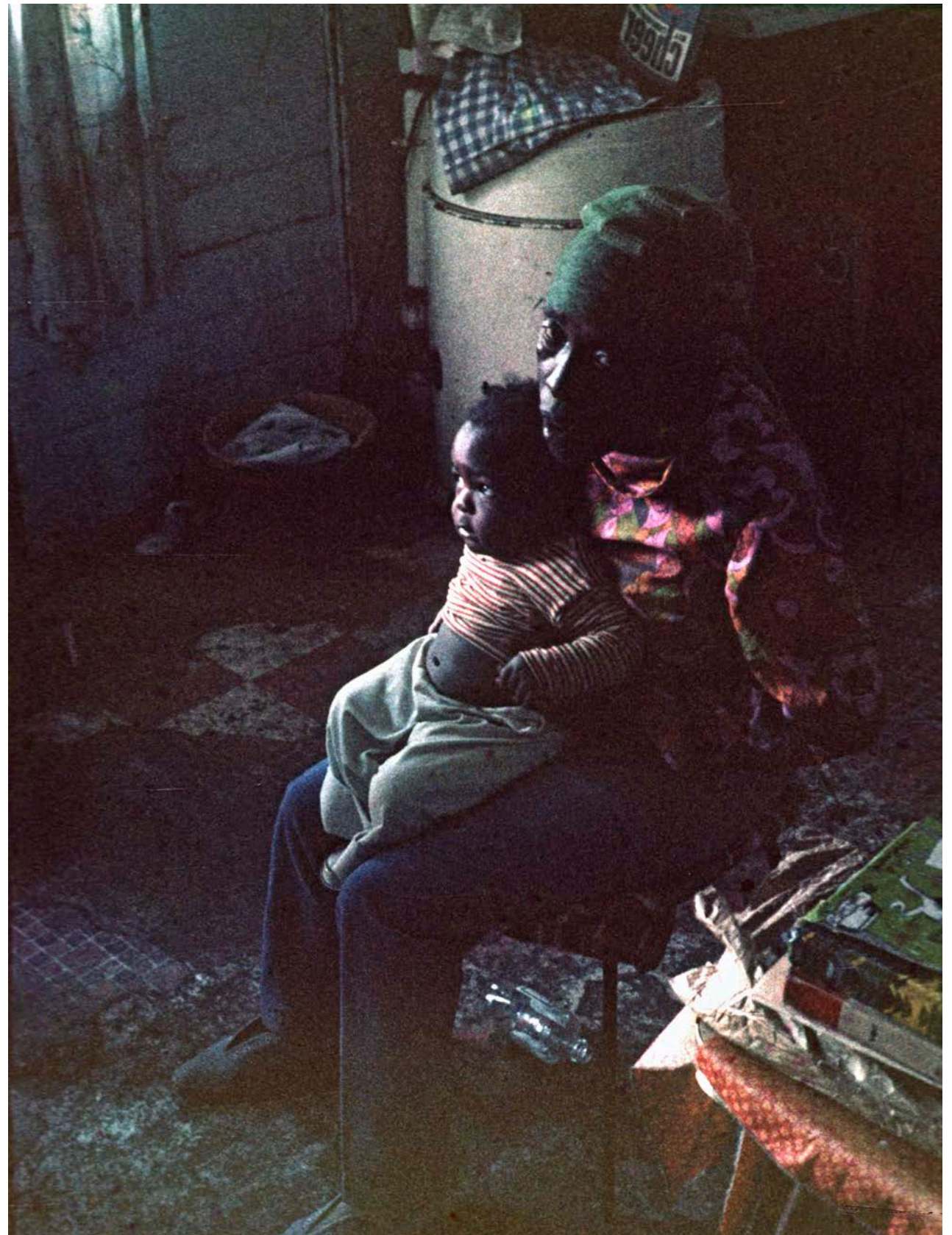
Uma das coisas a que acho mais difícil me acostumar na América é este medo onipresente - e suas reações resultantes. Não apenas o medo primitivo de outras pessoas, mas mais assustadoramente o medo institucionalizado da velhice, doença e insegurança, que parece obscurecer os anos dourados de tantas pessoas e as leva a pensar e agir de maneiras que parecem totalmente irracionais e autodestrutivas quando, como eu, você foi moldado pela segurança social “de berço a berço”. O desejo de manter a supremacia branca é um dos padrões de angústia resultantes entre as vítimas de tal medo. Isto, por sua vez, fez os negros, como esta mulher, que inicialmente fugiu de mim, temerem os brancos.

- *Você tem medo dos brancos por aqui?*
- *Cara, veja, eu não mexo com os brancos de nenhuma maneira.*
- *O que há de errado com os brancos?*
- *Esses brancos, eles te confundem, cara. Eles fazem você perder sua casa, fazem você perder seu homem, fazem você perder seu marido, se você tiver um. Eles fazem você fazer tudo que não está certo... Estou falando destes por aqui... O que é você?*
- *Eu não sou branco do sul...*

Eu sempre senti que os negros exageravam um pouco quando me diziam tais coisas. Sempre tive uma fé bastante ingênua na bondade das pessoas, provavelmente porque eu não cresci na pobreza e na insegurança. Sem esta fé eu não poderia ter viajado do jeito que viajei, já que minha fé geralmente encorajava o lado bom das pessoas. Consequentemente, eu me dei bem com os brancos do sul, dos quais eu gosto mais por causa de seu calor e honestidade, do que com os brancos mais liberais, mas mais frios e menos diretos do norte.



1975 - Bullock County, AL



1974 - Elizabethtown, NC



Maria à noite em seu barraco na estrada de fundo da floresta no condado de Bullock, 1974

A amarga verdade, no entanto, surgiu em mim quando, na estrada úmida e sufocante do Alabama, eu vim até Maria e seu filho, João, para tomar um copo de água. Sem a canalização interna, acabamos por ficar em mais do que uma água compartilhada no poço da mulher samaritana.

Mary e eu romantizamos nossa relação nestes ambientes difíceis, mas sua confiança nas pessoas ao seu redor não era como a minha: Ela tinha três pistolas e uma caçadeira debaixo da cama. Estes foram alguns dos dias mais felizes da minha vida, e até hoje ainda alimentamos sentimentos fortes um pelo outro. Quando me ausentei brevemente para ver uma reunião da Ku Klux Klan no Kentucky, Mary me deu uma cruz de prata como proteção. Como se viu, Mary precisava mais da proteção do que eu. Uma noite, sem outra razão que não fosse ela ter um homem branco morando com ela, três brancos jogaram uma bomba de fogo em sua cozinha. A casa inteira se incendiou. Ela conseguiu tirar seu filho para fora, mas seu irmão, que estava dormindo, pereceu no fogo.

A tragédia me lançou em meu dilema recorrente: posso, como forasteiro, ter relações totalmente humanas com aqueles considerados párias? Aqueles que querem manter um sistema de castas sempre condenarão tais relações. Portanto, os sistemas de castas tabu só podem ser quebrados se, a nível pessoal, tentarmos ser totalmente humanos para todos - com o risco que isso implica para sentimentos mais profundos e paixão. Mas ignorar o passado um do outro também pode, como em Romeu e Julieta, implicar perigo para si mesmo e para os outros - perigo ou, se for consciente, medo, que nunca deve nos limitar em nosso envolvimento humano, no amor ao próximo como a nós mesmos.



Minha partida de Maria e João

Os americanos muitas vezes me culpam pela tragédia de Maria. A culpa por uma linha não mencionada do apartheid em seus corações e mentes, na verdade, causou nossa tragédia shakespeariana. Da mesma forma, nós europeus condenamos os americanos por esta peculiar resistência intestinal às relações íntimas entre negros e brancos, enquanto esquecemos nossa própria resistência primitiva às relações com os imigrantes muçulmanos.

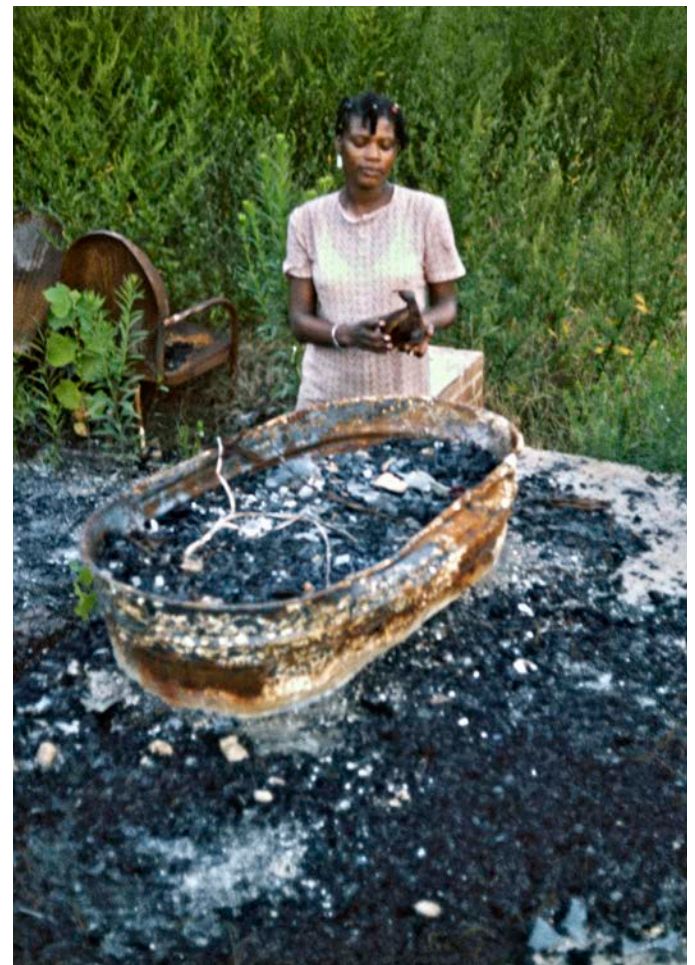
Em qualquer lugar do mundo, as mentes tanto do opressor quanto do oprimido são devoradas com obscuras objeções obsessivas ao casamento e às inter-relações íntimas. Mas para o exterior de uma determinada opressão, é fácil ver que nem o opressor nem o oprimido são livres!



Maria vestida para a igreja em 1974



Maria não tinha a mesma confiança nas pessoas que eu



Maria em sua casa após o atentado a bomba

# Pode haver “amor livre” sob condições não livres?

## Reflexões sobre minha relação de vida com Maria.



John e eu sempre dividimos a cama na velha barraca. 1975

Nos anos após a tragédia de Maria, meu público me culpava quase diariamente por tê-la causado: “Você não deveria ter exposto uma pobre mulher negra a esse tipo de perigo com sua exploração irresponsável (sexual)”. Eu me pergunto por que os americanos sempre imaginam sexo quando vêem imagens de uma mulher nua em vez da intimidade que tentei transmitir com minhas imagens. No caso de Mary, ela era menos uma mulher “nua” do que uma mulher vestida de biquíni na praia, e ainda assim universidades religiosas como Baylor no Texas me obrigaram a remover o slide de Mary antes de dar aulas. A obsessão com o sexo faz com que os americanos fiquem cegos para a opressão mais profunda a que Mary estava sujeita. A verdade é que mesmo que Mary e eu tivéssemos querido fazer sexo, suas circunstâncias o tornaram praticamente impossível. Como vagabundo, eu sempre compartilhei a cama de seu filho de 7 anos, John, em seu minúsculo quarto, que acomodava duas camas de solteiro. E eu tinha que sair da cabana antes das 5 da manhã, razão pela qual eu muitas vezes preferia dormir com um vizinho.

Por que eu tinha que sair? Graças à boa e velha integração noturna entre o senhor branco e sua amante de escravos favorita, que começou durante a escravidão. “A integração noturna e a segregação diurna fazem deste um lugar muito confuso”, escreveu Rosa Parks quando ela se rebelou contra ambos durante seu famoso boicote de ônibus Montgomery a alguns quilômetros da residência de Mary. Em troca de sexo, os proprietários de terras brancas ofereceriam apoio financeiro a mulheres negras solteiras, que se tornaram dependentes dele para sobreviver. O pai açucareiro de Mary, Harry, sempre aparecia por volta das 5 da manhã, dizendo “sua esposa histérica e ciumenta”, como Mary a chamava, que ele estava fazendo trabalho de campo. Ela sempre falava calorosamente dele, e por razões morais (assim como para evitar perder seu arranjo benéfico), fazer sexo



Mary e seu novo “namorado” da Flórida 1984



Mary e sua amiga Bertha com seu namorado 1984



O veterano violento sempre ameaçou com suas armas. 1978



Maria com seu novo barraco e ainda um pedaço de terra cultivada em 1978

comigo ao mesmo tempo era impensável. Quando voltei com meu livro descrevendo a bomba incendiária em 1978, Mary ficou de coração partido porque Harry, que lhe havia comprado um grande pedaço de terra com uma barraca maior após o incêndio, havia acabado de ser morto. Eu passaria os 23 anos seguintes com ela naquela cabana romântica de dois quartos sem muito romance entre nós - Mary, que ainda era atraente, encontrou imediatamente um novo homem branco para apoiá-la. Ele era um violento veterano traumatizado do Vietnã, mas me deixou ficar na outra sala. Eles ficaram gratos pela minha chegada porque não se falavam há semanas, e eu ajudei a mediar entre eles. Quando voltei em 1982, ela havia fugido porque ele havia tentado matá-la com uma das próprias armas com as quais eu havia fotografado ele atirando.

O próximo era um velho “caipira” da Flórida que, como os outros dois, era profundamente racista. Ele me deixou ficar lá e fotografar todo o carinho que Maria lhe dedicava quando ele estava por perto. Através de Mary, conheci toda uma rede de mulheres negras rurais que praticavam “integração noturna”. Elas até vieram de dia para praticá-la em nossa barraca. Fotografei a amiga de Mary Bertha depois que ela engravidou do bebê de seu pai, que era um bebê de açúcar. Todos os negros locais sabiam da “integração noturna”, e eu nunca entendi porque isso não parecia incomodá-los. Nem entendi porque, assim como Mary, eles continuaram votando em George Wallace, um racista que uma vez bloqueou sua porta para o ensino superior com sua política de “segregação agora, segregação amanhã, e segregação para sempre”.

Esta exploração explícita parecia ter acabado para Mary nos anos 80. No entanto, ainda não nos sentíamos livres em nosso relacionamento - isto apesar do fato de que nosso afeto mútuo havia crescido à medida que envelhecíamos. Ela sempre foi uma



Estou encharcado de ervilhas molhadas colhidas com Maria em 1986.

trabalhadora de campo, colhendo algodão quando criança, em vez de ir à escola, mas sem a renda de um pai açucareiro, ela tinha que trabalhar muito. Fiz o melhor que pude para ajudar, então alguns dias eu estaria no palco diante de mil estudantes culpados; no dia seguinte eu colhia mil cestas de feijão e ervilhas com Mary - ela se referia carinhosamente ao nosso relacionamento como “ervilhas juntas”. Com a adulação que recebi de meus alunos veio o risco de sentir que eu podia andar sobre a água. Assim, equilibrei essa ilusão com o caminhar na lama ao lado daqueles cujas histórias eu estava contando - algumas vezes, como com Maria, encharcada de água no sufocante calor de agosto.

Senti o histórico relacionamento mestre-escravo reavivado quando o proprietário de terras brancas chegou às 5 da manhã e nos jogou em um campo remoto onde trabalhávamos ao sol



*Maria em um momento relaxante após um dia de trabalho duro em 1988*

quente até a hora de desistir. À noite cultivamos nossa própria comida nos “40 acres (menos 38) e uma mula” (eu era a mula lavrando seus dois acres) que ela havia recebido em “reparações” de seu amante branco falecido. “Você está praticando a escravidão dinamarquesa”, eu lhe disse. Ao contrário dos escravos nos EUA, os escravos na ilha da Virgem dinamarquesa e em outras ilhas caribenhas podiam cultivar seus próprios alimentos em pequenas parcelas de terra enquanto escravizavam para o senhor durante o dia. Assim, sua iniciativa pessoal e suas habilidades empreendedoras não foram quebradas, em contraste com o que ainda vi um século depois aqui na Faixa Negra. De qualquer forma, quando a lua finalmente subia romanticamente sobre os campos, estávamos tão exaustos que desmaíamos literalmente na cama - nossas costas e o desejo sexual igualmente quebrado. No inverno, a razão de nosso celibato era diferente. Em cada turnê de palestras, eu sempre arranjava tempo para ver Maria e outros amigos no Sul. Como Maria não tinha telefone, eu ligava para Eula, uma mulher idosa próxima, para enviar seus netos para anunciar minha chegada. Maria passava o dia cozinhando minha comida favorita: rabos de porco, nabíças, sereias de porco, etc. Depois desta refeição fantástica, nós dirigíamos por toda a floresta para visitar velhos amigos (em anos passados, eu tinha feito bicíclis com os que estavam por perto e os fotografado em seus barracos). Como muitos desses

barracos tinham queimado, geralmente em fogueiras, só Mary sabia onde meus amigos tinham ido nas intermináveis estradas de terra cortando o bosque escuro. Um dos que eu havia fotografado na minha juventude era o avô de Mary, de 98 anos (página 99). Mary me disse que ele atirou em sua esposa (à esquerda) e morreu de desgosto pouco tempo depois. Mais do que ninguém, Mary foi responsável por atualizar meu registro fotográfico das pessoas que viviam em barracos remotos. Com ela ao meu lado, as pessoas não temiam ou desconfiavam de mim como um homem branco - questões que eu havia lutado para superar em meus anos de vagabundagem. Mas agora que éramos velhos amigos, eles sempre esperavam que eu trouxesse caixas de cerveja. Noite após noite, bebíamos até ser tão tarde que eu não podia dirigir para casa, e desmaivamos onde quer que estívéssemos no bosque. Eu adorava estas noites relaxantes com Mary, que, com seu charme e sua personalidade animada, podia abrir portas em todo lugar - exceto para qualquer vida sexual entre nós. Quando finalmente tentamos ter uma noite romântica em sua barraca, havia tanta tensão e violência no bairro, com foliões bêbados de um clube próximo dirigindo para nosso quintal para fumar maconha ou fazer sexo em seus carros, que ela se sentava atrás das cortinas por horas com sua espingarda. A bomba incendiária, que havia ocorrido em nossa inocente juventude, deixou cicatrizes profundas em nós dois.



*John com Debra grávida no ano anterior ao seu assassinato. 1990*



*“Dois acres e uma mula (dinamarquesa)” em 1984*

A pessoa que ela mais temia, como acabou se revelando, era seu próprio filho, John. John havia sido concebido com violência: Ele era o filho de um homem branco que havia violado Maria quando ela tinha 16 anos. Ela me chamava constantemente para ajudar a tirá-lo da prisão, geralmente por roubo, furto ou posse de uma arma de fogo ou crack. Ela tinha a crença ingênua de que eu, como homem branco, tinha a autoridade para fazer a diferença. Sendo biracial, John sofria de uma crise de identidade para toda a vida, bem como de baixa auto-estima. Ele me amava desde a infância como o pai que nunca tivera, mas a violência o seguia em todos os lugares que ele ia. Ele até roubara as armas de sua mãe e os presentes caros que ela recebera dos amantes brancos, que ele penhorava por dinheiro de crack. Ele também deixou mulheres grávidas por todo o Alabama, forçando-nos a dirigir pelo estado confortando-as enquanto Mary tentava futilmente acompanhar um número crescente de netos. Debra, que fotografei grávida em nosso barracão, era uma de suas namoradas mais queridas. Um ano depois, quando perguntei onde ela estava, Mary disse casualmente: “Oh, Debra, ela foi à cidade para comprar leite para o bebê, mas foi baleada e morta quando deixou a loja”. Acho que foi o medo da violência que fez com que Mary evitasse os namorados negros. Havia uma exceção, que só descobri por acaso. Depois de alguns dias com ela em fevereiro de 1996, perguntei-lhe sobre seu constante



*Mary sempre pronta com suas armas para nos proteger. 1994*

farejamento. Ela explicou que tinha apanhado a gripe em um pântano congelado. “O que você estava fazendo lá?” perguntei eu. Quase como um comentário lateral, ela disse que alguém havia tentado assassiná-la na noite de Ano Novo. Cinquenta anos de idade neste momento, ela havia desistido de encontrar outro namorado branco, então, pela primeira vez em sua vida, ela tentou um namorado negro, um homem que havia sido libertado após anos de prisão. Ela percebeu que ele era perigosamente violento e tentou terminar com ele. De repente, ele a forçou a entrar em seu carro à mão armada e a levou para os pântanos. Ele colocou a arma na têmpora dela, mas ela estava bebendo uma Coca-Cola e usou a garrafa para quebrar o crânio dele. Ela fugiu pelos pântanos gelados uma noite inteira antes de encontrar uma barraca. Bem, essa provavelmente é a maneira sulista de pegar a gripe, pensei, mas me perguntei por que ela não me contou sobre este incidente aterrorizante até que eu fiz a pergunta certa.

Há muito tempo eu já estava acostumado à violência ao seu redor, mas os muitos viajantes europeus que eu trazia comigo para conhecer Maria, a quem eles sempre adoraram, ficavam muitas vezes chocados. Quando a multimilionária Anita Roddick viajou comigo em 1994, ela imediatamente se uniu a Mary e quis empregá-la em algum projeto comercial idealista que



Mary 47 anos de idade em 1994

ela planejava montar para negros pobres no Cinturão Negro. Tínhamos saído para beber e jogar bilhar, e eu tinha dito a Anita que ela poderia simplesmente ter minha cama na van enquanto eu dormia na cama de Mary. Anita, no entanto, tinha ficado assustada com toda a violência que ela havia experimentado nesta primeira noite de nossa turnê. A prima bêbada de Mary, por exemplo, andou por aí atirando todas as lâmpadas que passamos. Anita estava aterrorizada por dormir sozinha na floresta e temia que a barraca de Mary fosse novamente bombardeada pelo fogo. Sua empresa de Body Shop tinha insistido em seguir atrás de nós com alguns guarda-costas armados, mas tanto ela quanto eu tínhamos recusado, já que a idéia era viajar nos meus “termos vagabundos”. Como resultado, fui confrontado em nossa primeira noite com uma escolha que nunca havia tido que fazer antes. Devo dormir com uma das mulheres mais ricas do mundo ou com uma das mais pobres? Uma multimilionária ou uma trabalhadora agrícola? Eu sabia que se eu dormisse com Anita, arriscava ferir os sentimentos de Maria ao optar por dormir com uma mulher branca. Se eu dormisse com Maria, arriscava perder a apavorada Anita para o resto da viagem. Não foi uma situação fácil, então nós a arrastamos para fora, jogando bilhar e bebendo mais cerveja. Por volta das quatro da manhã, resolvi meu dilema contando a Mary uma mentira branca sobre como estávamos em um horário tão apertado que tivemos que sair na mesma noite para encontrar alguém no Mississippi no dia seguinte. É desnecessário dizer que eu estava muito bêbado para dirigir, mas consegui na estrada deserta para dirigir uma milha na floresta, onde compartilhei minha “Body Shop” com a Anita (sem sentimentos feridos em nenhum dos lados). Depois disso, Anita enviou a Mary um grande cheque, mas a violência e o desespero com que Anita se encontrou em todos os lugares a convenceu a abandonar seu projeto idealista da mesma forma que outros investidores sempre haviam guetoizado e quebrado a iniciativa das pessoas mais impotentes do Cinturão Negro.

O medo da violência pode ser avassalador. Em agosto de 1990 eu deixei a Dinamarca para Nova York e, como sempre, criminosos invadiram minha van no Lower East Side (na primeira noite). Na noite seguinte, enquanto eu estava limpando vidros quebrados, ouvi tiros. Olhei para fora da van e vi dois porto-riquenhos correndo. Os dois caíram. Por hábito, peguei minha câmera



Maria mostrando a Anita Roddick os chapéus e colchas que ela faz em 1994

e corri para eles, mas quando comecei a tirar fotos, percebi que estava olhando nos olhos de duas pessoas moribundas. Comecei a tremer por todos os lados. Em pânico, corri para as lésbicas com quem vivi por muitos anos em um loft na Av. D. Ainda tremendo, contei a Martha o que havia acontecido. Meu segundo choque veio quando ela riu e disse: “Bem, Jacob, bem-vindo de volta aos Estados Unidos”. Ontem, quando eu estava olhando pela janela da cozinha para uma mulher negra esperando o ônibus na Oitava Rua, de repente ela afundou no chão, morta. Foi atingida por balas perdidas”. Pensei no riso dela. De que outra forma essas poetisas sensíveis, que fizeram filmes sobre a violência feita às mulheres, poderiam lidar com os horrores de seu ambiente? Eu havia planejado fotografar a epidemia de crack e crime em sua vizinhança, enquanto Bush estava em uma filmagem própria no Iraque, mas eu estava tão aterrorizada que saltei para minha van na mesma noite e dirigi as 1000 milhas diretamente para a relativa paz da cabana de Mary. Quando eu estava com Mary, nunca tive medo da violência no clube local, onde nos melhores momentos adorávamos fazer as últimas danças da cadeia do Da’ Train. Nos piores momentos, eu fotografei homens negros “batendo em” suas mulheres (veja a foto de uma das amigas de Mary na página 291). Adorei aquele lugar funky no meio do bosque do Alabama. Infelizmente, um dos freqüentadores regulares queimou-a, junto com meus cartazes da American Pictures nas paredes, depois de ter entrado em uma briga.

Mas a violência mais assustadora não veio das pessoas. Em 2011, quando Mary tinha 65 anos, eu vinha de uma palestra no Mississippi. Na verdade, foi mais uma tentativa de dar poder ao público - quase todas as mulheres - do historicamente negro Tougaloo College. “Onde estão os homens?” eu perguntei. “Eles estão todos na prisão”. Mais uma vez experimentei a destruição e o desespero causados por nosso racismo generalizado no Cinturão Negro. Depois de minha oficina de capacitação durante todo o dia, enquanto eu estava a caminho de uma escola secundária negra mais elitista em Atlanta, ouvi no rádio do carro que um furacão devastador estava indo na minha direção. Os relatos desta “super tempestade histórica” que se aproximava pioraram cada vez mais, assim como o tempo ao meu redor, então eu dirigi mais rápido, tentando chegar mais cedo à casa de



John ainda com muitas dores alguns dias após o furacão em 2011

Maria. Ela havia se mudado para o projeto habitacional de tijolos na cidade, onde eu estaria a salvo. Mas mal tinha chegado ao meu porto seguro quando Mary saiu correndo na chuva, gritando que tinha perdido o contato celular - telefone celular com John, que estava na floresta. Com seu instinto materno, ela sabia que algo estava errado e insistiu para que saíssemos à procura dele. O furacão estava agora ao nosso redor, e esta se tornou a experiência mais assustadora da minha vida. Não podíamos ver um quintal à nossa frente - era como dirigir através de uma piscina, exceto pelas árvores que voavam pelo ar ao nosso redor. Logo perdi qualquer esperança de encontrá-lo de qualquer maneira - só que com vida - mas Mary conhecia cada curva daquelas escuras estradas secundárias, e estava determinada a chegar até seu filho. Então o milagre aconteceu. Encontramos John debaixo de seu caminhão, que havia sido atirado ao ar e pousado em seu pé. Nós o puxamos para fora, e embora ele estivesse gritando de dor, o levamos de volta para a casa. Como já disse muitas vezes, “Pessoas em quem você pode sempre ter fé, mas nunca confie nos cuidados - ou na natureza”. Com as namoradas pela vida, vem também um compromisso com a vida de seus filhos.

O que me leva de volta à pergunta: Mary já foi minha “namorada”? Completamente diferente em todos os sentidos como nós éramos, é um milagre em si que nosso relacionamento tenha durado uma vida inteira. Com uma mistura de orgulho e medo, nós dois a romantizamos por sua semelhança entre Roma e Julieta. Como tínhamos nascido quase no mesmo dia, tentei até mesmo encontrar respostas astrológicas para o mistério. Ela era em todos os sentidos um produto de suas circunstâncias violentas. Em sua juventude, ela estava sempre praguejando e gritando, especialmente com os negros ao seu redor - eles mesmos não eram menos vocais. Mas não importava quantos negros estivessem por perto, no minuto em que ela falava comigo ela falava com a voz amorosa mais suave, muitas vezes sorrindo com vergonha sobre toda a raiva que ela tinha acabado de exibir. E então, os negros iriam rir porque nunca tinham visto o quanto “paz e amor” ela continha e provavelmente sentiam falta de ser capazes de expressar aqueles lados há muito submissos de si mesmos. Mas será que este era um relacionamento saudável? Era natural? Seja qual for o tipo de amor que começou, ele evoluiu



Mostrando ao líder da Klan Jeff Berry seu novo jardim nos projetos de 2005

naturalmente ao longo dos anos para uma atração física cada vez mais profunda um para o outro. Depois de aquecer água em um fogão (feito de um velho barril), nós adoramos nos banhar na banheira no chão da sala de estar. Adoramos nos abraçar e nos abraçarmos a noite toda. Um dia me lembrei disso quando Vibeke, minha esposa dinamarquesa, se mudou para Boston para ajudar a lidar com pedidos de correio para meu livro. Por engano, ela abriu uma carta de Mary, que tinha escrito sobre como ela amava ficar deitada em meus braços a noite toda. “Por que você pode fazer isso com Mary, mas não comigo?” Vibeke provocou. Eu a tinha conhecido alguns dias depois que meu livro foi publicado na Dinamarca. Ela veio até mim e disse: “Acabei de ler seu livro...”. Pouco tempo depois, eu disse: “Ok, vamos nos casar, mas lembre-se, quando você se casa comigo, você também se casa com todas as pessoas do meu livro, que nos fizeram conhecer”. E desde então ela conheceu muitas, abrigando algumas delas na Dinamarca como se fôssemos uma grande família.

Não, o verdadeiro obstáculo no meu relacionamento com Maria não era de natureza moral, embora ela fosse profundamente religiosa e freqüentasse a igreja ao longo de sua vida. Ela estava muito enraizada em si mesma e adorava brincar de si mesma para as equipes de filmagem que eu trazia comigo. Quando a TV dinamarquesa nos filmou sentados juntos para uma refeição, ela insistiu que déssemos graças juntos (como normalmente fazíamos). Oh não, eu pensei, não quero ser visto na Dinamarca ceder a toda essa religião americana, mas não tive escolha. Minha “prece de angústia” foi recebida, pois justamente então um dos pesados operadores de câmera caiu pelo chão de nossa sala de estar. Ele ficou ali apenas com a cabeça e a câmera acima das tábuas do chão. Eu estava esperançoso agora que os dinamarqueses não olhassem para baixo para minha rendição à religião, mas nos vissem como nos víamos - um pouco acima de tudo.

Depois de toda minha reflexão sobre isso, finalmente compreendi o problema mais profundo por trás de nossos 40 anos de celibato: Sempre que chegamos perto de deslizar em uma dimensão sexual de nosso amor mútuo, reconhecemos imediatamente a armadilha histórica diante de nós - continuaríamos o estupro secular da





Mary 42 anos de idade em 1989

mulher negra branca. Ambos queríamos nos sentir desligados da “integração noturna” de que Maria havia sido vítima. Queríamos que nosso amor fosse livre e sem manchas, mas isso era impossível. Fomos as últimas vítimas desta profunda armadilha, que nos impediu de exercer plenamente o que deveria ser normal entre um homem e uma mulher: o “amor livre”. Muitas vezes me perguntava se uma relação inter-racial verdadeiramente saudável é possível em uma sociedade que obviamente ainda não é livre.

E assim os anos se passaram até que um dia, em 2009, Mary teve câncer e um tumor cerebral, o que nos deu outras coisas em que pensar. Eu não estava acostumada a dar oxigênio e à noite me enredei em todas as mangueiras ao redor de Mary, mas, felizmente, tinha comigo um viajante dinamarquês que podia ajudar. De certa forma, parecia mais uma vez um relacionamento vinculado, mas principalmente eu sentia a alegria de poder ajudar uma pessoa de quem eu era próxima desde que éramos jovens, exultantes, e achava que podíamos mudar o mundo. Era estranho e, no entanto, maravilhoso empurrar uma mulher idosa gravemente doente pela cidade em um carrinho de bebê para suas consultas médicas, pagar suas contas médicas e cuidar dela. Como sabíamos que nunca mais nos veríamos, fiquei feliz que Marianne, minha amiga da Dinamarca, pudesse tirar muitas fotos de nós. Depois de sua morte em 2014, tive comigo outra equipe de filmagem dinamarquesa para fazer o filme, Jacob



Dizer graças antes de nossas refeições. 1991

Holdt - uma História de Amor Americana. Eu queria levá-los à velha cabana onde Mary e eu tínhamos passado tantos anos juntos, mas dificilmente consegui encontrá-lo, já que agora estava completamente coberto pela selva densa de Indiana Jones. Era deprimente e perigoso andar no chão podre, mas eu estava feliz que todos os meus cartazes ainda estavam pendurados nas paredes, embora um operador de câmera tenha notado que um deles havia sido deformado: alguém havia cortado a praça com uma foto de nudez. “Aqueles americanos loucos”, todos nós concordamos. “Por que eles não cortaram as fotos de violência?” A equipe queria me filmar lá dentro contando a história da minha vida com Maria, mas de repente eu comecei a chorar incontrolavelmente. Foi como se anos de emoções oprimidas de repente me derramassem. Quando minha filha o viu na estréia do filme, ela disse: “Pai, eu nunca antes te vi chorar assim”.

Mas, nesse meio tempo, outro milagre havia acontecido, pois três anos antes Maria havia se recuperado por um curto período do tumor cerebral. E assim tivemos mais uma vez juntos, uma última vez antes de sua morte. Nunca esquecerei isso na noite passada, sentada com ela em sua casa na cidade. Ela ainda era a única nos projetos que mantinha um jardim como o que tínhamos ao redor de sua barraca, com todas as flores que ela amava - até mesmo a bananeira sob a qual eu a havia fotografado e um líder Klan em 2005. Seu quintal se destacava em nítido contraste neste projeto draboso onde todos os outros só tinham usado grama ao redor de suas casas. Dentro dela ela ainda estava ativa, fazendo colchas, chapéus e roupas para seus seis netos e cinco bisnetos. Com a ajuda dela, eu estava fazendo árvores ancestrais com seus nomes e datas de nascimento para que eu pudesse me lembrar deles e manter contato com eles após sua morte. Foi assim que descobri que muitos dos mais jovens receberam nomes africanos, como Neikata e Takivie. Os tempos tinham mudado desde que conheci Mary há 40 anos, quando todos eles tinham nomes de escravos. E então, em nossa última noite juntos, quando eu estava prestes a adormecer ao lado dela, algo aconteceu. Do nada, ela disse: “Por que você não me dá agora algumas de suas coisas doces? Você não acha que é hora disso antes que seja tarde demais para nós?” E sem esperar por uma resposta, ela me balançou com um braço em cima de sua enorme barriga. Eu fiquei paralisado pela confusão. Ela estava extremamente acima



Nossa barraca liberada com meus cartazes depois de expulsarmos seus pais de açúcar branco em 1985

do peso de sua medicação e na minha cabeça ouvi novamente o meu público de palestras me acusando de “tirar vantagem de uma pobre mulher negra”. E assim, para evitar isso de meus leitores também, não vou revelar o que aconteceu - todos nós temos direito a alguma privacidade, não é mesmo? Mas admito que achei a idéia de fazer amor com uma bisavó repulsiva, mas ao mesmo tempo atraente, com sua promessa de que nunca é tarde demais “para fazê-la” e de que nunca é tarde demais “finalmente, finalmente, livres, livres, graças a Deus Todo-Poderoso, finalmente somos livres”.



Ajudando Maria com suas artérias bloqueadas e mangueiras de oxigênio em 2009



1975 - rural AL

Gravação de um homem branco (canto superior esquerdo) que me pegou perto da casa de Maria no Alabama:

- O que você acha da integração?
- *Eu não vou a lugar nenhum. Deixe-os por conta própria e vá em frente. Diabos, eu não acredito em me misturar com eles, ir à escola com eles, ir à igreja com eles. Eu nunca tive nada contra os negros. Eles não podem deixar de ser um negro, assim como eu não posso deixar de ser um branco. Eles são uma raça diferente de pessoas e os deixam ser diferentes.*
- *Você sempre votou no Wallace?*
- *Claro que sim... mas ele não tem nada contra os negros no que diz respeito a eles serem negros... Há muitos negros que votam nele... ele recebe muitos votos de negros...*
- *O que você achou de Martin Luther King?*
- *Quem... Martin Luther King?... Por que - (cuspiando pela janela) ele não era nada além de um encrenqueiro... um agitador comunista...*

Este racista sulista é um exemplo do opressor pelo qual passamos para nos tornar opressores. A inocência de sua infância havia sido sistematicamente oprimida pelas injunções irracionais de seus pais: “Os negros são sujos. Não brinque com essas crianças; eles vão esfaquear você”. Como com as crianças de todo o Sul,

[#144](#)

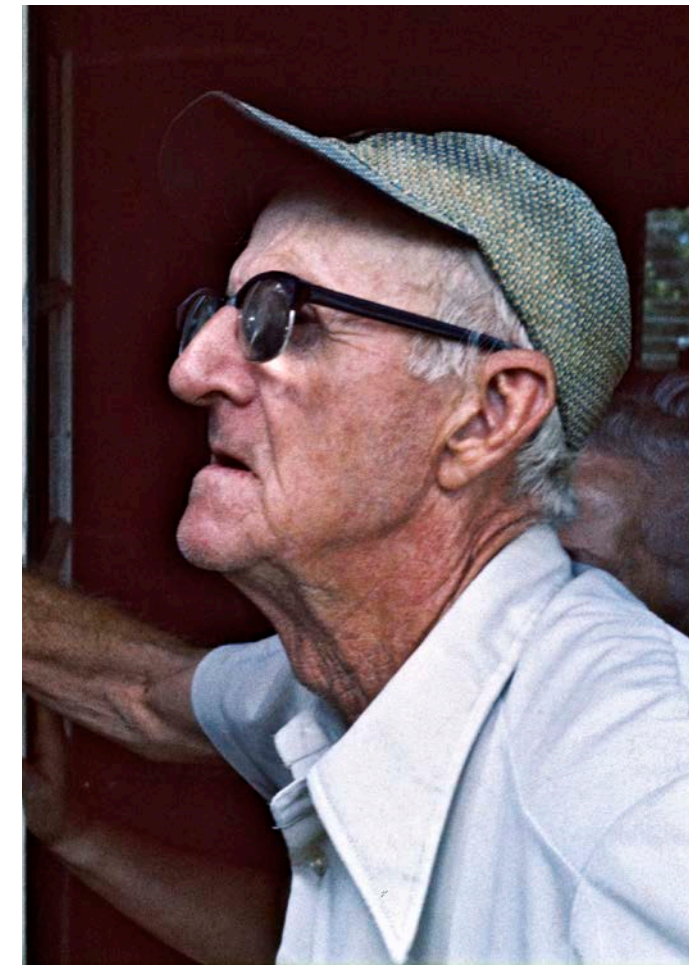


1974 - rural NC

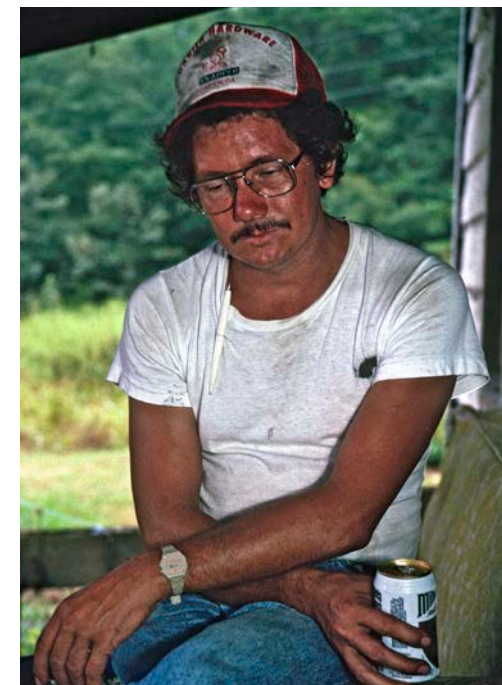
seu natural zelo, apetite pela vida e afeição pelos outros foram sufocados. Enquanto ele estava sendo ferido, sua mente se fechou, e ao longo dos anos o acúmulo de dor adicional se tornou padrões de angústia crônica. Incessantemente ele agora tinha que repetir suas experiências de angústia não curadas como um recorde quebrado: “negro, negro, negro, negro”. Ao ouvir tais vozes da história, eu sabia que o bombardeio da casa de Maria era a consequência extrema, mas lógica, desta opressão. Se ele tivesse crescido no Norte, não teria acabado com uma mentalidade tão má. E talvez menos ainda se ele tivesse sido criado na Dinamarca de minha juventude (antes do racismo de hoje). Quando lhe mostrei minhas fotos de Maria na cama, por exemplo - o grau do meu crime (para um branco do sul) contra este sistema do apartheid me atingiu. Como um escandinavo “neutro”, senti que Maria era extremamente bela e atraente. Portanto, fiquei bastante chocado quando vi o desgosto que este homem branco expressou ao pensar em estar ao lado dela “pele suja, escura e repulsiva”. Pouco a pouco, percebi que esta visão negativa estava enraizada na supremacia branca e acabara se tornando uma convicção profundamente internalizada e honesta que havia infectado não só os brancos em toda a América, mas também a visão dos negros sobre a beleza de pele escura.



1973 - Baltimore



1975 - Troy, AL



1975 - Bullock County, AL



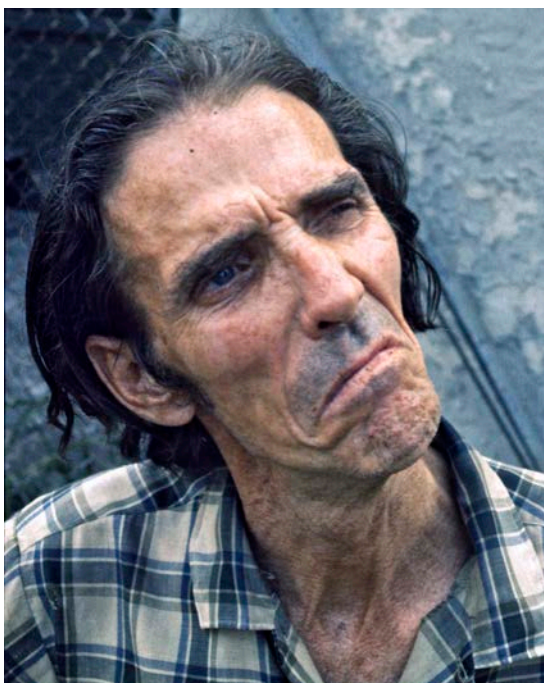
2003 - Angola, LA



1996 - Immokalee, FL



1975 - Meridian, MS



1973 - Baltimore

Vagabundos e negros têm uma relação especial com os brancos pobres. Com suas armas penduradas dentro de caminhonetes como símbolos de poder, eles são os que atiram em caroneiros no final da noite de sexta-feira, jogam garrafas de cerveja em outras noites e tentam atropelá-lo a qualquer hora. Enquanto os brancos mais ricos dão o tom, os pobres exercem grande parte da opressão física direta dos negros, que desdenhosamente os chamam de “pobre lixo branco”. Foram eles que receberam os papéis brutais e sádicos dos supervisores e apanhadores de escravos. Como os pobres brancos de hoje, os supervisores sentiram que eram desprezados pela sociedade das plantações e tiraram suas inseguranças e raiva dos negros através de atos de crueldade implacável. Foi a eles que políticos racistas demagógicos se dirigiram, mas quando os negros obtiveram o direito de voto e balançaram o pêndulo político em direção a políticos mais liberais, os pobres brancos perderam grande parte de seu papel de policiamento e o pouco orgulho que tinham.

Como os negros, eles sofrem com o ódio de si mesmos e reagem violentamente contra seu entorno, por exemplo, jogando lixo por toda parte. Eles também tiveram sua inteligência prejudicada pela desnutrição e negligência e podem ser ainda mais temerosos do que os negros.

Quando me aproximo de seus barracos, muitas vezes eles correm para dentro e trancam as portas. Quando vou caçar com eles e vejo sua crueldade para com os animais, percebo que a fonte de sua violência e comportamento abusivo foi sua própria opressão - batidas como crianças indefesas em seu papel social insensível e repressivo.

Este ciclo de maus-tratos é semelhante ao sofrido pelos negros, que tendem a repetir sua experiência violenta em sua própria espécie. Os pobres brancos não só têm seus próprios filhos, mas também os negros como um grupo alvo vulnerável e socialmente sancionado.

Tendo sempre sido dito que os brancos são superiores, eles se sentem deixados para trás quando vêem os negros com melhores empregos. Eles sentem que “os negros ganharam demasiados direitos” e que “nenhum negro pode jamais alcançar o mesmo status que mesmo os brancos mais baixos”. Eles sentem, portanto, que caíram da carroça quando vêem que muitos negros hoje vivem melhor e têm melhores empregos do que eles mesmos.



2003 - Philadelphia, MS



1986 - anywhere



1972 - Jackson, MI



1974 - rural Kinston, NC



Historical photo

Eles não entendem a dinâmica interna de nosso sistema, que muitas vezes os deixa desempregados, e em vez disso culpam alguém que é um pouco diferente - assim como grupos similares na Europa usam imigrantes muçulmanos como bodes expiatórios, protestantes irlandeses usam católicos, israelitas usam palestinos, japoneses usam coreanos, índios e africanos usam castas e tribos inferiores, e todos fantasiam com os judeus - especialmente onde não existem judeus!

Como nenhuma sociedade ou sistema jamais esteve livre da opressão, devemos em cada nova geração aprender a abraçar e curar padrões de raiva antes que eles se acumulem e se manifestem como genocídio. Se não ousarmos enfrentar os lados obscuros de nós mesmos, todos nós agimos com muita facilidade por causa da raiva deslocada. Sem igualdade de berço a berço e segurança na América, os pobres estão especialmente em risco aqui. Seu racismo, educação deficiente e nossas persistentes campanhas insensíveis contra eles como "saloiões" e "crackers" os tornam ainda mais de direita do que a maioria dos americanos e contra qualquer rede de segurança social que também beneficiaria os negros. Incapazes de atacar os verdadeiros alvos de sua frustração, a raiva dos brancos muitas vezes se transforma em violência racial. Tal amargura fez com que os brancos pobres linchassem quase 5.000 negros.



1974 - NYC



1996 - rural MS



1974 - rural Elizabethtown, NC



1975 - San Francisco



1974 - Jacksonville, FL

# Teenagers Kill Black, 15

Continued From Page 2

Two other residents confirmed this part of her statement.

"They were encouraging the kids to attack them," said woman. "They were shouting 'get the nigger' and 'kill the bastard.'"

Several members of the social club, which is just north of the park where Johnson was found and across the street from where Sanders was beaten have denied seeing the attack or taking any part in it.

Police have canvassed buildings in the predominantly Italian neighborhood searching for witnesses with no success.

A Post reporter also interviewed dozens of people in the area without finding any witnesses to the attack other than the woman mentioned. She asked to remain anonymous because she feared possible reprisals against her family. But he indicated she would talk to police.

Many members of the community said they'd heard about the incident but none admitted to actually seeing the attack or knowing any-

an officer close to the investigation, "because no one is talking to us. But since no white kids were hurt and around it isn't likely that we didn't find any weapons the black kids were doing the attacking."

Several incidents with racial overtones have erupted in recent months between local whites and black teenagers attending nearby Chelsea HS and Food and Maritime Trade HS. Community and religious leaders have insisted that those incidents were not racially motivated but were caused by a natural conflict of interests over the use of a local gymnasium.

Neither of the youths beat

or the others.  
ng better.

1974 - New York, NY



1974 - Little Italy, NY

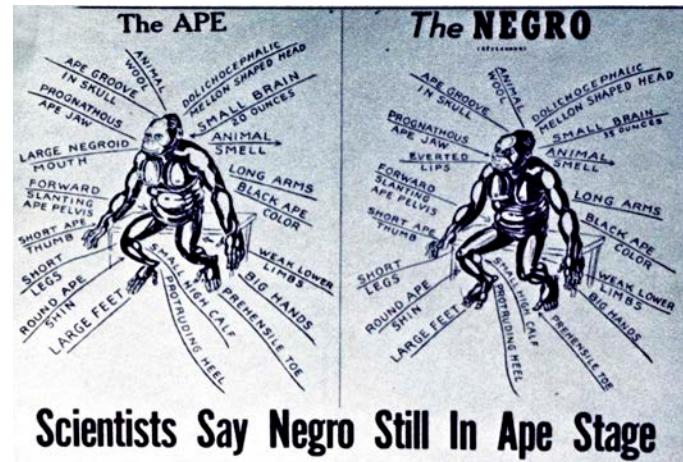


1974 - Little Italy, NY

Os linchamentos continuam. Derrick Johnson tinha apenas 15 anos quando entrou numa pobre área branca de Nova Iorque. Os pais brancos geralmente instilam xenofobia e racismo em seus filhos com culpa e sutileza, mas aqui eles ficaram de pé nas portas, exortando seus filhos a "Matar o negro" e "Matar o bastardo". As crianças atacaram Derrick com bastões de beisebol em plena luz do dia. Quando a polícia questionava as pessoas da vizinhança, ninguém dava nenhuma informação. Sabemos por experiências européias que tais pobres brancos amargurados podem ser manipulados em direção ao fascismo ou ao comunismo, mas sua visão tacaña e autoritária muitas vezes os levou a abraçar um radicalismo violento de direita que tem sido muito mais mortal e ameaçador para as minorias proscritas na Europa do que nos Estados Unidos nos últimos 100 anos.



1973 - Baltimore



## Scientists Say Negro Still In Ape Stage

Meu amigo nazista aqui em Baltimore primeiro se juntou aos comunistas, mas descobriu que eles queriam igualdade para os negros e foi até os nazistas, que dizem que os brancos são superiores aos negros e que eles "mandarão todos os negros de volta para a África". Enquanto os nazistas aderem assim ao desejo geral nos Estados do Norte (semelhante à maioria dos europeus brancos) de manter nossos marginalizados fora da vista ("racismo evasivo"), o atual Ku Klux Klan não quer se livrar dos negros, apenas mantê-los "em seu lugar" ("racismo dominador").

No Sul eu vi como a polícia trabalhava com o Klan, desarmando todos os negros na área de uma reunião do Klan, mas não os membros do Klan carregando pistolas e submetralhadoras. Uma noite, vestida com um casaco branco, consegui entrar sorrateiramente em uma de suas cerimônias de queima cruzada, onde gravei este discurso:



1974 - Little Italy, NY



1972 - Miami, FL



1978 - rural Gadsden, AL



1972 - Baltimore



1974 - Gainesville, AL



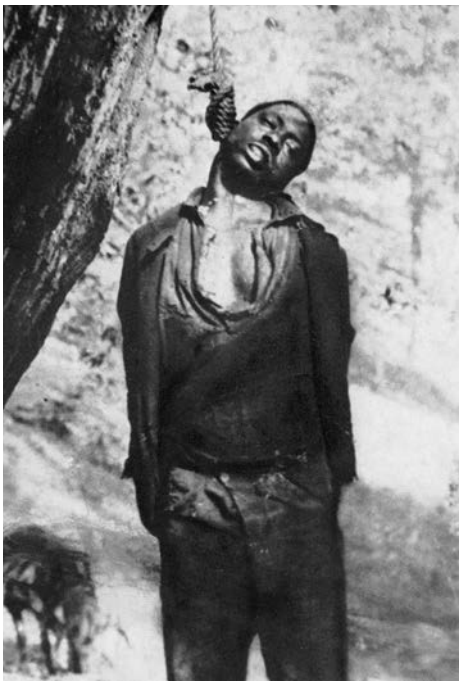
1973 - rural LA



1978 - rural Gadsden, AL



1975 - Tarboro, NC



Historical photo

“Sim, a conspiração nos dá muito em que pensar... e a maioria de vocês está apenas pensando nos macacos que correm por aí puxando suas próprias caudas”. Vocês ainda estão irritados e agitados por todos esses macaquinhos correndo por aí gritando: “Sou discriminado, quero aquele policial demitido”, e todo esse tipo de lixo. E isso o incita a querer fazer algo. Mas amigos, a conspiração é mais profunda do que um bando de negros bêbados na selva. E há três coisas que você não pode dar a eles! Absolutamente apenas três coisas: Você não pode dar a um negro um lábio gordo, um olho negro e um emprego! (aplausos) ... Em outra ocasião, nós corremos esses quatro negros e estávamos prontos para... para... (indicando corda-linguim) (aplausos) ... e justamente quando estávamos prontos para lançar nossos mísseis em direção a sua cabeça de rebarba, alguém disse: “Espere, nós os temos e agradecemos por pegá-los”. Então, eles os derrubaram e os prenderam. E na manhã seguinte, o prefeito disse ao nosso funcionário: “Senhor, lamentamos, mas tivemos que deixá-los ir, porque não quero minha cidade arrasada”. E estes negros saltaram sorridentes e histéricos “Ha, Ha, Ha”, como macacos pulando suas caudas. (risos)

Amigos, alguns anos atrás o Klan foi chamado a Washington para ir antes do comitê de investigação - acreditem ou não - sobre o assassinato do Rei. Eles entregaram este comitê a dois negros, não a dois negros. Vou me referir a eles como negros porque eles esbanjaram cinco milhões de dólares de seus impostos, que foram muito bem ganhos, para chegar a uma resposta para o assassinato de King! Bem, antes de mais nada: não se pode assassinar um negro! (aplausos) Você só pode assassinar um estadista ou um homem de caráter e habilidade reconhecidos. Você não assassina lixo”!



1978 - rural Gadsden, AL



Historical photo

Individualmente, estes solitários e desesperados perdedores tinham tanto medo de mim quanto eu tinha deles. Apesar de todos os meus preconceitos, não pude deixar de gostar deles como indivíduos. Os seres humanos prontos para assassinar o que eles chamam de “lixo” são pessoas que a sociedade doutrinou perpetuamente com o sentimento básico de que eles mesmos são lixo. Sua insegurança e autoconfiança lhes dá uma estranha necessidade categórica de odiar os outros.

Sim, foi isso que escrevi em meu livro em 1984, quando estava tentando entender o Klan depois de ter pegado uma pobre carona na minha turnê de palestras. Durante nossa longa viagem, ele revelou coisas que me fizeram suspeitar que ele havia sido vítima de incesto. Então, de uma forma amorosa, perguntei sobre sua infância e, com certeza, ele me contou como seu pai o havia violado repetidas vezes. No entanto, ele tentou defender seu



1978 - rural Gadsden, AL

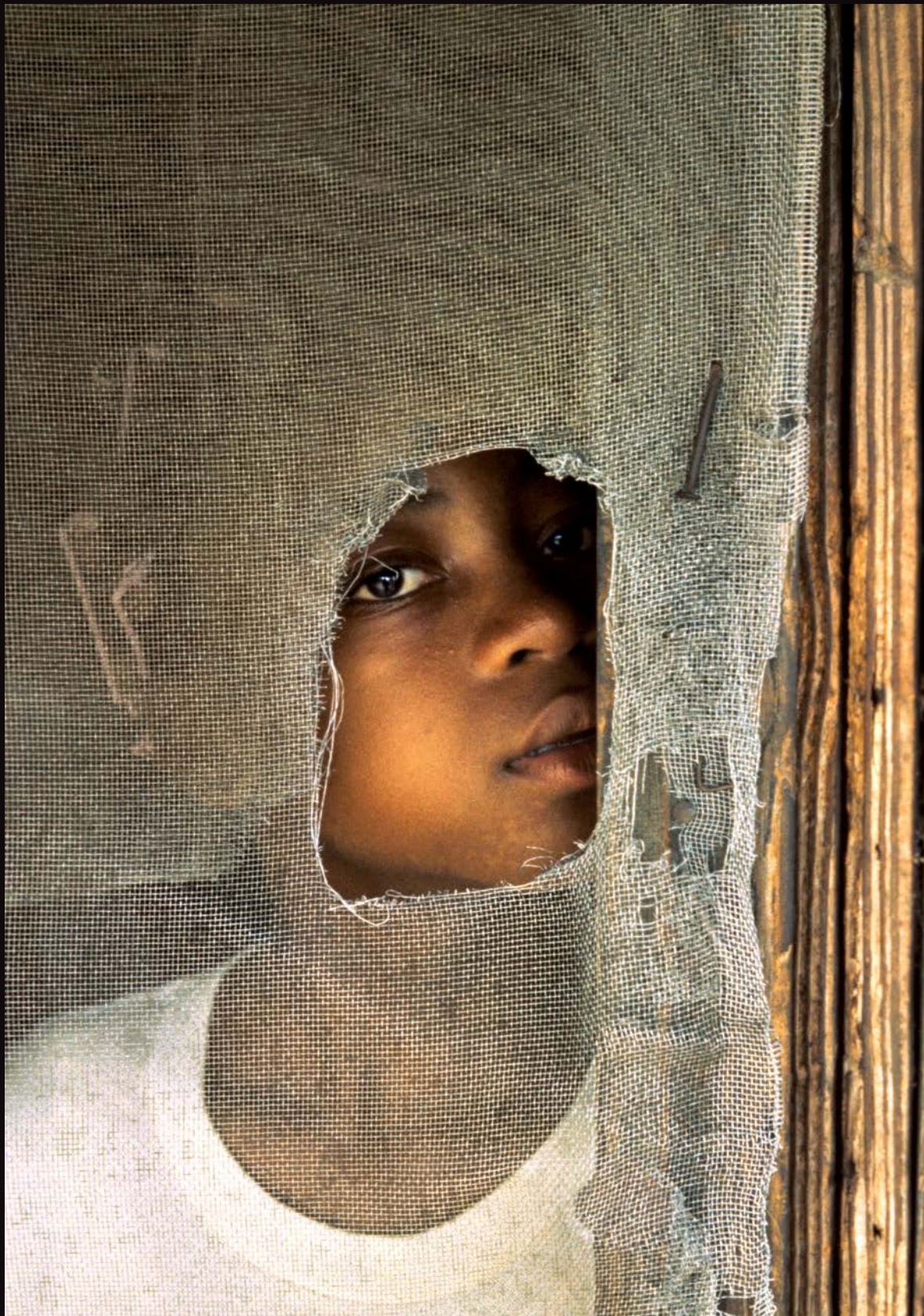


O linchamento, em 1981, de Michael Donald em Mobile, Alabama. Membros da Ku Klux Klan seqüestraram a tiro um estudante universitário de 19 anos escolhido aleatoriamente em uma rua da cidade “para mostrar a força da Klan no Alabama”. Na manhã seguinte, seu corpo foi encontrado pendurado pelo pescoço em um bairro negro. Um dos Klansmen, James Knowles, foi mais tarde enviado para a cadeira elétrica. Morris Dees do Southern Poverty Law Center relata como o público chorou enquanto o linchador confesso contava como Michael implorou por sua vida enquanto Klansmen preparava o laço para seu pescoço. Foto da polícia

pai, que na minha experiência é como tais vítimas começam a redirecionar sua raiva e a bode expiatório para os outros. Também percebi que, como a maioria das crianças abusadas com as quais lido, ele nunca havia recebido ajuda alguma. Nós que estamos em melhor situação não gostamos das vibrações desconfiadas que recebemos dos filhos da dor e reservamos nosso amor às crianças capazes de irradiar o amor pelo qual eles mesmos foram moldados. E em nenhum lugar você tem mais tempo para lhes dar terapia emocional do que nas intermináveis rodovias da América. Eles são sempre incrivelmente gratos e farão qualquer coisa por você depois.

E assim, depois de lhe mostrar meu livro, ele agora me implorou para ir com ele a esta reunião da Klan. Primeiro ao encontro de recrutamento aberto durante o dia, onde não pude deixar de sentir compaixão pelos pobres simpatizantes brancos mostrados acima. Antes de irmos à iluminação secreta da cruz (apenas para membros), dei-lhe uma refeição e deixei-o usar meu cartão telefônico para ligar para sua mãe. Mas seu rosto se contorceu de repente em raiva e dor quando sua mãe lhe disse que dois negros haviam acabado de matar seu tio. Ele tinha prometido me proteger e me cobrir em um capuz, mas será que agora eu ousava caminhar com ele e 50 Klansmen loucos com armas no meio de uma floresta escura quando ele sabia que eu era anti-racista (um “amante de negros”)? Será que ele me trairia? Tive tanto medo que liguei para minha família na Dinamarca para dizer: “Se eu não ligar antes da meia-noite, alerte a polícia”. Que ingênuo! Eu já tinha visto como eles trabalhavam com a polícia. Mas ele nunca me traiu, o que novamente me ensinou uma das minhas lições mais importantes na vida: TODAS as pessoas que sofrem - e ele agora sofria tanto com os abusos quanto com o assassinato de seu querido tio - têm um desejo maior por NOSSO amor do que por expressar sua dor e raiva sob a forma de ódio e violência.





1975 - Waynesboro, GA



1978 - rural Gadsden, AL



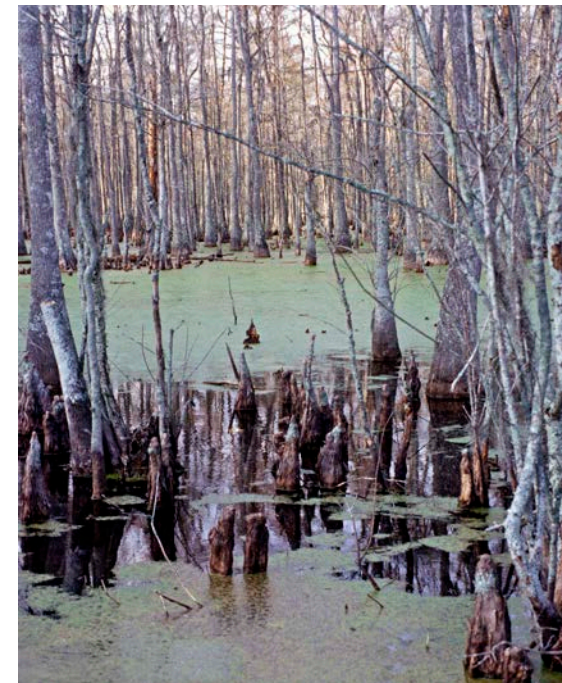
1991 - Woody na noite em que eu o peguei



1973 - Immokalee, MS



1975 - Waynesboro, GA



1996 - pântanos, LA

Nos meus anos vagabundos, nos anos 70, a maioria dos americanos parecia se sentir bem consigo mesmos e eu quase não encontrei nenhuma atividade Klan. Mas os crescentes maus-tratos às crianças que tenho visto desde então, parecem andar de mãos dadas com o crescimento dos grupos Klan e da supremacia branca sob o presidente Obama e Trump. Aqui está como entrei em uma família de apoiadores do Trump mais tarde. Uma noite, em 1991, peguei Woody, este pobre carona no Mississippi, que me disse que ele e seus dois irmãos haviam pessoalmente matado tantos negros, que perderam a conta deles.

- Não sei se ele matou os dois primeiros de quem eu tive sangue, sei que ele abriu a cabeça muito mal.

- Hmm

- John abriu a cabeça de verdade, muito mal... Tirou um grande pedaço inteiro de sua cabeça - e o sangue caiu sobre mim então. Isso é porque eu estava segurando o cara. Toda vez que seu coração batia, o sangue esguichava cerca de 1,5 a 6 metros, cara. O cara corria cerca de dez degraus, depois apenas caía - cara primeiro. Vou até mesmo levá-lo ao velho correio hoje à noite e mostrar-lho, exatamente onde aconteceu. Então eles receberam uma grande placa dizendo "No Niggers Allowed" quando você entra lá na rodovia.

- Ainda? Em que ano é isso?

- Estamos em 91 agora, consertando para ser 92 e eles receberam uma placa dizendo "Não são permitidos negros".

- Quando você saiu para matá-los, ele falava sobre isso todo o dia anterior ou você simplesmente...?

- Não, apenas aconteceu. Foi apenas uma dessas coisas. Ele estava descendo a rua e só lhe apetecia fazer isso. Ele os tinha visto, então ele o fez....

- Aqui foi onde este cara caiu depois que meu irmão o esfaqueou. Pode ter sido a polícia. Aqui mesmo é onde ele caiu. Vou lhe

*mostrar onde ele foi esfaqueado. Ele foi esfaqueado bem do outro lado deste poste telefônico, bem aqui. E então ele correu três metros e caiu. Vamos antes que a polícia venha, porque eles são maus aqui à noite.*

- O que ele realmente disse?

- Na verdade ele disse: "Vou matar um negro esta noite". Ele disse o dia todo e quando voltávamos das pegadas Sammy lhe disse: 'Aposto que você não vai matar aquele ali mesmo'. E este era um grande negro, você sabe. E John disse: 'Aposte comigo!'. E Sammy diz: 'Aposto contigo'. E ele diz: 'Não importa a aposta'. Ele andou até lá e disse: 'Ei, você conheceu seu criador?' e ele o esfaqueou. Os olhos do cara rolaram para trás da cabeça e John torceu a faca e depois a puxou para fora. O sangue, quando saiu, bateu em mim e no Sammy.

- Como isso aconteceu quando....?

- Ele sai e mata os negros por diversão. Ele me diz que gosta de ver o medo na cara deles quando morrem. Foi como quando estávamos descendo a River Road, eu estava lhe contando como Sammy chamou um para o carro e John pulou e atirou nele. Bem, dois deles se separaram, e um deles ficou lá, sabe, ele estava se assustando. Acho que ele era jovem ou algo assim, sabe. Sammy começou a espancá-lo na cabeça com uma garrafa que ele tinha. E então John começou a chutá-lo e outras coisas - e quando o tinham no chão sangrando e onde ele não podia se mover, John apenas o pisou até morrer. A única coisa que eu nunca vi John fazer, foi sair e atropelar os negros que ele costumava sair e atropelar. Mas eu vi sangue no carro e.... como eu disse, eu peguei camisas e camisas e coisas assim de debaixo do carro depois que ele as atropelou. Já o vi espancar muitos, muitos pretos muitas vezes e deixá-los para morrer.

- Quantos você diria?

- Quantos? Mais do que eu posso contar com meus dedos das mãos e dos pés.

Como sempre com pessoas violentas, eu perguntei sobre sua infância.

Seus olhos se encheram de lágrimas quando ele me contou como os três irmãos haviam sido constantemente espancados e abusados por seus pais profundamente alcoólatras.

- Desde que me lembro, recebi chicotadas de minha mãe. Ela costumava vir bêbada.... Ela te batia em qualquer lugar que pudesse te bater. Quando ela te chicoteia com uma tábua, se você se mexe e ela te bate em outro lugar, você não deveria ter se mexido.....

É importante sempre dar a tais filhos da dor todo o amor e afeto que pudermos reunir.

Em minhas viagens, muitas vezes me surpreendi com o pouco cuidado que é necessário para que estas pessoas encapsuladas e desanimadas levantem a cabeça novamente e se sintam melhor consigo mesmas.

As pessoas, que se sentem bem consigo mesmas, não vão ferir intencionalmente outras pessoas ou mesmo pensar mal delas. Somente as pessoas que sofrem profundamente desejam prejudicar os outros. Todos os racistas violentos que conheço nestes dias foram, sem exceção, maltratados ou humilhados na infância.

As cruzes e as suásticas são apenas seu grito inepto por nossa ajuda e atenção, e é preciso tão incrivelmente pouco carinho nosso para ajudá-los a sair de seus padrões opressivos.

Cinco anos depois, encontrei algumas das vítimas de Woody, como a família Sarahs, que haviam sido esfaqueadas por Woody durante o sono...(Leia na página 213 o que aconteceu mais tarde). Suas vidas destroçadas precisavam de alimento semelhante para não serem destruídas pelo medo paralisante e pelo ódio

implacável que haviam desenvolvido contra os concidadãos. Saber quão facilmente tal ódio se perpetua levou o novo governo negro na África do Sul a perdoar todos os crimes raciais cometidos sob o apartheid.

Meu amigo Woody começa a entender que como nunca teve ninguém que o ajudasse a curar sua dor, ele a tinha virado contra os negros de uma maneira tão horrível que podia descrever como eles torturaram e assassinaram cada uma de suas vítimas e as jogaram nos rios e pântanos do Mississippi.

- Você geralmente se livrava deles jogando-os em rios e pântanos?

- Oh, sim, muitas vezes os jogamos nos pântanos....

Aqui é para o estado do Mississippi pois por baixo de suas fronteiras o diabo não desenha nenhuma linha.

Se você arrastar os corpos sem nome de seus rios lamacentos, você encontrará.

Oh, as fábricas das florestas esconderam mil crimes.

O calendário está mentindo quando lê o tempo presente.

Oh, um brinde à terra da qual você arrancou o coração: Mississippi, encontre outro país para fazer parte!



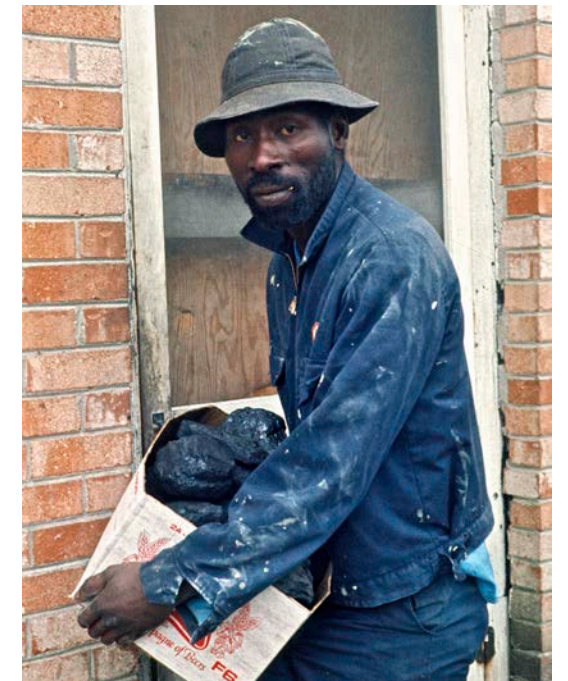
1975 - Casa da Tupper Plantation, Washington, GA



1975 - Washington, GA



1975 - Casa da Tupper Plantation, Washington, GA



1975 - Washington, GA



1975 - Casa da Tupper Plantation, Washington, GA

Na Geórgia, onde vivi com a família Barnett em uma antiga casa de plantação, aprendi sobre um tipo de racismo baseado não no ódio, mas em um amor paternalista historicamente condicionado aos negros. A Sra. Barnett passou dias me levando a famílias que sua família um dia possuiu, há muito pouco tempo atrás em sua imaginação (e, como descobri, também na consciência negra).

Sra. Barnett: *Esta é a nota de venda para meu bisavô do Sr. Cadman para Lucinda, seus filhos, e seu aumento para sempre. O preço era de US\$ 1.400.*

Sra. Hill (sua amiga de outra casa de plantação): *Mas, veja, quando eles chegaram aqui eles eram selvagens, e eu acho que em vez de culpar o Sul como o Norte nos culpou, eu acho que merecemos um pouco de crédito. Eles os venderam para nós e sabiam que estavam nos vendendo selvagens. Mas eles simplesmente continuaram a enviá-los. E então eles começaram a falar sobre nosso tratamento severo, mas você sabe que quando você tinha pessoas trabalhando para você, você fazia tudo por eles, os alimentava, lhes dava roupas e moradia, e cuidava deles.*

Sra. Barnett: *Os brancos faziam qualquer coisa pelos negros, exceto sair de suas costas, como eles dizem. (risos) Uma coisa é certa. Ainda sentimos falta deles.*

Sra. Hill: *Sim, nós sentimos falta deles.*

Quando uma “escrava doméstica” chegou com o chá da tarde, a conversa, como sempre na aristocracia sulista, voltou-se para as loucuras de seus servos - uma forma de manter sua atitude paternalista em relação aos negros e, assim, de se darem a si mesmos a distinção social de tempos anteriores.



1975 - Washington, GA



1975 - Washington, GA

O que a Sra. Barnett sente falta não é dos escravos como mão-de-obra ou como propriedade, mas da antiga dependência simbiótica de escravo e senhor. O fato de se poder perder um escravo de mais de US\$1.400 por doença incutiu na classe alta branca uma preocupação paternal e um senso de responsabilidade por seus escravos. Na Sra. Barnett este amor se manifestou em seu trabalho em favor dos negros presos para a vida - em outras palavras, na necessidade de expressar amor por um grupo de negros que, como os escravos, não são livres.

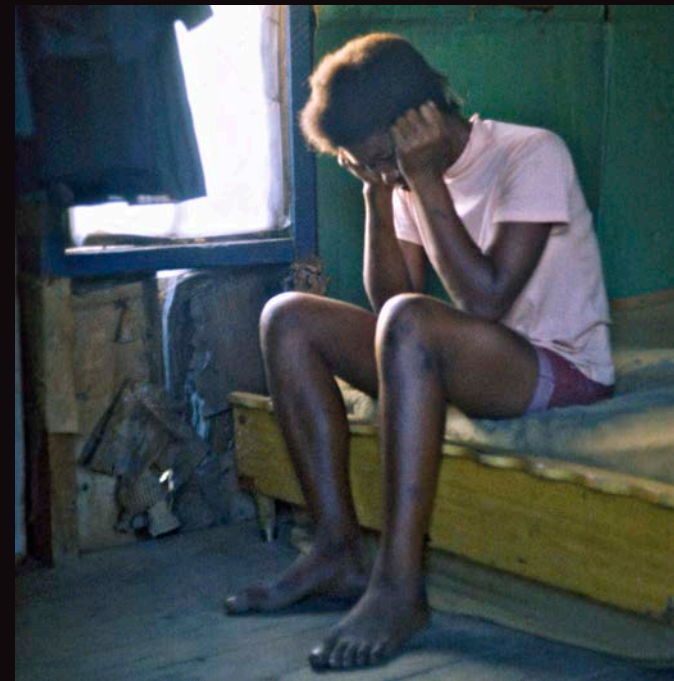
Era este tipo de racismo condescendente que eu mesmo estava assumindo na América? Por quanto tempo eu poderia manter a noção ingênua de que, como imigrante estrangeiro, seria capaz de me manter à tona num oceano de racismo que afogou todos os outros?



1975 - Phila, MS. Rachel aqui foi estuprada e assassinada quando 14



1973 - Natchez, MS



1975 - Philadelphia, MS



1973 - Natchez, MS

No Sul vivenciei duas reações brancas completamente opostas em relação a nossos oprimidos: ódio e amor. Quanto mais eu via estes peculiares padrões de angústia como produtos de um sistema secular, mais os julgamentos de valor, como o bem e o mal, se desintegraram. Apesar de seu rastro de destruição, eu não podia mais odiar estes brancos. A partir do momento em que lhes mostrei respeito e compreensão, as portas começaram a se abrir por toda parte: as portas da hospitalidade sulista.

Mais tarde, quando viajei entre os brancos sul-africanos, fui recebido com uma hospitalidade ainda mais esmagadora, que parecia diretamente proporcional a uma maior diferença de classe entre negros e brancos. Assim como na África do Sul, os negros no Sul recebem a cordialidade tradicional, desde que tenham um status inferior ao da classe. Eles não são pagos tanto por seu trabalho quanto por seu servilismo e humildade, por conhecerem “seu lugar” e por serem dependentes. Sua resistência passiva a esta subjugação é vista como “irresponsabilidade” e “falta de cuidado”, o que confirma ainda mais a “necessidade” da relação paternal, elevando assim o status de brancos. Este status artificialmente elevado aumenta o excedente psíquico demonstrado, por exemplo, numa exuberante hospitalidade e simpatia para com o indivíduo, mas não para com o grupo, como “negros”, “ianques” ou “comunistas”.

Em uma casa de plantação, eu tinha chegado com minha peruca de cabelo curto, mas a anfitriã, Emely Kelley, estava se apaixonando cada vez mais por mim, e uma noite eu surpreendi o jantar exibindo todo o meu cabelo. Emely explodiu: “Eu sei que você é comunista, mas gosto de você de qualquer forma”. Esta classe hospitaleira pode não participar de atos terroristas brancos, mas se beneficia diretamente de tal policiamento. Nenhuma das casas das plantações onde eu vivia estava fechada, apesar de estarem cheias de ouro, prata e pinturas caras - mesmo

ao lado de algumas das pessoas mais pobres da Terra, que eu muitas vezes vi cometerem crimes violentos uns contra os outros.

Uma razão pela qual eu podia me mover, mesmo nos guetos mais violentos do Sul, sem temer por minha vida, foi minha percepção de que a escravidão dos anos 70 tinha seu guarda-chuva protetor sobre mim em todos os lugares. E quando você enfrenta um sistema tão profundamente enraizado que até mesmo seu “idealismo escandinavo de olhos azuis” não é compreendido, você desiste e se torna um participante. Assim, eu logo aprendi a arte de me autogastar e desconfortável de ter empregadas negras me servindo o café da manhã na cama coberta (em um quarto separado da anfitriã) enquanto evitava cometer o crime de fazer minha própria cama. No Mississippi, vi as criadas passarem dias vestindo as “beldades” brancas em vestidos de antebelo para que pudéssemos continuar os velhos tomates da Confederação, onde os negros estão presentes apenas na forma de uma mulher branca de cara preta agindo como “mamãe”.

Eu adorava estas beldades, aparentemente distantes, mas incrivelmente abertas e encantadoras, cuja inviolável “feminilidade branca” era uma das razões de falsidade para a morte de milhares de homens negros em um terror causado unicamente pelo desejo de perpetuar a supremacia branca. Contudo, a primeira vez que voltei a Natchez em 1978 e achei a cidade extremamente perturbada com um artigo no New York Times que descrevia as casas de plantação como “decadentes e promíscuas”, tive que rir, tendo experimentado exatamente isso eu mesma.



1975 - Filadélfia, MS. Carl à direita tornou-se um pregador, seu irmão passou a vida na prisão



1973 - Natchez, MS

## Ao dizer sim

A maior liberdade que eu conheço é poder dizer sim; a liberdade de se lançar nos braços de cada pessoa que você encontra. Especialmente como um vagabundo, você tem a liberdade, a energia e o tempo para ser totalmente humano em relação a cada indivíduo que encontra. A loteria mais fantástica em que posso pensar é a de carona. Há um prêmio cada vez. Cada pessoa pode lhe ensinar algo. Eu nunca disse não a uma carona - mesmo que houvesse pistolas deitadas no banco da frente, ou quatro homens de aparência sinistra usando óculos escuros sentados no carro. Cada pessoa é como uma janela através da qual a sociedade maior pode ser vislumbrada. Um homem em Nova York me pediu para dirigir um trailer da U-Haul até a Flórida. Ele não quis dizer o que estava dentro. Concordamos que eu deveria receber sessenta dólares por fazê-lo, mas nunca consegui o dinheiro. Através de várias fontes, descobri que era para a Máfia que eu havia trabalhado - eles preferiram usar um estrangeiro ingênuo para tal transporte ilegal de narcóticos, etc. Ou talvez fossem armas para os exilados cubanos em Miami? Em outra ocasião, no Alabama, esta pobre mulher de 87 anos me pediu para levá-la a Phoenix, Arizona. Ela queria ir para lá para morrer. Ajudei-a a subir pelas janelas de sua barraca dilapidada fora de Notasulga, porque embora ela soubesse muito bem que nunca voltaria, ela ainda não queria que os negros locais se mudassem para lá. O caminho todo até lá ela se sentou com uma pistola na mão. Ela tinha medo de mim por causa do meu longo cabelo e barba, mas ela não tinha outra maneira de chegar ao Arizona. Ela estava tão fraca que eu tinha que carregá-la sempre que ela tinha que deixar o carro, mas apesar disso ela continuou agarrada à sua arma. O carro era tão velho que só podíamos dirigir a 30 milhas por hora, então a viagem nos levou quatro dias. Ela havia economizado durante anos para ter dinheiro suficiente para gasolina, mas não tinha dinheiro para comida, então eu tive que sair várias vezes e roubar cenouras e outras coisas comestíveis ao longo da estrada. Durante a maior parte da viagem, ela falou sobre o Governador Wallace e como ela esperava que ele se tornasse presidente antes de sua morte. Aprendi mais sobre o Alabama naquela viagem do que poderia ter aprendido lendo por uma vida inteira.

Na Flórida, duas jovens mulheres me pegaram e me ofereceram um brownie. Como eu estava com muita fome e sentada no banco de trás, agarrei a oportunidade e comi quatro brownies inteiros. Eu sempre como o que as pessoas me oferecem, mesmo que sejam comprimidos, ou sujeira, ou pior. E cada vez que isso me dá uma certa visão da sociedade. E assim, foi neste dia. Afinal, eles eram brownies de haxixe e eu havia comido muitos demais. Fiquei pedrado e não pude mais pedir carona naquele dia, pois era incapaz de me comunicar com os motoristas. Entrei em Jacksonville e sentei-me em um parque esperando o desgaste do alto. Dois vagabundos inofensivos vieram e sentaram-se ao meu lado, mas de repente fiquei tremendamente assustado com eles e corri para a estação de ônibus. Eu não ousava estar na

rua, mesmo durante o dia. (O hash me deixou extremamente paranóico, e é exatamente quando você envia vibrações de medo para outras pessoas que você é pulado). Naquele dia entendi o medo agonizante que a maioria dos americanos carrega e sobre o qual não pode fazer nada. Desde aquele dia tenho tido mais compreensão das reações das pessoas nos Estados Unidos. Às vezes eu também sinto medo de outras pessoas. Uma noite em Nova York, ouvi uma voz me chamando de um beco escuro na área sinistra perto da Nona Avenida. Eu estava absolutamente convencido de que se eu entrasse no beco eu seria atacado. Mas tinha mais medo de que, se não o fizesse, abriria um precedente, e então ficaria paralisado, como tantos outros na América. Eu me forcei a ir para lá. É claro que acabou sendo apenas um caminhante de rua desgastado de cinco dólares. Eu ganhei uma visão de um tipo de sofrimento que nunca havia encontrado antes, o que me provou mais uma vez que nunca dói dizer sim. Como regra, você é diretamente recompensado por isso.

Em Detroit, um garoto de cinco anos me pediu persistentemente para ir para casa com ele e tirar algumas fotos de sua mãe. Não tive tempo nesse dia, mas decidi ir com ele de qualquer maneira. Quando chegamos em sua casa, vi que sua mãe estava doente, e quatro de seus sete irmãos e irmãs tinham grandes mordidas de rato nas costas e nas pernas.

No início eu percebi que não poder dizer não às pessoas era uma fraqueza, já que sempre fui muito rendido. Mas agora eu me convenci de que é uma força e, portanto, fiz dela um hábito onde quer que eu vá. Quase todos os dias, quando pego carona, em algum momento sou convidado por um motorista a entrar em um restaurante. Recebo o cardápio, mas é impossível para mim escolher. Após uma pausa embaraçosamente longa, o motorista geralmente sugere algo, e eu digo imediatamente que sim. Não poderia me importar menos com o que eles me servem. A comida é apenas um meio de continuar.

Descobri que mesmo a incapacidade de escolher tem suas vantagens quando se viaja. Quando eu estava no banco de sangue em Nova Orleans e, como de costume, lutei com muitos gays pelo “muro gay” para fora desta cidade, ao subir para ver as enchentes no delta do Mississippi, consegui uma carona com um negociante de antiguidades gordo. Ele continuava me pressionando para ir com ele para o bosque escuro com promessas como “vou te colocar com uma senhora rica e branca depois”. Eu não queria perder tempo com outro “velho sujo”, mas não consegui dizer diretamente não. Então acabei deixando-o seguir suas luxúrias no bosque e verdade o suficiente, depois ele me levou a uma das grandes casas de plantações em Natchez, onde seu amigo, o proprietário, Emely Kelley, imediatamente me convidou para experiências igualmente íntimas. Há muito tempo eu havia aprendido que sem dizer sim a um pouco de dor, não se chega



1975 - Notasulga, AL



1974 - Harlem, NY



1974 - New York, NY

anos de idade por dois dólares por dia, sobre como ele nunca tinha ido à escola porque tinha que colher algodão, e sobre todas as humilhações que ele tinha que suportar constantemente dos brancos. Então ele simplesmente não aguentava mais. “Diabos, não”, repetia ele repetidamente. Ele queria sair daquele inferno do algodão. Então ele tinha se tornado um cafetão. Tanto ele quanto suas meninas concordaram que era melhor se prostituir desta maneira do que se prostituir nos campos de algodão. É o homem branco que colhe o lucro em ambos os casos, mas eles ganharam mais dinheiro desta forma: quinze dólares por noite por garota. Ele havia estudado o homem branco durante toda sua vida, cada gesto e cada pensamento. Ele sentia que conhecia o homem branco melhor do que ele mesmo - e ainda assim não o compreendia. Mas suas experiências fizeram dele um bom cafetão, embora ele tivesse apenas dezenove anos de idade. Ele sabia precisamente como colocar os homens brancos em contato com suas meninas. Mas isso o machucou. Deixou uma ferida profunda. Ele sentiu que estava vendendo tanto sua raça quanto seu orgulho; mas que não tinha escolha. Ele odiava o homem branco com todo o seu coração, mas nunca ousou mostrá-lo. Naquela noite percebi que se muitos negros no Mississippi se sentissem como Ed, chegaria um dia em que as coisas não iriam parecer boas para os brancos. Fiquei tão abalado depois daquela noite que, nos dias seguintes, não consegui olhar os brancos nos olhos. Tive sorte naquele dia em que alguém tinha me dado baterias para o meu gravador. Portanto, pude gravar muito do que ele disse naquela noite. Agora, quando viajo entre os brancos no Mississippi e vivo com eles, muitas vezes toco aquela fita para mim mesmo à noite. Quero evitar me identificar muito fortemente com o ponto de vista deles. Com seus sotaques encantadores e grande calor humano, é difícil não se deixar seduzir. O truque é manter a cabeça fria no meio do caldeirão de bruxas em ebulição do Sul.

ao céu. Depois de semanas de fome, realmente sentia vontade de entrar no céu para que os criados negros nos servissem em bandejas de prata nas camas cobertas de lona.

No entanto, é importante descer novamente à terra, por isso, quando depois de duas semanas deixei a mansão, acabei me acampando junto naquela mesma noite com um chulo negro em Greenville, na região do delta, que é uma região pobre. Tornamos bons amigos e ele disse que por causa de nossa amizade, ele me daria uma de suas prostitutas. Eu não disse nada. Ele me levou a um bar no qual quatro de suas “meninas” estavam de pé. “Escolha o que - sempre que quiser. Você pode tê-la de graça”, disse ele. Eu não sabia o que fazer no mundo. Eu vim a amar tais prostitutas negras com sua fantástica mistura de brutalidade violenta e ternura intensa. Você pode aprender mais sobre a sociedade com uma prostituta negra em um dia do que com dez palestras universitárias. Mas era simplesmente impossível para mim escolher.\*)

Então Ed, como ele era chamado, me levou para casa novamente. A partir de então, ele se tornou mais aberto e acabou por me colocar à prova. Ele estava muito interessado nas coisas que eu lhe havia dito, mas nunca havia encontrado um branco em quem pudesse confiar, e agora queria ver se eu era como os outros brancos no Mississippi. Aquela noite se tornou uma das experiências mais intensas que eu já havia tido. Nós dois deitamos na cama que ele normalmente usava para seus negócios e a noite inteira ele me contou sobre sua infância. Tudo isso veio como uma revelação para mim. Foi a primeira vez que estive no Mississippi, e provavelmente teve um efeito particularmente forte em mim porque eu tinha acabado de passar duas semanas vivendo em enormes casas de plantação com aqueles enormes vestidos de antebelo e ouro e brilho em todos os lugares. Ele me contou sobre a fome, sobre como ele tinha que colher algodão desde os cinco

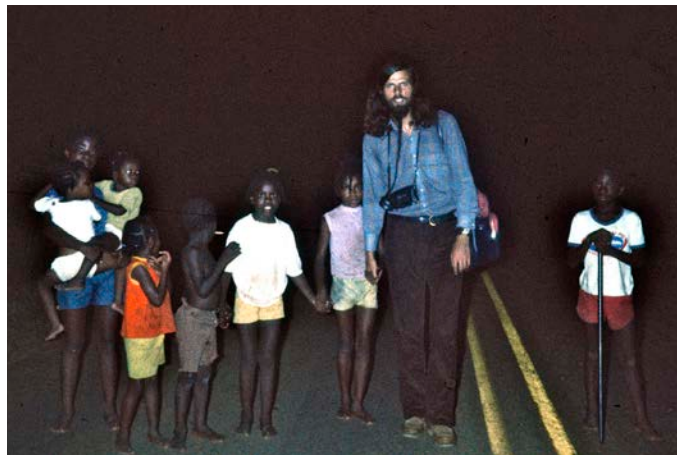
Eu vi como uma coincidência que Ed se abriu para mim, pois eu tinha realmente sentido mais vontade de estar com as prostitutas. Mas agora estou começando a acreditar que não foi apenas por acaso. É como se sempre houvesse algo que me levasse às situações certas.

*Carta a um amigo americano*

\* (Desde então, descobri que estas frases pouco sofisticadas desta carta original sobre meu amor por prostitutas como um grupo oprimido nos EUA e na Grã-Bretanha, são muitas vezes mal interpretadas de forma sexual e não política. Para uma compreensão mais clara da minha relação com as prostitutas, veja a página 381).



1973 - Natchez, MS



1975 - rural Meridian, MS



1973 - Boston, MA



1974 - Norfolk, VA



1973 - Natchez, MS



1975 - Philadelphia, MS



1996 - Bullock County, AL



1975 - Philadelphia, MS



1975 - Philadelphia, MS



1990 - Georgetown County, SC





1974 - rural Tarboro, NC



1975 - Las Vegas, NV



1974 - Greenville, NC

Um dos aspectos mais peculiares da hospitalidade sulista é o desejo de “dar” imediatamente a um visitante masculino uma “menina” muito atraente. Não apenas entre a antiga aristocracia, mas também entre os milionários “em ascensão”. Raramente passou mais de um dia antes de me fornecerem uma “data” da mesma classe (ou, mais freqüentemente, uma aspirante a ser membro dessa classe), muitas vezes sem ter me perguntado. Quando eu vivia no Mississippi com parentes do senador Stennis, um arqui-conservador, me foi dada uma lista de possíveis “belles” para escolher. Jack Ray, o banqueiro do Alabama, insistiu absolutamente em me dar a secretária pessoal do Senador Allan para a noite.

Sua atitude em relação à “feminilidade branca” parecia pouco melhor do que sua relação histórica com a feminilidade negra, mas esta sagrada feminilidade branca é usada como uma das muitas desculpas para a repressão violenta dos negros e para incutir medo nos brancos. Talvez seja tão difícil para o verdadeiro amor prosperar sob os lustres de cristal como é no brilho da lâmpada de querosene entre aqueles que “se abotoam juntos”.



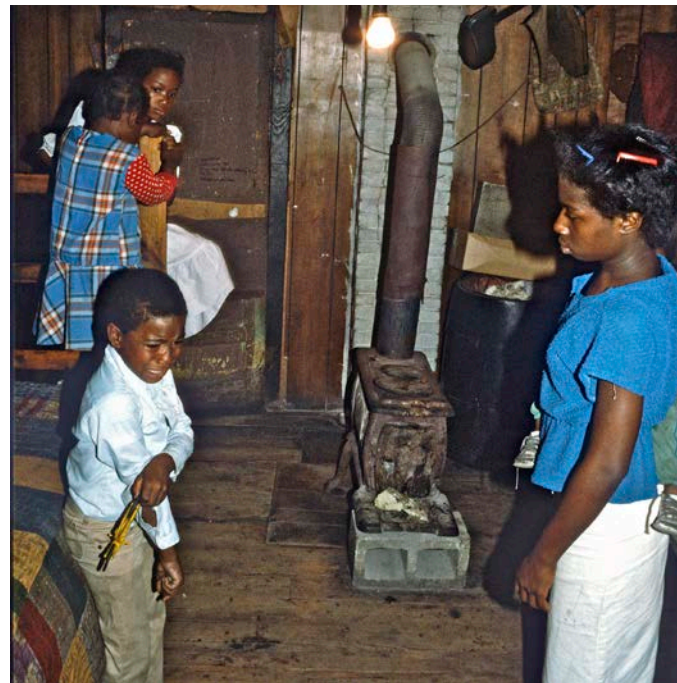
1974 - Tarboro, NC



1974 - Férias da Primavera em Fort Lauderdale, FL



1996 - Tunica, MS



1990 - Burke County, GA

Nenhum branco, eu sinto, pode compreender completamente a enorme pressão psicológica que os negros, constantemente bombardeados com a mensagem que valem menos que os brancos, estão sofrendo.

O pior dano ocorre quando a vítima começa a acreditar nos preconceitos do opressor. Ouço com frequência invalidações cruéis, tais como “Você não é merda, negro” reverberando em famílias subclasse. Eles instilam uns nos outros nossos sentimentos racistas profundos por eles, juntamente com a perspectiva sombria de serem permanentemente banidos para as sombras da sociedade branca. A esperança que uma vez encontrei entre os negros nos anos 70 e que desde então tenho visto ser substituída em todos os lugares pela auto-culpa.



1989 - Bullock County, AL



1973 - Charleston, SC



1990 - Burke County, GA



1991 - Montgomery County, AL



1992 - Montgomery County, AL



1991 - Montgomery County, AL

Entre as palestras no campus nos anos 90, adorei as discussões noturnas sobre questões raciais que tive com Wilma em seu pequeno barracão. Ela era bem educada, mas expressava em palavras negras o que meu público branco pensa, mas não ousa dizer:

- Minha própria espécie está me prendendo. Eu tenho medo deles. Minha vida está ameaçada pelo meu próprio povo.
- Você perdeu a fé nas pessoas negras?
- Sim, perdi, por causa da maneira como eles me trataram.
- Será que os brancos nunca lhe causaram algum dano?
- Nunca, no Alabama e em Nova York, eu nunca tive problemas com os brancos. Sempre o meu próprio tipo de pessoas.
- Você tem isso contra eles?
- Sim, tenho.
- Mas eu lhe disse antes que você nunca deve esquecer o verdadeiro ...
- Sim, você chama isso de opressão internalizada, certo? Mas não vejo as coisas dessa maneira. Acho que é a natureza deles ser assim ...
- Não, não, não!
- Eu não acho que seja opressão internalizada.
- Mas nunca se deve perder a fé no ser humano.
- Eu perdi a fé neles, sim, eu perdi.

#180

- Mas tudo isso vem daqui de cima, vem do racismo. Quando as pessoas estão tão magoadas, e você sabe que os negros estão magoados, eles se descarregam uns nos outros.
- Sim, mas o que você está falando aconteceu há 100 anos atrás. Eu sei que o que você está dizendo é verdade, mas nós percorremos um longo caminho desde então. As portas se abriram para nós. Mas estamos nos refreando uns aos outros com ódio, egoísmo e tudo mais. Não são os brancos que nos retêm agora, nós estamos nos retendo uns aos outros.
- Wilma, você está falando da porcaria dos brancos agora. Isso é o que eles estão dizendo. Quem são os empregadores neste país? Eles são brancos, e a quem não dão trabalho?
- Eu sei, eu sei, mas só posso falar do que estou passando. Eles estão me prendendo. Minha própria espécie está me segurando.
- É assim que todos os negros se sentem hoje em dia, e é por isso que eles acabam causando mais danos uns aos outros. Quando as pessoas se odeiam a si mesmas, elas descarregam todas essas coisas umas nas outras.
- Eu sei. Tudo o que eu quero é me afastar deles.
- Para onde você irá?
- Eu ainda não sei, mas estou trabalhando nisso...



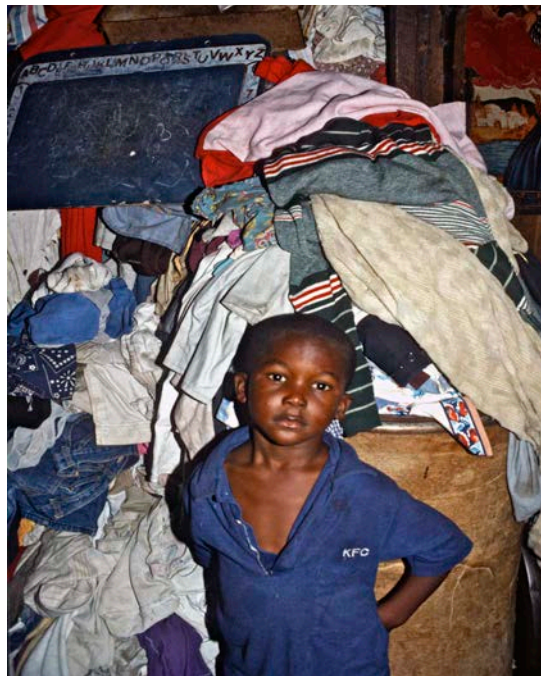
1992 - Montgomery County, AL



1973 - rural Wendell, NC

Depois da esperança e otimismo dos anos 70, eu nunca teria acreditado que o racismo pudesse piorar tanto que um dia me sentaria e defenderia as vítimas umas contra as outras. As pessoas podem sobreviver à opressão se forem capazes de identificar claramente seu opressor e assim evitar a culpa própria. No passado, este entendimento deixava os negros verem a luz no fim do túnel. Há cem anos atrás, vivíamos em estreita proximidade física com os negros.

Mas hoje nos isolamos tanto uns dos outros que os negros, a quem bombardeamos implacavelmente com fantasias de TV sobre como são livres, têm dificuldade em identificar seu opressor - um primeiro passo histórico - e, portanto, procuram a si mesmos a causa de sua dor crescente. E uma vez que conseguimos convencer as pessoas oprimidas de que são seus próprios piores opressores, tudo se desmorona. Nem seus ganhos nem seu senso de auto-estima são grandes o suficiente para recriar a família nuclear que constantemente consideramos como o ideal. Esta sensação de desesperança e fracasso afasta as famílias. Ninguém se sente bem consigo mesmo poderia oprimir outro grupo de forma tão devastadora como nós hoje. E as vítimas não são apenas a família dos proscritos, mas cada vez mais as crianças.



1990 - Burke County, GA



1975 - Bullock County, AL

Nós, brancos, adoramos dizer que “meu melhor amigo é negro” para atingir estatura moral e reconhecimento negro. E adoramos denunciar o racismo mais primitivo dos outros, mas esquecemos que fanáticos como o KKK e os nazistas estão tão profundamente traumatizados que não têm poder real para afetar a qualidade de vida geral dos negros nos EUA ou dos muçulmanos na Europa.

Não, nossas vítimas sabem muito bem que somos nós, os “bons” cidadãos cumpridores da lei, que hoje silenciosamente estamos forçando milhões de nossos marginalizados a entrar em guetos, em isolamento psicológico e desespero. Em nossa culpa branca por não sermos capazes de viver à altura de nossos ideais elevados e valores cristãos liberais, fugimos para programas de TV negros escapistas para encobrir nosso derradeiro esmagamento da família negra. Hoje, mais de 70% das crianças negras crescem sem pai e uma em cada 10 sem nenhum dos pais - duas vezes mais do que quando eu vim para a América e três vezes mais do que sob escravidão.



1998 - Natchez, MS



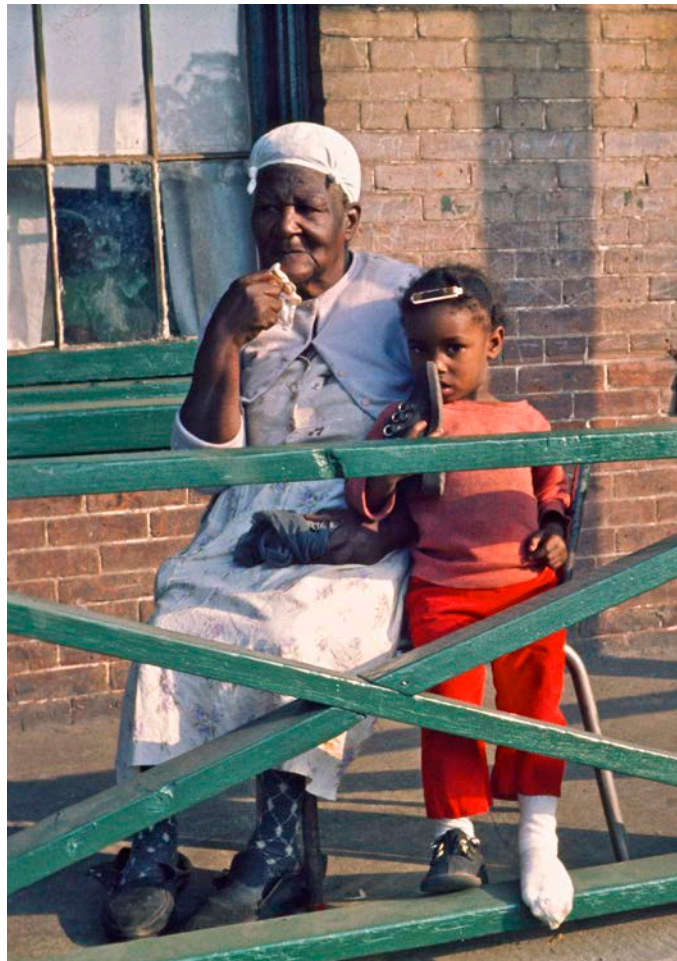
1974 - Jersey City, NJ



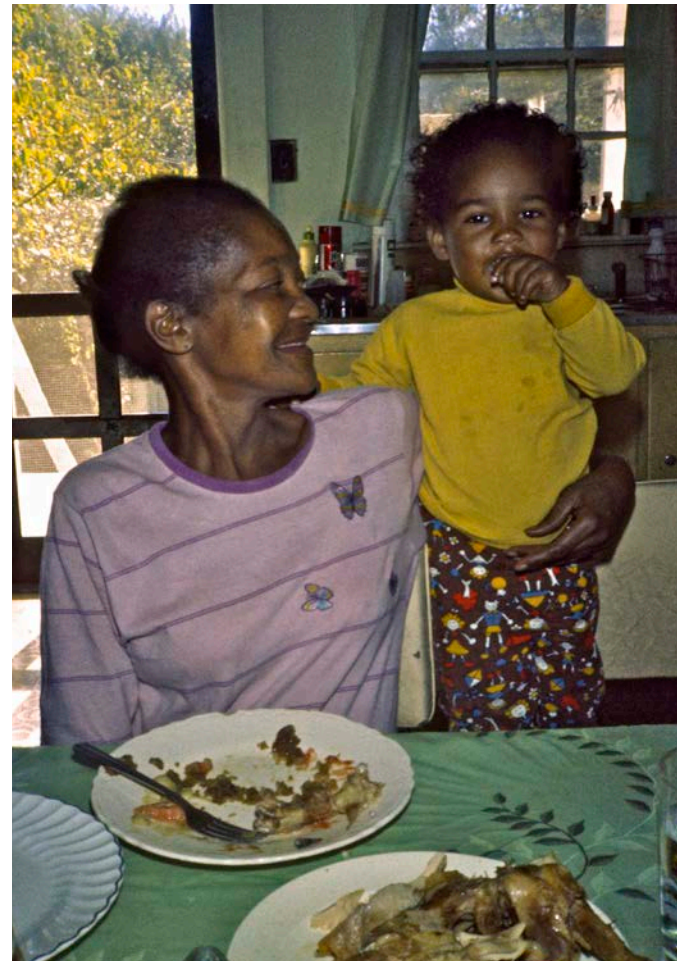
1973 - rural Wendell, NC



1975 - Notasulga, AL



1974 - Norfolk, VA



1973 - Greensboro, NC



1974 - Washington, NC

As mãos da avó, portanto, tem que cuidar deles. Os estudantes negros, que são capazes de ter sucesso apesar da pior opressão desde os leilões de escravos, muitas vezes me dizem que uma avó era o anjo salvador deles.

*As mãos da vovó aplaudido na igreja no domingo de manhã. As mãos da avó tocou tão bem o tamborim. As mãos da avó costumavam emitir um aviso, ela diria: "Billy, não corra tão rápido", pode cair sobre um pedaço de vidro... podem ser cobras naquela grama. As mãos das vovós acalmou as mães locais não casadas.*



1975 - Waynesboro, GA



1978 - Bullock County, AL



1974 - Palm Beach, FL



1974 - Palm Beach, FL



Transporte prisional, Palm Beach FL



1973 - Prisão de Angola, Tunica, LA

Mesmo sob a mais desesperada opressão, as pessoas têm uma capacidade incontestável de sobreviver, e assim o conceito de família estendida como uma unidade de sobrevivência tornou-se freqüentemente o último meio desesperado da família negra para superar os efeitos de uma sociedade brutal. Mas enquanto o conceito na África significava uma família intimamente ligada vivendo na mesma aldeia, na América significou o desenraizamento brutal e a separação forçada de membros da família ao longo de grandes distâncias físicas. Quando os liberais desculpam a destruição da família negra falando simpaticamente sobre ela como uma “herança da escravidão” - como se a família sozinha, sem nenhuma razão, devesse ter carregado este legado de geração em geração - para culpar um sistema maligno que existia há 100 anos para que eles possam se sentir livres de responsabilidade. O que eu vi repetidamente não foi uma herança negra da escravidão, mas a herança da sociedade da escravidão. Quando todo o sistema em que eles vivem é dificilmente distinguível da escravidão (e percebida como tal), é claro que a herança da escravidão está sendo forçada sobre a família negra.

Muitos dos pais desaparecidos dessas crianças construíram ao longo do tempo as estradas do sul em gangues em cadeia. Hoje não há correntes, já que os cães de caça e as submetralhadoras são muito mais eficazes. Ao seguir alguns dos caminhões da prisão, descobri que, entre outras coisas, os trabalhadores prisionais limpam as mansões e as praias particulares das pessoas mais ricas do mundo em Palm Beach. Um deles é Trump, que como presidente com o maior corte de impostos da história ajudou os bilionários a pagar menos impostos do que a classe trabalhadora.

Trabalhar aqui sob as armas dos supervisores brancos dificilmente pode ser percebido pela consciência negra como outra coisa que não seja uma continuação direta do trabalho escravo anteriormente realizado em torno das grandes casas de fazendas brancas. Assim como os escravos achavam justificável roubar para sobreviver às dificuldades que lhes eram impostas, muitos dos prisioneiros de hoje justificam o crime como necessário para sobreviver à pobreza que esses milionários brancos lhes impuseram. A luta de classe inversa ativa dos ricos significou uma redistribuição regressiva do dinheiro dos pobres para os ricos, longe da relativa igualdade econômica que testemunhei nos anos 70. Quando é um fato que os negros em toda a América recebem sentenças muito mais longas do que os brancos por ofensas semelhantes, a percepção da escravidão se torna uma realidade concreta. Os negros muitas vezes recebem uma sentença de prisão perpétua por acusações das quais os brancos teriam sido absolvidos. Os muitos milhares que sofrem com este legado forçado de escravidão podem, de certa forma, ser chamados de nossos prisioneiros políticos.



1974 - Palm Beach, FL



Quadro histórico de gangues em cadeia



1974 - Palm Beach, FL





1974 - Palm Beach, FL

Hoje encontro a maioria dos meus amigos neste livro em uma situação relativamente pior do que quando os conheci pela primeira vez. Mas aqui em Palm Beach e Miami Beach com as famílias mais ricas da América são pessoas que os cortes fiscais de Reagan, Bush e Trump tornaram ainda mais ricas. Até alguns anos atrás, os negros (com exceção dos criados) não tinham permissão de pôr os pés aqui - e são freqüentemente presos se o fizerem. Ocasionalmente, porém, um mendigo entra e recebe um centavo dos multimilionários.

É também aqui que os presidentes dos Estados Unidos jogam golfe em alguns dos melhores campos do mundo e usam caddies negros, a quem pagam menos de 5 a 6 dólares por hora. E é aqui que estes trabalhadores escravos negros podem ver milionários brancos saindo de seus Rolls Royces para ler as últimas citações de Wall Street.



1974 Palm Beach, FL - Mendigo entre milionários

Entretanto, também encontrei um milionário de esquerda, Bill Gandall, com quem passei alguns dias divertidos e que me emprestou seu Mercedes para que eu pudesse seguir os escravos da prisão neste inferno de dinheiro. Se você usa reclusos para trabalhar para você, é claro que você também deve ter a polícia ao seu lado. Quando você matou o amor e a confiança na sociedade, todas as câmeras de TV e equipamentos de vigilância eletrônica do mundo não são suficientes. Seria horrível que seus filhos fossem sequestrados; melhor trancá-los em um mundo frio e isolado, como Tania e sua irmãzinha aqui, e ter uma babá cubana cuidando deles. E para pais de carreira ocupados, provavelmente é mais sábio transformá-los em escravos da TV do que deixá-los ver o mundo lá fora, onde, a apenas alguns quilômetros de distância, Linda e sua família vivem.



1974 - La Crosse, FL



1974 - La Crosse, FL



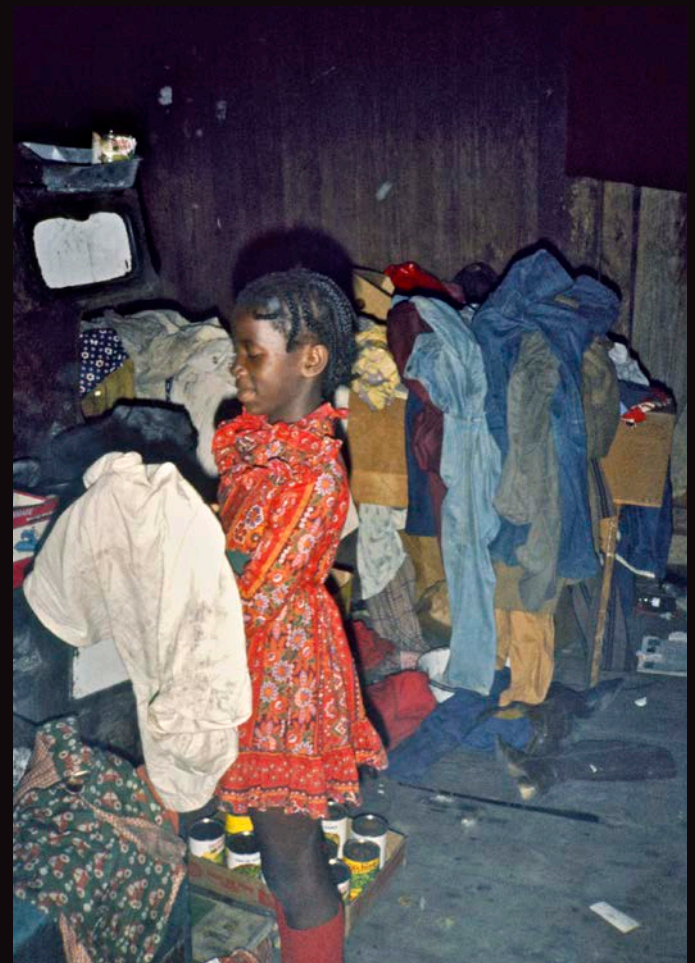
1972 - Miami Beach, FL



1974 - Palm Beach, FL com Bill Gandall



1974 - Miami Beach, FL



1974 - La Crosse, FL



1974 - Miami Beach, FL



1974 - Miami Beach, FL



1974 - La Crosse, FL



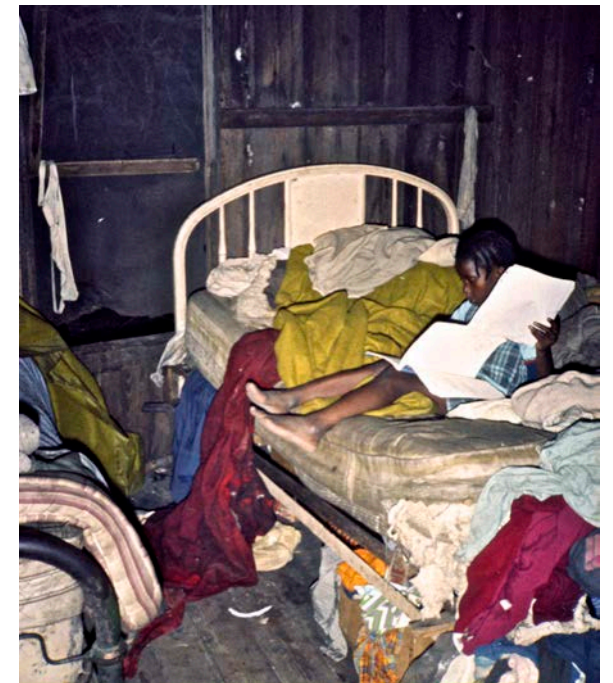
1974 - Miami Beach, FL



1974 - La Crosse, FL



1974 - La Crosse, FL



1974 - La Crosse, FL



1974 - La Crosse, FL

Linda viveu não muito longe da Disney World, mas eu não deveria dizer isso muito alto já que ela nunca teve dinheiro para ir lá. Eles eram tão pobres na casa da Linda que raramente tinham luz antes de eu ir morar com eles. Eu tinha um pouco de dinheiro milionário comigo para que eu pudesse comprar querosene para a lâmpada velha deles. Foi um dia de regozijo para a família. O pai de Linda trabalhou de manhã cedo até tarde da noite cuidando de vacas para um fazendeiro branco e, depois de uma caminhada de três milhas, muitas vezes de pé descalço, ele não chegou em casa antes das 22 horas. Mas esta noite quisemos encantá-lo com uma surpresa, e quando o vimos chegando na escuridão, Linda saiu correndo e saltou em seus braços gritando: “Papai, papai, temos um presente... está vendo? Viu? Luz! Temos luz!”

Em seguida, Linda e seu irmão dançaram lá fora no brilho da lâmpada. Havia tanta alegria por aquela luz que ela me aqueceu imensamente, especialmente logo após minha experiência de uma sucessão de frios lares milionários. Na maior parte das vezes, porém, não encontrei muito com que me alegrar. A comida sempre tinha que ser cozinhada sobre uma fogueira ao ar livre, e a mãe de Linda só podia sentar-se imóvel o dia todo na mesma cadeira por causa da dolorosa doença de que ela sofria. Linda tinha que fazer seus deveres de casa antes do pôr-do-sol, mas às vezes eu a via lendo ao luar. Muitas vezes, as horas passavam enquanto ela lia para mim na cama.



1974 - La Crosse, FL

Linda foi sem comparação minha experiência mais brilhante e encorajadora na América. Vim para sua família numa época em que eu estava profundamente deprimida e desanimada após meses de viagem através da pobreza do Sul negro, que eu sentia ser mais destrutiva e desumanizante do que qualquer outra pobreza no mundo. Olhei para Linda e me perguntei por que ela não havia sido subjugada no espírito e no corpo como tantas outras crianças negras pobres que eu havia conhecido na classe inferior. O que foi que permitiu que sua família permanecesse unida em meio a esta existência desumana? E por que eles tinham um amor mais profundo uns pelos outros do que eu havia encontrado em qualquer outro lar onde eu estivesse na América?

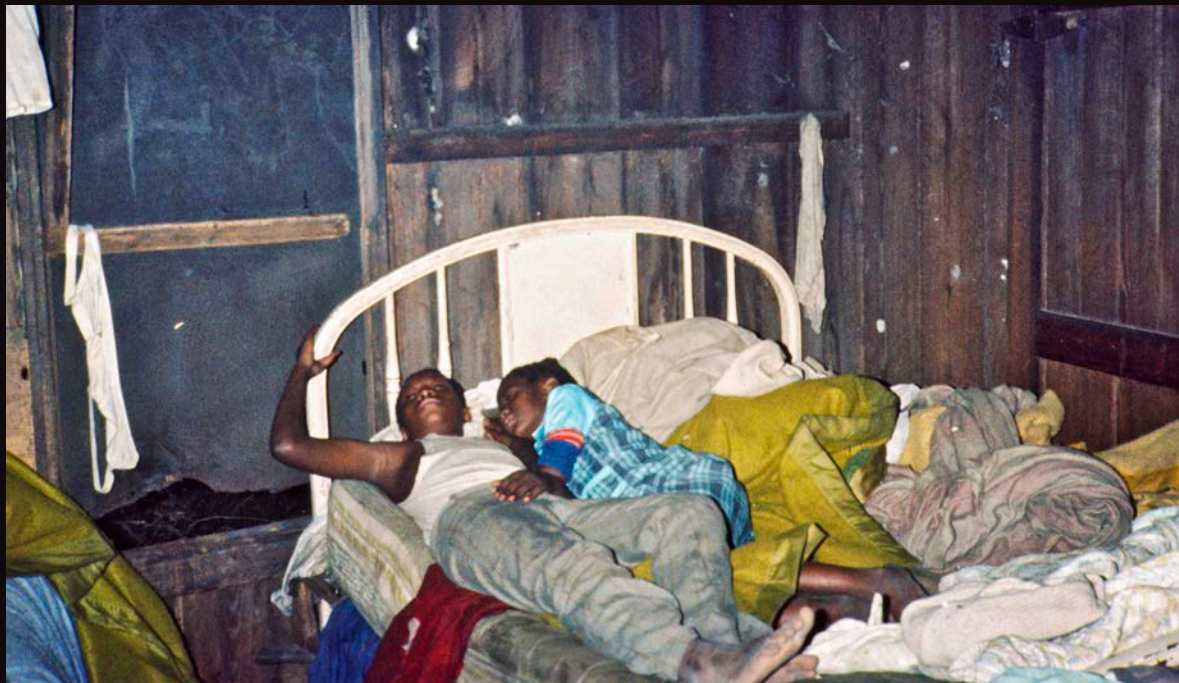
Estar na casa de Linda foi como entrar em um filme de Hollywood romantizando a pobreza. Enquanto a pobreza em toda a América é hedionda e dá um rosto repulsivo tanto às pessoas como ao seu redor, aqui ela havia deixado o amor sobreviver. Essa experiência, encontrar o amor no meio de um mundo de feiúra, foi tão indescritível e chocante que eu fiquei totalmente assoberbada.



1974 - Miami Beach, FL



1974 - La Crosse, FL



1974 - La Crosse, FL



Miami Beach



1974 - La Crosse, FL



1974 - La Crosse, FL

*Agora que encontramos o amor  
o que vamos fazer com ele?  
Vamos dar-lhe uma chance  
deixá-lo controlar nosso destino.  
Nós devemos isso a nós mesmos  
viver feliz eternamente.*

*Oh, o amor é o que temos esperado,  
e o amor é o que temos procurado.  
Agora que tenho isso aqui mesmo na minha mão,  
Vou espalhá-lo por toda a terra.*

*Agora que encontramos o amor  
o que vamos fazer com ele?  
Vamos perdoar e esquecer  
que nenhum pensamento seja seu inimigo.  
Eu nunca me senti tão bem,  
Estou tão feliz, feliz, feliz  
como um homem poderia ser.  
O amor é o que temos estado esperando,  
O amor é o que nós esperávamos.  
Agora que o tenho aqui mesmo na minha mão  
Vou espalhá-lo por toda a terra...*



1974 - La Crosse, FL



1974 - La Crosse, FL



1975 - Troy, AL



1974 - La Crosse, FL

# *Intermedium*

Compreensão...

## As raízes do ódio branco

Em meus anos vagabundos, eu não conseguia entender ou mesmo ver o ódio branco, mas via e fotografava seu rastro de destruição em todos os lugares. Pela mesma razão, meu pensamento interior era esmagadoramente negativo para os brancos odiosos, como o Ku Klux Klan, que assim nunca se abriram para mim. Tudo o que eu podia ver eram seus cartazes, que eram erguidos no alto de barras de aço, já que os negros os queimavam o tempo todo.

Entretanto, armado com o amor que recebi dos estudantes ao longo de 30 anos de workshops - mostrando-lhes a destruição que seu racismo “inocente” causou, enquanto eles por sua vez abriam seus corações para mim, revelando-me a dor por trás disso -ududamente, depois do 11 de setembro, tudo começou a afetar meu relacionamento com um grupo que tinha sido invisível para mim. Agora eles vieram de todos os lugares e me pegaram pela mão para me mostrar seu mundo de dor. Aqui estão as histórias de alguns de meus novos amigos.



## Podemos amar o Ku Klux Klan?

Amá-los? Durante 25 anos, eu tinha falado de retórica vazia nas universidades americanas sobre abraçar o Klan - nem sempre fácil para os estudantes negros e judeus - mas nunca pensando em colocar as palavras em ações, em “andar na conversa”. Como sempre, precisamos de uma mão amiga para nos integrar com aqueles que tememos ou desprezamos, pois como eu poderia “abraçar” sem me juntar? Ou, como eu costumava brincar, “Como me tornei um membro portador de cartões do Klan?”

Eis como, para um declarado “anti-racista”, o impensável aconteceu. A TV dinamarquesa quis fazer um filme sobre meu trabalho na América e teve a louca idéia de me colocar cara a cara com Jeff Berry, o maior e mais odioso líder Klan da América. “Por mim tudo bem se eu estiver livre”. Já lidei com muitos estudantes racistas e não consigo imaginar que um líder Klan possa ser pior”, disse eu. Mas no dia em que íamos voar para a sede do Klan em Indiana, uma palestra no Maine havia sido movida por causa da neve. Então, em vez disso, eles instalaram a câmera em Nova York e disseram: “Diga algo ao líder Klan que possamos mostrar a ele”. O que se diz a um líder Klan quando se está cercado de negros e judeus em Nova York? Comecei a contar a ele sobre todos os pobres “filhos da dor” brancos que peguei ao longo dos anos, que me falaram de espancamentos infantis intermináveis ou abusos sexuais, e como eles cresceram para se juntar ao Klan ou grupos similares. E como suas histórias de maus-tratos pareciam tão semelhantes ao que eu havia visto em muitos negros de classe inferior. Para provocar o líder Klan, eu tive até a audácia de comparar os negros do gueto zangados com o Klan, “e portanto sentir a mesma compaixão por você no Klan e por meus amigos negros”. Quando ele viu o vídeo, ficou emocionado, e imediatamente me enviou um convite aberto. (Sua esposa me disse mais tarde que eu tinha atingido, no centro, as camadas mais profundas de dor de sua infância de abuso).

Bem, eu geralmente tinha aulas universitárias todos os dias e não tinha tempo para conhecê-lo. Mas no ano seguinte, meu agente de palestras, Muwwakkil, me devia tanto dinheiro que eu o despedi (por um tempo), e ele cancelou 41 palestras por vingança. Lembro-me como fiquei aliviado por ter toda essa liberdade de me juntar a pessoas reais em vez de dar palestras sobre elas aos alunos. Liguei para Muwwakkil, que é negro, e disse: “Ok, então eu me juntarei ao Klan para que você pague”.

Entretanto, Jeff Berry havia sido condenado (no início) a 30 anos de prisão, então como eu poderia tirar umas férias significativas? Bem, eu me mudei para casa de sua esposa, Pamela, que agora era a líder do Klan. Quando vi que sua cama era tão bagunçada quanto as camas de outros pobres

brancos - cartões de associação - ajudei-a a limpar e, por diversão, perguntei: “Se eu me escrever em um desses cartões, eu me tornarei membro do Klan? Para minha surpresa, ela explodiu entusiasmada: “Sim, por favor, faça-o. Nós nunca tivemos um antiracista como membro. Isso significaria tanto para nós”. E no dia seguinte, ela telefonou orgulhosamente ao marido para dizer-lhe como tinham recrutado um antiracista. Mais uma vez, aprendi como é fácil se juntar ou se integrar a qualquer grupo quando se aproxima deles com empatia e amor, em vez de antagonismo ou ódio. Mas será que eu poderia mudá-los agora que eu não era mais um fotógrafo observador passivo, mas um ativista anti-racista comprometido?”

O que aprendi vivendo com o Klan dentro e fora durante os próximos anos pertence a outro livro. Aqui estão apenas alguns destaques. Conduzi longas entrevistas em vídeo com Pamela sobre o abuso sexual que ela sofreu quando criança, e ela relatou como Jeff tinha sofrido espancamentos tão terríveis em sua “família disfuncional” que ele fugiu de casa quando criança e viveu desde então na rua como um “prostituto”. Jeff me contou na prisão como ele havia sido negligenciado e não amado por sua mãe, uma viciada em heroína e prostituta. “Mas hoje ela é uma boa senhora depois que um cliente negro se casou com ela e a salvou de todo aquele abuso. Eu amo meu padrasto por isso”.



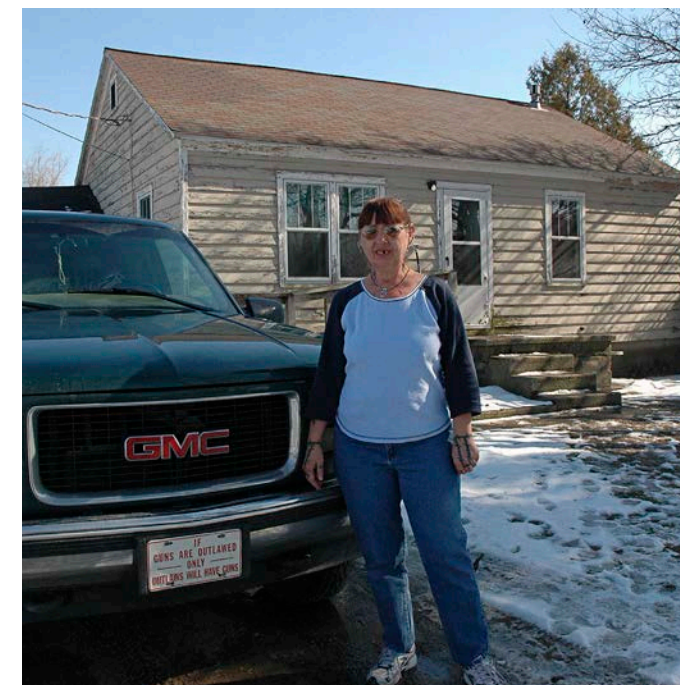
2002 - Butler, IN. Ajudando a Pamela a limpar a bagunça



2002 - Meu primeiro jantar de domingo com o Grande Dragão Jean e Dennis

Pamela continuava me dizendo que não havia ódio em Jeff- “ele tem muitos amigos negros... Eu simplesmente não gosto quando ele fala odiosamente sobre bichas em nossos comícios”. Ainda me sinto profundamente magoada pela perda de minha melhor amiga, uma mulher negra, quando me juntei ao Klan”.

Todos no Klan me adoraram e começaram a convidar os Grand Dragons de outros estados para o jantar de domingo com “nosso novo membro anti-racista”. Ao entrevistá-los, encontrei o mesmo padrão de abuso profundo na infância. Um ano após meu jantar com o Grande Dragão Jean e seu guarda-costas oficial, Dennis (Dennis estava tão orgulhoso de ser guarda-costas de sua própria esposa), saí para visitá-los em sua pobre casa em Illinois. Quando ela me viu, ela saiu correndo para me abraçar. “Jacob, Jacob, estou tão contente de vê-lo novamente”. Dennis acabou de morrer de um ataque cardíaco. Agora sou uma mulher livre”. Ela me arrastou direto para o quarto deles e se despiu completamente para mim. É verdade, ela havia tirado uma foto minha no ano anterior antes de propor a Pamela em meus joelhos, rosas vermelhas na mão e vestida com um terno Klan - atuando minha filosofia de “ir para a cama com o inimigo”, mas eu ainda estava chocada.



2005 - Grand Dragon Jean fora de sua casa



*A neta do líder Klan varreu os símbolos do ódio*



*2003 - Amor entre um nazista e um KKK*

Por sorte, ela só queria me mostrar como seus seios, genitais e corpo inteiro estavam agora cobertos de tatuagens. Para ela, era isso que era “ser uma mulher livre”, agora que Dennis tinha morrido. Por quê? Tenho longas fitas de entrevistas com ele sobre os espancamentos cruéis que ele recebeu quando criança de um padrasto violento e bêbado, coberto de tatuagens. E aquele braço tatuado batendo nele sem parar tinha sido um pesadelo tão grande que ele se recusou a deixar Jean fazer tatuagens. “Mas você entende, Jacob, que você não é uma verdadeira mulher Klan, a menos que use orgulhosamente as insígnias Klan em suas partes mais privadas”, declarou Jean. Ela era a costureira oficial das vestes coloridas do Klan e queria fazer-me uma “por apenas 80 dólares por causa de nossa longa amizade”. Eu os chamava de “fatos de palhaço”, que sempre os rachava, já que eles sabiam muito bem que tudo o que o KKK é hoje é palhaçada para o resto de nós com estes trajes históricos, numa tentativa desesperada de conseguir um pouco de atenção. Que eles se vestiam com as penas emprestadas de ódio que eu também sentia quando seus dois papagaios me mantinham acordado a noite toda gritando: “Poder Branco!”. Eu não os ouvi como gritos de racismo, mas como dois pássaros profundamente oprimidos que toda a vida empoleiraram-se ao lado da secretária eletrônica e internalizaram sua mensagem, que logo ouvi como “pobre poder do lixo branco” - um grito de ajuda de um grupo profundamente ostracizado de americanos que nunca se sentiram parte da estrutura do poder branco da qual outros brancos se beneficiam. Quando vi meus amigos ingênuos do Klan enganados a acreditar que Trump, um bilionário, os salvaria, entendi o quanto eles são abusados e explorados.

Vi muitos exemplos de como eles se sentem magoados e perplexos quando os chamamos de odiosos. Eles não



*Os papagaios falando linguagem grosseira de ódio*

paravam de me avisar sobre ir visitar Wally, um nazista que havia casado com a filha do líder Klan, Tania, “pois os nazistas estão cheios de ódio” (ao contrário de nós). Mais uma vez, vejo esta tendência, como nós humanos precisamos ver algumas pessoas como piores do que nós mesmos para nos mantermos moralmente distantes e justificar nosso próprio pensamento racista inocente. No entanto, após apenas uma noite de conversa com Wally, encontrei a dor em sua vida. Ele me disse que tinha sido feliz no casamento em Nova York, mas um dia viu sua esposa e filha, presas no fogo cruzado entre gangues negras de rua, mortas por balas perdidas. Ele ficou furioso e se juntou aos nazistas. Pouco tempo depois, ele viu o líder Klan e sua filha no show do Jerry Springer, apaixonou-se por ela e dirigiu até Indiana para pedi-la em casamento. Estar casado com Tania foi como, disseram meus amigos



*2003 - Wally enquanto ele, para arrependimento de Jeff, assumia o KKK para espalhar o ódio*

do Klan, “conseguimos um nazista escumalha em nosso orgulhoso Klan”, o que os fez sentir-se profundamente envergonhados. Jeff me disse na prisão como ficou furioso por Wally e Tania terem tomado a estação de rádio do Klan na sua ausência “de modo que todos os americanos agora pensam que se trata de ódio, não de justiça e direitos civis para os brancos”. Tirei muitas fotos de Wally saudando Hitler com sua nova filha, Kathrin, mas não me preocupei com a lavagem cerebral dela, porque vi como ela era mimada pelo amor paternal. Wally tinha tanto medo de perder sua nova filha que se recusou a trabalhar, passando todo seu tempo com Kathrin. Dia após dia eu o via sentar e ler livros infantis para ela, e ao longo dos anos eu observava como ela entrava no colegial e se tornava uma mulher calorosa e saudável, ao contrário de tantas outras no Klan, que eram

abusadas ou tinham crescido sem amor.

Minha longa e contínua amizade com o Klan me deu uma boa chance de testá-los, assim como tenho certeza de que eles me testaram. Eu os testei em seus sentimentos sobre negros, imigrantes, muçulmanos, homossexuais, judeus, etc. muçulmanos: “Pessoas boas e tementes a Deus” (bem, isso foi antes de Trump popularizar a islamofobia). Somente os homossexuais eram vilipendiados por alguns, como Jeff, mas quando mudei a pergunta para “O que você diria se seu próprio filho fosse gay?” eles geralmente diziam: “Oh, então eu os amaria como meus outros filhos” - uma resposta que não recebi da maioria dos republicanos na época. Em algumas questões, como a pena capital, eles estavam mais longe do que a maioria dos americanos. A coisa mais anti-semita que eu ouvi foi de Jean. Um dia, ela me perguntou se eu acreditava no Holocausto. Eu senti que ela havia lido algumas das negações selvagens do Holocausto na Internet e lhe deu uma longa palestra. Ela ficou claramente aliviada ao ouvir minha resposta e desde então eles me chamaram de “o professor”, que disse mais sobre sua própria baixa escolaridade do que sobre mim, um aluno que desistiu do ensino médio.

Quando comecei a dar palestras na Dinamarca sobre como eu via menos ódio no Klan do que nos dinamarqueses e suas atitudes em relação aos imigrantes, uma mulher negra irada levantou-se e disse: “Jacob, minha mãe me levou para ver a American Pictures quando eu tinha 14 anos, e você era meu grande herói na época. Andei por aí com uma camiseta dizendo: “Bombardeie o Klan”. Mas agora devo dizer que você está fora de si”. A esta mulher, Rikke Marrot, agora com 34 anos, eu disse: “Posso ouvir que você tem algum preconceito contra o Klan, e como você sabe pela minha palestra, se você tem preconceito contra





2002 - A neta do líder Klan sendo ensinada



2003 - O amor preto e branco no Ku Klux Klan



Jeff é o único líder da KKK a marchar em Manhattan, como visto aqui.



Então por que não tentar apaziguar um líder Klan tão provocador?

alguém, só há uma coisa que você pode fazer: curar seu ódio indo morar com eles para vê-los como seres humanos. Por que você não vem comigo para a América e se muda com o Klan? Então, você pode bombardeá-los o quanto quiser. Eu adoro tirar tais fotos”. Rikke tirou licença por doença de seu trabalho de modelo para vir comigo. Foi minha chance de colocar tanto ela quanto o Klan à prova. Eu sabia o que iria acontecer; eles acabaram se amando, e mais tarde ela escreveu um livro sobre como ela, como negra, não encontrou ódio no Klan - pelo menos não tanto quanto nos dinamarqueses. Adorei fazer vídeos quando ela entretinha o Klan falando sobre como sua “família negra matou centenas de brancos”. Embora ela dissesse que era sua tribo Maasai durante a Revolta Mau Mau, o inculco Klan só o compreendia num contexto americano a preto e branco e se sentava em admiração sem palavras pelo corajoso guerreiro negro que havia entrado em suas vidas. “Quero conhecer nosso novo membro negro para poder impressionar os 5.000 negros que estou cercado aqui na prisão”, disse Jeff Berry. Então passamos 11 horas dirigindo para a prisão apenas para descobrir que eles não deixariam Rikke entrar. Pam e Rikke ficaram se abraçando em lágrimas de desapontamento. Quando Rikke viu o profundo amor entre Pam e Jeff, ela decidiu fazer algo a respeito comigo.

Aqui está o porquê de ser importante avançar com aqueles contra os quais você tem preconceito. Se eu não tivesse vivido com Pamela, eu não teria ouvido uma conversa telefônica entre ela e um vizinho durante a qual de repente percebi que Jeff estava inocente do crime pelo qual estava preso. Na verdade era seu próprio filho violento, sempre em brigas de bar, que ameaçara alguém com uma arma

enquanto discutia com alguns jornalistas hostis. Nada teria acontecido se meus amigos do Southern Poverty Law Center não tivessem eventualmente ouvido falar sobre isso. Eles fazem um trabalho admirável de manter um olho em todos os grupos de ódio nos Estados Unidos, um trabalho que eu há muito apoiava. Eles acusaram o filho de Jeff de “tentativa de seqüestro”, mas Jeff não conseguiu enfrentar a perspectiva de seu filho ir para a prisão, então ele confessou o crime. E quando você é um líder Klan na América, você pode facilmente ser condenado a até 30 anos de prisão, mesmo que não houvesse testemunhas, ninguém fosse ferido e Jeff nunca tivesse sido condenado por um crime violento.


Quando Rikke e eu soubemos que ele estava na prisão por amor e não por ódio, nós, juntamente com seu advogado negro, montamos uma enorme defesa para ele. Corremos para advogados, juízes e jornais locais, e comecei a escrever apelos de defesa na Internet, chamando um “Romeu e Julieta em Klan Hoods”. O tempo todo eu provoquei Rikke: “Ei, eu pensei que você tinha vindo para bombardear o Klan, não para libertar seu líder”. Nossos esforços combinados foram bem sucedidos, e Jeff foi libertado. Profundamente grato por seu salvador “anti-racista”, ele me levou para conhecer todos os seus pobres amigos locais. Infelizmente, ele havia perdido seu emprego e como nas minhas visitas à prisão eu lhe havia dito como deixei traficantes negros que conhecia nos guetos venderem meu livro como alternativa à venda de drogas, ele disse: “Jacob, não posso vender seu livro também?”. E foi assim que consegui que o maior líder Klan da América conduzisse por aí vendendo meu livro antirracista. Ele riu tanto quanto eu da ironia, mas por que não, perguntamos, se juntar às

criaturas que Deus nos envia para ganhar um pouco de dinheiro e se divertir um pouco?


E quando vi como o site primitivo do Klan havia sido totalmente negligenciado durante a ausência de Jeff, recebi sua permissão para ser o webmaster oficial do Klan e a mão livre para mudá-lo. Para minha surpresa, não encontrei quase nenhum ódio que tivesse que jogar fora (apenas em relação aos pedófilos). Agora entendi os antecedentes para isto, então deixei que eles o guardassem porque todos nós temos a necessidade de odiar algo quando estamos com dores. Como eu disse aos meus amigos negros e judeus: “Agora você me tem como garantia que não haverá nada de racista ou anti-semita no site do Klan. Você só obtém tal poder sobre o Klan ao fortalecê-los com amor e afeto. Se você os atacar com ódio e preconceito, eles só se tornarão

piores para estar à altura do papel dos ‘vilões’ - a atenção negativa que sempre procuraram em seu profundo ódio a si mesmos”. Parecia que eu não podia fazer nada de errado agora, e o Klan começou a organizar festas selvagens para mim sempre que aparecia no circuito de palestras - normalmente trazendo comigo ativistas anti-racistas altamente educados para ajudá-los a sair de seu ódio cego pelo KKK. Não foi difícil quando às vezes éramos recebidos pelo líder Klan com: “Oh, maldito Jacob, por que você veio tão tarde? Você teria adorado a festa selvagem que tivemos ontem à noite. Tivemos tantos de seus amigos negros e mexicanos festejando conosco, até mesmo alguns dos Amish locais vieram...”. Finalmente, graças à nossa longa amizade, eu quis colocar Jeff à prova, levando-o por toda a América para conhecer

## American Knights of the Ku Klux Klan



National Office  
American Knights  
Po Box 62 Garrett, IN 46738



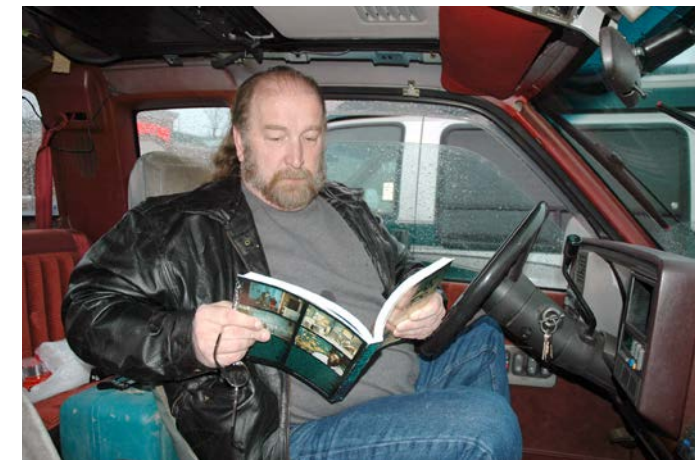
Rev. Jeffery L. Berry  
National Imperial Wizard

Be A Man  
Join The KLAN

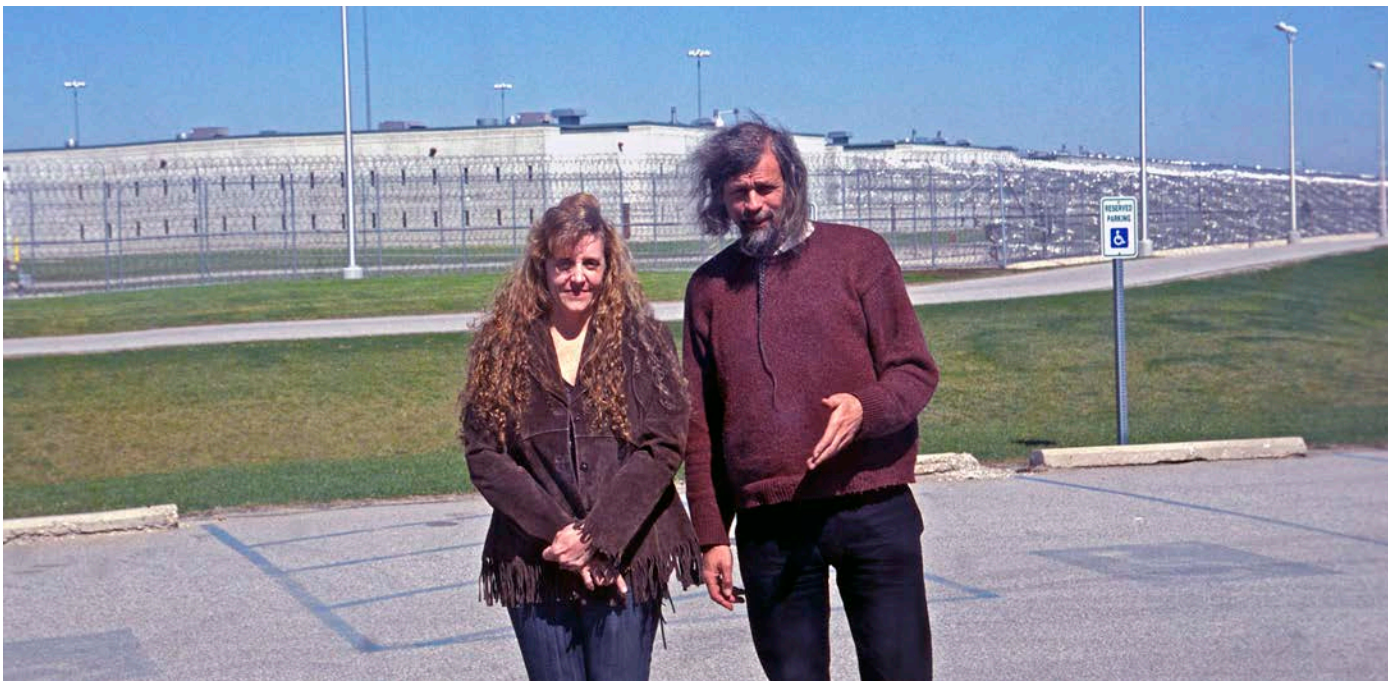
Equal Rights For All - Special Rights For None - Rev. Jeffery L. Berry

What we are about Making your life count What the Klan Believes Application  
Realms Jesus Christ is the light of the world Why We Light The Cross  
Remembrances to Joe Dear Mommy Look for sex offenders in your State

Um exemplo do meu tempo como web designer oficial para a Ku Klux Klan



O líder da Klan na estrada vendendo meu livro anti-racista



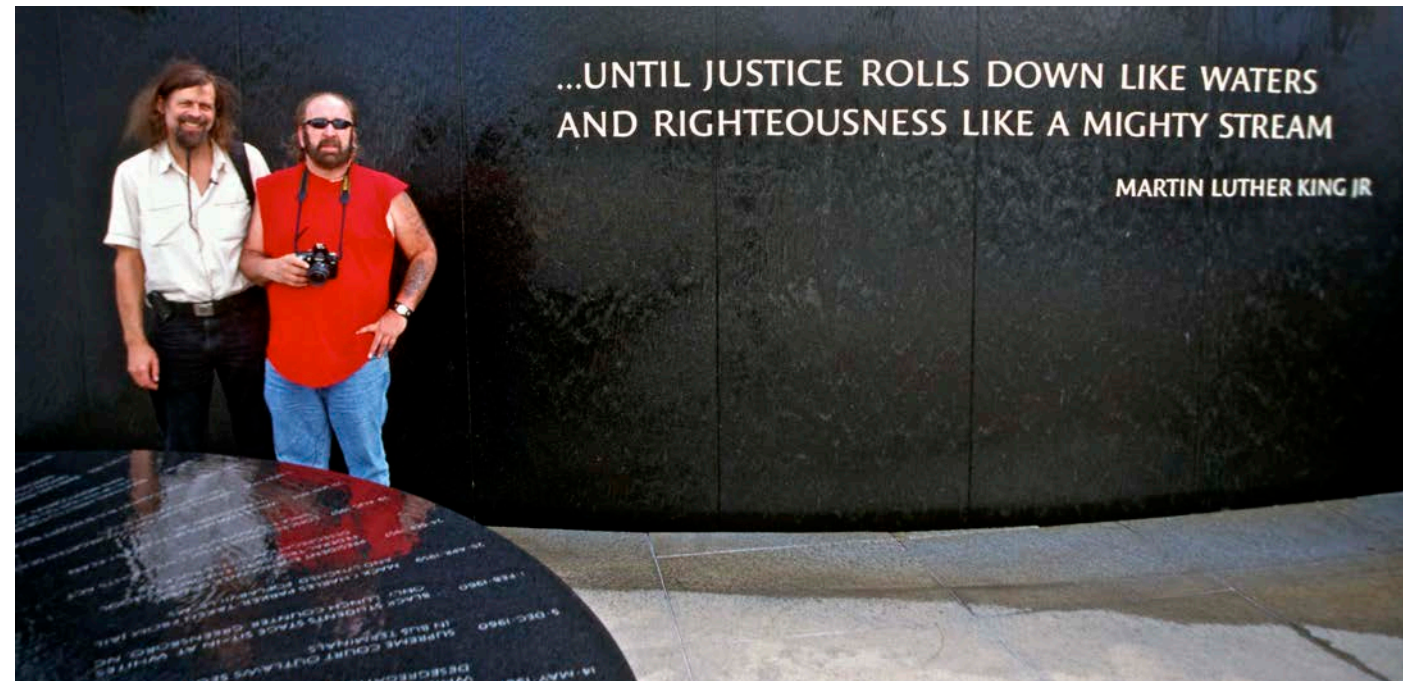
Passamos um dia inteiro dirigindo para ver Jeff na prisão onde o líder Klan queria impressionar seus muitos novos amigos negros com Rikke.

todos os meus velhos amigos negros mencionados neste livro. Eu sabia como ele reagiria, mas convidei um repórter de TV dinamarquês comigo como testemunha e para ajudar a tirar as crianças da escola dinamarquesa de sua interminável educação “adorando o diabo” e começar a assumir a responsabilidade pelo racismo em si, em vez de ver a trave no olho de seu irmão. Havia apenas um problema que eu não havia previsto. Em particular eu nunca havia encontrado nenhum racismo profundo em Jeff, mas ele, como todos os Klansmen, sabia muito bem que se fossem eles mesmos ninguém continuaria cultivando-os como “o povo maligno” - o único papel no qual eles poderiam obter um pouco de atenção e fama mundial. Assim, sempre que o homem da câmera colocava sua lente em Jeff, Jeff começava com toda a sua ridícula retórica Klan. Isto me deixou louco. Ele nunca havia falado assim em particular ou entre seus amigos Klan. E o que me chocou ainda mais foi que ele agora me forçou a desempenhar o papel oposto, desempenhando o grande antiracista (também para não perder a face para os telespectadores de TV). Nós dois acabamos odiando a mídia por sempre vender ódio e divisão e por quase destruir nossa amizade. Em particular Jeff adorou conhecer meus amigos negros, como Mary, [página 130] cuja casa foi incendiada por racistas, e Virginia Pate [página 44], a viúva idosa com quem eu tinha ficado nos pântanos. E o respeito era mútuo. Quando chegamos a Virginia Honore, [página 37] que eu conhecia desde que ela tinha 16 anos e flertamos um com o outro, e que tinha casado com um guarda prisional em Angola, Jeff tinha conduzido tanto que adormecera e estava dormindo no carro. Então, enquanto estávamos sentados na varanda da frente conversando, eu disse de repente à Virgínia: “Eu sempre o conheci como um cristão atencioso que pode perdoar a qualquer um”. Mas e

se um dia eu trouxesse um líder Ku Klux Klan”? Ela disse: “Você sabe que eu o amarei tanto quanto os outros filhos de Deus”. Nunca importa que amigos você trouxe com você para minha barraca ao longo dos anos - multimilionários, como Anita Roddick, ou os mais pobres para lhes dar um banho”. Eu disse: “Bem, eu realmente tenho comigo o maior e mais odiado líder Klan dos Estados Unidos desta vez”. Saí do alpendre e acordei Jeff. Sem bater uma pestana, Virginia foi até a casa para conseguir algo para ele comer e beber. Foi uma noite inesquecível com risos e longas discussões, durante as quais, para minha surpresa, eles concordaram em quase tudo (do ponto de vista moral),



O líder Klan com Virginia e Howard conhecido de “Dead man walking”.



Conduzi 24 horas com o líder klan para lhe mostrar o monumento aos Direitos Civis em Montgomery com os 41 nomes de pessoas mortas pela violência Klan

como sua oposição aos casamentos mistos. “Jenny”, ligou Virginia, “venha aqui e ouça de um homem do próprio Klan que é errado você sair com seu namorado branco”. Vai machucar as crianças crescerem mulatas”. E certamente ambos acreditavam que nada de bom poderia sair da prisão ou da pena capital. Virgínia era casada com Howard, um guarda na prisão de Angola. Uma vez haviam adotado um menino de 16 anos para mantê-lo longe do crime, mas ele cometeu um assassinato cruel, e agora era tarefa de Howard conduzir seu filho adotivo à sua execução. (Howard atuou como substituto no filme “Dead Man Walking”).

Jeff recebeu uma recepção amorosa e perdoadora entre todos os meus amigos negros - mesmo quando o trouxe para a congregação da velha igreja do meu ex-pai na Filadélfia, MS, a cidade famosa pelo assassinato do Ku Klux Klan de três trabalhadores dos direitos civis, dramatizada no filme Mississippi Burning. Eu sempre acreditei e pratiquei reunir as pessoas como a melhor maneira de ajudá-las a sair de suas prisões de medo e demonização. Certamente, causou uma impressão profunda e duradoura em um líder Klan encontrar todo esse perdão dos negros, apenas Jeff e eu tínhamos nos afetado mutuamente através de nossa longa amizade. Ainda assim, eu não esperava que fosse tão fácil ajudar um líder a sair do Klan (que nunca tinha sido o propósito do meu envolvimento), mas pouco tempo depois da viagem, Jeff dissolveu todo o seu grupo Klan. Ele tinha estado no KKK a vida toda. Tinha sido toda a sua identidade e só reivindicava fama mundial, mas isso não fazia mais sentido para ele. O que aconteceu em seguida me chocou. Alguns dos membros, incluindo seu próprio filho, que ele havia salvo da prisão, ficaram tão furiosos que tentaram matar Jeff. Ele foi tão espancado que ficou em coma por dois

meses e seus médicos duvidaram que ele viveria. Quando acordou, ele estava cego e deficiente para toda a vida. Mas quando eu vim vê-lo e a Pamela, eles ficaram tão felizes que me deram sua própria cama. Agora ele estava pregando amor em uma igreja em vez de ódio na floresta. Eu não via diferença entre o velho Jeff e o novo. Agora fazia mais sentido para ele procurar a atenção que tanto desejava usando a luz ao invés da escuridão - a cruz santa ao invés da cruz em chamas. O amor profundo dentro dele, desde o abuso que sofreu na infância, estava tão aleijado e preso que nós, olhando de fora, o confundimos com ódio.



Com Jeff, agora paralizado e cego para a vida.

## O amor disfarçado de ódio

Em livros sobre o KKK, Robert Moore é descrito como um dos mais perigosos Grand Dragons dos EUA. Ele ameaçou que “seus Klansmen abririam fogo aos contra-demonstradores massacradores se eles ousassem se opor” a seus comícios, “e Deus nos livre se houver crianças lá”. Concedo que tal linguagem inflamatória pode ser perigosa para as almas fracas, então quando conheci Robert em uma festa na sede da Klan, fiquei curioso para saber do que ele era feito. Certamente este pequeno gordo tímido e taciturno homem poderia parecer assustador com todas as suas odiosas tatuagens, mas, pensei, nunca julgue as pessoas por suas aparências; veja o que elas têm em seus corações (apesar de todas aquelas camadas de gordura de cerveja). Tive minha chance enquanto estávamos bebendo. Ele continuava perguntando se podia dirigir comigo para o Mississippi desde que eu estava a caminho de Nova Orleans. “Por que você quer ir para lá?” eu perguntei. Fiquei surpreso desde que ele morava na Carolina do Norte e não tinha nem dinheiro para comprar um bilhete de ônibus de volta para casa. Ele não respondia na frente de outros Klansmen. (Você não se gaba de atos de amor no Klan.) Mas depois de termos bebido muita cerveja, ele se soltou e calmamente me contou sua história.

Aqui está a versão curta. Um antigo caminhoneiro, ele tinha estado no Klan a vida toda. Recentemente, ele tinha feito

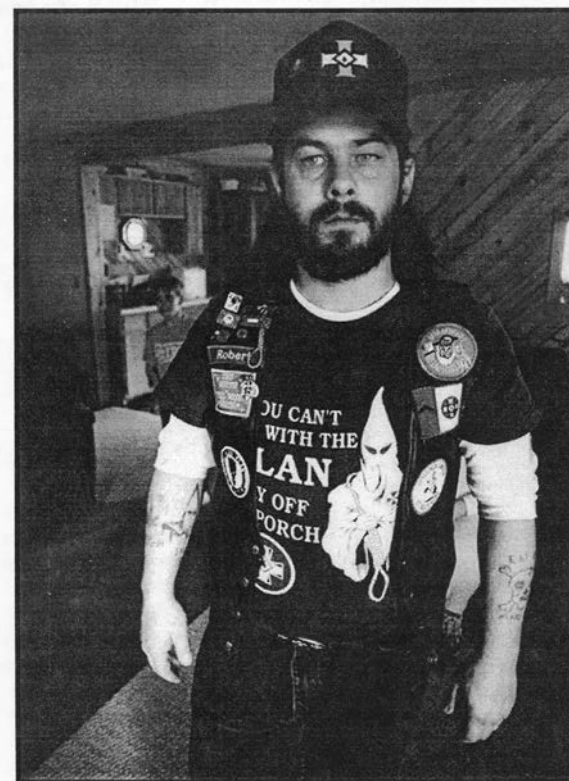
várias operações cardíacas perigosas, depois das quais os médicos o proibiram de voltar a trabalhar. Ele se tornou deficiente, o que não paga nada nos EUA. Então agora ele era pobre em Lexington, NC, e dormia no sofá de sua primeira ex-mulher (ele tinha quatro).

Um dia, na TV, ele viu como milhares de negros haviam se afogado durante o furacão Katrina. Ele ficou tão emocionado que pediu dinheiro emprestado aos amigos para um bilhete de ônibus para o Mississippi. Durante dois meses ele ajudou os negros a reconstruir suas casas, cortar e remover árvores caídas, etc. Foi um trabalho físico tão duro para o homem gordo que o líder Klan o convidou até a sede nacional, onde nos conhecemos, para se recuperar. Mas agora ele queria voltar e continuar o trabalho ou, como ele redondamente colocou na retórica Klan, “para recuperar meus pertences, como o manto Klan, para que eu pudesse mostrá-lo ao meu filho de 17 anos, que acabou de sair da prisão”. Apesar do aviso do médico de que Robert arriscava a morte se ele fizesse trabalho físico, este Klansman tinha ajudado os negros a reconstruir suas vidas. Histórias como estas sempre me inspiraram. Elas me lembram que debaixo da fachada pedregosa muitos de nós nos escondemos quando sofremos com a adversidade, sempre podemos encontrar, se cavarmos fundo o suficiente, um coração batendo com bondade e amor.



Robert Moore em nossa festa de libertação dos dois membros da Klan após seus 5 anos de prisão por drogas.

for the Asheville area. Later I learned he was the same Robert Moore identified by the *Intelligence Report of the Southern Poverty Law*



Robert Moore

Center as the Klansman who threatened to “massacre” counter-dem-

A forma como Robert Moore aparece nos livros sobre o KKK



Assustador por fora, mas sempre procurando o que as pessoas contêm em seus corações



Às vezes é um pouco difícil abraçar meus novos amigos....

Fiquei tão eufórico que tive que abraçá-lo repetidas vezes, embora fosse difícil contornar aquela barriga de cerveja. Fiquei tão inspirada que o fiz meu motorista oficial na América.

Para que temos o Klan se não para envolvê-los em um trabalho construtivo anti-racista? Robert estava tão orgulhoso agora de vir comigo para universidades elitistas, às quais ele, como pobre lixo branco, nunca antes havia tido acesso. E dificilmente se consegue um motorista melhor do que um Klansman. A maior parte de sua vida, desde a hora de parar na sexta-feira até a segunda-feira de manhã, ele havia conduzido por toda a América nos fins de semana, indo a esses ridículos comícios de Klan para 30 membros impotentes na floresta onde seus amigos negros locais estavam rindo deles (no dia seguinte eles foram caçar juntos como sempre fizeram). Ele podia dirigir 24 horas sem dormir, enquanto eu podia cochilar e ler na cama na parte de trás da minha van.

Robert me comoveu tanto que mais tarde fui com ele para casa. Ele é um dos poucos no Klan que ainda diz “negro” e usa retórica vazia como “eu defendo minha raça”. “Então, por que você se deita naquele sofá enquanto sua ex-mulher



*Nancy depois de ter emagrecido*

está transando com um mexicano no quarto logo atrás de você”? Eu brincava, sabendo que os mexicanos são um pouco piores para o Klan, uma vez que eles trabalhavam longe do Klan. “Aquele “wetback”, ele replicou, “tem sido um bom padrasto para meus filhos todos aqueles anos em que os negligenciei”.

Para Nancy, sua ex-mulher, ele disse: “Ele só atendeu você e suas 600 libras para que ele pudesse obter seu green card”. Os dois riram. Nancy alegou que tinha acabado de perder 400 libras, de modo que agora os três podiam sentar-se juntos no sofá. Nos dias seguintes, ela confirmou em fita adesiva a história que Robert já tinha me contado. Toda a sua infância ele havia sido espancado ferozmente por seu padrasto bêbado. Aos 14 anos, ele cortou o estômago de seu padrasto com uma lâmina de barbear enquanto dormia. Ele serviu cinco anos por tentativa de assassinato. Quando saiu da prisão, conheceu e se casou com Nancy, mas eles eram tão pobres que tiveram que dividir a violenta barraca de um quarto de seu padrasto. “Robert era completamente selvagem”, disse Nancy. Ambos eram viciados em drogas e seus dois filhos foram levados sob custódia pelos Serviços de Proteção à Criança. Praticamente todos os seus amigos eram negros, e Nancy nunca ouviu Robert dizer uma palavra ruim sobre negros. Nem ela entendeu porque ele se juntou

ao Klan. Embora a KKK o tenha ajudado a sair das drogas, ela agora não queria ter nada a ver com ele e só tem tido namorados negros e mexicanos desde que eles se separaram.

A irmã de Robert foi igualmente abusada e aos 12 anos de idade pegou uma faca de cozinha e cortou a garganta do padrasto. Ele sobreviveu e ela foi removida de sua família disfuncional. No entanto, foi o irmão mais velho que achei mais interessante. Um eremita escondido nas profundezas da floresta, ele ficou surpreso por eu tê-lo encontrado e não me deixou fotografá-lo. Ele havia entrado e saído da prisão a vida inteira por queimar casas - não importava a raça dos donos. Ser piromaniaco era sua maneira de queimar cruzeiros (ou de queimar sua dor).

Para crianças maltratadas em todo o mundo, é claro, nem todas acabam como Klansmen, nazistas, islâmicos ou membros de gangues. Há mil maneiras diferentes de eles agirem com sua raiva e feridas não curadas. Se elas não foram submetidas a abusos físicos, geralmente são abusos mentais. Como Hitler disse, o pior não foram todos os espancamentos de seu pai, mas quando ele o humilhou publicamente. E como o pequeno Adolfo não tinha uma avó amorosa ou um anjo salvador, ele acabou descarregando sua raiva em milhões de pessoas. É por isso que é tão importante que nós com “excedentes” aprendamos a salvar anjos para aqueles com “déficits”, como o filho maltratado de nosso vizinho.

Tomemos os dois filhos não amados de Robert e Nancy, que Nancy e seu marido mexicano adotaram. O filho mais velho, Thomas, está na prisão por bombardear casas, enquanto Justin, que acabou de ser libertado, passou um ano na prisão por roubos que havia cometido com seus amigos negros. “Ele deveria ter ficado na prisão por muito mais tempo”, disse Robert sobre seu filho mentalmente desafiado. Justin tinha 17 anos quando o conheci, e era óbvio que ele desejava o amor de seu pai. Ele estava vendo-o pela primeira vez - o grande líder Klan retornado que ele admirava e sentia falta de toda a sua vida. Robert contou-lhe histórias sobre suas “formidáveis batalhas” como um “cruzado encouraçado”, e Justin fantasiava em tornar-se um grande Klansman, superando seu pai em “conversa de negro” e frases depreciativas - a tal ponto que Robert, que percebeu que seu filho ingênuo realmente levava as frases a sério, desconfortável.

Assim, Justin estava agora correndo pela escola gabando-se de ter se tornado um grande líder Klan como seu pai quando ele cresceu. Isto não ajudou em sua popularidade: ele era o único garoto branco em uma escola do gueto. De fato, este filho de um líder Klan nunca em sua vida teve um amigo branco! Eu já tinha visto esse fenômeno Klan, especialmente no Sul; os Klansmen geralmente freqüentavam escolas



*Justin admirando seu pai com saudações de granizo*

até 95% de negros. Como “pobre lixo branco”, eles são os únicos brancos que não podem se dar ao luxo de tirar seus filhos da escola ou de se mudar. Isto explica outra contradição que eu havia observado. As pessoas em todo o mundo tendem a se agarrar aos amigos da escola mais tarde na vida, de modo que muitos Klansmen acabam tendo muito mais amigos negros do que a maioria dos brancos. Como Barack Obama escreveu em seus livros, a maioria dos brancos na América não tem um único amigo negro íntimo. No entanto, o Klan não se gaba dessas amizades porque assim a sociedade não será capaz de expulsá-los como vilões - o papel de “vilão” que eles procuram em sua dor e auto-aversão. Crescer no lado errado das pistas e ser estigmatizado por nosso pensamento racista lhes dá, especialmente após intermináveis espancamentos de padrastos bêbados desempregados, uma tremenda necessidade de gritar: “Somos tão bons quanto vocês brancos lá fora nos subúrbios”! E eles usam a única linguagem que conhecem, o que nos fará ouvir uma linguagem racista imunda. Foi triste sentar com os três na cabana podre de Nancy “do outro lado das pistas”, rodeados de negros de todos os lados. Eles não tinham condições de comprar querosene para o fogão no chão, por isso se mantiveram aquecidos em seus sobretudos e o amor que fluía na família reunida - expresso quase sempre através dos dois garotos provocando Nancy sobre sua vida sexual com seu namorado mexicano, Pedro, a quem Robert admitiu com rancor que amava. “Abençoados são os mansos”, sempre penso quando estou com o Klan, “pois eles herdarão a terra”.

Eu segui Robert ao longo dos anos e pensei que agora eu sabia tudo sobre ele. Eu ri quando o vi no show do Jerry Springer fingindo o papel de “vilão” que ele havia aprendido tão bem. Diante de centenas de espectadores odiosos, ele bateu em Justin por ter uma namorada negra, enquanto Justin, o filho não tão esperto, atacou sua meia-irmã Tania por ter um “bebê Wetback” (ela chorou no palco, “Mas você ama tanto ele quanto seu próprio padrasto mexicano e só age assim para conseguir o amor de seu pai”). Todos eles haviam sido pagos, conduzidos em limusines, acomodados nos melhores hotéis, manipulados e coreografados por Jerry Springer para fazer o mundo inteiro acreditar que odeiam mexicanos e negros em um show de gladiadores para nós, os verdadeiros detratores.

Bem, dez anos depois Robert me pediu em casamento com sua quinta esposa, Peggy, “uma boa cristã”, a filha de um ministro do norte tentando ser seu anjo salvador. Então, eu dirigi com uma TV dinamarquesa até o Arkansas. Eu tinha casado com casais muçulmanos e judeus, então senti que poderia ser divertido também casar com um casal cristão-Klan. Aqui está um extrato do meu discurso de casamento, filmado na frente dos amigos de Robert Klan surpreendidos:



2015 - 10 anos depois de ter casado Robert com sua quinta esposa com Klan sympathizers convidados

“Prezados Robert e Peggy, Hoje, estamos juntos com seus amigos porque seu casamento através do matrimônio civil será agora confirmado. [...] Para vocês dois, Robert e Peggy, foi um longo caminho rochoso antes que se encontrassem e de alguma forma se salvassem um ao outro. Quando os conheci no Klan, ao contrário do que eu esperava, não encontrei nenhum ódio em seu grupo, mas muito amor nas pessoas que logo percebi que não tinham tido muito amor em sua própria infância. [...] Espero que você não se importe que eu diga aqui, como você foi brutalmente espancado e maltratado desde os quatro anos de idade por seu padrasto violento... e quando tinha 14 anos, você cortou o estômago de seu padrasto com uma lâmina de barbear e apanhou cinco anos de prisão. E então os problemas recomeçaram. Um dia, você estava linchando um black....”

Aqui eu me engasguei com minhas palavras, literalmente em profunda dor. Pois durante meu jogging, na mesma manhã, caí, quebrei uma costela e fui hospitalizado. Quando passei com a equipe de filmagem para dizer a Robert que eu não tinha certeza se poderia fazer o casamento naquela noite e ele viu minha dor e minhas feridas enfaixadas, ele disse que havia algo que ele queria me confessar e que

nunca me havia dito antes. “Bem, Jacob, tenho que aliviar meu coração e dizer-lhe primeiro que uma vez linchei um homem negro. Tudo começou na Carolina do Norte quando ele molestou uma menina de quatro anos de idade. O pai da garotinha era um bom amigo de um de nossos membros. Então o pegamos uma noite quando estávamos em uma festa bebendo muita cerveja ... como estamos fazendo aqui hoje. Levamo-lo para as montanhas, colocamos uma corda ao pescoço e perguntamos se ele tinha algo a dizer. Ele disse: “Que Deus seja misericordioso para com minha alma”. Foi quando eu o enforquei. Ele caiu. E então eu cortei sua garganta para ter certeza de que ele estava morto”. Robert, como eu, estava agora visivelmente perturbado. “Eu tenho pesadelos”. Eu estava em completo choque. “Você tem?” “Sim, às vezes quando fecho meus olhos, vejo aquele negro ali balançando. Sim, alguém que diz que pode matar alguém, e isso não os incomoda, bem, eles estão cheios de merda. Depois de todos estes anos, ainda acordo como se alguém tivesse derramado água sobre mim. É algo que eu tenho que falar com Peggy porque me incomoda. Os pesadelos continuam voltando e continuam voltando. É uma coisa sem fim para mim”. Fiquei sem palavras e, embora devesse ter ficado com Robert, decidi voltar com a equipe de filmagem para o hotel

#214

deles para refletir se agora eu poderia conduzir o casamento na mesma noite. Decidi que não poderia decepcioná-lo, mesmo estando agora com dores duplas. Tive que ser levantado da cama gritando com minha costela quebrada. Portanto, aqui estão pedaços do resto do meu longo discurso de casamento:

“... um dia, Robert, você viu na TV como o furacão Katrina devastou o Mississippi e a Louisiana, afogando milhares de pessoas. Você ficou tão comovido ao ver todo o sofrimento e ... lá você trabalhou para ajudar as pessoas a construir suas casas novamente ... Trabalho físico duro ... aqui eu vi como você colocou sua própria vida em risco para salvar pessoas negras ... Isto é o que eu chamo de “amor disfarçado de ódio” e por isso são pessoas como você, Robert, que dão inspiração à minha vida ...

E assim quero terminar com uma citação de São Paulo: “O amor é paciente, o amor é bondoso”. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha... O amor não se deleita com o mal, mas se regozija com a verdade. Ele sempre protege, sempre confia, sempre espera, sempre persevera”. Eu lhe pergunto, Robert, você terá Peggy como sua esposa?” Meu discurso liberou uma tremenda alegria, surpresa e alívio dos membros do partido Klan, que disseram ter aprendido tanto sobre si mesmos. Desde então, continuei minha conversa com Robert sobre o linchamento.

“Você teria feito isso também com um pedófilo branco?”

“Sim, Jacob, você sabe que eu não vejo em cores”.

Hm, de fato uma resposta convincente de um Klansman comprometido. Com meu conhecimento sobre o tremendo ódio do Klan pelos pedófilos, que aparentemente também é politicamente correto na América, entendi sua lógica. Robert cometeu seu crime em 1985, quatro anos após o linchamento de Michael Donald, oficialmente o último linchamento registrado. Ele trouxe um dos Klansmen para a cadeira elétrica enquanto meu velho amigo Morris Dees conseguiu um tribunal para conceder 7 milhões de dólares à sua mãe, o que literalmente levou à falência os United Klans of America. Robert foi condenado a apenas 10 anos de prisão, pois não foi considerado um assassinato por ódio, apenas o assassinato de um pedófilo. Quando Robert saiu da prisão em 1995, sua punição ainda não havia terminado. Seus pesadelos sobre o assassinato continuaram de uma forma que os psicólogos hoje concluem ser um exemplo clássico do PTSD. Isto me leva a concluir duas coisas.

1. Quando o conheci em 2005, ele se envergonhou demais de seu crime para me contar sobre ele, apesar de ser honesto de outra forma. Não era mais politicamente correto no Klan linchar negros ou mesmo magoá-los, apenas exigir “justiça igual para todos” resistindo a programas de ação

afirmativa para negros. Como o Klan sempre me dizia com gargalhadas: “Todos pensam que ainda andamos por aí pendurando negros nas árvores”.

2. Ainda atormentado pela culpa e pelos pesadelos do PTSD quando Katrina atingiu em 2005, 10 anos após sua prisão, Robert deve ter sentido que somente arriscando sua própria vida para salvar vidas negras - dando de volta a vida que tirou - ele poderia se redimir. Por volta da mesma época, eu o ouvi muitas vezes falar sobre como ele se reconciliou com seu padrasto violento, a quem ele odiou a vida inteira. Ele havia dirigido um longo caminho para ser ele em seu leito de morte, e isso lhe havia dado muito alívio e validação ao ouvir seu pai finalmente dizer: “Sinto muito”. Em minhas conversas com ele e Nancy, percebi que ele mesmo viu uma linha direta passando de sua violenta infância para a raiva juvenil que primeiro o transformou em um viciado em drogas cujos únicos amigos eram negros, depois para sua rejeição de ambos e de Nancy, terminando com o linchamento de um homem negro.

Quando você passa pelo terror na infância, nunca é livre e, emoções mortas, você se desconecta da realidade. Não admira que hoje eu veja Robert postar muito sobre Jesus no Facebook. De alguma forma eu o vejo carregando a cruz de seu salvador redentor, assim como as dos dois pecadores crucificados ao seu lado.



Quando Robert me confessou sobre seu linchamento de um homem negro

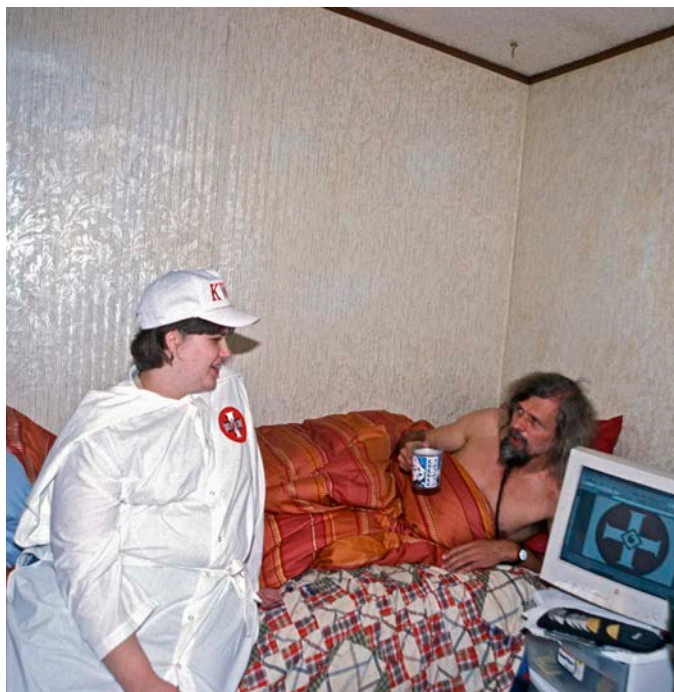
## O amor disfarçado de ódio

Durante meu longo trabalho com o Klan, nunca os vi cometerem violência contra os negros, mas vi muita violência entre os próprios negros. Raine, que pertencia a outro grupo Klan, tinha lido o que escrevi sobre a Ku Klux Klan em meu site e me convidou para sua casa na Carolina do Norte desde que, disse ela, “tenho um diploma universitário em sociologia e estudei os membros de nosso grupo e cheguei à mesma conclusão que você sobre sua infância abusada”. Quando ela me serviu café da manhã na cama, ela me contou sobre suas duas sentenças de prisão. “Para quê?” eu perguntei. “Você não sabia que eu sou um duplo assassino?” Ao ouvir isso da doce mulher de 20 anos ao meu lado, eu quase cuspi o café. Ela então me contou como, quando tinha 14 anos, fugiu de seu pai racista abusivo, tornou-se um skinhead anti-racista e viveu em Los Angeles em uma garagem com algumas garotas mexicanas. Um dia, em autodefesa, ela matou um intruso gângster mexicano da droga. Após dois anos na prisão e sentindo-se traída pelos latinos, ela voltou para casa, e agora com 17 anos, ela havia transformado um neonazista e matou um manifestante anti-racista branco, “também em autodefesa”. Então “o bom povo cristão Klan” interveio, “ensinando-me que o que importava na vida era fazer o bem aos outros em vez de matá-los”. Eles a enviaram para o trabalho missionário na África por meio ano.

Raine amava a África e ficou impressionado ao ver pela primeira vez como as crianças negras eram disciplinadas e desejosas de aprender em completo contraste “com as crianças de gueto bagunceiras com quem eu ia à escola em casa”. De volta para casa, sua ascensão no Klan foi meteórica, e ela partiu para se tornar a primeira líder americana do Klan feminino. Ela era a redatora de discursos e o cérebro do líder do Klan Virgil Griffin. Ela é também a única membro educada da Klan que conheci. Ela era uma ativista feminista e pró-homossexual, dizendo “há muita homofobia e sexismo no Klan”. Raine me convidou para um comício de Outono da Klan na floresta para conhecer seus amigos, mas mais tarde naquele ano, quando perguntei se poderia colocar minhas fotos do comício em meu site, ela me implorou que esperasse. A Klan normalmente adora quando coloco membros em exposição e lhes dou uma chance de fama, que é a razão de ser de seus membros, mas naquele momento ela estava solicitando “o emprego de sonho de minha vida como conselheira para criminosos [negros] em nossa prisão local”. Mas você não pode trabalhar para o estado no NC se você for membro do KKK”. Então, o que estava por trás de seu desejo de “fazer o bem” aos negros? Acontece que ela tem uma lesão infantil (algo que ela tem em comum com muitos outros membros da Klan). Raine tinha crescido no gueto como uma pobre branca, e seus amigos da escola eram quase exclusivamente negros.



Raine e Billy apresentaram sua harmonia de doninha preta e branca, mas pediram desculpas por me levarem a um restaurante chinês, sua comida favorita.



Embarcando com o Klan. Raine em 2005



A membro feminista klan com seus livros sobre feminismo e libertação gay

No entanto, ela nunca foi autorizada a levar seus companheiros de brincadeira para casa por causa do racismo do pai, o que ele justificou dizendo “Todos eles são criminosos e viciados em drogas”. Ele não estava totalmente errado. As crianças guetizadas não se comportam, como sabemos, como santos. Assim, desde a infância, Raine sonhava em ajudar seus antigos amigos a se tornarem “pessoas melhores”. Na África, ela tinha começado a entender como a guetização na América fazia com que os negros se comportassem da maneira que tão repeliava seu pai. Não era porque eles eram “negros”. Ela começou a desconstruir o racismo americano, que associa os negros ao crime. Assim, após uma curta formação universitária, ela agora teve a chance de ajudá-los na prisão, onde tantos de seus amigos negros haviam acabado. Será que ela viu alguma contradição nisso? Não, “pois quando os negros se tornam ‘pessoas boas’ como nós”, não será mais necessário ter o Ku Klux Klan para “proteger a raça branca de seus crimes e drogas”, ela raciocinou de forma bastante lógica e, sim, amorosa. Pouco tempo depois, ela me chamou com entusiasmo na Dinamarca: “Jacob, consegui o emprego dos meus sonhos, para que você possa colocar suas fotos na Internet”. Bem, meio ano depois, vi artigos em toda a Internet sobre o “estupro e assassinato brutais de Raine”. Chocada, eu chamei o marido dela, Billy. Ele disse que depois de muitas transfusões de sangue ela teria sobrevivido milagrosamente à tentativa de

assassinato por dois membros da Klan, David Laceter e Scott Belk. O grupo Klan não tinha nada contra seu aconselhamento aos negros na prisão, mas ela tinha me avisado sobre Belk, que conheci uma das poucas vezes em que ele saiu da prisão. Ele era extremamente perigoso porque era membro da gangue prisional da Irmandade Ariana, que não aprovava o fato de Raine estar do lado das gangues negras, com as quais eles sempre tiveram brigas sangrentas. Pouco depois de fotografar Scott, ele e David invadiram a casa de Raine, estupraram-na e a mataram com uma submetralhadora. Mais tarde, ela me mostrou as cicatrizes da bala. David foi preso como aquele que tinha “furado Raine com balas” e foi assassinado na prisão.

Durante a longa internação e julgamento, Raine não pôde mais esconder sua filiação ao KKK da prisão e foi demitida de acordo com as leis estaduais. Mas a história ainda não acabou.

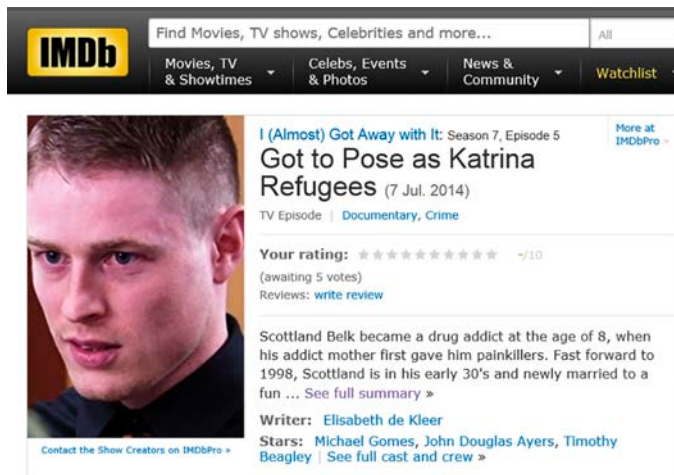
Os prisioneiros negros se revoltaram e forçaram a prisão a readmitir sua assistente social mais popular. Eles não sabiam que ela era membro da KKK, perguntou a prisão? Sim, os negros sempre souberam. As prisões têm um programa chamado “treinamento de consciência de gangues” para ajudá-los a permanecer fora das gangues quando são libertados, o que não é fácil com todo o controle social a que estão sujeitos. E nas



Scott Belk quando o conheci no rally Klan

prisões do sul, a KKK é considerada apenas uma pobre gangue de lixo branco, que é exatamente o que é. Um dia, os prisioneiros tiveram que assistir a um vídeo do grupo Klan local, e imediatamente reconheceram a volumosa figura de Raine. Isto só a tornou mais popular entre os negros: “Uau, ela é um membro de uma gangue como nós!” Embora os amigos de Raine no Klan não tivessem nada contra seu trabalho para os negros, ela sabia que estava em perigo quando Belk começou a espalhar um boato de que ela estava “bufando para o estado”. Ela continuou seu trabalho idealista de “melhorar [as situações dos] negros” apesar de saber que agora estava colocando sua vida em risco. Isto é novamente o que eu chamo de amor disfarçado de ódio, um membro do Klan disposto a arriscar sua vida para ajudar os negros.

Não posso encontrar um assassino de sangue frio, como Scotland “Scott” Kevin Belk, sem tentar entender seu ser humano interior, e aprendi muito mais sobre ele através de seus crimes posteriores. Ele foi severamente abusado por uma mãe solteira, que, para mantê-lo calado, o transformou em viciado em drogas aos 8 anos de idade. Como adulto, ele manteve seu hábito de drogas e, em 1998, junto com uma namorada, a quem ele tinha viciado em drogas, ele roubou um banco de 3.000 dólares. Enquanto fazia sexo com seu traficante negro,



O filme sobre Scot Belk

ele contou a ela sobre o assalto. Aparentemente, ela o traiu para a polícia para escapar ela mesma da prisão, e Scott passou alguns anos atrás das grades. Aqui ele entrou na irmandade ariana como vingança contra seu bufo negro. Quando o conheci num comício da KKK em 2003, logo após a prisão, ele estava tentando recompor sua vida, em parte juntando-se a um grupo de piquenique pacífico da KKK e em parte conseguindo um emprego permanente como motorista de caminhão. Scott era casado com Rhonda Belk na época. Para sua grande desgraça, sua mãe fumante de crack, Margarette Kalinosky, foi morar com eles e fez com que ambos ficassem viciados em crack, e suas vidas se deterioraram novamente. Exatamente dois anos depois de conhecê-lo, durante uma discussão sobre dinheiro por drogas, ele ficou desesperado, bateu em sua mãe com um taco de beisebol e a estrangulou. Ele então fugiu com sua esposa em um dos caminhões de seu empregador, dirigindo para Nova Orleans durante o furacão Katrina. Fingindo ser padre, ele pintou slogans de alívio no caminhão e dirigiu para Gainesville, TX, onde ele e Rhonda posaram como refugiados do Katrina. Uma igreja os ajudou a chegar a Seattle, onde alugaram um apartamento de uma mulher que eventualmente os reconheceu de um cartaz do FBI, o mais procurado. Em 2007 Belk apanhou 15 anos de prisão enquanto Rhonda apanhou 5 pelo assassinato de sua mãe, que o negligenciou e o forçou a consumir drogas desde os 8 anos de idade. A vida de Scott inspirou uma série de TV de Hollywood: Eu (quase) fui embora com isso: Chegou ao ponto de se tornar um refugiado do Katrina, onde finalmente conseguiu o “momento da fama” com que todos os Klansmen sonham. Não só sua história estava sendo trazida às telas por atores famosos, mas ele mesmo pôde participar da série, falando da prisão sobre o drama de sua vida.

O outro provável assassino de Raine, David Laceter, tinha uma história semelhante à de um viciado em drogas e narco-gangster e, como Scott, tinha pertencido à Irmandade Ariana, bem como à Igreja Mundial do Criador, um grupo nazista, até seu assassinato em 2003. O ódio branco tem sempre raízes profundas.

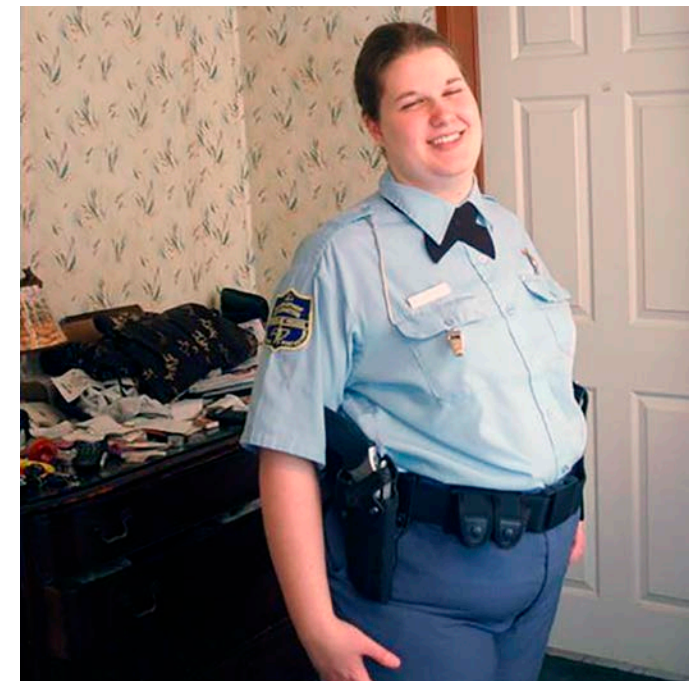
Levando em consideração como assassinos e odiadores tão duros nunca receberam nenhuma ajuda durante sua infância abusada



Após a tentativa de assassinato, Raine se armou com muito medo de um novo ataque.

sempre reafirmaram minha crença de que nunca é tarde demais para alcançá-los - se apenas para nos proteger e à sociedade de sua raiva. Tive minha chance quando Raine me arranhou para conhecer o feiticeiro imperial de seu grupo Klan, Virgil Griffin, um dos mais notórios e odiosos líderes Klan. Este foi um teste severo para mim, pois fui profundamente preconceituoso contra ele. Ele era o líder Klan por trás do massacre de Greensboro de 1979, no qual cinco manifestantes anti-Klan foram mortos. Um de meus velhos amigos, Willena Cannon, ajudou a organizar a manifestação. Um dia, enquanto estava sentada com ela e seu filho de 4 anos, Kwame, em sua cozinha na rua S. Eugene, ela me contou porque havia trabalhado com Jesse Jackson no Movimento dos Direitos Civis para integrar os negócios de Greensboro. Aos 9 anos, ela havia testemunhado um homem negro sendo queimado vivo em um celeiro. Seu crime tinha sido se apaixonar por uma mulher branca. Seus gritos encheram a noite, e ela nunca esqueceu.

Trinta anos depois, tanto ela quanto seu filho, Kwame, agora com 10 anos, foram quase mortos pelo Klan. Infelizmente, Sandy Smith, a ex-namorada do meu colega de trabalho Tony Harris, estava entre os mortos. Eu tinha saído com eles no Bennett College, uma escola de mulheres negras, quando Sandy era presidente do governo estudantil. Eu namorava com sua amiga Alfrida, que tinha tanto orgulho de sua bela afro quanto Sandy tinha dela. Embora Tony me instasse a “dar um passo”, estas mulheres negras bem educadas tinham um forte controle social contra “estar com uma buzina”. Assim, eu sempre acabava apenas ajudando a Alfrida a escrever seus trabalhos durante toda a noite enquanto Tony dormia com Sandy. Éramos jovens e livres e pensamos que a sociedade estava se movendo em direção a mais liberdade racial. Então ninguém ficou mais chocado do que Tony quando apenas seis anos depois, enquanto ele assistia na TV norueguesa (enquanto estava em turnê com a American



mas ela se orgulha de voltar a trabalhar para os negros na prisão.

Pictures), o Klan desembalou suas armas e assassinou sua ex-namorada em sua cidade natal. Tony e os outros negros de nosso coletivo de trabalho em Copenhagen haviam resistido quando coloquei fotos do Klan no slideshow, dizendo: “Combatemos o racismo hoje”. O Klan é uma coisa do passado e fará seu show parecer antiquado”. Agora eles insistiram que eu os colocasse no American Pictures. Eu também fiquei chocado porque o massacre de Greensboro aconteceu do lado de fora da porta do projeto Morningside Homes, onde eu tinha vivido com Baggie, que pode ser visto com Nixon em minha foto “a beleza e a fera” na página 312. Ficamos mais chocados quando os Klansmen foram absolvidos por um júri totalmente branco - embora o mundo inteiro tivesse testemunhado o assassinato. Em outras palavras, o KKK ainda era “politicamente correto” em 1979. Na verdade, a polícia os tinha avisado sobre a manifestação, os tinha visto empacotar armas em seus carros e ficado longe enquanto os usava no Tony e em meus amigos - a maioria dos quais eram crianças. Mas quando uma das crianças do protesto, Kwame Cannon, fez 17 anos, foi preso por roubo não violento e condenado a duas condenações perpétuas consecutivas. Isto foi em parte porque o tio de Tony, Pinckney Moses, com quem eu tinha saído muitas vezes na faculdade de direito, estava muito bêbado para dar a Kwame um conselho jurídico adequado. Mas também porque sua mãe, Willena, foi avisada pelo juiz que, por causa de suas raízes no ativismo comunitário, haveria consequências terríveis se Kwame não aceitasse um acordo.

Bem, os tempos mudam, e em 2020 a cidade de Greensboro pediu desculpas formais pelo massacre de Klan e levantou um memorial para as vítimas. Quando tive a oportunidade de conhecer Virgil Griffin, o mentor do massacre, decidi não deixar de forma alguma que ele sentisse que tinha pensamentos negativos profundos a seu respeito. Tony Harris, entretanto, queria que eu o pressionasse sobre o porquê de ele ter ordenado



Virgil L. Griffin (C), seen here at a 1982 rally in front of the Raleigh, North Carolina state house, was among nine persons indicted by a Federal Grand Jury 4/21/1983 on charges of conspiring to disrupt an anti-Klan rally which resulted in the deaths of five members of the Communists Workers Party. Griffin was the Grand Dragon or head of the North Carolina chapter of the Invisible Empire, Knights of the Ku Klux Klan.

*Virgil Griffin em 1982 em um rally*

os assassinatos. “Eu prometo”, disse eu, “mas não vou deixar que o passado se interponha no caminho de tentar alcançá-lo e ajudá-lo a sair de sua raiva”. Toda a viagem desde Atlanta, com o filho biracial de Tony ao meu lado, eu pensei nos pensamentos amorosos mais positivos que eu poderia reunir: “Amá-lo, sorrir para ele, amá-lo, para que ele possa realmente senti-lo”.

Eu sabia que só tinha um dia para praticar uma comunicação não violenta com Virgil, então seria uma experiência superficial ver o quanto as pessoas são influenciadas pelo que pensamos sobre elas. É verdade, não foi fácil. Quando uma manhã conheci Virgil e seu grupo Klan em uma área de floresta remota, fiquei mais influenciado, até mesmo sobrecarregado, pelo que seu olhar hostil sugeria que eles pensavam de mim (Raine) eles havia dito que ela estava trazendo um antirracista). Comecei com a difícil pergunta de Tony. O grande feiticeiro imperial deu a mesma resposta que o fez ser absolvido em tribunal: “Nós matamos comunistas no Vietnã. Então, por que não deveríamos combatê-los aqui em casa?” Ah, certo, a manifestação tinha sido organizada pelo Sindicato de Trabalhadores Têxteis local, conhecido por ser bastante “comunista” no nome, então como eu poderia discordar do júri todo branco de que suas ações eram “politicamente corretas”? Especialmente neste estado reacionário do sul, tão pouco tempo após a Guerra do Vietnã? Como Griffin não via diferença entre “comunistas” e “antirracistas”, eu sabia que não chegaria a lugar nenhum com acusações sobre seu passado. Em vez disso, durante o resto do dia, forcei-me a enviar-lhe meus pensamentos mais amorosos e sorrisos - usando uma linguagem “girafa” unificadora contra sua violenta e divisória linguagem “chacal”. Claro, eu também tinha razões egoístas - faz muito sentido quando se está sozinho entre 50 Klansmen fortemente armados em uma floresta isolada. Oh não! Escorregão de língua! Não chame esses “filhos da dor” de loucos. Eles são vítimas cujas vidas inteiras foram amarradas por nossos pensamentos distantes ou odiosos a respeito deles. Nunca sentiram nosso amor, apenas nossas contraproducentes ameaças de “Morte ao Klan”, como as que os manifestantes gritaram em Greensboro- com resultados letais para os manifestantes. Eu sabia que eles não eram diferentes dos moradores do gueto



*Virgil Griffin quando o conheci em 2005*

em seu anseio por nosso amor e que nunca é tarde demais para mostrar-lhes um pouco de nossa própria “humanidade”. Ainda assim, um líder Klan, assim como o líder de uma gangue negra, tem que jogar duro na frente dos membros, então por muito tempo Virgil me evitou ou falou retórica para mim se Klansmen estivesse por perto. Eu passei esse tempo lentamente fazendo “aliados” entre os membros.

Com o passar do dia, Griffin foi claramente mais e mais influenciado por meus pensamentos “amorosos” (há muito mais no amor real). No início ele sorriu nervosamente de volta, mas à tarde ele parecia quase flertado. Isto também me afrouxou, pois tenho meu próprio desejo de ser amado. No final do dia, ele perguntou subitamente se eu iria passear com ele na floresta “para falar sob quatro olhos”. Eu concordei.

Seu primeiro imperativo foi convencer-me de que ele não tinha incendiado nenhuma igreja negra. Ele havia perdido dois postos de gasolina porque meu amigo de caça Klan, Morris Dees, o havia processado depois que a polícia encontrou um antigo cartão de membro do grupo Klan de Griffin em um dos incendiários. “Você deve acreditar em mim, Jacob. Sou uma pessoa profundamente religiosa e nunca poderia sonhar em incendiar uma igreja”. Era tão importante para ele que acreditei que, ao fazê-lo, eu ganhei sua amizade. E não foi difícil acreditar nele. Eu sabia por Jeff Berry que os líderes da Klan ganham a vida vendendo cartões de membro a jovens inseguros, que andam por aí se gabando de seus cartões, mas os líderes nunca vêem esses homens na Klan. Os cartões são um enorme risco porque se a polícia encontrar um sobre uma pessoa envolvida em um crime de ódio, o líder Klan é considerado responsável se ele estava envolvido no crime ou não. Os líderes Klan são extremamente cautelosos em deixar entrar pessoas violentas em seu grupo, uma vez que não querem ir para a prisão. Como Jeff me disse uma vez, “não posso usar 80% das pessoas que se candidatam a ser membro”. Eles são loucos”. Eu sabia do que ele estava falando desde que peguei tantos desses “malucos” perdidos nas rodovias. Então, acredite ou não, foi assim que o Klan se tornou novamente “politicamente correto”, praticamente escondido em

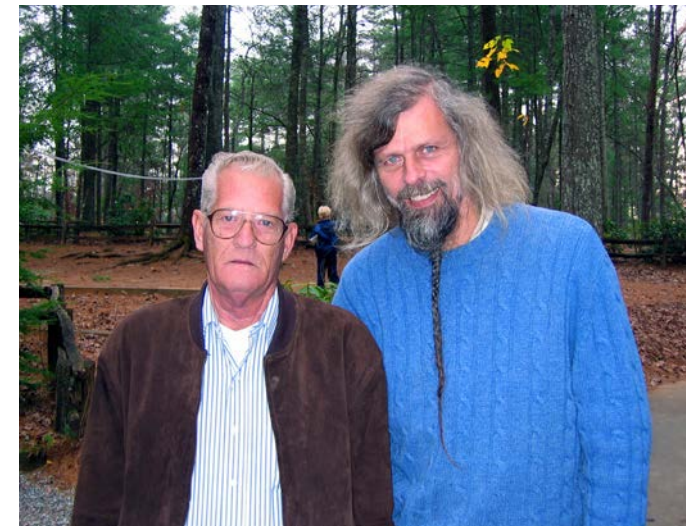


*Meu par Alfrida - amigo de Sandy - a quem o grupo Klan de Virgil Griffin assassinou*

pequenos comícios de cerveja aconchegantes na floresta. Trump foi mais longe, enviando a mensagem de que era “politicamente correto” sair da floresta e se juntar ao seu movimento branco em Charlottesville e em outros lugares - mesmo com suas armas e violência.

Griffin provavelmente confundiu meu conhecimento interno (mas não falado) sobre o Klan por amar o perdão - algo que ele nunca havia conseguido de ninguém antes, mas claramente procurou, por agora ele realmente se abriu e me contou a longa história de como ele tinha estado no Klan desde que começou a colher algodão com 19 anos de idade durante o Movimento dos Direitos Cívicos, “que estava indo longe demais rápido demais”. Ele tinha tido uma longa e triste vida, mas estava chegando ao fim: Ele tinha feito recentemente três cirurgias de bypass. “Eu sei que vou morrer em breve”, disse ele. “Mas em fevereiro eu faço 60 anos, e significaria muito para mim se você pudesse vir ao meu aniversário”. Por favor, você não promete?” Fiquei tão surpreso e comovido que prometi tentar. Quando o dia terminou, eu disse adeus a todos os meus novos amigos:

“Então, nos veremos em breve no aniversário de Virgil”. “O quê?”, perguntaram eles espantados. De repente percebi que nenhum deles havia sido convidado para a festa de aniversário! Com toda a auto-aversão típica dos membros de Klan, eles muitas vezes ficam tão enjoados com o que vêem uns nos outros, com sua própria dor e infelicidade, que Griffin não estava interessado em convidar a sua própria espécie. O que esses filhos da dor estão famintos é o amor de nós, aqueles que têm um excedente. Aqueles que estão fora de seu gueto. Pelo calor humano que eles não conseguem encontrar ou expressar dentro do Klan, cujos membros emocionalmente atrofiados eu sempre vejo parecendo solitários durante os comícios. Ao longo dos anos em que trabalhei com os grupos Klan, muitas vezes fui o “membro” mais antigo deles. Depois de menos de um ano, eu geralmente os via desistir e entrar nos grupos Alcoólicos Anônimos, NA ou da igreja - em qualquer lugar onde eles pudessem encontrar um pouco daquele amor que a filosofia Klan não permitia que florescesse neles.



*Minha caminhada com Virgil Griffin onde ele abriu seu coração para mim*

É por isso que minha pequena experiência em comunicação não violenta, embora eu tivesse apenas um dia para conduzi-la, tinha sido bem sucedida mesmo com Griffin, um dos líderes Klan mais perigosos desde os anos 60. Apenas alguns meses depois, Griffin deixou “Os Cavaleiros de Cleveland do KKK”, que ele havia governado a maior parte de sua vida, e o grupo desmoronou. Não estou dizendo que foi apenas um resultado do meu envolvimento; há sempre muitos fatores que ajudam a mudar a vida das pessoas. Mas para um homem que esteve na defensiva a vida inteira, inclusive sendo confrontado por uma multidão cantando “Death to the Klan!”, para ele encontrar de repente algo que confundiu com amor real pode fazer a diferença. Isto é especialmente verdade quando acontece em um momento vulnerável, como quando ele, como “um bom cristão, tem que encontrar meu criador”.

Sempre digo aos meus alunos: “Experimente este método amoroso em seu pior professor ... e veja como suas notas sobem rapidamente”. Claramente, ele funcionou em dois dos piores líderes Klan da América. Além disso, minhas longas viagens entre pessoas violentas me convenceram de que o pensamento positivo sobre as pessoas funciona em todos e que é no nosso próprio interesse, assim como no da sociedade, que realmente tentamos “amar nosso semelhante”.



## A respeito da dor dos assassinos em série

Enquanto dirigia uma noite em 1991, vi uma mulher branca mais velha na escuridão sob os pilares da rodovia e a peguei. Ela havia sido atacada por bandidos negros e estava sangrando tão profusamente que tive que levá-la ao hospital. Uma hora depois, vi um homem na berma da estrada. Zangado e tenso, ele havia sido demitido sem pagamento de um barco de camarão no Golfo e estava esperando há três dias por uma carona. Considerando o desespero nos olhos de Woody, eu poderia facilmente ter desencadeado a violência nele, enviando vibrações de medo e desconfiança. Quando lhe contei sobre a mulher branca que acabara de ser deixada para morrer por seus atacantes negros, Woody começou a se abrir. (Eu não tinha idéia na época de quão profundamente envolvido em sua família eu me tornei). Ele disse que nunca havia sido atacado por negros porque ele “sempre os atacava primeiro”. Pouco a pouco ele me contou como ele e seus dois irmãos haviam matado tantos “negros que eu não posso contá-los com meus dedos das mãos e dos pés”. Agora eu estava bem desperto. No início eu pensava que ele só se gabava, mas havia muitos detalhes descritivos e locais em suas histórias. Então, quando ele também falou sobre seus próprios maus tratos quando criança, eu fiz um acordo com ele: Eu o traria para casa, quatro horas fora do meu caminho, se ele contasse suas histórias e me deixasse gravá-las. “Mas não lhe direi onde moro. Apenas me deixe sair em algum lugar da minha cidade”. Ele sabia que eu poderia ir direto para a polícia com minha fita.

No meu programa, atualizado para incluir Woody e sua família, sua voz chocou os estudantes universitários. Alguns anos depois de tê-lo conhecido, tendo ouvido sua voz de pesadelo noite após noite, fiquei curioso para saber como ele estava se saindo. Quando finalmente tive a oportunidade de fazer uma turnê na primavera de 1996, convidei um editor norueguês dos livros de Toni Morrison, Eli Saeter, para ser minha testemunha. O que a assustou especialmente foi que todos que conhecemos tinham estado na prisão por assassinato e estupro. “Eles me lembram aqueles homens do filme “Deliverance””, disse ela. Quando chegamos, um denso nevoeiro pairava sobre o local. Ela deu nossa caça a um assassino em série nesta área pantanosa, onde não podíamos ver nem um metro e meio à nossa frente, uma aura sinistra e irreal. Após três dias, encontramos seu primo. “É verdade, como você diz, Woody veio aqui há cinco anos”, disse ele. “Ele e seu amigo Bobby invadiram uma casa, e Woody esfaqueou uma menina de 16 anos enquanto ela dormia. Ele apanhou 25 anos de prisão. Ele foi um idiota durante o julgamento. Fez barulho, riu para o juiz e gozou com todos. Tentei acalmá-lo, mas sem sucesso. Ele destruiu tudo para si mesmo”.

Encontramos a vítima de Woody, Sarah, que nos contou sobre aquela noite horrível. Ela havia sido forçada a sair da cama por Woody, que rasgou o estômago e os pulmões com uma longa faca. Ela sobreviveu graças a várias hospitalizações caras, mas ninguém tinha dado a esta pobre família ajuda para processar sua dor. Isso havia acontecido apenas alguns dias depois de eu ter deixado Woody. Isto foi deprimente - eu realmente acreditava que durante nossa noite juntos eu o tinha ajudado a entrar em contato com a dor profunda e a raiva que ele sentia. Tentei dizer a Sarah que Woody era meu amigo, mas minha voz se quebrou contra a culpa e o arrependimento quando vi o terror em seus olhos. Ela não podia vê-lo como nada além de um monstro sanguinário e falou sobre como ele tinha se comportado como um “animal” durante o julgamento, gritando “Vou te pegar um dia!” antes que ele fosse arrastado para fora do tribunal acorrentado. Tinha tido pesadelos sobre seu retorno desde então. Era importante ver e entender Sarah, a vítima do aspirante a carrasco, já que por tantos anos eu tinha lidado principalmente com a vítima dentro do carrasco.

Quando fomos à casa de Woody, uma mulher abriu a porta da tela e disse: “Eu sei quem você é”. Woody voltou para casa há cinco anos, sentindo-se erguido. Ele disse que tinha sido pego por um homem estranho que o fez contar-lhe tudo sobre si mesmo. Eu me perguntava quem poderia ser, já que Woody é a pessoa mais reservada que eu conheço”. Adeline era a mãe de Bobby, cúmplice de Woody, e vivia com Rose, a mãe dos dois irmãos mais velhos de Woody, Sammy e John.

“Oh sim, é horrível”. Não é como Woody fazer tal coisa, mas ele estava desesperado quando o trouxeram para casa despedido sem pagamento, depois de trabalhar durante meses no Golfo. Ele e Bobby haviam bebido e tomado muitas drogas, e acredito que foi Bobby quem fez isso. Eles vieram correndo para casa, batendo na porta às 2 da manhã, gritando: ‘Mãe! Mamãe! Fizemos algo terrível!’. Depois desmaiaram e desmaiaram ali mesmo no gramado, onde estavam dormindo quando a polícia os pegou”. Fiquei aliviado ao ouvir que não havia nada deliberado sobre sua sede de sangue na casa de Sarah, apenas a dor profunda e a raiva que eu sentia nele. No alto da droga, eles tinham roubado uma bicicleta na frente da casa de Sarah e então começaram a brigar por ela. Woody de repente invadiu a casa para pegar uma faca de cozinha para usar contra seu meio-irmão, que fugiu. Em um frenesi de desejo de sangue, Woody então arrombou todas as portas e tentou esfaquear a família adormecida. Quanto ao comportamento “animal” de Woody durante o julgamento, Adeline agora contava que “ele tinha ficado assustado e suas pernas tremeram debaixo dele com a sensação de que sua vida tinha acabado repentinamente”.



Woody na noite em que o peguei, em 1991, após minha palestra na U. de Houston

Os pobres estão se prejudicando incessantemente, pensei, já que o comportamento de Woody tinha convencido a todos no tribunal de que ele nunca mais deveria sair, e ele tinha recebido mais 10 anos de prisão. O que imediatamente forjou fortes laços entre Adeline e eu foi o amor que ambos sentimos por Woody. Fiquei surpreso com sua compreensão de como os ferimentos que ele sofreu na infância haviam levado à sua violência.

Os irmãos de Woody, então? Ele disse que eles o mataram quando mataram negros sem nenhuma razão. Confiando na intimidade que tinha estabelecido com Adeline, perguntei se poderia ser verdade. “Ah, sim”, disse Adeline, que muitas vezes os ouvira mencionar tais matanças, mas acrescentou que o pai, Vincent, tinha sido ainda pior. Sem mencionar o avô! “Acabamos de fazer coisas assim aqui no passado!” Era como se ela estivesse pedindo desculpas por eles. “Sammy é como seu pai”. Um homem horrível. Foi uma organização que o deteve no final. A vida na prisão. Ele não vai sair, nunca”. Ligeiramente irritada, ela disse que a razão pela qual o irmão mais velho de Woody havia sido preso por seu último assassinato era que a NAACP havia chamado o assassinato de “crime de ódio” (no passado, nada

lhes aconteceu depois de seus assassinatos). Ela acrescentou que Sammy continuou a assassinar negros na prisão. Um prisioneiro negro disse a ele que logo seria libertado. “Não, você não é!”. Sammy respondeu, e na noite anterior à sua libertação, Sammy derramou gasolina sobre ele e o incendiou, reduzindo-o a um cadáver carbonizado. Woody tinha me dito anteriormente que Sammy era o líder do “bando ariano” da prisão.

Na ausência de uma verdadeira mãe, Woody chamou Adeline de “mãe” e pelo menos uma vez por semana a chamava de “mãe” da prisão. Tudo era ainda mais complicado pelo fato de Woody ter namorado a filha drogada de Adeline, Dawn, pela qual ela, como seu filho Bobby, aparentemente não tinha grandes sentimentos.

E quanto ao irmão do meio, John? Será que ele também participou dos assassinatos? “Não sei quantos, mas sei com certeza que John matou um homem pelo menos uma vez. Ele só apanhou três anos de prisão por isso”. Mais tarde, saímos para visitar John nos pântanos, apesar de Adeline nos ter advertido com firmeza contra isso. “Não perceba que ele é o pior de todos eles! Ele é duro, frio, e não vai falar com você de maneira alguma”. Ela desenhou um retrato tão assustador que Eli, que já tinha ouvido mais do que o suficiente sobre a violência, insistiu para que seguissemos adiante, especialmente porque, se quiséssemos chegar lá antes do anoitecer, estávamos ficando sem tempo. Mas agora que finalmente havia encontrado o homem que podia corroborar o que Woody havia me dito em sua entrevista, eu não ia desistir. A medida que atravessávamos o pântano sem fim, onde árvores nuas ficavam como dedos esqueléticos pendurados com teias de musgo espanhol fantasmagórico, Eli parecia cada vez mais pálido. “Você não veio para experimentar a América?” Eu estava tentando animá-la, divertido que a realidade tinha emprestado os piores efeitos visuais de Hollywood (em cima do pesado nevoeiro ainda deitado sobre as águas negras infestadas de crocodilos). “Por que as pessoas se sentam através de tais filmes quando a realidade é muito mais excitante”, perguntei a Eli.

No fundo do pântano, muito perto da escuridão, consegui encontrar um trailer apodrecido com plástico sobre as janelas. O lixo habitual dos destroços de carros velhos e barcos enferrujados estava espalhado por aí. E quando vi duas garotinhas brancas sujas, desgrenhadas e descalças, com o nariz ranhoso, soube imediatamente que eram as crianças de John. Eli ficou tão assustado que trancou todas as portas do carro e se recusou a sair. A cena que ela viu na sua frente foi logo fora de Deliverance (na Noruega o filme se chamava



Angel nos acenando adeus do trailer

“Excursion with Death” (Excursão com a Morte). Ela temia que se John saísse e atirasse em nós ninguém jamais encontraria nossos cadáveres naqueles pântanos. Eu me lembrei da descrição detalhada de Woody de como seus rostos tinham endurecido quando eles pegaram um de seus próprios cadáveres em dissolução na rede de lagostim.

No entanto, eu não mostrei coragem nem ingenuidade em procurar John, pois no meio deste pântano escuro eu sentia que estava em terreno completamente sólido. Eu estava em um estado quase eufórico de ser, aproveitando a transformação que se percebe quando uma das grandes questões da vida está finalmente sendo esclarecida. É importante notar o estado de êxtase em que cheguei porque quando John acabou, como eu havia previsto, comportando-se de uma forma diametralmente oposta ao que se esperaria de um psicopata aterrorizante, como sua família havia insistido que ele fosse, foi precisamente porque eu havia construído mentalmente este homem desesperado para ser aquele que tinha a resposta para o enigma da vida. Assim, eu podia dar a ele os poderes inimagináveis que as pessoas ganham quando você lhes mostra confiança e profundo interesse humano: ele se sentia aceito e amado.

Certamente, ele era isolado, hostil, e, sim, inspirador. Ele chegava à porta armado com uma arma, sua barba selvagem e símbolos de violência tatuados no corpo. No entanto, raramente conheci um homem que se abriu tão rápido quando lhe disse que era amigo de Woody. Imediatamente a arma foi guardada e substituída por xícaras de café acabado de fazer. Logo senti um calor tão exuberante por parte de John e sua esposa, Connie, que saí e convenci Eli a juntar-se a nós. Ele era de fato o mesmo “monstro” que Woody havia falado em sua entrevista e martelou em minha consciência por cinco anos. Mas ao mesmo tempo - e Eli concordou - ele era uma pequena criança acovardada que mal se podia evitar de abraçar. Quando se tem em mente que eu poderia facilmente ter sido um informante policial astuto, é incrível como é preciso pouco para abrir tais pessoas e como elas estão ansiosas para falar sobre si mesmas. E nessa mesma conversa, com seu processamento gradual da dor, está a resposta para toda a violência. No entanto, os governos de todo o mundo

ficam cegos com sua retórica antiquada de “olho por olho” e seus reflexos repressivos recidivistas logo a partir da fortaleza de direita de Lúcifer.

O resto do dia, John e Connie recontaram a violência que percorreu toda sua família. “Basta olhar aqui para Angel”. Connie levantou a criança de dois anos e meio que foi abusada. “Ela está cheia de violência contra sua irmã. Ela é a má”! E tanto Eli quanto eu pensamos que era assim que ela acabaria se lhe dissessem desde criança que ela era “má” e “não suficientemente boa”. A mãe lhe deu várias palmadas apropriadas, mas nós quase nunca a vimos chorar. Em vez disso, seu rosto de olhos vermelhos carregava um permanente olhar de ressentimento mortificado.

Ambos os pais falaram abertamente sobre como só quando estavam bêbados é que eles explodiram em violência, e rapidamente formamos um quadro de como as condições devem ser horríveis para as duas crianças. Eles deram exemplos intermináveis de toda a violência em que estiveram envolvidos. Eu nem precisei perguntar sobre os assassinatos de negros; seus comentários sangrentos sobre eles se encaixavam perfeitamente nas descrições de Woody. Quando pedi para ver as armas usadas nos vários assassinatos, John trouxe sete espingardas e três pistolas, que ele já havia ensinado as garotinhas a usar. Ele até demonstrou com sua faca como



John demonstrando como ele torceu a faca no homem negro



John ensina Natasha, de 7 anos de idade, como usar uma arma



John me mostrando um pouco de sua coleção de armas na cama das crianças

havia apunhalado um pai negro na frente de sua família. Eu tentei emoldurar minhas fotos dele sob uma foto de seu próprio pai, aquele que havia passado toda aquela violência para eles. Ele ficou pendurado na parede em uma moldura dourada, irradiando uma maldade assustadora que não podia ser coberta pela arrumação do estúdio do fotógrafo ou pelo vestido de domingo.

John queria que ficássemos a noite e fôssemos caçar crocodilos com ele no dia seguinte. (Ele ganhava a vida caçando crocodilos ilegalmente e tinha enchido a geladeira com carne de crocodilo). Eu estava disposto, mas Eli se opôs a “ir caçar um jacaré nos pântanos com um assassino em série em névoa densa”. Então, depois de uma despedida quente, partimos no escuro. Ficamos petrificados na viagem de volta e mal podíamos falar sobre qualquer outra coisa.

#### 1996 Viagem de outono

No outono, convidei o repórter de TV dinamarquês Helle Vibeke Risgaard para gravar a família traumatizada para a TV. John estava trabalhando “offshore”, para que Connie pudesse falar mais abertamente sobre ele. Durante vários dias ouvimos falar de um assassinato após o outro - esta vez para um vídeo



Foto de família dos pais Johns, Rose e Vincent

Betacam aberto. Uma vez que tudo isso veio em um fluxo delirante ou em comentários paralelos, não demorou muito até que estivéssemos caindo - tontos. Após algumas horas, não podíamos lembrar nem mesmo nos importar com todos os assassinatos de que tínhamos ouvido falar.

Connie era uma mistura estranha. Ela parecia ser uma mulher racional de compostura exaltada, e mesmo assim sabíamos por Rose e Adeline que ela era ainda mais violenta do que John, que eles realmente viam como sua vítima. Várias vezes ela disse que se não fosse por sua religião e pelas crianças, ela já o teria deixado há muito tempo. No entanto, logo começamos a duvidar disso; sem seus filhos, a quem ela seria capaz de bater? Com John fora, tivemos a coragem de beber com Connie, geralmente até as 4 da manhã, e tivemos amplas oportunidades de ver sua relação com as duas crianças maltratadas. Ela estava amando num momento, mas no seguinte voaria em uma fúria incontrolável, chicoteando o Anjo de 3 anos com um cinto de couro. Isto se transformou em um conflito momentâneo entre Helle e eu. Helle tentou impulsivamente estender a mão e proteger a criança, o que me deixou louca, pois isso me impediu de fotografar o abuso. “Que homem mau você é!” gritou ela, junto com acusações semelhantes (compreensivelmente eu poderia acrescentar). “Se você tivesse viajado um pouco mais em guetos negros”, eu me passei, “e visto esse tipo de abuso todos os dias, você saberia que não é seu trabalho salvar cada criança em um momento de sentimentalismo”. Não, seu trabalho, através de sua presença fortalecedora, é dar a esses pais o amor por si mesmos que é necessário para que eles expressem amor por seus filhos”. No entanto, para evitar a própria visão da violência e das crianças maltratadas, fazemos o contrário e todos fugimos do gueto. E é assim que acabamos nos tornando a causa direta de suas crianças maltratadas”. Eu também sabia que não precisava dar lições a Connie sobre como é errado disciplinar suas “crianças más” com violência, pois todas as pessoas sabem no fundo que é errado bater em crianças. Se eu tivesse começado com sermões moralizadores, no entanto, ela teria se sentido ainda pior sobre si mesma. Além disso, meu “senso comum superior” me disse que não era necessário intervir porque a criança esperava tão obviamente as surras.



Os pântanos infestados de crocodilos em que John e Connie viviam

Ela nem chorou. Em vez disso, por despeito, ela continuou o comportamento que havia deixado sua mãe louca. Embora eu soubesse que esta era uma oportunidade extraordinária para eu conseguir algumas fotos para uma das seções mais centrais e educacionais do meu programa sobre brancos pobres, fotografar este abuso certamente não foi algo que eu gostei. Muitas vezes eu me perguntava qual era o limite - quando é que eu realmente iria intervir?

Ao contrário da violência desenfreada comum entre os pobres negros, a presença de um estranho geralmente reprimiu a agressão dos pobres pais brancos. Minha própria fotografia foi o que disse a Connie que seu comportamento era inaceitável, mas de uma forma mais suave do que se a tivéssemos repreendido ou acusado de ser “uma pessoa má”. De fato, isso teria sido uma repetição do que ela estava fazendo com a criança. Provavelmente já ofendi muitos leitores neste ponto (embora os mesmos leitores ofendidos nunca reclamem da violência do meu programa). Quando meu programa teve um renascimento nos anos 90, acho que ele retratou a crescente violência em nós como refletida no crescente abuso de crianças. Isto levou a um interesse crescente na pedagogia da opressão. Aumentar a consciência coletiva sobre as raízes da opressão será a verdadeira salvação da criança. No entanto, eu também defenderia prontamente o ponto de vista oposto, que afirma que é fundamental deter a violência 24 horas por dia contra crianças (e mulheres), por mais breve que seja, mesmo que isso signifique destruir a prova fotográfica chave da mesma. Pois se os poucos de nós que procuram estes marginais - apenas para documentar e assim explorá-los - não intervir, então quem deveria? Não importa qual seja a razão de estar em tal situação, o Bom Samaritano não fecha os olhos, abre a lente ... e passa!

A pior coisa em toda esta situação não foi o conflito destas visões éticas dostoevskianas, mas o que tanto Helle como eu logo sentimos em relação à criança maltratada. Quando entramos pela primeira vez neste ninho de vespas encharcado, nossa simpatia imediata tinha sido para com as duas crianças maltratadas com círculos negros debaixo dos olhos. Logo sentiríamos como “nós” sempre acabávamos ajudando a forçar



Connie batendo no Angel de dois anos

tais vítimas ao papel de opressor - o círculo vicioso. Nunca vi isso tão claramente como no Anjo de três anos; cada uma das suas reações foi por despeito. Todos nós sabemos como os abusados frequentemente mordem a mão estendida e como eles destroem tudo ao seu redor para chamar a atenção. No início, você tem vontade de pegar a criança e acariciá-la, mas a criança rapidamente oblitera todo o afeto e amor excedente que podemos reunir. E quando, das 8 da noite às 4 da manhã, aquele “malvado” pequeno “Anjo” acabou destruindo quase todas as nossas câmeras, microfones, cordas e fitas, então, sim, gradualmente sentimos violência em nós mesmos - todo o caminho até o ponto em que também nós tínhamos um desejo indescritível de amontoar abuso verbal sobre ela, espancá-la e chutá-la pelo chão. É assim que, em todo o mundo, ferimos os feridos. E quando ano após ano você vem ensinando isso aos estudantes, é de fato uma boa lição pedagógica “sentir” de repente como você mesmo pode se tornar parte do círculo vicioso da opressão. Quão rapidamente nos tornamos a coalizão de vontades da Connie! Lentamente afundando com ela lá fora nos pântanos.

O mais terrível para nós dois foi experimentar a estreita conexão entre abuso e racismo. Quando perguntamos a Angel, de três anos, o que ela pensava dos negros, ela ficou totalmente



O Angel maltratado. Ela estava procurando por ajuda?



Connie chicoteando as crianças

confusa. “O que você quer dizer com ‘negros’? Negros? Nós matamos pretos, não matamos, mãe?”

Quando a câmera estava ligada e sua mãe estava sóbria, ocasionalmente pudemos experimentar Connie se tornando tão autoconsciente que ela disse “negra” e esporadicamente tentou usar essa palavra na frente da criança. Isto foi interessante porque mostrou que o argumento do An American Dilemma de Gunnar Myrdal era válido mesmo nos estratos mais baixos da sociedade, ou seja, há um conflito entre os ideais mais elevados da sociedade - “por exemplo, somos todos iguais” - e as mensagens completamente diferentes que os pais alimentam em seu “instinto” sobre “sub-humanos”, que acabam por cair no inconsciente da criança.

Vimos isto ainda mais claramente no relacionamento de Connie com Natasha de 7 anos de idade. Connie achou que não havia problema que Natasha tivesse causado alguns problemas na escola porque, Natasha explicou: “O negro sentado na minha frente cheirava mal”. Mas Connie repreendeu Natasha porque a escola tinha acabado de expulsá-la por ter iniciado uma gangue com outras quatro meninas. Eu senti algo mais acontecendo e perguntei a Natasha: “A gangue estava para confrontar os negros? Esta foi uma pergunta difícil



*Natasha de 7 anos no dia em que orgulhosamente confessou ter esmagado a cabeça de um menino negro*

porque em si mesma o termo negro disse a Natasha que eu estava do lado dos “negros”. Então sua resposta não foi tão fácil para ela como quando ela repetia teatralmente “cheiro de negro”! Um pouco mais tarde, ela se tornou ela mesma (ao invés da sociedade de meninas bem comportadas que a sociedade queria ver). Ela admitiu que as quatro garotas haviam atraído um menino negro para a floresta e esmagado sua cabeça com uma pedra até que ele estivesse derramando sangue. Ela gostou visivelmente de descrever este assalto horripilante em linguagem gráfica de respingo. Por que ela tinha feito isso? Porque um dia sua mãe, aparentemente num momento de politicamente correto, lhe havia dito que “os negros sangram vermelho como nós”. Era a maneira de Connie lhe dizer (quando ela estava sóbria) que “somos todos iguais, então fale bem de seus amigos da escola”. Natasha não acreditava nesta mensagem, o que contradizia todas as outras mensagens que recebera de seus pais sobre “matar pretos” (geralmente quando eles estavam bêbados). Então ela havia iniciado uma gangue e ferido um garoto para descobrir se era verdade. A esta Connie simplesmente respondeu: “Não foi uma coisa agradável de se fazer, Natasha”. Mas todos tínhamos estado bebendo, e Connie disse isso com um grande sorriso. Ela estava obviamente orgulhosa. Então Natasha recebeu a mensagem de que não havia problema em esmagar a cabeça de um menino com uma pedra para descobrir se “os negros sangram vermelho”!

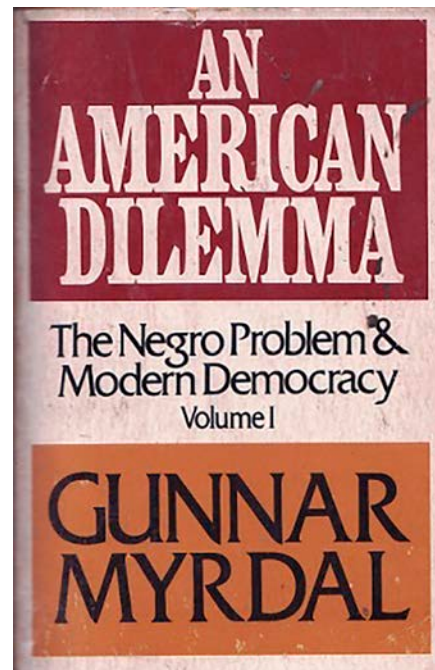
Raramente vi uma palestra tão clássica na pedagogia do racismo: Esta foi a espada esmagadora do assassino “de dois gumes”, a mensagem dupla como é praticada pela vasta maioria - ou seja, por nós, as pessoas mais comuns “liberais” de direita - martelando constantemente “somos todos iguais”, o credo americano, e “amor cristão” em nossos filhos. E ainda assim, quando a questão chega às pessoas do “interior

da cidade”, negros, homossexuais, judeus, muçulmanos, etc., levantamos as sobrancelhas ou mudamos um pouco a voz, sem sequer estarmos conscientes disso, e enviamos a mensagem oposta à criança, alguém “não é tão igual”. A criança não pode processar uma mensagem tão dupla com sua opressão oculta e fora de dor e em confusão age em vários padrões racistas enquanto cresce.

Connie de alguma forma me deu esperança para a humanidade, pois ela ressaltou o que eu sempre experimentei entre os criminosos viciosos e até mesmo entre os membros da Ku Klux Klan: Não é preciso ensinar um adulto como Connie sobre o certo e o errado (como Ivan insiste em Os Irmãos Karamazov a respeito de viver sem um Deus). Não, todos sabem que é errado matar, odiar, infligir dor. No entanto, enquanto estão presos em sua própria dor excruciante, nem sempre podem viver à altura de seus ideais mais elevados.

Como Connie expressou melhor do que ninguém nossa humanidade comum mais profunda, não pude deixar de sentir uma afeição cada vez maior por ela (e alegria ao seu redor). Ela era este enorme pedaço de violência e ódio explosivos, com uma mistura peculiar de senso comum, ternura e amor, mas ela tinha um desejo profundamente entristecido de expressar o melhor dos ideais.

Eu estava feliz em sentir esta atração violenta por ela, pois de alguma forma me lembrava dos sentimentos que sempre nutri para os pobres negros como vítimas. Que ela mesma era uma vítima ficou claro quando conhecemos o desesperadamente alcoólatra e louco pai de Connie (apesar de Connie afirmar que nunca houve uma relação diretamente incestuosa entre eles).



*A “Bíblia da pesquisa do racismo” inspira Johnson a promulgar suas leis de direitos civis*

Em algum momento, a medida em que os conceitos morais haviam escapado de nós depois de apenas alguns dias com Connie fora dos pântanos nos despertou em nós. Durante o verão, John havia pegado um guaxinim, que se tornou um animal de estimação da família. As crianças andavam constantemente enroladas na cama com seu novo brinquedo e o alimentavam com bolachas. Eu gostava de tomar banho na bagunça insana de seu “banheiro”, porque o guaxinim - um “urso de lavagem” em dinamarquês - com sua grande cauda ajudou a me lavar na banheira. Era tão fofo que Helle teve a idéia de fazer um programa de TV infantil maravilhoso sobre como brincava com as crianças maltratadas (em casa, ela geralmente produzia programas infantis), mas ela ficava sem fitas de vídeo. A culpa foi minha. Antes de nossa chegada, eu a avisei: “Esta é uma família tão perturbada que você não pode entrevistá-los diretamente sobre sua violência”. Basta deixar sua câmera rodar o tempo todo, especialmente quando eles estão bêbados, e você terá as filmagens mais chocantes - eles farão comentários casuais sobre todos os assassinatos deles”.

Quando ficamos sem fitas durante as noites de “nossas bebedeiras e assassinatos”, Helle sugeriu apagar algumas das fitas anteriores. E como o assassinato e a violência haviam se tornado, após apenas alguns dias, a chata “banalidade do mal” cotidiana, eu disse a Helle que estava tudo bem, mesmo que a razão pela qual eu a convidara em primeiro lugar fosse para gravar tudo isso. Somente quando estávamos na estrada é que percebemos que ela tinha apagado muitas das evidências de uma história chocante de assassinato em série a favor de um programa infantil trivial.



*Angel com sua amada nova companheira de brincadeira*

Este foi um péssimo exemplo da rapidez com que fomos submetidos a uma lavagem cerebral na lógica perversa da violência de Connie, que ela mesma expressou melhor quando, a certa altura, perguntou: “Diga-me, você está escrevendo um livro sobre nós? Eu fiquei na defensiva, mas respondi honestamente: “Talvez um dia, mas vou me certificar de protegê-los a todos (de ações legais)”. “Não, você não tem que se preocupar com isso”, disse Connie. “A única coisa sobre a qual eu não ficaria feliz por vocês escrever é aquela noite em que arrombei um restaurante com Woody e roubei frutos do mar por causa da fome”. Ela sabia muito bem que o roubo era ilegal e tinha opiniões fortes sobre isso, já que um dos “negros” do bairro havia roubado suas galinhas uma vez. Mas ela não pensava em matar “pretos” em massa como ilegais ou errados (quando ela estava bêbada)!

Deois de pouco tempo, aparentemente nós também não. Esta foi outra valiosa lição que ela me ensinou: Os assassinos violentos não são criados apenas por espancá-los na infância. Não, até mesmo os melhores e mais justos de nós podem ser lavados do cérebro para estes papéis em pouco tempo, como sabemos de soldados e torturadores em todo o mundo - sem esquecer a polícia americana, como o assassino de George Floyd.

Depois de abraços calorosos, nos despedimos dela e das crianças em frente ao trailer dilapidado com suas janelas revestidas de plástico. Eu sabia que sentiria falta dela - ou pelo menos do contato com o lado violento de mim mesmo que ela havia exposto para mim. Uma boa razão para ir embora agora era a presença do pai maluco da Connie, que arruinou todas as conversas com suas fantasias loucas por sexo sobre Helle. “Você consegue realmente dormir no carro com uma loira tão sexy sem fazer sexo?” ele não parava de



*Angel maltratado por Connie, que foi ela mesma maltratada por seu pai à direita*

perguntar. É comum ouvir a verdade de quem está bêbado ou louco (ele estava ambos). Ele expressou abertamente o que os americanos normalmente imaginam quando convidado mulheres dinamarquesas em minhas viagens - que se nada mais é para evitar me apaixonar por minhas vítimas fotográficas, como sua filha, Connie.

### **Mais tarde, em 1996**

Eu vinha escrevendo para Woody há vários anos e recebi permissão da prisão para visitá-lo. Depois de quase 20 horas de viagem, cheguei. Como de costume na América, a prisão de alta segurança estava localizada em uma área remota para onde poucas famílias podiam se dar ao luxo de dirigir. Woody não tinha tido uma visita durante cinco anos e esperava tanto por nosso reencontro quanto eu. Mas foi uma experiência chocante. Depois que ambos passamos por todos os tipos de medidas de segurança, Woody entrou na sala de visitas acorrentado de mãos e pés, seu corpo ficou preso com correntes ainda mais (e ainda mais grossas). Tentando contornar este homem de ferro, senti como se estivesse abraçando um alienígena espacial. O belo olhar “inocente” de que me lembrei, de um jovem rapaz com fechaduras longas e brilhantes, tinha sido levado pelo vento. Com seu cabelo curto, tatuagens, seus dentes ausentes (tinham sido arrancados) e feridas nos braços, ele era uma réplica assustadora de Sean Penn em *Dead Man Walking* - mas muito, muito pior. Enquanto eu tinha dificuldade de acreditar em suas histórias de assassinato em massa naquela noite, há cinco anos atrás, agora eu podia acreditar em tudo sobre ele. Ele tinha sido ferozmente brutalizado nesta prisão, que parecia muito pior que Angola, apesar da reputação desta última de ser a pior. E ele havia passado metade de seu tempo na escuridão do confinamento solitário por causa de ofensas disciplinares perpétuas. Quantas brigas, eu perguntei. Ele contou doze com prisioneiros negros e três com brancos - todas as lutas de vida ou de morte. Sua pena de 25 anos havia sido estendida a cada vez. Mas tendo acabado quase exclusivamente com negros, ele tinha ganho mais respeito por eles. Eles também podiam ripostar! Ele me contou o quanto estava zangado quando o pegou pela primeira vez - antes que eu o pegasse em 1991 - dividiu uma cela com



*Nada sobrou deste belo jovem na prisão 5 anos depois*

um negro. Ele tinha tido uma arma contrabandeada e atirou no “negro”. Não para matá-lo (anos teriam sido acrescentados à sua sentença). Ele tinha atirado na perna dele para tirá-lo de sua cela.

Isso não foi possível nesta prisão de “alta tecnologia” e ele tinha aprendido a viver com seu companheiro de cela negro. “Ele não se mete comigo e eu não me meto com ele”. Eles nunca falaram sobre relações raciais. Nem mesmo sabiam o que o outro estava fazendo. Sarah era a única de suas vítimas que eu conhecia, por isso senti uma responsabilidade especial como mensageira dela. Como Woody não tinha nenhuma lembrança da noite em que ele a esfaqueou, ele me pediu para contar a ele em detalhes o que havia acontecido. “Aquele pobre garota”, disse ele várias vezes durante nossa conversa. Sobre seu comportamento “animalesco” no tribunal, quando ele a ameaçou, ele só conseguiu se lembrar que havia sido “um imbecil” sem sequer saber que Sarah estava presente. Eu disse a ele como tinha sido importante para Sarah ver a carta de Woody para mim na qual ele pedia perdão a ela, e perguntei se ele estava pronto para uma reunião de vítimas para curar as feridas. Após muita deliberação, ele respondeu que não estava pronto para isso. Então eu cometi um erro terrível. Eu disse que Sarah tinha sido mais compreensiva do

que eu esperava porque seu próprio irmão estava na prisão. Os esforços de Woody para pensar em termos compassivos foram imediatamente esmagados, e o assassino nele emergiu. “Você tem que me dar o nome do irmão de Sarah”, exigiu ele. “Ouvi de presos transferidos de Angola que há aqui um prisioneiro que quer me matar”. Aqui você tem que matar ou ser morto”. Eu sabia que o prisioneiro era provavelmente o irmão de Sarah já que, durante minhas conversas com ela, seu outro irmão não parava de dizer com raiva: “Se ao menos eu pudesse deitar minhas mãos àquele cara”.

Então, agora de repente eu estava envolvido em uma luta de vida ou morte e percebi que ser um mensageiro, construtor de pontes ou homem de reconciliação poderia não ser tão fácil quanto eu imaginava. Como o próprio Nosso Senhor, eu tinha que decidir qual deles iria morrer! Se eu não revelasse o nome, seria Woody, meu amigo, que um dia provavelmente teria sua garganta cortada por trás. Eu sabia que não diria o nome a Woody, mas também sabia que se eu continuasse recusando, o afastaria.

No geral, encontrar Woody novamente foi uma experiência chocante. Havia uma série de razões para isso, uma das quais era que eu tinha que rever muito do que eu havia dito sobre ele em meu slideshow. Eu ainda podia vislumbrar a criança ferida em Woody, mas era cada vez mais difícil não vê-la com os olhos julgadores da sociedade. Eu sabia que não teria coragem de libertar este homem em seu estado atual, mas também sabia - como eu me lembrava constantemente - que esta condição era causada por esta mesma sociedade julgadora descartável, sem mencionar a brutalização adicional a que a prisão o havia sujeitado.

Por mais difícil que fosse reter o nome do irmão de Sarah, era quase tão difícil não contar a Woody sobre Dawn, o único amor de sua vida. Naquela mesma manhã eu havia chamado a mãe de Dawn, Adeline; ela estava em estado de choque. Dawn havia tentado o suicídio na noite anterior. Ela tinha sido encontrada meio morta em um forno a gás. Adeline havia me pedido para não contar a Woody, mas Woody continuava me perguntando sobre ela. E havia outras notícias: Dawn tinha tido um filho com o melhor amigo de Woody. Eu sabia que Woody iria querer matá-lo junto com o irmão de Sarah. Neste breve relato, eu apenas sugeri alguns dos problemas que eu encontraria na minha tentativa de ser amigo de todas as partes em um submundo de violência que tem suas próprias regras confusas. Durante os três dias de viagem de volta a Nova York através de uma chuva deprimente que durou os três dias, eu não pensei em muito mais do que isso: *MEU dilema americano*.

### **1998**

Quase dois anos após minha visita a Woody, recebi uma surpreendente carta de Natal. Era do pior dos três assassinos em série - o irmão mais velho de Woody, Sammy, que eu havia tentado visitar na prisão (também em 1996). Como líder de uma gangue ariana, ele continuou assassinando negros na prisão, por exemplo, derramando gasolina sobre eles e incendiando-os enquanto dormiam. Agora ele estava pedindo desculpas por não ter respondido à minha carta. Ele estava legalmente impedido, disse ele, já que havia passado dois anos no “buraco” por esfaquear um prisioneiro negro até a morte. Agora, porém, ele queria fazer algo mais criativo e me perguntou se alguns de meus amigos seriam seus amigos por correspondência. Vários dos meus amigos negros da região eram seus guardas prisionais. Depois de usá-los como referências e esperar por muitos anos, finalmente consegui permissão para visitar Sammy. (O diretor era um cristão que acreditava no perdão.) Infelizmente, após dirigir quase uma semana para chegar lá, encontrei a prisão fechada por causa de um contágio da gripe suína.

### **Com uma mulher negra em 2003**

Em 2003 decidi levar uma mulher negra comigo para ver como a família reagiria. “Quero ver se eles também vão matar você”, brinquei com Rikke Marott, um modelo da Dinamarca. “Jacob”, disse ela nervosamente, “sou uma jovem mulher negra”. Você é um homem branco de meia-idade. Metade dos homens nestas áreas estão na cadeia por matar ou estuprar negros”. Eu respondi: “Eles também matam brancos”. “Isso não faz com que seja melhor”.

Fomos primeiro ver a mãe de Sammy e John, Rose. Eu queria saber mais sobre o passado dela. Rose disse que ela veio de uma família extremamente pobre: “Cresci longe nos pântanos, habitados por quase ninguém além de nossa família. Nossa casa tinha apenas um quarto, onde todos nós nove dormíamos. Éramos tão pobres que todos tínhamos que ficar em casa e ajudar a mamãe e papai a trabalhar. Como a maioria das pessoas pobres, ajudamos a trabalhar nos pântanos como pescadores de camarão. Trabalho realmente árduo. Só quando eu tinha 13 anos é que as autoridades nos encontraram e nos mandaram para a escola, mas eu parei depois da 5ª série porque mamãe e papai precisavam de nós para trabalhar. Por isso, nunca aprendi a ler e escrever”.

Rikke apontou para sua adorável filha na parede. “Sim, minha filha ali desapareceu em 67. Ela tinha 16 anos. Recebi uma chamada anônima - uma voz disse que ela tinha se afogado em um porto”. Rikke perguntou: “Quem estava ligando?”. “Talvez o assassino, porque ninguém mais sabia onde ela

estava. Ela nunca foi encontrada. Essa é a pior parte”. A voz dela tremia e os olhos dela transbordavam de lágrimas. “Foi há 35 anos, mas nunca deixei de ter a esperança de que ela voltará um dia”.

“E seus outros filhos?”

“Nossa família está amaldiçoada”. Tem havido tantos assassinatos e acidentes - estamos amaldiçoados. Meu enteado está na cadeia por tentativa de assassinato - ele cortou a barriga de uma jovem menina. Ela sobreviveu, mas nunca poderá ter filhos”.

Quando entrevistei Rose sobre como o pai de Woody havia arrancado o útero dela, ela se rompeu em lágrimas, envergonhada por eu saber disso. Depois que isso aconteceu, ela tinha tanta vergonha de estar sem útero que não foi ao hospital por um mês. Mesmo assim, ela só foi porque a hemorragia era tão grave. Nos momentos que antecederam a tragédia, Vincent, que tinha bebido muito, gritou: “Vou me certificar de que você nunca mais poderá ter filhos com outro homem”. Rose disse que queria deixá-lo, mas antes que eu desligasse a câmera, ela continuou confessando que havia matado seu marido com um machado. Ele não tinha “caído da cama”, como todos me disseram. Ficando ainda mais emocionada, ela falou sobre o assassinato da irmã mais velha de Woody. Adeline tinha me dito na primavera que ela havia cometido suicídio aos 16 anos de idade, após um longo relacionamento incestuoso com seu pai. Agora Rose disse

que sua filha, de fato, havia sido assassinada. Entorpecido por ouvir falar de todos os assassinatos, esquecemos de perguntar se foi também pelo pai, quando ela rapidamente continuou. “Tenho outro filho na prisão por assassinar negros”, continuou Rose. “Ele matou pessoas ao acaso”. Ela descreveu em detalhes (e em vídeo) todos os assassinatos, mas não mencionou que as vítimas eram todas negras. Rikke disse mais tarde: “Ela está tentando me proteger porque eu sou negra, mas não precisava. Eu me senti confortável com Rose. Eu podia sentir que ela não se importava com a cor que eu era. O que era importante para ela era que havia outro ser humano que estava tentando entender de onde ela vinha”.

Enquanto nos preparávamos para partir, eu disse: “Bem, Rose, estamos de saída para visitar John”.

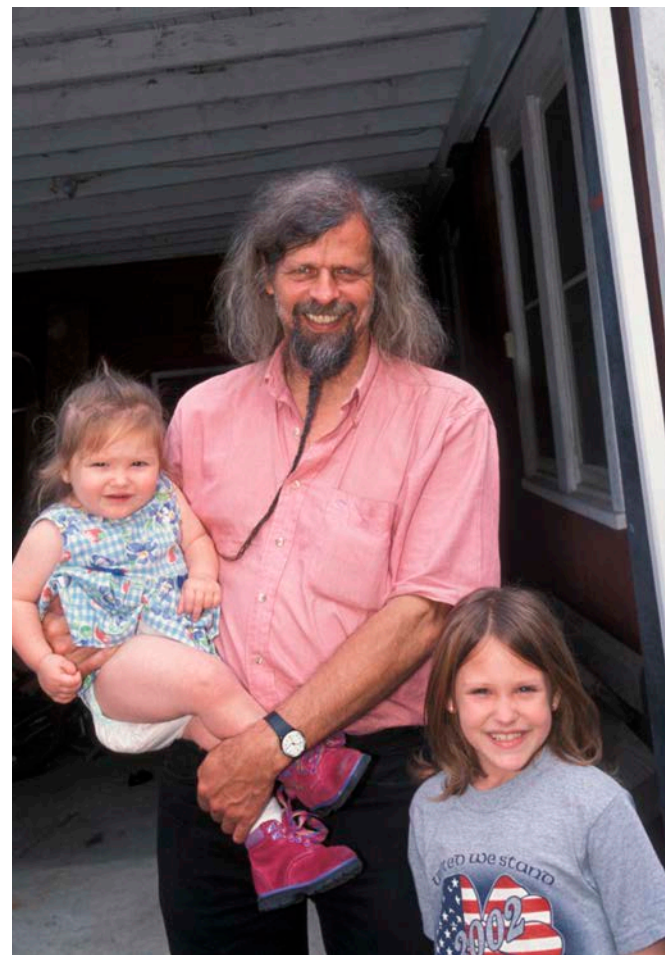
“A esposa de John está morta”, disse Rose. “Connie foi morta no ano passado em uma de suas brigas de bêbados quando ela saiu no carro e bateu com ele. John não é mais um pescador de camarão. Ele trabalha em um barco e está fora por dias de cada vez. Ele não está na cidade no momento”.

“E as crianças?” eu perguntei.

“Eles foram levados pelas autoridades”, disse Rose. “Minha filha cristã tem os dois mais novos. A mais velha, de 17 anos, vive com John e sua nova namorada”.

Fiquei chocada, mas não surpreendida. A morte violenta de Connie foi causada por uma mistura perigosa de cocaína, álcool sem fim e raiva não curada. Eu ansiava por vê-la novamente e estava em lágrimas enquanto fazia a longa viagem para visitar seus filhos. Será que eles se lembrariam de mim depois de sete anos? Fiquei aliviado quando fomos de carro até sua nova casa, “com uma boa família cristã” e, como se eu fosse um tio querido, Angel saiu correndo e pulou em meus braços com uma alegria incontável.

Diz-se que as crianças não se lembram de nada antes dos 2 ou 3 anos de idade, mas claramente ela se lembrava de mim, chegando com minha vergonha por ter querido bater nela quando ela era criança. Felizmente, esta não era a memória duradoura que ela tinha de mim. Aparentemente, ela havia me experimentado na infância como a única forasteira “sã” a testemunhar quão profundamente ela havia ficado traumatizada. Sua família era uma família que tanto brancos como negros haviam fugido de lá nos pântanos. Embora eu só tivesse estado com o Anjo de 2 e meio anos por um dia na primavera de 1996 e por alguns dias no outono quando ela tinha 3 anos, agora eu podia ver o quanto nossa breve visita na época tinha significado para ela quando ela tinha 9 anos. Ela me arrastou pela mão para conhecer sua nova família, para me mostrar a irmã mais nova que havia adquirido e uma carta de amor que havia escrito a sua mãe, agora morta, prometendo ser “uma boa criança”.



Angel de 9 anos com sua nova irmã Sally em 2003



Angel com cartas para sua mãe sobre ser uma criança melhor

A Natasha de 17 anos, que quase matou um menino negro com pedras e desde então passou dois anos na prisão por outros crimes, estava igualmente entusiasmada com nosso reencontro.

Ela também estava entusiasmada em conhecer Rikke, com quem ela queria ser fotografada incessantemente. Eles podem ter sido educados para “matar pretos”, mas sua dor não discriminava a cor da mulher oferecendo-lhes amor e a esperança de acalmar essa dor. Rikke, que foi adotado em uma família de classe média dinamarquesa amorosa, veio com todo o amor excedente que essas crianças desprovidas de afeto desejavam. Em minhas visitas subsequentes ao longo dos anos, eles continuaram perguntando por que eu não havia trazido comigo aquela “linda mulher de cor”.



232 Rose mostrando sua foto de seu filho Sammy na prisão para Rikke Marott



Natasha, de 16 anos de idade, amava Rikke Marott



Com Natasha em 2003 pouco antes de fugir de seu pai

2009

No entanto, a maldição da família continuou a assombrar as crianças-John conseguiu recuperá-las. Ele trabalhou no exterior, por isso não o vi mais até 2009, agora em outro trailer com um pouco de terra ao seu redor. Eu vim a esperar surpresas ao visitar um assassino em série e imaginei que estava em busca de outro quando lhe perguntei por que seu gramado estava vermelho de sangue. Ele respondeu com a voz enferrujada de um homem mais velho e endurecido: “Bem, Jacob, você sabe que sempre fizemos coisas loucas quando ficamos bêbados”. Ontem à noite eu estava tão bêbado que saí atirando no alvo da minha única vaca. A vaca ficou tão assustada que pulou a cerca e fugiu. Eu corri para dentro para pegar meu rifle e subi no meu cavalo para persegui-la. E depois de um passeio selvagem pela cidade à meia-noite, matei o maldito bastardo a cerca de cinco milhas do outro lado da cidade. E esta manhã saí com meu enteado de 15 anos para pegá-lo na caminhonete. Acabamos de matá-lo aqui no gramado sangrento”. Eu respondi: “Bem, pelo menos você não está mais matando negros”.

“Não, todos nós amadurecemos quando envelhecemos. Acho que parei com isso por volta da hora em que te conheci”. Fiquei tão aliviado com a sua raiva juvenil (e letal) que desta vez eu fui camarões com ele no fundo dos pântanos, onde



John mostrando como o gramado ficou vermelho de sangue em 2009



John com seu enteado e neto Connie mostrando as armas que ele usou para a matança na noite anterior



John com a criança mais nova da Natasha abandonada



Angel às duas com seu tio Woody, que mais tarde a estuprou

pela primeira vez tivemos tempo de realmente falar sobre sua vida e suas violentas brigas com Connie, que no final haviam custado sua vida. O que me entristeceu foi que as duas filhas dele, a quem eu tinha vindo ver, tinham desaparecido.

Natasha havia fugido dele por volta da última vez que a vi e agora tinha dois filhos, que ela havia abandonado com John. Ele não sabia onde ela estava; “provavelmente na cadeia de novo”, ele adivinhou. E Angel estava agora na prisão. Woody tinha, após 16 anos, sido libertado em liberdade condicional e mudou-se para a prisão com John. Ele havia estuprado Angel de 13 anos e a transformou em viciada em drogas. John estava tão furioso que colocou seu próprio irmão de volta na prisão - esta era a hora da prisão perpétua por violar a liberdade condicional. Angel também não era um santo. Aos 13 anos, ela havia roubado um carro para levar alguns de seus amigos a um McDonald's e foi condenada a uma prisão juvenil. Ela escapou um ano depois, roubando um dos ônibus escolares amarelos deles. Não tenho idéia de como ela, pequena como era, poderia até ter alcançado os pedais. Talvez ela não tenha conseguido, já que bateu com o ônibus, totalizando-o. Agora ela estava cumprindo uma pena de vários anos em uma prisão tão distante que John não tinha condições de ir lá. John, eu observei, junto com sua nova

esposa, que estava tentando fazer um trabalho melhor na educação de suas duas netas do que ele havia feito com suas filhas. Uma delas recebeu o nome de Connie em homenagem à sua falecida avó. Eu senti que John estava agora no caminho certo e estava mais preocupado com Natasha e Angel.

2012

Eu não localizei Natasha até 2012. Ela me contactou porque queria minha ajuda para mandar seu pai para a prisão. Ela tinha aprendido com Rose, sua avó, que na verdade foi John quem cometeu o assassinato no mercado pelo qual seu tio Sammy estava cumprindo uma sentença de prisão perpétua. Embora Natasha nunca tivesse conhecido Sammy, ela sentiu que era inconcebível que ele fosse preso quando sabia que seu próprio pai havia matado muito mais negros. Eu nunca havia entendido por que Sammy tinha conseguido a vida por assassinar um pai negro na frente de sua família quando Woody disse claramente na minha fita que foi John quem cometeu o crime. (A condenação de Sammy tinha sido a razão pela qual eu muitas vezes duvidara da história de Woody). John tinha até me mostrado como ele tinha torcido a faca no coração de sua vítima. Como havia tantas testemunhas do crime, Sammy e John sabiam que uma delas iria para a prisão. De acordo com Natasha, os irmãos fizeram um acordo no local. Sammy se ofereceu para aceitar a acusação “porque você, John, está tentando criar uma família”. Eu não tenho filhos e sou procurado por tantas outras coisas que vou acabar na prisão de qualquer maneira”. Uau, eu pensei. Por causa deste acordo bizarramente honroso, feito para evitar que Natasha ficasse sem pai, Natasha queria seu próprio pai na prisão.

Ela agora tinha 23 anos e eu senti que este era o momento de perguntar-lhe o quanto ela podia se lembrar dos assassinatos que haviam ocorrido em sua infância. Coloquei uma câmera de vídeo na nossa frente em um quintal barulhento atrás da barraca onde ela morava. Ela insistiu que primeiro comprássemos uma garrafa de uísque: “Tenho tanto para lhe contar”.

No início, parecia que ela tinha suprimido por tanto tempo as lembranças que elas só reapareceram com dificuldade, mas depois de algumas horas, tive a idéia de tocar um clipe de som do programa digitalizado que tinha feito 20 anos antes com seu tio Woody. Quando eu toquei esta fita, ela quebrou em lágrimas e começou a tremer violentamente enquanto eu a segurava. Foi como se ela tivesse aberto feridas profundas de sua infância, e ela me disse quantas vezes ela ajudou a limpar o carro de sangue depois que John tinha saído



Com Nastasha durante nossa conversa terapêutica em 2012



Natasha com seus amigos malucos cozinhando metanfetamina no “buraco” na mesma noite



Natasha e amigos no bar noturno



Bebendo “shots” de tequila dos seios da Natasha



Natasha e Angel em foto de família

“matando pretos” e sobre algumas das mortes que ela mesma testemunhou.

“Estávamos na estrada, e este negro em um pequeno Honda cortou o pai”. O pai o perseguiu e o matou. Eu vi este negro cair na vala - o pai literalmente o cortou a 50 milhas por hora. O pai estava ali sentado, rindo, dizendo que esta maldita cadela não vai cortar mais ninguém. Então, um dia depois apareceu no rádio, que se houvesse testemunhas que se apresentassem. Havia uma recompensa e tudo”.

“Então, você ouviu no rádio, e sabia que era seu pai”.

“Sim, eu estava lá com ele”.

“E então você sentiu remorso. Foi a primeira vez que você sentiu que algo estava errado?”

“Sim, sobre a única vez que pensei que algo estava errado - porque eu vi com meus próprios olhos”.

“Só porque ele era procurado por isso?”

“Não sei se foi porque ele era procurado por isso, mas eu estava lá e vi tudo”. Eu não sou uma pessoa violenta, violenta. Não me interprete mal. Tenho muitos problemas de raiva, e se alguém me irritar, eles verão o pior de mim, mas eu não sou um assassino de sangue frio. O pai vai te olhar nos olhos e te esfaquear, só por estar ali parado. Ele não tem culpa, não tem remorso”.

“Mas você não sabia que era errado matar pessoas?”

“Não, nós fomos criados para matar pretos, então como eu poderia? Só quando eu tinha por volta dos 14 anos e ouvi no rádio é que comecei a me virar contra o meu pai. E pouco depois de ter visto você e a simpática senhora de cor da última vez, fugi de casa”.

Eu estava em choque porque ela agora queria usar minha fita de Woody como prova em tribunal contra seu próprio pai. Ela o amava, mas agora o via como um assassino sem remorsos. No entanto, John havia se tornado, ao longo dos anos, meu amigo de confiança. Ele me dizia qualquer coisa, mas de alguma forma eu sempre pensava ou esperava que ele estava apenas se vangloriando. Além disso, eu sempre o via como uma vítima.

O uísque e os horríveis detalhes sangrentos nos deixaram cada vez mais entusiasmados. Sentada ao meu lado na frente da câmera, ela começou a me beijar e abraçar (avidamente fotografada por seu novo namorado - o pai logo depois de seu terceiro filho). Ela fez isso mais e mais - uma reação à alegria de levantar de seu coração algo que ela havia reprimido por tanto tempo. Enquanto falava de seu pai, ela continuava justificando suas ações com frases como “Meu pai não queria ser fodido pelos negros”. Eu peguei mais algumas pistas sobre o passado de John em sua língua, mas foi ela mesma quem casualmente mencionou o estupro dele. “Seu pai foi estuprado? Por quem, por seu pai?”

“Sim, ele foi estuprado quando criança. Antes de ter treze anos. E Sammy também. O tempo todo”.

“Como você sabe disso?”

“Porque meu pai me disse quando ele estava bêbado”.

“Como ele te disse?”

“Conversamos sobre muitas coisas, e ele disse que tinha sido aproveitado quando criança. Eu disse: “O que você quer dizer com “aproveitado”? Uma vez ele disse: ‘Querido, a razão pela qual eu era tão superprotetor de você quando você era jovem foi por causa do que aconteceu comigo quando eu era uma criança’. Ele não entrava em detalhes - por que ele entraria? Ele é um homem adulto. Então, eu não pedi mais. Certas coisas culpam a mim e a ele. Como pai e filha, podemos nos amaldiçoar um ao outro, mas quando se trata

disso, vamos voltar atrás e lutar através de tais coisas sem mostrar emoções”.

Mais tarde, naquela noite, eu veria que tais sentimentos são agidos de maneiras diferentes. Ambos ficamos emocionalmente devastados depois dessas revelações de um dia, durante as quais ela, como testemunha ocular, havia confirmado os assassinios horríveis de negros que Woody me havia contado cerca de 20 anos antes. Mais importante, ela também me deu uma explicação mais profunda para tudo isso: ela estava enraizada em profunda raiva não curada, ela mesma decorrente do estupro constante de duas crianças pequenas ou meninos pequenos.

Estávamos completamente exaustos no final do dia, mas Natasha insistiu agora que eu a levasse para a loja de bebidas. Depois disso, ela quis me levar “para o buraco”, que eu sabia que era o pior lugar da América. Lá embaixo no buraco (sair para os viciados em crime), nós fomos acompanhados por seus amigos - os mais assustadores cabeças de crack e fornos de metanfetamina que eu já tinha visto. Com Natasha agora claramente fora de si, uma delas nos forçou a entrar no meu carro alugado (eu no banco de trás e Natasha na frente). A viagem mais selvagem da minha vida estava prestes a começar. Dirigimos 100 milhas por hora pelas ruas - contra o trânsito em ruas de sentido único e por becos escuros, muitas vezes com latas de lixo voando ao nosso redor, como numa cena de perseguição de Hollywood. Várias vezes Natasha tentou se matar, atirando-se pela porta. No início, eu pensei: “Maldição! Por que eu não fiz o seguro do carro alugado no aeroporto de Atlanta”? Um pouco mais tarde, pensei: “Por que eu não fiz um seguro de vida?”. Eu estava absolutamente certo de que com um motorista tão bêbado e dopado minha vida estava prestes a terminar exatamente da mesma forma que tinha para a mãe de Natasha. Tarde da noite, após uma perseguição a alta velocidade por muitos rios e pântanos, acabamos em um bar vazio onde Natasha acordou. Tirando sua faca, ela exigiu tiros para todos nós e insistiu que eu os bebesse de um copo espremido entre seus seios. Tradição local, acho que eles disseram. Eu me senti mais segura entre suas facas do que ao dirigir com elas, então adiei a viagem para casa até Natasha



Levar a Natasha para casa às 5 da manhã

ter desmaiado. Ela parecia tão “morta” que pensávamos que ela tinha tido um ataque cardíaco. Nós a levamos para o carro e dirigimos para casa, onde, às 5 da manhã, carregamos seu corpo extremamente pesado - parecia o de sua mãe com todo o peso que ela agora tinha ganho - para a sala de estar. Eu então fugi do local do crime, aliviado por estar vivo, mas temendo que a polícia aparecesse e comparasse as amolgadelas do meu carro com as coisas que tínhamos destruído naquela noite. Natasha, como aconteceu, estava grávida e logo depois deu à luz. Quando ela pousou na prisão novamente, esta criança também foi tirada dela.

Mais tarde, no mesmo dia, a sorte estava comigo e encontrei Angel em uma cidade distante. Eu não a via há quase 10 anos (ela estava na prisão) e fiquei novamente surpreso que ela tivesse saído correndo para me abraçar da mesma forma que tinha quando tinha 9 anos. Agora, aos 19 anos, ela estava grávida. Seu marido era do tipo Hell’s Angel, parecido com o jovem Woody, brutalizado na prisão. Natasha não tinha anunciado minha chegada, já que eles não mantinham mais contato. Quando mencionei que Natasha queria seu pai na prisão, Angel não conseguia entender o porquê, mas então ela era muito jovem para testemunhar todos os assassinatos. Aos





Angel grávida de seu marido temporário em 2012

dois anos, ela só tinha aprendido as palavras que se lembraria como suas primeiras - “Nós matamos pretos” - sem entender o que eles queriam dizer. Depois de anos agindo com a raiva de seus pais, condenando-a a ser “a má”, ela tinha sido libertada da prisão e queria começar uma família. Ao sentar-me ali entrevistando-a, fiquei novamente impressionado com o quão pequena ela era. Ela estava esperançosa quanto ao futuro e, antes de eu partir, ela me pediu para tirar algumas fotos dela com o homem com quem ela havia casado na casa de John. Embora ela vivesse em relativo conforto com os pais de seu marido, ela claramente não queria que eu saísse.

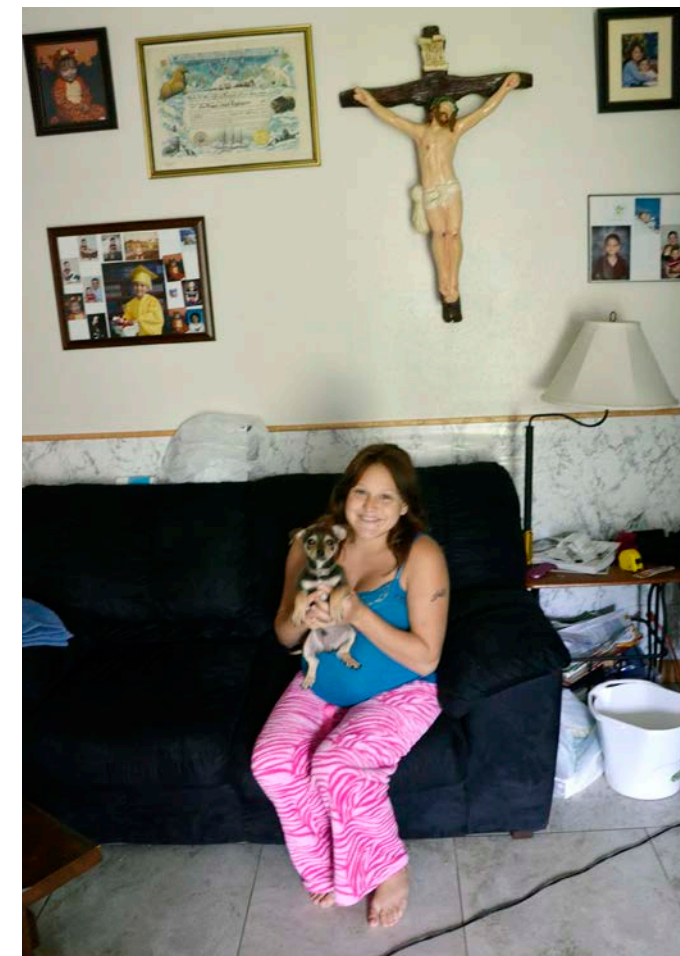
Durante os oito anos seguintes, Angel me enviou uma carta desesperada atrás da outra, apesar do fato de ela mal conseguir escrever. Primeiro sobre o nascimento de seus dois filhos, com o tamanho e peso exato de cada um, depois sobre como seu marido a havia deixado e como ela havia acabado em um trailer tão degradado quanto aquele em que havia nascido pobre e sozinha com seus dois filhos. Depois veio um grito atrás do outro de ajuda de várias prisões, depois que seus filhos foram removidos à força. Quando perguntei sobre Natasha, tudo o que ela sabia era que também estava na prisão.

Mais recentemente, tendo cumprido sua sentença, Angel encontrou um novo marido, teve um bebê com ele e parecia bastante feliz. Agora ela me manda chorar por ajuda quando John, seu pai, foi hospitalizado - resultado de anos de bebedeiras pesadas. “O pai quer vê-lo. Por favor, volte, Jacob. Eu pago o bilhete aéreo”. É óbvio que ela não tem idéia de quão longe a Dinamarca está ou quão caro é um bilhete desses. Durante os últimos anos, sua última esperança desesperada foi o presidente Trump, e o novo marido de Angel escreve longos posts no Facebook sobre “o tratamento injusto que Trump recebeu depois de tudo o que fez por nós, pessoas pobres”.

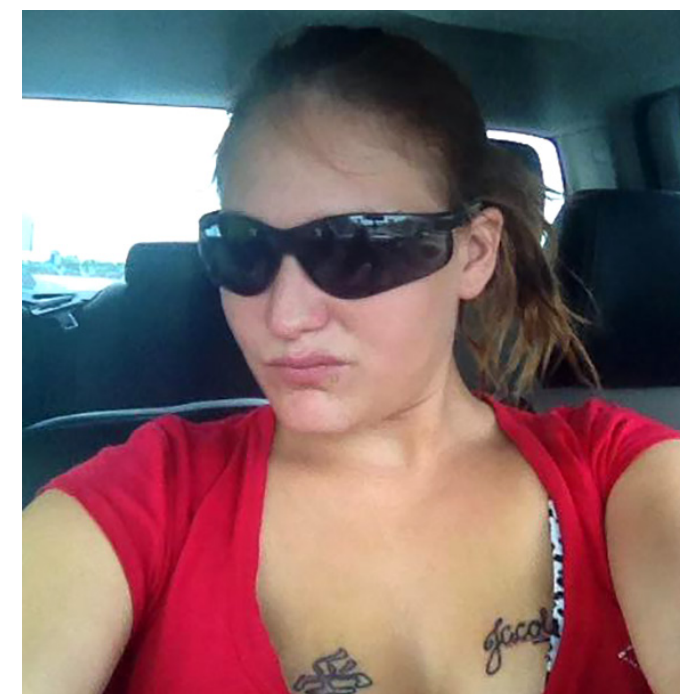


Connie batendo no Angel - “o malvado” - em 1996

Embora eu sinta que esta família traumatizada foi tratada injustamente por todos nós, vencedores na sociedade, uma coisa que minha amizade de 30 anos com eles me ensinou foi a importância - não importa o pouco tempo que nos resta de nossa ocupada carreira - de intervir como anjos salvadores em nome das crianças maltratadas e negligenciadas ao nosso redor. Pois embora eu só tenha passado alguns dias com Angel quando ela tinha 2-3 anos de idade, ela nunca me esqueceu, como deixou claro um dia quando tinha 9 anos e uma tarde quando tinha 19. Até hoje ela me escreve e me chama constantemente, e agora até tem meu nome tatuado em seu peito (como visto aqui).



Angel grávida feliz em casa de seus pais na lei 2012



Divorciado e sozinho com dois filhos e tatuagem Jacob 2018

# Segunda parte

Romanos 7:15, 18-19

*O que acontece com um sonho adiado?*

*Será que ele seca?  
como uma uva passa ao sol?  
Ou se apodreça como uma dor...  
E depois correr?  
Cheira mal como carne podre?  
Ou cõe e açúcar em demasia...  
como um doce xaroposo?  
Talvez apenas descaia  
como uma carga pesada.*

*Ou ela explode?*

# O Gueto em nossas mentes

Trinta anos de oficinas sobre racismo para estudantes americanos reafirmaram minha crença nas boas intenções básicas das pessoas. Eles vão reunir comida para os guetos ou dar as mãos por toda a América, como fizeram os estudantes abaixo, pois o racismo hoje tem pouco a ver com a cor da pele ou com a religião. Ouço frequentemente os brancos dizerem que gostariam de adotar crianças negras “para que possam se tornar como nós”.

Assim, é o comportamento diferente deles que nós “culpamos” e “nos distanciamos” em nosso pensamento racista. O comportamento diferente com que formamos as pessoas quando durante séculos excluímos os negros nos EUA ou os ciganos na Europa. Ou o comportamento diferente de ser moldado por culturas opressivas e ditaduras, como muitos de nossos muçulmanos imigrantes - ou nossos antigos judeus do Leste Europeu - chegaram com.

Nossa autocompreensão como norteistas “liberais” é, portanto, colocada à primeira prova real quando de repente enfrentamos um imigrante de fora de “nosso” território, alguém cujo comportamento é incompreensível em termos de “nossos valores”.

Aqui na Parte 2 veremos como, por melhores que sejam nossas intenções, tendemos a reagir quando milhões de negros (cristãos) pobres do sul americano ou imigrantes de países muçulmanos pobres procuram refúgio no norte na esperança de finalmente serem vistos como iguais. Será que vivemos de acordo com nossos ideais elevados e os incluímos em nossa comunidade? Ou fugimos do desafio para o “racismo evasivo” e os forçamos a um gueto opressivo, seja ele real ou mental?



1987 - Estou falando na universidade de Tufts, MA



1986 - 5-6 milhões de mãos dadas em toda a América como parte da campanha “We are the World” (Somos o Mundo)



1974 - Greenville, NC



1973 - Boston



1975 - rural Eastern SC



1974 - Queens, NYC

# Cegos ideológicos

(ou Deuteronômio 15: 7-11)

Onde quer que eu vá, encontro uma chocante falta de compreensão entre as pessoas em relação ao sofrimento que está ao seu redor. As pessoas no Norte falam sobre a pobreza no Sul, mas não conseguem ver a pobreza em seus próprios guetos. As pessoas no Leste falam sobre a pobreza dos índios no Oeste sem ver sua própria pobreza negra; as pessoas no Oeste falam sobre a pobreza dos negros no Leste, mas não vêem a pobreza dos índios em suas próprias portas. E no Sul eles não falam de pobreza de forma alguma.

Vi o exemplo mais marcante desta cegueira no Mississippi quando recebi uma carona com um representante do tipo otimista habitual. Ele falou sobre e sobre como este era um país com oportunidades para todos. Todos podem ser bem-sucedidos, se quiserem. Qualquer um pode se tornar milionário em dez anos. Se você tem a força e o desejo, você pode se puxar para cima por suas botas. Ouço tantas vezes as mesmas frases enquanto ando por uma estrada com barracos de ambos os lados, que provavelmente não teria prestado atenção a isso se não tivéssemos passado naquele dia em particular por um trecho completamente inundado do delta. Foi na parte mais pobre do Mississippi, onde não se vê quase nada além de barracos de telhado de lata habitados por agricultores pobres, cuja única propriedade muitas vezes é apenas uma mula e um casal de porcos. O rio Mississippi havia recentemente transbordado suas margens e muitas mulas e porcos afogados estavam deitados ao longo da estrada. As pessoas se sentavam nos telhados de seus barracos e, em alguns lugares, apenas a chaminé ficava enfiada acima da água. Outros remavam ao redor de suas casas em barcos tentando salvar suas mulas afogadas. Depois de termos percorrido estes arredores por cerca de uma hora, perguntei-lhe se ele conhecia a expressão “deixar as pessoas remarem sua própria canoa”, após o que pedi para



1974 - NYC

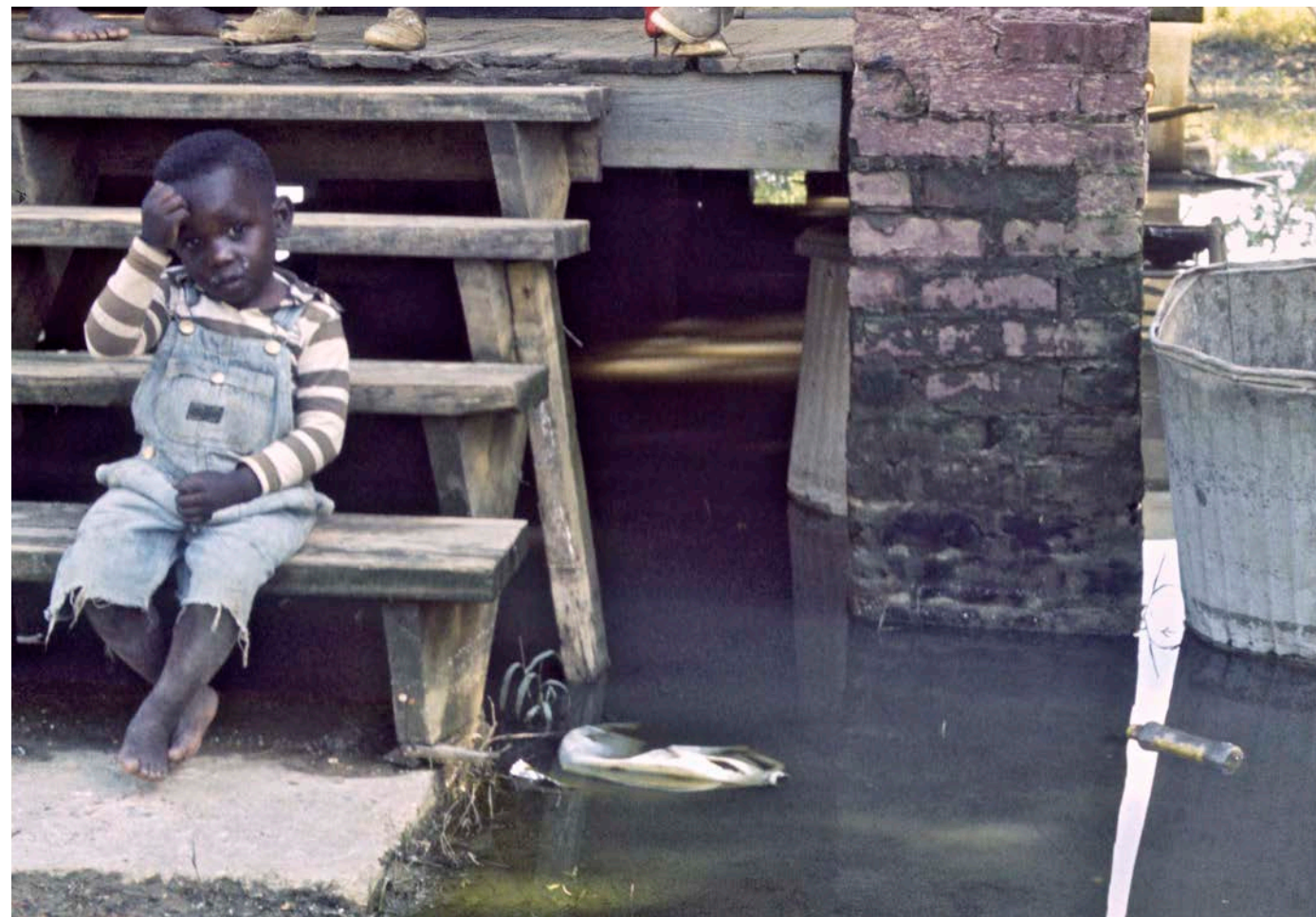
ser solto, mesmo sabendo que poderia demorar dias antes de conseguir outro passeio naquela parte do Mississippi.

Um dia eu estava passeando pela rua em Detroit com uma mulher negra que tinha sido uma Pantera Negra quando ela tinha dezesseis anos, mas que agora era uma trotskyite e uma feminista. Estávamos a caminho de uma reunião de Trotskyite, portanto deve ter sido em uma sexta-feira. Sempre vou a tais reuniões às sextas-feiras nas grandes cidades, pois elas normalmente servem café e bolo de graça. Aos domingos e quartas-feiras, costumo ir a reuniões de café nas igrejas. Em uma igreja normalmente leva apenas uma hora antes de tomar seu café, mas com os Trotskyites você realmente tem que passar pelo inferno antes de receber sua recompensa final. Muitas vezes você tem que sentar-se durante um sermão duro de três horas sobre salvar as “massas”, mas por outro lado você se joga sobre o bolo com muito mais alegria depois. Bem, nesta sexta-feira, quando estávamos a caminho de nossa reunião do bolo para a massa, passamos por um mendigo na rua, de pé, com a mão estendida. Então aconteceu o que menos esperava: a mulher desprezou totalmente o mendigo, arrancando-lhe a mão. Fiquei bastante chocado e lhe perguntei por que ela não lhe havia dado nenhum dinheiro, pois sabia que ela tinha algum. “Esse tipo de bobagem tem que esperar até depois da revolução”, respondeu ela. Pensei um pouco e depois perguntei um pouco provocativamente: “Bem, mas e se a revolução não vier em sua vida”? Não houve mais conversa sobre o assunto.

Em contraste com a classe média, da qual provêm estes dois casos, as pessoas da classe alta são muitas vezes comoventemente úteis para os pobres e seus sofrimentos, se acidentalmente os avistam. Encontrei um exemplo emocionante disso em Gainesville, Flórida, quando vivi com um homem



1973 - NYC



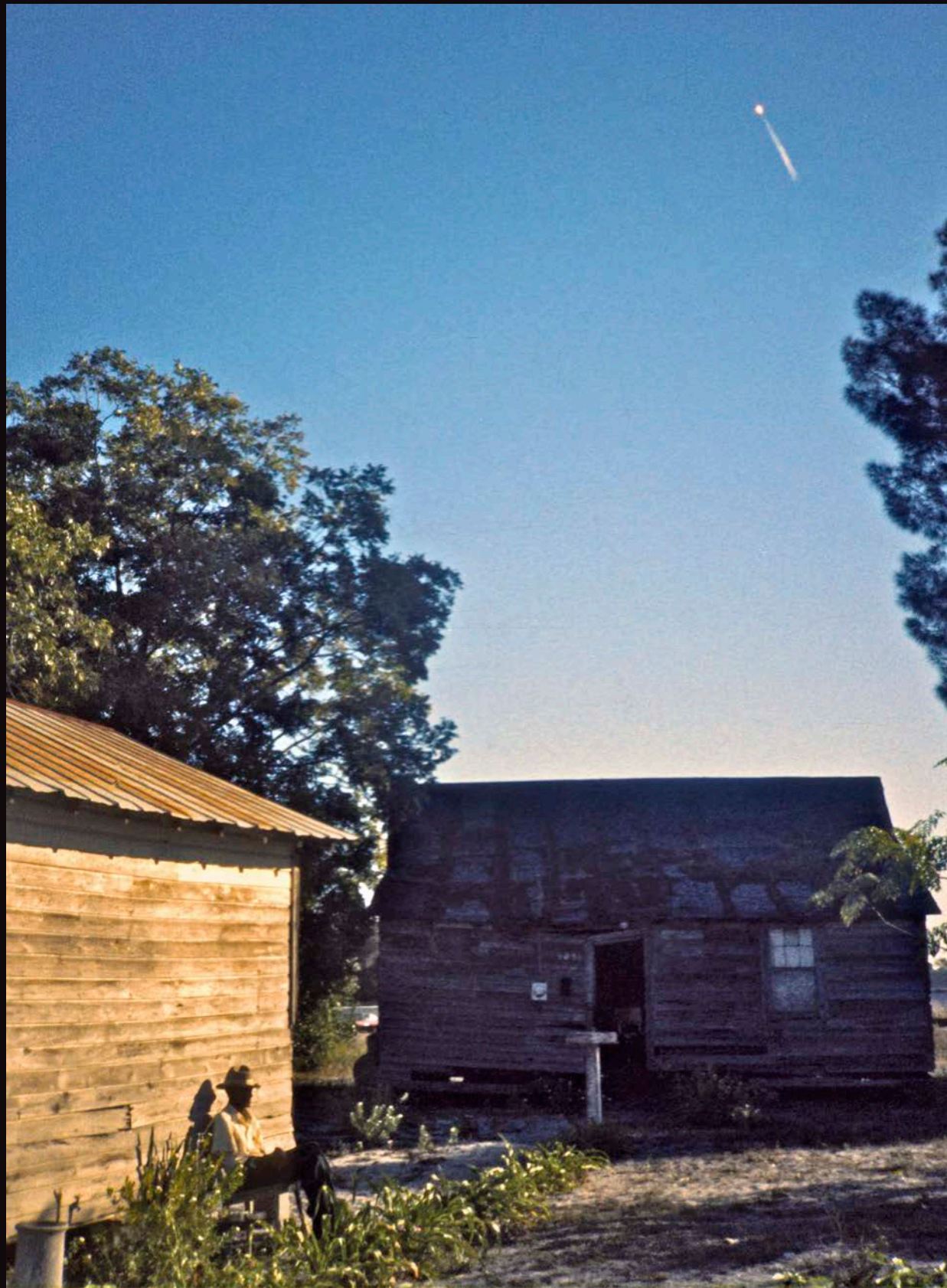
1973 - inundação no delta ao redor de Greenwood, MS

rico que possuía uma companhia de seguros. Um dia fui com ele quando ele estava ajudando um reideiro a tirar sua única mula de um buraco de lama em que ela havia caído. O reideiro estava parado no buraco de lama até o pescoço, lutando para manter a cabeça da mula acima da água, enquanto o homem rico sentava-se em seu helicóptero tentando içar a mula para fora. A situação era tão parecida com um desenho animado em um jornal comunista que não pude deixar de rir, mas nem o proletário nem o capitalista conseguiam ver a diversão que havia nele. Seria perfeito se o próprio homem rico caísse no buraco de lama, eu estava pensando. Minha piedosa esperança de fato se tornou realidade, pois pouco tempo depois, quando ele pousou e se aproximou do buraco de água, ele escorregou na lama e, sem sorte, quebrou a perna. Como ele teria que ficar na cama por algum tempo, me foi permitido pedir emprestado seu Mercedes, e foi durante um dos meus passeios que encontrei a barraca de Linda longe, em uma estrada deserta nas traseiras.

Um dia, o milionário playboy Tommy Howard (página 170) me pegou em seu Jaguar e me levou para um resort de esqui chique onde ele gastou toneladas de dinheiro marcando “garotas”. Mas ele ficou tão impressionado com meu slogan vagabundo, “Segurança é estar na estrada sem dinheiro”, que primeiro me deu as chaves de sua casa chique, mas logo depois encontrou

sua vida de namoro tão vazia que vendeu todos os seus negócios para “viver segundo sua filosofia vagabunda” e passou os 7 anos seguintes pedindo carona e viajando por todo o mundo. Na África ele fez seu primeiro amigo negro de sempre. A ironia era que ele vivia em uma cidade 50% negra, mas nunca tinha tido um negro em sua casa, exceto para aqueles com quem eu vinha pedindo carona. e minha sociologia vagabunda há muito me ensinou que minha filosofia de bolso de forasteiro de encontrar felicidade e segurança seria uma ofensa se transformada em ideologia. Se você não tem nada ou muito dinheiro, é uma cegueira arrogante para com todos aqueles que, por infortúnio, foram forçados a ficar sem teto e a viver na pobreza. Desde então, Tommy pôde mudar para uma enorme autocaravana na qual ele escreveu seu livro de viagem “A Máquina da Liberdade” - enquanto eu, desde então, pude viajar em minha van personalizada dando palestras sobre “a liberdade de dizer sim” - demonstrou novamente nosso privilégio branco compartilhado em uma sociedade sem liberdade.

*A partir de cartas*



1974 - Titusville, FL



1974 - rural Greenville, NC

- Você acha que o homem negro está livre hoje?  
Ex-escravo Charles Smith: - Não, ele nunca foi livre.

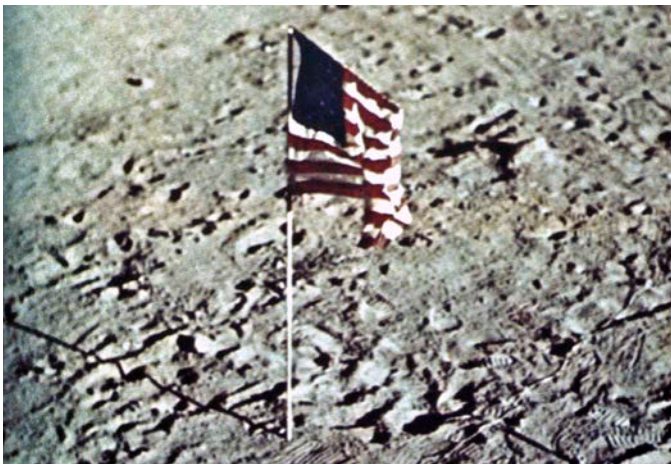
Como cidadão mais velho dos Estados Unidos, Charles Smith foi convidado a ser convidado de honra no lançamento de um foguete lunar. Ele recusou porque se recusou a acreditar que um homem pudesse alcançar a lua. Uma manhã, em uma área perto de sua casa, onde eu ainda ocasionalmente pegava carruagens puxadas por mulas, eu vi, através das rachaduras do barracão onde eu tinha ficado, um foguete. Mas este velho, o vizinho mais próximo do Cabo Canaveral, não percebeu que o foguete subia lentamente sobre sua barraca dilapidada. Ele não tinha eletricidade nem um rádio para informá-lo sobre este projeto de um bilhão de dólares. Mesmo que lhe tivessem dito, ele estava muito desnutrido, muito doente para levantar a cabeça e ver o foguete.



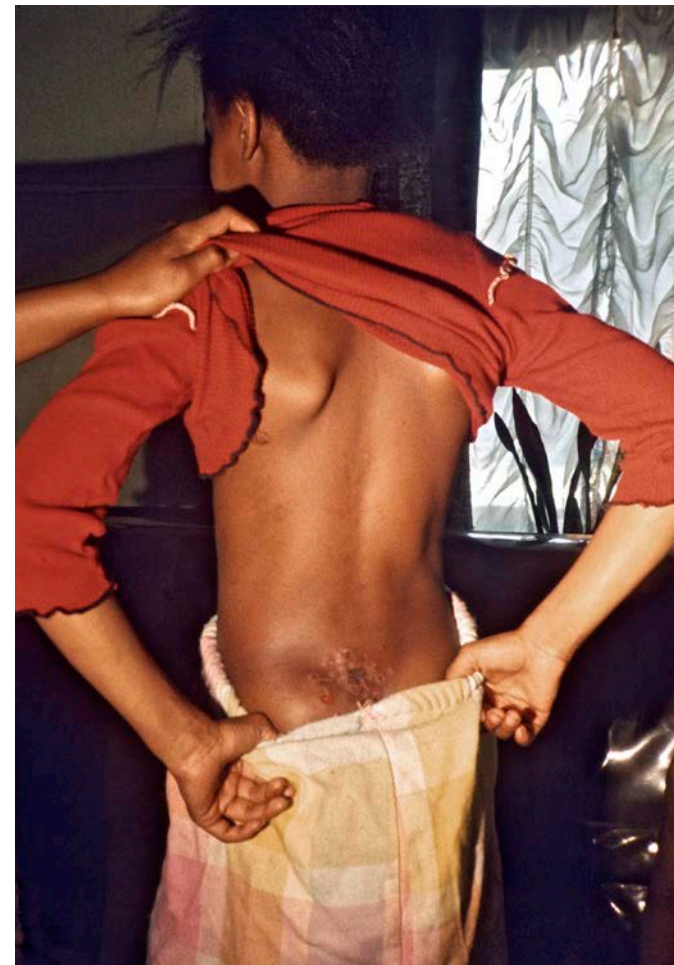
1972 - Lower East Side, NYC



1972 - Lower East Side, NYC



1974 - Bronx, NY



1973 - East Detroit



1974 - Chicago

Um rato mordeu minha irmã Nell  
com branco na lua  
seu rosto e seus braços começaram a inchar  
e branco está na lua.  
Não posso pagar as contas do médico  
quando o Whitey está na lua  
daqui a dez anos eu ainda estarei pagando  
enquanto Whitey está na lua,  
Sabe, o homem acabou de aumentar meu aluguel ontem à noite  
porque o Whitey está na lua.  
Sem água quente, sem banheiro, sem luz  
porque o Whitey está na lua.  
Eu me pergunto por que ele está me elevando  
porque o Whitey está na lua?  
Bem, eu já lhe pagava 50 por semana  
e agora o Whitey está na lua.  
Os impostos levam todo o meu maldito cheque,  
os drogados me deixando nervoso,  
o preço dos alimentos está subindo  
e se toda essa porcaria não fosse suficiente,  
um rato feito mordeu minha irmã Nell  
com branco na lua,  
seu rosto e seus braços começaram a inchar  
e branco está na lua.  
Com todo aquele dinheiro que ganhei no ano passado  
para brancos na lua,  
como não tenho nenhum aqui?  
Hm! o Whitey está na lua...  
Sabe, eu quase tive minha satisfação  
de branco na lua,  
Acho que vou enviar estas contas médicas  
correio aéreo especial...  
... para o branco na lua!



1973 - East Detroit



1973 - East Detroit



1973 - anywhere



**LET'S GET RID OF RATS**

**EVERY TENANT MUST HELP**

- Keep your house clean.
- Keep your food in covered jars or cans.
- Keep your garbage pail tightly covered.
- Do not throw garbage in the yard, hallway or dumbwaiter shaft.
- Keep your baby's crib clean.
- Wash your baby's face and body before putting him to bed. Rats follow the smell of milk.
- Watch your baby afterward.

Your landlord has been notified by the Health Department that he must exterminate the rats in your building. You can help get rid of rats in your own apartment. If we all cooperate, we can get rid of this nuisance.

**DEPARTMENT OF HEALTH**

1974 - NYC



1973 - Baton Rouge, LA



2009 - Baton Rouge, LA - as mesmas pessoas dos barracos à esquerda com meu livro

Sim, o vagabundo que vagueia a pé por baixo de estradas movimentadas verá a sociedade de forma bem diferente do motorista dentro do sistema. Vindo do Sul em uma noite de inverno tardia, você está assustado com a velocidade do trânsito. Você o vê passando nas rodovias elevadas e percebe que sua única chance de sucesso é chegar lá em cima com toda essa velocidade. Você tenta escalar as encostas geladas, mas continua a escorregar para trás. Seu sonho sulista de deixar o “calor escaldante da injustiça e da opressão” se transforma em um pesadelo ao perceber que as encostas geladas não levam a montanhas que foram feitas em lugares baixos ou ásperos que foram suavizados como no sonho do Dr. King. Eventualmente você desiste da escalada de Sísifo e vagueia a pé à sombra dos pilares escuros sob as estradas. Embora os pilares pareçam os mesmos velhos pilares da plantação grega já confinando você a um novo gueto, você ainda tem esperança. Você ainda não percebeu que está no processo de entrar num mundo dividido, uma terrível realização de H.G. Wells’ The Time Machine, povoado por duas raças distintas. Os Eloi são criaturas da luz para as quais a vida é um piquenique, exceto à noite, quando seres subterrâneos escuros vêm à tona para se aproveitarem deles. Os Morlocks, que comandam todas as máquinas, não podem suportar a luz. Nem os Morlocks nem os Eloi são reais; eles são aspectos da humanidade que suas condições de vida guiaram em uma determinada direção.

Como vagabundo, você verá esta visão aterrorizante de nossas sociedades desiguais de hoje - a guetização forçada de milhões de negros do Sul, que migraram para a prosperidade e a esperança no Norte, assim como hoje os imigrantes muçulmanos foram atraídos para a Europa. Você vê em diferentes - talvez mais humanos - do que o sociólogo. Você entende que, para meus amigos com meu livro (foto da direita), não tem havido mobilidade ascendente desde que os conheci há 42 anos. Eles ainda estão presos nos

mesmos barracos (foto da esquerda), ainda fechados geração após geração em uma subclasse permanente, literalmente atropelados por motoristas ocupados e caminhões trovejantes. O vagabundo tem a vantagem de ficar do lado de fora e ser capaz de se mover rapidamente entre diferentes meios. Estes meios não são apenas números e estatísticas, pois você só pode sobreviver entre os Eloi e Morlocks se, apesar do que o mundo ao seu redor sugere, você acreditar que eles também são seres humanos.

Embora estas estradas elevadas simbolizem a luta do pobre imigrante contra um sistema desumano, elas são igualmente representativas da impotência daqueles que as montam - sobre cidades cada vez mais misantrópicas e desertas que, como resultado de prioridades distorcidas, não ousam mais navegar a pé. Nestas estéreis paisagens áridas, ansiosas e aparentemente “bombardeadas por nêutrons”, um carro se torna uma necessidade. A resposta razoável, portanto, é criar ainda mais esparguete concreto e esterilidade humana, e é por isso que não há mais dinheiro suficiente para o transporte público para os pobres. Ao mesmo tempo, continuamos destruindo egoisticamente o clima para que mais milhões de refugiados do sul fugirão para o norte e terão que ser acomodados por nossos filhos no futuro. Em vez de nos integrarmos com nossos vizinhos, começaremos a construir muros em forma de Trump para mantê-los fora.



1973 - Baton Rouge, LA



1973 - Boston



1973 - Baton Rouge, LA



1974 - Miami



1972 - Miami, FL



1973 - New Orleans



1973 - Baton Rouge, LA





1970 - East St. Louis, IL

Embora o mundo não possa pagar este consumo privado desenfreado, estamos nos tornando mais presos em um círculo vicioso. Somos forçados a tomar decisões que, de nosso horizonte concreto, de repente parecem razoáveis - como a intervenção militar nos países pobres para mais petróleo. Uma pequena porcentagem do mundo saqueou assim a maior parte das reservas energéticas baratas da Terra em um único século. Os auto-rádios e TVs nos bombardeiam com doces mensagens "Vamos fugir de tudo isso" para nos levar a comprar curativos para aliviar nossas feridas dolorosas, tornando-nos cegos à nossa destruição ambiental e ao racismo climático. Em nosso vôo evasivo, nos lançamos a um desprezo cada vez maior pelo futuro das crianças marrons, tanto no exterior quanto em casa. Insistimos em nosso "direito" de levar nossas crianças a escolas privadas remotas em SUVs prejudiciais ao clima (nos EUA, longe dos negros, e

na Europa, longe das crianças marrons nas escolas vizinhas). O círculo vicioso se assemelha cada vez mais a uma fuga para longe da pobreza, guetização e sofrimento que criamos. Um caótico vôo afogado em música e mensagens sobre os meios materiais para este vôo significa criar a necessidade de mais vôos para longe de nós mesmos e de tudo o que construímos, vôo para dentro de nós mesmos e para fora em solidão. Os brancos em fuga passam mais em uma viagem de esqui de fim de semana do que a classe inferior das cidades em uma semana (às vezes em um mês). E ainda assim, embora sejamos opressores em um sentido, nos sentimos tão ludibriados por este sistema quanto nossas vítimas. E, fundamentalmente, tão infelizes quanto nossas vítimas.

*Pelo amor de Deus,  
 você tem que dar mais poder ao povo!  
 Há algumas pessoas lá em cima monopolizando tudo,  
 contando mentiras, dando alibis,  
 sobre o dinheiro e as coisas do povo.  
 E se eles vão jogá-lo fora  
 mais vale darem um pouco para mim.  
 Eles não se importam com os pobres,  
 eles nunca tiveram miséria.  
 Há algumas pessoas que estão morrendo de fome  
 que eles nunca conheceram, mas só ouviram falar,  
 e nunca tiveram metade do suficiente.  
 Se você não tem o suficiente para comer,  
 como você pode pensar no amor?  
 Você não tem tempo para se importar  
 de que crimes você é culpado  
 Pelo amor de Deus,  
 por que você não dá mais poder ao povo?*



1973 - Baton Rouge, LA



1974 - Boone, NC



1974 - Charleston, SC



1974 - Charleston, SC



1973 - Baton Rouge, LA



1973 - Norfolk, VA

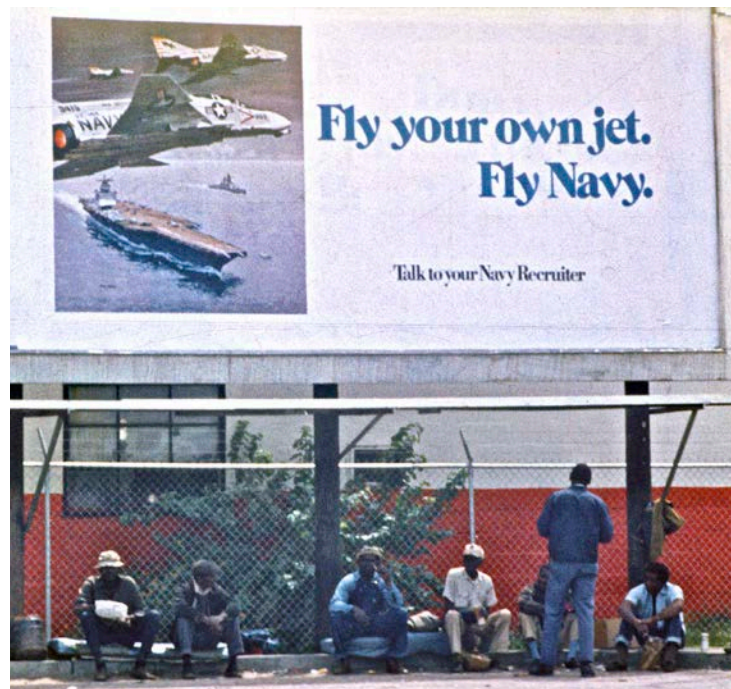


1974 - New Bern, NC

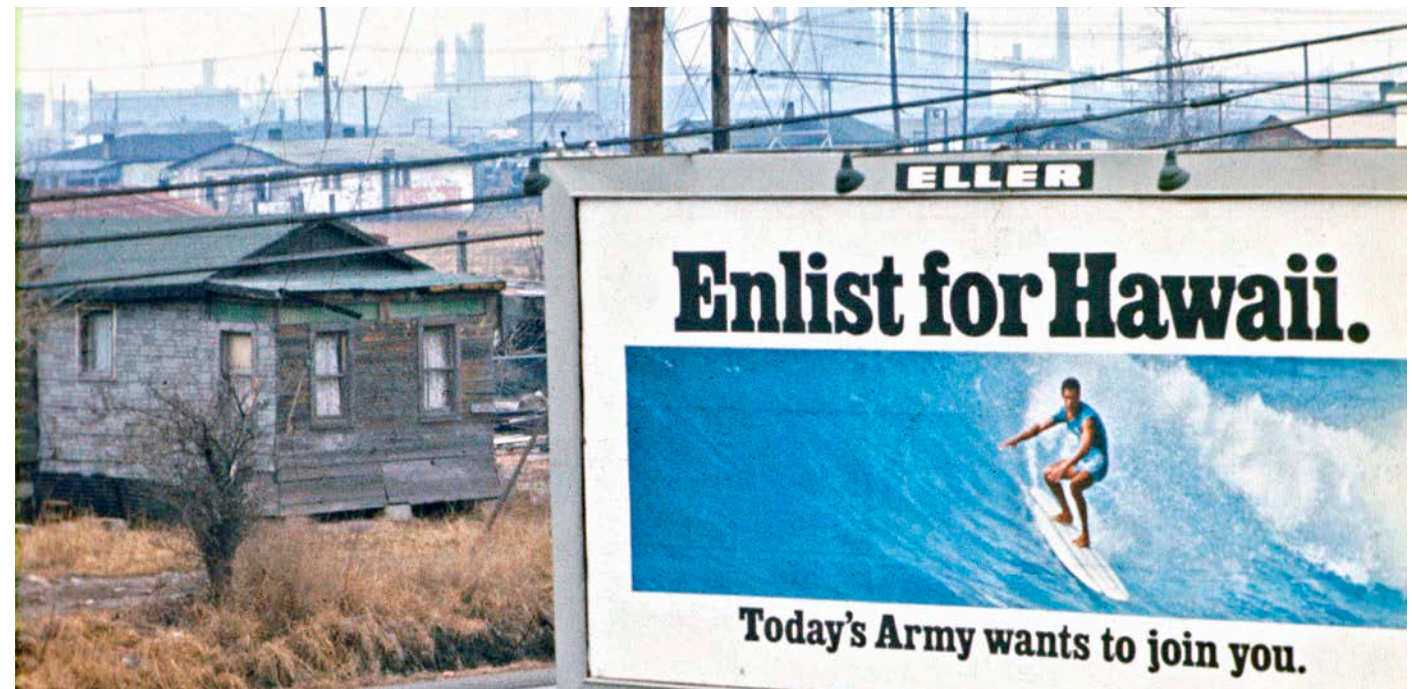


1973 - rural VA

O círculo vicioso de nosso consumo cria necessidades artificiais adicionais. Nosso comportamento já está inundando ou secando o sustento de muitos dos cidadãos marrons do mundo e impondo a eles uma escalada das guerras da água e da areia, levando milhões de refugiados climáticos para nossas costas. A verdadeira democracia enfrenta um dilema quando os políticos do Primeiro Mundo pensam apenas em garantir a reeleição, e são apoiados por eleitores egoístas que não querem seu comportamento opressivo limitado em nome do bem maior. Deixamos esses líderes varrerem os problemas para debaixo do tapete, vendendo falsas esperanças aos pobres, para que eles não nos exijam as mudanças de comportamento necessárias para o futuro de nossos filhos. Através do racismo cínico, empurramos os problemas que enfrentamos hoje para nossos filhos amanhã. Como consequência, eles provavelmente se sentirão “forçados”, no futuro, a adotar medidas climáticas-fascistas - muros gigantescos e construções militares para manter os pobres fora ou, domesticamente falando, negros e pardos.



1973 - Richmond, VA



1974 - Charleston, SC

Em Norfolk, VA, um dos maiores portos do mundo para navios de guerra, esta mulher faminta tentou chegar a um hospital porque estava com dores no peito, mas não tinha dinheiro para uma ambulância. Todas as manhãs, ela vê navios de guerra sendo construídos através de suas janelas sinistras. Sem TV - ela não tem eletricidade - seu único entretenimento é assistir a um porta-aviões - um navio que queima mais energia em um minuto (267 galões) do que sua lâmpada de petróleo usaria em um ano (12 galões).

Como Eisenhower alertou sobre o complexo militar-industrial: Cada arma que é feita, cada navio de guerra lançado, cada foguete disparado significa, no sentido final, um roubo daqueles que passam fome e não são alimentados, aqueles que estão com frio e não estão vestidos.



1985 - Buffalo, NY

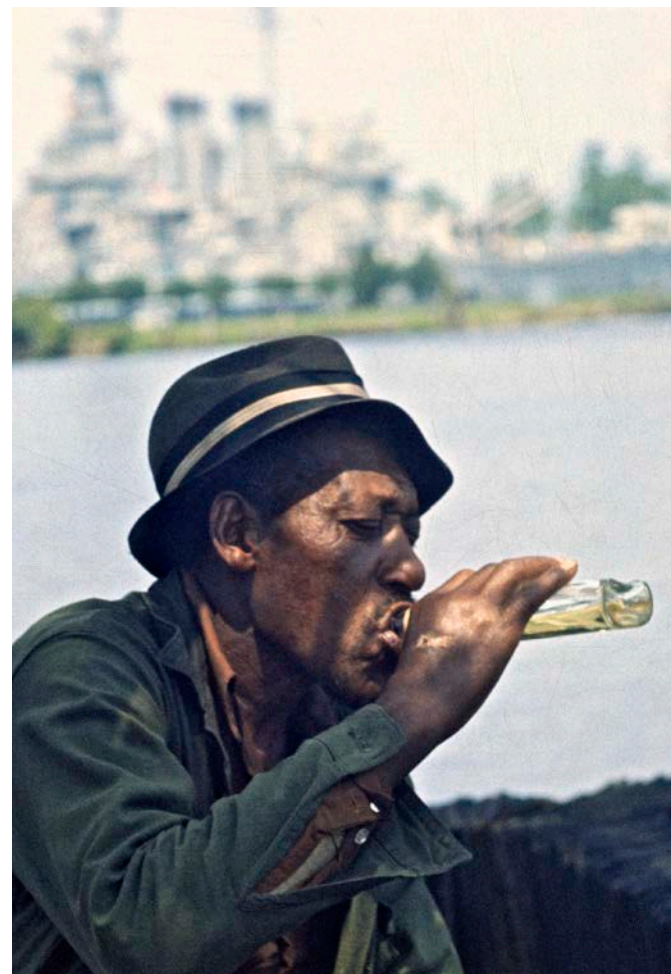


1973 - general Westmoreland em Charleston, SC

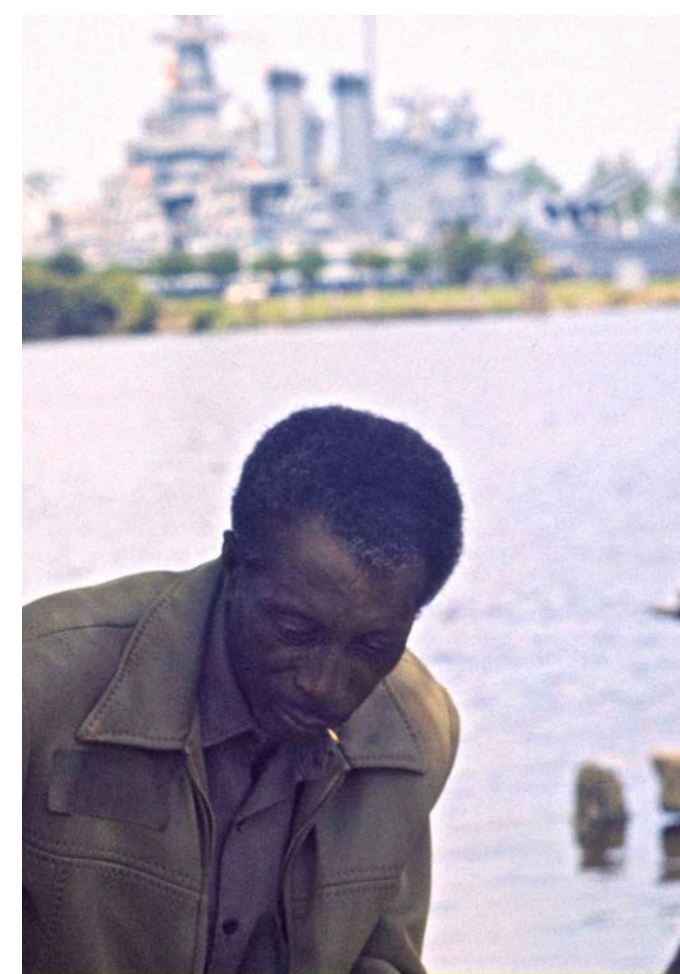
*Os estadistas estão tentando ver quem tem o poder de matar o máximo. Quando eles estão cansados do poder o mundo vai ser um fantasma. Eles sabem que não estamos saciados a maneira como eles gritam e gritam. Eles nos dão uma promessa e jogue mais alguns dólares. Não há preço para a felicidade, não há preço para o amor. Para cima vai o preço de viver e você está de volta aonde estava. Agora vamos nos levantar e conseguir um pouco mais dela. Pelo amor de Deus, dê mais poder ao povo...*



1973 - Norfolk, VA



1973 - Norfolk, VA



1973 - Norfolk, VA



1971 - NYC



1991 - Bronx, NY

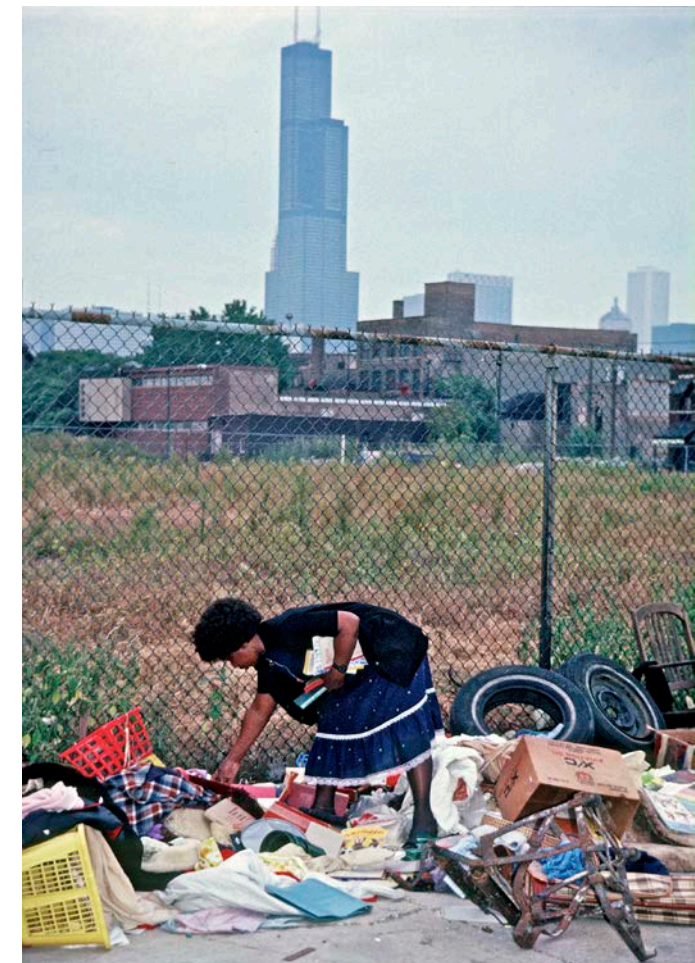


1973 - NYC

Dizemos que nossos marginais jogam seu lixo no quintal porque no Sul estavam acostumados a jogá-lo pela janela da cozinha para os porcos ou cabras. Cheguei a vê-lo como um protesto impotente contra um sistema que insiste em preservar a pobreza enquanto produz bens a um ritmo tal que é preciso o melhor cérebro para pensar em formas de vendê-los e os piores criminosos para despejar os resíduos tóxicos.

Sob o capitalismo de bem-estar democrático, é nosso dever como eleitores ajustar constantemente as forças do mercado livre para assegurar uma distribuição justa e evitar crises. No entanto, nosso sistema nunca foi bom em proporcionar trabalho para todos. Portanto, temos que despejar o excedente de mercadorias de luxo para a classe alta, resíduos tóxicos e armas niveladas contra a classe baixa - em nossos "quintais", ou seja, nos países do Terceiro Mundo.

O despejo nos quintais para fins lucrativos tornou-se um elemento tão essencial de nosso sistema que sem a maior agência de eliminação de resíduos de todos eles, o Pentágono, o desemprego doméstico seria visivelmente maior. Embora o dobro dos empregos pudessem ser criados pelos mesmos dólares investindo no bem-estar social, no meio ambiente e no clima, é a natureza do sistema impedir o planejamento de uma economia que produza bens humanos e não materiais (mortais). Sem nossa intervenção, o sistema cria assim um estado de espírito que nos obriga a "despejar no quintal" tanto nossos guetos domésticos quanto os países pobres no exterior.



1983 - Chicago



1974 - 195 in VA



1975 - Harlem, NY



1973 - NYC



1973 - NYC



1972 - NYC



2013 - 4th St, Los Angeles



1978 - NYC

*A sociedade do descartável jogou fora o melhor de mim.  
Jogou fora a sinceridade,  
a pedra fundamental da integridade.  
Descartável para jogar fora,  
comprar algo novo em outro dia.  
Não há nada feito que tenha sido feito para ficar.  
A absolvição planejada fará você pagar:  
pratos de papel, patins de papelão, prataria plástica,  
automóveis com rodas descartáveis,  
perucas em vez de cabelos, é assim que as coisas são.  
Descartáveis do jeito que você ama,  
não exatamente no que você está pensando.  
Descarte de mim quando você terminar  
com receio de que eu o descarte.  
Descarte seu amigo mais próximo,  
você deve amar até o fim.  
Sua mente rígida não o deixará dobrar-se.  
Você está mais distante do que finge...*

# Natal em Nova Iorque

Nova York é uma cidade desumana e fria. Você tem que viver com a alienação, ou ser destruída. Em minha jornada, sempre tento percorrer todo o caminho com as pessoas a quem me apego, mas em Nova York, uma e outra vez, tenho que romper com as pessoas prematuramente e assim abandonar a conexão humana que surgiu entre nós. Experimentei isso mais intensamente neste Natal, que foi ainda mais intenso do que no ano passado, quando fui retido por três porto-riquenhos na quarta rua na véspera de Natal.

Este ano eu tinha acabado de pegar carona no Alabama, mas não consegui encontrar nenhum dos meus amigos e acabei na rua, no Bowery, na véspera de Natal. Comecei a conversar com um vagabundo que tinha acendido uma fogueira para me manter quente. Ele deve ter sido um vagabundo por muito tempo, pois seu cabelo encaracolado estava todo em nós que não podiam ser penteados. Logo nos tornamos bons amigos. Ele era um daqueles vagabundos que podem falar; os piores são os vagabundos que só conseguem se comunicar através dos olhos.

Enquanto estávamos sentados ali conversando, naturalmente nos ocorreu que era véspera de Natal, e nos tornamos cada vez mais sentimentais, e quando trocamos lembranças de nossa véspera de Natal de infância não foi apenas a fumaça do fogo que nos trouxe lágrimas aos olhos. Ele tinha sido casado, tinha filhos, e na verdade tinha sido bastante feliz, pensou ele agora, mas de repente ficou desempregado, após o que sua família começou a se desintegrar e ele se tornou um alcoólatra. Sentamos e compartilhamos um frasco e gradualmente ficamos bastante bêbados. Um louco começou a nos atirar garrafas que se esmagaram contra a parede ao nosso lado. Finalmente se tornou demais para meu amigo e ele pegou um pedaço de madeira queimada e bateu no cara até ele desaparecer.

Isto aconteceu ao redor da Rua Delancey, onde há sempre um bando de prostitutas de pé na esquina. Os vagabundos, assim como outras pessoas, têm o desejo de encontrar alguém mais baixo do que eles, e assim, no decorrer de nossa conversa, ele continuou voltando à sua indignação por causa dessas prostitutas que estavam fora mesmo na véspera de Natal. Sempre que eu bebi muito com vagabundos, elas adormeceram primeiro, mesmo que tenham bebido a mesma quantidade. E ele também adormeceu, por volta das dez ou onze da noite.

Eu me perguntava um pouco se eu deveria ficar e ficar de olho nele, já que nos tínhamos tornado bons amigos. Já vi tantas vezes donas de casa pobres negras e porto-riquenhas com filhos e sacos de compras caminharem e pisarem em vagabundos bêbados ou darem pontapés e depois rapidamente continuarem para casa, para as panelas e panelas - uma manifestação de seu próprio ódio a si mesmas ou de falta de auto-estima. (Da mesma forma que tenho visto frequentemente negros ricos do tipo “nouveau-riche”

- esse fenômeno assustador que vemos em toda parte no Terceiro Mundo pisar espiritualmente os negros pobres deixados para trás no gueto). Mas como as ruas estavam bastante vazias naquela noite, decidi deixá-lo depois de ter colocado uma boa carga de sucata de lenha no fogo.

Desci para minha área favorita ao redor da Avenida B (a “zona de fogo livre”), onde sempre há brigas entre os porto-riquenhos e os negros, mas que eu gosto muito porque há um equilíbrio racial quase uniforme entre brancos, pardos e negros. Aqui eu vi Larry de pé em uma porta. Começamos a conversar e ele me disse que tinha acabado de ser expulso por sua esposa branca. Quando percebemos que estávamos no mesmo barco, decidimos ir juntos para encontrar um lugar para ficar. Primeiro compramos uma garrafa de vinho. Depois prometemos um ao outro que se um de nós encontrasse um lugar, ele não o levaria sem levar o outro com ele. Larry era mais extrovertido e eloqüente, mas eu era branco, então imaginamos que o que um de nós não tinha, o outro poderia compensar.

Mas Larry era o tipo que tinha que fazer rap com todos na rua, não importava quem fossem. Ele tinha estado em um casamento respeitável por quatro anos, mas confidenciou-me que o tempo todo ele tinha sido realmente uma pessoa de rua no coração. Portanto, não tínhamos caminhado muito antes de termos um bando inteiro de pessoas de rua conosco; a maioria deles eram vagabundos. Em algum momento, havia cinco pessoas que Larry havia prometido que certamente lhes encontraria um lugar para ficar e uma garrafa de vinho em cima disso. Dois deles andavam de muletas. Um terceiro andava por aí agitando o ar como se estivesse batendo mosquitos.

Eu estava absolutamente convencido de que nunca conseguiríamos encontrar um lugar para dormir para toda essa multidão, mas como algo inesperado sempre aparecia em situações tão loucas, eu não disse nada sobre isso a Larry. Perguntamos às poucas pessoas que encontramos se sabiam de um lugar onde poderíamos ficar, mas nos concentramos antes de tudo nos judeus, como os outros estavam comemorando o Natal, está vendo, e por isso assumimos que eles não tinham espaço em seus corações. Como eu era o único branco, cabia a mim lidar com isso, enquanto os outros ficavam um pouco em segundo plano. Mas todos os esforços foram em vão. Uma pessoa disse que se realmente fosse verdade que eu era um estrangeiro ele ficaria feliz em me levar para casa, mas não ousou, então ao invés disso me deu seis dólares para a YMCA. Naturalmente, nós corremos e compramos algumas garrafas de vinho de maçã com o dinheiro, e a partir de então as coisas pareceram um pouco mais brilhantes. Mas ainda não conseguimos encontrar nenhum lugar para dormir, e o vinho fez com que os vagabundos fizessem barulho e agressividade e o homem que estava batendo



1973 - Bowery, NY



1974 - NYC



1971 - Bowery, NY



1971 - Bowery, NY

mosquitos começou a fazer sombras nas pessoas, de modo que elas fugiram em todas as direções.

Eram quase duas horas quando fui enviado ao Broome Street Bar para encontrar novas “vítimas”. Enquanto eu verificava a multidão, uma mulher de cabelos escuros veio até mim e ficou de pé por muito tempo me olhando nos olhos de uma maneira estranha. Então ela disse muito lentamente: “Você tem olhos de peixe”. Eu pensei que ela estava tomando alguma droga e tentei evitar de olhar para ela. Então ela disse: “Eu quero que você venha morar comigo”. Eu me recompus e perguntei se poderia trazer um par de meus amigos comigo. Ela disse que não. Eu disse que então não poderia ir, mas ela mesmo assim me deu seu endereço.

Depois continuei com os outros por mais duas horas, mas não consegui tirá-la de meus pensamentos. A situação agora parecia completamente sem esperança para nós. Estávamos realmente engessados por esta época. Nas pilhas de papelão ondulado da Rua Mercer tínhamos perdido um dos caras de muletas, que tinha adormecido. Como agora estava chovendo muito e eu estava quase inconsciente, eu me afastei dos outros por volta das cinco horas. Fiquei muito envergonhado com isso e durante os dois dias seguintes senti-me muito envergonhado. Mas uma semana depois tive a sorte de encontrar Larry na Praça Washington, e ele me disse que também ele havia deixado os outros ao abandono e encontrado uma mulher branca enorme e gorda no West Village, onde ele morava agora. Isso me confortou e continuamos sendo bons amigos.

Eu mesmo tinha voltado para aquela mulher estranha. Afinal, ela vivia em um enorme loft na Greene Street e tinha um estúdio na Broadway tão grande quanto um campo de futebol. Sua banheira era uma pequena piscina em forma de paleta. Tudo o que ela queria de mim era que eu mantivesse sua companhia. Durante três dias nós nos sentamos do amanhecer ao anoitecer, olhando um para o outro. Em todos os lugares havia peixes de gesso enormes; eles se penduravam nas paredes e se abaixavam tolamente para nós. Mas certamente havia mais vida neles do que nela. Durante três dias eu tentei desesperadamente conversar com ela. Tudo o que consegui tirar dela foi que ela se sentia



1978 - NYC. Revisit a Marisol Escobar e seus peixes para dar-lhe meu livro

muito solitária e que nunca havia vivido com um homem antes. Ela tinha quarenta anos de idade, nascia no oceano e só podia se comunicar com os peixes. Ela não tinha mais nada a dizer. Eu estava curioso para descobrir quem ela era, então uma noite, enquanto dormia, procurei em alguns de seus documentos e descobri que ela era a mundialmente famosa artista Marisol Escobar, que havia estado duas vezes na capa da revista Time e uma vez na Look; mas sua última exposição de esculturas de peixes havia recebido más críticas.

Aconteceu que ela estava nadando em dinheiro. Um dia eu tive que assinar como testemunha de um contrato de vários milhares de dólares. Metade do ano ela passou no Golfo do México mergulhando para seus pequenos amigos. No entanto, ela nunca me deu tanto quanto um pedaço de pão, e eu estava ficando cada vez mais desesperado com a fome. De manhã e à noite, eu tinha que segui-la até os restaurantes e sentar-me em frente a ela enquanto ela comia. A idéia de me dar comida nunca lhe ocorreu. Como eu nunca peço comida às pessoas, um dia saí com uma dica indireta. “Já lhe ocorreu que toda a sua arte é inteiramente para os ricos, e não está beneficiando os pobres em nada? Nenhuma resposta. E ainda sem comida. Ela tinha um refrigerador, então em certo momento, enquanto dormia, tomei a liberdade de verificar se havia alguma comida dentro dele. Fiquei um pouco chocado quando vários peixes grandes congelados como o bacalhau caíram para fora - e nada mais. Se eu não estivesse com tanta fome, provavelmente teria tido um pouco mais de paciência com ela.

Então, de repente, veio meu socorrista vagando neste silêncio. Foi Erica, que antes havia ajudado Marisol a polir as esculturas de peixe. Ela estava rindo e feliz, e era fantástico ouvir um ser humano novamente. Ela percebeu minha situação rapidamente como um relâmpago, e tão elegantemente como um peixe, sete dólares caíram em minha mão embaixo da mesa. Mais tarde ela sussurrou-me que eu poderia ir morar com ela. Quando Marisol adormeceu naquela noite, eu fugi para Erica, que vive em um minúsculo e miserável apartamento de bombeiros na 11th Street.

Erica, com quem estou morando agora, é simplesmente um achado. Ela é lésbica, mas não tem os sentimentos de ódio contra os homens que caracterizam tantas lésbicas de Nova Iorque. Sempre me faz tão feliz quando posso ter um bom relacionamento com uma mulher lésbica. Erica, como eu, não consegue entender a necessidade de odiar os homens. É certamente verdade que tanto homens americanos heterossexuais quanto homossexuais são alarmantemente agressivos, mas ainda é preciso tentar entender a opressão e a sociedade que criou esta cultura de John Wayne. Os homens negros, especialmente, sofrem com esta cultura, em parte porque suas mães os educam para ela. (Eu sempre lavo a louça automaticamente nas casas das pessoas, mas cheguei a um ponto em que deixei de fazê-lo em casas de classe inferior porque geralmente envergonha as mulheres: elas simplesmente não sabem o que fazer com um homem que lava pratos. Não é, então, errado da minha parte tentar mudar sua cultura quando elas ainda terão que viver com a opressão?)

E, em última análise, as mulheres brancas têm muito a mesma atitude. Uma e outra vez sou convidada para casa por mulheres brancas solteiras, que ao contrário das mulheres solteiras na Europa quase sempre têm uma cama de casal e, portanto, me colocam ao seu lado. Mas o que é chocante de se ver é como elas geralmente são totalmente incapazes de lidar com um homem não agressivo. Depois de dois ou três dias, elas dirão algo como: “Você sempre foi homossexual?” para trazer à tona alguma agressividade masculina em mim, ou mais freqüentemente: “Vamos sair e ficar bêbadas”. Sem dúvida, eles ficariam um pouco desconfortáveis se um novo convidado fosse direto para a geladeira e comesse toda a carne. No entanto, as mulheres americanas parecem se sentir desconfortáveis se um homem não entrar em sua própria carne. Com as mulheres negras, às vezes acho necessário modificar minha regra passiva de não violar a hospitalidade das pessoas com alguma “ação afirmativa”. Muitas vezes elas fazem de sexo Screw, que aparentemente todos os homens de negócios lêem, pois o telefone toca sem parar. As finais começam por volta das 18h quando eu tenho que escolher a voz mais agradável e marcar uma reunião em um hotel para as 19h. Meu trabalho é sentar no lobby bebendo Coca-Cola por cerca de uma hora, e se ela não tiver descido até lá, eu tenho que subir e bater

Erica é uma mulher diferente. Ela me transformou no epítome do chauvinismo masculino: minha função em sua casa é, de fato, ser um cafetão. Erica é uma prostituta com estilo - uma garota que telefona - e agora se tornou meu trabalho atender o telefone, resolver as ligações obscenas e pedir aos simpáticos que voltem a telefonar às 17h para uma segunda triagem. Ela tem um anúncio na revista de sexo Screw, que aparentemente todos os homens de negócios lêem, pois o telefone toca sem parar. As finais começam por volta das 18h quando eu tenho que escolher a voz mais agradável e marcar uma reunião em um hotel para as 19h. Meu trabalho é sentar no lobby bebendo Coca-Cola por cerca de uma hora, e se ela não tiver descido até lá, eu tenho que subir e bater

à porta.

No caminho para casa, geralmente caminhamos e comemos sorvete italiano, que Erica adora. Mas o mais fantástico sobre ela é que ela não é uma prostituta comum. Ela apenas adora ajudar as pessoas e dar-lhes calor em meio a esta frieza. Ela diz que a maioria de seus clientes são extremamente solitários e têm uma necessidade não tanto de sexo quanto de calor. Na verdade, vista com olhos masculinos típicos, ela não é nenhuma beleza física - anormalmente fina, de peito liso, com cabelos encaracolados - mas ela tem tal charme e beleza dentro dela, que estes homens não conseguem resistir a ela de forma alguma. Quase todos lhe dão cem dólares, embora só tenhamos concordado em setenta e cinco, e apenas um já ligou e reclamou. Ela diz que na maioria das vezes ela nem sequer vai para a cama com eles, mas apenas lhes dá massagem física e especialmente espiritual. Ela me comprou muitos rolos de filme, mas por boas razões eu disse não ao dinheiro.

Durante o dia ela vai a aulas de canto e de dança ou se senta por horas fazendo serviços de café com espuma de borracha. Cada xícara, pires e colher é perfeita até o menor detalhe. Ela tem vários armários de vidro cheios de porcelana de espuma de borracha, como nas casas mais respeitáveis dos burgueses. Ela é uma inspiração fantástica para mim. Um dia, quando um homem foi assaltado na rua e ficou ali deitado por um longo tempo, Erica foi a única que se preocupou em chamar uma ambulância. Mas nenhuma ambulância chegou e as pessoas estavam apenas de pé, olhando estupidamente para o homem meio morto. Ela continuou telefonando. O problema é que só há porto-riquenhos vivendo lá, então geralmente leva até uma hora antes da chegada da polícia ou das ambulâncias. Então ela teve a brilhante idéia de chamar a polícia e pedir-lhes que se apressassem porque havia um homem branco sendo atacado por vários negros e porto-riquenhos lá fora; dois carros da polícia e uma ambulância chegaram imediatamente. Este truque é comum em Nova York, mas parece funcionar sempre.

Tenho visto muitas vezes a Erica dar um dia inteiro de salário a pessoas necessitadas. Ela o trazia diretamente dos ricos empresários dos hotéis para algum mendigo na rua. Em outra noite, ela era ainda mais fantástica. Estávamos a caminho de um filme quando vimos um vagabundo de cinquenta anos sentado ali pedindo ajuda para comprar uma garrafa de vinho, e para alguém com quem conversar. Sentamos e conversamos com ele por algumas horas sobre o vinho, e ele disse que estava prestes a ter delirium tremens e que estava com medo de morrer. Erica disse imediatamente que iríamos com ele ao hospital, e ele chorou de alegria. Ele estava esperando por este momento há dez anos. Ele próprio nunca teve coragem de ir ao hospital. Nós o levamos em um táxi para o Hospital St. Vincent’s. Ficamos sentados na sala



1973 - NYC

de espera por duas horas. Ele chorou o tempo todo. Então nos disseram que eles não o aceitariam. Ele tinha estado ali sentado bebendo e ficou absolutamente impossível, gritando e gritando. Eu também gritei algo sobre ser de um país civilizado com hospital e assistência médica gratuita para todos. Então a polícia foi chamada e nós fomos expulsos em grande estilo.

Pegamos um táxi para a sala de emergência do Hospital Bellevue e nos sentamos lá com as pessoas mais estranhas: gritos, histéricas, suicidas, e sabe Deus o quê. Ficamos lá sentados até as seis da manhã, mas nada aconteceu. Enquanto isso, o homem bebeu a garrafa inteira, sentou-se no chão e chorou com a cabeça no colo da Erica, enquanto nos implorava para não deixá-lo. Várias vezes ele urinou nas calças e uma piscina se formou ao seu redor enquanto ele tirava o pênis e o deixava pendurado ali. Erica continuou aconchegando-o de volta, mas ele continuou saindo. A maioria dos pacientes já tinha fugido da sala. Então ele começou a vomitar por toda parte, o mais peculiar vômito viscoso e fedorento que eu já vi em muito tempo. Naquele momento, até mesmo as duas enfermeiras fugiram. Tentamos limpá-lo. Por volta das seis horas estávamos totalmente exaustos, e como os enfermeiros prometeram solenemente que ele seria internado no hospital, fomos para casa e dormimos.

Dois dias depois, fui a Bellevue para visitá-lo e dar-lhe alguns cigarros. Disseram-me que ninguém tinha sido internado com esse nome. Fiquei furioso e triste e não ousei contar à Erica sobre isso de maneira alguma. Nova York é uma cidade que simplesmente não permite que nenhum ser humano seja humano. Se você quer sobreviver aqui, deve aprender a deixar outras pessoas aos seus destinos. Erica, é claro, não é de Nova Iorque, portanto continuarei vivendo com ela por um tempo mais. Mas logo voltarei para o calor do Sul. O frio de Nova Iorque me faz entrar sempre.

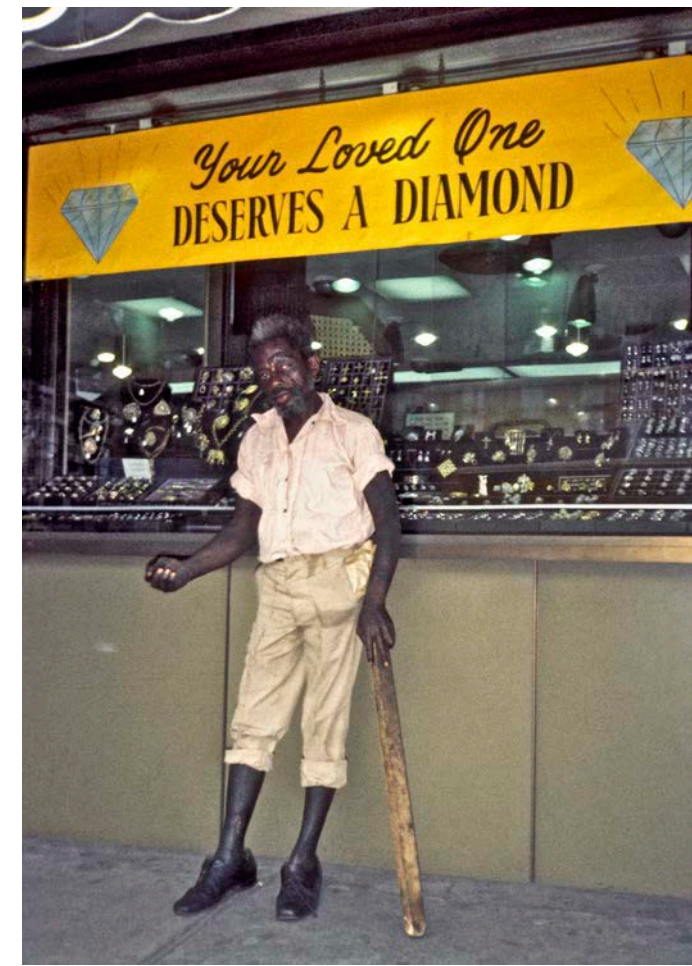
*Carta a um amigo americano*



1973 - Minha visão amorosa de NYC cada vez que eu vinha de carona do sul

Quando o amor é transformado em um item de venda e a humanidade em nós é esgotada, começa-se a sentir o lado negro de nossas mentes que criou o gueto.

Minha vagabundagem no sistema descartável mais avançado do mundo tornou-se uma jornada interior durante a qual nem sempre pude distinguir os seres humanos do sistema que eles habitavam. Eu tinha que me perguntar se o calor e a abertura que recebi como vagabundo era uma característica genuinamente americana ou se o sistema tinha dado à população uma hospitalidade superficial, uma necessidade de amizade descartável. Mas ser descartado após o uso era preferível à frieza humana que eu conhecia na Europa, que nunca teria dado uma chance a um vagabundo. Aprendi que onde um sistema é mais opressivo e cruel (como na África do Sul durante o apartheid), muitas vezes se encontra o maior calor humano - um calor que não deve ser jogado fora na busca de um sistema mais justo. Embora eu tenha encontrado vida nos estados do Norte mais justa do que no Sul, constantemente tive que pedir carona para voltar à humanidade do Sul a fim de sobreviver como indivíduo (muitos negros retornam pelo mesmo motivo). O Norte mais liberal convidou os negros a migrarem para lá nos anos 40 e 50 porque precisava de mão-de-obra, assim como o Norte da Europa convidou os "trabalhadores estrangeiros" marrons nos anos 60. Mas não precisávamos deles como seres humanos, e



1974 - NYC

gradualmente os isolamos e abandonamos em grandes guetos superpovoados. Nossa crescente insegurança e medo sob a globalização de hoje deixam uma profunda dor acumulada, que está mudando rapidamente o cenário mundial. Nunca antes na história estivemos tão ativamente envolvidos em forçar tantas pessoas a entrar em guetos. O que levamos 500 anos na Europa para realizar com os judeus que alcançamos em apenas algumas décadas com milhões de muçulmanos. A guetização acaba levando à limpeza étnica, como já vimos em muitos países. Mas somente em poucos lugares uma minoria se tornou tão guetoizada quanto os negros nos Estados Unidos. Em muitas cidades, como Detroit e Chicago, até 94% dos negros estão presos em bairros de todos os negros.

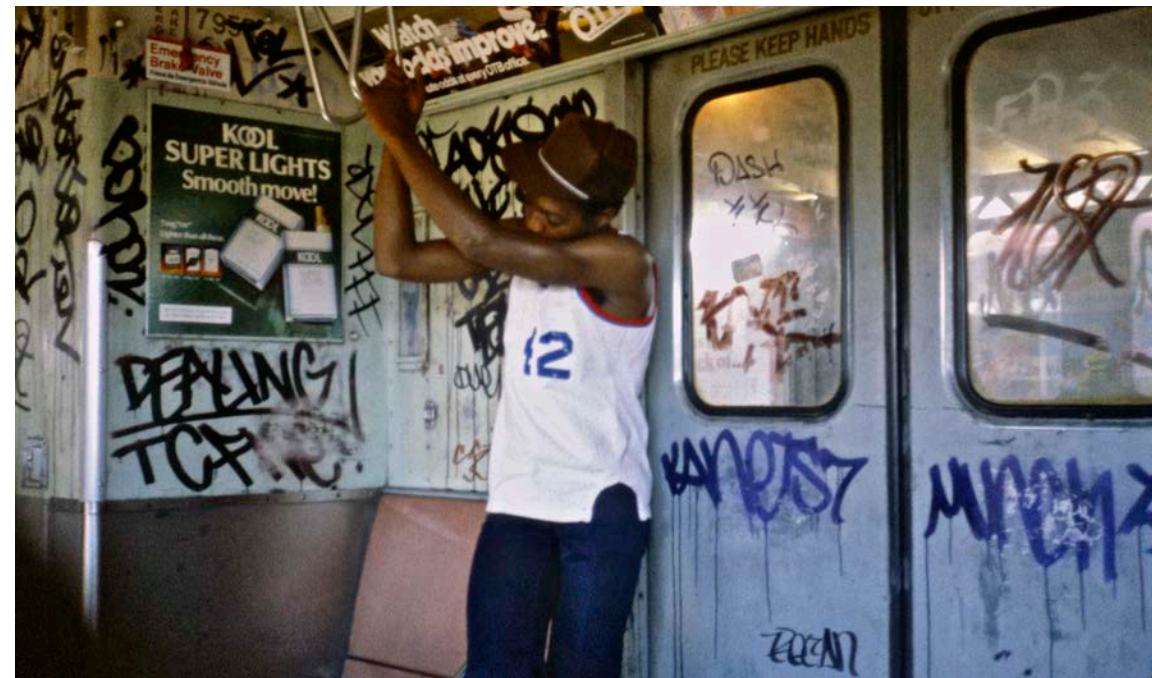
Nossa sociedade descartável, com seu despejo no quintal, tanto de coisas como de seres humanos, matou o amor ao isolar e alienar enormes segmentos da população. Mas ela não pode estrangular o grito de dor e vazio daqueles que descartamos - como se pode discernir em toda parte no gueto e no subterrâneo.



Eu não estou, disse eu, para ninguém lá.  
 E ninguém ouviu nada...  
 Eu sou, eu chorei!  
 E estou perdido e não posso nem dizer por que  
 ... deixando-me ainda solitário...  
 ... tenho um vazio no fundo,  
 e eu tentei, mas não me deixou ir.  
 E eu não sou um homem que gosta de jurar,  
 mas eu nunca me importei com o som  
 de estar sozinho...  
**EU SOU, EU CRIO!**  
**EU SOU, EU SÃO!**  
 E estou perdido e não posso nem dizer por que...  
 Deixando-me ainda solitário...



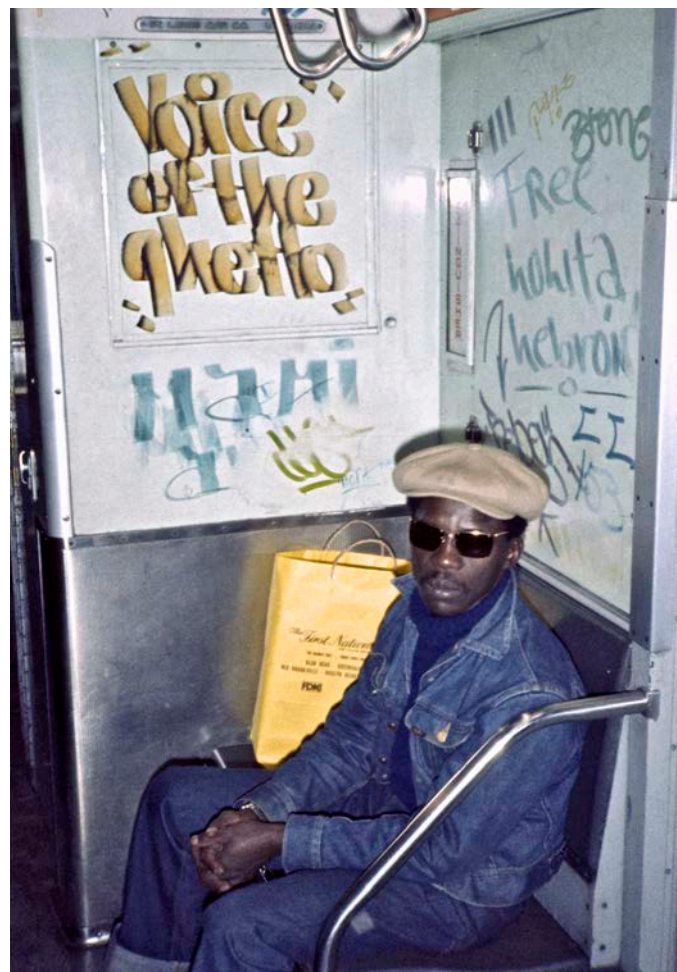
1973 - NYC



1974 - NYC



270 1974 - Vanessa Guider aqui mais tarde cometeu suicídio pulando da janela



1973 - NYC



1974 - Bronx, NY



1973 - NYC



1973 - NYC



1974 - NYC

O sistema - ou, a soma total de nosso pensamento repressivo diário - usa a tolerância repressiva para lidar com o empurrão de nossas vítimas, engolindo o grito do subsolo através do reconhecimento de seu valor artístico, exaltando-o.

Aos oprimidos é concedido um salvo-conduto para expor em galerias de arte para os melhores e mais bem pensados entre nós - estes de nós com palavras simpáticas sobre os "problemas do gueto" e "nossos imigrantes", com sermões benevolentes sobre a fome e a superpopulação no Terceiro Mundo. No entanto, apesar de toda nossa conversa de alto nível sobre "integrá-los", nós mesmos fugimos para os subúrbios - nossas crianças não vão para as "escolas negras" - resultando em uma maior guetização. Nós nos gabamos vociferantemente de ter um amigo negro aqui e um amigo muçulmano ali, mas não nos perguntamos por que os negros nos EUA ou os imigrantes na Dinamarca raramente vêm a estes palácios de arte. Sem bater um olho, aceitamos garçons negros que mantêm a relação de mestre-escravo nestas funções. Como tropas-tampão de opressão, podemos absorver críticas ao sistema, distorcê-lo e desarmá-lo, elevando-o ao nível de arte. Isto é também o que acontecerá com minhas fotografias.



1974 - NYC

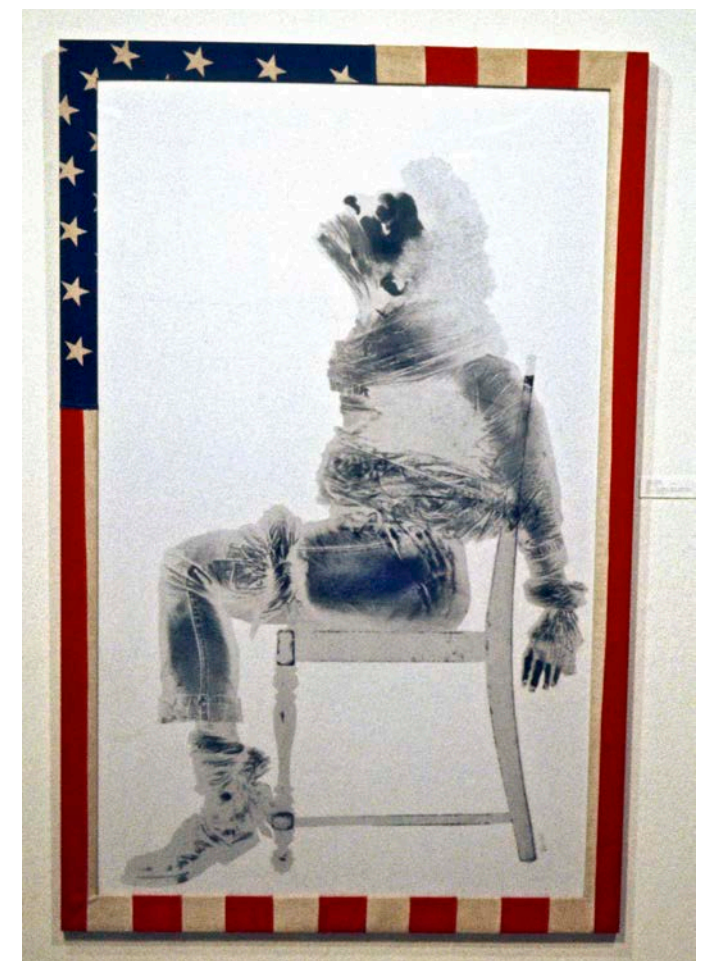
Os ricos liberais, que eu vim a odiar e amar ao mesmo tempo porque eles são um lado de mim mesmo, me darão todo o apoio possível para publicar e expor minha crítica à sociedade, chocados com as coisas que eu vi nos Estados Unidos. Eles se sentem envergonhados porque eu ultrapassei um limiar que eles acham que deveriam ter ultrapassado, mas, com seu medo paralisante daqueles que ajudaram a guetização, não puderam.



1973 - NYC



1975 - Los Angeles



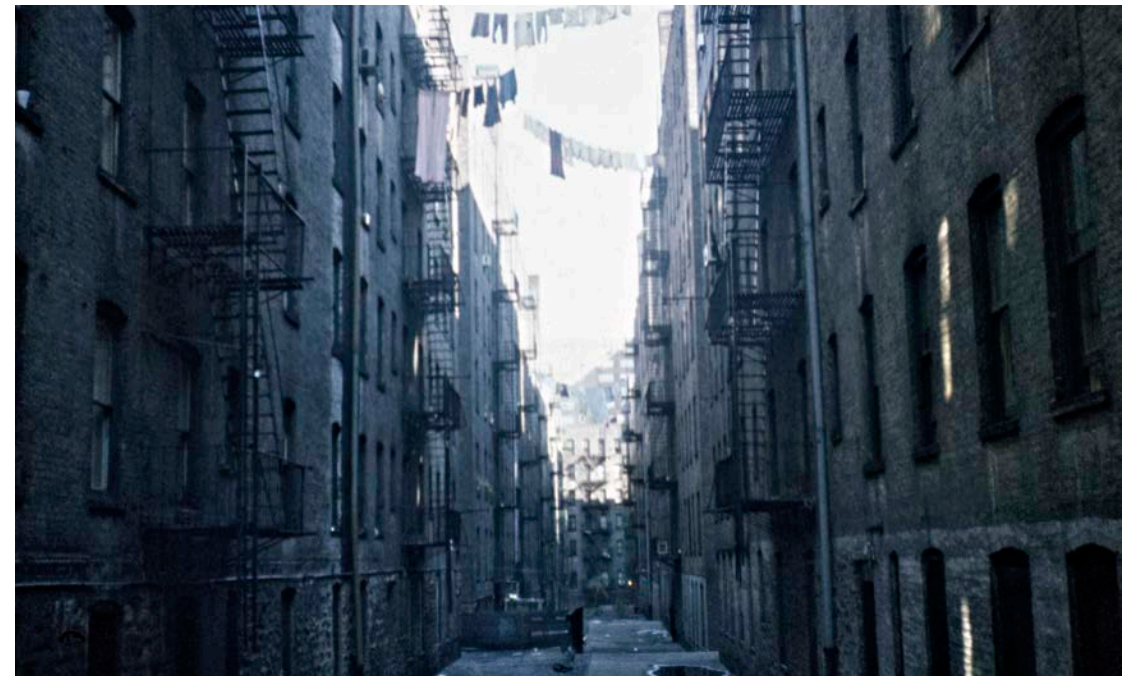
1975 - Los Angeles



1973 - NYC



1975 - Los Angeles



1974 - Harlem, NY



1974 - NYC

Tais pessoas existem em todas as sociedades, gritando sobre a necessidade de mudança para ajudar os guetos e os países subdesenvolvidos a “subir”. Mas quando chega o dia das eleições, todas as suas promessas acabam no status quo com votos para os democratas (ou, na Europa, vários partidos social-democratas).

Portanto, não posso deixar de sentir que também explorei as vítimas, pois sei muito bem que estas fotos não as beneficiarão em nada. Vamos nos sentir um pouco sentimentais, percebendo que nossa classe inferior sofre assim, mas não vamos fazer nada para mudar nosso estilo de vida. Não abriremos mão de nossas motorhomes destruidoras do clima, SUVs, ar condicionado central, viagens charter e escolas particulares distantes para redistribuir os bens da terra. E assim, minhas fotos serão apenas uma catarse. Embora eu soubesse disso e o soubesse muitas vezes por negros de classe inferior que não tinham ilusões de tentar falar com a “bondade interior” em seus opressores brancos, eu persisti e assim traí tanto negros quanto o Terceiro Mundo, tornando esta página a única do livro com a qual quase todos os afro-americanos podem concordar. Eu criei uma libertação emocional divertida, fortalecendo assim um sistema injusto. Sou tão hipócrita quanto estes snobs de arte porque estou jogando de acordo com suas regras. Quando minha crítica se tornou muito “radical”, eles viraram as costas para mim. Portanto, sou forçado a diluí-la para que se torne um teary condescendente e “paternalista” naif de aventuras vagabundas sobre o sofrimento no gueto e nossos infelizes lados sombra - como a seguinte viagem sentimental ao Harlem, não muito longe do reduto desses liberais, o Museu de Arte Moderna.



1980 - NYC



1973 - Harlem, NY

*Se você pegar o trem comigo  
a alta da cidade através da miséria  
das ruas do gueto  
à luz da manhã  
onde é sempre noite:  
Sente-se à janela,  
baixe seu tempo  
você pode ler nas entrelinhas,  
basta ler os rostos  
que você encontra além do vidro da janela:  
E pode começar a ensinar-lhe  
como se importar com seus semelhantes!*



1973 - Harlem, NY



1974 - Harlem, NY



1974 - Bronx, NY



1974 - Harlem, NY



1974 - NYC



Harlem, NY



1972 - NYC



1973 - Harlem, NY

Tudo no Harlem é negro, exceto as lojas, que são de propriedade de imigrantes brancos e árabes (no passado, eles eram propriedade de judeus). As únicas lojas que não são de propriedade desses forasteiros, as pessoas de rua lhe dirão, são as onipresentes casas funerárias, já que os empreendedores brancos não terão nada a ver com corpos negros. Ser um agente funerário é uma das formas mais seguras de alcançar o status de classe média. Pois a morte é tão onipresente no Harlem quanto o medo que assombra a todos sob risos esporádicos e desconfortáveis. No entanto, eu me sinto mais seguro como membro do sempre presente “branco” invisível no Harlem do que a maioria dos negros, pois, como sempre, a agressão é dirigida a outras vítimas e não ao opressor odiado.

Esta funerária ao lado de um centro de reabilitação de drogas ilustra as escolhas no Harlem - entre a morte ou uma vida escravizada sob O Homem. Milhares de viciados escolhem a porta à esquerda. Eles sabem muito bem que se escolherem a porta da direita, ou se reabilitarão, o que significa um retorno à condição anterior na qual não poderiam sobreviver sem usar drogas, ou se tornarão “reabilitados” aprendendo a viver na selva do gueto através da sensibilidade morta ou alguma outra forma de agarrar a mente. Eles se submetem à culpa do homem - a marca da escravidão, que muda as vítimas em vez de seu ambiente opressivo.

Esta mulher é uma ilustração viva das escolhas típicas no Harlem. Um atacante invadiu seu apartamento e tentou matá-la com uma faca. Ela sobreviveu saltando de uma janela no terceiro andar - e está aleijada para toda a vida.



1973 - Harlem, NY



1974 - Harlem, NY



1996 - NYC



1995 - NYC



1992 - Harlem, NY



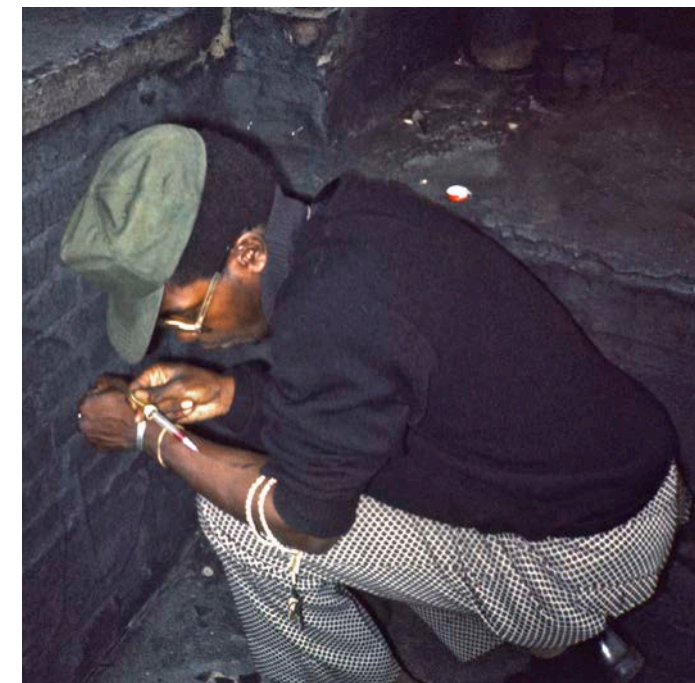
1992 - Harlem, NY



1973 - Harlem, NY



1973 - Harlem, NY



1974 - NYC

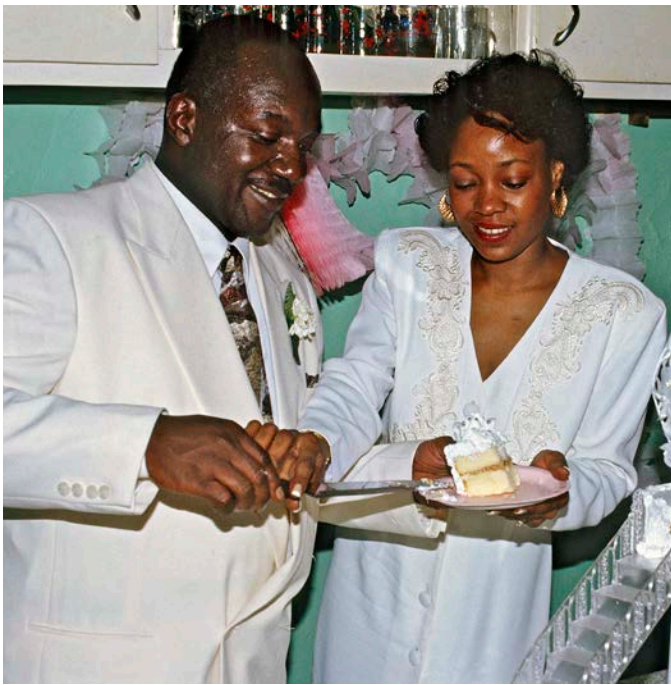
Os americanos pelos quais tenho os sentimentos mais fortes são os viciados, que têm sido muito sensíveis e humanos para sobreviver à brutal vontade americana de ter sucesso. Eles não são apenas vítimas dessa violência, mas são capazes de retaliar com toda a maldade injetada neles pelo “estilo de vida americano”. Muitas vezes, nos telhados de Nova York, eu ajudei a amarrar essas almas amarradas. Diariamente, em certas esquinas da rua no Harlem, você vê milhares de viciados esperando pela heroína. À noite, nem mesmo a polícia corajosa estes bairros, de cujas “galerias de tiro” desfrutamos às vezes de uma vista incrível da “grande agulha” do Empire State Building.

As galerias de tiro são edifícios condenados, tomados por drogados que estão “atirando para cima” e “abatendo” qualquer pessoa suspeita de ser um policial ou um “homem do mato”. Como a pena por ser um viciado e um criminoso, que é o que leva - em outras palavras, por ser uma vítima - é a mesma pena por ser um assassino, eles não têm escolha real. Eles recebem uma pena de prisão perpétua obrigatória, quer atuem como vítimas ou como carrascos. As galerias de tiro são, portanto, extremamente perigosas.

Este homem, que era viciado há 16 anos, sofria de desnutrição e de feridas que corriam por todo o corpo. Ele não conseguiu encontrar pontos melhores para atirar e teve que tirar o curativo de mau cheiro de sua perna para encontrar uma veia. Ele sofreu terrivelmente e sabia muito bem que tinha menos de dois anos de vida. Ele não tinha nada a perder e me incitou a divulgar estas fotos para assustar os jovens, esperando que eles nunca tivessem que sofrer como ele sofreu.



1973 - Harlem, NY



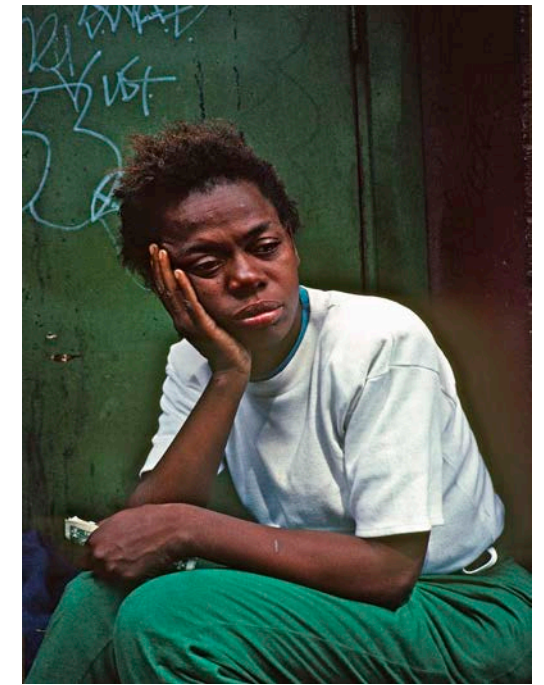
1985 - Harlem, NY

Pensei que tinha visto o pior nos anos 70, quando gradualmente aprendi a tirar as armas das mãos de viciados em heroína lentos. Então eu estava totalmente despreparado para a devastação da epidemia de crack nos anos 90, quando as vítimas atiravam armas durante seus poucos minutos paranóicos de altura e constantemente invadiam minha van ou roubavam suas próprias famílias para sustentar seu hábito.

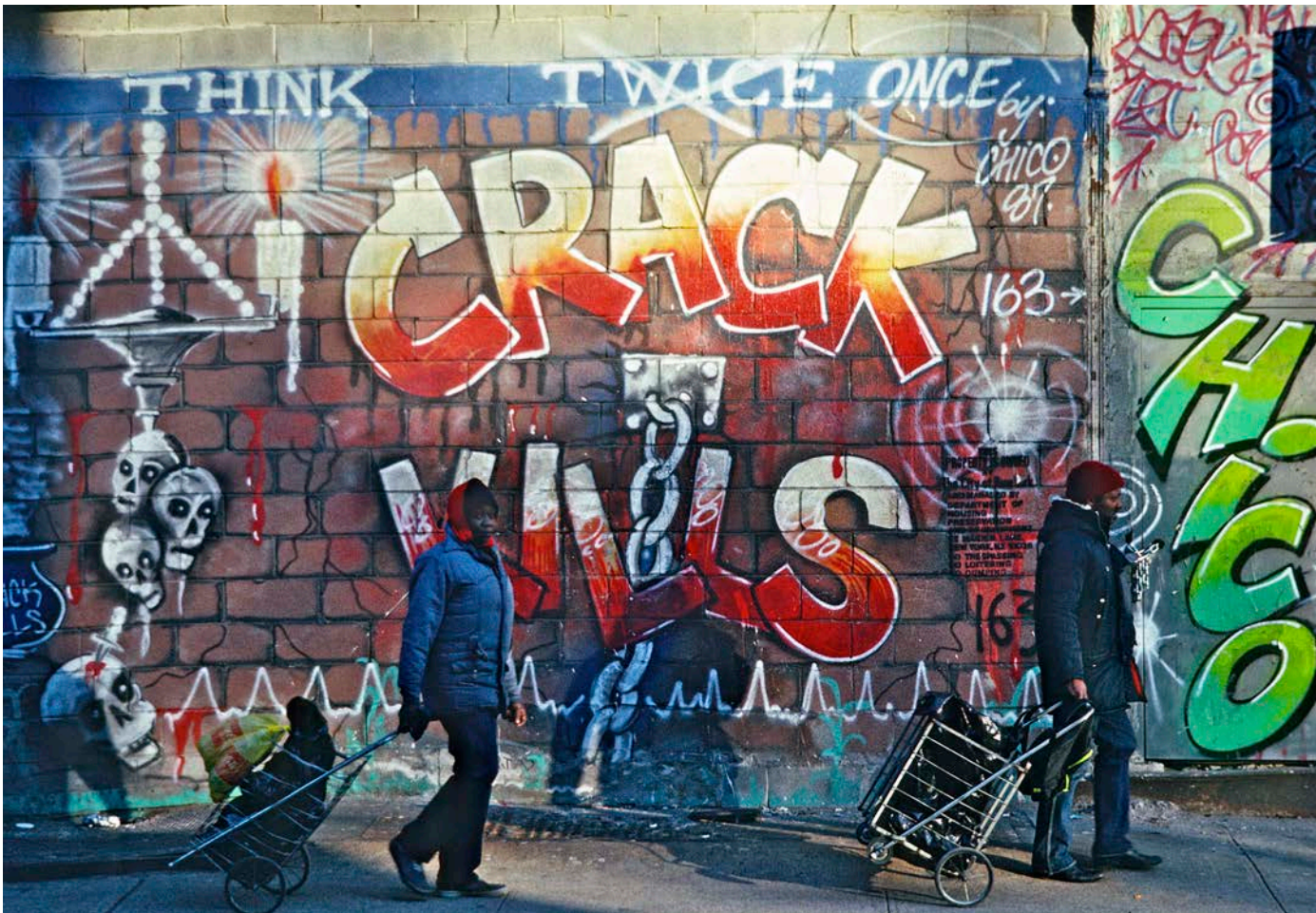
Muitos de meus melhores amigos sucumbiram ao crack. Eu conhecia Robert Yard há anos, mas logo após seu casamento no Harlem, sua esposa foi vítima do crack. Eu o vi tentar desesperadamente salvá-la e ao seu casamento, enquanto sua vida se transformava em um abismo de crimes, prostituição e prisões até sua morte prematura.



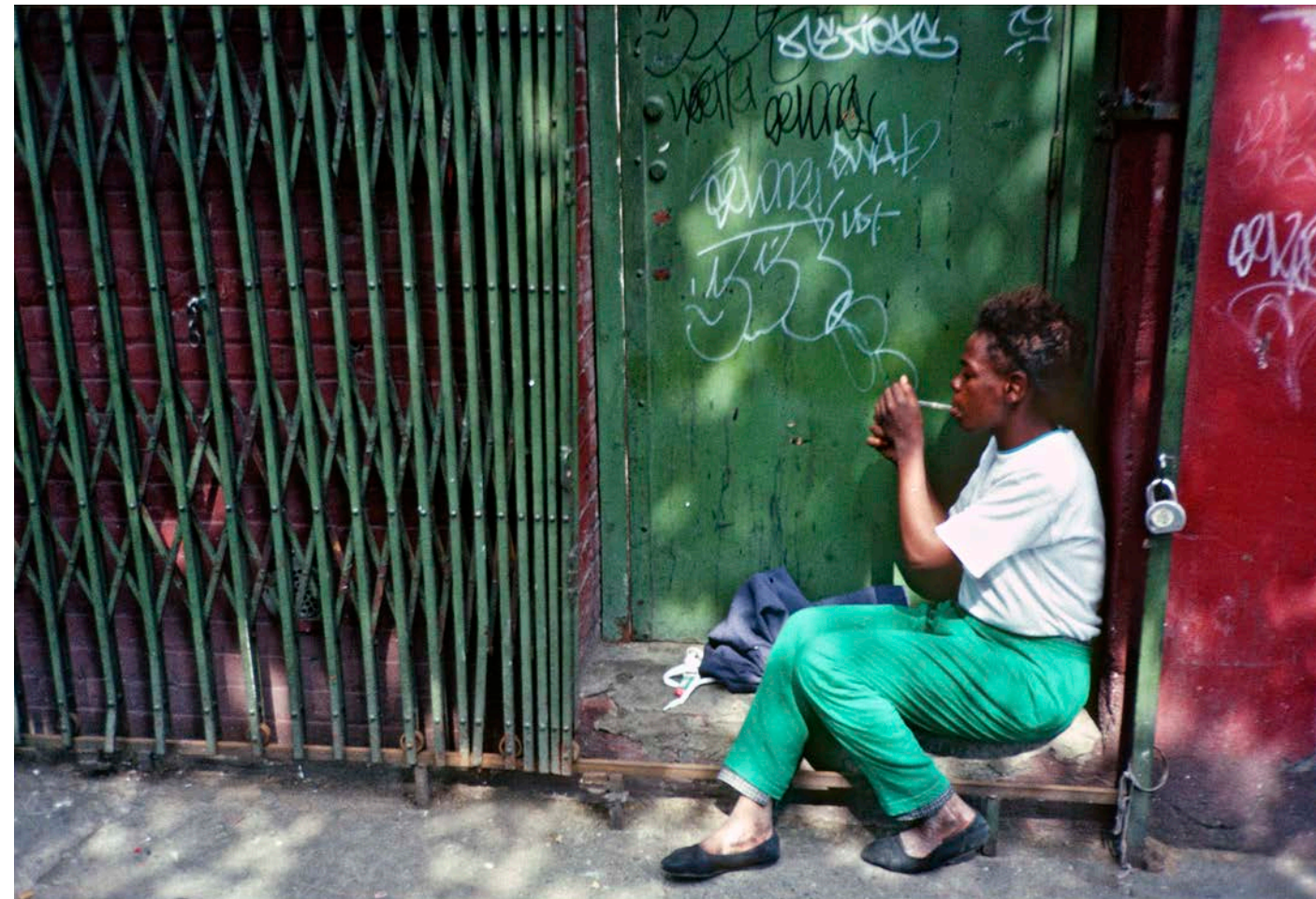
1992 - NYC



1991 - NYC



1991 - NYC



1991 - NYC



1974 - Harlem, NY



1989 - Harlem, NY

*Ou ponha sua garota para dormir às vezes com ratos em vez de rimas de berçário com a fome e seus outros filhos ao seu lado. E se pergunte se você vai dividir sua cama com algo mais que deve ser alimentado por medo de ficar ao seu lado ou pode dormir ao fundo do corredor. E pode começar a ensinar-lhe como dar a mínima sobre seu semelhante!*

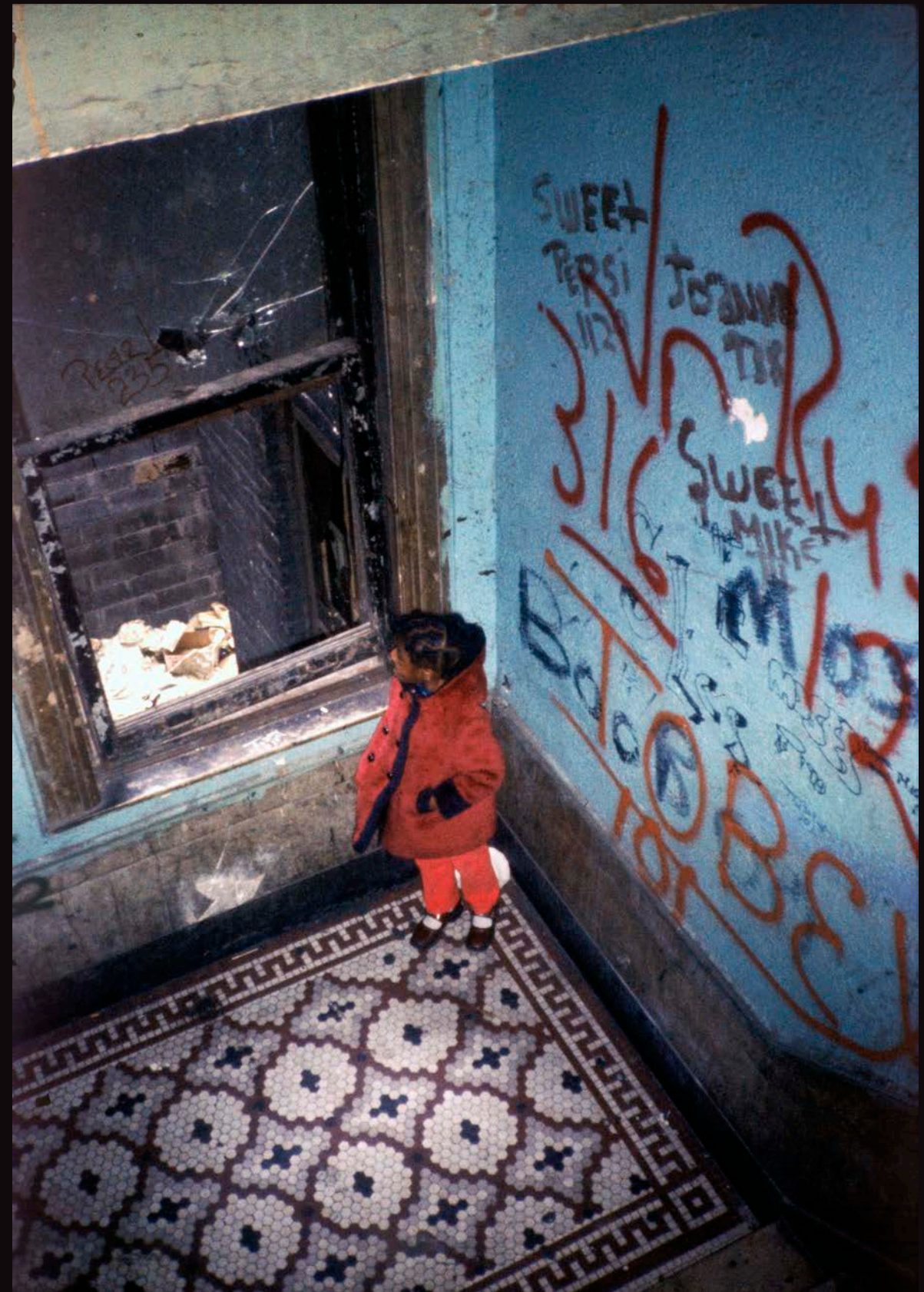


1974 - Harlem, NY



1973 - Harlem, NY

#284



1974 - Bronx, NY





1973 - NYC

*Venha e veja como está o desespero  
é temperado pelo ar sufocante.  
Veja seu gueto no bom e velho verão.  
Suponha que as ruas estivessem todas em chamas,  
as chamas como tempestades saltando mais alto,  
suponha que você tivesse vivido lá toda a sua vida,  
você acha que se importaria?*

Mas não são apenas os adultos que sofrem no Harlem. O sofrimento mais indescritível e angustiante que já testemunhei recai sobre as crianças. Pode aleijar suas mentes - todo o seu ser - pela vida. E não são apenas aquelas crianças que são forçadas a mendigar como cães para sobreviver ou as crianças que tentam ganhar um centavo polindo as janelas para os motoristas brancos nos semáforos. Mais ainda, são as crianças que assassinamos com nosso pensamento negativo sobre elas, o pensamento esmagador que elas internalizaram a tal ponto que estão convencidas de que não têm futuro. Que impressão as crianças causam de dor quando vêem suas irmãs e irmãos serem baleados e mortos na rua? Quando eu estava dando uma aula no Harlem, descobri que não havia um único aluno que não tivesse testemunhado um tiroteio nas ruas - balas perdidas das quais atingem até mesmo a criança mais inocente. Os alunos se recusaram a acreditar que eu vim de um país sem armas. "Como as pessoas se defendem?", perguntaram eles. E que impressão causa em uma jovem mãe ter que dizer adeus a seu filho de quatro anos em um mundo onde é difícil dizer a diferença entre um berço e um caixão?



1973 - Bronx, NY

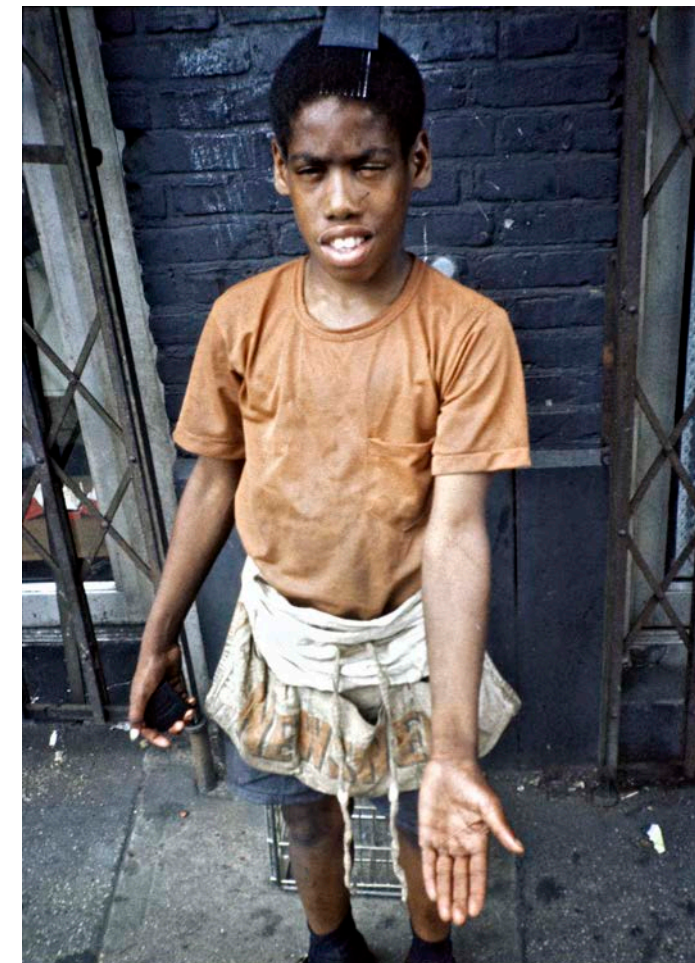


1972 - Harlem, NY



#284

1972 - Harlem, NY



1974 - Harlem, NY



1974 - Washington, DC



1974 - Bronx, NY



1974 - Bronx, NY

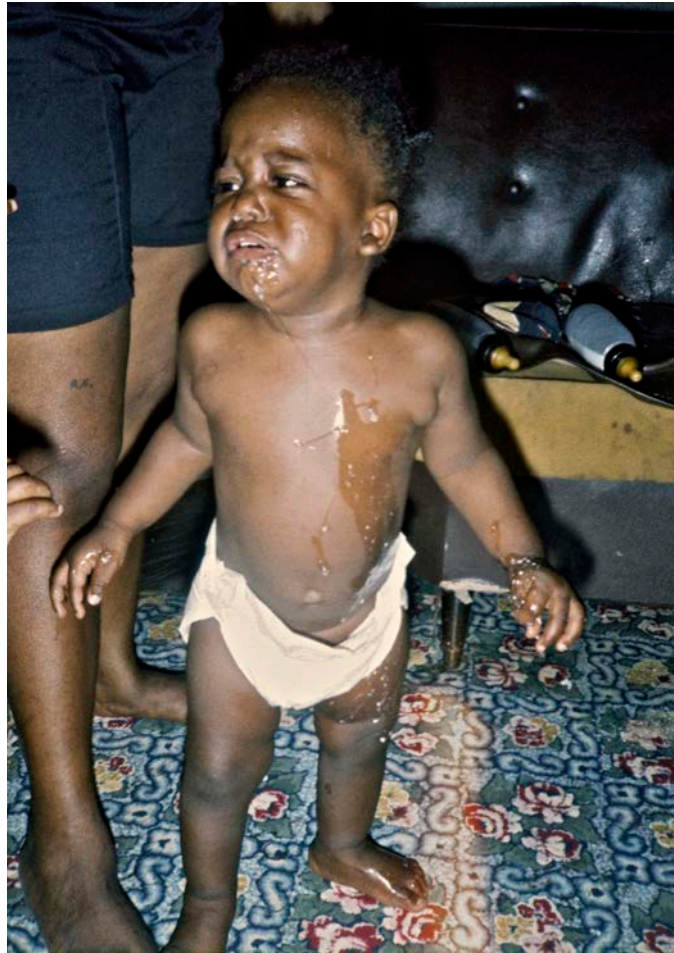


1973 - Baltimore

Entrevista com um wino:  
“Acho que todos nasceram nus, então somos todos seres humanos”. Até encontrar alguém que nasceu vestido, não vou pensar que seja mais do que eu”. É assim que eu me sinto em relação a isso”.

*E pode começar a chegar até você  
Por que eu me importo com meus semelhantes,  
E pode começar a ensinar-lhe  
Como se preocupar com seu semelhante.*

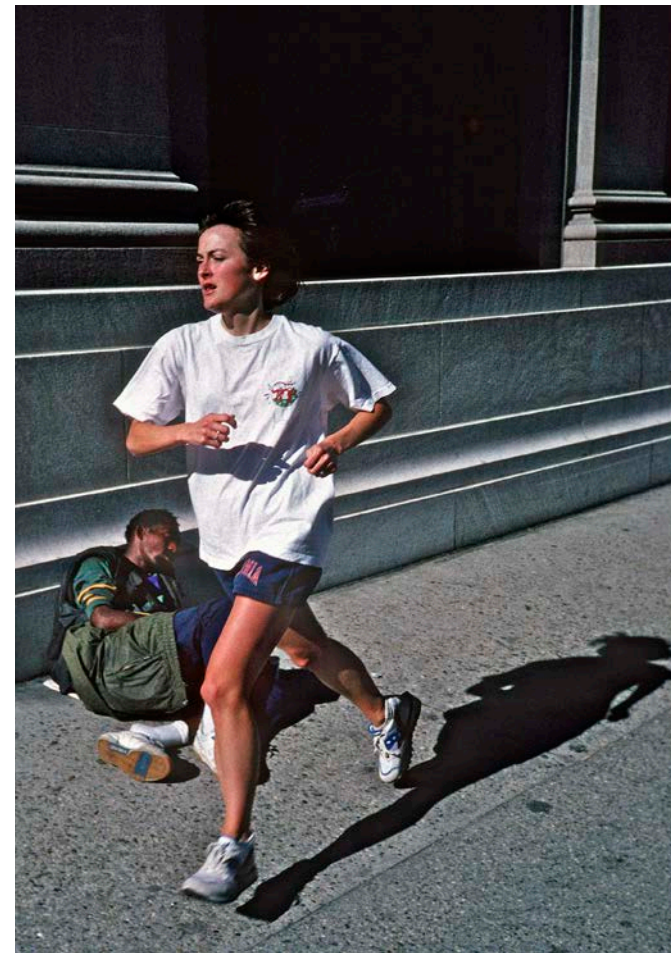
Este tipo de viagem “dê a mínima para o próximo” através do Harlem ilustra, em todo seu sentimentalismo sacarino, a maneira branca e liberal de ver o gueto. Do cuidado paternal quase amoroso da aristocracia da plantação sulista, há uma ligação direta com a conversa interminável sobre ajudar o próximo entre os liberais do norte. Muitos liberais fazem um trabalho grande e exaustivo nos guetos, mas se amamentamos ou alimentamos nossos párias, o resultado é o mesmo: estamos culpando as vítimas ao tentar acostamá-las ao seu destino injusto de marginalizados em vez de mudarmos a nós mesmos.



1974 - Washington, NC

Os liberais não consideram os negros ou pardos inerentemente inferiores como os conservadores. Em vez disso, nós os vemos como funcionalmente inferiores como resultado da injustiça, da escravidão e da discriminação de um passado distante. Depois de terem experimentado este livro, eles vão perguntar em desespero: “O que podemos fazer?” Mas não temos coragem, ou somos paralisados pelo medo de olhar para dentro da alma para entrar em contato com nosso abismo de dor - a dor que nos torna tão impotentes, mas opressores eficazes.

Assim, nós liberais, na verdade, somos uma das ferramentas mais importantes da opressão contínua. Ajudamos os marginais a se adaptarem a uma opressão que os torna funcionalmente inferiores o suficiente para satisfazer nossas próprias necessidades liberais de administrar cuidados paternalistas ao “untermensch” (sub-humano). O preto ou marrom no gueto não tem tempo para a atitude condescendente dos liberais e está constantemente tentando provocar nosso verdadeiro rosto racista/islamofóbico. Eles se recusam a ver como progresso a faca em suas costas puxada de quatro polegadas para duas polegadas. Eles preferem nos apunhalar de volta em nosso antigo “contra-ataque branco” com estas palavras:



1992 - NYC

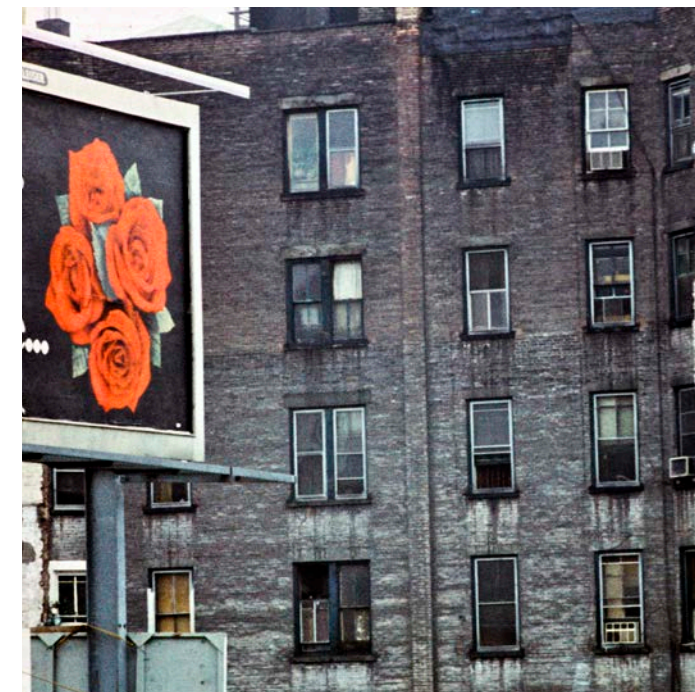
*Antes de mais nada quero ser amado...  
Se eu não posso ser amado, eu quero ser respeitado  
Se eu não posso ser respeitado, quero ser reconhecido  
Se eu não posso ser reconhecido, quero ser aceito  
Se eu não posso ser aceito, quero ser notado  
Se eu não puder ser notado, eu quero ser temido  
Se eu não posso ser temido, eu quero ser odiado*

A própria visão dos negros sobre o Harlem invalida nossa necessidade de ver uma vítima, pois eles não podem ver apenas o pior no gueto sem enlouquecer. Por exemplo, eles não vão enfatizar que 10% da juventude do Harlem são criminosos violentos que aterrorizam as ruas. Eles vão virar tudo de cabeça para baixo, encorajados pelo incrível fato de que, apesar deste ambiente criminoso, 90% dos jovens nunca estiveram em conflito com a lei.

Eles olharão para a cultura que prospera em meio à opressão e ficarão animados pelo fato de que a maioria da população do Harlem está sobrevivendo. Eles verão as muitas rosas que conseguem crescer nesta selva.



1995 - NYC



1974 - Harlem, NY



1974 - NYC



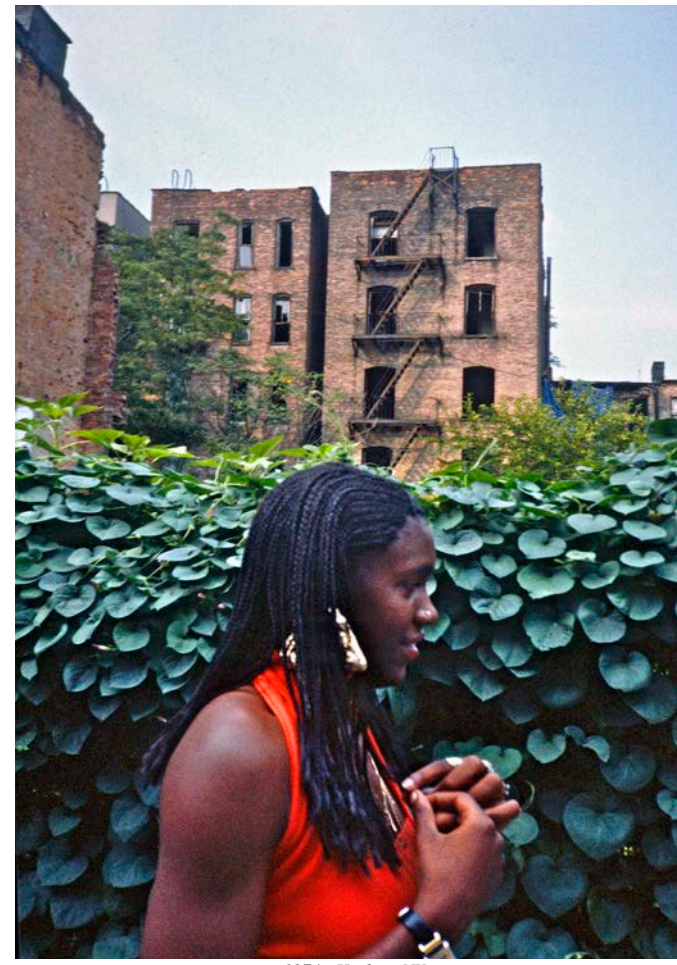
1989 - Harlem, NY



1973 - Harlem, NY



1992 - Harlem, NY



1974 - Harlem, NY



1974 - Harlem, NY



1973 - Harlem, NY

*Há uma rosa no Harlem espanhol,  
 uma rosa em preto e Harlem espanhol.  
 É uma rosa especial,  
 nunca vê o sol  
 só vem à tona  
 quando a lua está em fuga  
 e todas as estrelas estão brilhando.  
 Está crescendo na rua  
 através do concreto  
 suave, doce e sonhadora.  
 Com olhos negros como o carvão  
 eles olham para baixo em minha alma  
 e começar um incêndio lá  
 e então eu perco o controle  
 Eu quero pedir perdão a ela  
 Vou apanhar essa rosa  
 e observá-la  
 enquanto ela cresce em meu jardim.*



1973 - Harlem, NY



1973 - Harlem, NY



1974 - Spanish Harlem, NY



1995 - Chicago



1974 - NYC



1974 - NYC



1974 - NYC



1990 - Harlem, NY



1972 - NYC



1972 - NYC



1972 - NYC



1974 - Bronx, NY

Para mim, tal rosa era o Marilyn. Quando eu a conheci, ela era uma viciada em heroína que disparava algumas vezes por semana. Sua situação no pequeno apartamento era desesperada, e eu a admirava por poder sair dela - eu mesmo me afundava cada vez mais no desespero enquanto vivia com ela. Nunca em minha vida vivi em condições tão opressivas e aniquiladoras para a alma. Eu não conseguia pensar nem escrever no apartamento. Não eram apenas os assaltos constantes; era o medo deles, o medo do que poderia acontecer da próxima vez, bem como o medo de entrar no corredor ou na rua, onde você poderia ser atacado com uma faca ou uma arma. A estreiteza a que você pode se acostumar. Você pode se acostumar a uma mesa de jantar que também funciona como uma banheira na cozinha. Você pode se acostumar a ter uma cerca de arame entre a cozinha e o quarto, para que os ratos não entrem e mordam seu rosto. E logo se torna um hábito matinal escovar as baratas mortas, nas quais você dormiu a noite toda, para fora da cama. Mesmo os tiroteios e as sirenes da polícia nos violentos programas de TV da América que batem nas paredes podem ser um alívio agradável de sons semelhantes vindos da rua. Mas o medo persistente daquele momento em que você mesmo pode ser apunhalado no estômago - ao qual você nunca poderá se acostumar. Fui atacado mesmo na véspera de Natal. Por três pistoleiros.

Como sobrevivi vivendo com o Marilyn, você não deve me perguntar. É um paradoxo que, no país mais rico do mundo, a palavra "sobrevivência", que eu nunca tinha ouvido antes de vir para os Estados Unidos, exceto em conexão com Darwin, tenha se tornado um conceito cotidiano. Mas pergunte antes como o Marilyn sobreviveu - não apenas no corpo, mas também na mente. Ela não apenas sobreviveu, mas também foi capaz de se arrancar do gueto e se tornar atriz em São Francisco. Sim, ela era uma rosa que conseguiu brotar através do asfalto.

Em todo o mundo, nós opressores adoramos usar tais exceções encorajadoras para oprimir ainda mais nossas vítimas. Asseguramos constantemente uns aos outros - com histórias cor-de-rosa de indivíduos ou de uma classe média negra ou de um Obama tendo conseguido - que não somos apenas justos, mas virtualmente santos.

É um esforço mesquinho e calculado para mostrar que há algo de errado com todos aqueles que não conseguem, mais uma vez culpando nossos prisioneiros por seu próprio cativeiro.



1973 - Bronx, NY

Mas Harlem estava longe de ser o pior gueto de Nova York. No sul do Bronx, onde equipes de filmagem européias filmavam com frequência a destruição da Alemanha em tempo de guerra, havia distritos onde nove em cada dez pessoas morriam de uma morte não natural - homicídio, fome, overdose, mordidas de rato, etc. No gueto de Brownsville, eu vi dois assassinatos e ouvi falar de outros quatro no mesmo dia.

A maioria dos opressores tem dificuldade de entender como construímos guetos. Não há, por exemplo, paredes ao redor de um gueto, e isso não é necessariamente o resultado de uma má moradia. Não é apenas a classe inferior que construímos gueto. Que o gueto não é nada de concreto, como as garrafas quebradas e o lixo, eu vi em Detroit, onde o alojamento era muito melhor do que no Harlem. Aqui tive a sorte de poder viver dos dois lados da linha divisória entre o gueto e as áreas brancas - até lá, onde todas as casas brancas estão à venda.



1974 - Saratoga, NY

Posso entender muitas coisas sobre o racismo branco, mas até hoje é um mistério absoluto para mim por que esses brancos estão se afastando de tudo o que construíram e vêm a amar só porque uma família negra se muda para o bairro. Estes negros de melhor situação vivem à altura das exigências da classe média branca em todos os aspectos - um gramado bem cortado, uma sebe, rododendros. E isto é como o bairro continuaria a ser se os brancos não fugissem. Ao mesmo tempo, estes negros têm uma cultura muito mais americana do que a dos imigrantes europeus e asiáticos que aceitamos imediatamente em nosso chamado caldeirão de culturas. Quando eu vivia no lado branco da embaraçosa cerca do gueto de sinais de For Sale, quase ninguém podia oferecer qualquer lógica de mudança, exceto a errada sobre “valores de propriedade em declínio”, o que só acontece porque todos eles se esgotam de uma vez. Assim, experimentei isso como uma grande conspiração branca americana para impedir que os negros tivessem acesso ao caldeirão de culturas, idealizada através de várias formas de redlining ilegal pela Associação Nacional de Corretores de Imóveis.

Uma razão pela qual eu mesmo tive que fugir frequentemente para os subúrbios mais frios foi as temperaturas sufocantes do verão nos guetos revestidos de vermelho, ou melhor, de calor, com muito concreto e asfalto até 20 graus mais alto, como o NY Times tem comprovado desde então - em comparação com os bairros brancos cobertos de árvores de fato. Cada vez que saí, sentia que havia traído a subclasse negra. Pois quando, com nosso privilégio de brancos, fugimos para o que se torna bairros atraentes, os valores das casas e os bens aumentam, e podemos pedir emprestado contra nosso patrimônio para enviar nossos filhos a universidades caras para avançar ainda mais. Mas isto é riqueza roubada, pois neste processo causamos o colapso dos valores habitacionais dos negros nas áreas que transformamos em guetos, impedindo-os de contrair empréstimos garantidos por seus bens, tornando-os assim cada vez mais pobres. Através deste racismo aversivo, cada branco dos anos 70 se tornou seis vezes mais rico do que cada negro. O dinheiro se multiplica e, no ano 2000, teríamos nos tornado oito vezes mais ricos. Após os cortes fiscais dos anos Bush, 12 vezes mais ricos do que cada negro. E hoje, após a crise financeira - causada por nosso racismo quando concedíamos empréstimos subprime sem valor para as classes médias negras em dificuldades - nos tornamos 20 vezes mais ricos.



1991 - Freeman's quarter, Houston, TX

Do outro lado da cerca, eu experimentei cada branco que se movia como uma facada no coração dos negros. Os negros mais velhos faziam tudo para agradar aos brancos, mas os mais jovens eram muito mais sensíveis. A súbita sensação de estar para sempre fechado para fora da sociedade principal, retirando alguém da escada que leva ao “Sonho Americano” no exato momento em que você está mais próximo dele do que nunca - naturalmente desencadeia ressentimento. Às vezes violento. Nossa facada em seus corações transformará alguns desses jovens, que de outra forma se comportavam bem, em malfeitores, agitando o ódio pelos brancos remanescentes na margem do gueto, que então culpam a vítima e se movem.

Não estou lidando muito neste livro com os problemas da classe média, mas não pude deixar de ver uma ligação direta entre a violência que cometemos contra a dignidade e a auto-estima dessas pessoas nas fronteiras do gueto e a violência que experimentei nos guetos interiores, entre nossa facada branca all-American no coração da classe média negra e o assustador apunhalamento nas costas da classe baixa.

Vi a explosão da criminalidade negra nos anos 70 como resultado da raiva irracional causada por nossa traição branca e, portanto, não entendi por que ela declinou nos anos 90. Só então entendi como esta onda de crimes também foi causada pelo vôo dos brancos. Quando as grandes companhias petrolíferas colocaram chumbo no gás nos anos 40, estudos mostram que ele começou a afetar os cérebros das crianças em desenvolvimento, causando maior agressão e reduzindo o controle de impulsos quando elas se tornaram adolescentes. Isto afetou desproporcionalmente as crianças negras que tínhamos forçado a entrar em áreas pouco atraentes da cidade ao lado de rodovias e refinarias, como visto aqui na Filadélfia e na Quarta Ala em Houston, onde George Floyd cresceu. Além disso, as casas brancas deixadas a eles estavam cheias de chumbo venenoso. Muitas vezes eu via crianças parecendo incrivelmente burras (cérebro danificado) ou sentadas roendo em tubos de chumbo. E certamente eu vi essa geração agir através de crimes violentos “burros” inacreditáveis. Nos anos 70, os Estados Unidos começaram a eliminar gradualmente a gasolina com chumbo, e os recém-nascidos estavam constantemente expostos a menos chumbo - a razão pela qual o crime começou a cair dramaticamente 20 anos mais tarde.



1986 - Filadélfia, PA. Projeto ao lado da rodovia e da refinaria de petróleo ESSO

Assim, cheguei a entender que o gueto é uma continuação socialmente forçada do ambiente violento da escravidão de chattel. Quando esta violência branca internalizada está sob pressão direta do desemprego, que é especialmente grave em Detroit, ela explode em violência física. Assim como o número de divórcios negros flutua com o desemprego, o mesmo acontece com assassinatos e violência contra membros da família. Quase toda vez que voltei a Detroit, mais amigos negros meus tinham sido mortos. Esta carta aos meus pais, escrita durante meus primeiros meses na América, mostra como eu senti imediatamente o Golgotha-stab do racismo branco por trás do sangramento de um povo na cruz.



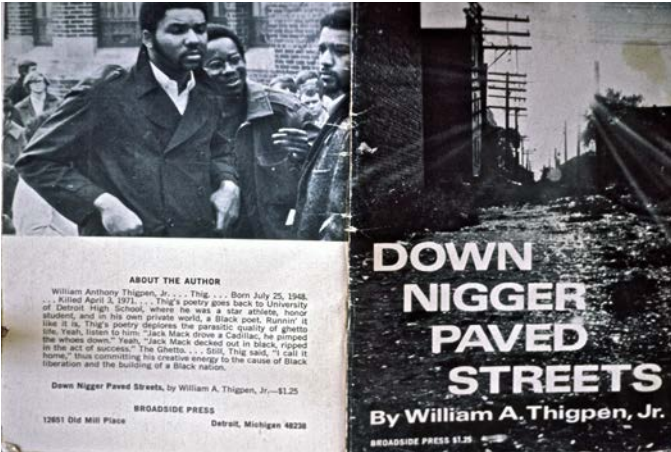
1971 - Alexandria, VA

# A Páscoa em Detroit

(ou São João 19, 31-37)

Queridos mamãe e papai, Esta é a Páscoa mais chocante que eu já vivi. Estou agora em Detroit, que é nada menos do que uma maré negra. No caminho de São Francisco, parei em Chicago para visitar Denia, a jovem escritora negra com quem vivi no Natal. Mesmo lá, os horrores começaram. Você se lembra das duas namoradas dela com quem eu e ela passamos tanto tempo? Ela me disse que uma delas, Theresia - aquela terna e quieta garota de dezenove anos - foi assassinada desde então. Ela provavelmente foi morta por alguém que ela conhecia, pois parece que ela abriu a porta para os assassinos. Ela foi encontrada por seu noivo, baleada e cortada com facas. Ela foi a segunda pessoa que eu conheci nos Estados Unidos que foi assassinada. Denia agora comprou uma arma e começou a praticar tiro ao alvo. Naquela noite em Chicago eu também vivenciei meu primeiro grande tiroteio, provavelmente entre policiais e criminosos. Estávamos em uma visita na Rua Mohawk quando, de repente, na escuridão, ela se desvaneceu lá embaixo. Tentei olhar para fora, mas Denia me puxou para longe da janela.

Bem, eu quase esqueci tudo isso, comparado com as coisas que aconteceram aqui em Detroit. Primeiro vivi com uma família de trabalhadores de automóveis abastados em um dos respeitáveis bairros negros no limite das sete milhas, bem lá fora, onde começam as áreas brancas. O filho deles me pegou e me convidou para casa - a terceira casa negra em que vivi. Gente linda. Na manhã da Páscoa me levaram para a igreja. Mas depois me mudei para o próprio gueto com três alunos, e desde então tem sido um pesadelo. Um dos primeiros dias em que estive aqui, Thigpen, a quem tinha acabado de ser apresentado, foi assassinado. Ele era uma pessoa fantástica, grande como um urso, e um poeta (estou enviando sua coleção, *Down Nigger Paved Streets*). Aparentemente, por nenhuma outra razão além de ter escrito um poema inofensivo sobre o narcotráfico na cidade, ele foi encontrado no outro dia executado por gângsteres do narcotráfico juntamente com dois de seus amigos. Eles foram amarrados e colocados no chão e baleados na parte de trás da cabeça. Mas o que mais me chocou foi a reação dos três com quem estou vivendo. Um deles, Jeff, conhecia Thigpen há anos e é fotografado com ele em um livro. Mas Jeff acabou de chegar calmamente com o jornal uma manhã dizendo: “Ei, você se lembra desse cara, Thigpen, você se encontrou no outro dia? Olha, eles também o levaram de volta”. Não causou maior impressão. É assim que eles reagem a toda a violência, que realmente está me afetando. Mas ainda assim, eles mesmos têm medo. Não sou só eu que estou tremendo de medo aqui. As noites são as piores. Estou começando a ficar realmente em baixo por causa da falta de sono. Jeff e os outros dois dormem lá em cima, enquanto eu fico na sala de estar. Todas as noites eles enfiam a geladeira na frente da porta e colocam algumas garrafas vazias em cima, de modo que qualquer tentativa de abrir



1971 - Detroit

a porta fará com que as garrafas caiam e as despertem. Uma noite o gato saltou sobre a geladeira e derrubou as garrafas com um estrondo, então eu atirei para cima, para os outros. Já estou nervoso e constantemente deitado ouvindo os passos do lado de fora (ninguém além de ladrões ousa ir a pé à noite em Detroit, até onde posso dizer daqui). De vez em quando, ouço tiros lá fora. Eu nunca tinha tremido antes, mas agora às vezes tenho a mesma sensação de geléia daquela noite em que fui assaltado em São Francisco. Meu batimento cardíaco sozinho é suficiente para me manter acordado.

Na verdade, eu realmente não pensei que tinha fechado os olhos uma vez durante toda a semana, até que de repente acordei de um pesadelo terrível. Quase nunca sonho agora quando estou viajando, mas naquela noite sonhei com um dia ensolarado quando tinha onze anos, deitado no chão da sala de estar em casa, no presbitério. Eu estava deitado lá comendo laranjas, me lembro, quando o noticiário de rádio anunciou o assassinato de Lumumba. Eu não entendia nada na época, mas ainda me lembro disso com vivacidade. Esta cena que agora vi claramente diante de mim no pesadelo, mas continuou mudando para outra cena em algum lugar na África, onde eu estava deitado no chão enquanto alguns africanos atiravam uma metralhadora atrás da outra em mim. Eu gritei para eles pararem, mas as balas continuavam a perfurar em mim, uma sensação terrível. Acordei para este verdadeiro pesadelo de Detroit, que agora de repente achei bastante pacífico em comparação, e um pouco mais tarde consegui dormir algumas horas.

Mas os pesadelos nem sempre acabam quando o dia quebra. Um dos primeiros dias que lá estive, aventurei-me nas ruas a pé. Mal tinha passado meia hora antes que um carro da polícia com dois policiais brancos parasse e eles me chamassem para o



1996 - Detroit

carro. Eu estava quase feliz de ver caras brancas novamente e fui até lá a pé. Eles pediram para ver minha identificação. Você está constantemente sendo parado assim quando caminha no gueto. Muitas vezes me pergunto que diferença há realmente entre estar no gueto aqui e ser negro na África do Sul, quando você deve mostrar constantemente seus documentos de identidade aos policiais brancos. Assim, quase automaticamente eu enfiei minha mão na bolsa do ombro para tirar meu passaporte. Imediatamente, as pistolas dos policiais saltaram para fora da minha cara: “Espere!” É uma experiência terrível estar olhando para o açaime de uma arma, e comeci a tremer de medo. Mas nada aconteceu, eles tinham medo que eu tivesse uma pistola em minha bolsa. Parecia um milagre que suas pistolas não tivessem disparado. Como as pessoas podem viver em um mundo em que têm tão pouca confiança umas nas outras? Eles me deram o aviso de sempre: “É melhor você mesmo ou deste bairro, depressa!” Eu tinha recuperado minha autoconfiança e respondi audaciosamente: “Eu vivo aqui!” Quanto mais tempo vivo aqui, mais olho para os brancos com os olhos dos negros, e não posso deixar de abrigar um ódio cada vez maior por eles.

É uma sensação estranha viver em uma cidade como Detroit, onde nunca se vê nada além de rostos negros ao seu redor. Pouco a pouco você passa por uma lenta mudança. Os rostos negros se tornam próximos e familiares, e portanto quentes, enquanto os rostos brancos parecem distantes e desconhecidos e portanto frios. Apesar de todos os horrores, eu certamente não tenho nenhum desejo de sair para os resíduos gelados e frios lá fora, onde o gueto pára. Portanto, provavelmente você pode entender o choque que sinto cada vez que ligo a TV e de repente não vejo nada além de rostos brancos. Sim, de uma forma estranha os rostos brancos se tornam uma parte substancial do pesadelo de Detroit. Pois não é apenas o crime que me mantém acordado durante a noite. É tanto a televisão quanto o rádio. Em todos os lugares dos

guetos de Detroit e Chicago é um hábito entre os negros deixar a televisão e o rádio ligados durante toda a noite para fazer os ladrões pensarem que você ainda está acordado. Outra coisa é que eles gradualmente se acostumaram tanto a dormir com a televisão e o rádio ligados que se tornou uma espécie de narcótico; muitos deles simplesmente não conseguem adormecer sem este barulho. Descobri isto um dia quando eu e Denia queríamos dormir uma soneca em Chicago e ela ligou automaticamente a TV para poder adormecer. É chocante o quão cedo algumas pessoas se tornam viciadas neste barulho-narcótico. Quando vivi com Orline, esta bela jovem mãe negra em Jackson, a 50 milhas de Detroit, descobri que era quase impossível para nós vivermos juntos. Quando fomos para a cama, ela sempre ligava o rádio. Eu então me deitei ali esperando que ela adormecesse, depois do que tentei lentamente diminuir o volume, pois de outra forma era absolutamente impossível para mim adormecer. Mas cada vez que baixei o volume até um certo nível, isso fez com que seus dois filhos, de dois e três anos de idade, acordassem e comesçassem a chorar, então eu tive que virar imediatamente, o volume novamente. Só pude tomá-lo por duas noites, depois das quais tive que me mover. Nós éramos simplesmente, como disse Orline “culturalmente incompatíveis”.



1973 - Jackson, MI - Orline e crianças





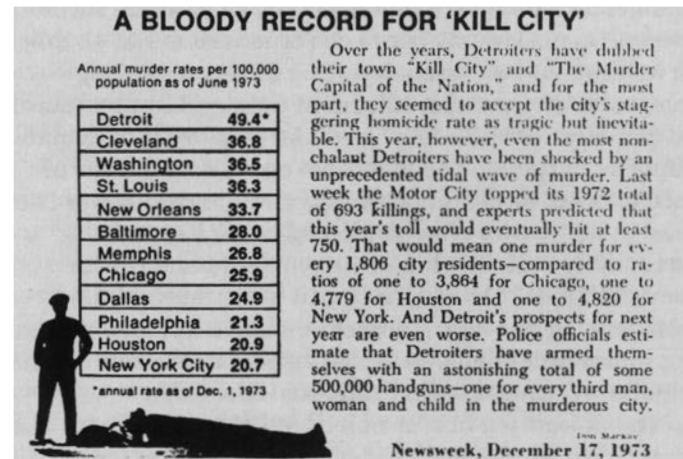
1974 - Detroit



1971 - Chris, Aaron e Jerry em Detroit



1972 - Detroit



Mas acho que há implicações aterrorizantes se tantos negros nos guetos urbanos forem igualmente dependentes deste barulho. Você simplesmente não pode imaginar na Dinamarca como a rádio americana é primitiva: a música boom-boom constante interrompida a cada dois minutos pelo que eles chamam de "mensagens". O tempo todo você ouve a mensagem soporífera: "Deixe a condução conosco". Tudo parece como uma grande conspiração branca contra os negros. Assim como bombardearam a população vietnamita do Sul em "vilas estratégicas" para fazer uma lavagem cerebral, também parece quase como se nos EUA eles tivessem forçado os negros a se afastarem das pequenas vilas para estes grandes campos de concentração psíquica, onde eles podem controlá-los melhor com a mídia de massa.

É incrível como, como resultado desta opressão, eles se conformam quase à letra com cada visão de seus opressores. No Sul você poderia ao menos pensar, mas aqui você é constantemente bombardeado com o que os outros querem que você pense - ou melhor, você é impedido de pensar. Toda esta música e barulho não sufoca a capacidade de desenvolvimento independente e intelectual de uma pessoa? É estranho que muitas destas pessoas pareçam zumbis, como elas mesmas brincam com o nome?

Os três com quem vivo são algumas das poucas pessoas politicamente ativas em Detroit. Jeff me deu alguns livros sobre Cuba que ele quer que eu leia. Mas é impossível para mim ler nestes arredores, com todo o barulho, nervosismo, tremor e medo de alguma coisa, embora você nem saiba o que é essa coisa. Jeff é um dos negros que tem viajado ilegalmente para Cuba através do Canadá. Ele me conta tantas coisas fantásticas sobre isso, e eu ouço, mas muito disso parece ser tão irrelevante neste ambiente cruel. Ele diz que Cuba é o primeiro lugar onde ele tem sido capaz de respirar livremente. Todos os cubanos estão armados, assim como aqui em Detroit, mas mesmo assim ele nunca teve medo em Cuba. A única coisa que o decepcionou foi que os negros cubanos ainda não têm penteados afro.

Jeff estava tão feliz em Cuba que tentou de tudo para evitar ser enviado de volta aos Estados Unidos, mas não lhe foi permitido ficar. Agora, após a viagem, ele teve problemas com

o FBI, que visitou seus pais duas vezes. Seu auxílio estudantil foi subitamente cortado e ele foi expulso da faculdade. Assim, ele se tornou taxista e anda pelo mundo dos seus sonhos lendo livros sobre Cuba no táxi. Um dia ele me disse, rindo, que "se aguentou" há algumas semanas. Como os taxistas estão sempre sendo assaltados, ele "roubou" 50 dólares de si mesmo, chamou a polícia e disse que o assaltante era negro, parecia assim e assim, e correu naquela direção. Então ele não precisou mais trabalhar naquele dia e foi até Belle Isle para ler seus livros sobre Cuba.

Infelizmente, ele não quer usar suas experiências para trabalhar politicamente aqui em Detroit; o sistema é tão maciço e opressivo que não adianta, diz ele. Por isso, agora ele está apenas trabalhando para voltar a Cuba. Ele quer, entretanto, ir a Washington em dois dias para se manifestar contra a guerra do Vietnã. Espera-se um milhão de pessoas. Iremos juntos para baixo. Mal posso esperar para sair deste inferno, e só espero que seja mais pacífico em Washington para que eu possa descansar um pouco. Mas eu tenho que voltar a Detroit. Assim como em Chicago, encontrei aqui pessoas tão calorosas que simplesmente não consigo entender sua bondade para comigo. Não consigo entender como duas cidades tão cruéis e opressivas podem conter pessoas tão excepcionais. Tem que ser possível para mim aprender a viver com o gueto, pois tenho que voltar para essas pessoas. Mas levarei muito tempo para me acostumar com as condições. Apenas uma viagem à loja da esquina à noite requer que levemos o carro. Jeff e os outros dois simplesmente não se atrevem a andar um quarteirão e meio!

Eu me lembrarei de Detroit como um passeio sem fim através de uma cidade fantasma, ao som do mais novo golpe negro do rádio do carro: "Pelo amor de Deus, dê mais poder ao povo", que está sendo batido na minha cabeça. E então a cada dia as mais novas estatísticas de assassinatos. Como é semana de Páscoa, apenas 26 pessoas foram assassinadas. Elas esperam chegar a 1.000 antes do Natal! Mais vidas são perdidas em um ano na guerra civil aqui do que em seis anos na Irlanda do Norte. No entanto, nos jornais, "cinco pessoas mortas na violência de ontem em Detroit" merecem apenas um aviso na página 18, enquanto as manchetes da primeira página decretam a perda de duas vidas na "trágica" guerra civil da Irlanda do Norte.



1971 - Philadelphia, PA

A propósito, os jornais dinamarqueses escreveram sobre a estigmatizada garota negra, que estava sangrando durante a Páscoa? De qualquer forma, espero que tenham tido uma Páscoa mais pacífica. *Com amor, Jacob.*

Os guetos americanos se estendem em cinturões grossos, com cinco a dez milhas de largura, ao redor dos distritos comerciais do centro, como visto aqui em Houston, onde os ricos vivem na cidade e os pobres nas favelas da periferia. A subclasse está sendo constantemente espremida e empurrada. A “remoção” urbana (como os negros a chamam) - supostamente em benefício da subclasse, é usada para se livrar, se concentrar ou esconder nossos indesejáveis. Isto é particularmente verdadeiro no Harlem histórico, de onde a maioria dos negros foi empurrada atualmente. Muitas vezes me fez chorar para ver como bairros históricos de “favela” de aparência européia estavam sendo arados por baixo e ficavam de pé, como aqui no gueto acolhedor e charmoso de Baltimore.

Empilhado, você se sente ainda mais confinado e, conseqüentemente, a criminalidade aumenta proporcionalmente com a altura destas favelas verticais. Na Filadélfia, as gangues de rua foram substituídas por gangues de piso que lutavam piso contra piso umas com as outras - isso poderia significar a morte para sair do elevador no piso errado. Mais de 100 membros de gangues de rua, com idades entre 12 e 17 anos, eram mortos lá todos os anos. Um deles era um vendedor ambulante local que ganhava a vida vendendo meu livro *American Pictures*. Eu tinha vários amigos que foram retidos à mão armada por crianças de 10 ou 11 anos que também atiravam com as submetralhadoras Uzi.



Ao dar-lhes uma sentença muitas vezes com o dobro da idade, nós brancos esperamos ter removido uma parte do gueto. Da mesma forma inútil, demolimos as casas do gueto sem remover as causas do gueto. Embora cinco em cada seis violações do código habitacional em favelas sejam comprovadamente da negligência dos proprietários e não de seus inquilinos desesperados, persiste o mito de que “as pessoas causam favelas”. Um par de senhores de favelas com quem vivi em enormes mansões fora das cidades foram certamente úteis na divulgação de tais idéias.

No entanto, tendo vivido durante anos naqueles antigos apartamentos degradados entregues aos pobres quando já estavam desgastados e esgotados, nunca testemunhei nenhuma destruição de inquilinos do tipo que cria uma favela: telhados vazando, pisos e escadas arqueados, canalizações defeituosas, canos de esgoto e fiação. Mas nunca esquecerei a dor e a angústia que passei com meus melhores amigos no gueto de Fillmore, Johari e Lance, quando sua filha morreu depois de cair por uma janela podre que seu senhor da favela havia se recusado durante anos a fazer cumprir o código. O funeral dela é visto no final do livro.



1973 - Baltimore



1973 - Baltimore



1974 - Philadelphia, PA



1975 - Richmond, VA

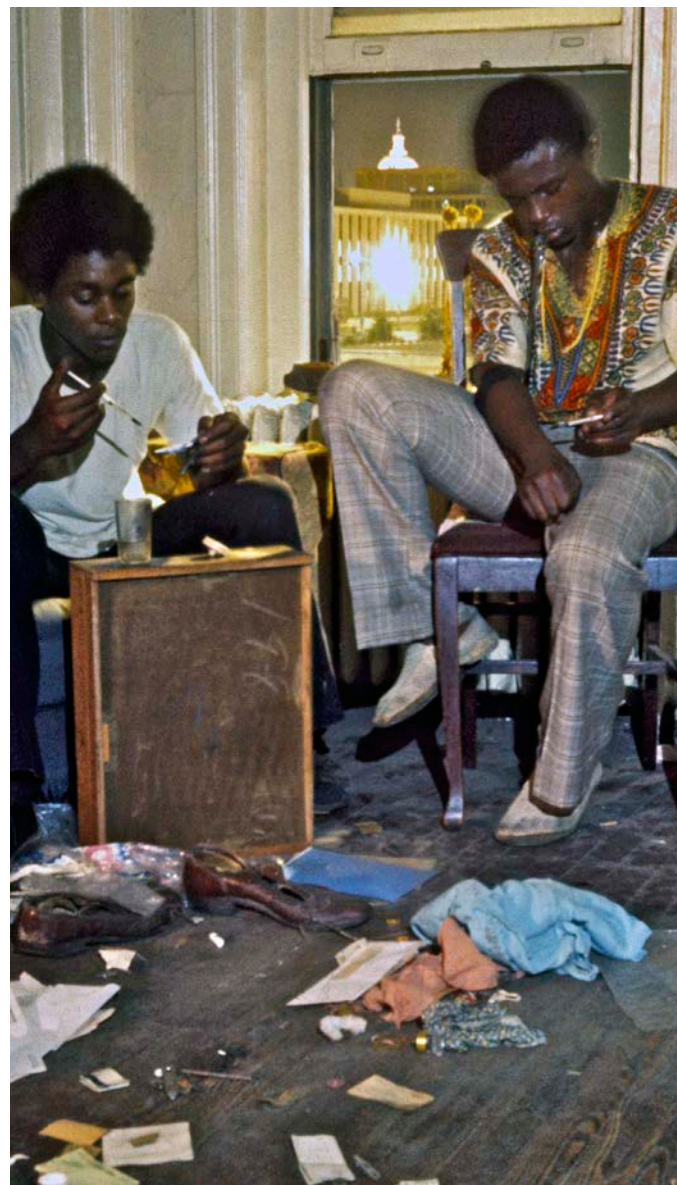


1973 - Lake Forest, IL

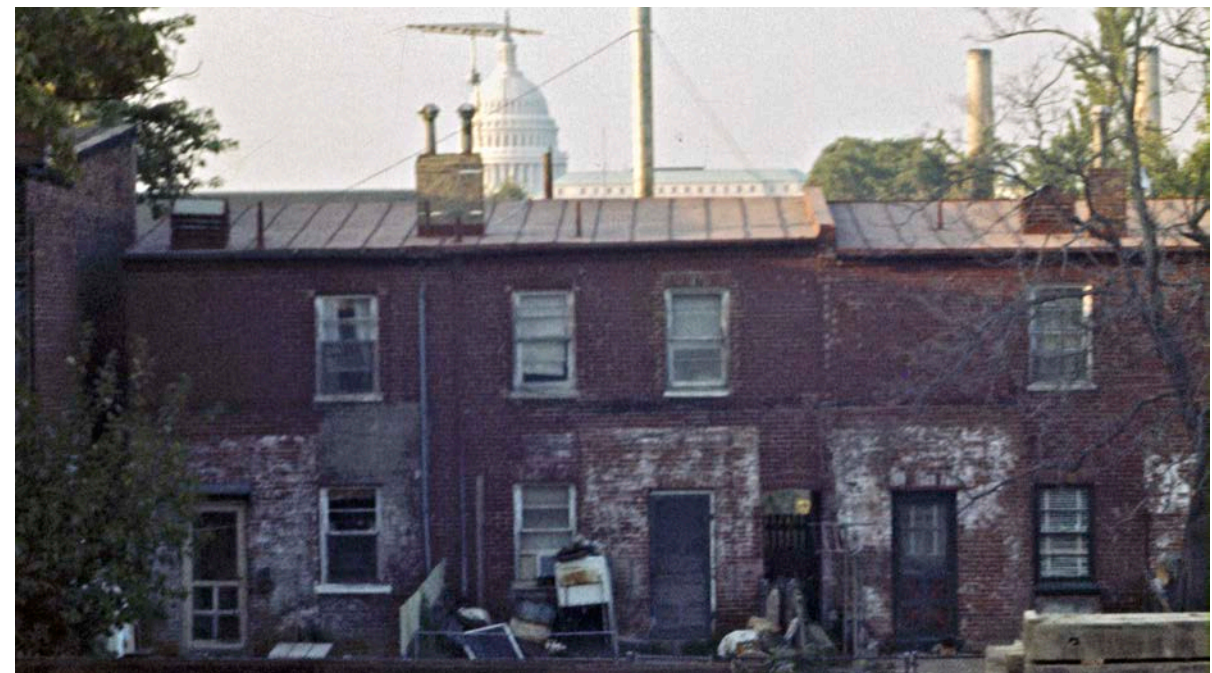
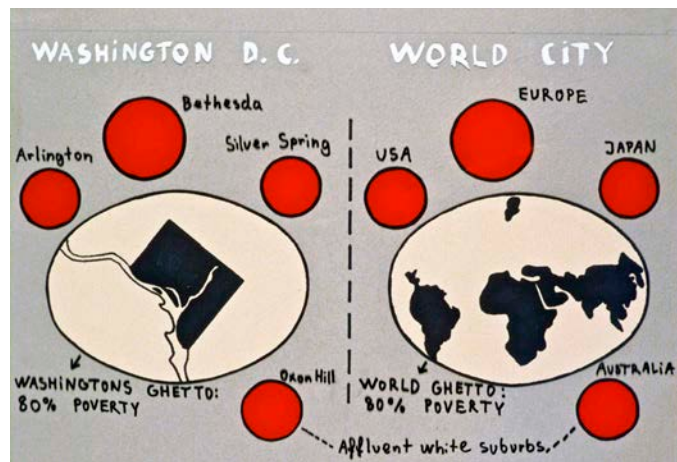
É um paradoxo que sempre procuramos a causa do gueto dentro do próprio gueto, quando está implícito no próprio conceito de “gueto” que as causas devem ser encontradas fora do gueto. Especialmente nos afluentes subúrbios brancos que circundam cada cidade. Aqui temos árvores, piscinas, e todas as oportunidades de prosperar no mundo. Vivemos fora dos limites da cidade para que nossos filhos não tenham que ir à escola com indesejáveis, e evitamos pagar impostos à cidade, embora obtenhamos nossa renda com isso. Assim, as cidades têm se tornado cada vez mais pobres. Uma cidade típica, como Washington DC, é semelhante, neste aspecto, à cidade em que todos vivemos - a cidade mundial. Os centros de ambas as cidades são 80% favelas habitadas por pessoas de cor, e ao seu redor colocamos os luxuosos subúrbios da Europa, EUA, Japão, China e Austrália. Os suburbanos possuem a maioria dos negócios dentro do gueto e trazem enormes lucros para casa, mas se recusam a pagar impostos para a cidade. Como o gueto do mundo, Washington está ficando cada vez mais pobre e precisamos enviar ajuda ao desenvolvimento para retribuir um pouco do que tomamos.

Embora o fluxo líquido de capital dos países pobres seja maior do que o que retornamos, a maioria de nós está convencida de que somos generosos e nos ressentimos com o aumento da raiva e do terrorismo contra o Ocidente no Terceiro Mundo. Nossa ignorância é freqüentemente expressa em nossa escolha de líderes, tais como Trump, que vai sozinho contra todas as outras nações, recusando-se a reconhecer a necessidade de pagar alguns dos enormes lucros de acordos comerciais desiguais, empréstimos, matérias-primas a preços baixos, destruição climática e paraísos fiscais.

Da mesma forma, somos incapazes de entender a raiva da Black Lives Matter de nossos guetos - não temos consciência da vida em nossa própria capital, logo fora de suas belas áreas turísticas de florescimento de cerejeiras. Durante minha primeira viagem nos anos 70, Washington, capital do país mais rico do mundo, foi tratada como um distrito de emergência da fome. Desde os anos 80, a cidade tem se assemelhado principalmente a uma zona de guerra civil, com guerras de drogas nas ruas inigualáveis fora do Terceiro Mundo. O crime que temos dos países pobres, especialmente na forma de terrorismo, há muito tempo se tornou comum em DC, que teve mais de 2.000% de roubos à mão armada por ano do que cidades similares na Europa. O número de assassinatos em Washington foi 50% maior do que em toda a Grã-Bretanha (como escrevi na edição de 1984 deste livro). Mas hoje, como as crianças de nossos párias na Europa começaram a crescer, o quadro está mudando. A Inglaterra já ultrapassou os Estados Unidos em roubos.



1973 - Washington DC



1973 - Washington DC

Um em cada dez habitantes em áreas negras da cidade era um viciado em drogas (como relatado um ano pelo Washington Post). Estes dois viciados, que me atacaram mas depois me convidaram para casa, vivem a apenas três quarteirões do Capitólio, cuja cúpula branca pode ser vista ao fundo. Embora os membros do Congresso não ousem ir a pé para suas casas depois do trabalho, eles continuam a aumentar as despesas militares em seu medo paranóico do resto do mundo enquanto fazem cortes nas dotações sociais. De que serve o colete à prova de balas quando a morte vem do coração? Um mês antes de viver com estes viciados, um policial foi baleado em seu corredor e uma mulher foi assassinada nesta mesma sala - o último vislumbre que ela teve deste bastião de democracia e liberdade.



1973 - Washington DC



1971 - Alexandria, VA



1974 - Elizabethtown, NC



1975 - "Food for thought" - San Francisco



1972 - NYC



1974 - Greenville, NC

Quando fechamos as pessoas em um gueto, nossa violência contra elas acaba se voltando contra nós. Ao compará-la com outro gueto - o gueto "cinza" dos velhos - entendi porque aqueles que confinamos acham impossível escapar. Também não há paredes visíveis ao redor do gueto cinza, mas a dependência dos idosos de migalhas dos ricos os aprisiona em uma psicologia de impotência que se assemelha à escravidão. Como na classe inferior, muitos idosos são deficientes que não conseguem manter bons empregos e não têm possibilidade de melhorar suas situações econômicas. O sentimento de não ter poder sobre sua própria vida, de ser totalmente dependente de esmolas dos ricos, faz parte da psicopatologia do gueto, criando em muitas mentes idosas figuras de autoridade parecidas com a psicologia negra "O Homem".

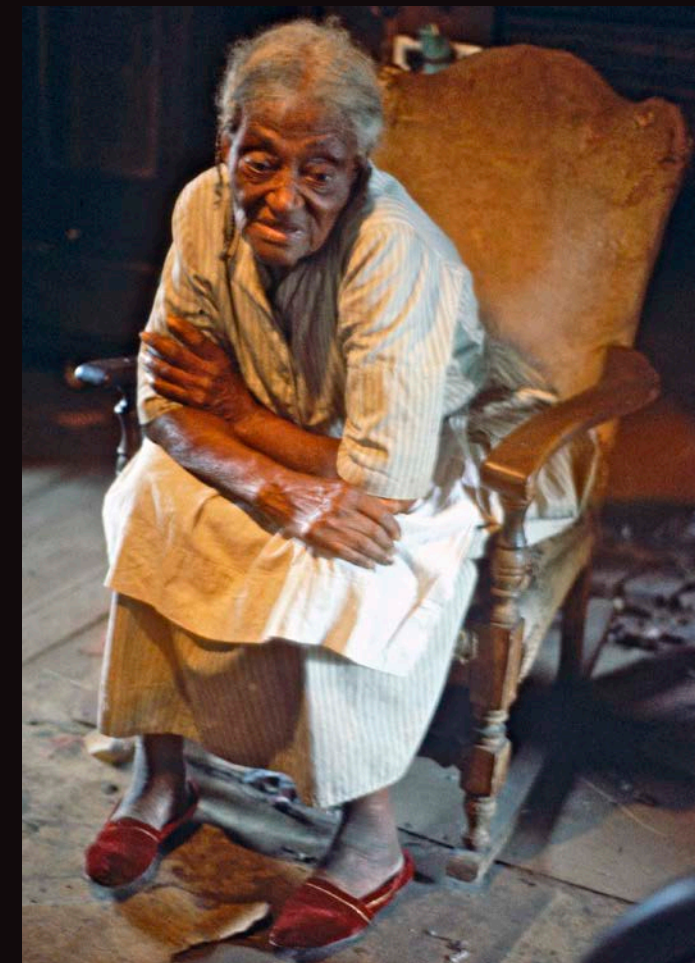
O gueto cinza está ligado aos nossos guetos negros e imigrantes, já que a pobreza força essas populações para os mesmos bairros onde os idosos são frequentemente tão discriminados e esquecidos pela sociedade quanto os negros em geral. Os idosos às vezes morrem de fome em suas casas porque têm medo de se aventurarem a comprar comida. Encontrei esta idosa, com o sinal de "sorriso" na janela, como a vizinha mais próxima do Congresso, o que a condenou a uma pensão 40% abaixo da linha oficial de pobreza. No Sul, conheci pessoas idosas que não conseguiam obter a previdência social. Milhares recebem menos do que o mínimo oficial de US\$ 1.400 por mês. Acostumado aos estados europeus de bem-estar social, com pessoal social e de saúde que visita as casas para cozinhar, limpar e fazer compras para os idosos ou doentes, achei ainda mais chocante a negligência dos idosos nos EUA.



1973 - "Smile" in Washington, DC



1973 - Baltimore



1978 - Waynesboro, GA



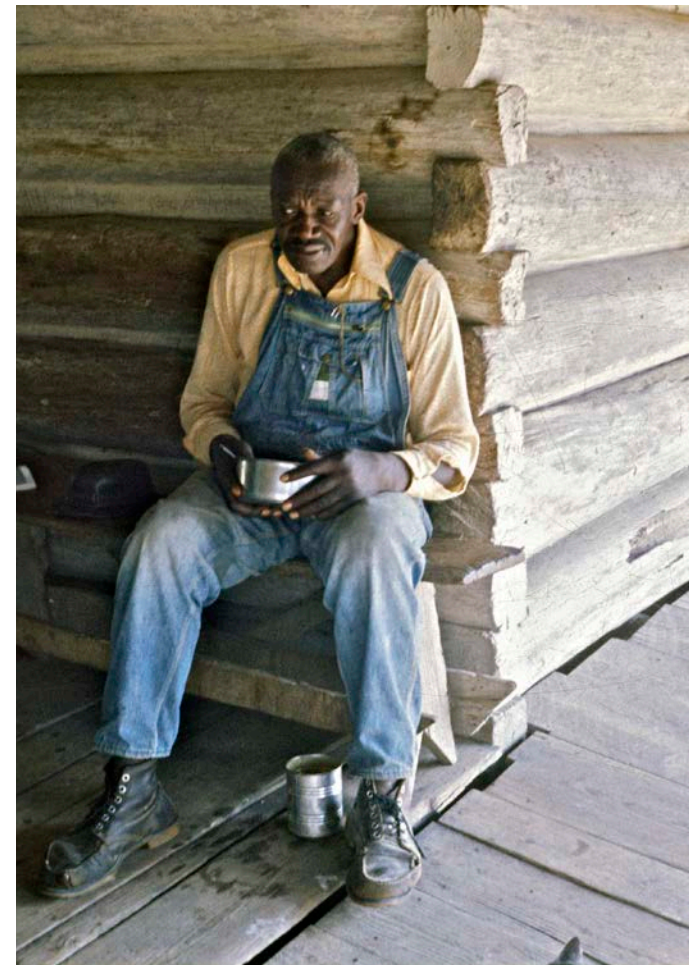
1974 - Washington, NC



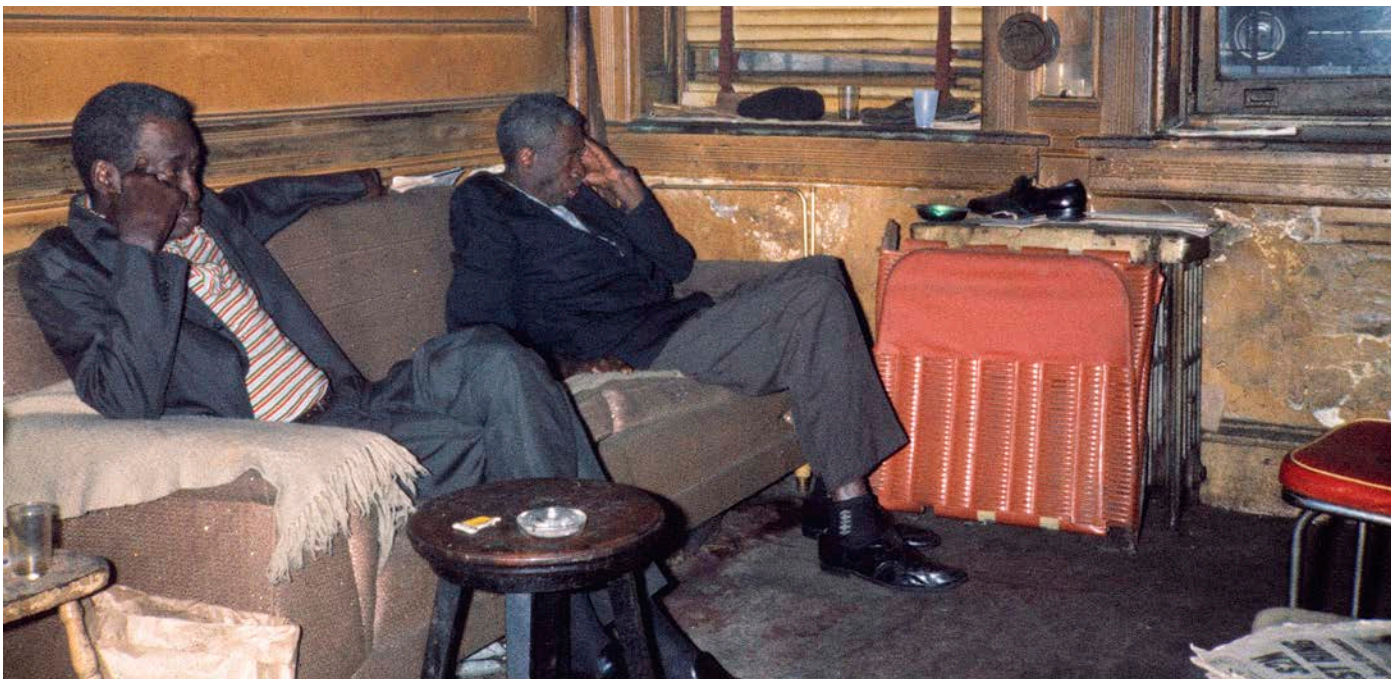
1974 - Norfolk, VA



1974 - Allendale County, SC



1975 - Notasulga, AL



1973 - Harlem, NY



1972 - NYC

Esta velha judia, que se tornou uma das minhas melhores amigas de Nova York, havia emigrado da Rússia antes da revolução. Sua esperança era que o Congresso lhe permitisse voltar à Rússia comunista para que ela pudesse viver seus últimos anos em “liberdade da fome e liberdade do medo”, como ela disse em 1972. Ela estava faminta, nunca comeu carne quando comeu, e era frequentemente assaltada. No entanto, ela tinha um profundo amor pelos negros de seu bairro. Com sua própria guetização e perseguição na Europa Oriental em viva memória, ela, como muitos judeus americanos, tinha um profundo compromisso com a luta negra e se sentia atormentada porque os negros tinham que sofrer como ela. A maioria dos brancos mortos durante o Movimento dos Direitos Civis eram na verdade judeus. Da mesma forma, a maioria das minhas palestras na América são organizadas por esta minoria, com sua visão dolorosamente adquirida sobre a opressão. Sua profunda solidariedade com outras pessoas oprimidas decorre de sua necessidade histórica de observar o acúmulo de dor entre outros grupos oprimidos. Essa dor tem sido tradicionalmente manipulada por governantes e usada contra os judeus. Tanto nos guetos negros americanos quanto nos castanhos dinamarqueses, essa dor se manifesta em um anti-semitismo esporádico entre pessoas que não se sentem amadas e respeitadas pela sociedade.



1974 - Tarboro, NC



1975 - Bullock County, AL



1975 - Waynesboro, GA



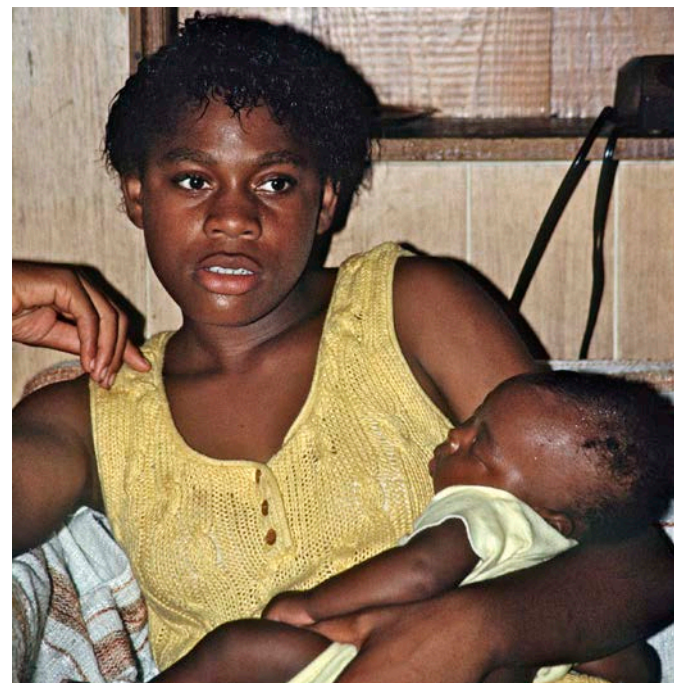
1975 - Notasulga, AL



1975 - Oakland, CA. Pantera Preta com foto de Huey Newton



1972 - Detroit



1992 - Burke County, GA



1990 - Robert Taylor Homes, Chicago



1978 - Augusta, GA

Os americanos são a favor de alguma segurança social na velhice, mas se recusam a criar uma rede de segurança como a que tomamos como garantida nos Estados-Providência Social da Europa. Onde o Estado de bem-estar respeita a dignidade do indivíduo, a “sociedade descartável” americana tenta deliberadamente destruí-la com uma rede de espões que se infiltram na privacidade de pessoas que estão no que os americanos ironicamente chamam de “bem-estar”. O sistema tem, historicamente, tentado destruir a família negra. A prática escravista de “vender” maridos e esposas e filhos uns dos outros continua, com o departamento de bem-estar social como mestre paternal e supervisor infernal e cruel. Muitos pais negros foram forçados a sair de casa para que suas esposas pudessem obter assistência graças a uma ordem do Congresso para cortar o bem-estar das mães se um homem estivesse presente. Milhões de mulheres vivem assim na solidão e na pobreza total, já que apenas uma em cada 20 famílias que recebem assistência inclui homens. No entanto, mais de 50% dos homens nesta subclasse estão desempregados.

Isto criou a negra “mãe do bem-estar”, que se distanciou muito longe de estar bem em um círculo vicioso de pobreza, dependência, medo e, especialmente, humilhação. Embora a maioria das pessoas da assistência social seja branca, os negros são culpados por receberem assistência por terem sido “promíscuos”. Uma carga incrível, pois foi minha clara observação, assim como a conclusão de vários estudos, que os brancos, entre seus outros privilégios, são muito mais “promíscuos” do que os negros.

A crueldade para essas mães estigmatizadas tem origem nos discursos históricos dos políticos sobre os “vadios do bem-estar”, discursos destinados a distrair os eleitores da forma como esses mesmos políticos distribuem bilhões em bem-estar aos bilionários pelo esgotamento do petróleo, subsídios do agronegócio, etc.

Eles criam um clima em que os pobres têm que correr o desafio de longas e elaboradas investigações e perseguições para obter suas poucas migalhas. Todo truque sádico é usado para desumanizá-los. Em muitos lugares, eles devem ficar na fila a partir das quatro horas da manhã, na geada ou na chuva, e depois esperar em um ambiente de campo de concentração o dia todo apenas para descobrir que “hoje não há mais casos sendo levados”. Se eles recebem dinheiro de amantes secretos, raramente se atrevem a gastá-lo em utensílios de cozinha para os espões do sistema estão constantemente verificando se há evidência de um homem. Uma nova torradeira ou ferro pode fazer com que seu escasso apoio seja tirado instantaneamente. Sempre que eu vivia com tais mães do bem-estar, tinha que me esconder debaixo da cama ou no armário sempre que os espões chegavam sem aviso prévio. Muitas mulheres nunca conheceram nenhuma outra existência e estão sendo lentamente destruídas por uma vida doméstica eterna, escravizadas por programas de TV estonteantes. Não creio que os americanos estejam realmente cientes de como são cruéis para essas pessoas, mas isso pode ser equiparado ao tratamento racista que nós, na Dinamarca, oferecemos a nossos refugiados e imigrantes. O “benefício introdutório” que o sistema lhes oferece está abaixo do mínimo de subsistência na Dinamarca de hoje. Ao contrário do generoso estado de bem-estar do passado, nos tornamos uma imagem espelho da sociedade descartável dos Estados Unidos, tentando tirar as pessoas do caminho como lixo. Nos Estados Unidos, é política expulsar as pessoas da sociedade, recusando ajuda àqueles cujos aluguéis são muito altos. Pelo menos os imigrantes em assistência introdutória na Dinamarca têm seu aluguel pago para ajudá-los a “se integrar melhor” (em uma sociedade que, da mesma forma, não quer se integrar com eles).



1974 - Greensboro, NC



1973 - Greensboro, NC - "A beleza e a besta" Sempre chamei esta foto de Baggie e Nixon durante seu escândalo Watergate



1974 - Jersey City, NJ



1974 - Jersey City, NJ

As mães americanas são geralmente colocadas em casas pobres especiais, muitas vezes perto de lixeiras ou auto-estradas barulhentas onde a terra é barata. Tal "moradia para os pobres" é o banimento oficial dos intocáveis. Cada cidade tem tais "projetos" desumanizadores, ostracizando as pessoas numa cultura pária tão destrutiva que, no final, elas se tornam inúteis para a sociedade. Ao sequestrar a mãe social, a população pode continuar culpando as vítimas sem nunca ter que ver que tipo de sofrimento está infligindo a elas.

Em tal isolamento e com a sensação de ser o lixo da sociedade, as crianças nos projetos são facilmente empurradas para o crime. Quando fiquei com Nell Hall [página 318], descobri que muitas vezes ela não ia ao escritório do bem-estar social ou fazia compras por medo de ter que caminhar pelo projeto no qual ela vivia. As crianças e os Estados Unidos são os perdedores, pois enquanto apenas 5% das crianças nos estados de bem-estar social da Europa crescem pobres, 21% das crianças americanas são agora tão malignamente afetadas pela pobreza que correm o risco de serem inúteis no mundo de alta tecnologia do futuro. Nenhuma sociedade que tenta competir na corrida pela globalização pode se dar ao luxo de perder tanto de seu potencial humano.



1992 - Burke County, GA





1974 - Jersey City, NJ



1974 - Charleston, SC



1974 - Charleston, SC



1974 - Jersey City, NJ



1972 - Baltimore

Aqueles que são apanhados no círculo vicioso da dependência e da patologia subclasse se voltam para o crime para sobreviver. Foi o caso do meu amigo Alphonso em Baltimore. Nos conhecemos quando ele e sua gangue de rua tentaram me roubar. A esposa de Alphonso tinha um emprego em uma cafeteria, o que deu à família cerca de 1/3 do salário mínimo dinamarquês. Na América há um submundo de milhões de trabalhadores de serviços que são impiedosamente explorados porque o Congresso não vai apoiar um salário mínimo decente. Assim, os EUA têm mais empregos de serviço doméstico do que qualquer outro país desenvolvido. Afonso e sua esposa se amavam muito e seus seis filhos, e isso o machucou imensamente por não ter conseguido encontrar um emprego para sustentar sua família. Foi meu primeiro ano na América, e me lembro como fiquei chocado ao saber que não havia ajuda disponível para eles.

Eu vim de um país onde recém-formados foram ajudados até que encontraram trabalho para não serem forçados ao crime. Fiquei, portanto, muito comovido porque, para sobreviver, Alphonso teve que roubar na rua.

Fui com ele para roubar sapatos para as crianças, e ele me apresentou ao submundo criminoso de Baltimore. Roubar lhe permitiu manter uma boa casa e até alugar um carro algumas vezes por ano para levar seus filhos a um piquenique. Quando voltei um ano depois, seus filhos estavam desanimados, mas não me disseram por quê. Descobri que Alphonso havia sido condenado a mais de seis anos de prisão. Ao visitá-lo na penitenciária, descobri que seu filho mais velho estava na prisão com ele. Quando a família perdeu de repente sua renda, o filho havia tentado um assalto a um banco.



1972 - Baltimore



1972 - Baltimore



1972 - Baltimore



1973 - Baltimore



1973 - Baltimore

Aqui está a esposa de Alphonso em visita à prisão. Durante os seis anos seguintes ela não pôde tocar seu marido e só pôde ouvi-lo através de telefones monitorados ruidosamente.

Milhares de casamentos negros foram dissolvidos desta forma. Assim, a sociedade moderna institucionalizou o legado da escravidão de chattel de destruir a família negra. Nos anos 80, Alphonso ganhou a vida como vendedor ambulante vendendo este livro com seu filho Nathaniel, retratado aqui (Nathaniel foi assassinado antes de se estabelecer comigo). Alphonso também estava envolvido em apresentações da American Pictures nas escolas, entretendo meus alunos da classe alta com histórias sobre a vida em um gueto que eles nunca haviam conhecido.



1975 - San Francisco



1973 - Baltimore



1973 - Liberty City, FL



1973 - Zebulon, NC. Hugh spent years after in Central Prison

Os brancos liberais tentaram constantemente explicar estes ataques econômicos contra a família negra. A família negra, de acordo com sua teoria, é instável e disfuncional porque os homens negros foram roubados de sua masculinidade “de volta à escravidão”, enquanto a mulher negra tornou-se dura e dominadora a fim de sobreviver. As mães negras criam seus filhos para repetir este padrão, resultando em uma população imprópria para o sucesso.

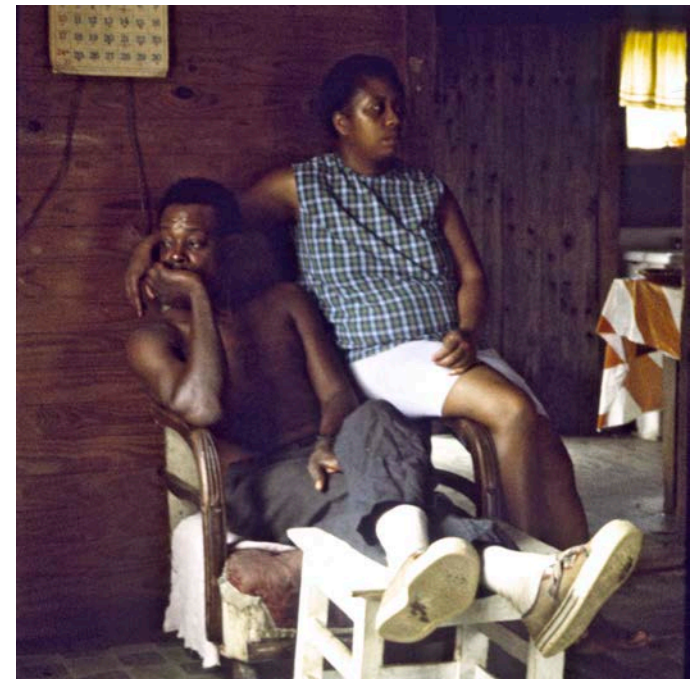
Quando os efeitos de nossa contínua opressão parecem “confirmar” este padrão, os oprimidos começam a acreditar nos mitos que inventamos para justificar nossa estrutura de poder. Nossas tentativas veladas de justificar a nós mesmos fazendo o homem do gueto parecer estúpido, inadequado e fraco são internalizadas por nossos marginalizados. O racismo internalizado resulta na falta de auto-apreciação, fazendo com que o homem de classe inferior invalide quase tudo o que ele faz, desista de programas de treinamento e educação e, finalmente, em frustração e defesa, rejeite sua identidade como ganha-pão - o que alimenta ainda mais nosso estereótipo racista.

O abismo crescente que criamos entre homens e mulheres no gueto nos distrai de um novo sistema mestre-escravo, no qual não precisamos mais do escravo. Não precisamos mais de negros na América ou de imigrantes na Europa como mão-de-obra não

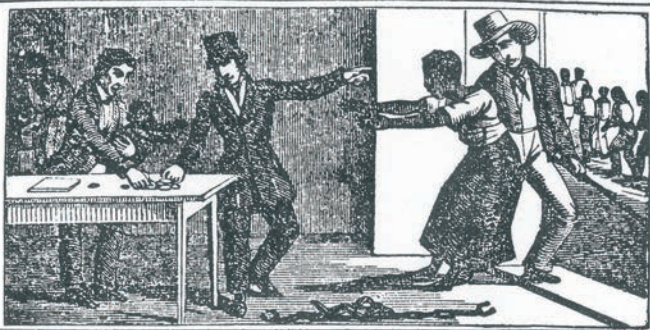
qualificada, uma vez que tais empregos na Nova Ordem Mundial agora pertencem aos países em desenvolvimento.

No entanto, em nossa xenofobia e resistência obstinada à ação afirmativa, fazemos tudo o que podemos para evitar que a classe inferior obtenha a educação superior necessária para se elevar acima desse nível.

Altamente preparados e motivados, nós, opressores de todo o mundo, roubamos os oprimidos da auto-estima, da motivação e do *fair play* - e depois gritamos se não pudermos também roubá-los de uma parte justa (*fair share*). Assim, conseguimos empurrá-los para fora da força de trabalho e até temos a audácia de acusá-los de buscar um último sustento desesperado como “vadios do bem-estar”. Em momentos em que não nos sentimos bem conosco mesmos, acho que todos nós nos enredamos nestas teias de insinceridade e pensamento racista negativo, exploradas infinitamente por políticos que se dizem cristãos. Quando vemos um cônjuge negro assassinado atrás do outro e a crescente violência conjugal entre nossos imigrantes na Dinamarca, vemos apenas a tragédia para os próprios oprimidos, e não o dano extensivo que nossa fixação mórbida na vítima faz à nossa própria psique. Esta mulher de 26 anos foi baleada por seu marido desempregado, mas não somos nós mesmos também cúmplices do assassinato?



1975 - Troy, AL



SELLING A MOTHER FROM HER CHILD.

“Do you often buy the wife without the husband?” “Yes, very often and frequently, too, they sell me the mother while they keep her children; have often known them take away the infant from its mother’s breasts.”

Embora a sociedade mestre-escrava tenha feito o máximo para nutrir uma imagem sexual ameaçadora do homem negro, também não poupamos esforços para continuar a desvalorização da mulher negra, que começou na escravidão de chattel. Provavelmente nenhuma outra nação deixou uma raça inteira de mulheres passar por séculos de estupro sistemático, às vezes diariamente, e mais tarde teve tanto sucesso em colocar a culpa sobre a própria vítima. Uma sociedade puritana fez de tudo para desumanizar e “quebrar” a mulher negra, açoitando-a e vendendo-a nua.

Para evitar sentir-se culpada por abusar dela até esse grau, depois do que a mulher branca a atacou por “seduzir” seu marido, é necessário desenvolver um enorme desdém por ela. Junto com os mitos negativos sobre sua moral solta e sua sexualidade “animal”, que sempre são criados em torno das vítimas de estupro, esta desvalorização sistemática da mulher negra deixou cicatrizes profundas.

Quando as mulheres negras na Faculdade de Direito de Harvard se opuseram às minhas fotos nuas, elas realizaram uma reunião para decidir se eu deveria usar essas fotos em um contexto americano.



1974 - Charleston, SC - As babás negras cuidam das crianças brancas.



1975 - Filadélfia; MS. Leonora; filha de uma amiga da escola de minha ex-mulher

Ao contrário das brancas, elas achavam que eu não estava explorando sexualmente as pobres mulheres negras que, apesar da intensa pressão dos colegas, tinham tido a coragem de me abrigar como um vagabundo. Elas sabiam muito bem que as mulheres negras americanas, ao contrário do que vi mais tarde na África, desenvolveram poderosos mecanismos de defesa contra os homens brancos em resposta a séculos de abusos. Foi decidido que eu poderia usar as imagens se eu deixasse isso claro para os brancos. O mal-estar dessas mulheres, que mais tarde se tornaram advogadas e políticas de sucesso, foi um resultado direto de terem interiorizado ideais de beleza branca a tal ponto que associaram tudo negativo e feio à nudez negra ou, como os racistas brancos, as reduziram a imagens sexuais.

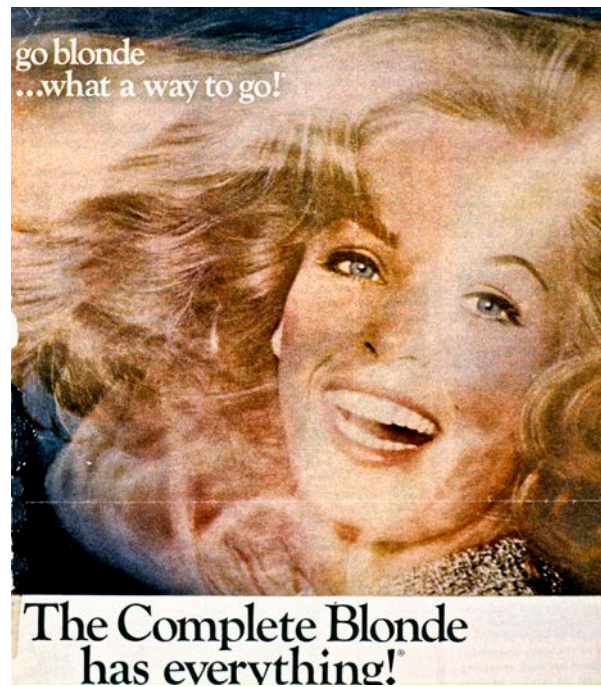
Uma sociedade sexista sempre disse às mulheres negras que negassem seu lado feminino. Uma mulher negra tinha que ser escrava em casa por uma mulher branca, que, por sua vez, era cultivada como algo sublime. A principal tarefa da mulher negra era, muitas vezes, criar crianças brancas. Não havia tempo para seus próprios filhos, que ela tinha que disciplinar severamente para permitir que sobrevivessem a uma sociedade racista. Por causa de nossa culpa de separar as crianças negras de suas mães no bloco de leilão e de coagir babás que se dedicavam às crianças brancas, estereotipamos a mulher negra como excessivamente forte, capaz de suportar a dor a ponto de ser desumana (uma imagem realçada ao ver a vítima criar seus próprios filhos com dureza). No entanto, não acho a educação mais dura do que entre as pessoas guetizadas de outros países, por exemplo, a Dinamarca.



1973 - Hartford, CT - Minha namorada Leslie

O culto secular da chamada feminilidade branca pura continua na propaganda da publicidade branca, que tem um tremendo impacto negativo sobre a mulher de cor (para não mencionar a mulher religiosamente coberta). Sempre lhe foi dito que a pele branca e os cabelos lisos são lindos.

Para mitigar os danos psicológicos ou para “passar” para as mulheres brancas e negras começaram a usar creme clareador de pele e processos complicados e dolorosos de alisar o cabelo. Seus filhos, que passam por torturas semelhantes, argumentam que se eles têm que suportar tanta dor para se tornarem aceitáveis, eles devem ter sido realmente feios para começar. Mais uma vez, internalizando nosso pensamento racista, eles se culpam e se atormentam incessantemente por terem a pele escura.



1990 - Chicago



1971 - Baltimore



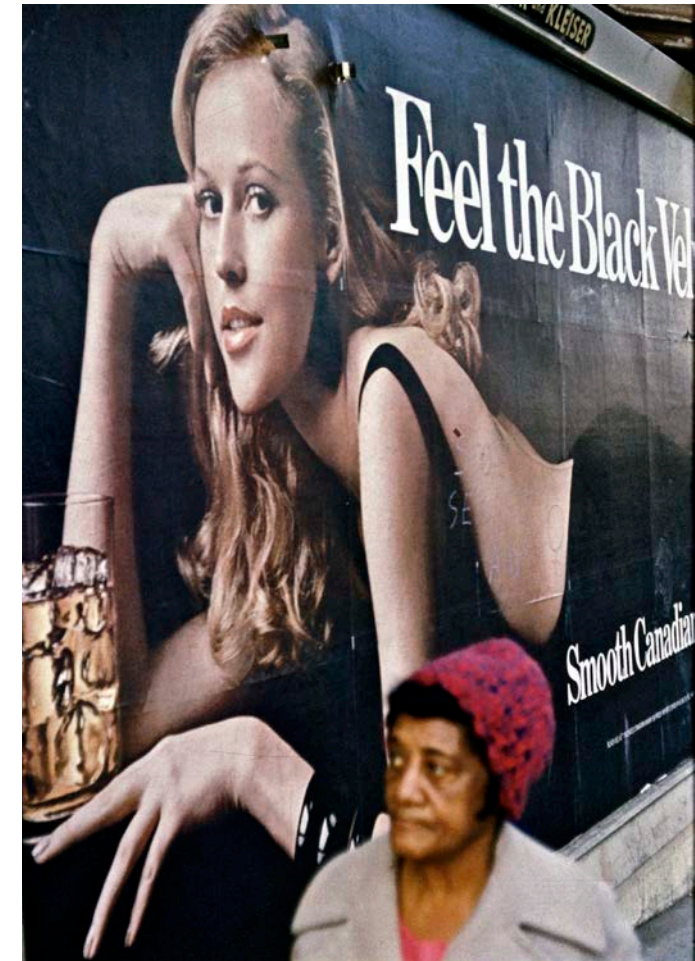
1974 - Tarboro, NC



1974 - Astoria, Queens, NY



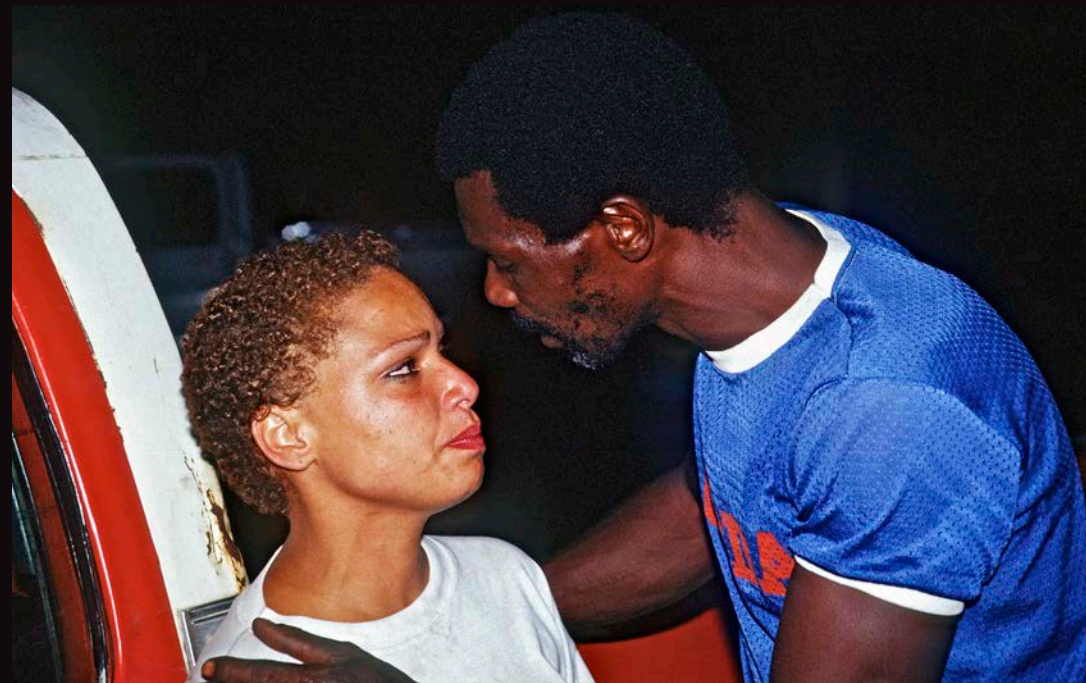
1975 - Seattle



1975 - San Francisco



1974 - Astoria, Queens, NY



1992 - Bullock County, AL

Além do efeito negativo sobre a auto-imagem das mulheres de cor, estes ideais de beleza branca podem ter um impacto devastador sobre a família. As brigas que ouço com tanta frequência em lares de classe inferior me levam a acreditar que a visão masculina negra das mulheres tem sido profundamente influenciada pelo ideal social branco. O que mais me deprime não é que quase 70% das famílias negras agora tenham apenas um pai, mas o que vejo em famílias que ainda estão intactas. Nada é mais doloroso do que ouvir nosso pensamento branco profundamente enraizado: “Você não é merda, negro” ou “cabra feia” -eço em brigas entre estes infelizes parceiros impotentes, e ver as crianças internalizarem isso como “Eu sou pior do que merda”! O aspecto assustador dos homens do gueto constantemente “batendo em” “suas” mulheres desvalorizadas pode ser visto nas estatísticas: 1/3 de todos os assassinatos de mulheres nos EUA são cometidos por negros, que constituem apenas 13% da população.



1995 - Pahokee, FL



2003 - Philadelphia, MS



1996 - Selma, AL

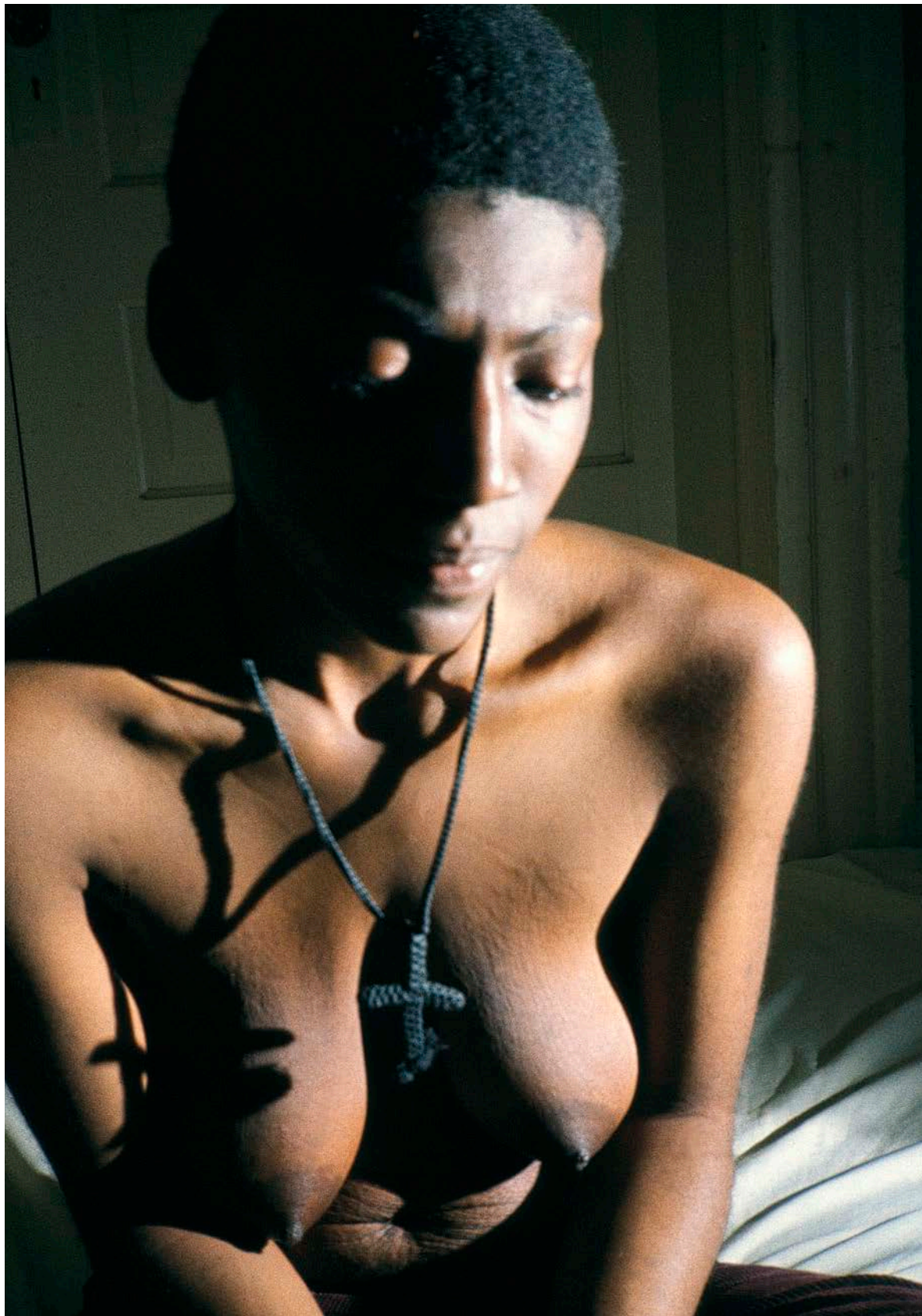


1975 - San Francisco



1974 - NYC

A violência contra as mulheres é terrivelmente alta em todo o mundo. O fato de ser apenas 35% mais elevada nos EUA para negras do que para brancas pode, infelizmente, refletir a maior ausência de homens negros empregados. Na Dinamarca, a violência contra as mulheres imigrantes está crescendo de forma explosiva e agora representa 42% das mulheres em abrigos. Também neste caso, nós desviamos a responsabilidade de nós mesmas, atribuindo os números às culturas misóginas de onde elas vieram, em vez de nossa marginalização delas. Esquecemos que ao distanciá-las ou ostracizá-las de nossa vida social, nos comportamos como os brancos americanos em relação aos negros - com o mesmo resultado: Nossas vítimas se fecham sobre si mesmas e são mantidas em culturas das quais eles esperavam escapar. A violência que cometemos contra os jovens por não fazê-los se sentirem em casa em nenhuma das culturas acaba voltando para nós.



1974 - Jacksonville, FL

## Luke 7, 36-50

A única vez que consegui dissuadir alguém de um assalto foi através de uma estranha combinação de circunstâncias em Greensboro, na Carolina do Norte. Eu vivia com um assistente social negro, Tony, cujo pai possuía um dos piores bares do gueto negro. Eu costumava passar a noite no bar. Uma noite, conheci lá duas jovens negras do tipo criminoso e decidimos que eu deveria ir para casa com elas. Primeiro roubamos um pouco de vinho em uma loja e corremos direto para um táxi de espera. Quando estávamos no banco de trás e tínhamos começado, perguntei-lhes como tinham tendência a pagar o táxi, pois eu sabia que não tinham dinheiro. “Não se preocupe”, disseram eles, “apenas espere”. Vamos cuidar disso. Quando chegarmos lá, vamos simplesmente derrubá-lo e levar todo o seu dinheiro”. Isto me pegou um pouco de surpresa já que eu nunca havia tentado assaltar um taxista antes, mas fiquei calado, o que é uma das primeiras coisas que aprendi a fazer na América.

De repente, o motorista negro se virou para perguntar algo, e eu percebi que o conhecia. Ele era o avô da assistente social, que era dono da maior empresa de táxis negros da cidade. Raramente tomo as coisas nas minhas próprias mãos na América, mas certamente o fiz na época. Eu gritei “Pare!” ao motorista e disse que ele poderia obter a tarifa no dia seguinte através de seu neto. Então eu rasguei a bolsa com a arma nas mãos de uma mulher e empurrei as duas para fora da porta do carro, enquanto elas se abriam para mim, assim como o motorista de táxi. Na rua, gritei para eles: “Aquele era o avô do Tony, seus idiotas”. Embora eles conhecessem o Tony, este fato naturalmente não os teria impedido, mas quando eles estavam fora do carro e o táxi tinha saído, eles não tinham pelo menos nenhuma chance de machucá-lo.

Muitas vezes a brutalidade de tais mulheres me chocava. Eu as via, uma e outra vez, fazer as coisas mais revoltantes tanto para homens quanto para mulheres. Por essa mesma razão, foi uma experiência tão esmagadora quando uma relação entre nós podia surgir, e eu tive a oportunidade de vislumbrar a calorosa humanidade sob a dura concha de malícia e traição que este violento sistema lhes havia dado. Os seres humanos que são escravizados a tal ponto pela violência acarinham um profundo desejo de liberdade e uma maneira mais humana de lidar uns com os outros. Mas este anseio nunca é capaz de florescer, pois é constantemente sufocado pelas respostas violentas que encontra dos outros prisioneiros do gueto. Este anseio nunca faz contato com os brancos ou com os negros mais ricos com sua “cultura”, uma vez que estes tipos “cultos” têm apenas desprezo pela cultura do gueto - um desprezo que é constantemente sentido e percebido no gueto, e que me parece ser diretamente responsável por o gueto se tornar cada vez mais violento. Essa ternura que tantas vezes encontrei em nossas relações, que tão facilmente poderiam ter se enraizado sob um sistema social mais humano,

teve um efeito tão inexpressivamente forte e doloroso sobre mim precisamente porque eu vi repetidamente como o sistema tornou mais natural para essas mulheres se comportarem num padrão de malícia do que de ternura.

Em outra noite em Jacksonville, Flórida, eu havia conhecido uma simpática mulher negra que prometeu me encontrar um lugar para ficar. Fomos ver sua amiga que era prostituta, mas ela estava tendo problemas com seu namorado, por isso não podíamos ficar lá. Passeamos a noite toda tentando esta possibilidade e aquela. A prostituta ficou cada vez mais interessada em tentar nos arranjar um lugar para ficar. Os dois então concordaram que ela deveria “fazer um truque” com um taxista branco enquanto eu esperava sentada em um café.

Depois de um tempo eles vieram correndo, parecendo muito chateados, e disseram que eu deveria vir rápido. Conseguimos um quarto em um motel e descobri que eles tinham muito mais do que os dez dólares que você normalmente recebe por um “broche” na rua. Perguntei a eles como conseguiram, mas eles não me responderam. Só mais tarde eles me falaram sobre isso. Descobri que um deles tinha atraído o homem branco para um beco escuro, onde ela fez o “trabalho”. Mas de repente ela havia agarrado um grande tijolo ao seu lado e batido com o homem na cabeça. Como ele não caiu imediatamente inconsciente, ela havia pegado um tubo de aço e batido na cabeça dele uma e outra vez até que aparentemente, ele estava morto. Então ela pegou a carteira dele e correu de volta para a outra mulher, que tinha ficado ao fundo assistindo a tudo. A coisa era que ela sentira que mais valia tomar uma dose maior que os dez dólares para poder aproveitar a noite com uma dose de heroína. Mas como nós três estávamos deitados em uma cama de casal no motel, eles estavam obviamente angustiados; afinal, ambos eram muito religiosos. Durante várias horas eles rezaram: “Oh Deus, Deus, por favor, não o deixe morrer!” Era uma oração nervosa e gaguejante, entre tentativas de encontrar uma veia para atirar para dentro.

Na manhã seguinte, eles já haviam esquecido tudo. Eles se preocupavam mais em ter adormecido demais para chegar atrasados à igreja, onde deveriam estar cantando no coro.

*Carta a um amigo*



1973 - Baltimore

Assim, aleijamos a subclasse, excluimo-la, estereotipamo-la, degradamo-la - tudo para evitar a dor de enfrentar nossa própria criação de Caim e as lágrimas que se abrem no delicado tecido de nosso poder e segurança da classe média.

Embora as barreiras de discriminação que construímos, por medo de nossos marginalizados, só possam ser mantidas porque estes párias raramente têm o poder de ameaçar alguém, exceto uns aos outros, o gueto ainda nos deixa desconfortáveis e ansiosos.

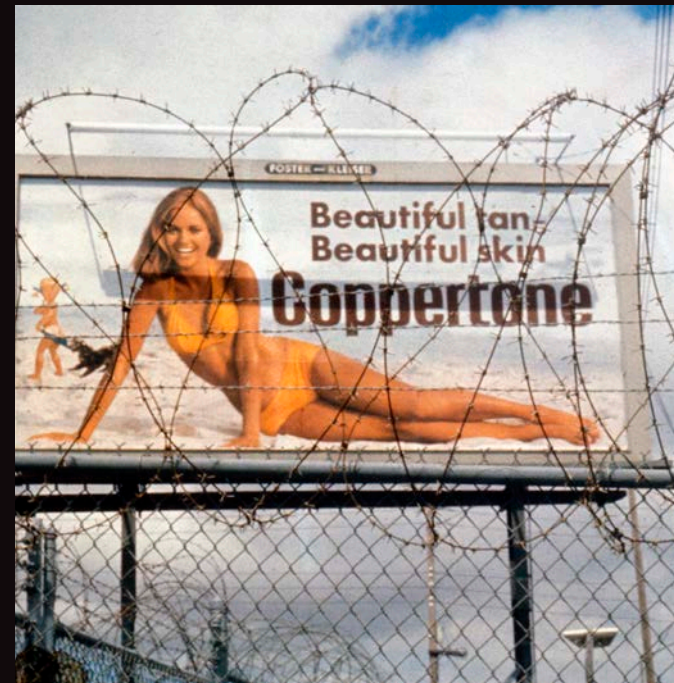
E por isso preferimos olhar o mendigo de cima, pagando nossa consciência em dinheiro. A maioria de nós ficou tão aleijada pelo padrão de opressão que criamos que não conseguimos sentar com ele na rua e ouvir como nós, no Ocidente, outrora o usávamos para construir nossa riqueza, e ouvi-lo sobre como mais tarde precisávamos dele quando o enviamos à Coréia, Vietnã, Iraque e Afeganistão para lutar pelo que chamávamos de liberdade.

Ousamos olhá-lo nos olhos enquanto ele explica o que perdeu nesta luta por nossa liberdade? A liberdade de tornar as pessoas de cor no exterior tão dependentes como ele... a liberdade de nos dar a embriaguez do poder e a auto-satisfação que surgem de nossos programas de ajuda externa ou de programas federais de pobreza... a liberdade paternalista que ele sofrerá pelo resto de sua vida... a liberdade com a qual bombardeamos diariamente os pobres do mundo sem deixá-los desfrutar de seus bens... a liberdade de esquecer nosso semelhante enquanto o tiranizamos.

*Du kannst sie bekommen, wenn du wirklich willst!  
Aber du musst es versuchen, versuc*



1973 - Baltimore



1974 - Oakland, CA



1975 - Las Vegas, NV

*Você pode obtê-lo se realmente quiser!  
Mas você deve tentar, tentar e tentar.  
Finalmente você conseguirá.  
Perseguição que você deve suportar,  
ganhar ou perder, você tem que receber sua parte  
mas sua mente se fixou em um sonho  
quanto mais difícil parece agora.  
Você pode consegui-lo se' realmente quiser.  
Roma não foi construída em um dia,  
A oposição virá em seu caminho,  
mas quanto mais dura a batalha, mais difícil parece,  
mais doce a vitória.  
Você pode consegui-la se realmente quiser,  
mas você deve tentar, tentar e tentar,  
você terá finalmente sucesso...*



1973 - Baltimore







1974 - Apopka, FL

Quando viajei pelos campos de escravos da Flórida, descobri uma grande diferença no grau em que este terror psicológico oprimiu a mente em diferentes países. Um dos campos continha apenas negros da Jamaica, que me surpreenderam, por exemplo, por manter seus campos limpos, enquanto os americanos jogavam lixo em todos os campos.

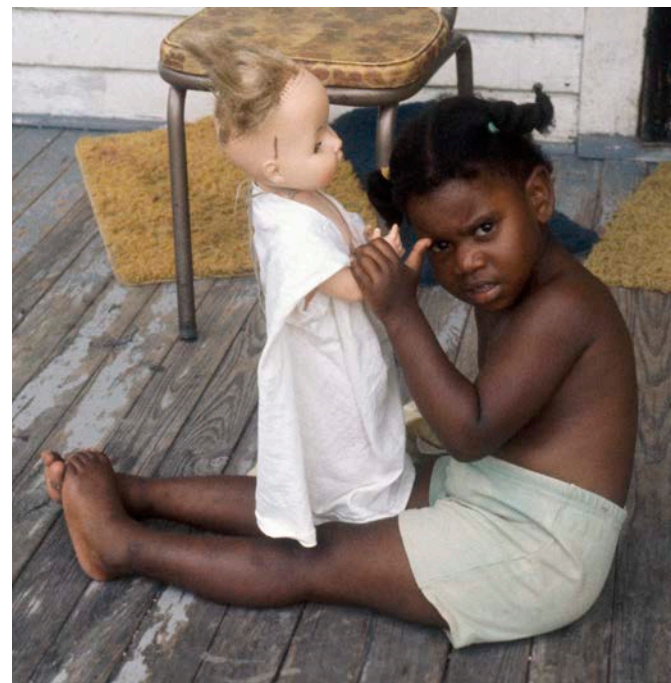
Estudiosos liberais explicam estas diferenças de caráter, voltando à escravidão tagarela. Os negros na América Latina e nas Índias Ocidentais estão mais integrados na sociedade de hoje porque a forma latina de escravidão era feudalista e, em sua natureza, aberta. A igreja protegia as famílias escravas de serem separadas e havia mobilidade e liberdade para cima. Na América, por outro lado, a escravidão era capitalista: até mesmo a igreja definiu o escravo como um item de venda, e não havia possibilidade de fuga psicológica. O tipo capitalista de escravidão era um sistema fechado, enquanto o tipo feudal era um sistema aberto e, portanto, não tão destrutivo para a mente. A escravidão nos EUA foi comparada com os campos de concentração alemães, onde era possível estudar o efeito de um sistema totalmente fechado sobre os seres humanos. Diários escritos em campos de concentração por intelectuais mostram como, em pouco tempo, eles foram degradados ao status subumano e começaram a desenvolver uma psique muito parecida com a de um escravo médio nos Estados Unidos, incluindo uma atitude quase amorosa para com os guardas do campo (ou, em qualquer caso, sem ódio direto), o que levou à demissão total e a um senso de irresponsabilidade e infantilismo em muitos prisioneiros.

Por mais tentadoras que tais teorias sejam para os liberais que tentam explicar o caráter separado do gueto americano, eles mais uma vez transferem a culpa para algo que aconteceu há mais de cem anos.

Indiretamente, eles estão dizendo que o caráter que os negros receberam “de volta à escravidão” torna impossível “para nós” integrá-los à sociedade branca (ou mainstream). A vítima está sendo novamente culpada por não ter sido integrada. Tais características distintas mostram, pelo contrário, que a escravidão está viva e bem hoje. Pois características de caráter não são herdadas através de gerações, como podemos ver nos imigrantes negros da Índia Ocidental que também viveram na escravidão, mas com os quais normalmente não temos problemas de integração. Portanto, se os negros “nossos” negros de origem na América parecem ter um caráter diferente, é uma prova chocante de que ainda estamos confinados e moldando nossos cidadãos indesejados em um sistema fechado.



1974 - Harlem, NY



1974 - Morehead City, NC

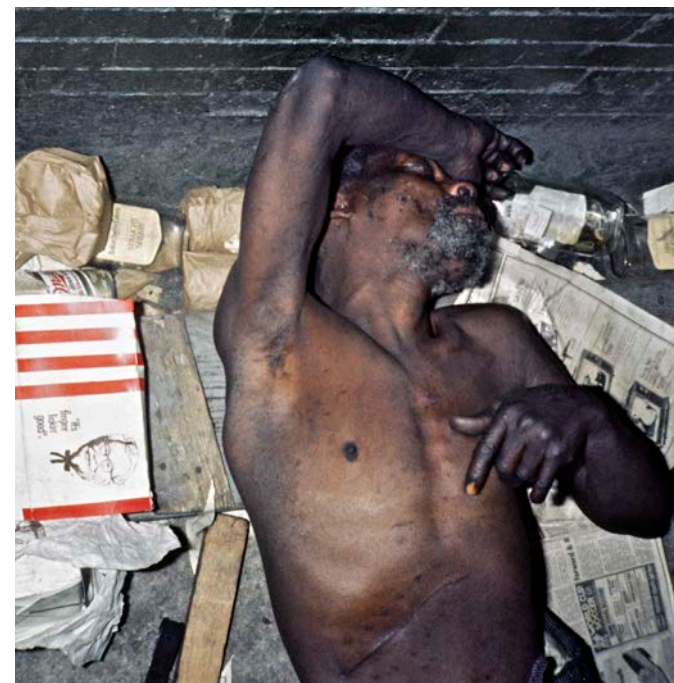


1974 - New Bern, NC



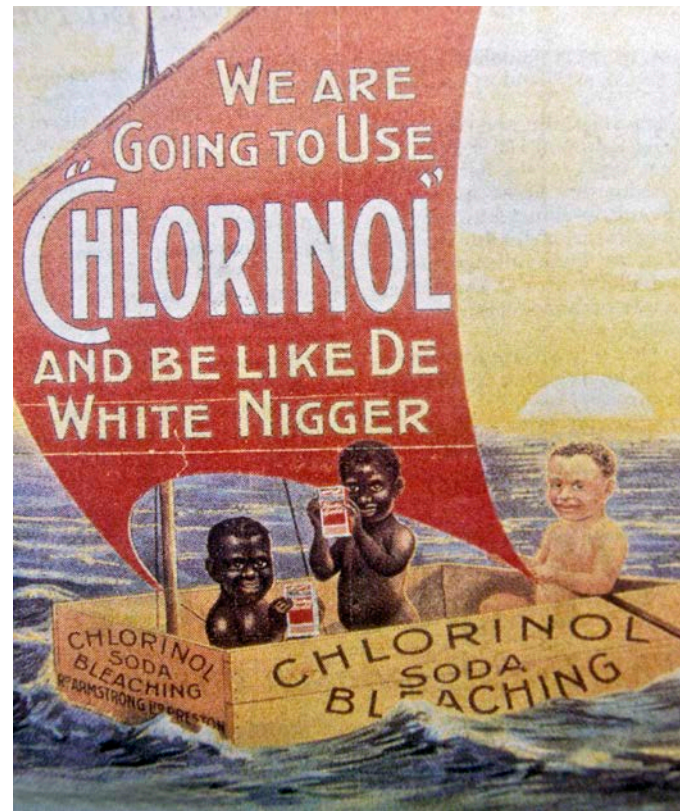
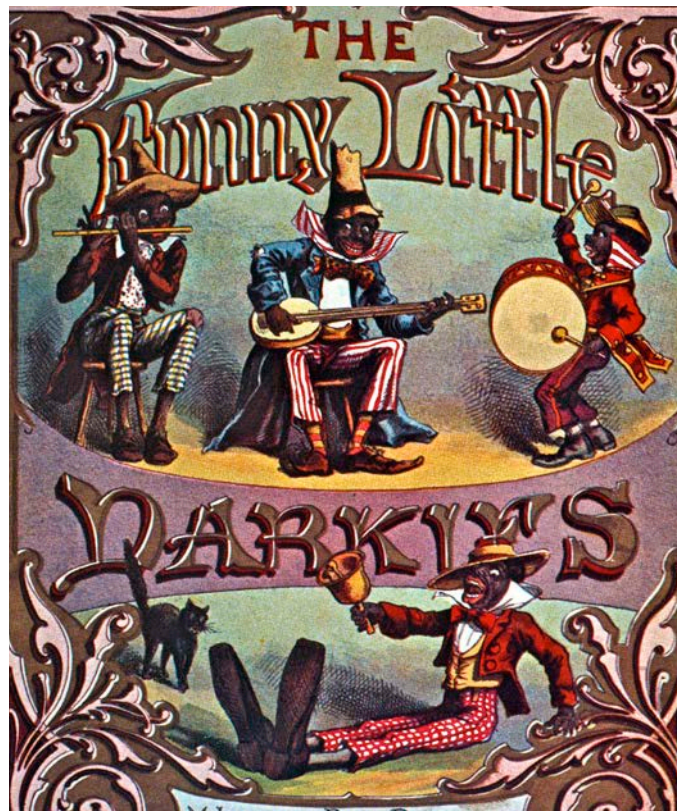
A paralisação da mente das crianças de baixa classe sempre me surpreendeu até que tomei conhecimento do sistema fechado do gueto. A maioria das crianças negras que conheço é cheia de entusiasmo pela vida. Mas mais tarde elas se deprimem facilmente e se retiram para dentro de uma concha como se quisessem se proteger de nosso pensamento opressor que tudo permeia sobre elas. Muito cedo elas adquirem nossas expectativas negativas a respeito delas e, a partir da quarta série, começam a perder a fé em si mesmas, em suas habilidades e em seu futuro. Eles se tornam tão conscientes do sistema fechado que perdem a motivação e ficam atrás dos brancos na escola (exatamente como vemos com nossas crianças marrons não amadas na Dinamarca).

Mas a indicação mais forte de nossa opressão é sem dúvida o ódio próprio, o ódio próprio que faz com que as crianças do gueto arranquem os cabelos de suas bonecas pretas ou se desenhem no canto do papel, enquanto as crianças brancas geralmente se colocam no meio. Aquele ódio a si mesmo que faz as pessoas reagirem violentamente contra seu ambiente, jogando lixo em todos os lugares, por exemplo, ou “traição”, tanto verbalmente como literalmente. Todas as pessoas sofrem de um pouco de auto-aversão, mas a auto-aversão na classe inferior americana é tão severa que ajuda a conferir ao gueto um dos maiores índices mundiais de criminalidade e desintegração familiar, bem como talvez o menor grau de confiança mútua. Quando vemos como a agressão se volta com mais frequência contra colegas vítimas do que contra o opressor, como sempre acontece com a opressão, quando experimentamos a raiva incontrolável dos negros americanos, começamos a entender o efeito do sistema fechado a que os confinamos: o gueto, ou escravidão aqui e agora!



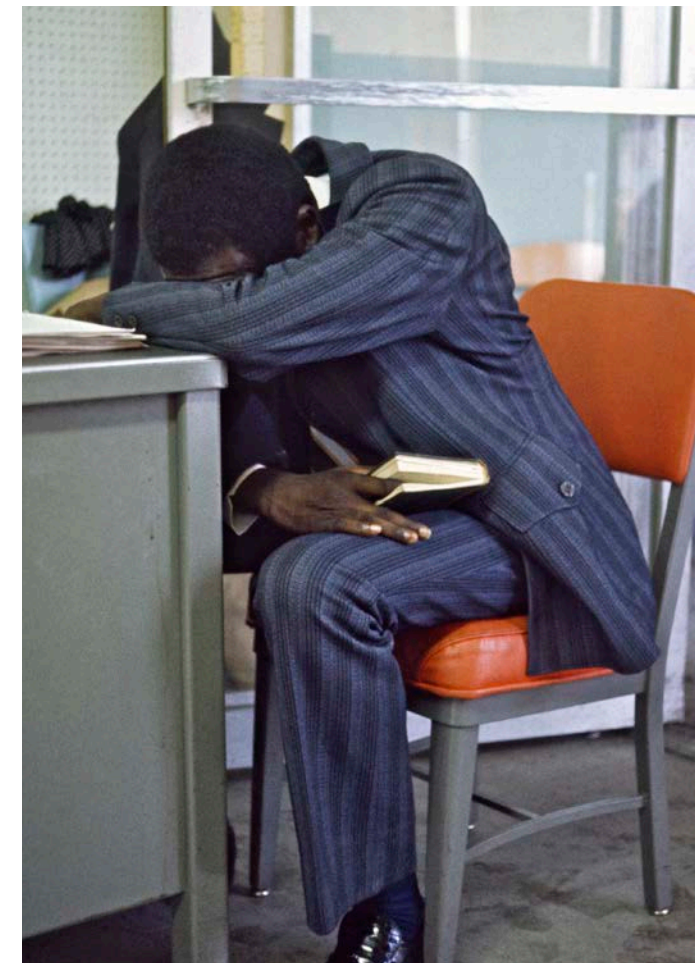
1974 - NYC

1974 - NYC



1992 - NYC

*Irmão, que preço eu paguei!  
 Você roubou minha história,  
 destruiu minha cultura,  
 Corte minha tontura para que eu não possa me comunicar.  
 Depois você humilha, depois se separa,  
 esconder todo o meu modo de vida  
 então eu mesmo deveria odiar!*



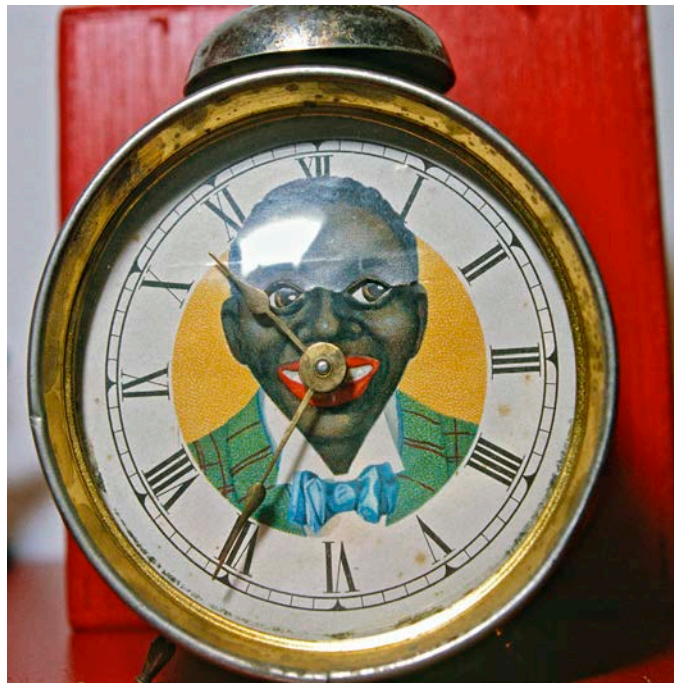
1974 - Liberty City, FL

Malcolm X: "O pior crime que o branco já cometeu foi nos ensinar a nos odiarmos a nós mesmos".

Tácito: "É da natureza humana odiar aquele a quem você machucou."



Museu Nacional da Estátua Negra



Museu Nacional do Relógio Preto



1986 - restaurantes em todo o Sul



1974 - Jacksonville, FL



1989 - rural VA

*Irmão, que preço eu paguei!  
Você me tirou o nome,  
me envergonhar,  
fez de mim uma vergonha  
o motivo de riso do mundo.  
Fez de mim um espetáculo, para zombar e zombar,  
mas seu tempo está próximo  
por isso é melhor você ter cuidado com o relógio!*



1989 - rural VA



1990 - in universities



2000 - NYC



1992 - NYC



Colonizador branco transportado por africanos



2002 NY - Homem branco com motorista negro após assistir ao show "Les Miserables" na Broadway, NY

*Da costa da África, continente da Ásia,  
O caribe e o Mississippi  
América Central e do Sul.  
Primeiro você humilha,  
então vocês se separam,  
você esconde todo o meu modo de vida  
por isso, eu mesmo deveria odiar.  
Irmão, que preço eu paguei!  
Irmã, que preço eu paguei!  
Mãe, que preço eu paguei!*



1973 - Philadelphia, PA



1973 - near Natchez, MS



1973 - New Orleans



1997 - NYC



1973 - Baltimore



1975 - NYC



1973 - NYC



1973 - NYC

Durante minha jornada na nação com mais conversa sobre mobilidade ascendente do que em qualquer outra, e com suas oportunidades aparentemente ilimitadas, a existência de um sistema fechado foi um paradoxo recorrente para mim. Eu não podia aceitar a explicação sobre a inferioridade inerente dos negros, que todos os americanos brancos carregam em seus corações mais íntimos. “Nossos antepassados vieram por terra pobre e conseguiram. Por que eles não conseguem?” Um véu, no entanto, foi levantado para mim quando me aproximei de dois imigrantes tão “pobres”: Lidy Manselles, do Haiti, e a Sra. Pabst, da Rússia. Não é de modo algum uma coincidência que Lidy tenha se tornado minha primeira namorada negra. No início, as mulheres negras nascidas nos Estados Unidos pareciam intocáveis, trancadas atrás de uma barreira invisível. Lidy claramente pertencia a outro mundo, mais livre. Isso nunca me pareceu tanto como um dia, quando estávamos conversando com um alcoólatra na porta de uma casa no Harlem. De repente, Lidy explodiu com desprezo: “Por que você não arranja um emprego?” Sua insensibilidade acabou com a conversa. Mais tarde, ela até disse algo como: “Eu os odeio”. Odeio estes animais preguiçosos”. Senti imediatamente que este era um choque muito mais profundo do que entre duas nacionalidades: Foi o desdém de uma cultura livre em relação a uma cultura de escravos. Lidy, que era negro e católico, representava melhor do que ninguém a “ética do trabalho protestante branco”. E ela não era exceção entre aqueles negros que chegam sem correntes. Através de Lidy eu ganhei acesso à comunidade das Índias Ocidentais, que era muito unida, no Brooklyn. Como os imigrantes anteriores, eles trabalharam fanaticamente, economizaram dinheiro, se orgulharam da educação e de possuir suas próprias casas e universalmente falaram da importância de uma família forte. Com seu sacrifício e determinação feroz, eles se opunham firmemente ao bem-estar em contraste direto com as comunidades negras vizinhas, das quais 40% dos membros estão no bem-estar. Seus bairros são tão limpos e racistas em relação aos negros nativos como os bairros italianos e irlandeses. Em menos de uma geração, mais rápido que a maioria dos imigrantes brancos, sua renda chegou a 94% da renda média das famílias americanas, mesmo incluindo os muitos pobres que ainda chegam. Como 1% da população americana possui ou controla mais de 40% da riqueza, podemos descobrir que os imigrantes indígenas ocidentais estão indo melhor do que a maioria dos brancos, apesar de serem provenientes de países muito mais pobres e menos alfabetizados do que a maioria dos europeus. Em contraste, os negros nativos ganham apenas 56% da renda dos brancos. Sob Kennedy e Johnson, foi-lhes permitido uma taxa de progresso que, talvez em 500 anos, lhes teria dado igualdade, mas sob as políticas conservadoras de Nixon, Reagan, e Bush, eles estão rapidamente recuando. Até os anos 60, 1/3 de todos os profissionais negros eram de fato imigrantes.



1974 - Apopka, FL

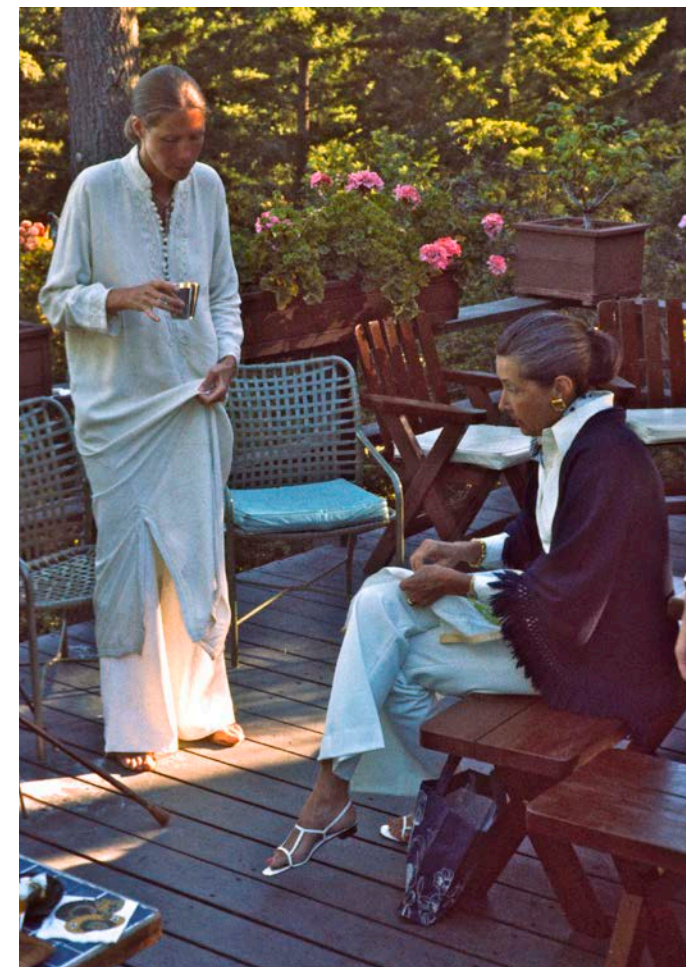
Em muitas universidades de elite, seus descendentes representam até 85% dos estudantes negros, embora eles representem apenas 6% dos negros nos Estados Unidos.

Então por que é tão difícil para os próprios negros dos Estados Unidos entrar em Harvard ou Yale? Seja qual for a razão, o fato de que estas ilhas de baixa renda, com muito menos negros que os Estados Unidos, podem produzir uma tal riqueza de talentos é uma forte evidência do impacto do racismo americano. Sua escravidão histórica foi basicamente tão cruel quanto a variedade americana, e eles descendiam das mesmas tribos na África. Então, o que faz com que os imigrantes negros tenham o dobro do sucesso dos negros nativos? Por que os viajantes aos países pós-escravidão geralmente concluem que os negros da Índia Ocidental e da América Latina parecem “orgulhosos e ferozmente independentes” em comparação com os negros “esmagados”, “quebrados” e “dependentes” da subclasse americana? Por que o medo e o ódio ainda são os ingredientes básicos da relação entre negros e brancos na América, enquanto linchamentos, queimadas em cruz e motins raciais, bem como organizações como a NAACP e os Panteras Negras, são totalmente desconhecidos no Brasil?



1975 - Palo Alto, CA - Garçonete servindo no rancho de montanha da família Pabst

Minha explicação é que os brancos desapareceram das Índias Ocidentais após a escravidão, após o que os negros ali estavam cercados por modelos negros, permitindo-lhes reconstruir a autoconfiança que havia sido abalada pela escravidão. Mas nos Estados Unidos, os negros continuam vivendo em uma sociedade majoritariamente branca, onde temos o poder de defini-los e continuar a esmagar sua auto-estima. Portanto, os pais negros americanos não podem, como os índios ocidentais e os judeus, encorajar seus filhos de forma convincente: “Sim, meu filho, é uma sociedade racista, mas você ainda pode conseguir, trabalhando duas vezes mais do que os outros!” Somente as pessoas que acreditam em si mesmas podem fazer isso. A iniciativa e o engenho dos imigrantes negros não são esmagados por nossa espada de dois gumes de generosidade liberal condescendente e crueldade racista reacionária, que define a escravidão efetiva. Os imigrantes negros são orgulhosos demais para aceitar o primeiro e, por mais de um século, não foram forçados a lidar com o segundo. Como sua psicologia não é moldada pelo racismo, eles resistem e prosperam da mesma forma que os judeus da Europa muitas vezes fizeram, apesar do anti-semitismo. Não é surpreendente que meus amigos negros nativos em Hartford, CT, chamem os índios ocidentais de “go getters” ou “judeus negros”.



1975 - Palo Alto, CA - Sra. Pabst e filha em seu rancho de montanha

A Sra. Pabst tinha chegado como Lidy-broke, mas não quebrada - com um passado que a enviou diretamente para a classe alta. Membro da antiga aristocracia russa, ela perdeu tudo na revolução, exceto o mais importante: sua aculturação de classe alta. Ela podia, portanto, casar-se em dinheiro (Pabst Brewing Company) como o resto dos 2/3 dos 1% mais ricos que nasceram em sua riqueza. Hoje eles possuem várias mansões ao redor do mundo, e eu passei férias com eles em uma fazenda de 3 milhões de dólares na Califórnia. Gostei da Sra. Pabst, intensamente interessada em arte e cultura, e esperava que ela me desse algum dinheiro para comprar mais filmes. Então eu lhe mostrei minhas fotos, como este menino na vala lamacenta. Seu mundo é tão diferente do da neta da Sra. Pabst, a quem a empregada está servindo, que se não dissesse Pabst nas latas de cerveja não saberíamos que elas pertencem ao mesmo mundo e que suas vidas estão de alguma forma ligadas umas às outras. Mas quando a Sra. Pabst viu estas fotos de pessoas derrotadas pela apatia e pelo alcoolismo, ela gritou: “Eu as odeio! Eu odeio estes animais preguiçosos! Por que eles não querem trabalhar? Por que eles não aceitam um emprego?” Mas onde a Sra. Pabst realmente consegue todo esse ouro em seus ouvidos, e por que esses “animais” não trabalham?



1972 - Chicago

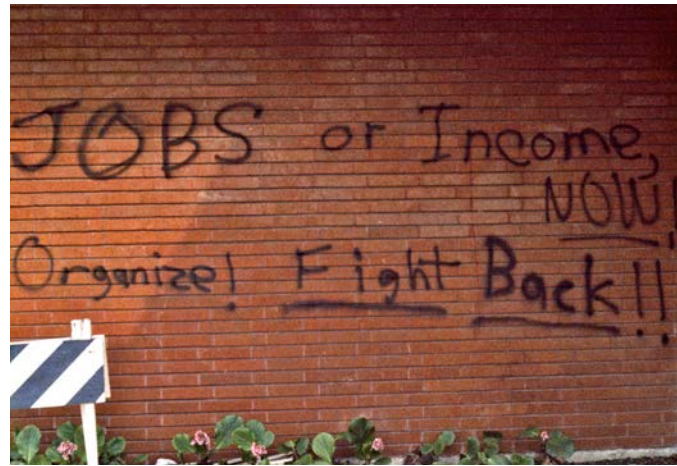


1975 - San Francisco



1975 - San Francisco

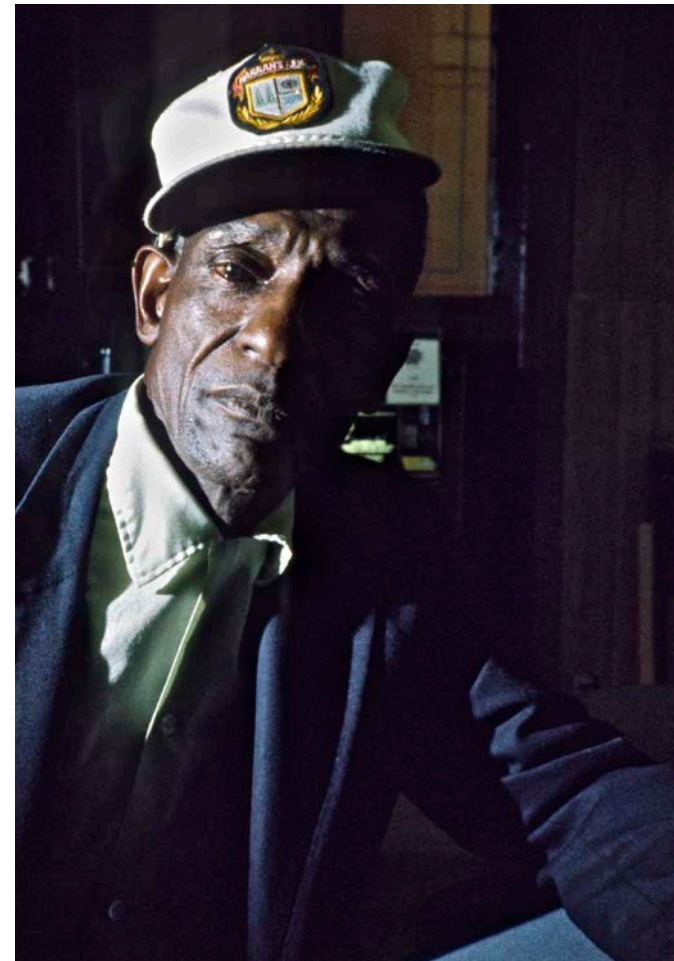
*Cantem uma canção de jovens tristes,  
copos cheios de canteio.  
Todas as notícias são ruins novamente  
Dê um beijo de despedida aos seus sonhos.  
Todos os jovens tristes  
sentados nos bares  
bebendo a noite  
e faltando todas as estrelas.  
Todos os jovens tristes  
à deriva pela cidade  
bebendo a noite  
tentando não franzir o sobrolho.  
Todos os jovens tristes,  
cantando no frio  
tentando esquecer  
que eles estão envelhecendo.  
Todos os jovens tristes  
engasgando-se com sua juventude,  
tentando ser gay  
fugindo da verdade.  
O outono transforma as folhas em ouro  
morre lentamente o coração.  
Jovens tristes  
estão envelhecendo,  
essa é a parte mais cruel.  
Lua mal começada  
brilha para um jovem triste,  
deixe sua luz suave  
guiá-los a todos novamente.  
Todos os jovens tristes, tristes, tristes.*



1975 - San Francisco



1975 - San Francisco



1975 - San Francisco



1973 - New Orleans



1975 - San Francisco



1974 - Raleigh, NC



1974 - Raleigh, NC



1975 - Seattle, WA

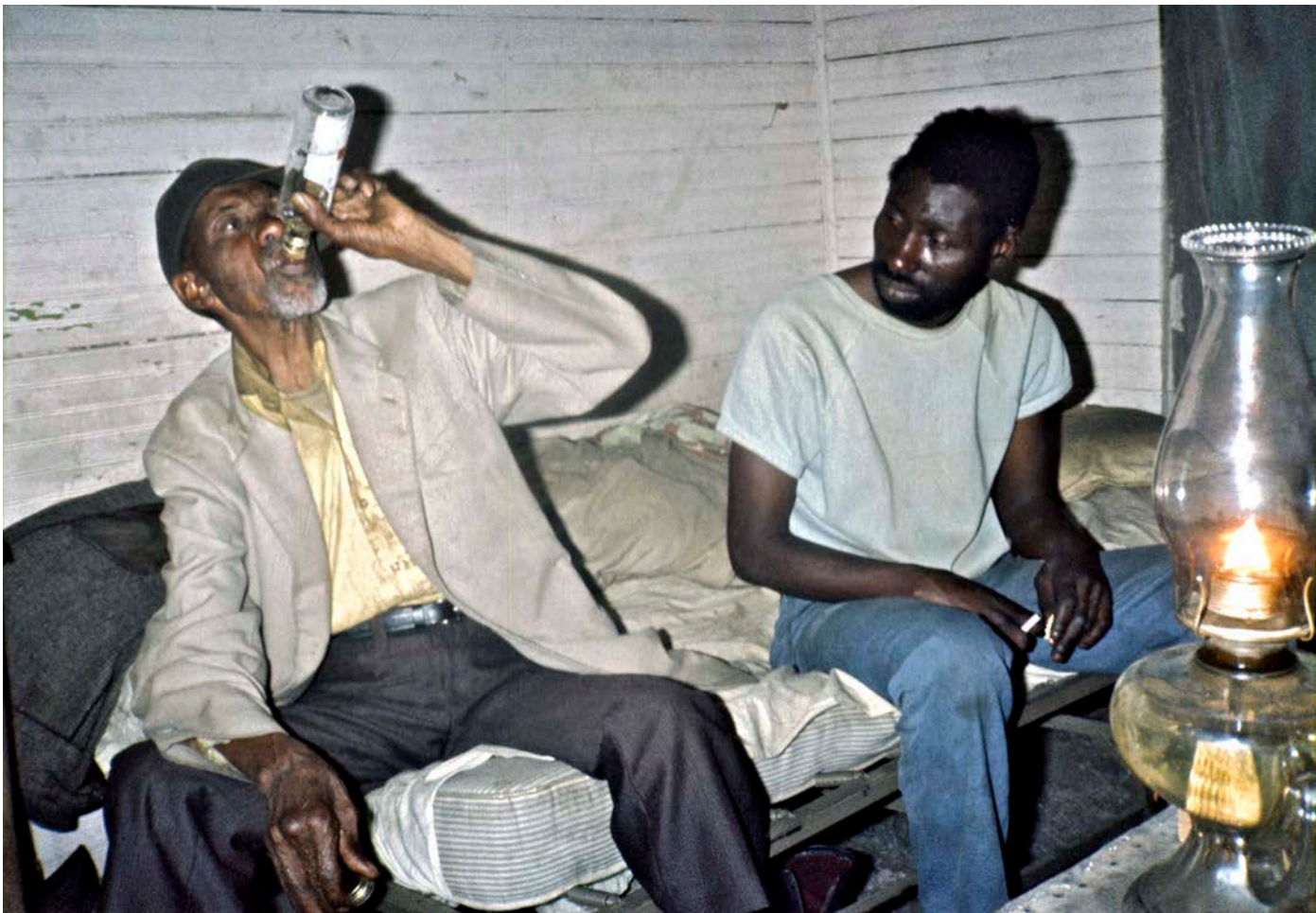


1975 - Seattle, WA



1974 - Raleigh, NC





1974 - Washington, NC

Muitas vezes me perguntam como consegui ficar com os Rockefeller - e por quê. Aqui está minha história. Saí de Washington, DC numa manhã de primavera de 1974 com o objetivo de ver os pobres mineiros de carvão na Virgínia Ocidental. Como estava quente, saí com mangas de camisa, sem saber que a primavera chega três semanas depois nas montanhas. Logo me vi em uma tempestade de neve no cruzamento da Rt 50 com a I-79. As pessoas da montanha geralmente não pegam carona - "mesmo que fosse meu próprio filho", insistiu um homem. Mas quando os motoristas vêem alguém em uma tempestade de neve sem sequer um quebra-ventos, eles assumem que ele é um fugitivo condenado e fazem zoom sem pensar mais nisso. Fiquei ali o dia inteiro tão frio que nem consegui tirar o meu polegar congelado. Mas quanto mais sofria, mais eu sentia que algo fantástico aconteceria naquele dia. Como um vagabundo, adquiri um fatalismo quase religioso sobre o sofrimento - que somente através do sofrimento se pode entrar no céu. Além disso, através dessa mesma convicção você é capaz de derreter as montanhas, ou corações frios, ao seu redor. Finalmente, depois que escureceu, meu letrado dinamarquês de mão me pegou por dois advogados. Ao ver minha condição miserável, um disse que eu poderia ficar com ele em Charleston para passar a noite. Então, eu estava pronto, embora ficar com um advogado trabalhista não soasse como "o paraíso". Apenas meia hora

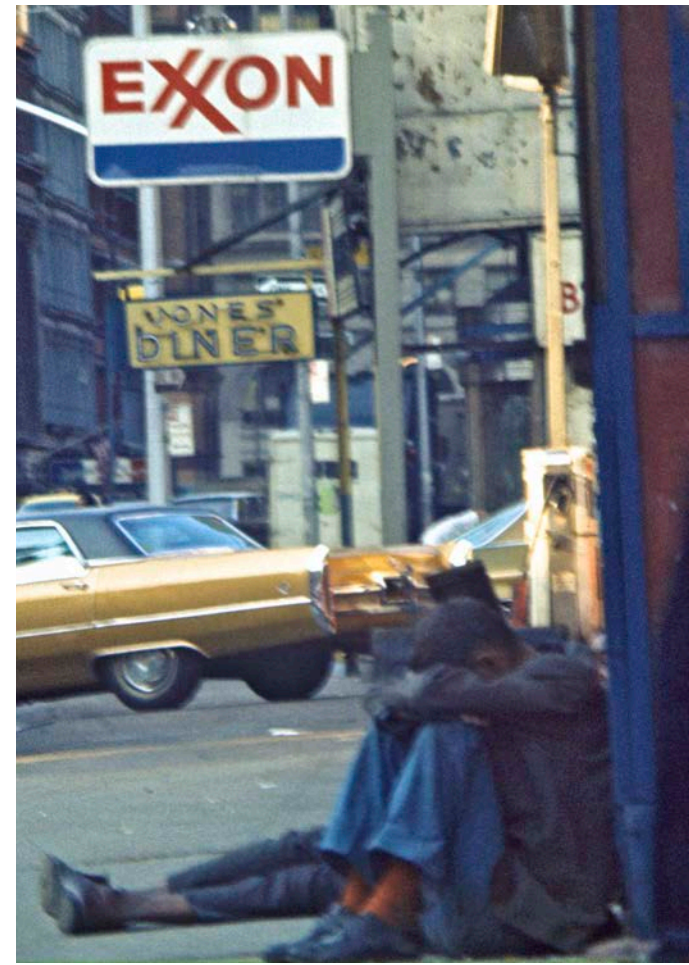
abaixo na interestadual, um deles disse: "Ali está Buckhannon, onde mora Rockefeller..." e eu soube imediatamente porque tinha suportado tanto naquele dia. Para surpresa deles, pedi-lhes que me deixassem ir lá. Depois, comecei a caminhada de 13 milhas por uma estrada de montanha escura e deserta, ainda com uma terrível tempestade de neve e ainda com mangas de camisa. Na cidade, perguntei onde Rockefeller morava. Ele era agora presidente do West Virginia Wesleyan College e logo encontrei sua casa na rua Pocahontas, perto da escola.

Para explicar isto, devo voltar brevemente aos meus protestos contra a Guerra do Vietnã (antes de vir para a América). Moralmente indignado com o uso de bombas de napalm pelos EUA, que incineraram ou feriram milhares de vietnamitas - inclusive crianças - eu projetei e imprimi um cartaz às minhas próprias custas; li que a ESSO fabrica napalm. (Eso agora é conhecido como Exxon.) Eu corri por toda Copenhague colando-as, muitas vezes com a polícia em perseguição a quente. Numa noite fria de dezembro, subi a uma árvore alta para evitar ser capturado pela polícia, que, como descobri, geralmente também se opunha à Guerra do Vietnã. Para brincar comigo, dois policiais sorridentes estacionaram seu carro ao lado da árvore. "Você pode sentar lá em cima a noite toda e congelar enquanto nós relaxamos no carro quente e tomamos café até você descer".

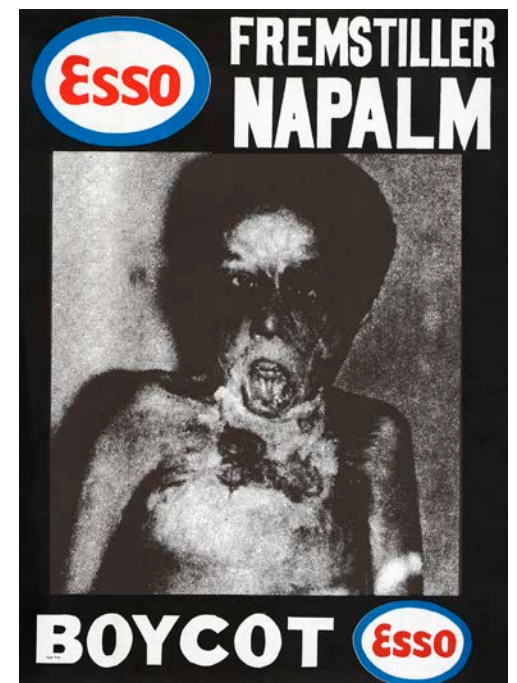


1974 - Buckhannon, WV - Jay Rockefeller

Embora eu estivesse congelando em meu refúgio elevado, eu estava determinado a conquistar meus algozes. Eu não desci e pela manhã eles desistiram. Todos os dias eu podia ver como eu estava vencendo minha guerra moral. A Esso, por exemplo, teve que contratar um exército inteiro de trabalhadores para dar a volta e pintar o logotipo da Esso com tinta preta para impedir a propagação do boicote a seus postos de gasolina. Assim, o poder da propaganda - este foi meu primeiro anúncio - me fez odiar e amar o logotipo da Esso. No processo, construí imagens extremamente hostis do monstro por trás da Esso: a família Rockefeller. Aprendi também que eles foram responsáveis pela morte de 51 homens, mulheres e crianças impressionantes no Colorado em 1914. Com a ajuda da CIA, eles derrubaram governos, inclusive do Irã, e instalaram o assassinato, torturando o Xá para impedir que o Irã nacionalizasse seus poços de petróleo (isto mais tarde levou à Revolução Islâmica). E assim, experimentando o déjà vu (minha noite gelada em uma árvore) e superando com justa raiva, senti que tinha o direito de enfrentar o monstro sozinho - e bati na porta.



1971 - NYC



1969 - Minha campanha para boicotar a ESSO



1974 - Valerie Rockefeller

E o que aconteceu? A mesma coisa que sempre acontece quando me mudo com os monstros em minha cabeça: Uma bela mulher jovem abriu a porta. Presumi que fosse um dos muitos criados e perguntei, da maneira mais natural - tinha o direito de estar lá afinal - “Posso ver o Sr. Rockefeller?”. Ela disse que ele não estava em casa, mas que eu poderia entrar e esperar por ele. Embora eu mesmo parecesse uma espécie de monstro (um monstro da neve), ela provavelmente pensou que eu era um estudante de sua universidade. Ela me entregou toalhas para me secar e perguntou se eu estava com fome. Se eu estivesse, ela começaria a cozinhar já que não sabia quando seu “marido” estaria em casa. Marido? eu pensei. Todas as caricaturas odiosas que eu tinha visto de “Rockefeller” tinham sido de homens velhos. Certamente este foi o caso depois do massacre de prisioneiros de Rockefeller em Ática, quando eles se revoltaram para exigir a reforma carcerária. Eu tinha estado no funeral e conhecia algumas das mulheres negras viúvas (página 406). Mas Sharon Rockefeller tinha quase minha própria idade e seu marido, Jay, apenas 10 anos mais velho. Enquanto ela cozinhou para mim, eu comecei a brincar com sua adorável filha de 3 anos, Valerie. Vendo como nos dávamos bem, Sharon sugeriu que talvez eu pudesse ficar e cuidar dela; ela estava indo para a Europa em poucos dias e ainda não tinha encontrado uma babá. Um pouco mais tarde, uma amiga da família apareceu e enquanto conversávamos, ela sussurrou que Valerie tinha o nome da irmã gêmea de Sharon, que havia sido assassinada. “Assassinada? Como?” perguntei, incrédulo. Eu estava acostumada a assassinatos na classe inferior, não entre os ricos. Depois de Sharon, cujo nome de solteira é Percy, e Valerie tinha se formado na faculdade, a família se reuniu em sua mansão à beira do lago, em um subúrbio de Chicago. Sharon foi ao quarto de Valerie para dizer boa noite a sua irmã, e na manhã seguinte sua gêmea idêntica foi encontrada espancada e esfaqueada até a morte. O crime, que nunca foi



Menino mostrando onde seu familiar foi morto - 1975 SF

resolvido, deixou Sharon traumatizada, e lançou sobre a família uma sombra escura que nunca se dissipou. Na época, eu não fiquei surpreso com a observação de Sharon como babá, pois estava acostumado a que as pessoas confiassem em mim instantaneamente, mas ao longo dos anos eu tenho refletido com frequência sobre esta mulher notável. Quantas outras mulheres, tão pouco tempo depois de uma amada irmã ter sido assassinada por um intruso, teriam a coragem de convidar para suas casas um estranho que se parecesse com Charles Manson? (Logo depois do assassinato de outra Sharon durante os assassinatos de Tate-Labianca.) Quantas pediriam a esta estranha para tomar conta de sua filha (nome dado à maior perda de sua vida)? Sharon compartilhou minha própria visão de confiança.

Quando Jay Rockefeller finalmente voltou para casa, eu perdi completamente o meu coração para esta família calorosa. Como eu estava imerso na conversa com sua esposa, ele assumiu que eu era amigo dela e nunca perguntou por que eu estava lá (assim como eu mesmo havia esquecido por que eu estava lá). Se eu esperava encontrar um monstro, era a minha própria projeção, pois para minha surpresa e alegria tínhamos as mesmas opiniões sobre quase tudo. Ele também se opunha à Guerra do Vietnã, criticando mais tarde o herói de guerra John McCain por lançar bombas de napalm sobre os civis vietnamitas. Depois da faculdade, ele tinha percorrido a mesma estrada que eu, trabalhando com mineiros pobres que viviam em barracos tão miseráveis quanto aqueles que eu tinha fotografado. Trabalhando para melhorar suas condições no programa VISTA, iniciado por John F. Kennedy, ele perdeu seu coração para esses mineiros, ficou lá, e tem sido um poderoso defensor para eles desde então, primeiro como governador, depois como senador em Washington. Eu senti imediatamente que ele era “meu homem”. Depois de termos bebido algumas garrafas e ele ter demonstrado grande interesse em minhas



1974 - Charleston, SC

fotos de barracos e da pobreza, senti-me tão elevado que lhe disse que havia tentado em vão obter apoio para comprar uma câmera e um filme Nikon profissional para poder completar meu trabalho. Nunca vou esquecer sua resposta: “Você está falando comigo como pessoa ou com a fundação? Bem, venha ao meu escritório amanhã e me mostre sua proposta de subsídio”. Eu mal conseguia dormir naquela noite. Pela primeira vez, eu tinha esperança real de conseguir um pouco de apoio para minha fotografia (se ao menos algum dinheiro de babá). Mas quando olhei o pedido que sempre carregava comigo, vi uma sentença sobre “o brutal massacre do clã Rockefeller de 41 prisioneiros em Ática”. Eu tinha esquecido completamente. Fiquei tão envergonhado depois de ter me encontrado com tanto calor, hospitalidade e confiança dos Rockefellers que não consegui bater à sua porta. Em vez disso, dei meia volta e continuei minha vagabundagem com o slogan do velho Rockefeller: nem “um centavo para o banco nem um centavo para gastar”. Zangado comigo mesmo por causa de meu preconceito, eu fraseei minha nova visão: A síndrome da subclasse de assassinato e alcoolismo é apenas um espelho da classe dominante. É certo que a parte do alcoolismo se referia ao que eu tinha visto em outras famílias da classe alta, e não a esta família, que me mostrou, por mais intrusa que eu fosse, tanta generosidade. Dois dias depois fiquei com esta mulher em uma barraca contra uma refinaria da Exxon. Além do meu caso de amor/ódio com o logotipo da Exxon, acho que havia outra razão para eu ter acabado com ela. Durante meu primeiro ano na América, o Presidente Nixon assinou a Lei de Política Ambiental Nacional para eliminar o chumbo da gasolina. A gasolina com chumbo havia sido introduzida pela Standard Oil (Exxon) por seu “efeito anti-knock”, e a Exxon havia lutado contra as tentativas anteriores de proibi-la. Pouco antes de quebrar meu princípio “anti-knock” vagabond na casa de Jay e Sharon - eu sempre esperei passivamente que as pessoas me convidassem para casa - eu tinha ouvido falar de novos estudos mostrando os efeitos destrutivos do chumbo sobre as crianças. Pensei em todo o chumbo a que as crianças negras estavam expostas nos lares do gueto, muitas vezes construído ao lado das rodovias do interior da cidade. (Página 299). Isto me deu a resposta ao porquê da violência e do assassinato ter explodido cerca de 20 anos



Sharon Rockefeller com a Valerie em 1974

após o gás chumbo ter se tornado comum. (Este menino está me mostrando o sangue de alguém de sua família que havia acabado de ser assassinado). O chumbo também desempenha um papel importante nas dificuldades de aprendizagem de muitas crianças do gueto e explica por que muitos brancos, como Valerie, se saíram melhor na escola. 17 anos depois, após um dos meus shows em Stanford, uma mulher branca veio até mim e perguntou se podíamos conversar em particular. Ela parecia um pouco zangada quando disse: “Estou no seu livro”. Fiquei totalmente confusa, já que quase não havia brancos no livro. Quando ela encontrou a página, eu percebi que ela era Valerie Rockefeller. No ano passado”, continuou ela, “quando minha colega de quarto chegou em casa após seu show e me disse que você retratou meu pai como um assassino alcoólatra e em massa, fiquei muito zangada com você”. Mas agora que eu mesma vi o show, tenho que lhe dar um grande abraço. E aqui está meu cartão de visita. Se alguma vez precisar da minha ajuda, basta me ligar”. Uau. Mais uma vez fiquei impressionado com a culpa porque não tinha distinguido suficientemente no livro entre Exxon, um símbolo de opressão, e a família amorosa que uma vez me acolheu. Encontrei exatamente a mesma reação avassaladora de três outras crianças Rockefeller em outras universidades. Eles até me pediram conselhos sobre como poderiam servir melhor os pobres. Portanto, não fiquei surpreso ao ver Valerie, cuja pesada bagagem era tanto negativa quanto positiva, acabar como professora de educação especial para adolescentes com deficiências de aprendizagem e emocionais no Harlem Oriental. De alguma forma eu vi uma linha direta desde nosso primeiro encontro em sua casa quando ela era criança até seu compromisso social como adulta em Harlem. Antes de tudo, ela foi moldada pelo longo compromisso social de seus pais. Talvez reforçado pelo trauma herdado de sua mãe (paralelismo com o trauma herdado entre crianças negras). Em todo caso, eu fiquei, como com seu pai, surpreso com o quanto concordamos em tudo quando comunicamos pela última vez em 2015. “Eu ainda estou julgando hipercriticamente as pessoas com dinheiro”, escreveu-me ela. Ela também faz parte do esforço da família Rockefeller para deter a negação climática da Exxon/Mobil. “Como descendentes, temos um fardo extra para combater a mudança climática”, diz Valerie.



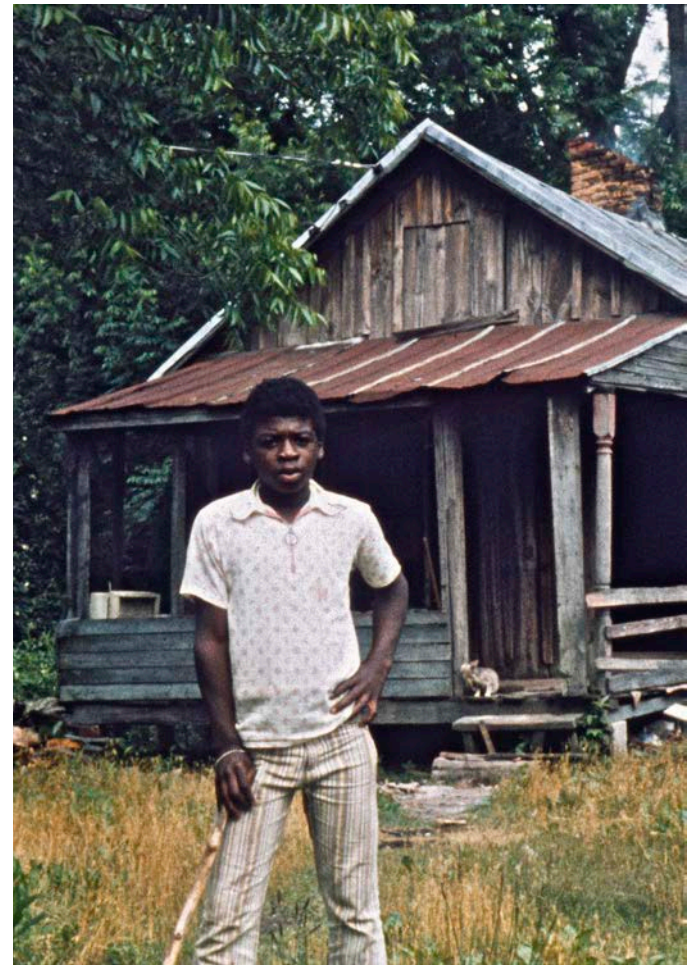
1974 - Washington, NC



1974 - Washington, NC



1974 - Washington, NC. Robert na escola



1974 - Washington, NC. Robert em casa



1974 - Jersey City, NJ



1973 - Tunica, LA



1974 - Washington, NC

A integração de crianças de escolas em preto e branco foi um dos resultados mais significativos da luta pelos direitos civis. O fato de muitos liberais mais ricos não permitirem a integração de seus filhos ajudou a sabotar a integração e criar ressentimento entre os brancos pobres, que não podiam pagar escolas particulares. Ver as condições das escolas americanas foi talvez o aspecto mais chocante da minha jornada. Nunca tinha ouvido tantas frases de lavagem cerebral, tais como “Homens valorizam a liberdade acima de tudo”, combinado com uma omissão quase total da história negra. Hoje muitas escolas até proibem livros de negros como o ganhador do Prêmio Nobel Toni Morrison.

Este regime totalitário é como a “promessa de lealdade” a “uma nação, sob Deus, indivisível, com liberdade e justiça para todos”. Ela contrasta com o estado de escravidão que está sendo martelado em crianças negras nestas dilapidadas “escolas de gueto” com janelas de madeira compensada.

Em teoria, concedemos de bom grado liberdade e justiça a Robert, visto aqui prometendo fidelidade em Washington, NC, para depois voltar para sua cabana com mais ratos do que livros. Ao menos cobrir as janelas com as estrelas e listras ajuda a manter o frio - e seu American Dream-out.



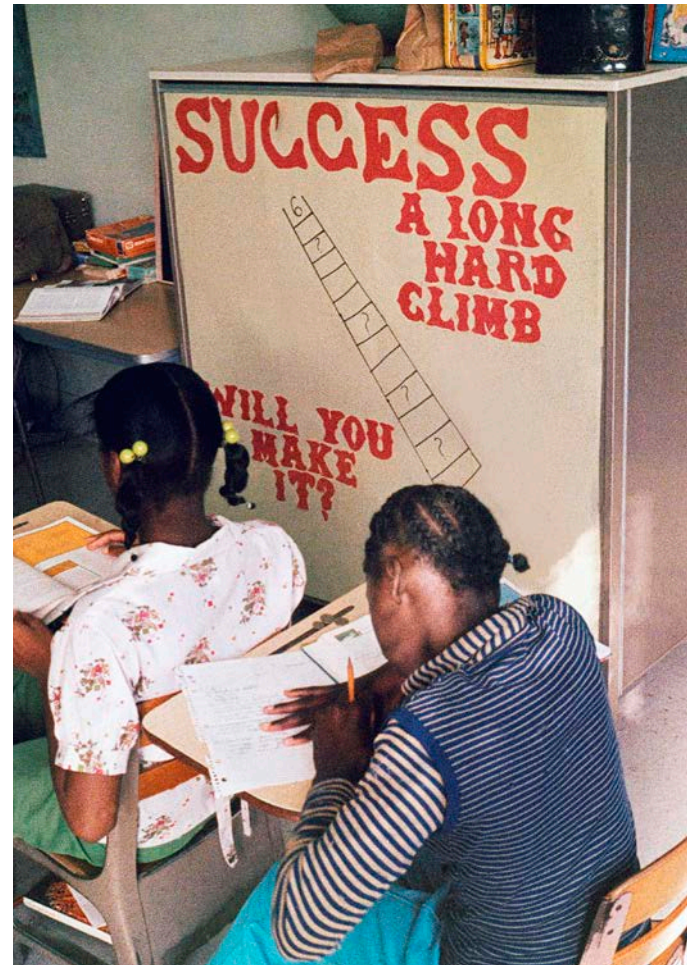
1972 - Canarsie, NY



1972 - Canarsie, NY



1972 - Canarsie, NY



1974 - Washington, NC



1972 - NYC



1973 - Louisville, KY



1974 - San Francisco



1972 - Canarsie, NY

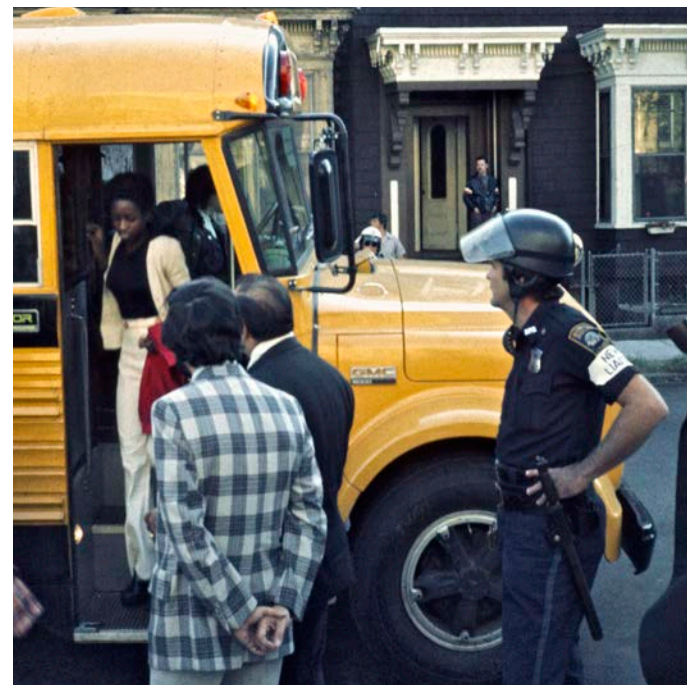


1974 - South Boston

Vi lutas violentas em todas as cidades como negros, desesperados para se libertarem da segregação e darem a seus filhos uma chance de educação igualitária, levando-os de ônibus para escolas em bairros brancos.

Quando a polícia e os soldados têm que escoltar as crianças em cada ônibus e os brancos furiosos atiradores de pedras têm que ser mantidos atrás de barricadas para proteger as crianças negras, nós lhes ensinamos em seu primeiro dia no mundo branco que o Ku Klux Klan está no coração de cada branco ... como escrevi erroneamente naquela época. Em meu trabalho com a KKK desde então, aprendi que as crianças da KKK são muitas vezes os únicos brancos em todas as escolas negras, uma vez que são pobres demais para se afastarem dos bairros negros.

Além disso, as "escolas negras" são exatamente do que muitos pais dinamarqueses de hoje fogem, embora, como jovens autodidatas nos anos 70, eles condenaram em voz alta o racismo americano quando viram meu slideshow.



1974 - South Boston, MA



1971 - East St. Louis, IL



1989 - Harlem, NY



1974 - Jersey City, NJ

São crianças negras de escola de um gueto americano gravadas em fita, mas a conversa poderia ter sido gravada com a mesma facilidade hoje em dia entre as crianças marrons do gueto na Europa:

- *Deveríamos ser amigos dos brancos, como Maria. Ela é minha amiga e ela é branca.*
- *Espere até você crescer e ela estará fora deste mundo!*
- *Como você sabe que ela estará fora deste mundo?*
- *Ela não estará fora do mundo, mas fora deste país.*
- *Fora deste país ou fora deste gueto?*
- *Fora deste país, deste gueto, ou de qualquer coisa ...*
- *Ela ainda será minha amiga.*
- *Ela pode virar-se contra você. Eles podem fazer-lhe uma lavagem cerebral.*
- *Uma pessoa branca ainda é um ser humano!*
- *Mas por que ... como eles tratam uma pessoa negra como se fosse um animal?*
- *Nós devemos ter feito algo errado!*

Ao ouvir tais conversas, de crianças de 7 e 8 anos, só pude concluir que muitos deles vêm não só seu gueto, mas até mesmo seu país como um sistema fechado e - a culpa é deles mesmos por isso. Quando perguntado "De onde você é?", as crianças marrons nascidas na Dinamarca, por exemplo, dirão "Turquia". Como os negros, eles interiorizaram a mensagem de nossa retórica divisória: "Vocês são indesejados e não fazem parte de nossos valores".

Quando lhes é dito constantemente que não pertencem, não é surpreendente que muitos pais gueto se oponham à escolaridade integrada, apesar de saberem que as escolas gueto não funcionam. Ser privado de uma boa educação em sua própria escola do gueto

é preferível à ilusão de pertencer à sociedade convencional com a privação que você também deve sofrer aqui. É um triste fato que mesmo em escolas integradas matamos o espírito e a motivação das crianças que marginalizamos. Em todos os lugares do mundo, os professores estão criando alunos para se adequarem à imagem e às expectativas que já têm deles. Se você pegar uma amostra aleatória de uma classe e disser aos professores que esses alunos são "potenciais incentivadores acadêmicos", essas crianças, após um ou dois anos, estarão à altura dessa expectativa graças ao tratamento especial que o professor inconscientemente dedica a eles. Em uma sociedade de mestre-escravo, aquele que se espera que se torne escravo (inútil) receberá assim uma educação inferior, com professores negros ou brancos, a segregação ou a integração não fazendo grande diferença.

Esta discriminação "inocente" tem conseqüências desastrosas onde quer que dividamos os alunos em faixas "lentas" e "brilhantes", que são naturalmente um reflexo da sociedade de classes fora. O quanto essa discriminação é prejudicial à auto-estima de uma criança foi mostrada quando um computador colocou erroneamente todas as chamadas crianças "lentas" na classe "brilhante" e vice versa. Um ano depois, quando o erro foi descoberto, os educadores descobriram que os alunos lentos estavam se comportando como se fossem brilhantes e os alunos brilhantes estavam se comportando como se fossem estúpidos - o início da guetização. Conheci constantemente professores e até mesmo diretores que se referiam aos seus alunos do gueto como "animais". Ao ponto de ver até mesmo crianças pequenas pensando em si mesmas como ratos.

Em minha própria escola, aprendi em primeira mão que a imagem que o professor tinha de uma criança se tornava a imagem que a criança tentava fazer à altura. Eu falava um dialeto rural, que soava "burro" aos ouvidos dos professores da cidade, onde eles falavam dinamarquês "correto". Como resultado, eles me evitaram inconscientemente, e pouco a pouco fui me introvertendo com explosões ocasionais de comportamento "idiota". Perdi todo o desejo de aprender e, consistentemente, fiquei 30% a 50% mais baixo do que os outros alunos. Finalmente, fui forçado a desistir, o que acabou me transformando num vagabundo de rua. Se eu, além do meu TDAH, tivesse sido negro ou marrom em uma sociedade racista, onde inconscientemente tentamos manter tais "não ensináveis" fora da vista até que se tornassem "intocáveis comportamentais", eu poderia facilmente ter acabado não apenas "na rua", mas também um "criminoso", "viciado", "prostituto", "vadio da assistência social" ou preenchido qualquer um dos outros papéis em que uma sociedade de humanos descartáveis a considera adequada para moldar seus indesejáveis.



1974 - Washington, NC

Para evitar a acusação de ser o mestre-escravo da sociedade do chicote, os professores frequentemente encontram novas maneiras de colocar a culpa em seus alunos. Os liberais insistem que a “falta de motivação” e a “capacidade de aprendizagem prejudicada” da criança do gueto se deve ao fato de serem “culturalmente privados”, uma vez que vêm de casas sem mais livros do que os que poderiam ser encontrados em cabanas de escravos (ou na casa de um camponês turco ou árabe). Será que os próprios professores ficaram presos em um sistema fechado e se tornaram excelentes opressores com seus “Nossas escolas não são ruins, mas recebemos maus alunos” ou “coitadinhos”, julgamentos esmagadores para as crianças?

Se ainda houver dúvidas, vale a pena lembrar que professores altamente motivados, política e socialmente conscientes nas escolas dirigidas pelos Panteras Negras e pelos muçulmanos negros levaram seus filhos do gueto aos padrões nacionais (brancos). As escolas privadas muçulmanas na Dinamarca podem fazer isso da mesma maneira. Em outras palavras, ao se destacarem academicamente, não apenas através de bolsas de estudo atléticas.

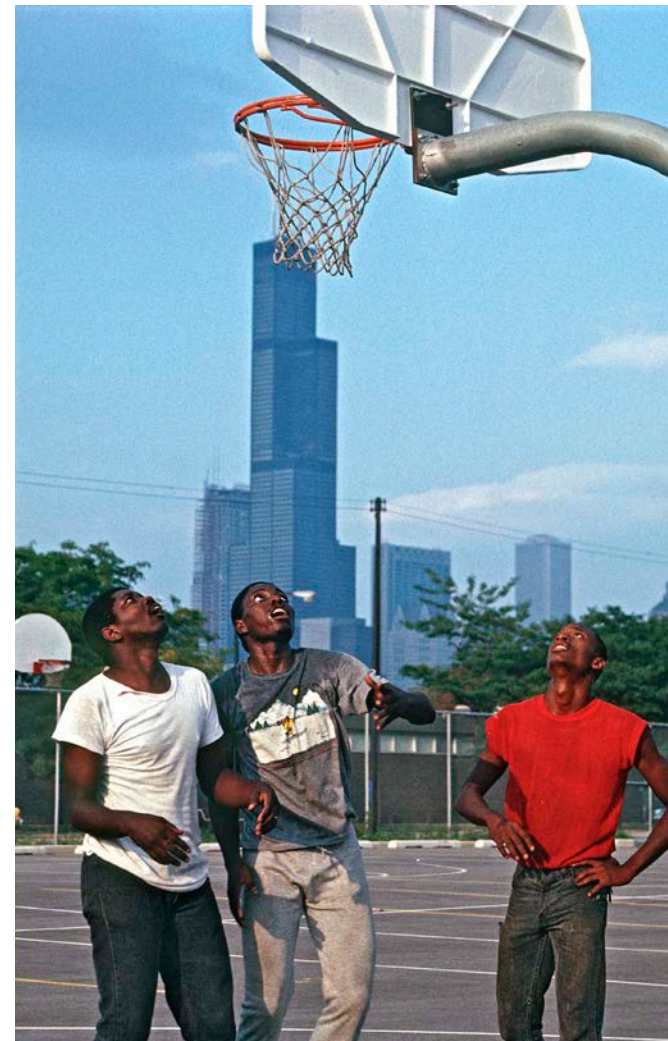
Esta expectativa dissuasora do aprendizado também pode ser vista em sociedades permeadas por um pensamento opressivo em relação a outros grupos vulneráveis. As mulheres americanas, por exemplo, que frequentaram escolas para meninas, onde estão protegidas do sexismo da sociedade, se saem melhor após a graduação do que as mulheres que frequentaram escolas integradas. Se alguns de nós achamos difícil enfrentar nosso

próprio racismo, não esqueçamos como poucos homens há 50 anos atrás se viam como sexistas.

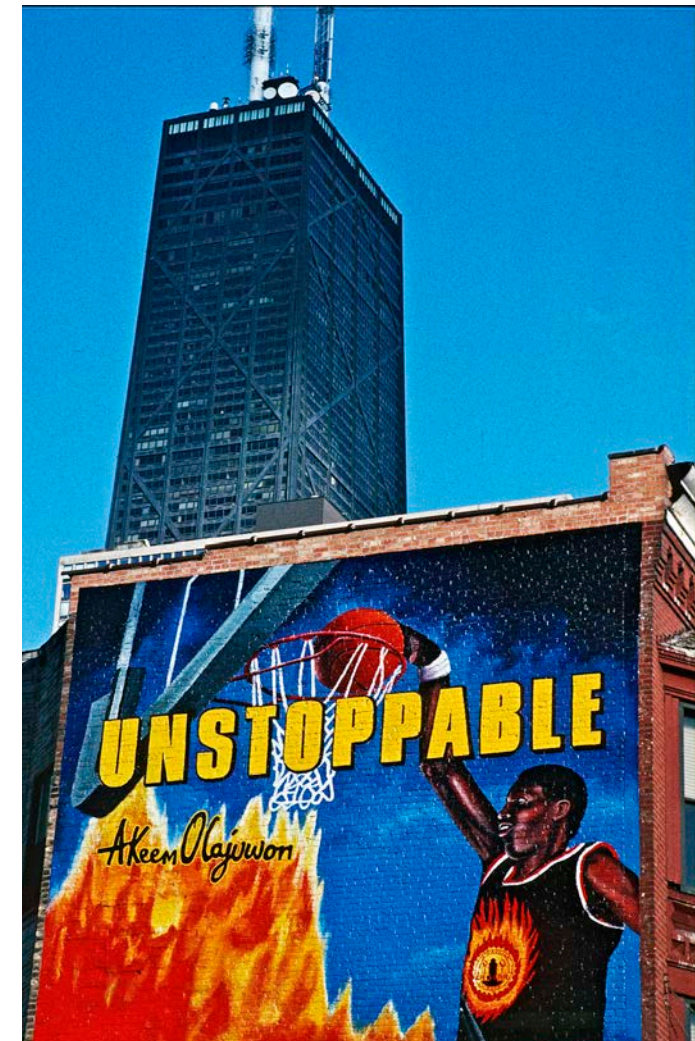
No entanto, o fato de termos esmagado meninas com nossas atitudes é revelado pelas estatísticas daqueles anos, que mostram quantas mulheres nós “forçamos” a sair do ensino superior com bloqueios emocionais que as impediram de se tornarem médicas, advogadas e cientistas.

Quando vemos a síndrome da 4ª série em nossas crianças negras e marrons marginalizadas, tanto nos EUA quanto na Europa, devemos concluir: Ou precisamos de ajuda para processar nosso racismo, ou crianças de cor devem ser protegidas de nós em escolas não integradas com professores altamente comprometidos e conscientes, “anjos salvadores” que podem restaurar o senso de auto-estima e identidade que tão cedo lhes roubamos.

Infelizmente, eu me encontro uma parte ativa deste racismo. Após meses de ensino em universidades principalmente brancas, por exemplo, internalizei o pensamento dos estudantes. Com frequência me pego pensando em termos racistas sobre “negros”. Quando estou igualmente isolado na Dinamarca, meu pensamento sobre aqueles que os dinamarqueses rotulam de “muçulmanos” torna-se distorcido da mesma forma. Com a perspectiva reprovadora e distante do racista, bem como sua propensão para encontrar falhas com “o outro”, ajudo assim nossos marginalizados a formar uma atitude hostil derrotista - de novo, na cegueira de meu privilégio branco. Para a cegueira é quando exigimos a integração por fora, mas em nosso pensamento interior “distanciamos-nos” do medo, e conseqüentemente esmagamos aqueles com quem devemos nos integrar.



1990 - Chicago



1990 - Chicago



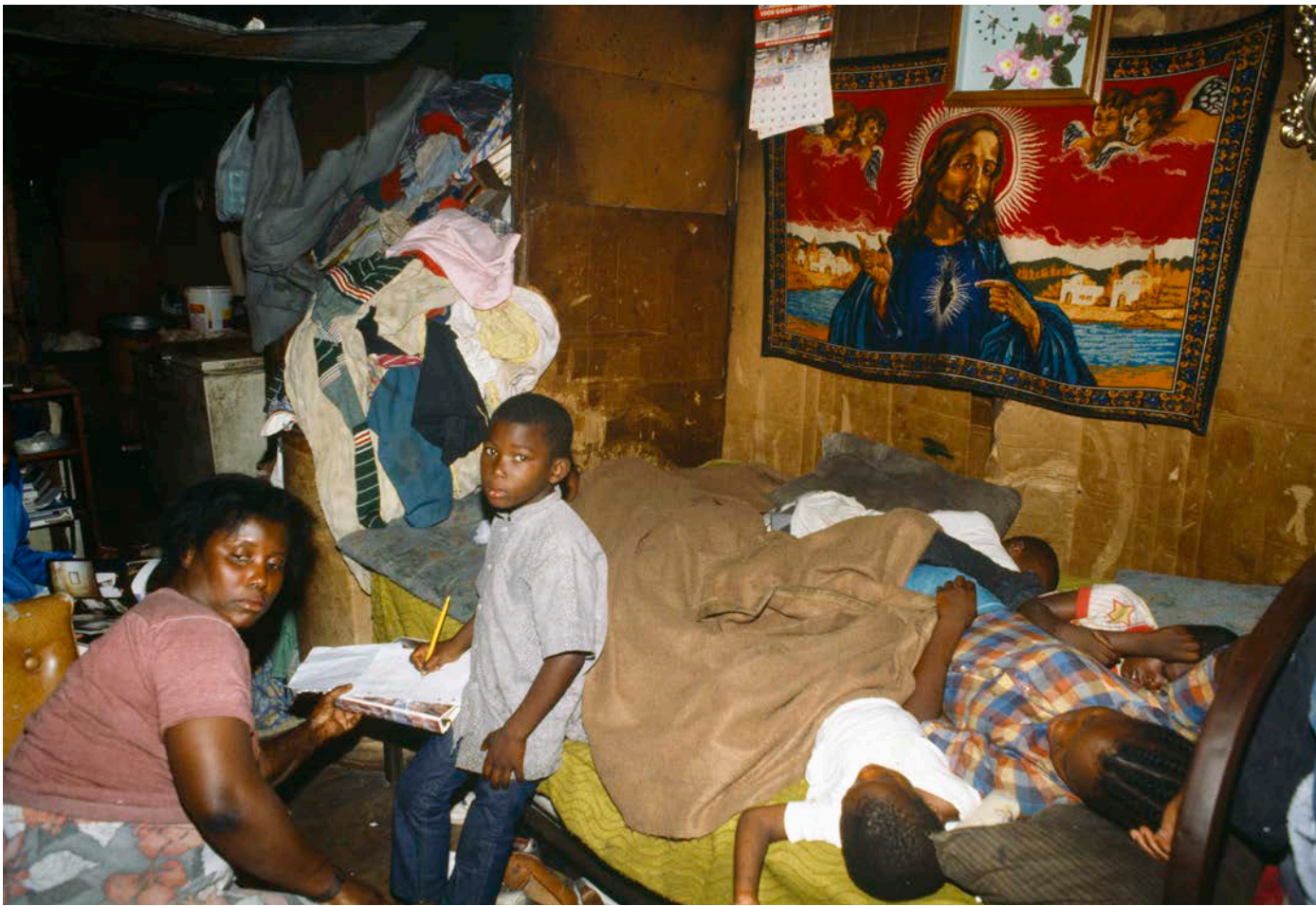
1974 - Greensboro, NC



1972 - Detroit



1989 - NYC



1990 - Burke County, GA

Em Los Angeles eu vi um belo caso de solidariedade racial quando estudantes imigrantes da Índia Ocidental formaram uma organização para motivar os negros nativos a não abandonar o ensino médio e a faculdade - uma espécie de repetição histórica da ferrovia subterrânea, onde negros livres ajudavam as pessoas a sair da escravidão.

A medida em que todos nós somos vítimas desta opressão é mostrada nesta imagem de um grupo de adolescentes negros. A menina foi adotada como bebê pelos negros no gueto e foi educada para ser negra: para se comportar como negra, para pensar negra e para se vestir de negra. Ela não tem quase nada em comum com os brancos; ela não consegue nem mesmo falar “nossa língua”. Nos lares brancos eu vejo o oposto. Negros e brancos, palestinos e judeus, nativos e imigrantes, homens e mulheres, heterossexuais e gays sofrem ferimentos graves quando os pais, desde cedo, recriam os padrões de opressão que eles mesmos receberam de seus pais. Ambas as partes são eventualmente privadas da capacidade, bem como do desejo, de tratar o outro lado com humanidade. Desistimos no fundo, decidindo que é uma alquimia étnica absurda tentar integrar elementos que se repelem mutuamente como óleo e água. Os esforços frenéticos dos liberais para agitar tanto estes dois elementos que eles se fragmentam em partículas menores por



1973 - Baltimore

um curto período de tempo é apenas uma tentativa fútil de dar à opressão um rosto humano como o voto em Obama enquanto presos no enorme apartheid de corações negros e brancos. Então, existe alguma esperança?



2009 - Baile de finalistas do ensino médio em Natchez, MS

Sim, ouço com frequência até os piores racistas dizerem: “Gostaria que pudessemos adotar todas as crianças negras para que elas pudessem se tornar como nós”. Embora de maneira tipicamente racista eles procurem a culpa nos “outros”, isso não é uma expressão de ódio racial. Assim como os europeus se regozijam quando “muçulmanos” se convertem ao cristianismo, esquecendo que é a cultura diferente à qual reagem negativamente. Vejo esta esperança incômoda mais claramente nos estudantes brancos das universidades americanas quando eles relatam como, por culpa liberal, tentam chegar aos estudantes negros. Mas o tempo todo eles são retidos pela culpa reacionária: eles se lembram de todos os avisos de seus pais na infância; geralmente não verbalmente, mas nos seus olhos ou nos cliques das fechaduras das portas dos carros quando eles dirigiam muito perto de um bairro negro.

É assustador trair o amor de nossos pais, que podemos sentir no fundo de nossas mentes puxando o caminho oposto. Assim, quando eles se aproximam dos negros por amor, eles são puxados para trás por amor. Eles se tornam desajeitados e paternalistas para com os negros, que reagem com raiva e hostilidade profundamente enraizadas desde que passaram por uma opressão semelhante, mas reversa. Isto reaviva o medo branco - agora o medo de ser rejeitado.

Assim, o opressor e o oprimido “criam” constantemente um ao outro, já que nenhum de nós é livre. Pois o que define todos os sistemas de opressão é uma perda de “liberdade”; a liberdade de agir de uma forma que um estranho a este sistema veria como “normal” e “humano”. Este coquetel de culpa e medo branco cria a raiva e a hostilidade do racismo internalizado entre os negros, que por sua vez cria mais medo e culpa branca, etc.

O pior racismo atual não é, portanto, criado pelo ódio, mas em nome do amor - o desejo de proteger nossos filhos daquilo que nós mesmos fomos ensinados a temer. Quando levo os brancos a festas negras nos EUA ou a festas marrons na Dinamarca, muitas vezes os vejo irromper em lágrimas de culpa: depois de tê-los demonizado inconscientemente por tanto tempo, de repente eles experimentam “os outros” como verdadeiros seres humanos. Nossas lágrimas revelam que todos nós somos vítimas de racismo.



1975 - San Francisco



1974 - Palm Beach, FL



1973 - Indianapolis, IN



1974 - Brownsville, NY





1982 - San Francisco

Quanto mais eu aprendi sobre o efeito devastador e auto-perpetuador de ser ostracizado, mais difícil foi para mim condenar os brancos por nosso racismo. Mesmo para mim, e para os imigrantes africanos e caribenhos, que não foram moldados por nossa cultura mestre, nem sempre foi possível responder de forma humana àqueles que estão presos em uma cultura pária. O comportamento desajeitado dos brancos em relação aos negros nos EUA, e desde então em relação aos “muçulmanos” na Europa, tornou-se especialmente compreensível quando eu o comparei às minhas próprias dificuldades em ser plenamente humano em relação aos que estão presos no gueto homossexual por minha sociedade heterossexual.

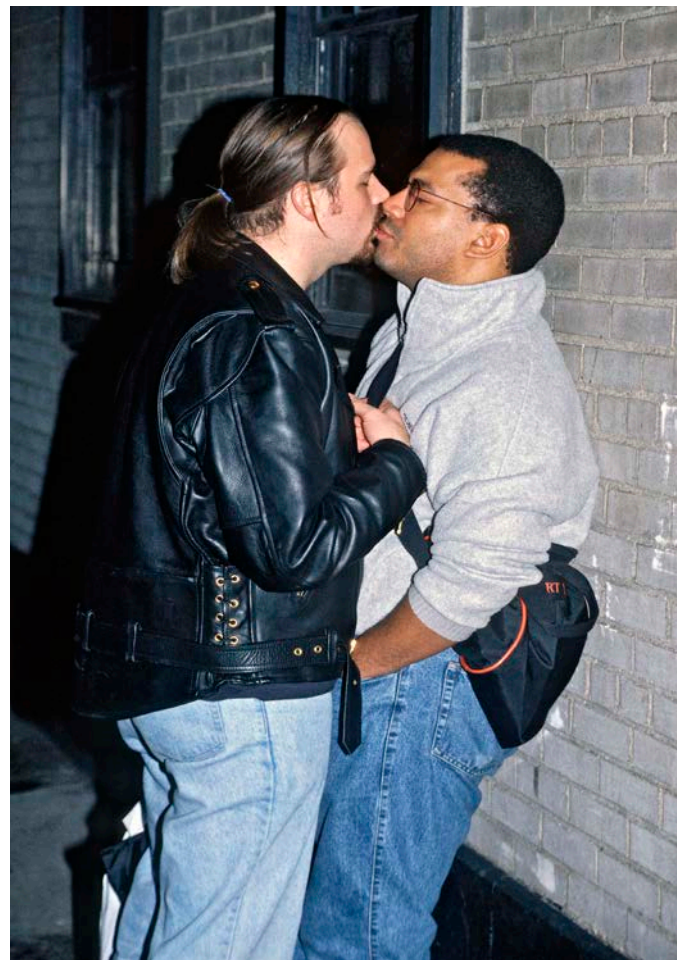
Minha atitude em relação aos homossexuais tinha sido basicamente “liberal”. Embora eu os tivesse forçado subconscientemente de forma tão eficaz na minha infância rural dinamarquesa quanto na Arábia Saudita, eu não tinha sido moldado por atitudes de ódio ostensivo em relação a eles. Assim, não tive que encontrar muitos gays que odeiam a mim mesmos no armário das estradas americanas para perceber que sentia como um dever moral tornar-me ativo no primeiro movimento gay aberto do mundo em São Francisco. Lá eu logo aprendi com mais gays “libertos” que os liberais são o inimigo mais insidioso da libertação. Nosso profundo senso de superioridade heterossexual permanece intocado por nossa preocupação com a “situação” dos gays. Parecemos admitir tanto com nosso condescendente “devemos aceitar os homossexuais”, enquanto o “nós” liberal exclui invariavelmente a própria minoria cuja integração está sendo solicitada. Deixamos os oprimidos para lutar não apenas contra o fanatismo e o ódio genuinamente expressos, mas também “simpatia” e “compreensão” - “tolerância” estendida a algo mais lamentável do que normal.



1989 - Washington, DC

Após tal doutrinação, “nós” nos sentimos tão inseguros, desconfortáveis e ameaçados por “eles” quanto os brancos se sentem ameaçados pelos negros / pardos, e torna-se mais conveniente para nós mantê-los em guetos. Alguns americanos viam os guetos gays como São Francisco e Nova Orleans como expressões de uma sociedade tolerante e livre. Como com os antigos guetos judeus na Europa, é exatamente o oposto. Quando durante séculos impedimos os gays de responder livremente, beijando e de mãos dadas em uma atmosfera aberta e sem medo, fizemos leis contra eles na maioria dos estados, os fizemos odiar a homossexualidade antes de chegar à idade adulta para que adotassem e internalizassem a definição de bom e mau para os heterossexuais, quando forçamos gays e lésbicas ao longo de suas vidas em tentativas dolorosas e fúteis de endireitar suas vidas com o mesmo efeito paralisante em sua auto-imagem que quando os negros alisaram seus cabelos para “passar” ou simplesmente sobreviver, - então, eventualmente, os forçaremos a entrar em guetos segregados semelhantes, completos com motins e subculturas.

Foi notado ser um dos primeiros defensores dos gays e foram os gays negros, como o diretor do SF Film Festival Albert Johnson e o diretor de teatro Burial Clay (assassinado uma semana depois de montar meu espetáculo) que primeiro convidaram a American Pictures para ir aos Estados Unidos. Quando eu vivi com o ativista gay negro, Lawrence Andrews enquanto ele ajudava a montar meu American Pictures Theater em São Francisco, ele me convidou para fazer workshops para seu grupo “Black and white men together” para ajudar a combater o racismo que ele via entre os membros. “Os brancos podem ir para a cama conosco, mas depois não querem ter nada a ver conosco”. A divisão entre gays e lésbicas era ainda maior então, mas nos anos 80 eu vi lésbicas saírem de sua raiva masculina justificada para se unirem ao nosso movimento.



1992 - NYC



1984 - Swarthmore, PA



2012 - Washington, DC



1973 - Baltimore. Sra. Willie após nosso jantar de Ação de Graças



2021 - NC rural. Sra. Willie 72 anos de idade.



1995 - NYC



1973 - Baltimore. A Sra. Willie em sua sala de estar



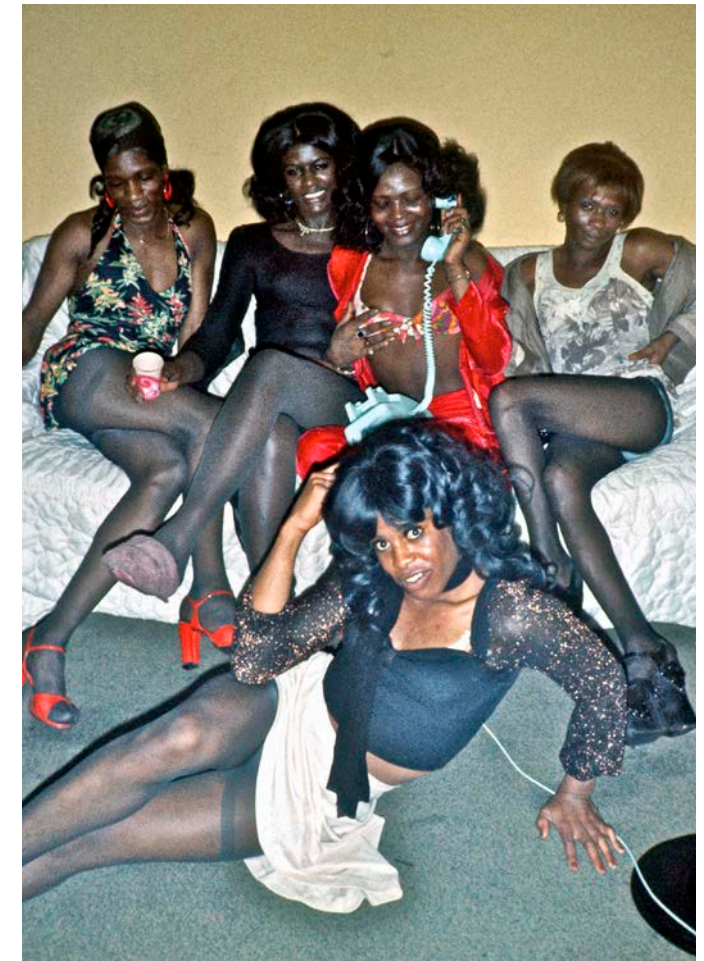
1975 - Tenderloin, San Francisco

Pedindo carona com minha placa dinamarquesa no gueto de Baltimore na noite de Ação de Graças de 1973, e esperando encontrar um lugar para ficar, fiquei espantado de ser pego por uma linda mulher negra, pois as mulheres negras nunca me pegaram. Ela me convidou para sua casa suburbana bem polida e tendo lido literatura dinamarquesa, nos envolvemos em uma profunda conversa intelectual, após a qual ela me convidou para dividir sua cama de seda lá em cima. Só depois que ela começou a me beijar é que seu restolho de barba me disse que não era uma mulher. Quando mais tarde eu contei a história aos homens americanos, eles normalmente estourariam com náusea: “O que você fez? Saltava pela janela?” De fato, logo depois, dois homens, acreditando ter pegado uma prostituta, mataram uma transexual assim. Para mim a Sra. Willie, ao invés disso, tornou-se uma querida amiga, que me apresentou ao mundo dos transexuais. Ele admirava a Dinamarca por primeiro permitir operações de mudança de sexo e me contou sobre o livro de Christina Jorgensen sobre o assunto.

Fiquei surpreso ao ouvir como Willie crescendo nos campos de tabaco na Carolina do Norte se sentia atraído por roupas femininas desde que ela tinha 5 anos, mas desde que escapou do norte para melhor viver sua verdadeira identidade. Como os tempos mudaram é visto pela forma como ela hoje - agora com 72 anos - voltou às suas raízes na Carolina do Norte. Depois da adorável introdução de Willie ao excitante mundo dos transgêneros e do arrasto, eu me senti completamente em casa quando mais tarde me mudei para um prédio cheio de transgêneros no Tenderloin, em São Francisco. Especialmente porque vi muitos de seus problemas de identidade durante suas transições, adorei suas festas cheias de alegria e competições de drag show. Assim, quando na velhice abri a primeira mesquita feminina da Dinamarca, fiz isso com a condição de que nossos muitos LGBTQ-refugiados pudessem usar sapatos de salto alto na mesquita para seus shows de arrasto.



1975 - Tenderloin, San Francisco



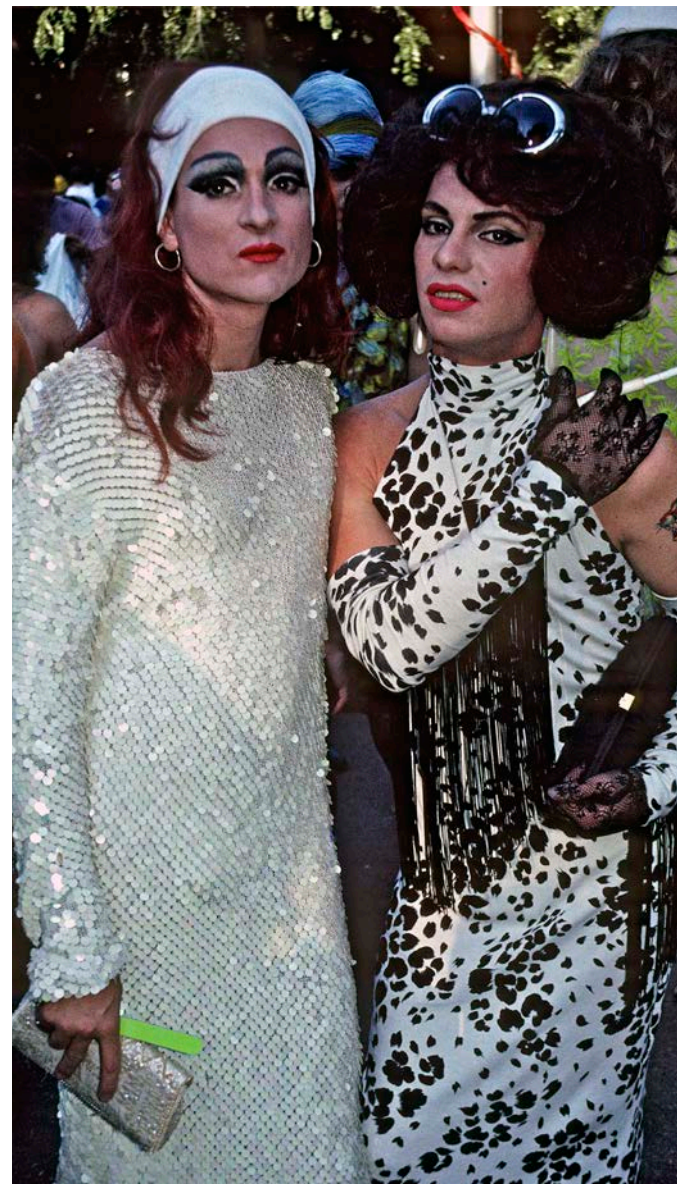
1975 - Tenderloin, SF - Festa Transgênero



1975 - Tenderloin, San Francisco



1975 - Tenderloin, San Francisco



2001 - NYC



1975 - Tenderloin, San Francisco



1975 - Tenderloin, SF. - Transseksuel fest



1975 - SF. Aniversário do pai transgênero para seu filho

Para a libertação não foi fácil. Vi cedo como a opressão externa levou muitos transgêneros às drogas e à prostituição, refletindo assim o resultado final mais óbvio da opressão negra. Assim, a maioria dos meus amigos com quem perdi contato. Quando um sistema social trata uma minoria com desprezo e hostilidade, no final aqueles dentro deste gueto se tornam tão conscientes de seu sistema fechado que vão mais longe e exageram sua “diferença” percebida. E assim se completa o círculo vicioso da opressão, pois a subcultura parece agora visivelmente “justificar” o desprezo da sociedade por ela. Desta forma, o “gueto do gueto” é criado como o “simpático”, os gays e lésbicas conformistas muitas vezes sentem que o arrastamento, o transexual e outras sub-culturas especiais LGBTQ o estragam em sua relação com o mundo heterossexual.



1975 - San Francisco



1975 - Tenderloin, San Francisco



1975 - Tenderloin, San Francisco



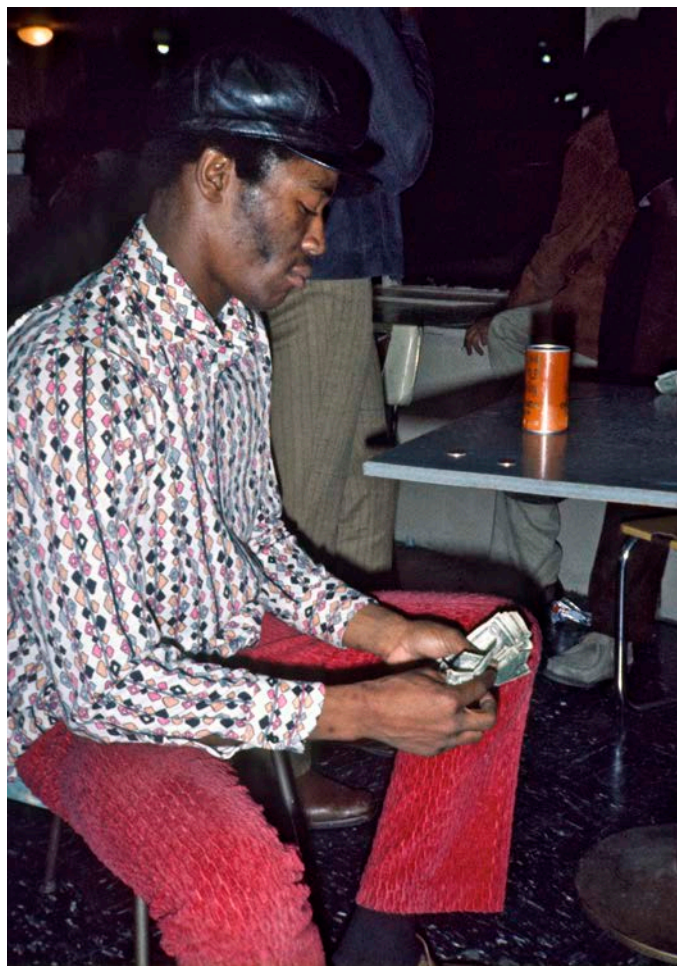
1975 - Tenderloin, San Francisco



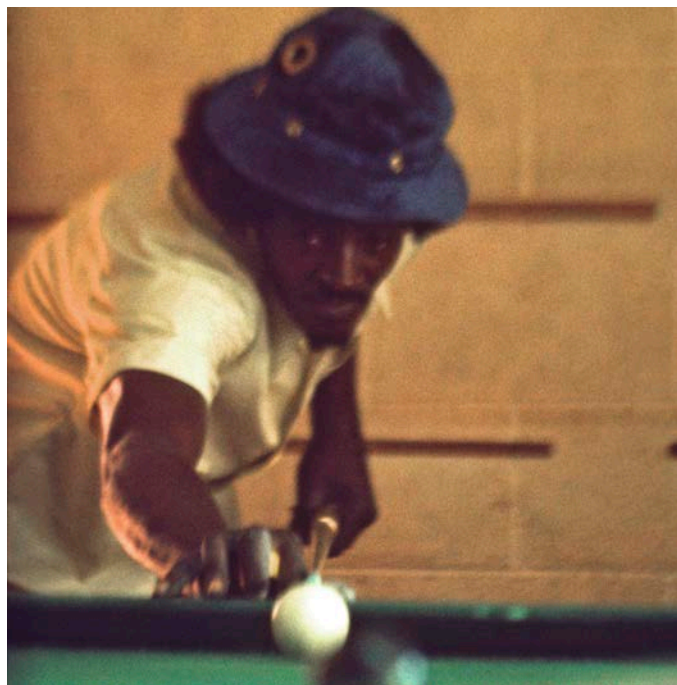
1991 - NYC

Uma forte subcultura no gueto negro é um espinho no lado dos negros mais ricos (e dos pardos mais ricos da Europa). Ambas as minorias tentam se fazer “merecedoras” de integração, mas o tempo todo estamos usando uma imagem patológica desta subcultura para estereotipá-las. Sensível a este aspecto, o gueto superior tende a ver o gueto inferior com um sentimento de vergonha em vez de como prova de sua opressão comum.

Tão fortes são as tensões entre o gueto superior e o inferior que muitas vezes tive que escolher lados, o que não foi difícil depois de ter visto o sofrimento no gueto inferior e o desprezo resultante tanto do gueto superior quanto dos brancos. Quanto mais eu começava a entender o gueto inferior, mais eu entendia a dinâmica da opressão em nosso sistema. Para muitos brancos, o gueto inferior é um mundo incompreensível de criminosos, cafetões, membros de gangues, traficantes, prostitutas e viciados. Como eles vivem em um sistema fechado, seus atos são desesperados e revelam um padrão de absoluto desprezo pelo resto da sociedade, do qual eles sabem que nunca farão parte. Os salões de bilhar são seu ponto de encontro, os carros de luxo seu símbolo de status, o nacionalismo cultural negro/castanho ou o islamismo sua comunidade e identidade inflamadas, o aperto de mão fraterno e o sofisticado “jive” ou “walla” falam de sua comunicação.



1975 - Tenderloin, San Francisco



1975 - Tenderloin, San Francisco



1975 - Tenderloin, San Francisco



1973 - Greensboro, NC

O “aperto de mão fraterno” pode ser tão comum quanto o aperto de mão fraterno. Mas quando você aprendeu estas regras e uma certa técnica de sobrevivência, não pode deixar de vir a amar estes marginalizados, nossos filhos da dor, mais do que qualquer outro grupo social. Pois encontrar a humanidade em meio a um ambiente brutal será sempre mais esmagador e encorajador do que encontrá-la entre pessoas protegidas da adversidade.

Quando este submundo nos provoca, não é menos importante porque constitui uma imagem espelhada enormemente exagerada de nós mesmos. Sem compreender e respeitar esta cultura assustadora, somos incapazes de reconhecer os aspectos opressivos e violentos de nós mesmos, que vemos refletidos nestas imagens incômodas aqui. Pois elas não mostram nenhuma cultura “negra” ou “marrom”, mas nosso próprio estado de espírito em toda sua brutalidade atual. Aqui estão todas as tendências de nosso sistema despojadas de uma paródia sinistra: o espírito competitivo, a corrida por símbolos de status, o sexismo e (não menos importante) a relação mestre-escravo.



1974 - Daytona Beach, FL



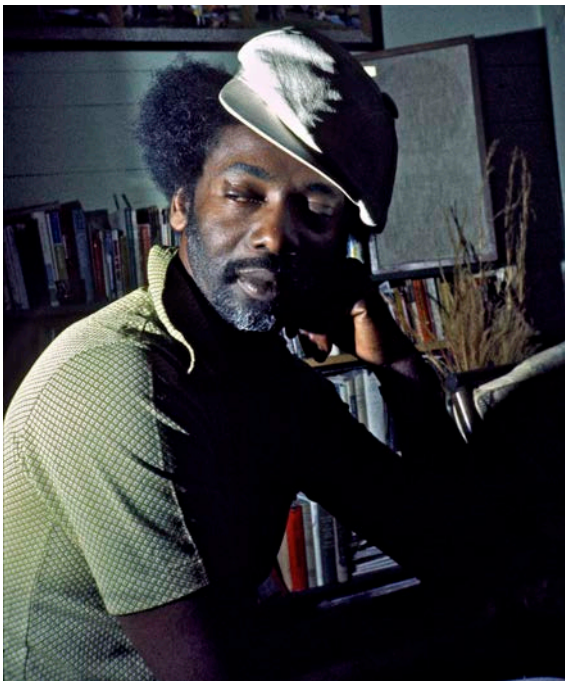
1972 - Detroit



1972 - Jackson, MI



1975 - Richmond, VA



1973 - Zebulon, NC



1974 - NYC

Onde quer que no mundo exista a relação senhor-escravo, haverá, dentro da cultura escrava, mais divisões em novas relações senhor-escravo. Onde quer que exista tal relação entre as pessoas, você saberá que essas pessoas não são livres, já que tal relação só pode existir em um sistema fechado. Na classe inferior, tal escravidão é vista mais claramente na relação entre cafetão e prostituta. A prostituta negra é totalmente subjugada pelo cafetão e se encolhe mentalmente a seus pés em profunda veneração.

O cafetão, entretanto, não é apenas um carrasco, mas também uma vítima no sistema maior, no qual ele se torna o novo escravo condutor que cuida para que a mercadoria seja entregue ao senhor dos escravos, o homem branco. Sua ferramenta não é mais o chicote, mas o bastão do cafetão feito de cabides retorcidos. Mesmo que os chulos, como os empresários na sociedade maior, possam se comportar de forma bastante desumana, é importante lembrar que eles, como os capitalistas, fazem negócios de acordo com regras e leis bem definidas e fora de seu controle.



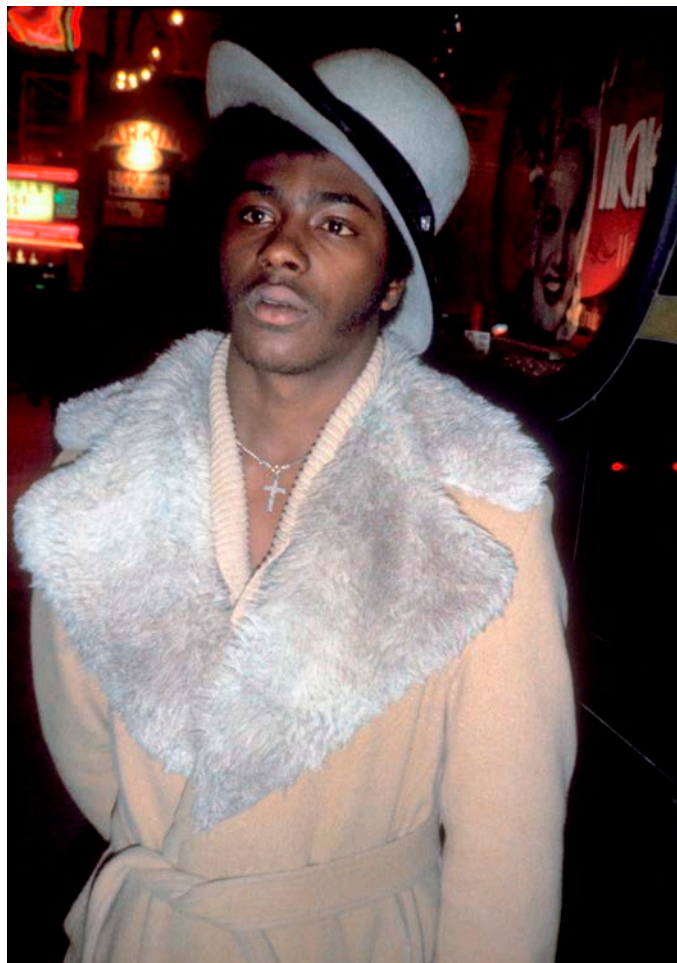
1975 - Tenderloin, San Francisco

Estas leis estão estabelecidas em O Livro, um Adam Smith não escrito ou manual de negócios que tem sido passado de chulo para chulo por gerações e que pode ser visto quase como uma extensão dos tratados capitalistas, já que descreve o sub-sistema no sistema econômico maior. Ai do cafetão que não segue os regulamentos! Assim como os capitalistas maiores, eles têm suas reuniões diárias de diretoria com outros cafetões, onde não só discutem como manter os salários baixos, mas também trocam detalhes técnicos sobre a manipulação de suas "ho's". Eles estabelecem o horário de trabalho de seus funcionários, o que eles chamam de "tempo parado", da mesma forma. Geralmente é possível dizer quais as prostitutas que pertencem a um "mack-man" e quais são "foras-da-lei", já que todas as prostitutas organizadas saem na rua exatamente à mesma hora todas as noites, enquanto os "foras-da-lei" vão e vêm conforme escolhem.

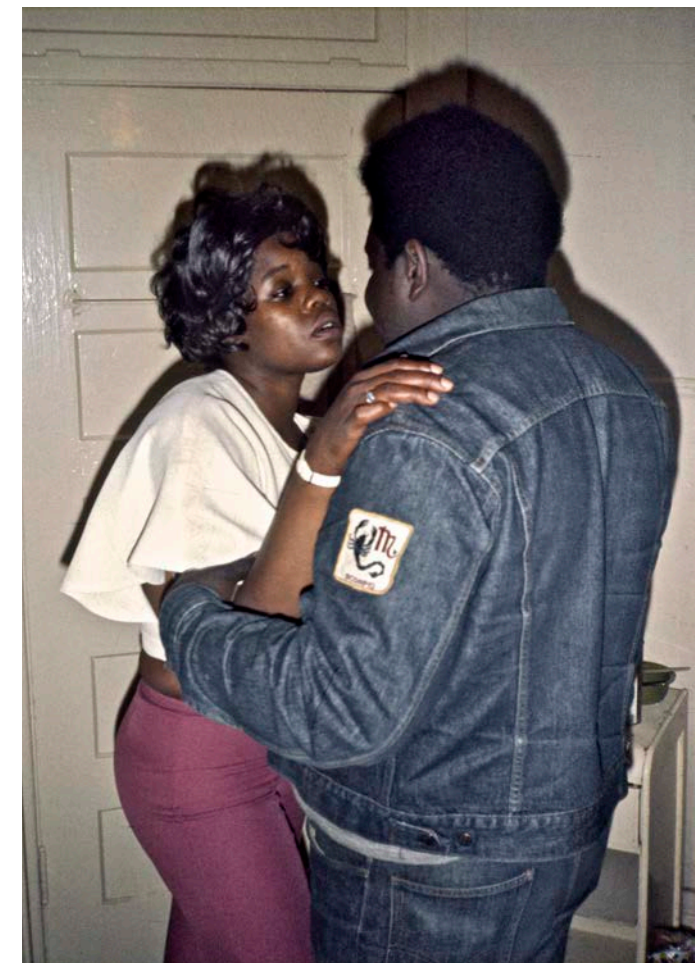
Como elas eram as últimas perdedoras em várias camadas de exploração, sempre me senti excepcionalmente próxima das prostitutas negras, que muitas vezes me ofereciam hospitalidade (embora, naturalmente, estes fossem os "foras-da-lei"). Como eu era um dos poucos homens em suas vidas com quem eles não tinham uma relação sexual ou comercial, eles podiam expressar para mim a humanidade que ainda não havia sido destruída por sua dura exploração.



1975 - Tenderloin, San Francisco



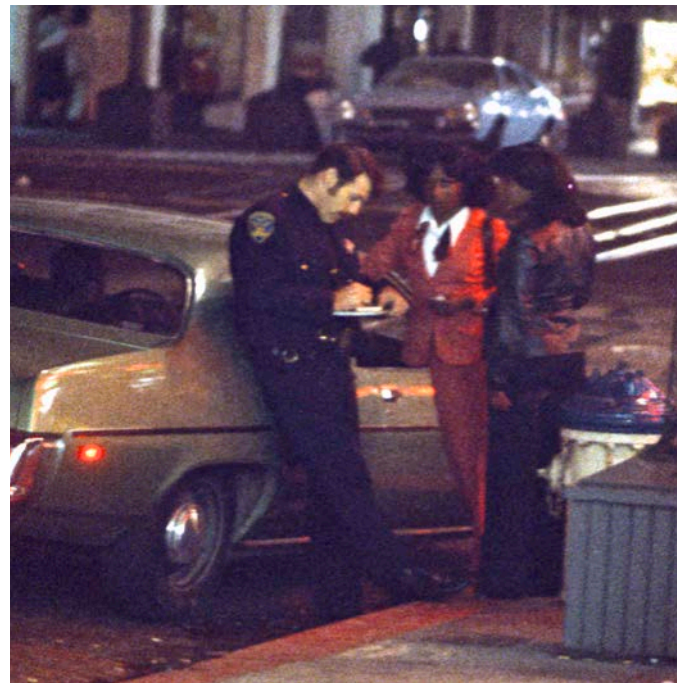
1975 - Tenderloin, San Francisco



1975 - Tenderloin, San Francisco



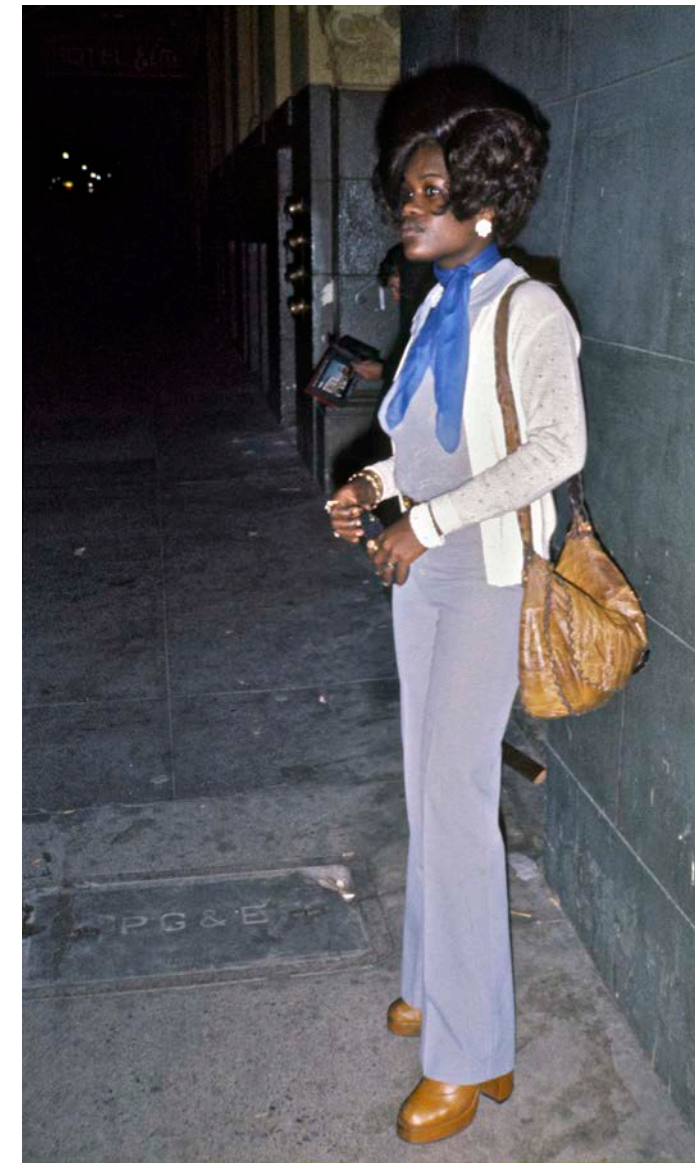
1975 - Tenderloin, San Francisco



1975 - Tenderloin, San Francisco



1996 - Astoria, NY



1975 - Tenderloin, San Francisco



1975 - Tenderloin, San Francisco

Uma razão pela qual nos demos tão bem foi, sem dúvida, que eles foram obrigados a conhecer cada detalhe do “sistema” no gueto inferior para ficar livre de proxenetas, enquanto eu, como um fora-da-lei (vagabundo) na sociedade maior, tinha gradualmente adquirido um certo conhecimento sobre ele para poder sobreviver. Tínhamos chegado de formas muito diferentes a uma perspectiva comum. Como o paralelo entre a superestrutura e a subestrutura era evidente, era fácil para estas mulheres ver a dinâmica interna do sistema combinado que causou sua dupla opressão: racismo e sexismo.

A relação entre cafetão e prostituta é, em muitos aspectos, apenas um exagero selvagem da relação entre homem e mulher no gueto inferior, ou mesmo na sociedade como um todo, no qual um dos muitos “maridos” do homem consiste em obter “amplo dinheiro” de mulheres desesperadas em troca de proteção contra o fato de ela ser “atropelada” por homens sexualmente agressivos. Em tal sociedade, uma mulher vê um homem, em um grau horrível, como um objeto de obtenção de dinheiro e luxo. Ela é muitas vezes muito direta sobre seu desejo de “casar com um homem rico”.

Esta fuga rápida do gueto foi chocante para mim, pois raramente tinha visto tais características egoístas nas mulheres dinamarquesas, talvez porque num estado de bem-estar mais igualitário tal exploração entre os sexos não faz o mesmo sentido. A prostituição envolvida na compra de mulheres com status e riqueza mostra-se especialmente claramente na classe alta e subclasse americana.

Dentro de seu sistema fechado, a classe inferior tem sido inculcada com a mesma admiração por cafetões “afiados” e “trapaceiros justos” em fins “fios” como as pessoas na sociedade maior são ensinadas a ter para os capitalistas dissidentes. Tais proxenetas e trapaceiros “fazendo-o” são modelos perigosos para as crianças do gueto, atraindo-as para a instituição de rua aos 8 ou 9 anos de idade, mas, como os novos ricos capitalistas, eles também são figuras erráticas deploráveis manipulando continuamente todos - eles nunca podem se tornar laxistas ou seu império entrará em colapso. Aprendi isso quando passei um ano trabalhando em uma igreja que tentava organizar prostitutas em um sindicato que as protegesse tanto das brutais batidas policiais quanto dos cafetões.





1973 - Geegurtha trabalhando no Conselho de Ação de Drogas



1973 - Com Geegurtha em Greensboro, NC



2005 - Com Geegurtha em Atlanta 32 anos depois

Entre as prostitutas que mais me impressionaram foi Geegurtha, que estava lutando para sair desta escravidão. Quando eu a conheci, ela tinha acabado de ser presa e quase totalmente destruída pelas drogas e pela violência. Sua filha nasceu viciada, mas foi salva através de transfusões de sangue. Durante os cinco anos em que Geegurtha foi prostituta, ela não viu nada de sua filha Natasha. Mas através de um enorme esforço, Geegurtha se tornou "mantida". O amor materno que ela deu desde então, expresso nesta foto, é profundamente comovente e até milagroso para mim quando a recordo dos dias em que ela estava um naufrágio. Ela se tornou gerente da clínica que a tinha ajudado, foi para a faculdade e se formou em psicologia.

Eu tinha conhecido Geegurtha quando Tony Harris, um assistente social, me convidou para falar com os condenados hardcore em seu programa de reabilitação de drogas. Gee ficou tão impressionado com minha análise de seus antecedentes criminais e das prostitutas com quem eu havia convivido que um dia ela me convidou para casa. Ela estava vivendo com sua família profundamente religiosa, que tinha medo de cair de novo nas drogas e na prostituição. Então sua irmã Georgia, empregada por uma igreja, me pediu para morar com eles e até para dividir uma cama com Geegurtha e Natasha por uma semana. Ela achou que seria útil para a cura de Gee desenvolver uma relação íntima e de confiança com um homem não baseada em sexo, dinheiro ou violência. Sua cura supervisionada religiosamente foi tão bem sucedida que ela nunca regrediu, e 30 anos depois Tony tirou esta foto de nós replicando a foto que Georgia tinha tirado de nós em uma manhã de domingo antes da igreja em 1973.



1973 - Com a filha Natasha - nascida viciada - em Greensboro, NC



1973 - Greensboro, NC



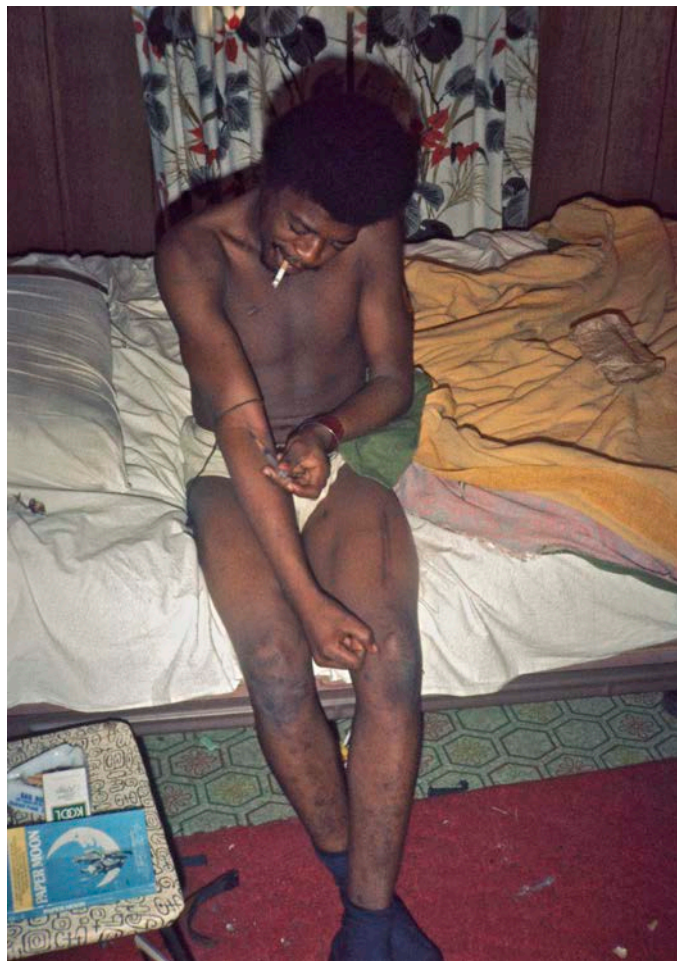
1974 - Greensboro, NC



1974 - NYC



1974 - Jacksonville, FL



1974 - Daytona Beach, FL

Com a maneira como eu tinha visto as probabilidades empilhadas contra o amor materno negro, fiquei profundamente comovido com esta história da luz do sol. As probabilidades são igualmente ruins para o amor paternal. Este homem, que me deixou dividir sua cama em uma barraca de um quarto na Flórida, estava atirando logo pela manhã. Incapaz de chutar seu hábito, sua vida familiar havia se deteriorado, e ele estava profundamente magoado por não poder estar com seu filho. Quando eu vivia com Baggie, a mãe com esses três filhos, ela também tinha sido uma viciada, mas tinha ficado “limpa” e colocado todo seu amor em dar aos filhos uma boa educação religiosa. Mas quando voltei, um ano depois, ela havia sido condenada a 25 anos de prisão por roubo à mão armada. A platitude americana de que “a família que reza unida permanece unida” não era verdadeira.

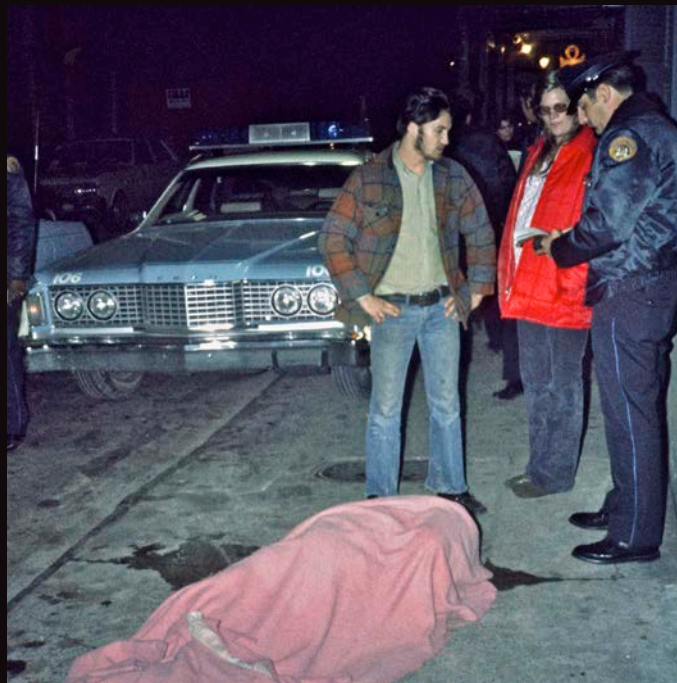
As pessoas que confinamos a um sistema fechado geralmente tomam a saída mais rápida - muitas vezes minutos antes de estarem prestes a conseguir. Elas internalizaram tão completamente nossas expectativas racistas brancas a respeito delas que não têm fé em sua capacidade de serem bem sucedidas de maneira comum. A maioria das pessoas de alguma forma entende por que um prisioneiro com sete anos de prisão corre o risco e foge ao invés de esperar pacientemente para sair legalmente do inferno. Não até que eu mesmo quase me tornei um gueto - do que simplesmente viver a vida privilegiada de vagabundo em guetos - fui capaz de sentir como o sistema fechado funciona exatamente como uma prisão na qual você não tem nem o excedente psíquico nem os meios para investir em uma educação de sete anos que poderia tirá-lo dessa opressão sufocante da forma convencional. Todos os atos do gueto são, portanto, desesperados, guiados por metas de curto prazo que são determinadas pelo fato de você já viver em uma prisão. Para tais pessoas, nenhuma prisão ou qualquer tipo de punição será um dissuasor suficiente.



1974 - Jacksonville, FL



1975 - Tenderloin, San Francisco



1974 - New Orleans



1975 - San Francisco



1975 - Tenderloin, San Francisco



1975 - Tenderloin, San Francisco



1974 - New Orleans

As fugas criminosas, como roubos e fraudes, não são mais típicas da miopia do que as tentativas de fuga mais lícitas constantemente referidas nos estereótipos racistas. O clima de morte e medo mata a confiança a longo prazo no futuro e, em 1970, tornou mais fácil comprar um Cadillac do que economizar dinheiro para um dia sair de um barraco podre. Vindo de um estado social, achei irônico que americanos brancos desdenhosos se referissem constantemente a um “baixo limiar de gratificação” entre os negros enquanto suas próprias vidas eram atadas em uma revolta fiscal míope, tentando amontoar BMWs, iates e engenhocas desnecessárias sobre seu próprio limiar. Quando você se recusa a pagar pelo bem comum, você convida os criminosos para sua casa. Um país merece os criminosos que ele produz.

O criminoso do gueto desafiando diretamente essas desigualdades é a pessoa mais incompreendida e temida indevidamente na América branca. Na verdade, ele representa pouco perigo para os brancos; mais de 95% do crime americano é branco sobre branco ou preto sobre preto. Na África, os criminosos me impressionaram ao trabalharem juntos em grupos altamente organizados. Eles iriam para os lares mais ricos, independentemente da cor, passariam dias pesquisando quando os guardas estavam de folga, envenenariam os cães no início do dia e à noite, soprariam “pó de bruxa” para dentro de casa (assim foi dito), colocando toda a família para dormir e assim evitando a violência. Com a família em sono profundo, os ladrões esvaziavam a casa inteira e até mesmo faziam uma festa dentro dela.

Em contraste, o estado desorganizado do criminoso negro americano indica um estado de escravidão tanto quanto as fúteis rebeliões de escravos americanos. Eu posso ter orgulho duvidoso de ter participado de vários assaltos.



1973 - New Orleans

Isto aconteceu porque meus amigos não me informaram sobre eles antes e, de fato, nem mesmo tinham planos em si. Quando eles viram as presas, agiram sob o impulso do momento em um coquetel vicioso de ódio e auto-ódio profundo, ao invés da necessidade real. Assim como as crianças colonizadas em todos os lugares roubam de você quando você lhes mostra gentileza “mestre”, eu descobri que os “rip-offs” adultos, os “ladrões” e até mesmo os “tachas de braço forte” eram movidos por motivos shakespearianos:

*“Eu sou um, meu soberano, a quem os golpes vis e os tampões do mundo tão incensamente irritaram que sou imprudente com o que faço para maltratar o mundo”.*  
(Macbeth, Ato 3)



1974 - NYC



1973 - Baltimore



1974 - Brooklyn, NY



1974 - NYC



1975 - Tenderloin, San Francisco



1975 - Richmond, VA (Willie Hurt)

*Freddy está morto, isso foi o que eu disse.  
Deixe o homem fazer um plano,  
dizem que ele o mandaria para casa,  
mas sua esperança era uma corda  
e ele deveria ter sabido.  
Por que não podemos, irmãos,  
nos proteger uns aos outros?  
Ninguém está falando sério e isso me deixa furioso.  
Todos o maltrataram,  
o arrancou e abusou dele  
outro plano drogado,  
empurrando a droga para o homem.*

Quando se vive tempo suficiente nestes ambientes, sente-se a conspiração contra o gueto de que nossos prisioneiros estão falando. Como acontece com os opressores em todo o mundo, nosso racismo se manifesta psicologicamente em uma necessidade de “dividir e conquistar”. Toda minha vida ouvi crianças negras americanas se implicar com “você age branco” ou “você não é realmente negro” - quase as mesmas palavras odiosas que ouço hoje em crianças marrons na Dinamarca: “você é dinamarquesa demais”, “você não é realmente muçulmana”, “prostituta” (sobre garotas que se vestem “dinamarquesa demais” ou apenas de maneira diferente do grupo excluído). Assim como os negros se rebaixam com “Oreo” e “coco”, os muçulmanos do oitavo ano se testam com “você cheira a carne de porco” ou “sua irmã é uma foda dinamarquesa”. O gueto superior é colocado contra o gueto inferior, gangue contra gangue, família contra família, até mesmo irmão contra irmão.

Quando eu vivia com este rapaz de 15 anos, Willie Hurt, e sua mãe em Richmond, VA, seu irmão de 13 anos, deitado no hospital, atingido pela bala do irmão em uma briga de gangues. A ferida o deixou cego. Eu segui Willie Hurt em expedições de

rua dois dias após a tragédia. Muitas dessas gangues já foram destruídas pela heroína; a imprensa revelou que a polícia havia vendido heroína e inundado o gueto com ela, numa época em que algumas gangues haviam se politizado. É mais uma vez a política de dividir e conquistar sendo usada contra um povo colonizado.

No entanto, conheço bem os brancos para acreditar que, exceto por algumas ações “Cointelpro” do FBI, não há nenhuma conspiração contra os negros. Não há necessidade disso, pois nosso racismo diário “inocente”, nossas atividades diárias e nossas vibrações de mestres-raciais funcionam tão eficazmente quanto a conspiração mais bem planejada. Quando visitei o homem mais rico do mundo, Paul Getty, em sua luxuosa casa, vi entre seus motivos favoritos um retrato artístico dos oprimidos lutando contra eles mesmos.



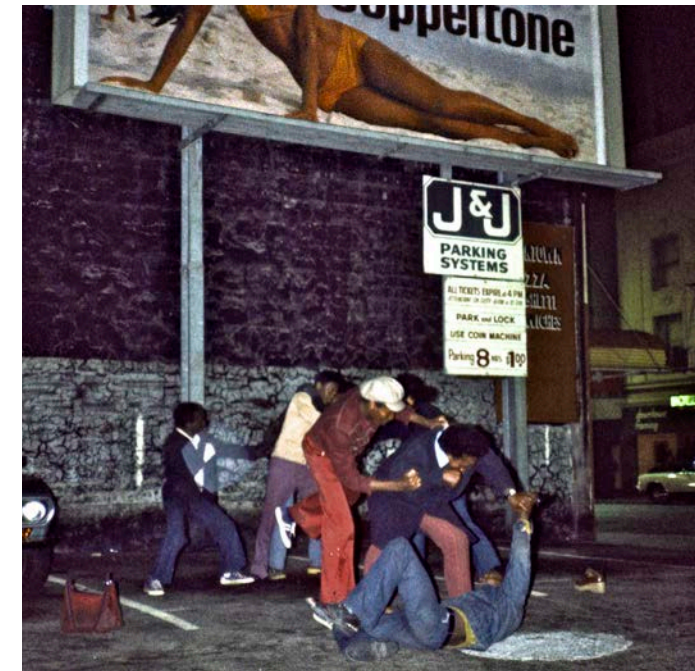
1988 - NYC



1975 - Malibu, CA



1988 - NYC



1975 - Tenderloin, San Francisco



1975 - Tenderloin, San Francisco



1989 - Harlem, NY. "Hey Dude". Vamos parar de matar uns aos outros"

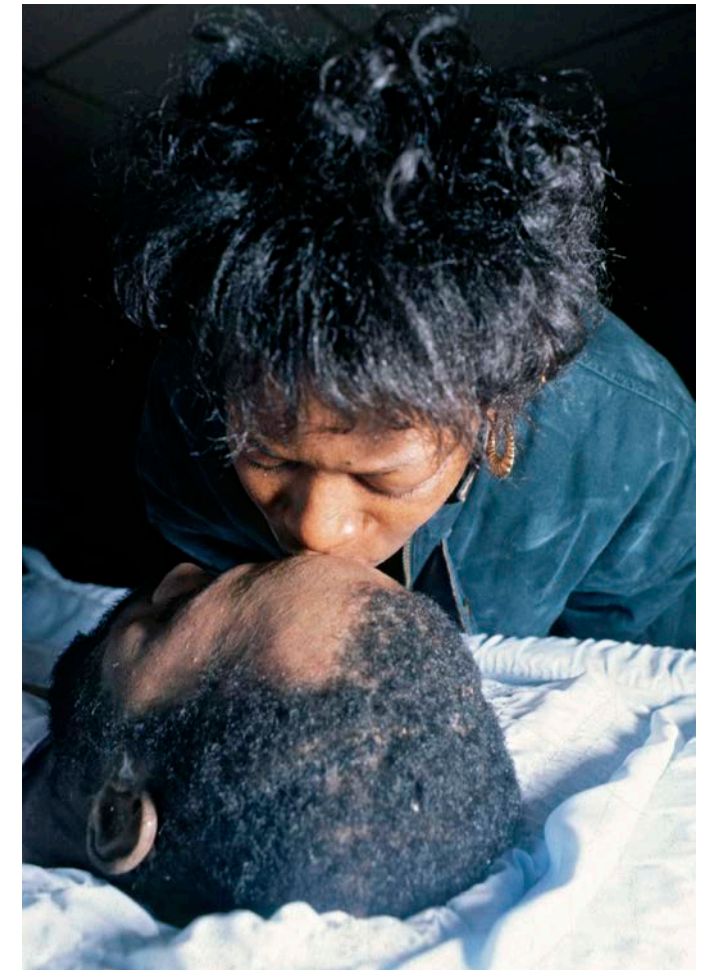


1995 - Queens, NY

No início dos anos 80 eu tinha contado 22 amigos que haviam sido assassinados. Desde então, perdi o controle. Simon Williams, com quem meu filho de 6 anos havia brincado no gueto Astoria em 1986, foi a quarta pessoa que eu conheci na mesma família a ser assassinada. Em seu funeral em 1995, o ministro, que era um comediante e tanto, começou com "Chegamos à escuridão onde não podemos mais chorar nossa dor. Vamos rir disso". E então ele começou a contar piadas, então no final todos os 150 convidados da funerária estavam rugindo na risada, até mesmo a irmã de Simon, Cathrine, vista aqui embaixo. No entanto, quando voltei alguns meses depois para lhe dar minhas fotos, ela também tinha sido assassinada, atingida por balas perdidas junto com várias outras em uma mercearia. Cathrine foi a quinta vítima de assassinato na família Lela Taylors.



1995 - Queens, NY - Catharine e marido dois meses antes de seu assassinato



1995 - Queens, NY

# Entre Eloi e Morlocks

(Luke 9: 3-5)

Na Carolina do Norte, um milionário com quem muitas vezes fiquei me emprestou um de seus carros, um grande Buick, para que eu pudesse sair para as estradas secundárias mais desertas onde é impossível pegar carona. Depois de ter visto muita pobreza durante todo o dia, cheguei a Wilmington naquela noite. Tinha ouvido dizer que tinha havido distúrbios raciais na cidade, então tive vontade de conhecê-la um pouco melhor. Como sempre, quando chego a uma nova cidade, comecei de baixo para cima, indo para os piores bairros. Estacionei o carro muito longe, já que não se pode se comunicar com as pessoas se se enrola em um carro. Peguei meu saco de ombro e andei pela rua como se tivesse acabado de pegar carona até a cidade, e depois fui até um dos piores bares pretos de uma das ruas principais. Adoro estes bar-and-grills de combinação sujos com os pequenos frascos de pés de porco em conserva e pimenta, e muitas vezes sento-me em tal bar por horas. Há sempre algo acontecendo. Mas, esta noite, as coisas deram errado.

Era por volta das onze horas e estava completamente escuro quando cheguei ao lugar. Havia a multidão habitual de tipos meio-criminosos do lado de fora: os hustlers. Eles muitas vezes parecem maus e perigosos com seus óculos escuros, mas não são tão maus assim se você os tratar bem. Eu realmente os amo, porque é um desafio muito grande para mim encontrar o ser humano por trás dos óculos escuros. Ou se ganha ou se perde; se você fizer um movimento errado, pode significar a morte.

Como todos os criminosos, eles são na verdade extremamente tímidos e, portanto, reagem espontânea e nervosamente. Eu uso como regra geral que quanto mais escuros seus óculos de sol, mais medo eles têm de mim e uns dos outros. Mas assim que você ganha a confiança deles e os óculos escuros são retirados por um copo de cerveja ou um charro, eles se mostram como pessoas fantásticas e farão qualquer coisa por você. É por isso que sempre os procuro primeiro quando chego a uma nova cidade, uma vez que eles têm muitos contatos. Sou sempre completamente honesto com eles e não finjo ser nada além do que sou, nunca tentando, por exemplo, imitar a linguagem deles ou usar o sentimentalismo branco comum sobre “somos irmãos” e toda aquela porcaria que eles ouviram tantas vezes dos brancos. É preciso lembrar como eles são paranóicos e que não têm fé nos brancos em geral, nem em seu próprio povo, nem em si mesmos. Eles foram pisoteados durante toda a vida e essa opressão não pode ser superada através de qualquer conversa falsa de “irmão”. Mas falando com absoluta honestidade você pode mostrá-los de várias maneiras quem você realmente é, e o que você quer, você pode superar as suspeitas deles. Eles precisam saber com quem estão lidando. É, por exemplo, este forte desejo que faz com que muitos negros prefiram o racista do Sul ao liberal do Norte, pois com o racista eles sabem onde estão e podem respeitá-lo por sua honestidade, enquanto o liberal sempre diz uma coisa e faz outra. Com minhas fotos e minhas descrições detalhadas do que fiz em outros guetos, geralmente não é difícil convencê-los de minha

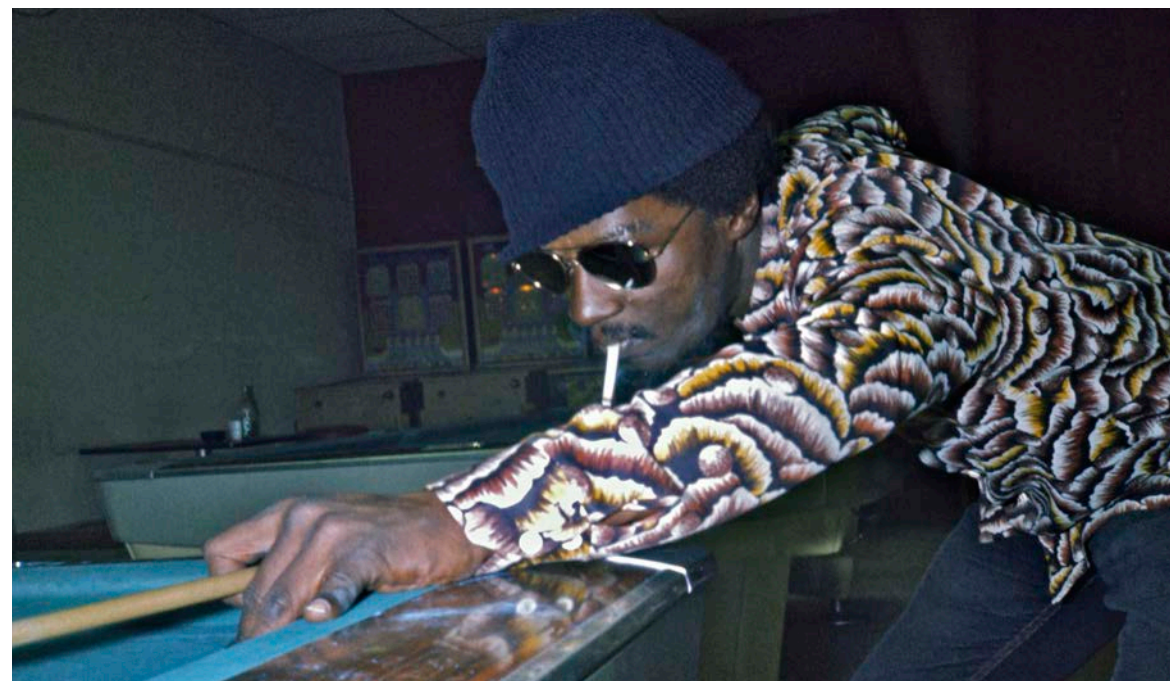
identidade (sempre que eu mesmo sei qual é minha identidade). Eles nunca estão totalmente convencidos de que não sou um policial disfarçado, mas quase sempre aproveitam a oportunidade. Toda pessoa tem uma necessidade de ser humana neste sistema social e há sempre um risco envolvido nisso. Se você deixar a máscara cair, corre o risco de ser ferido. Tanto o capitalista quanto o criminoso estão em seu cotidiano tão fortemente deformados pelos papéis ditados para eles pelo sistema que têm um impulso indescritível para a bondade humana. Este impulso eles têm uma chance de se expressar com o vagabundo, que está completamente fora do sistema. Para conseguir algo para comer ou um lugar para ficar, o vagabundo deve sempre falar com o “bom” (o humano) do capitalista ou do criminoso e quando ele percebe que isto é sempre possível, então não pode mais condená-los como “capitalistas” ou “criminosos”, mas conclui que todos eles têm possibilidades de agir de acordo com um sistema diferente daquele que normalmente os dirige. Assim, o vagabundo, ao invés disso, começa a condenar o sistema contra o qual ele sempre tem que lutar para sobreviver. Portanto, mesmo os piores criminosos costumam correr esse risco comigo, e gradualmente, à medida que a pior desconfiança diminui, e algumas cervejas caem, podemos nos apaixonar bastante uns pelos outros em admiração mútua pelos papéis que costumamos desempenhar. Eles estão sempre interessados no que eu aprendi de outros criminosos, e quanto mais “maricas” eu descrevo, mais próximos estamos um do outro.

Mas na troca de formas de “policiair” (a palavra que cobre tudo o que o criminoso precisa, seja um saco de heroína, um carro, uma arma, uma mulher ou um vinho), eu sempre enfatizo colocá-la em um contexto político. Muitas vezes os eventos aos quais estamos expostos no decorrer de uma noite como esta se tornam cada vez mais criminosos. Sei que, para conseguir um lugar para dormir, tenho que convencê-los de que estou com eles durante todo o caminho. Assim, na primeira noite em uma nova cidade, normalmente não durmo muito; mas desta forma, ganho espaço em outros círculos sociais do gueto, já que as irmãs, irmãos, pais e amigos do criminoso não são necessariamente criminosos em si.

Mas esta noite, em Wilmington, algo deu errado. Recebi as mesmas vibrações hostis das pessoas fora do bar que sempre recebo, mas não havia nenhuma possibilidade de quebrar o gelo. Não importava o que eu dissesse, não conseguia passar. Eles começaram a fazer ameaças e disseram: “Somos militantes, tire seu traseiro daqui ou você é um homem morto”. Fiquei tão atordoado que minha filosofia de sobrevivência não funcionou que fiquei todo fraco de joelhos. De repente, senti que não tinha controle sobre os acontecimentos e desisti. Caminhei um pouco mais pela rua principal, mas para voltar ao carro sem passar por eles novamente, desliguei para a direita através de um “projeto” não iluminado - como são chamadas essas casas municipais de pobres. Mas quando entrei lá, notei que elas tinham começado depois de mim. Aparentemente, eles perceberam que este era o



1975 - Tenderloin, San Francisco



1975 - Tenderloin, San Francisco

território deles. Eu cometi o erro de correr mais longe para me esconder deles. Escondi-me debaixo de um arbusto e vi que de repente eles estavam por toda parte, cerca de uma dúzia deles. Comecei a tremer, fiquei tão chocado com este desenvolvimento. Percebi que não tinha nenhuma chance e corri para um beco escuro para me render. Fui imediatamente cercado, facas e armas apontando para mim de todos os lados. A partir daquele momento não me lembro exatamente o que aconteceu, apenas que comecei a chocalhar muitas palavras. Eu disse, entre outras coisas, algo como que eles deveriam esperar apenas dois minutos, olhar para minhas fotos e ouvir por que eu estava lá, e se não gostassem, poderiam me matar então. Não sei se foi isso que fez a balança balança balança, mas depois de muita gritaria e gritos sobre o que eles deveriam fazer comigo, o que finalmente aconteceu foi que eles me levaram para a rua principal com armas e facas no meu hack. Eu estava tremendo ao pensar que alguém poderia puxar o gatilho por acidente. Disseram que eu deveria andar direto pela rua até que eu saísse da cidade. Para voltar à cidade, agora eu tinha que andar duas milhas para fora e depois duas milhas para trás em uma rua paralela. Pensei em chamar um táxi ou a polícia, mas desisti da idéia. Eu não tinha dinheiro para um táxi e senti que era errado usar a polícia. Se eu fosse visto com a polícia, eles estariam realmente convencidos de que eu não estava do lado deles. Então, na escuridão, corri de árvore em árvore pela rua paralela para evitar ser visto dos carros, pois poderiam ser meus atacantes nos carros. A cena foi exatamente como no filme “No Calor da Noite” - só que racialmente invertida.

Voltei sem um arranhão e rugi para fora da cidade a toda velocidade. Estava cansado de ficar no gueto para aquela noite. Desde então, tenho tentado analisar o que fiz de errado naquela noite. Não há dúvida de que falhei por ter sido desonesto com os criminosos. Fingi ser um pobre vagabundo que precisava de um lugar para dormir, mas na verdade eu não era pobre, pois o carro estava escondido por perto e eu sempre soube que, se necessário, eu poderia dormir no carro naquela noite. Eu não tinha sido completamente honesto com eles e, portanto, não podia causar a impressão positiva que os abriria. Eu havia cometido o mesmo erro que o senhor feudal que vem em seu confortável ônibus com lanternas brilhantes e assim carrega com ele sua própria luz e sua própria escuridão. Ele desfruta de sua segurança e da luz que é lançada sobre o entorno imediato, mas não entende que o forte brilho o deslumbra e o impede de ver as estrelas, que o pobre camponês vagueando a pé e sem uma lâmpada é capaz de ver perfeitamente claramente e de usar como guia.

Em seguida, dirigi-me a uma comunidade branca próxima. Depois desta experiência sombria, comecei a sentir que algo fantástico aconteceria naquela noite. É assim quase sempre quando se viaja: quando se é o mais abatido, se é o mais alto para cima logo em seguida. Tão fatalista eu me tornei neste ponto que quando



1975 - Tenderloin, San Francisco

duas semanas antes I estava de mangas de camisa congeladas numa tempestade de neve por horas numa estrada de trás na Virgínia Ocidental, incapaz de conseguir uma carona, fiquei completamente convencido de que algo de bom sairia’, e com certeza, naquela mesma noite aterrissei no Rockefellers’. Se como um vagabundo você não está possuído por este fatalismo você está perdido, pois só por causa de sua convicção você é capaz de comunicar uma energia positiva tão forte que você mesmo está realmente ajudando a criar uma situação favorável. De qualquer forma, quando entrei em um bar na praia de Wrightsville naquela noite, não fui totalmente surpreendido pelo que aconteceu. Eu estava ali sozinha há algum tempo quando uma jovem muito doce veio e puxou minha barba e quis saber quem eu era. Então as coisas aconteceram muito rápido e ela começou a derramar muito vinho em mim. Quando, como um vagabundo, você fica completamente sozinho no mundo, você é muito fraco em tais situações e se apaixonava incrivelmente facilmente. Mas quando apenas uma hora antes você está mais perto da morte do que nunca, então esta apaixonada assume dimensões tão violentas que se torna totalmente avassaladora. Qualquer ser humano que tivesse me mostrado calor naquela noite, eu teria me amarrado para sempre. Uma das primeiras coisas que ela me perguntou foi se eu tinha um lugar para viver. Quando eu disse que não, ela disse imediatamente que eu deveria morar com ela. Ela me daria todo o dinheiro que eu precisava e um cartão de crédito de gasolina para o carro. Afinal, ela pertencia a uma das famílias mais ricas da América, proprietária da cervejaria Schlitz. Eu nunca esquecerei aquela noite. Normalmente sou impotente na primeira noite com uma nova mulher, mas a experiência violenta ainda estava tão comigo que eu estava pensando mais sobre isso, e por isso tudo correu como deveria. Foi exatamente o mesmo daquela vez em Nova Orleans quando uma mulher e eu testemunhamos um de nossos amigos matar outro enquanto jogávamos bilhar, e depois fomos para casa e fizemos amor a noite toda. O sexo e a violência estão provavelmente muito intimamente ligados. No geral, sinto que muitos dos meus casos de amor nos EUA foram provocados por uma experiência violenta - ou resultaram em uma. Meu amor por este país poderia ser da mesma natureza. Naquela noite nos apaixonamos tanto um pelo outro que ela começou imediatamente a falar sobre o casamento. Quando nos casamos, recebemos 50.000 dólares, e depois disso

30.000 dólares por ano. “Eu quero ter um filho com você”, disse ela. Durante os primeiros dias eu mesma estava tão convencida de que ia me casar que comecei a escrever a todos os meus amigos que “agora eu finalmente tinha encontrado o certo”.

Eu estava fascinado por ela e sua natureza de classe alta. Ela gastou dinheiro como se fosse água. Na primeira semana gastamos centenas de dólares e ela teve que telegrafar para seu pai na Europa para conseguir mais dinheiro. Eu gostava de ir aos melhores restaurantes, comendo lagosta e bife, que se sentia bem depois de vários meses de “comida para a alma”. Mas eu ainda insisti em continuar minha exploração e saí de carro durante o dia para fotografar a pobreza e a fome no leste da Carolina do Norte. Um especialista em geofagia (comer sujeira) tinha me falado sobre a fome na região. Durante o dia eu fotografei a fome, e à noite eu me empanturrava em bifes. A cada dois dias eu passava com minha noiva em uma ilha próxima, o que era apenas para pessoas ricas. Havia um guarda na ponte para impedir que negros e outros pobres párias saíssem para lá. Vivíamos em uma linda vila grande e passamos o dia todo deitados na praia. Foi aqui que eu comecei a perder o interesse nela, pois estava simplesmente entediado até a morte. No início, ela se interessou pelo meu “hobby”, mas aos poucos foi ficando claro que ela percebia os negros como sub-humanos. Muitas vezes me apaixonei por racistas sulistas por causa de seu exotismo e dialeto encantador e meu próprio fascínio pela pessoa por trás do relacionamento mestre/escravo, mas aos poucos fui percebendo que não se pode basear um casamento em tal fascínio. Comecei a sentir que nosso filho seria mais o produto da violência do que do amor. Quando perguntei o que ela faria se nos afastássemos, ela disse: “Não se preocupe, eu tenho dinheiro suficiente, posso fazer um aborto a qualquer momento”. Ela ainda estava loucamente apaixonada por mim, mas eu estava começando a ter meus pés no chão. Então, quando pouco depois ela teve que viajar para as Ilhas Galápagos para ver tartarugas e quis me levar com ela, a princípio sentiu-se muito tentada, mas mesmo assim disse que não. Seria bom levá-la a uma pequena distância e esfriar a cabeça. Ela me pediu para ir passear no aniversário dela, o que eu prometi fazer.

Peguei carona por alguns milhares de quilômetros para voltar naquele dia e cheguei por volta do meio-dia e pensei que ela ficaria feliz. Mas ela apenas se deitou na cama e estava totalmente fria. Ela tinha tido umas boas férias com as tartarugas, mas começou a sentir que não éramos adequados um para o outro. No final, ela tinha ido ao Equador para fazer um aborto. Tinha sido muito caro e difícil “naquele país primitivo e católico”. Agora ela não tinha mais sentimentos por mim, disse ela. Eu estava profundamente magoada e muito aliviada ao mesmo tempo, me despedi e voltei para o gueto em Wilmington para tentar novamente viver lá. Fui para o mesmo bar, mas desta vez durante o dia e comprei uma rodada de Schlitz para as pessoas de



1974 - Charleston, SC

lá com o dinheiro que me restava de meus dias de luxo. E desta vez consegui ser aceito e houve conversas e conversas e um calor sem igual. Foi nessa época que Schlitz iniciou sua nova campanha publicitária com o slogan “Só o amor é melhor do que Schlitz”. Sempre que o via pelo país, pensava em Wilmington, e em seu ódio racial violento.

#### *Resumo das cartas*

*Nota final. Não estou aqui mencionando o nome da mulher Schlitz nem trazendo fotos dela desde que seus pais, em algum momento dos anos 80, me disseram que ela havia acabado de cometer suicídio. Achei estranho que as duas únicas “garotas amigas” que mais tarde cometeram suicídio, ambas eram milionárias.*

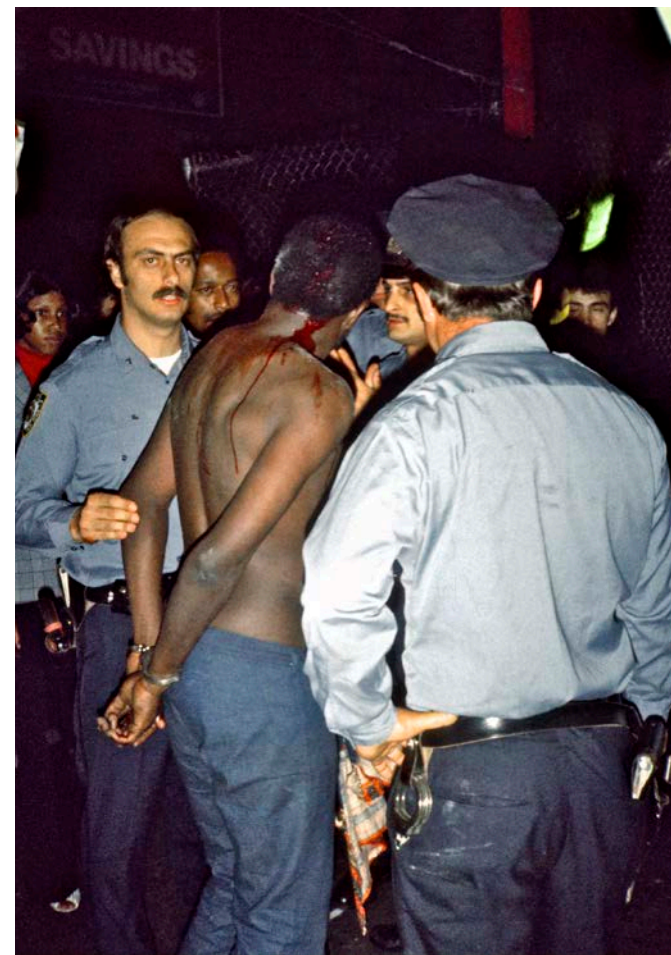




1974 - Harlem, NY



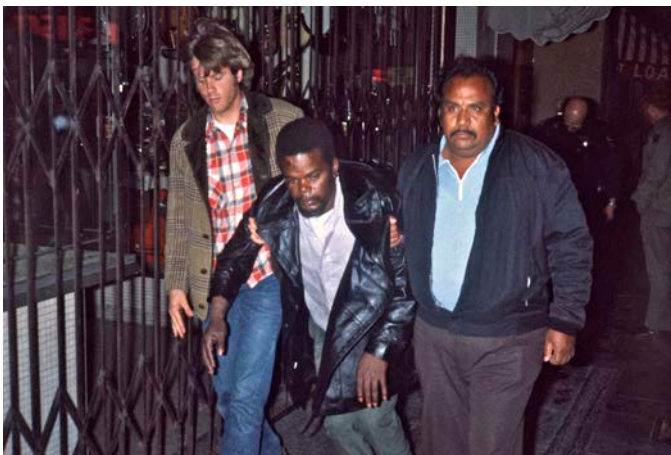
1974 - Harlem, NY



1974 - NYC



1973 - New Orleans



1975 - San Francisco



1973 - Wilmington, NC

*Você me explicou isso, devo admitir,  
um longo rap sobre “no knock”.  
ser legislado para as pessoas que você sempre odiou  
neste buraco infernal que você/nós chamamos de lar.  
NÃO KNOCK, o homem dirá para proteger as pessoas de si  
mesmos. Quem vai me proteger de você?  
Nada de bater, balançar a cabeça, entrar chocado, atirar,  
amaldiçoar, matar, chorar, mentir e ser branco.  
NÃO KNOCK disse a meu irmão Fred Hampton  
buracos de bala em todo o lugar.  
Mas se você for um sábio “sem aldrabão você dirá ao seu  
não bater na cabeça do meu irmão  
não bater na cabeça das minhas irmãs  
e tranque sua porta duas vezes  
porque alguém pode não estar KNOCKING... Para você!*

O crime dos pobres, como a exploração pelos ricos, é quase impossível de ser fotografado. É possível tirar fotos do resultado, mas raramente do próprio processo. Normalmente eu ficaria dias com os criminosos antes de fotografá-los. Para sobreviver entre eles, era uma necessidade que eu sempre tive fé na bondade interior destas crianças de raiva, direcionando-me para o ser humano dentro e longe do papel que o sistema os tinha forçado a modelar suas vidas. Ao fotografar suas atividades sombrias, eu estava me relacionando mais com seu lado ambiental e, assim, de certa forma, traindo a confiança que eles tinham me dado. Eu sempre quis fotografar o crime como visto do ponto de vista do criminoso, mas para fazer isso eu tinha que me colocar à distância e assim não era mais “um deles”. Registrar a violência do sistema era mais fácil do que fotografar sua contra-violência.

Aqui eu fui pego em um tiroteio entre a polícia e os criminosos no Harlem. Um policial se apressou e usou minha porta como posição de tiro, e de repente me encontrei (fotograficamente) do lado da polícia. Em tais ocasiões, comeci a entender as reações brutais, mas tudo-o-humanas, da polícia. Suas atitudes racistas e a falta de compreensão das reações do gueto estão entre as razões para as acusações iradas de brutalidade policial.

A sociedade treinou a polícia para esperar o pior em vez de se comunicar com o bem das pessoas. Portanto, eles atiram antes de questionar. Em geral, acho que é um ato de violência levar armas para dentro de um gueto, pois isso mostra que não se tem fé no povo do gueto, o que gera contra-violência. Nos meus dois primeiros anos na América, ainda abrigava o medo branco internalizado - o ingrediente principal de todo o racismo. Assim, até que aprendi a comunicação não-violenta e o pensamento interior positivo sobre os semelhantes, eu era constantemente espancado pelos negros. A polícia constrói sobre o negativo nas pessoas e assim o encoraja. Se, ao invés disso, chegassem desarmados, com rostos abertos, teriam uma chance de fomentar os lados positivos que sempre consegui encontrar até mesmo nos piores tipos, aqueles “que matariam por um dólar” - ou por uma câmera. Em vez disso, a polícia constrói um clima de medo em ambos os lados, o que torna a brutalidade inevitável. Até as revelações em vídeo dos contos de hoje acabaram com isso, a maior parte foi sancionada pelas autoridades brancas. Muitos estados permitem que a polícia invada as casas das pessoas sem bater à porta. Muitas pessoas inocentes foram mortas desta forma.



#399

1973 - NYC

# “Black Lives Matter” - Vidas Negras Importam: O amor de James e Bárbara

Um dia vi no New York Times uma foto da prefeita Lindsay apresentando um ramo de flores a um policial “heróico” em uma cama de hospital. Dizia que ele havia sido abatido enquanto “entrava num apartamento”. Decidi descobrir o que estava realmente por trás deste incidente e me intrometi em torno do Bronx por vários dias para encontrar os parentes e o apartamento onde tudo aconteceu. Pouco a pouco fui descobrindo o que havia acontecido. James e Barbara eram um jovem casal negro que vivia no pior bairro dos Estados Unidos ao redor da Fox Street, no sul do Bronx. Um dia eles ouviram assaltantes no telhado e chamaram a polícia. Dois policiais à paisana chegaram ao apartamento e chutaram a porta sem bater. James pensou que eram os assaltantes que estavam arrombando a porta, e atirou na porta, mas depois foi ele mesmo morto pela polícia. Bárbara correu gritando para o apartamento do vizinho. Quando fui à 41ª Delegacia de Polícia, eles confirmaram a história e admitiram que “tinha havido um pequeno engano”, mas James, é claro, “estava pedindo por isso, estando em posse de uma arma não registrada”.

*(continua)*

Eu já estava tão acostumado a este tipo de lógica americana que não sentia nenhuma indignação particular em relação ao oficial. Eu apenas senti que ele estava errado. Já que eu havia passado tanto tempo descobrindo os fatos do caso. Eu poderia muito bem ir ao funeral também. Corri pela cidade tentando pedir emprestada uma camisa bonita e cheguei à funerária pela manhã, cerca de uma hora antes dos serviços fúnebres. Tirei algumas fotos de James no caixão. Ele era muito bonito. Admirei o belo trabalho que o agente funerário havia feito com plástico para tapar os buracos das balas. Os agentes funerários negros são artistas de primeira linha neste campo; mesmo as pessoas que tiveram seus olhos arrancados podem ter uma aparência perfeitamente normal. Como os corpos negros chegam em todas as cores e condições possíveis, eles usam quase todo o espectro de cores em materiais plásticos. James não causou nenhuma impressão particular em mim; eu já tinha visto tantos cadáveres negros jovens. A única coisa que me perguntei foi que não havia nenhuma coroa de flores da polícia. Eu esperei cerca de uma hora, que seria a última hora normal naquele dia. Não mais de dez pessoas compareceram ao funeral, todas elas surpresas ao ver um homem branco lá. Um jovem me sussurrou que achava que era um pouco inconveniente para um homem branco apresentar neste funeral em particular. De repente ouvi gritos terríveis do salão da frente e vi três homens trazendo Bárbara. Suas pernas estavam se arrastando ao longo do chão. Ela era incapaz de andar. Eu não conseguia ver seu rosto, mas ela era uma jovem mulher alta, bonita e de pele clara. Seus gritos me fizeram estremecer. Nunca antes havia ouvido gritos tão excruciantes e cheios de dor. Quando ela alcançou o caixão, ele se tornou insuportável. Foi a primeira e única vez na América

400

que não pude fotografar. Eu havia tirado fotos com lágrimas correndo pelo rosto, mas sempre me mantive a uma distância tão grande do sofrimento que pude registrá-lo. Quando Barbara subiu ao caixão, ela se jogou para dentro dele. Ela deitou-se em cima de James e gritou para que ele cortasse a medula e o osso. Eu só conseguia perceber as palavras: “James, acorde, acorde!” de novo e de novo. Os outros tentaram afastá-la, mas Bárbara não notou nada além de James. Neste momento, eu estava completamente convencido de que James se levantaria no caixão. Tenho visto muito sofrimento na América, mas muitas vezes percebi no meio do sofrimento uma certa hipocrisia ou mesmo superficialidade, o que me permitiu distanciar-me dele. Bárbara arrancou meus pés completamente de debaixo de mim. Tudo começou a girar diante dos meus olhos. Deve ter sido nesse ponto que de repente eu me apressei a chorar da casa funerária. Corri por blocos só para fugir. Meu choro era completamente incontrolável. Eu me cambaleei pelas ruas Simpson e Prospect, onde nove em cada dez morrem de uma morte não natural. Os ladrões e os criminosos de rua habituais estavam nas portas, mas eu simplesmente cambaleei sem percebê-los, tropeçando em latas de lixo e garrafas quebradas. Foi uma maravilha que ninguém me assaltou, mas eles devem ter pensado que eu tinha acabado de ser assaltado.

*(continua)*

Quando cheguei ao prédio de apartamentos de James e Barbara, ainda chorando, perguntei a algumas crianças se havia alguém no apartamento “do homem que foi baleado no outro dia”. Eles perguntaram se eu não me referia ao homem que foi baleado no prédio do outro lado da rua, ontem à noite. Não, foi neste prédio, eu disse. Mas eles não tinham ouvido dizer que alguém tinha sido baleado em seu prédio. Eles moravam no terceiro andar e James e Barbara moravam no sexto andar. Eu fui até o apartamento, que agora estava vazio. Os ladrões já o haviam saqueado, e havia apenas pedaços de papel e pequenas coisas espalhadas pelo chão. O vazio do apartamento me fez soluçar ainda mais forte. Havia buracos de bala na parede da sala onde James havia estado sentado, mas havia apenas dois na porta que a polícia havia chutado aberto.

*(continua)*

Havia três fechaduras na porta como em toda parte em Nova York, assim como uma barra de ferro espessa colocada rapidamente no chão - uma precaução de segurança que a própria polícia recomenda que as pessoas usem para evitar que suas portas sejam abertas por criminosos. James e Barbara tinham tanto medo dos criminosos que tinham colocado barras de aço duplas em suas janelas, embora fosse seis andares acima e não houvesse escada de incêndio do lado de fora. No pátio, havia uma pilha de lixo de três metros de altura que as pessoas jogavam fora de suas janelas.



*1974 - Bronx, NY*

Aqui James e Barbara viviam desde os dezesseis anos com sua filha de quatro anos. Depois de algumas horas eu me aventurei a sair do apartamento. Eu tinha chorado tanto que tive uma dor de cabeça rachada, e durante todo o caminho até Manhattan o choro continuava voltando em ondas. Quando cheguei a um cinema no West Side, entrei sem saber realmente o que estava fazendo. Foi nessa época que filmes dirigidos por negros estavam sendo produzidos pela primeira vez na história. O filme se chamava “Sounder” e era sobre uma família pobre na Louisiana na década de 30. Havia um sentimento avassalador de amor e união na família, mas no final o pai foi levado pelas autoridades brancas e enviado a um campo de trabalho por ter roubado um pedaço de carne. O filme foi feito em Hollywood e romantizou a pobreza; depois de vários anos em um campo de trabalho, o pai voltou para a família, para que o filme tivesse um final feliz.

*(continua)*

Este não era o tipo de pobreza com que eu tinha me deparado no Sul. A única vez que chorei no filme foi quando vi coisas que me lembravam muito de James e Barbara. Depois, vaguei na direção da Broadway. Uma velha mulher negra com quem eu havia ficado no Norte do Bronx na noite anterior me deu dez dólares para que eu pudesse conseguir algumas roupas bonitas para o funeral.

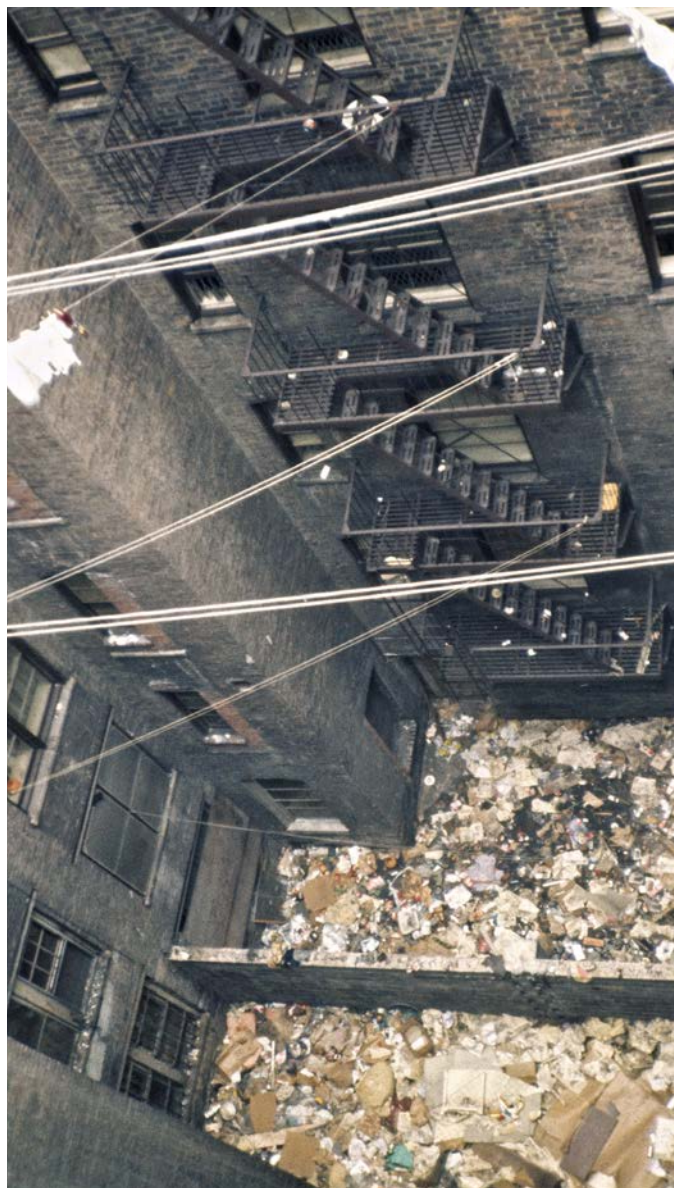
No início ela não confiava em mim e havia passado várias horas ligando para várias delegacias de polícia perguntando qual era a idéia de mandar um policial disfarçado para sua casa. Mas quando depois de meio dia ela se assegurou que eu não era um agente da polícia, ela ficou tão feliz que me deu os dez dólares, e eu tive que prometer que iria ficar com ela novamente, e ela telefonou para o Alasca para que eu pudesse conversar com sua filha que morava lá em cima. Agora eu ainda tinha um pouco de dinheiro sobrando e fui direto em meu estranho estado de espírito para outro cinema na Broadway e vi “Adeus, tio Tom”. Era um filme angustiante sobre a escravidão. Foi feito por não-americanos (na Itália), portanto não romantizava a escravidão. Você viu como os escravos eram vendidos em leilão, os instrumentos de tortura que eram usados, e viu como os homens eram vendidos longe de suas esposas e filhos. Foi assustador. Como tudo isso pôde acontecer há apenas cem anos? Em alguns pontos do filme eu quase vomitei. Olhei ao redor do cinema repetidamente, pois tinha medo que houvesse negros lá dentro, mas havia apenas duas pessoas em todo o teatro além de mim. Quando cheguei lá fora, havia um jovem negro pendurado com óculos escuros. Fiquei de pé por muito tempo olhando-o nos olhos, e não conseguia entender porque ele não me derrubou.

Durante dias depois eu estava um naufrágio. Nunca vou esquecer aquele dia. Ele fica completamente em branco em meu diário. Um ano inteiro se passou antes que eu me recompusesse e procurasse Barbara. Mas quando cheguei à cozinha do hospital dos veteranos onde ela trabalhava, uma velha mulher negra foi enviada para conversar comigo. Ela me disse que era a guardiã de Barbara, já que Barbara não tinha sido normal desde o funeral. Ela havia se tornado muito retraída e nunca mais falava. Perguntei a ela como Barbara havia sido antes da morte de James. Ela entrou em profunda reflexão por um momento e depois me contou com lágrimas nos olhos sobre os quatro anos em que James e Bárbara haviam trabalhado juntos na cozinha. Eles sempre foram felizes, cantando, e uma verdadeira alegria para o pessoal da cozinha. Eles nunca haviam perdido um dia de trabalho, sempre entravam juntos e sempre saíam juntos no final do dia. Mas ela não me deixava ver Barbara, pois Barbara não desejava ver ninguém.

Mais um ano se passou antes que eu enviasse uma carta a Barbara de algum lugar do Sul. Presumi que agora Barbara havia superado o assassinato de seu marido. Quando fui novamente para a cozinha, a mesma senhora idosa me conheceu. Era como se o tempo não tivesse passado, e nós continuamos de onde paramos. Ela suspirou profundamente e olhou-me nos olhos. “Barbara ficou louca”, disse ela.

Bárbara continuava subindo em meus pensamentos onde quer que eu viajasse. Mas outro evento veio para causar uma impressão igualmente forte em mim. Em algum lugar na Flórida, uma mulher branca infeliz subiu a uma torre de água e ficou na borda, prestes a cometer suicídio. Mas ela não conseguia se fazer saltar. Estava em uma área do gueto e uma grande multidão, a maioria deles negra, se reuniu aos pés da torre. A polícia e os bombeiros tentavam persuadir a mulher a não pular, enquanto a multidão gritava para que ela saltasse. Eu era totalmente incapaz de compreendê-la. Eu gritei o mais alto que pude: “Parem, parem, por favor, deixem a pobre mulher viver”. Mas seus gritos cresceram mais alto. Foi a pior e mais repugnante histeria em massa que eu já havia experimentado. Então, de repente, percebi que os gritos soavam como os de Barbara naquela manhã inesquecível. Comecei a ficar fraco de joelhos e me apressei, tão rápido quanto na funerária. Em cinco anos vou tentar contatar Barbara mais uma vez. Preciso ver o rosto dela novamente algum dia!

*Resumo das cartas*



1974 - Bronx, NY



1973 - Jersey City, NJ



1973 - Jersey City, NJ



1973 - Jersey City, NJ com o World Trade Center atrás

No dia em que me tornei um com o sofrimento, eu não podia mais descrevê-lo. Os gritos das pessoas no sistema fechado se afogam no vácuo para o mundo exterior. Um policial branco espancando uma mulher negra foi abatido com raiva por um jovem em um telhado. Como retaliação, 5.000 oficiais marcham pelo gueto para intimidar nossos oprimidos. Cada vez que um policial é morto por um atirador negro, todo o aparato do poder colonial é colocado em movimento desta forma.

Mas há uma tragédia mais profunda subjacente a estes tristes assassinatos policiais. A viúva de 26 anos do oficial falecido vem, assim como ele, do estrato branco mais pobre da sociedade. Embora isso não desculpe a brutalidade, pode-se muito bem entendê-la.

Estes brancos têm sido, eles mesmos, frequentemente oprimidos e explorados. Diante de perspectivas sombrias na vida, eles não tiveram outra escolha senão se juntar às fileiras dos antigos escravos-controladores. O racismo e a falta de confiança que uma pobre educação pouco estimulada lhes incutiu é exacerbada pelo nervosismo de fazer parte de uma força ocupante em uma cultura à qual não pertencem.

Tornou-se comum atacar a polícia, mas esquecemos que eles são tanto vítimas do sistema quanto seus representantes. Olhamos para seus lábios apertados e rostos endurecidos e desesperados. Só se pode inferir que eles serão marcados para sempre com amargura, ódio e apreensão. Mas será que eles criaram deliberadamente estes rostos?

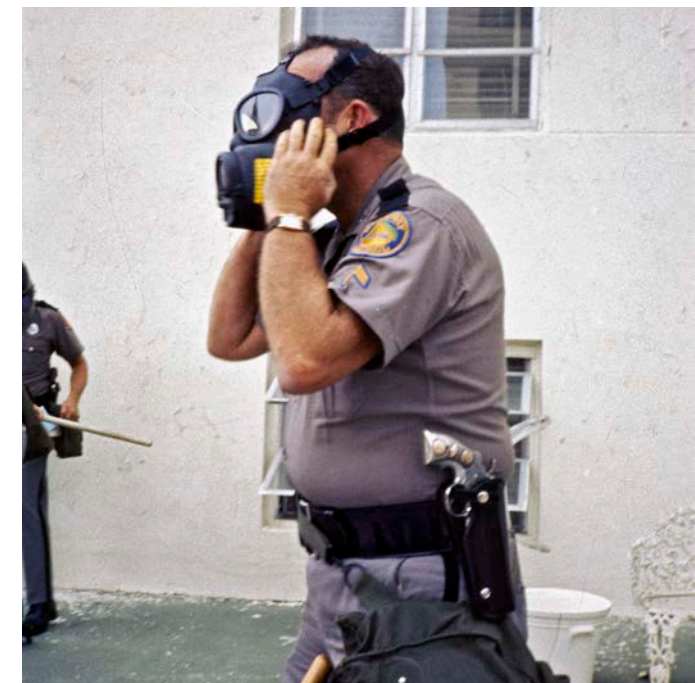
Ou eles foram forçados a viver uma vida que apertou seus rostos em uma distorção perversa da humanidade? Sim, é difícil criar uma sociedade mais justa, pois mesmo ver a possibilidade de mudança significa ter fé suficiente na bondade inerente da humanidade e em sua vida cotidiana para poder olhar além dos padrões de angústia que nos paralisam em todos os lugares. Nosso dever é mudar este sistema, que se baseia em nossa dor acumulada comum, para que as pessoas possam se tornar plenamente humanas em todo o mundo. Ao fazê-lo, também salvaremos o planeta da pior de todas as nossas opressões: a destruição de nosso meio ambiente, do clima e do futuro de nossos filhos. Sei que não poderia ter sobrevivido entre todas as pessoas estranhas da América se não tivesse tido uma forte fé no que há de melhor nas pessoas. Sem essa fé, o pior teria ficado em vantagem, e eu teria sido obliterado.



1972 - Miami Beach, FL



1973 - Jersey City, NJ



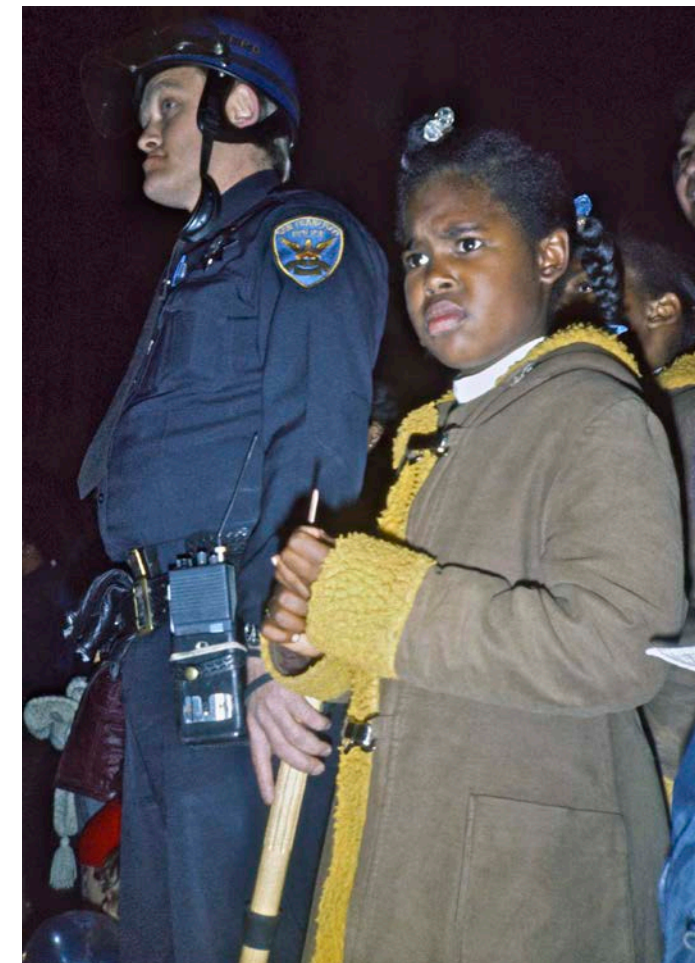
1972 - Miami



1975 - San Francisco



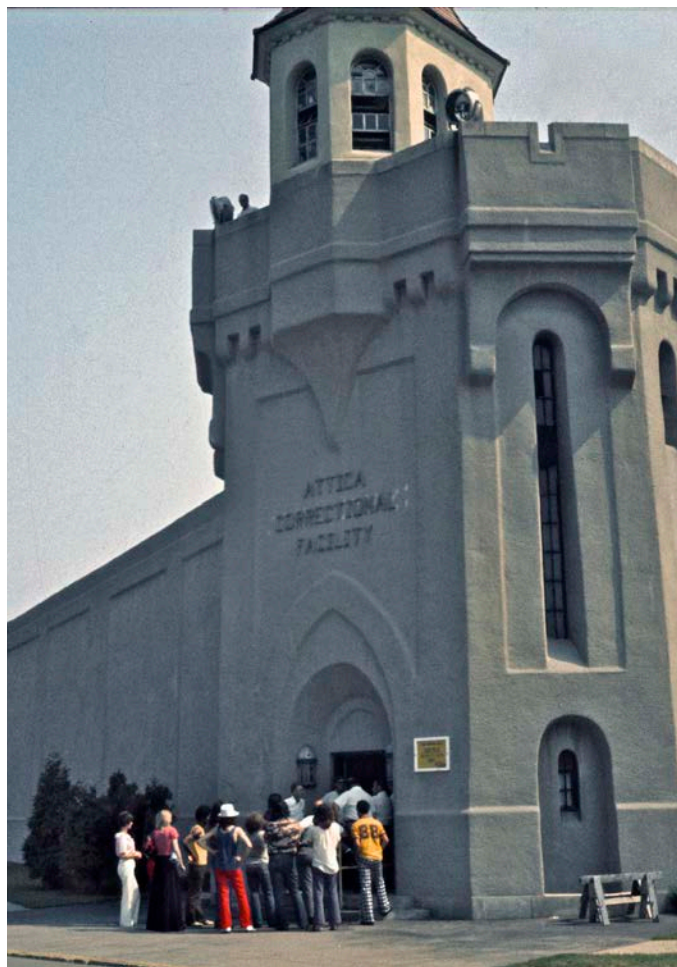
1972 - Miami



1975 - San Francisco

Minha jornada me ensinou que não posso mais odiar nenhuma pessoa ou grupo ou mesmo classe de pessoas, nem mesmo os piores exploradores. Se eu dissesse que odiava a família Rockefeller, eu estaria simplesmente mentindo. Certamente é verdade que Nelson Rockefeller ordenou o massacre na Ática e assassinou 41 detentos que estavam exigindo apenas uma reforma carcerária. Mas mesmo estando presente no funeral de massa e ouvindo os Panteras Negras armados na igreja gritar “Morte a Rockefeller! Prender os ricos, libertar os pobres”, e embora eu conhecesse vários parentes entre as famílias que choravam, e embora eu visse mais uma vez a cor do sangue na bandeira afro-americana... sim, mesmo assim eu não era capaz de odiar Rockefeller.

Pois sei que por trás do papel que ele foi criado para desempenhar e acreditar no sistema está um ser humano que sob outras condições não teria se tornado um assassino numa tentativa desesperada de manter os prisioneiros do gueto no lugar. Se entendermos que a classe inferior está assassinando e roubando por causa de seu ambiente, devemos também reconhecer logicamente que a classe superior, em suas ações, pensamento e tradição, é escrava por seu meio. Quanto mais me deixo fazer lavagem cerebral na classe alta, mais suas ações começam a parecer válidas.



1974 - Attica prison, NY



1971 - NYC



1971 - NYC



Os sobreviventes em Ática: (Foto: Polícia Estadual de Nova Iorque)



1971 - Brooklyn, NY



1971 - NYC



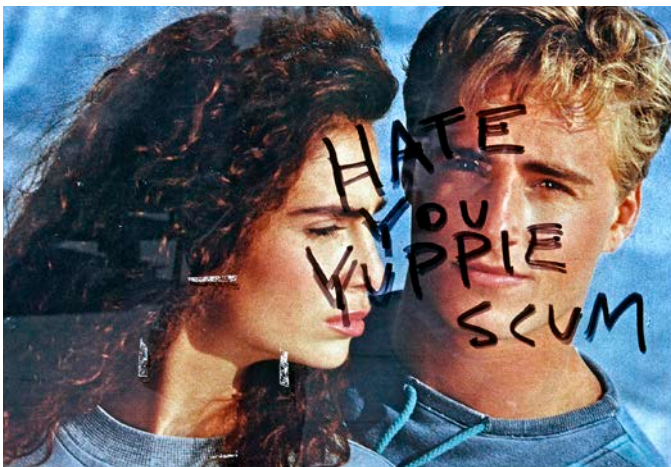
1971 - Brooklyn, NY



1991 - Washington, DC



1985 - NYC



1989 - NYC



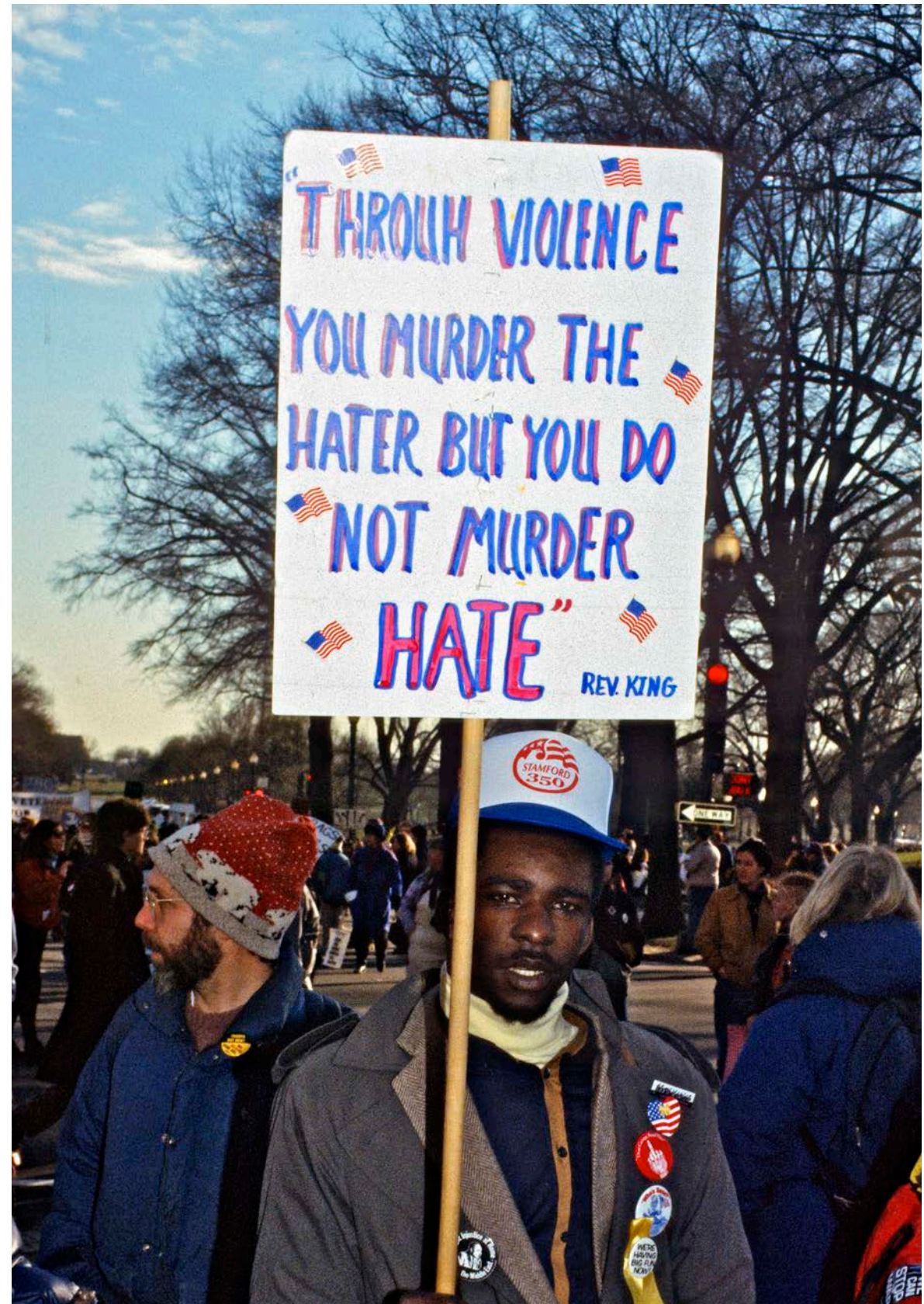
1990 - NYC

Eu também seria desonesto se tentasse esconder o fato de que vim a gostar das pessoas que conheci da classe alta da América. Quando condeno a classe alta, é realmente uma condenação do sistema que criou estas classes e ensina seus membros a roubar e assassinar não apenas nos EUA, mas também no Terceiro Mundo - um sistema desumano tão forte que não pode ser mudado apenas atacando seus símbolos. Se eu tivesse odiado os Rockefellers como símbolos, eu lhes teria negado o calor humano e a hospitalidade que eles me mostraram como um vagabundo em condições não ditadas pelo sistema.

Quanto mais eu vagueava como um vagabundo neste sistema, mais eu perdia o desejo de voltar a fazer parte dele. Em todos os lugares o sistema havia dado às pessoas um rosto falso. Quanto mais distintamente estas máscaras deformadas se delineavam para mim, mais forte era meu desejo de ficar atrás delas e olhar para fora através das fendas dos olhos. Nunca foi uma visão bonita - apenas ódio, medo e desconfiança. Eu não tinha nenhum desejo de me tornar parte desse ódio. Aprendi que é muito mais fácil odiar e condenar do que entender.

O ódio é baseado em considerações simplificadas e a maioria das pessoas está tão absorvida pela dor de não poder viver de acordo com as normas de seu meio que é mais fácil para elas reduzir a realidade a símbolos do que compreendê-la. É muito mais fácil, ao ler um livro como este, odiar os brancos do que tentar nos compreender, porque dessa forma você evita lutar contra essa parte do sistema em si mesmo. Só quando percebermos como nós mesmos somos parte da opressão é que poderemos entender, condenar e mudar as forças que nos desumanizam a todos.

Eu consegui sobreviver fora do sistema porque sempre procurei o ser humano por trás da fachada falsa. Mas atrás dessas fachadas eu sempre vi a derrota do amor. Quanto menos os fios que unem as pessoas em uma sociedade saudável, mais petrificadas e impenetráveis pareciam as máscaras que eu tinha que penetrar para sobreviver. Mas mesmo dentro desta opressão, é possível encontrar muitos matizes de humanidade. Mesmo que o amor entre as pessoas tenha sido morto neste sistema, todos sabemos que o amor ainda pode disparar através do asfalto sempre que ... onde quer que ...



1991 - Washington, DC. "Através da violência você mata o ódio, mas não assassina o ódio". Martin Luther King



1991 - Bullock County, AL



1974 - Jersey City, NJ



1975 - Bullock County, AL



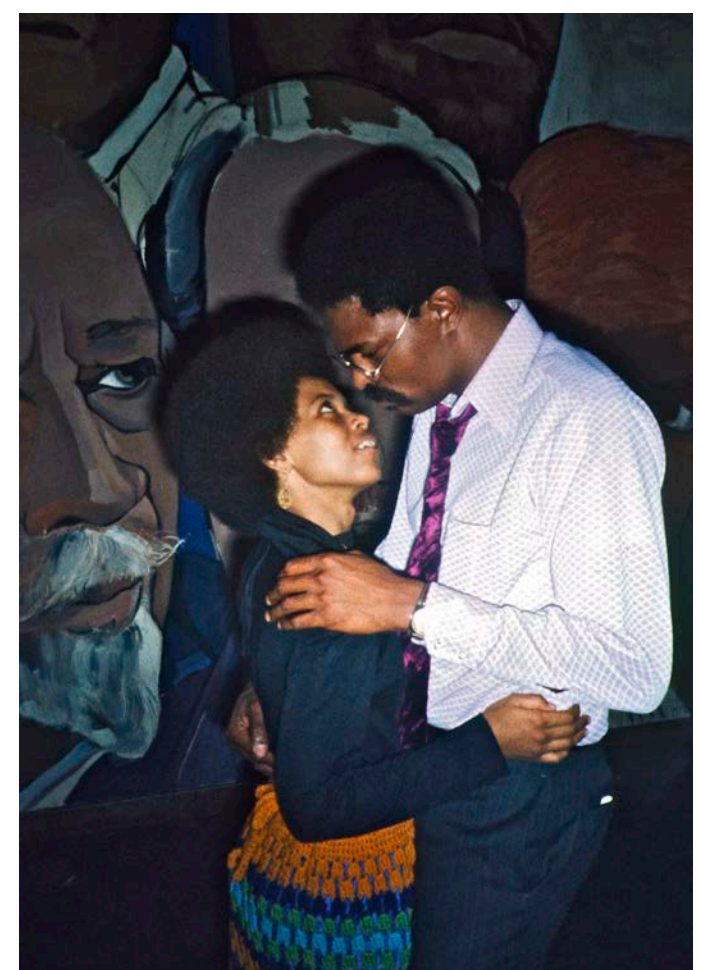
1975 - Richmond, VA



1974 - Norfolk, VA



2009 - Gainesville, FL



1973 - Harlem, NY. O candidato a vice-presidente do Partido Comunista Jarvis Tyner



1975 - Philadelphia, PA



1975 - San Francisco



1975 - San Francisco



1985 - Harlem, NY



2012 - St. Francisville, LA



1973 - Greensboro, NC



1973 - Zebulon, NC. Caroline foi assassinada mais tarde.





1974 - Abilene, TX



1993 - Brooklyn, NY



1985 - Harlem, NY



2004 - NYC



1996 - Chicago



1991 - Houston, TX



1975 - Baumont, TX



1975 - Philadelphia, PA



1978 - Jacksonville, FL



1996 - Tunica, LA



1973 - Baltimore



1975 - Fillmore ghetto, San Francisco



1973 - rural LA



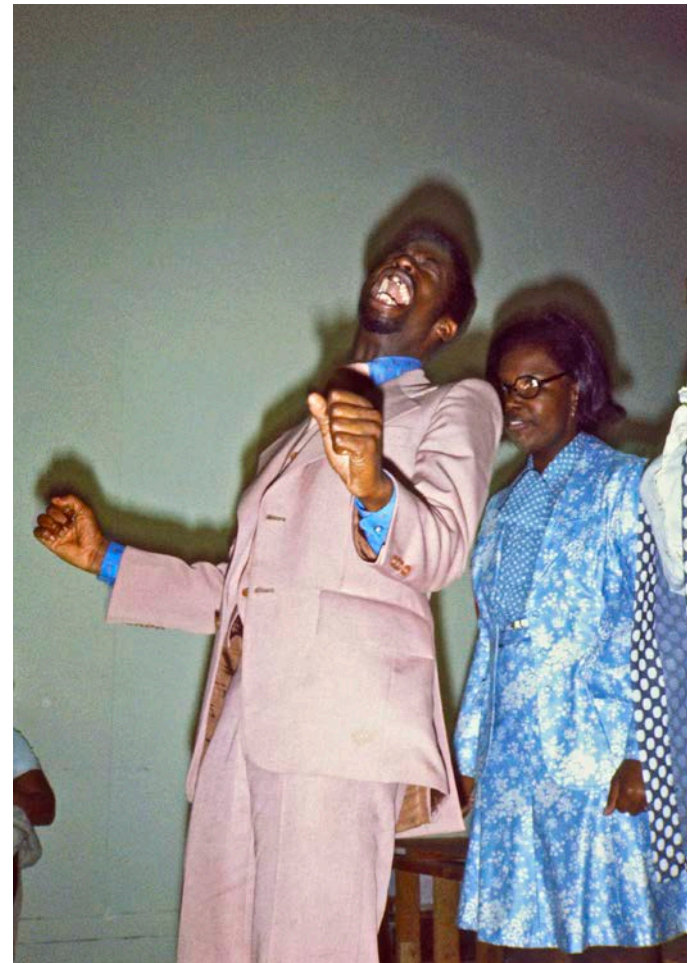
1975 - San Francisco



1975 - Fillmore ghetto, San Francisco



1975 - Fillmore ghetto, San Francisco



1975 - Fillmore ghetto, San Francisco



1975 - Filadélfia, MS. Mãos do meu sogro, Rev. Jake Rush



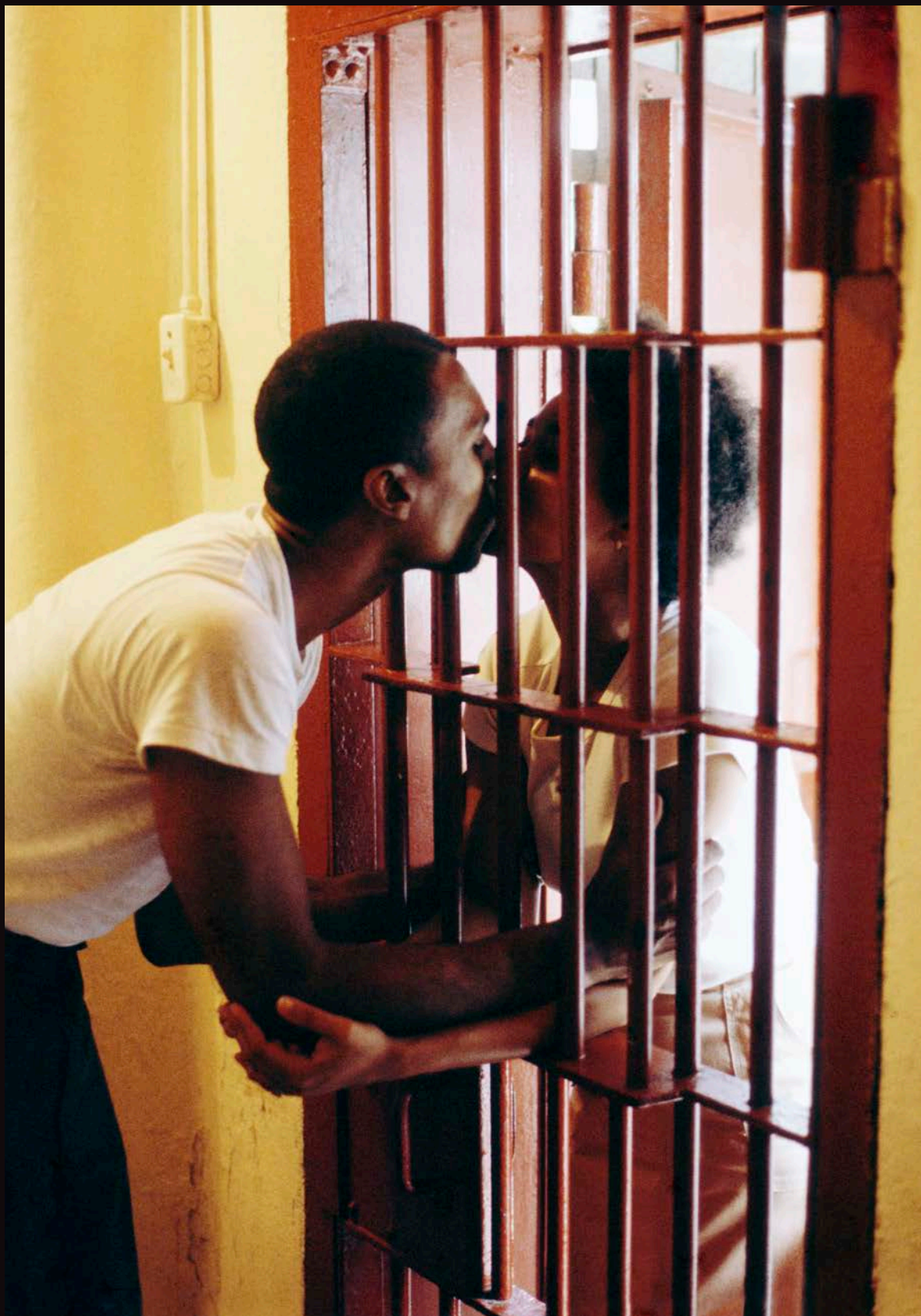
2009 - Harlem, NY



1975 - Meridian, MS



2003 - Igreja de meu sogro, Rev. Jake Rush



1978 - Washington, GA

## O amor do gueto

*“Não há amor como o amor do gueto”.*

Depois de quatro anos de vagabundagem no gueto, acabei me casando com ele. Annie é a única mulher com quem eu me lembro de ter tomado uma iniciativa. Como ela estava sentada em um restaurante em Nova York - irresistivelmente bela - ficou evidente, desde o primeiro olhar, que precisávamos um do outro. Ambas vítimas fáceis: ela não conhecia ninguém, tendo acabado de voltar de dez anos de exílio na Inglaterra para assistir ao funeral de sua mãe, e eu estava em um dos meus períodos deprimidos de vagabundagem. Éramos ambos filhos de ministros e nos rebelamos de diferentes maneiras contra nossas origens. Ela ficou profundamente comovida com minhas fotos e quis me ajudar a publicá-las. Ela tinha uma forte inclinação literária e uma visão intelectual muito maior do que eu, então logo me tornei muito dependente dela para fazer com que as peças do meu quebra-cabeça se encaixassem no lugar.

Annie teve, em grande medida, que se libertar em seu exílio da mentalidade de mestre-escravo que torna o casamento quase insuportável para aqueles poucos americanos infelizes que se apaixonam, a fim de enfrentar as realidades do sistema fechado. Pois o “casamento entre esposos” é de fato um ato subversivo. Até mesmo os liberais buscam uma resposta quando a pergunta chega: “Você gostaria que sua filha se casasse com um”? Normalmente, encontrei segregacionistas comuns iniciando conversas com: “Não me importa se as pessoas são brancas, negras, roxas ou verdes...”. Dez frases depois seriam inimigos jurados de “casamentos entre casais”. No entanto, até que foi proibido em 1691, havia muitos casamentos entre servos brancos e negros, e antes da redução dos negros à escravidão, o ódio dos “pobres brancos” por eles era desconhecido. Na maioria dos outros países, mesmo países pós-escravidão como Cuba e Brasil, não há nada que se assemelhe ao fanatismo dos americanos em relação ao matrimônio. Embora eu venha de uma área rural conservadora, não me lembro de ter ouvido um único comentário negativo na minha infância sobre os freqüentes casamentos internacionais de dinamarqueses com estudantes africanos. Pelo contrário, senti uma forte solidariedade e até inveja para com aqueles que se mudam para terras distantes. Mas na América, nenhum casamento inter-racial pode ser visto como uma simples união natural. Em Hollywood, os promotores negros queriam investir muito dinheiro para divulgar meu slideshow, mas primeiro queriam que eu tirasse a seção sobre minha esposa: “Isso destrói sua mensagem, faz você parecer apenas mais um liberal”. Muitos negros e liberais, pela mesma razão, cairão neste capítulo. Uma mulher negra ficou furiosa depois de ver meu slideshow com fotos de várias mulheres negras nuas (sem saber como ela era da minha cultura dinamarquesa, na qual a nudez é altamente cultivada: as praias familiares e os parques do interior da cidade estão repletos de

nuas apenas alguns minutos depois que o sol nasce). “Você não está ciente de quão irresponsável você tem tido relações com todas essas mulheres mentalmente desequilibradas? Você não está ciente de que a escravidão nos torna a todos mentalmente doentes?” Ela acertou na questão central: Como posso interferir como neutro em uma sociedade mestre-escrava sem me tornar parte do problema? E ainda assim ela cometeu o mesmo erro que a maioria dos americanos ao assumir automaticamente que uma foto de uma mulher nua equivale a uma relação sexual com ela.

Ela não precisa realmente se preocupar, pois, ao contrário do que eu encontrei entre as mulheres negras na maior parte da África, a mulher negra americana desenvolveu enormes mecanismos de defesa contra o homem branco em resposta a séculos de abuso. Embora eu tenha passado a maior parte do meu tempo em comunidades negras, mais de 90% das mulheres que me convidaram para dividir suas camas eram brancas. Mas a suspeita do explorador sexual do homem branco sempre pairou naturalmente sobre mim em minha jornada. Caminhando à noite em guetos no Sul profundo, os jovens homens perguntavam: “Senhor, você quer que eu lhe arranje uma mulher?”

Estou bastante convencido de que a maioria das mulheres não me teriam oferecido hospitalidade se não tivessem sentido o componente não agressivo em mim. Como sempre vi minha vagabundagem como um papel passivo e, portanto, não evitei nem iniciei relações sexuais, acho interessante analisar o que realmente aconteceu quando me aproximei das mulheres. Após alguns dias, se nos déssemos bem juntos, as mulheres brancas expressariam agressividade sexual. Mas mesmo se nos tornássemos íntimos e nos abraçássemos, geralmente nada mais aconteceria com a mulher negra de classe inferior, especialmente no Sul. Era como se algo estivesse errado em nós dois - um reconhecimento compartilhado de que este era um abcesso histórico muito grande para perfurar. Ela não podia evitar sinalizar consciente ou inconscientemente que se tratava de uma relação entre uma pessoa livre e uma pessoa não livre, o que imediatamente me deu a sensação de ser apenas mais uma na fila dos exploradores sexuais brancos. A maioria das minhas relações sexuais e duradouras com mulheres negras eram, portanto, com mulheres da classe média ou das Índias Ocidentais que, embora mais conservadoras do que as mulheres brancas e de classe inferior que conheci, tinham, no entanto, se libertado desta escravidão em um grau mais elevado. Alguns americanos diriam que se você está ciente de que certas pessoas vivem em escravidão, você não deve, como um branco privilegiado, entrar em situações tão íntimas onde uma relação sexual ou um “casamento” poderia surgir. Mas a escravidão é um produto de não se associar com um grupo completamente livre como iguais, isolando-o e paralisando-o.

Annie foi uma de minhas exceções com a classe inferior. Pois embora sua superfície parecesse muito “classe média” após sua longa licença, ela estava em sua perspectiva fundamental marcada por sua educação de classe inferior. Tal relacionamento provavelmente poderia ter funcionado com muita confiança e esforço de ambos os parceiros, mas por causa do meu racismo, sexismo e, acima de tudo, aquela invisível “inocência” que será sempre o privilégio final da classe dominante, não foi isso que aconteceu. Em vez disso, tornou-se uma derrota tão dolorosa para mim que não consegui, por exemplo, conciliá-la com meu livro original. Até mesmo o início deu errado. Casamos na sexta-feira 13 de setembro, sem nenhum lugar para viver.

Uma criada nos deixou passar nossa lua-de-mel no apartamento de luxo do cônsul sul-africano que havia sido chamado de lar por seu regime do apartheid. Depois disso, acabamos na pior área do gueto. Mal tínhamos pago o aluguel do primeiro mês antes que todas as economias de Annie fossem roubadas. Vivíamos no quinto andar de um prédio com apenas prostitutas, despossuídos, viciados e mães assistenciais. Annie não vivia em uma cultura subclasse desde sua infância e foi um choque terrível para ela acabar aqui. Devido à sua aparência e ao lugar em que vivíamos, ela era constantemente “atirada” por cafetões e trapaceiros, que tentavam recrutá-la. Quando tive que pedir carona por alguns dias, Annie foi seqüestrada por uma rede de prostituição que a obrigou, à ponta de uma arma, a despir-se enquanto jogavam roleta russa com ela “para arrombá-la”. À noite, ela conseguiu fugir por uma janela de banheiro sem roupas para as ruas da cidade. Quando cheguei em casa, ela estava deitada, dissolvida em lágrimas e dor.

Os ataques dos chulos continuaram, e não ajudou em nada que eu fosse branca. Um dia, um chulo desprezível atirou um punhado de dinheiro para Annie no ônibus. Com meus velhos hábitos vagabundos, eu o peguei. Annie ficou furiosa comigo e não quis falar comigo por uma semana. Havia violência, gritos e dores frenéticas no prédio dia e noite. Várias vezes no início eu tentei intervir entre os cafetões e as prostitutas que estavam batendo. Havia também um piromaniaco. Quase todas as noites, durante os primeiros meses, fomos acordados pelo alarme de incêndio e vimos chamas explodindo dos apartamentos adjacentes. Estávamos tão preparados que tínhamos tudo empacotado o tempo todo. A primeira coisa que eu pegava era uma mala com todos os milhares de slides para este livro. Uma noite, quando estávamos todos meio nus em roupas noturnas na rua, pedi a Annie para ficar de olho na mala enquanto eu fotografava o fogo, mas ela não me ouviu no barulho e quando voltamos para o apartamento, ela tinha sido deixada para trás. Corri para a rua e encontrei a mala ainda ali parada. Todos no prédio chamaram



1974 - Nosso casamento na prefeitura de NY (com o bebê do cônsul sul-africano).

isso de um verdadeiro milagre, pois ninguém jamais havia visto nenhum objeto de valor deixado na rua por um minuto sequer sem ter sido roubado.

A pressão psicológica foi no início pior para Annie do que para mim. Tentamos conseguir o bem-estar para nos mudarmos, mas conseguimos apenas 7 dólares. Quase todas as noites ela se deitava em lágrimas e desespero. Nos primeiros meses, quando ainda tinha algum excedente psíquico, tentei penetrar no mundo que tão evidentemente se tinha desintegrado para ela. Como a maioria de minhas outras relações na América, esta se deveu à violência. Tínhamos nos conhecido como resultado do assassinato de sua mãe; e alguns meses depois, seu padrasto foi encontrado cambaleando pela rua, ferido mortalmente por uma faca. Um padrão horrível de sua infância começou a aparecer para mim nestas noites cheias de lágrimas. Quando sua mãe de 16 anos deu à luz a ela e a uma irmã gêmea, foi visto como um pecado na família do ministro que a mãe tinha sido enviada para o norte e Annie para uma tia em Biloxi, Mississippi. Tudo o que Annie lembra destes primeiros quatro anos foi a tia bêbada sempre deitada em sua barraca, enquanto Annie sentava sozinha lá fora na areia. Um dia ela quase morreu sufocada com um osso de galinha e lutou desesperada e sozinha. Ninguém veio para ajudá-la. Os avós descobriram a negligência e a levaram de volta para Filadélfia, Mississippi, onde ela recebeu uma educação fundamentalista rigorosa. Toda exibição de alegria, dança e brincadeira foi punida. Muitas vezes ela era pendurada por tiras de couro ao redor de seus pulsos na casa e chicoteada em uma geléia. No caminho de volta da escola, havia quase todos os dias lançamentos de pedras entre as crianças negras e brancas. Um dia as crianças brancas viraram pastores alemães sobre elas e Annie foi severamente mordida. Duas dessas crianças brancas se juntaram mais tarde ao Ku Klux Klan, e uma delas, Jim Bailey da rua de Annie, foi a que mais tarde assassinou três trabalhadores dos direitos civis em 1964.

Depois desta violência Klan, com desfiles de cruzeiros queimadas através da rua de Annie, ela fugiu para o norte e mais tarde foi para o exílio. Como ela foi a primeira negra a integrar a



1975 - Annie im Tenderloin, San Francisco

biblioteca da cidade, ela nunca ousou voltar. Quanto mais estas noites chorosas eram reveladas, mais chocada eu ficava. Ela era incrivelmente sensível e uma noite eu me lembro dela chorando com o pensamento da “conspiração branca” que a tinha mantido e aos outros garotos negros da escola ignorantes sobre o assassinato de seis milhões de judeus.

Finalmente, Annie conseguiu um emprego temporário no Escritório de Arquitetura onde ela cuidava das contas das empresas de construção civil. Ela causou grande tumulto ao descobrir uma fraude e fraude atrás da outra. Com sua incomum memória de papel de carta, ela pôde detectar como as empresas de construção civil tinham meses antes enviado contas para o mesmo trabalho, mas com palavras diferentes. Durante anos, estes mafiosos haviam roubado a cidade. Todos os dias ela voltava para casa e me contava como havia acabado de economizar à cidade 90.000 dólares ou algo parecido. Quando seu trabalho terminou, seu chefe lhe disse que ela poderia escrever qualquer recomendação que desejasse: ele a assinaria. Mas nós mesmos ainda não tínhamos dinheiro e era como se esta atmosfera corrupta ajudasse a quebrar ainda mais o nosso moral. Quando os ricos roubam, por que nós não deveríamos? Quando um dia encontramos uma bolsa com 80 dólares no corredor, demoramos muito tempo para decidir devolvê-la ao proprietário uma mãe social. Quando ela abriu sua porta ela agarrou a bolsa sem uma palavra, com um olhar de desprezo, como se dissesse: “Vocês devem ser tolos, tentando ser melhores que os outros aqui”. A partir daquele momento, tudo escorregou cada vez mais em uma direção criminosa. Tinha sido nossa idéia que eu deveria usar o tempo para escrever um livro. Annie e outros achavam que eu deveria escrever sobre minhas experiências no gueto com os olhos de um estrangeiro. No início eu me sentava dia após dia diante de uma folha de papel em branco, mas era impossível para mim conseguir uma palavra naquela atmosfera violenta e nervosa.

Aos poucos ambos perdemos nossa autoconfiança e eu desisti. Quanto menos excesso tínhamos, menos esperança, mais violenta ficava a atmosfera entre nós. Aos poucos, Annie começou a beber em resposta à minha crescente insensibilidade. Ela começou a

me chatear por ser nada mais que uma liberal ingênua. Estas intermináveis noites são mais do que qualquer coisa a razão dos ataques aos liberais (ou a mim mesmo) neste livro. Pela primeira vez em minha jornada, comecei a perder a fé nos negros - a olhar para sua atualidade e não para seu potencial. Eu estava me americanizando, tinha me tornado uma vítima da mentalidade de mestre-escravo. Quanto mais eu perdia a fé nas pessoas (e em meu próprio futuro), mais eu via com ódio e raiva. Para evitar a atmosfera insuportável com Annie, comecei a passar a maior parte do meu tempo na rua. Quanto mais impotente eu ficava, mais desanimada minha perspectiva, mais ela perdia a fé em mim. Uma noite, ela gritou: “Você não pode nem mesmo provar! Você ouve, negro de olhos azuis, providencie!” O que foi ainda pior foi que, embora eu tentasse constantemente conseguir trabalho, comecei a me culpar. Eu não fiz nada além de ficar na fila. De manhã eu me sentava e ficava na fila do banco de sangue para conseguir \$5. Todos os dias às 11:00 horas durante oito meses eu ficava numa fila de sopa de uma hora e à noite eu comia com frequência numa igreja. O resto do dia eu ficava na fila para conseguir trabalho, o que era impossível, pois eu não tinha nenhuma habilidade. Se eu chegava lá às quatro da manhã, às vezes conseguia ser contratado por um dia para atirar anúncios nos subúrbios afluentes por US\$ 2 por hora.

Depois de um tempo, desisti e passei cada vez mais tempo com os criminosos na rua. Nunca estive envolvido em nenhuma atividade criminosa de grande escala, mas estava claramente indo nessa direção. Uma noite, quando um cara me dizia abalado que seu irmão havia acabado de ser assassinado em Chicago, eu respondi friamente: “Que pistola de calibre? Só depois é que percebi quão fundo eu tinha escorregado para baixo. Durante o tempo em que vivi com Annie, oito pessoas haviam sido assassinadas em nosso quarteirão, algumas delas conhecidas. Theresa, que tantas vezes havia me dado comida grátis em seu café, foi assassinada um dia por um cliente que não podia pagar sua conta de US\$ 1,41. Às vezes até mesmo as paredes de nosso corredor estavam manchadas de sangue. Quando eu chegava em casa tarde da noite, Annie estava muitas vezes deitada numa neblina de lágrimas e bebida. Eu quase não me importava mais. No final, por medo das disputas destrutivas, eu não voltava para casa até que ela estivesse dormindo. Nossa vida sexual, como tudo o mais, se desintegrou.

Finalmente, abriguei tal ódio por negros e brancos ao meu redor que fiquei com medo de mim mesmo. Uma noite, quando Annie tinha estado bebendo, fiquei tão desesperado que lhe dei um golpe na escuridão. Na manhã seguinte, ela tinha um olho negro como todos os outros do prédio tinham tido. Nunca antes havia colocado uma mão em uma pessoa, eu estava abalado. Tive um medo repentino de acabar por matá-la um dia. A única maneira

de quebrar a guetização era voando. Conseguimos um quarto minúsculo para Annie em uma casa branca fora do gueto. Depois disso, fui direto para a rodovia. A rodovia que eu conhecia significava segurança e proteção, recreação e liberdade. Durante quatro anos vivi uma vida vagabunda escapista e privilegiada em guetos sem ser afetada. Quando me tornei parte do gueto, fui destruído em menos de um ano, acabei odiando negros, perdi a fé em tudo e vi as piores partes do meu caráter começarem a controlar meu comportamento. Uma delas era um egoísmo crescente e uma insensibilidade agressiva no meu relacionamento com as mulheres. Não foi por acaso que entrei imediatamente em um período de consumo conspícuo de “meninas” com meu amigo Tony na Carolina do Norte. Já não tinha mais inibições. E mesmo assim, não era exatamente um sedutor de chifres. Uma e outra vez, Tony sussurrava para mim: “Ei, por que você não faz um movimento?” e uma e outra vez ele acabava tendo que levar meu par para casa prematuramente. E então, todas as noites, havia obstáculos perturbadores. Uma noite eu não conseguia chegar em casa com meu acompanhante por causa de um tiroteio na rua. Outra noite fomos todos ver Terra, Vento e Fogo em Chapel Hill e eu usei meu privilégio branco para “enganar” minha entrada de graça, pois nunca tive dinheiro. Isto irritou tanto Bob, que dirigia o carro, que no caminho de casa ele parou de repente e disse: “Ei, cara, você tem que sair, entendeu?” Como Bob era um duplo assassino, tendo matado tanto sua esposa quanto seu amante, e todos sabiam que ele fervia por dentro, ninguém tentou intervir e eu tive que sair na noite gelada, no meio do nada.

Uma ferramenta essencial no namoro é o carro. Como eu não podia levar meus encontros para dar uma volta, em vez disso os convidei para o que eu mais amava no mundo: carona. Foram essas viagens, mais do que qualquer outra coisa, que me fizeram tomar consciência de meu estado de espírito sexual explorador. Eu tinha vivido com negros tantas vezes que quase não prestava atenção a estar “do lado errado das pistas”, mas pedir carona com uma mulher negra rapidamente me leva de novo ao “lugar”, especialmente se alguém for tão ignorante quanto eu tinha conseguido permanecer sobre a relação adicional de mestre-escravo dos homens com as mulheres. Por causa da minha atitude vagabunda de que o motorista deveria ser “entretido”, se o motorista fosse uma mulher ou um homem gay, eu me sentaria na frente para fazer conversa, enquanto que se fosse um homem heterossexual eu faria a mulher sentar ao seu lado, mesmo que ela não quisesse. As reações dos motoristas homens brancos eram aterrorizantes. Se eles não se contentassem com a tortura psicológica das mulheres, eles usariam a invasão física direta. Embora a maioria das pessoas com quem eu pedia carona eram filhas bem vestidas de professores e médicos do Norte e tinham a educação e confiança em seu ambiente que as fazia - ao contrário das mulheres do gueto - ousarem até mesmo fazer tal viagem



2004 - Phil. MS - Revisitando a família de Annie ao longo de minha vida.

com uma branca, elas eram consideradas nada mais que presas sexuais fáceis ou mesmo prostitutas. Várias vezes motoristas luxuriosos tentaram violentamente me empurrar para fora. Para algumas dessas mulheres, era a primeira oportunidade de ver seu país. A maioria nem sequer durou até a fronteira do estado. Uma perdurou 4.000 milhas através do Canadá e do Grand Canyon - depois quebrou em um ataque histérico que quase nos fez prender aos dois.

Eu ainda estava enormemente desequilibrado após minha guetização e decidi que precisava me recriar em um ambiente familiar calmo. Depois de ter vivido em um casal de casas brancas, procurei de volta o casal mais harmonioso e estável que pude me lembrar de ter visto na classe inferior: Leon e Cheryl, em Augusta, Geórgia. Seu amor e devoção um pelo outro haviam sido tão enriquecedores e contagiosos que muitas vezes pensei neles no curso de meu próprio amor abortado pelo gueto como prova viva para mim mesmo de que o verdadeiro amor do gueto poderia prosperar. Enquanto vivia na casa deles, eu tinha tido paz e apoio, permitindo-me, dia após dia, pedir carona para explorar a pobreza na região. Mas quando cheguei na casa deles, senti imediatamente que algo havia mudado. Leon me pediu para entrar, mas ele não estava feliz. Ele parecia estar em transe, pois me disse que sua esposa havia morrido de uma doença que era curável, mas que eles não tinham dinheiro para receber um tratamento adequado antes que fosse tarde demais. Leon não tinha se recuperado da perda. Ele nunca saiu de sua casa que ficava bem ao lado da escola médica de elite em Augusta. Durante todo o dia ele se sentou no tapete azul de shag em frente ao seu pequeno aparelho de som como se fosse um altar, ouvindo música enquanto olhava para uma foto de Cheryl acima. Alguns dias ele cantou canções de amor ao longo do dia, colocando o nome dela nelas. De vez em quando, ele gritava na sala: “Eu quero você! Eu quero abraçá-lo. Quero estar com você novamente ... Devemos nos unir, ser um só... Eu quero morrer... morrer... “Nunca vi o amor de um homem por uma mulher tão intenso”. No máximo uma vez por dia, ele se voltava e se comunicava comigo, e depois só para me contar como queria se juntar a Cheryl no céu. Às vezes, quando ele olhava diretamente para mim com este olhar vazio, como se eu não estivesse lá, meus olhos se enchiam de



1975 - Annie in the Tenderloin, San Francisco

lágrimas. Eu sentia uma profunda compreensão por ele, mas não conseguia expressar isso. À noite, ele se deitava em seu quarto. Sua mãe ou outra mulher nos traria comida cozida nas duas semanas em que lá estive. Esta experiência deprimente me fez olhar mais profundamente para dentro de mim mesmo. Fiquei determinado a voltar para Annie, e mais tarde ela voltou comigo para a Dinamarca. Nosso relacionamento havia sofrido muito, então depois de um tempo nos separamos. Conseguimos uma boa relação de trabalho e ela ajudou a traduzir partes deste livro e todo o filme.

Três anos depois, viajei por toda a América para dar ou mostrar este livro a todos aqueles amigos que o tornaram possível. Um deles foi naturalmente Leon, que me ajudou muito e foi um dos que eu tinha em mente para vir e ajudar a dirigir o espetáculo na Europa. Mas quando cheguei à porta de sua tela com o livro debaixo do braço, uma mulher estranha respondeu à minha batida. Não, Leon não morava mais lá. Ele foi baleado há três anos - por um homem branco. Durante toda a tarde sua mãe me mostrou o álbum de fotos com as fotos de Leon e Cheryl e me contou com lágrimas sobre seus três felizes anos juntos. Sentamos soluçando nos braços um do outro no alpendre da frente. Eu sei que Leon e Cheryl estão novamente unidos. “Não há amor como o amor do gueto”.

*Escrito com a ajuda de minha ex-esposa em sua cama de hospital. Annie morreu após um longo período de problemas de saúde, em 2002, na Dinamarca.*



1973 - NYC

Uma sociedade na qual o amor e as conexões mútuas foram mortas não é uma bela visão. Até a igreja escapa da ética social de Cristo e trai os marginalizados. Que estes párias então traíam a igreja não é de se admirar. Jovens zangados do gueto muitas vezes chegam às igrejas brancas pouco antes de a placa de coleta ser passada e forçam os frequentadores da igreja à ponta de uma arma a dar aos verdadeiramente famintos de amor.

Onde quer que expulsemos nossos concidadãos através da guetização e da perda do vôo branco, nossos imponentes símbolos de caridade são deixados vazios ao lado de suas janelas de mosaico estilhaçadas. A Igreja dos marinheiros dinamarqueses em Baltimore, na qual muitas vezes encontrei alguma paz de espírito, teve que fechar porque Alfonso e meus outros amigos nas casas vizinhas a roubavam constantemente.



1973 - Bronx, NY



1973 - Baltimore



1975 - Richmond, VA



1973 - Queens, NY. Christmas Eve





1974 - NYC. Sem-teto fora da igreja

Um ministro desesperado em Chicago me disse que sua igreja estava fechando porque a congregação era assaltada todos os domingos. De acordo com a mídia tendenciosa, um “padre cristão foi forçado a sair de sua igreja (em um gueto dinamarquês) por bandidos muçulmanos” quando nossos jovens marrons expressaram, exatamente da mesma forma, a dor e a raiva de se sentirem rejeitados pelo vôo dos brancos. Quando fiz uma oficina de reconciliação para eles e para os poucos brancos remanescentes no gueto, descobri que a única diferença entre eles e seus colegas americanos é o quão exemplar é seu comportamento (ainda) na Europa.

Em algumas cidades americanas há guardas armados ou policiais para proteger os hóspedes em cada andar dos hotéis. Trens de metrô em Nova York e Chicago transportam tanto policiais uniformizados quanto à paisana - e ainda assim as pessoas são assassinadas e estupradas diante dos olhos dos passageiros em pânico. Os turistas retornam à Europa com o “pescoço americano” de enviar continuamente olhares ansiosos de volta por cima dos ombros. Uma estudante nigeriana que conheci no gueto da Filadélfia estava tão apavorada com as condições que tentou ser mandada para casa, “para um lugar seguro”, antes do término de seus estudos. Sua declaração não teria me surpreendido se não fosse o fato de ela ter acabado de viver a guerra civil em Biafra.

O confinamento da classe inferior é desumanizante para todos. Em cinco das casas em que vivi, houve duas vezes assaltos à mão armada enquanto eu estava lá. A sociedade gasta bilhões para curar os doentes em vez de nos educar sobre o sofrimento que nosso racismo inflige sobre nós mesmos. Sentimos intuitivamente que estamos cavando nossas próprias sepulturas, mas, incapazes de fazer algo a respeito, transformamo-las em uma trincheira. Um fabricante com quem eu vivia tinha feito uma fortuna fazendo equipamento militar, mas se voltou para a produção de alarmes e armas de gás lacrimogêneo, talvez porque o país desperdiçou



1974 - NYC. Sem-teto fora da igreja

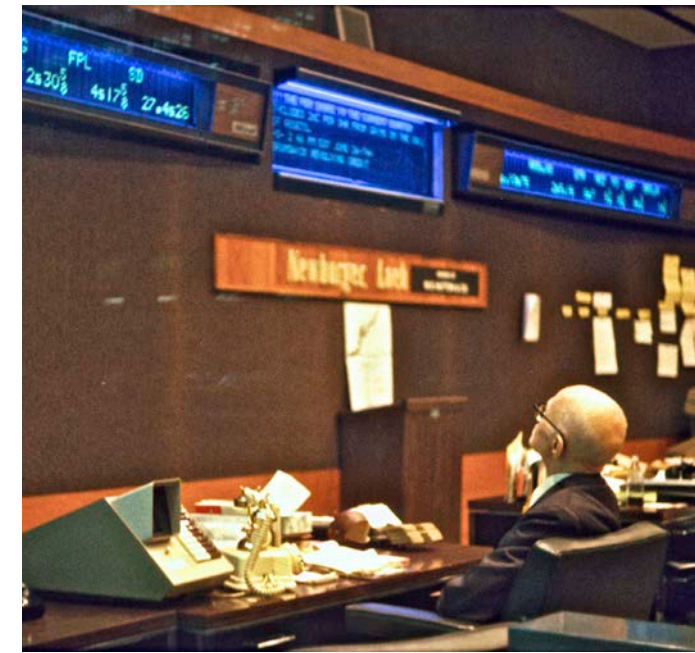
tantos recursos exportando guerra que a “guerra contra a pobreza” em casa teve que ser abandonada. Quanto mais lutamos pela “liberdade” sem respeito mútuo, mais nos afastamos dela. Assim, muitos vivem agora atrás de fortificações de barras de aço.

Lenta, mas firmemente, a cortina de ferro está se fechando na América. Você entra em uma loja e se encontra dentro de uma gaiola de aço. Os ricos podem se dar ao luxo de investir bilhões em fortificações eletrônicas invisíveis entre eles e o gueto. Quanto mais os raios eletrônicos substituem a confiança, mais o sistema se fecha a si mesmo. As pessoas, muitas das quais são treinadas desde a infância no uso de armas, são paralisadas pelo medo. Muitos se armam até a morte para “se defenderem contra os negros”, como me disse uma família suburbana de Michigan. Não sei o que é mais chocante: que nossos filhos da raiva se sintam tão psicologicamente marginalizados que possam matar por um dólar ou que milhões de americanos estejam preparados para tirar uma vida humana só para defender uma televisão.

Mesmo os professores são frequentemente agredidos na frente de seus alunos. Meu amigo Jerry, mencionado na carta de Detroit na página 183, tinha aprendido a não interferir quando seus alunos se sentavam e poliam suas armas em suas aulas. Como professor, eu frequentemente vinha para apoiar seus esforços de ser um anjo salvador para estas crianças sangrentas do gueto. Mas quando, após anos de tentativas, o único aluno que ele conseguiu entrar em Harvard foi morto nas aulas por balas perdidas de uma briga de gangues - pouco antes da formatura-Jerry desistiu. Em 2005, ele fugiu dos EUA e veio até mim em Copenhague. Apenas três anos depois, porém, as guerras de gangues eclodiram entre nosso próprio povo marginalizado, forçando os dinamarqueses a fugir de suas próprias criações.

Quanto mais carros, mais armas, mais fortalezas, mais construções militares ... mais a indústria privada se enriquece com esta subversão sistemática da sociedade. Quanto maiores as barreiras que o Big Business constrói entre as pessoas, mais ele consegue matar o amor entre as pessoas - e o aumento dos preços das ações em Wall Street.

No processo, nos tornamos insensíveis, por exemplo, a esta mulher faminta na rua, fora da bolsa de valores ...



1974 - NYC



1974 - Mendigo em Wall Street



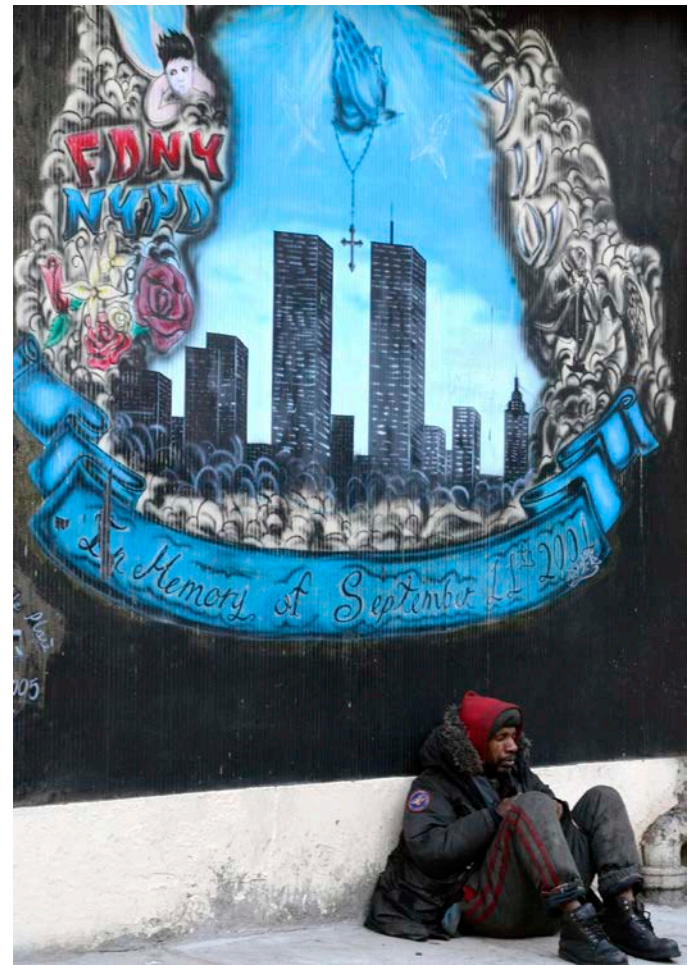
2006 - NYC



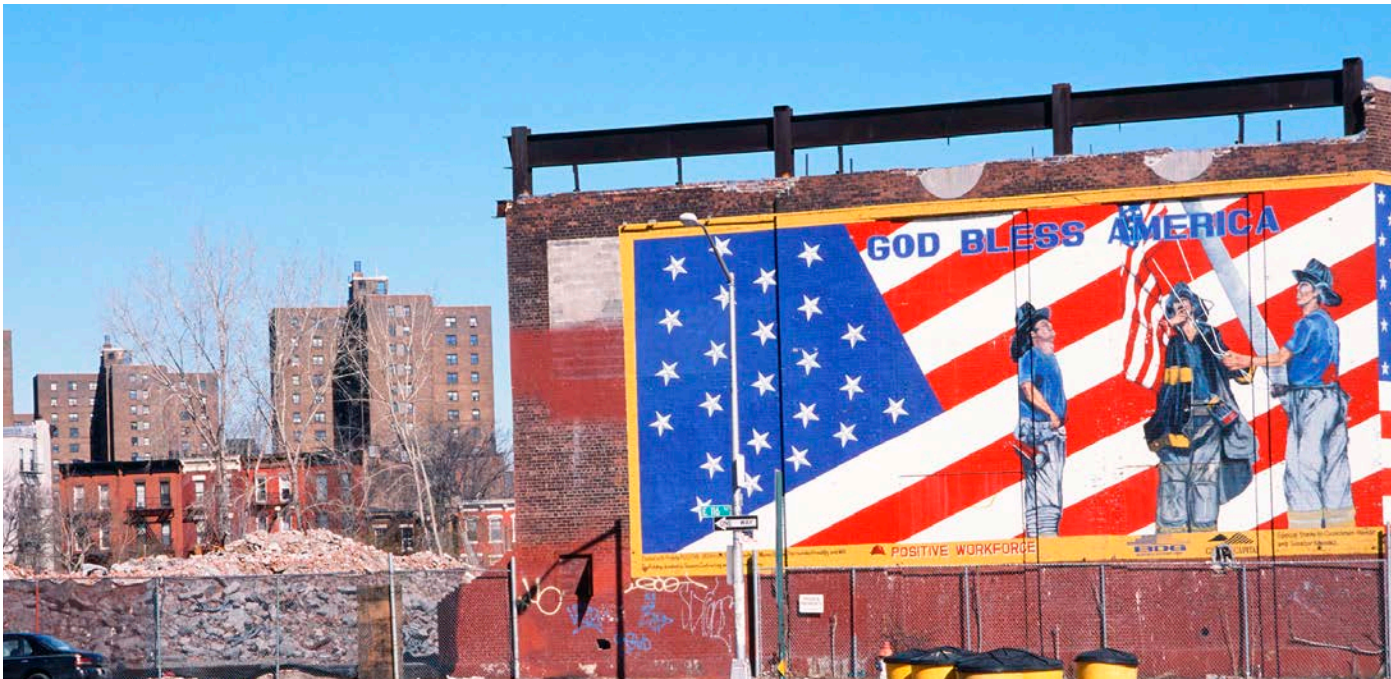
2007 - NYC



2003 - Portland, OR



2010 - NYC



2002 - NYC - 9/11 Memorial



1975 - San Diego, CA



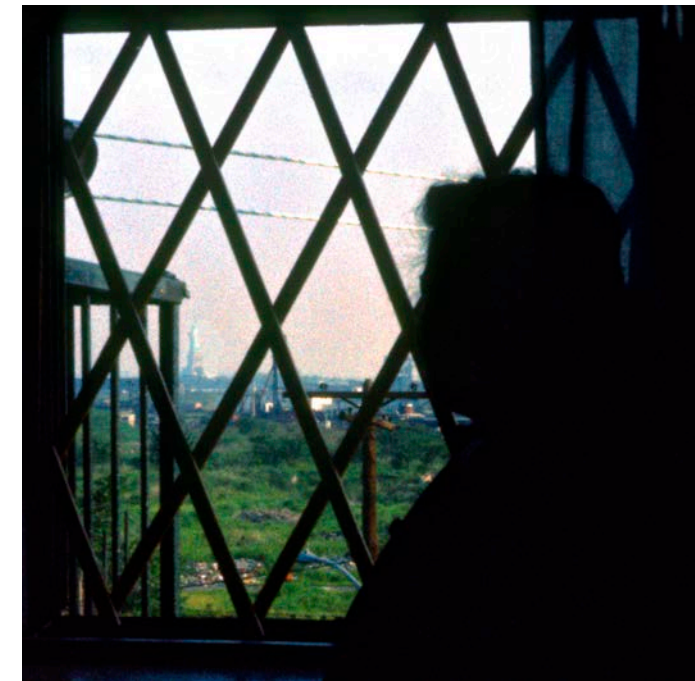
1972 - Miami Beach, FL - Convenção Republicana



1974 - Jersey City, NJ



1974 - Jersey City, NJ



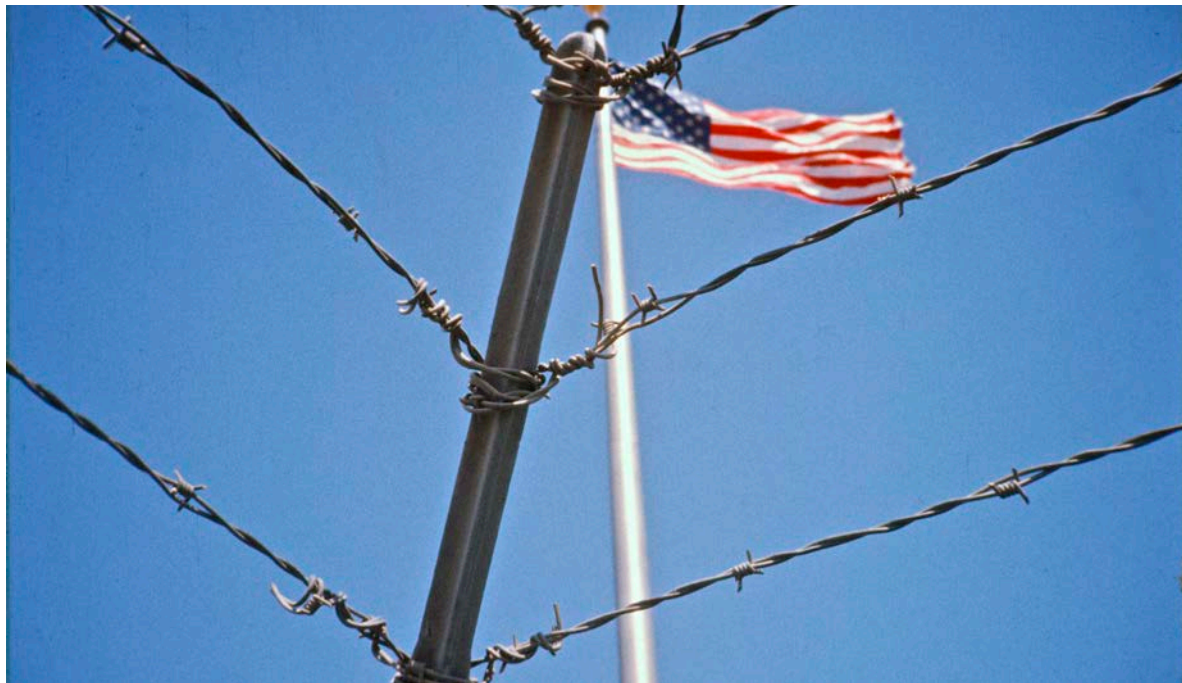
1973 - NYC

Quando não fortificamos a justiça, torna-se necessário justificar a força. Quanto mais tentamos atirar um atalho para a liberdade e segurança, mais nossas ações em vôo e desespero se assemelham às típicas do gueto. Assim como os detentos do gueto buscam fugas rápidas para carros de luxo e violência inspiradores, nós escapamos através do uso de porta-aviões ainda mais inspiradores e da violência militar, que são dirigidos ao gueto, ao invés de mudar as atitudes que adotamos e que criam guetos. Quão livres somos realmente no próprio país de Deus quando milhares de pessoas devem ver a Estátua da Liberdade por trás de janelas com grades de aço? Seu olhar vigilante, que sempre se afasta até mesmo dos atos mais viciosos de racismo, está sendo cada vez mais substituído pelo olhar sempre presente do Grande Irmão.

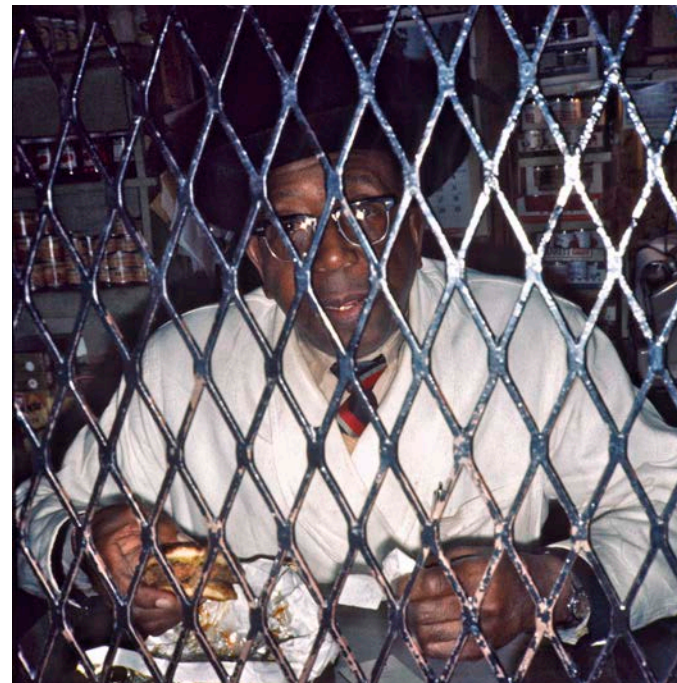
Por medo e alienação, nós continuamente violamos a Constituição sob o pretexto de combater o crime e o terrorismo. Na Dinamarca, também, restringimos repetidamente nossa própria liberdade com nova e mais dura legislação terrorista por medo daqueles que marginalizamos. Em um aspecto, a América está perigosamente próxima do totalitarismo: o país está repleto de policiais secretos. Ninguém, absolutamente ninguém, exceto aqueles que, como eu, deram carona em grandes e pequenas cidades americanas, faz idéia de quantos desses policiais à paisana realmente existem. Eles estavam sempre me revistando. Mesmo em pequenas cidades adormecidas no Sul, eu poderia descobrir até vinte policiais em uma única noite. Quanto mais o sistema fecha, mais desaparece a confiança nas ações e nos valores da sociedade como um todo. Superando a razão, o medo abafa nossa preocupação e compaixão pelos semelhantes.

Nossos atos de fuga (negros) criminosos e (brancos) repressivos estão envenenando toda a população, que está sendo gradualmente corrompida pela violência que perpetra contra o gueto negro. Um gueto é criado e perpetuado por forças externas; ele não pode ser desmontado por dentro. Paralisada pelo medo e pela violência, toda nossa sociedade começa a assumir o caráter de um gueto. A população se torna cada vez mais consciente de que está operando em um sistema fechado - um sistema no qual perdemos até mesmo nossa liberdade de ação imaginária. Um sistema cujo confinamento prolongado de (nossos) indesejáveis em enormes guetos já se tornou há muito tempo tão institucionalizado que nos parece bastante natural. Durante gerações nosso "racismo sistêmico" nos moldou e nos aleijou a tal ponto que não podemos imaginar alternativas, nem a curto prazo seríamos capazes de viver com elas se pudéssemos.

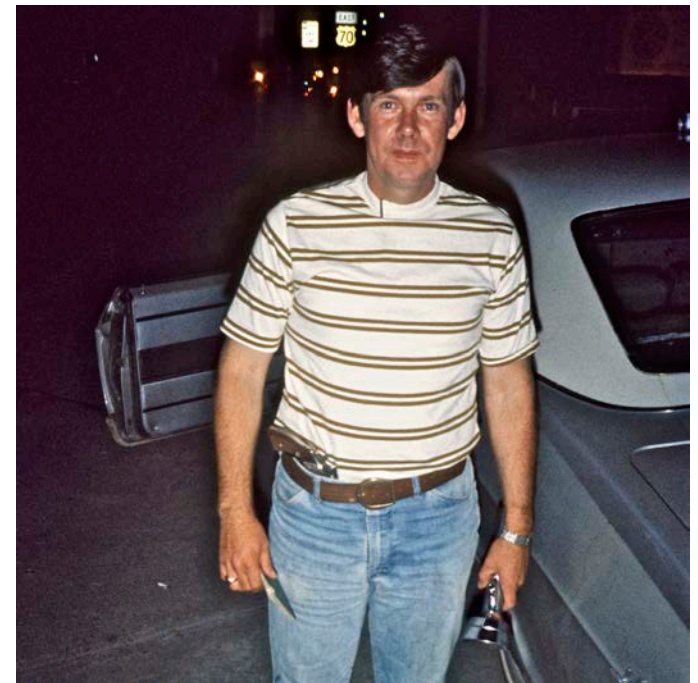
E assim toda a sociedade se torna um sistema fechado da mesma forma que o Sul era antes de 1865 e antes de 1954 - um sistema que, apesar dos esforços dos liberais e ativistas, era incapaz de mudar a partir de dentro. A interferência do Norte no sistema fechado do Sul não quebrou o círculo; apenas encontrou um novo nível de equilíbrio mais elevado, elevando a renda média negra no Sul de 45% para 55% da renda dos brancos. Nós, brancos, temos o poder de eliminar os guetos através de uma mudança de atitude, mas enquanto nos deixarmos capturar passivamente pelo padrão escravizador de uma opressão bem coordenada, não vejo nenhuma possibilidade de que isso aconteça. Não entendemos o monstro de classe inferior que criamos continuamente, e por isso viramos as costas para ele, destruindo nossa sociedade no processo.



1974 - Harlem, NY



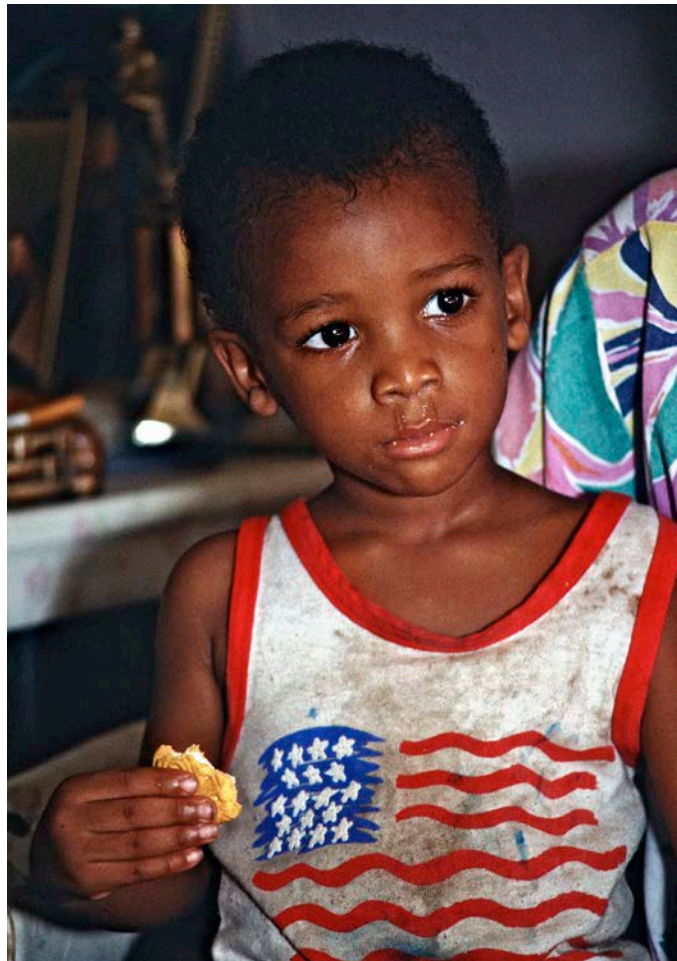
1973 - Baltimore



1974 - Richmond, VA. Polícia de roupas simples me verificando



1986 - Amherst, MA



1975 - Philadelphia, MS



1972 - Jackson, MI



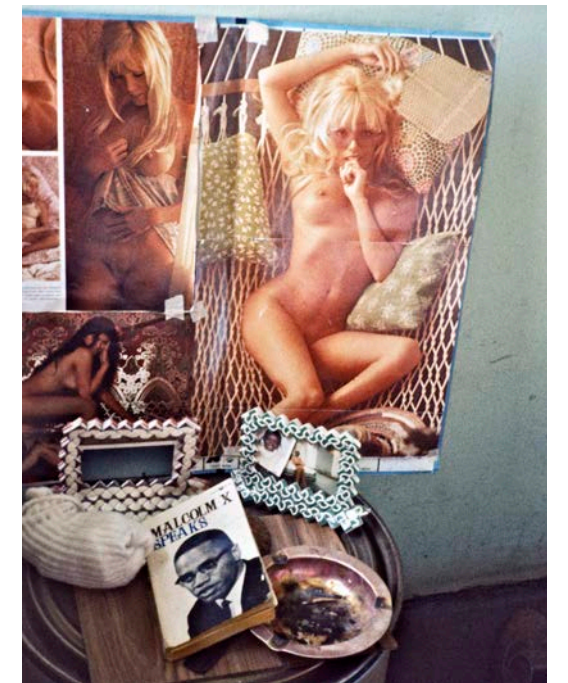
1975 - San Bruno Jail, CA



1975 - San Bruno Jail, CA



1973 - NYC



1975 - San Bruno Jail, CA

Minha viagem através desta selva social me levou automaticamente ao sistema fechado definitivo, a prisão, na qual me deparei com três ladrões de classe inferior que haviam me atacado na minha chegada aos Estados Unidos cinco anos antes. Enquanto a sociedade fechava lentamente ao meu redor, como um tornio, estas pessoas se abriram para mim e, através de minha própria guetização, se tornaram parte de mim mesmo. Agora eu entendia que eles não tinham tido escolha real: sua liberdade era unidimensional. A escolha deles, então, de me vitimizar ou não, é indicativa da escolha branca: devemos parar de oprimir um povo não redimido para não correr o risco de acabarmos nós mesmos em uma espécie de prisão? Ou, fechados em um sistema onde “o projeto da vida já está feito”, será que perdemos a liberdade de escolher?

Mesmo se alocássemos bilhões de dólares para reconstruir as favelas, para proporcionar melhores escolas e empregos, aqueles presos no gueto veriam isso como apenas mais um caso de migalhas humilhantes vindas de cima. Isso só agravaria a auto-imagem daqueles de quem nos desfazemos e que estamos tentando recuperar - e eles morderiam as mãos que os alimentam. Nossa grande mão liberal e aberta sofreria uma rápida retração conservadora.

Não, não podemos simplesmente pagar nosso racismo! Mesmo nos melhores anos do tokenismo liberal, 1960-67, foram gastos 348 bilhões de dólares na guerra e 27 bilhões na exploração espacial, mas apenas 2 bilhões de dólares na ajuda aos guetos. Não é surpresa que a classe inferior tenha queimado os guetos em desprezo!

Tal mão de ajuda vinda de cima funciona involuntariamente assim como o sistema penal americano. Aqui, 95% do dinheiro é usado para eliminar os indesejados e brutalizá-los, enquanto apenas 5% é gasto na “reabilitação” paternalista do produto residual (que levou anos para ser produzido). A maioria dos detentos está tão arruinada pelo sistema penitenciário que nunca se ajustam à vida no exterior e acabam voltando para a prisão. Milhões de pessoas que precisam de tratamento psiquiátrico como resultado da patologia institucionalizada, crônica e auto-perpetuadora do gueto são, ao invés disso, encarceradas. Cerca de 25% dos detentos são retardados mentalmente por causa de seus antecedentes empobrecidos e envenenamento por chumbo. Quase metade dos detentos são negros, embora representem apenas 13% do país. Quando, além disso, os negros recebem em média o dobro das penas que os brancos pelo mesmo delito (conforme relatado pelo New York Times), você começa a entender por que muitos negros se vêem como prisioneiros políticos.

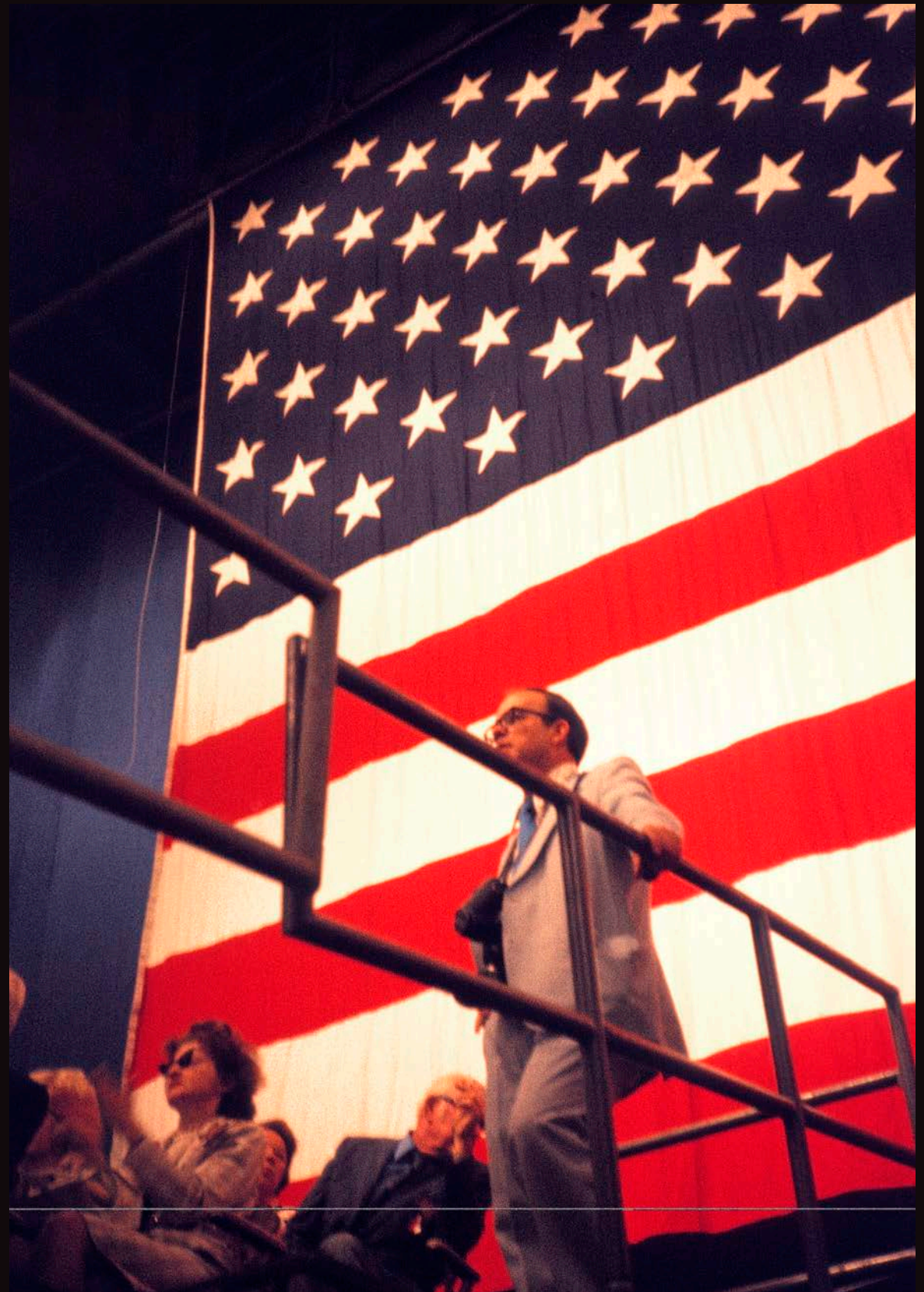
Pode parecer que eu apresento os negros como vítimas indefesas, mas de que outra forma veremos o carrasco em nós mesmos? Ao ler este livro, seu racismo inconsciente tentou negar a responsabilidade, insistindo que o problema, afinal, provavelmente se deve à inferioridade inata dos negros. Mas lembrem-se de que os imigrantes negros da Índia Ocidental, que não foram forçados a internalizar nosso racismo, estão fazendo tão bem quanto os brancos na América. Portanto, quando negros nativos, profundamente moldados por nosso racismo, têm apenas metade da renda dos brancos e compõem mais da metade de todos os presos, então sim, muitos deles são vítimas indefesas de nosso racismo. As imagens de pessoas quebradas e apáticas neste livro não são as imagens que nossos oprimidos, lutando para manter um pouco de dignidade, gostam de ver de si mesmos.



1974 - Baltimore



1975 - San Bruno Jail, CA



1972 - Miami Beach, FL



1971 - Oakland, CA. Presidente Huy P. Newton



Mais tarde a Presidente do BPP Elaine Brown que canta a última canção deste livro



Henry e Ilane no cartaz de Huey P. Newton



1975 - Seattle, WA



1973 - Baltimore. BPP Programa de café da manhã gratuito



1973 - Baltimore. BPP Programa de café da manhã gratuito

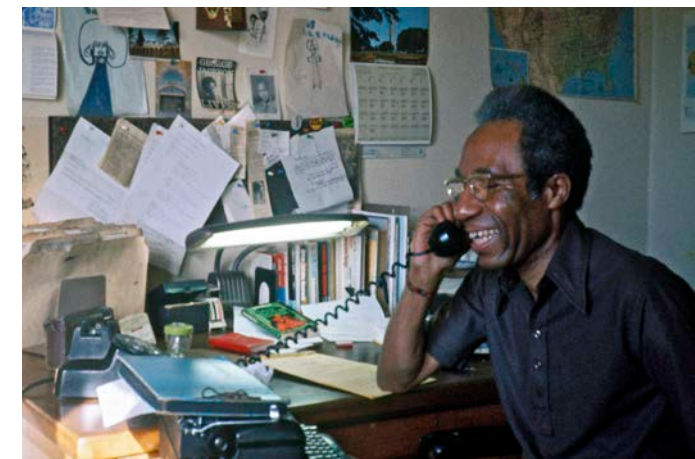
Mas a opressão sempre produz mais humanos quebrados do que quebradores de padrões, e se não entendermos aqueles que são fracos demais para resistir, como vamos nos dar conta de quão destrutivo é nosso racismo?

Estes prisioneiros resistiram. O que os fez escolher nosso castigo final não foi a necessidade real ou a fome, mas a raiva incontrolável - um coquetel vicioso de ódio e ódio a si mesmos que os fez desprezar tudo. Eles são apenas os sintomas visíveis de nossa opressão; sua raiva é compartilhada por todos os negros americanos. A raiva deles os derrota constantemente, os faz tropeçar onde outros facilmente conseguem. Em vez de examinar a causa de sua raiva, nós os culpamos por não serem bem sucedidos. Não entendemos o monstro do gueto que criamos. Em vez disso, viramos as costas para ele, “encarceramo-lo em massa” - um dia, talvez, serão “campos de concentração” - e destruirão nossa própria sociedade no processo.

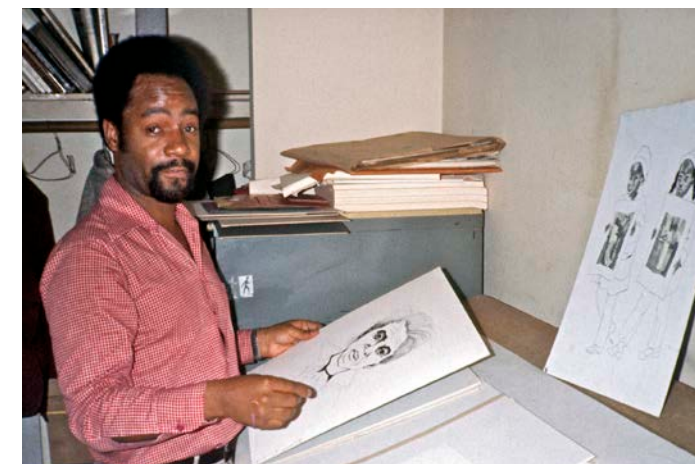
No entanto, por mais formidável que pareça a opressão, sempre houve um movimento ativo para se opor a ela, desde Nat Turner até a Matéria das Vidas Negras. Eu não podia assistir passivamente a toda essa destruição, então me uni ao movimento de minha geração, os Panteras Negras. Eles já haviam usado o poder do teatro político em alguns eventos corajosos, exercendo seus direitos da Segunda Emenda para carregar armas enquanto protestavam contra as intermináveis matanças policiais de negros. Os brancos estavam tão assustados pelos negros com armas que o governador Reagan, com o apoio do NRA (acredite ou não), reforçou as leis sobre armas na Califórnia. E mesmo que os Panteras não fossem violentos, o FBI iniciou uma operação secreta da COINTELPRO para esmagar o grupo, assassinando inúmeros Panteras, alguns em seu sono como Fred Hampton. Fiquei especialmente impressionado com o programa Café da Manhã Grátis para Crianças que eles montaram em muitos guetos, e eu peguei carona para apoiá-los.

Em Baltimore eu geralmente ficava com meus amigos Panteras Henry e Ilane (visto aqui com seu bebê sob o cartaz de Huey Newton). Ajudei-os a alimentar as crianças locais e vi essas crianças, vestidas com trapos, andarem longas distâncias pela manhã para conseguir uma refeição. Senti que isto era mais significativo do que participar do culto em torno do líder mercurial Huey Newton (no alto à esquerda), que eu tinha conhecido frequentemente em Oakland, junto com outros líderes, como Elaine Brown, que canta “There is a Man” no final do meu show. Mas quando David Dubois se tornou editor chefe do jornal Panther, ele me convenceu de que meu verdadeiro papel era como fotógrafo do jornal. Eu estava incrivelmente orgulhoso de trabalhar para o filho do grande W. E. B. Du Bois, visto aqui na sede do BPP em Oakland, junto com o famoso cartunista Emory Douglass. E assim as fotos deste livro foram publicadas pela primeira vez em O Pantera Negra.

Há uma palavra triste nesta história: Quando tive que rever o filme O Mordomo na TV dinamarquesa em 2013, eu me desfiz em lágrimas durante a parte em que, pela primeira vez, os Panteras Negras foram retratados de forma positiva - como um palco natural na resistência negra. Percebi como eu mesmo havia suprimido meu envolvimento com o Pantera, que fazia parte de meu livro dinamarquês original. Quando eu estava começando meu show na América de Reagan em 1984, eu apaguei todos os vestígios dele, com medo de ser acusado de ser um terrorista. Os Estados Unidos e eu tínhamos mudado desde que conheci Reagan em 1972, quando o acusei descaradamente de oprimir os negros. Eu estava certo. Ele foi o primeiro candidato a usar o racismo “codificado” e o assobio de cães (“selva” =gueto, “macacos” =africanos) para ganhar a presidência desde o Movimento dos Direitos Civis.



1974 - David Dubois na sede do BPP em Oakland



1974 - Emory Douglass na sede do BPP em Oakland



1971 - Washington, DC

Juntei-me aos negros em inúmeras manifestações, desde os eventos patrocinados pelo Pantera Negra até os protestos contra a Matéria da Vida Negra, mas nunca vi tantos negros envolvidos como quando eles se organizaram contra o racismo de dois gumes de Reagan: Ele usou a estratégia sulista codificada por cores contra os negros em casa e apoiou o regime do apartheid sul-africano. Ele até oprimiu as mulheres ao defender o ditador Zia para instalar a lei da Sharia no Paquistão. Percebi que os negros sempre tentaram apelar para a consciência de seus opressores, mas durante os anos Reagan sentiram que os opressores eram uma grande conspiração conjunta de brancos, judeus, muçulmanos e imigrantes (até mesmo imigrantes negros, pelo menos nas universidades) contra nossas vítimas crucificadas. Assim, eu compartilhei a frustração negra sobre a manifestação contra pessoas que, como Reagan, eram basicamente boas de coração (como seu epitáfio avança).



1987 - Ann Arbor, MI



1971 - Washington, DC



1972 - Ronald Reagan, Miami Beach, FL



1991 - Philadelphia, PA



Estou fotografando uma demonstração de Black Lives Matter em 2016



2013 - Na sua sepultura memorial, finalmente encontrei algo que Reagan e eu pudemos concordar - e me reconciliei com ele.





1975 - Popeye na prisão de San Bruno, CA

Mas não esqueçamos que aqueles que podem se ajustar a este sistema gulag podem experimentar nossa sociedade, com suas janelas gradeadas e ruas desertas, como a mais livre do mundo. Um livro como este será recebido de braços abertos porque o sistema é tão maciço em sua opressão que todas as críticas se perdem sobre ele, e ele se torna entretenimento ou fuga religiosa. Somente quando o sistema encontra resistência organizada é que ele cai em cima de você, como vi com meu melhor amigo na Califórnia, Popeye Jackson.

Quando conheci o Popeye, já havia chegado ao fim da minha jornada. Como um vagabundo, eu amava a liberdade de me perder na pessoa individual e ingenuamente acreditava que poderia me manter livre do racismo. Mas agora comecei a sentir que minha vagabundagem tinha sido um vôo branco privilegiado, como tantos outros. A estrutura conceitual que estou usando aqui se tornou uma esperança necessária, bem como um meio de sobrevivência em um mundo de opressão, mas agora percebi que havia outras verdades e formas mais espirituais de perceber a vida humana. Senti que estava explorando o sofrimento com minha câmera e, ao sentir meu próprio racismo crescente, estava começando a me deixar doente. Não é agradável descobrir que você se tornou o que está lutando contra, mas o racismo não é uma questão voluntária em uma sociedade racista, e eu sabia que eu era mais do que um racista. Assim, ao invés de me envergonhar, meu racismo me fez sentir parte da América e tive que assumir a responsabilidade por ele, tornando-me um anti-racista ativo e ajudando a mudar o país que eu havia chegado a amar. Quanto mais eu amava a América, mais difícil era apenas observar silenciosamente sua autodestruição. Enquanto eu tirava fotos, dezenas de meus amigos haviam ido para a prisão - amigos que haviam protestado contra o sistema, muitos sem pensar no sistema - enquanto eu pensava e me afastava com minha câmera sem agir.



1975 - Popeye na prisão de San Bruno, CA



1975 - Popeye escrevendo para o Documento do Sindicato dos Prisioneiros

Então eu guardei minha câmera e comecei a trabalhar com o Popeye. Ele me provou que a vítima, longe de ser desamparada, é capaz de resistir. Ele se orgulhava de sua formação inferior de gueto e sempre se vestia como um prostituto. Ele era a personificação da classe inferior, com toda sua abertura, violência, sexismo, bela cultura, generosidade - todas as coisas que nós na Europa consideramos estereotipicamente americanas. O próprio Popeye estava em uma longa jornada. Ele tinha apenas 10 anos de idade quando foi preso pela primeira vez e passou um total de 19 anos na prisão. Durante seu longo encarceramento, sua consciência política amadureceu, e ele sentiu que através do marxismo ele poderia se libertar da prisão intensificada pelo ódio a si mesmo, que geralmente induz. Ele não queria que o marxismo fosse apenas uma fuga psicológica individual ou um sistema puramente analítico, como é para tantos estudantes europeus, então ele começou a organizar os outros detentos na União Unida



1975 - Popeye na sala de votação



1975 - San Francisco

de Prisioneiros (UPU), tornando-se mais tarde seu presidente. Ele sentiu que só era possível escapar do gueto mudando coletivamente todo o sistema. Ele rapidamente se tornou uma figura conhecida e foi, por exemplo, escolhido como mediador entre a família Hearst e o Exército de Libertação Simbionês, o grupo terrorista que sequestrou Patricia Hearst.

A influência de Popeye sobre os presos aumentou, e me disseram que a polícia tinha tentado levá-lo de volta à prisão plantando drogas em seu carro (na ocasião eles também o ameaçaram de morte). Trabalhando juntos na UPU, ficamos cada vez mais ligados um ao outro. Percebendo os grandes buracos em meus sapatos, ele me deu um par de botas sem uma palavra. Embora eu tivesse parado de tirar fotos, ele me persuadiu a tirar estas fotos para o jornal da prisão. Prometi nunca contar como eu contrabandeei a câmera, mas como o xerife Hongisto, um

armário gay, está agora morto, sinto-me livre para revelar que foi Hongisto quem me “prende” por apreço pelo meu trabalho no movimento gay.

Popeye tentou constantemente organizar os presos sob condições desumanas que abafavam toda a vida privada em um lugar onde o sistema usava quase todos os meios para quebrar as pessoas. Justamente porque eu mesmo estava totalmente paralisado nestes ambientes, vendo como Popeye conseguiu que os outros detentos lessem literatura política, embora fosse impossível imaginar como alguém pudesse ler em meio ao barulho sinistro e ao medo sempre presente, causou uma impressão indelével em mim. Muitos detentos me disseram que Popeye tinha tido um efeito semelhante sobre eles - ele não era um “falso revolucionário intelectual”; ele era um dos seus próprios detentos.

Embora fosse um organizador extremamente promissor, Popeye naturalmente não estava sem graves falhas humanas que perturbavam muitos dos voluntários de nosso grupo, particularmente as mulheres. Elas haviam aprendido uma lição da esquerda ingênua dos anos 60, que havia abraçado romanticamente vários estupradores como a “vanguarda da revolução”. Algumas delas deixaram nosso grupo por causa do sexismo de Popeye. Eu me confrontei intensamente com eles porque sentia que suas opiniões eram apenas mais uma forma de racismo - uma forma radical atualizada de dizer: Eu não gosto da classe inferior.

“Se você pensa que um homem pode sair de 300 anos de escravidão e 19 anos de prisão como um anjo, você é um tolo”. Até mesmo Martin Luther King era sexista”, diz Coretta King hoje”. Naquela época, eu disse: “Se você acha que um homem deve ser negado um poderoso papel de liderança até que ele viva de acordo com as normas liberais brancas em todos os aspectos, então você é um inimigo tão perigoso da ação afirmativa quanto o pior racista sulista. Se você vira as costas ao Popeye agora, então não é o racismo deles que o força a voltar para um gueto, mas o seu”. Tendo eu mesmo acabado na armadilha sexista (página 274), eu era um grande defensor do Popeye. Mas eu também o estava traíndo ao mesmo tempo: Assim como os brancos não pressionam o racismo um do outro, eu e os outros homens do grupo não tentamos mudar o sexismo de Popeye, nem que fosse para permitir que ele fosse um organizador mais bem sucedido.



1975 - San Bruno Jail, CA



1975 - Popeye em nossa festa de libertação "de volta ao mundo"



1975 - Notícias da TV local

Fora da prisão, uma campanha eficaz foi iniciada para conseguir a libertação do Popeye, e finalmente ele foi libertado. Fizemos uma grande festa "de volta ao mundo" para ele. Popeye tinha me avisado com frequência sobre os infiltrados do FBI que se faziam passar por membros da UPU. Tendo sempre confiado em todos que conheci em minha vagabundagem, tomei seus avisos como uma paranóia normal do gueto. Tive dificuldade em imaginar alguém que conhecia como polícia secreta, então fiquei completamente inconsciente quando experimentei o terror que o sistema usava contra a união do Popeye: Um de meus amigos - de fato, aquele em quem eu tinha mais fé - era um informante do FBI.

Seu nome era Sara Jane Moore. Ela era um pouco mais velha que as outras, e nós a achávamos uma dona de casa simpática, simpática, embora um pouco confusa, vinda dos subúrbios. Chocou-nos quando ela confessou aos jornais que era uma espia do FBI, mas agora tinha dores de consciência - durante nosso trabalho, ela tinha sido convertida ao ponto de vista do Popeye. Dois meses depois, ela quase mudou a história mundial quando tentou atirar no presidente Ford na Union Square. Ela experimentou um tormento tão terrível por causa do que ela havia trazido com seu trabalho no FBI que quis vingar-se do FBI assassinando o chefe do sistema, como ela disse.

Billy, um vizinho no prédio onde eu morava com travestis, arrancou a arma da mão de Sara Jane e salvou a vida do presidente. Isto fez com que ele fosse convidado para a Casa Branca. Mas Billy estava namorando o líder do movimento gay, o amante de Harvey Milk, Joe, e a Casa Branca cancelou o convite quando Milk o fez confessar abertamente que era gay. (Depois de 32 anos de prisão, Sara Jane foi libertada em 2007, e fui contatada por empresas de cinema e TV que queriam usar minhas fotos dela).

O que havia acontecido entre estes dois episódios que poderiam desequilibrá-la tanto? No sábado à noite, alguns dias depois de nossa festa, Popeye deveria ter vindo para selecionar as fotos da prisão para nosso jornal. Ele ligou, no entanto, e disse que não tinha tempo; ele tinha uma reunião para ir. Eu disse que viria à reunião mais tarde e voltaria para casa com ele. Apenas duas

horas antes de eu estar pronto para sair, recebi um telefonema de Annie, chorando de medo e implorando para não ir para casa com Popeye. Se eu não tivesse recebido aquela ligação, não teria assistido ao noticiário na noite seguinte:

*"Esta é a edição de domingo do Eyewitness News das onze horas. A Polícia de São Francisco continua sua investigação sobre o assassinato do reformador prisional Popeye Jackson, que era chefe do Sindicato dos Prisioneiros Unidos. Jackson estava sentado em um carro com Sally Voye, uma professora da escola de Vallejo, quando o tiroteio aconteceu às 2:45 da manhã de domingo. A polícia diz que eles morreram imediatamente.*

*- Agora, como muitos de vocês, eu adoro cães. Eu estou preocupado com eles. É por isso que eu alimento meus cães Alpo. Porque a carne é o alimento natural de um cão. Isso é o que eles mais amam. E o jantar de carne do Alpo tem produtos de carne que são realmente bons para eles. Não é um grão de cereal. Não é um alimento melhor para cães no mundo.*

*(Polícia): Relatórios indicam que o assassino disparou primeiro um tiro que quebrou uma janela do carro. A primeira bala atingiu a Srta. Voye e depois Jackson. O pistoleiro não estava lá para roubar as pessoas. As carteiras estavam intactas. Isto soa como um assassinato ao estilo de execução ...*

*- Você poderia chamá-lo assim. Estamos trabalhando nisso como uma teoria possível. Temos que descartar o roubo.*

*- A polícia diz que várias pessoas foram para suas janelas quando ouviram os tiros. A polícia vai começar a questioná-las amanhã para encontrar o assassino.*

*- É assim que começa. Você vê alguém dar aquela primeira mordida de dar água na boca e só tem que ter um gosto por si mesmo. Neste mundo há apenas um frango frito que sempre tem um gosto tão bom de lamber os dedos, e você tem que dizer "HEY! É um dia de Kentucky Fried Chicken"!*



1975 - San Bruno Jail, CA



1975 - San Bruno Jail, CA

Embora fosse meu melhor amigo que vi deitado em uma poça de sangue na TV apenas algumas horas depois que eu mesmo havia planejado dirigir para casa com ele naquela noite desastrosa, não consegui chorar nos primeiros quatro dias - tudo isso me pareceu tão irreal, apresentado, como era, nessa estranha mistura americana de comida para cachorro e comerciais de frango frito. O sistema, com a mídia à sua disposição, pode escapar de quase tudo, já que é capaz de nos fazer esquecer no instante seguinte o que vimos no anterior.

O que havia acontecido só amanheceu em mim no funeral, e eu me quebrei totalmente em lágrimas. Eu também tinha percebido que Sally, que tinha trabalhado com prisioneiros e crianças do gueto apesar de viver na segurança de um subúrbio, que tinha até tentado trabalhar no sexismo do Popeye, e de quem eu gostava, esta mulher fantástica também tinha sido assassinada - simplificadoramente porque ela teria sido testemunha do assassinato. Meu destino não teria sido diferente se eu tivesse estado com eles naquela noite.

Aqui está Sally com Popeye alguns dias antes de seu assassinato. O assassino nunca foi estabelecido. Mas desde que Sara Jane Moore, condenada a prisão perpétua, deu à Playboy um relato assustador de seu trabalho disfarçado para o FBI, incluindo como o FBI ameaçou sua vida quando perceberam que ela estava sendo conquistada pelas idéias de Popeye, poucos de nós temos quaisquer dúvidas. Popeye tinha me avisado com frequência sobre ex-condenados que poderiam ter feito acordos com a polícia no início do processo. Ele mesmo nunca teve medo de morrer, apesar do fato de que, como revelou mais tarde o San Francisco Chronicle, a polícia tinha ameaçado matá-lo. Em seu último artigo, que ele escreveu enquanto eu estava com ele na prisão, ele disse: "Não devemos temer a morte". Somos a classe condenada e somente através da revolução poderemos conquistar nossa liberdade e a liberdade de todos os oprimidos do mundo".

No funeral, onde fui o único fotógrafo convidado por sua família, muitos de seus trabalhadores sindicais e amigos da prisão - indianos, negros, chicanos e brancos - deram-lhe um beijo de despedida. Muitos outros só conseguiriam "voltar ao mundo" e ver seu túmulo uma geração mais tarde. Sua mãe, que o trazia bolo na prisão toda semana durante 19 anos, sofreu um colapso total na frente do caixão.



1975 - San Francisco Examiner



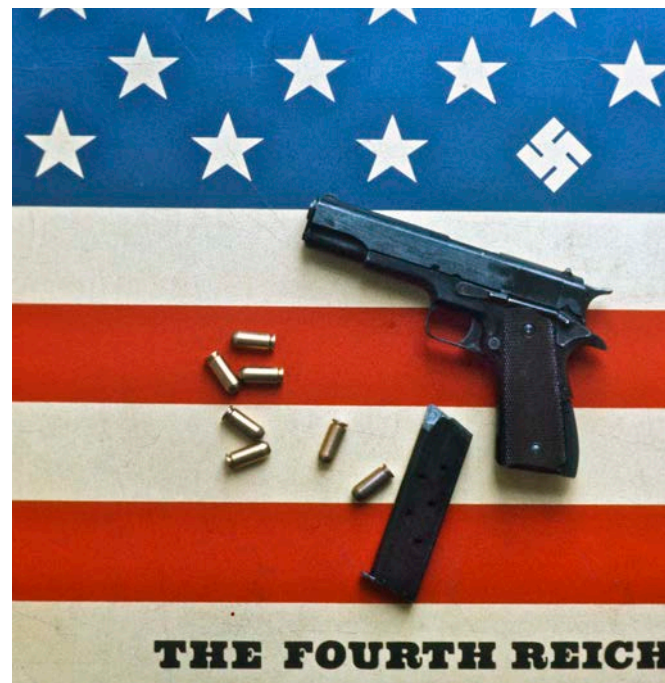
1975 - S F Chronicle



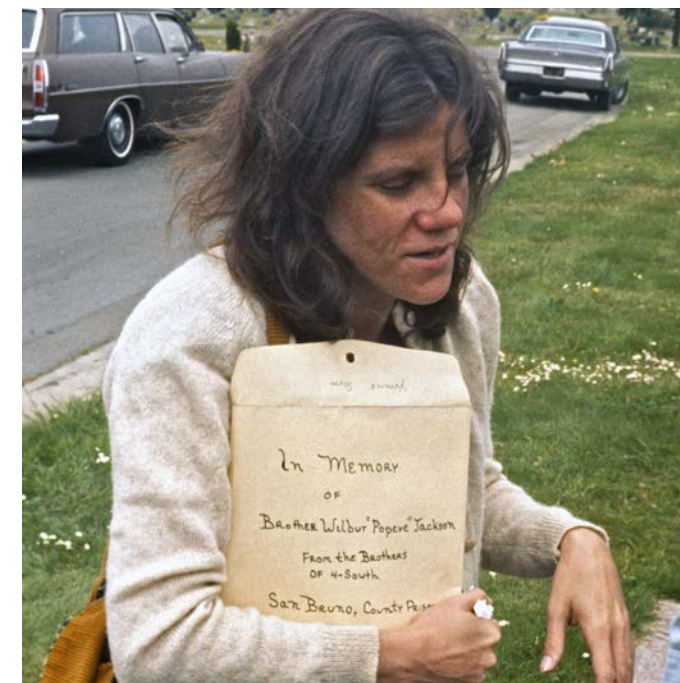
1975 - Popeye e Sally Voyer na festa



1975 - Popeye at party



1975 - UPU membro "Sleepy" no funeral



1975 - A esposa grávida de Popeye, Pat Singer, no funeral



1975 - convidados a 5000\$ um jantar de arrecadação de fundos para o Presidente Ford

*Há um homem  
que está em todo o nosso caminho.  
E suas mãos gananciosas  
alcançar em todo o mundo.  
Mas se matarmos este homem  
teremos paz nesta terra  
e esta gloriosa luta  
será feito.*

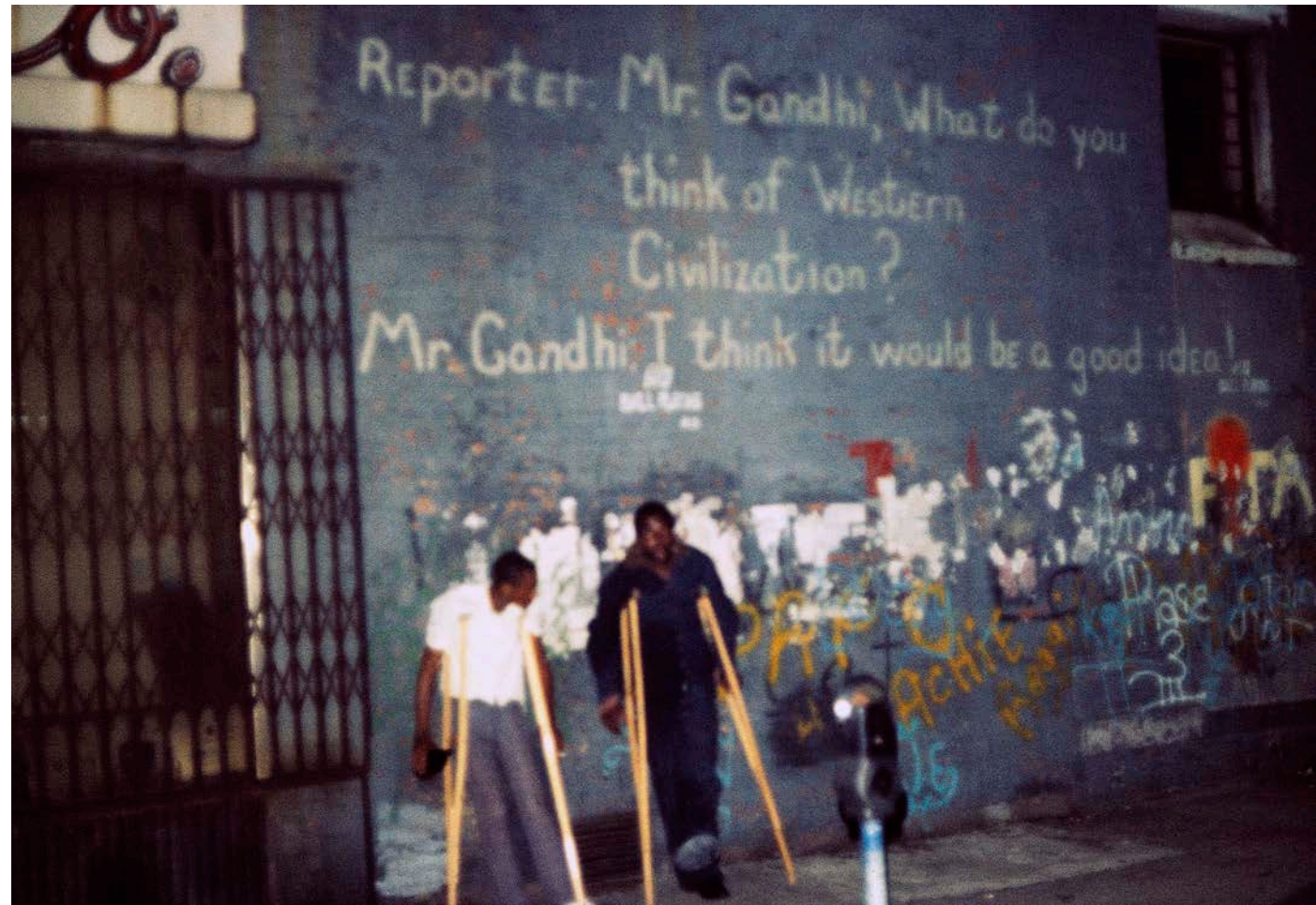
*E o que nós queremos é ter apenas  
o que precisamos  
e para viver em paz com dignidade.  
Mas estes poucos homens velhos,  
não se quebram ou se dobram  
portanto, é somente através de sua morte  
que seremos livres.*



1975 - Ex-condenado dizendo adeus

*E se nos atrevermos a lutar  
para o que, para o que nós queremos  
não poupando nenhum  
que estão no nosso caminho:  
A luta é dura  
e longo  
mas não podemos, não podemos errar,  
para nossa libertação será conquistada.*

*E podemos nos encontrar novamente  
se não morrermos  
pois esse é o preço  
que possam ser pagos,  
Mas se passarmos por este caminho  
nos encontraremos algum dia,  
nos encontraremos novamente  
se não morrermos...*



1971 - Dois Veteranos no Memorial Gandhi, Lower Eastside, NY

Mas por quanto tempo ... por quanto tempo ...?

Popeye foi o último amigo a quem eu quis me despedir desta maneira. Com os assassinatos de Sally e Popeye, todos os meus sentimentos e sentidos haviam sido mortos. Não aguentava mais e fugia do país. Eu tinha perdido 12 dos meus melhores amigos para esta violência americana sem sentido, e muitos outros tinham desaparecido na prisão para toda a vida.

Este homem foi assassinado em Nova York, perto de onde eu morava, bem em frente a um mural do gueto (atrás do sudário), ao qual talvez nunca tenha prestado atenção, talvez não fosse capaz de ler. No final de uma noite, no mesmo muro, encontramos dois veteranos aleijados que saíram em defesa da "civilização ocidental" e agora têm que mendigar nas ruas.



1971 - cadáver em frente ao memorial de Gandhi

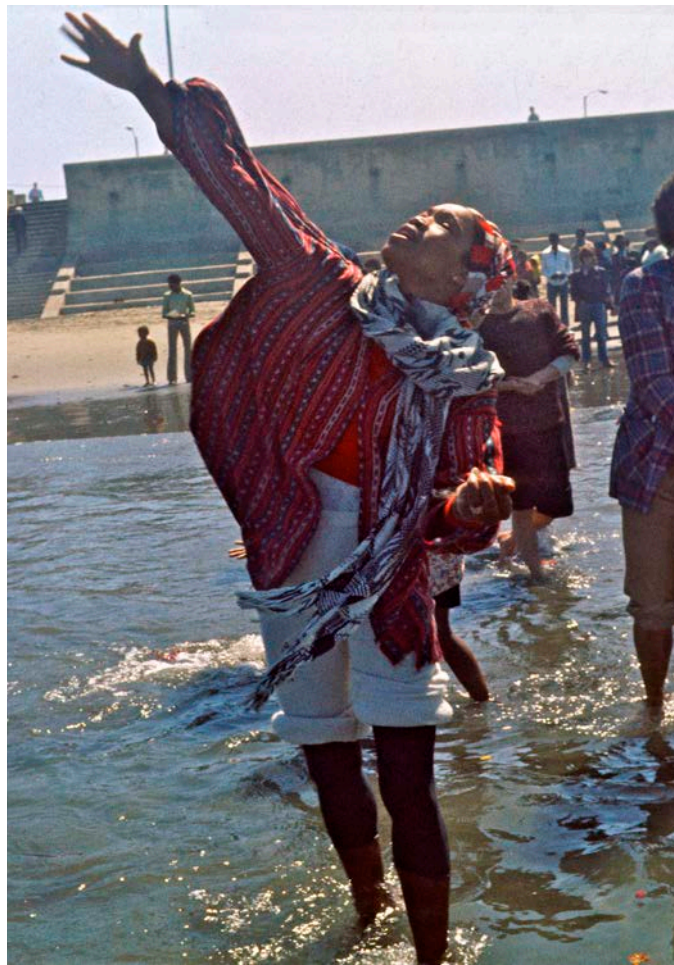


1975 - São Francisco. Linda Jones jogando cinzas no oceano

Eu amava o povo americano mais do que qualquer outro que eu já tinha conhecido. Eu desejava no final fazer parte da América e não tinha a intenção de deixar o país.

O calor humano que eu havia encontrado em todos os lugares - o mesmo calor com que outros imigrantes haviam sido recebidos de braços abertos - foi uma brisa fresca em minha vida após o desapareço e as reticências que eu havia conhecido na Europa. Mas o calor e a abertura dos americanos contrastava com o sistema cruel e desumano do gueto que havia crescido a partir de sua própria dor intensa. Eu tinha estado nos picos mais altos, e tinha estado nas profundezas mais profundas da sombra com um pé na cova da América.

Em todos os lugares em que me doía ver a crescente fossilização e fortificação, este calor e abertura estão sujeitos a - um calor do qual eu ainda poderia me beneficiar como estrangeiro, mas que há muito tempo havia se petrificado em medo, ódio e amargura em relação a outros americanos. Os americanos vivem em maior isolamento e alienação uns dos outros do que qualquer outra pessoa que eu conheça.



1975 - São Francisco. Rhodessa Jones jogando cinzas

E a violência contra os povos oprimidos em todos os lugares continua. Entre nossa guetização das pessoas mais pobres e mais expostas do mundo e nosso racismo climático - aliado a políticas comerciais injustas - matamos mais seres humanos a cada ano do que na Segunda Guerra Mundial e levaremos milhões para nossas costas como refugiados. Será que estamos prontos para encobrir mais um corpo? E quantos estamos dispostos a dispor porque tememos uma mudança pessoal mais profunda que beneficiaria o mundo como um todo?

O cenário está mudando. Os povos colonizados, de costas para a parede, agora devem servir como colonizadores e opressores. Eles são enviados sobre o oceano que seus ancestrais atravessaram para vir para cá. Nossa desumanidade chegou ao fim. Finalmente conseguimos criá-los na imagem sangrenta de nossa própria civilização. Mais uma criança foi morta na violência do gueto (cinco anos de idade). O anel está fechando. Mais uma vez uma mãe negra deve jogar seu filho no oceano, como fez com um dos navios negreiros de 400 anos atrás... a vida de nosso sistema... O oceano a levará de volta às costas de onde vieram seus antepassados quando precisávamos deles. Quanto mais sofrimento vamos sofrer - ou causar? Nós não sabemos. Jogamos nossa incerteza no oceano com as cinzas de nossas vítimas ...

*Navio Ahoy! Navio Ahoy! Navio Ahoy!  
Até onde seus olhos podem ver,  
homens, mulheres e bebês escravos,  
vindo para a terra da Liberdade,  
onde o projeto da vida já é feito -  
Tão jovem e tão forte  
eles estão apenas esperando para serem salvos...*



1975 - San Francisco

# Uma palavra pessoal a seguir

(aqui está uma possibilidade, mas a ser escrita mais tarde após consulta a uma editora)

## O FIM?

Tendo sido oprimido ao longo deste livro, você pode agora se sentir:

Culpado, paranóico, frustrado, frustrado, esgotado, perturbado, entorpecido, tenso, irritado, chateado, silencioso, mudo, confuso, indigno, cauteloso, inferior, impotente, temeroso, manso, passivo.....

Mais opressão também poderia ter feito você... protetor, desatento, hostil, desligado, astuto, brincalhão, enganador, conspirador, manipulador, retaliatório, superior, observador (do opressor), astuto, destrutivo, desatento, cagy.... e, finalmente, talvez, violento!

Estas emoções são como as vividas pelos negros guetoizados que vivem sob os padrões opressores nos EUA e na África do Sul, pelos imigrantes na Europa, pelos palestinos sob Israel e, em graus variados, por muitos outros povos oprimidos. A dor que acompanha estas emoções força as pessoas à paralisia, sem esperança e à raiva autoconsumida. O comportamento irracional e impotente que resulta, por sua vez, alimenta o racismo branco. Ter consciência de como funciona este círculo vicioso nos dá o poder de trabalhar juntos para nos libertarmos destes padrões opressivos...

...por amor à humanidade e a nós mesmos!

Mas não devemos nos esquecer de uma coisa importante. Tendo nos “oprimido” através deste livro, corremos agora o risco de acabar na outra ponta do padrão opressivo: Sem uma saída apropriada ou construtiva para nossa dor, podemos acabar usando nossos novos conhecimentos para nos tornar ainda mais sofisticados racistas do que antes. A dor, a compaixão, a raiva, a culpa ou a tristeza que você pode sentir agora demonstra o carinho humano em cada um de nós e nosso profundo anseio de ver as coisas corrigidas. Muitos sentirão a necessidade de chorar ou rir ou deixar alguém perto de você saber o que você está sentindo. Compartilhar nossos sentimentos e profundas preocupações sobre o racismo é um primeiro passo significativo para quebrar o medo e a inibição que nos mantém presos a padrões dolorosos.

Vou deixar para outros a tarefa de apresentar soluções governamentais viáveis sobre como enfrentar nosso esmagador racismo institucional - a soma total de todo o nosso racismo individual. Testemunhei e me beneficiei pessoalmente das políticas progressistas do governo que Gunnar Myrdal “Um Dilema Americano” uma vez inspirou. Durante anos após o movimento dos Direitos Cívicos, o governo tentou mudar o pensamento opressivo dos brancos, uma vez que - como Myrdal corretamente apontou - apenas uma diminuição do preconceito branco levaria a uma mobilidade ascendente dos oprimidos.

Ao mesmo tempo, fiquei deprimido ao ver como a tendência europeia em nítido contraste insiste que as minorias devem primeiro mudar para se tornarem aceitáveis para a maioria branca - uma visão que temo que desde então tenha tomado conta dos Estados Unidos e arado o caminho para a influência destrutiva e divisionista do Trumps.

Um beneficiário dos programas progressistas do governo foi meu mentor, Dr. Charles King, a quem o governo empregou em seus seminários “O povo branco deve mudar” para funcionários das forças armadas, CIA, FBI e muitas outras instituições governamentais e grandes corporações, como IBM, Federal Express etc. A idéia era que somente através de uma desprogramação de seu racismo divisor poderia seu poder unificado combinado “tornar a América forte novamente”. Depois de ter visto meu programa Charles King me convidou para participar de seus seminários como um observador neutro, “Não vou tratá-lo como os outros”, ele disse antes e me colocou a seu lado sem me dizer nada sobre o que iria acontecer. Então ele começou a abusar, dividir, repreender, acusar, oprimir e colocar seus participantes uns contra os outros por dois dias, enquanto mostrava como isso era semelhante ao que acontece com os negros. Como branco, senti que ele foi longe demais e senti pena por estes participantes altamente educados e justos que tinham concordado com seu empregador em não escapar de seu programa - embora todos nós às vezes nos sentíssemos tentados a fazer isso. Com sua formidável visão da psicologia negra e branca, eu o vi gradualmente derrubar esses líderes poderosos, de modo que eles acabaram se comportando e respondendo quase “como crianças”. Ele sabia exatamente o que estava fazendo. Ele começou o primeiro dia apenas perguntando seus nomes - nada mais - e depois escreveu algo em um pequeno pedaço de papel com seus nomes e o colocou em uma caixa. Após dois dias de opressão, ele pediu a cada um deles que viesse e lesse em voz alta as previsões que ele havia escrito sobre como cada um deles reagiria ao seu comportamento opressor, como alguns deles se retirariam para uma concha, como outros, “os militantes”, se oprimiriam no início, e todos os outros papéis de fuga em que as pessoas sob opressão normalmente acabam. No final, ele pediu a todos eles que escrevessem individualmente os sentimentos que agora tinham, e eu fiquei surpreso como todos eles eram semelhantes - também ao meu (se pelo menos eu não estivesse preparado para sua opressão). Então ele terminou dizendo que “esses são exatamente os mesmos sentimentos com que nós negros andamos todos os dias por causa do racismo branco. .... Mas agora vou parar de oprimi-lo, prometo”. ..... Você confia em mim”? Em nosso quebrantamento após muitos momentos tão curtos de ver a luz ao final do túnel, é claro que nenhum de nós confiava que nosso grande opressor alguma vez pudesse, mesmo se ele “retirasse sua faca de 4 a apenas 2 polegadas em nossas costas”.



1986 - Com o Dr. Charles King após uma de suas oficinas

Mas ele finalmente mudou e terminou os dois dias agitados com uma verdadeira festa de libertação depois com muito “uíque blended preto e branco” durante a qual eu nunca vi tal gratidão fluir em direção a um ser humano. Todos sentiram que ele os tinha levantado para um novo e mais livre pensamento. Eu mesmo tinha me sentido miseravelmente solitário durante todo o julgamento emocional desde que os outros agora admitiam que eles tinham sentido que eu era um espião ou aliado de Charles King, embora de tantas maneiras eu estivesse chocado ao experimentar como minhas reações emocionais interiores tinham sido semelhantes às deles - tanto as dos participantes brancos quanto as dos negros. Como forasteiro, fiquei incrivelmente orgulhoso quando no final ele me apresentou como “o único John Brown dos tempos modernos”. Assim, nos anos que se seguiram, muitas vezes levei meus alunos comigo em excursões a Harper’s Ferry, onde John Brown havia iniciado sua insurreição abolicionista.

Charles King foi o primeiro a me fazer perceber que as emoções que as pessoas tinham depois de sua opressão eram as mesmas que as das pessoas que passavam pela American Pictures e, por uma razão, acabei esticando-a em dois dias. Sua abordagem poderosa, no entanto, não teve sucesso nos campi universitários, pois os estudantes contrários a seus funcionários normais do governo não eram forçados a serem “trancados” durante sua opressão e logo buscavam fugas e saíam. Felizmente, a mistura de imagens poderosas e música fez com que meus alunos ficassem “cativos” e “em estado de choque” durante cinco horas opressivas, após as quais eles se comprometiam com um segundo dia de libertação curativa - durante o qual normalmente ficavam totalmente quietos durante as primeiras horas, mas depois - especialmente sob o impacto de meu assistente negro, Tony Harris, começavam a se abrir e terminavam no primeiro diálogo profundo de negro-branco que eles já haviam tido no campus.



1991 - Com meu mentor em seu leito de morte em Atlanta, alguns dias antes de sua morte

Logo eles estariam em tal feliz troca de sentimentos um com o outro que não precisavam mais de nós lá - e Tony e eu sairíamos sorratamente e iríamos para o próximo campus na mesma noite para começar o programa inteiro novamente. Normalmente, eles nos levavam de volta dentro de um ano para seus grupos “American Pictures Unlearning Racism”, mas muitas vezes eu não ouvia falar do que saía de nossos programas de opressão/cura até 20 anos depois, quando estes estudantes se encontraram novamente para avaliar como a American Pictures havia mudado suas vidas e eles queriam que nós voltássemos novamente. Portanto, “oprimir” as pessoas para confrontar seu pensamento opressivo mais profundo e juntá-las em diálogo - olho a olho - é a única maneira eficaz que vi para curar e combater o racismo. O processo é usado de várias formas por inúmeros outros conselheiros anti-racistas cujas oficinas eu vivenciei ao longo dos anos. Apenas um método que eu acho mais eficaz é o de avançar com aqueles contra os quais você sente preconceito. Que eu vi sempre que trouxe estudantes ou estrangeiros ou mesmo membros da KKK comigo para ficar com as pessoas presas em nossos guetos e conhecê-los em seus próprios termos. Logo eles desaprenderiam seus padrões de medo e culpa, o que é difícil no ambiente seguro de um ambiente universitário intelectual. E no processo, eles também ajudaram os habitantes do gueto a desaprender muitos de seus padrões de raiva e hostilidade profundamente enraizados.

***Por favor, observe. Uma palavra posterior será eventualmente escrita, muitas vezes em consulta com minha eventual editora americana.***

***Estas são apenas algumas idéias....***

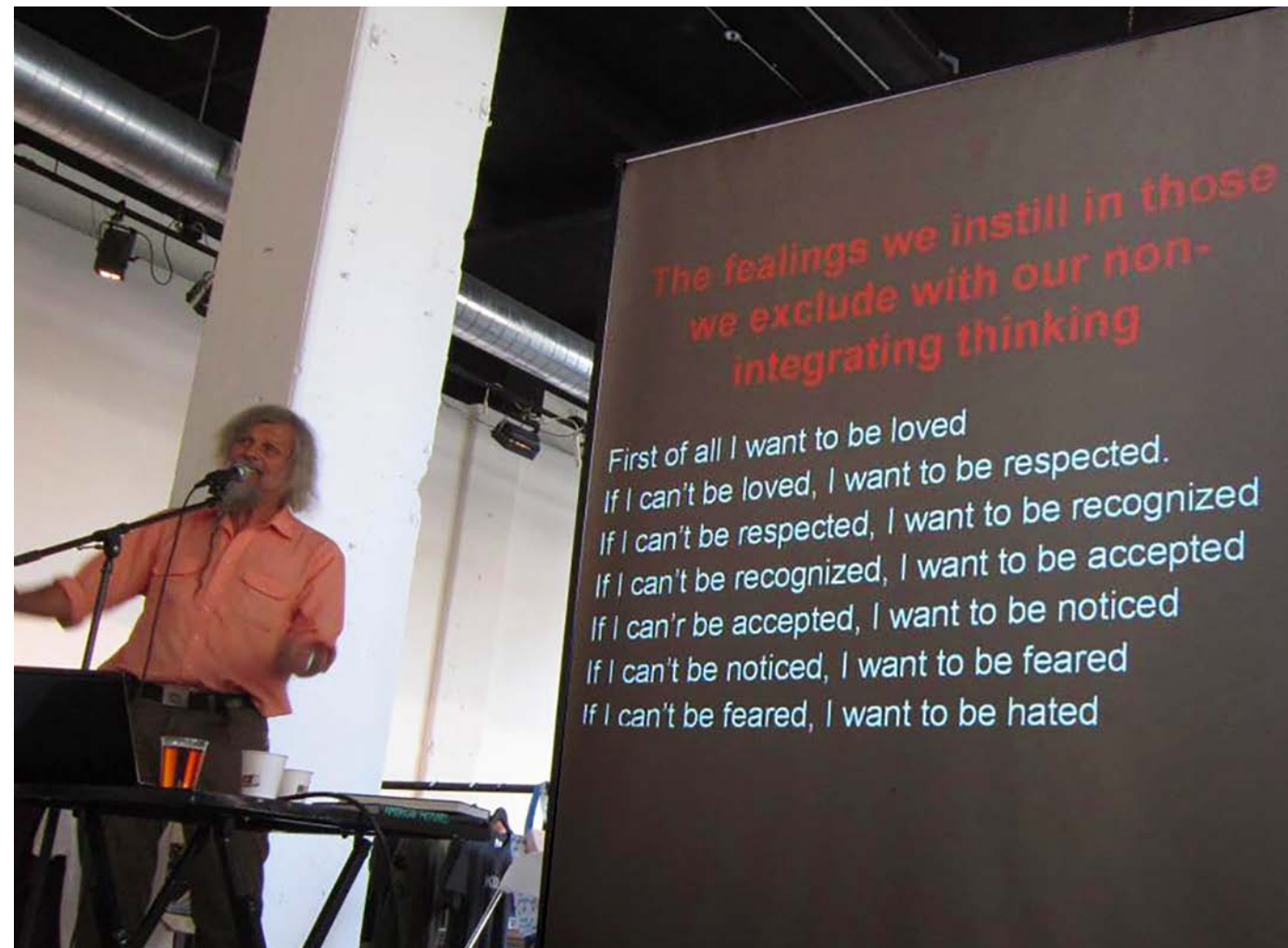
.....Pois eu não tenho a formação acadêmica necessária para encontrar grandes soluções institucionais para o problema. A partir de minhas limitadas experiências, posso, no máximo, dar aos leitores algumas idéias de como enfrentar seu próprio racismo individual. Cada leitor deve, é claro, traduzir meus “métodos vagabundos” de “entrar em contato com aqueles contra os quais você sente preconceito” de acordo com suas próprias habilidades. Embora pareça tão fácil, de minhas oficinas eu sei muito bem que “amor” não é algo que as pessoas possam aprender facilmente ou “vestir-se” efetivamente (Colossenses 3:12-14) - pelo menos não antes que eles em grupos de cura tenham tentado se livrar das várias opressões, traumas e raiva não curada a que cada um deles foi exposto. O que inclui, literalmente, todos nós. Portanto, esta é apenas a minha maneira de ilustrar como não podemos alcançar a integração sem um amor redentor pelos concidadãos.

Bem, como tenho visto tantos dos meus alunos ao longo dos anos serem motivados pela “culpa cristã” a querer fazer algo a respeito de seu racismo, deixe-me apenas salientar que não sou o primeiro a defender tal abordagem. Pois sem São Paulo, eles não teriam sequer conseguido se chamar de cristãos. Como é que Paulo e os outros apóstolos conseguiram pregar esta comunhão de ligação em um mundo multicultural hostil e violento, falando em tantas línguas? Basta pensar na tarefa que foi dada aos apóstolos de sair e se comunicar com todos os “Partos, Medos, Elamitas, Mesopotâmios, Judeus, Capadócijs, Frígidjs, Panfletos, etc.” sobre o amor de Deus em suas próprias línguas, - ou seja, em milhares de línguas locais. Obviamente, somente falando a língua do coração - a língua comum que derrete todos os corações de pedra. Pois novamente, todas as pessoas são influenciadas por pensamentos amorosos, independentemente da língua ou das barreiras culturais. Somente através do amor convincente que fluía através dos discípulos vindos de cima, eles poderiam em um mundo de pessoas não amadas - profundamente marcados por maus tratos e guerras infantis sem fim - em poucas décadas alcançar tantos com sua estranha mensagem de que todas as pessoas são amadas. Pois todas as pessoas querem se sentir amadas e incluídas e algo que Paulo e todos os outros missionários aprenderam rapidamente - para evitar serem apedrejados até a morte - como Estevão se tornara pelo mesmo Saulo (o antigo nome de Paulo como um judeu “racista”) - sim, era que se eles pensassem condescendentemente e hostis sobre aqueles a quem queriam transmitir seus valores, então a audiência se fechou sobre si mesmos e se tornou hostil. Pois a linguagem do amor também inclui o “amor inimigo”. Não é arte amar aqueles que têm tanto excedente que podem retribuir o amor. Portanto, escute por um momento as palavras, onde Paulo revela abertamente seu método eficaz de integração:

“Se eu falo na língua dos homens e dos anjos, mas não tenho amor, sou um gongo barulhento ou um címbalo que se agarra”. E se eu tiver poderes proféticos, e compreender todos os mistérios e todo conhecimento, e se eu tiver toda fé, de modo a remover montanhas, mas não tiver amor, eu não sou nada”. Se eu der tudo o que tenho, e se eu entregar meu corpo para ser queimado, mas não tiver amor, não ganho nada”.

Seus discípulos, gradualmente crescendo para milhares de seguidores, puderam aprender a “vestir-se de amor, o que nos une a todos em perfeita harmonia”. E nós também podemos hoje. Quando, após alguns anos, com a ajuda amorosa de outros, aprendi a superar meu medo e desconfiança em relação aos concidadãos e vi como, como resultado, eles agora se abriam para mim, um dia encontrei este poema de Nis Petersen e me senti desafiado por ele a tentar abrir-me ainda mais e confiar naqueles que ainda alimentavam meu medo aversivo das pessoas. Eu o illustrei com minhas fotos e o levei comigo para todos os lugares como um inspiração e anos depois tornou-se a introdução a todas as minhas palestras”, ao dizer sim àqueles que evitamos”.

*Com amor Jacob Holdt*



2012 NYC. Minha palestra “Ao dizer sim àqueles que evitamos”.

#### *O HOMEM QUE MAIS TE AMA ?*

*O Homem veio em minha direção  
- pesadamente - dolorosamente -  
atrás dele o caminho  
com pegadas viscosas  
de mentiras e feridas de apodrecimento -.  
Uma voz que se eleva: Amas o Homem?  
Não! Eu disse - não posso.  
Amor! Disse a voz.  
O homem veio -  
mais próximo - rastejando -  
baba da luxúria -  
com moscas e vermes  
nas feridas de sua barriga.  
Martelou a voz :  
- Amas o homem?  
Não ! Eu disse.  
Amor! disse a voz.*

*Mais perto - e lentamente mais perto -  
polecada por polegada -  
o fedor era pesado  
de milhares de doenças de Lie -  
e a voz ameaçada:  
- O homem que te ama?  
- Não - Eu não amo!  
- Amo! Disse a voz.  
Então ele se levantou...  
e ele esticou suas mãos na minha direção,  
e lo: as feridas dos espigões ficaram vermelhas -  
os braços nus foram cobertos até os ombros  
com feridas negras de pecado -  
e o homem riu:  
- Assim Deus amou !  
Uma venda caiu dos meus olhos...  
E eu gritei :  
- Mand - Eu te amo !  
E minha boca estava cheia de sangue...  
o sangue do Homem.*

“O que torna a American Pictures tão perturbadoramente poderosa são os efeitos cumulativos das fotografias de Holdt combinados com a análise de seu forasteiro sobre a dinâmica da pobreza e da opressão nos Estados Unidos”.  
*Los Angeles Times*

“É um olhar poderoso e perturbador sobre todo um segmento de nossa população que nunca alcançou a liberdade em nenhum sentido significativo”.  
*San Francisco Chronicle*

“Talvez se possa rotular a American Pictures como uma “obra-prima”. Mas “obra-prima” é uma palavra que implica quatro estrelas na seção de filmes dos jornais diários. É a palavra mais aplicável aos “grandes” filmes de Hollywood - aqueles grandes, estupendos, melodramáticos, espetáculos cinematográficos que tão prontamente satisfazem nossos desejos de ilusão, passividade e voyeurismo.

Tais obras-primas são logo esquecidas. A American Pictures expressa uma realidade global e uma responsabilidade que todos nós compartilhamos. Ela o assombrará por dias depois de vê-la. Ela o possuirá emocional e intelectualmente como se fosse a peste. Embora este extraordinário conjunto de As culturas americanas podem convidar o rótulo “obra-prima”, tal rótulo obscureceria o poder e o aperto avassalador que esta produção exerce sobre seus espectadores. A American Pictures atinge o que as “obras-primas” raramente sequer tentam. A American Pictures desafia o espectador a agir, não apenas a reagir catarticamente; a fazer algo a respeito dos horrores do sistema americano. É este salto aparentemente imenso da arte inspiradora para a ação empírica que a American Pictures conscientemente estabeleceu como seu objetivo. Mas o que leva Holdt a admitir, entretanto, que estes resultados empíricos são impossíveis de medir é sua consciência da enorme capacidade do sistema americano de absorver tudo e de criar máscaras que constantemente escondem seus horrores e injustiças. Em toda a American Pictures Jacob Holdt questiona continuamente a validade de sua criação, expressando o medo de que ele talvez seja apenas mais um homem branco explorando minorias e afirmando continuamente que a mera representação de sua experiência nunca pode igualar a realidade da América que ele tentou compreender. O mesmo se aplica aqui: nenhuma mera descrição ou elogio pode transmitir a experiência da American Pictures. A American Pictures é uma apresentação que todos os americanos devem experimentar por si mesmos.

*The Chicago Reader*



**Tampa traseira interna da tampa**

**É escrito pela editora.**

**Aqui estão algumas resenhas da apresentação**

**de slides American Pictures, na qual este livro é parcialmente baseado.**



**Jacob Holdt escrevendo sobre a primeira matança “Black Lives Matter” que experimentou em sua jornada:**

.... James e Barbara eram um jovem casal de negros que viviam no pior bairro dos EUA ao redor da Fox Street, no sul do Bronx. Um dia eles ouviram assaltantes no telhado e chamaram a polícia. Dois policiais à paisana chegaram ao apartamento e chutaram a porta sem bater. James pensou que eram os assaltantes que estavam arrombando a porta, e atirou na porta, mas depois foi ele mesmo morto pela polícia. Bárbara correu gritando para o apartamento do vizinho. Quando fui à 41ª delegacia de polícia, eles confirmaram a



história e admitiram que “tinha havido um pequeno engano”, mas James, é claro, “estava pedindo por isso, estando de posse de uma arma não registrada”. .... Então, de repente, ouvi gritos terríveis do salão da frente da casa funerária e vi três homens trazendo Barbara. Suas pernas estavam se arrastando ao longo do chão. Ela era incapaz de andar. Eu não conseguia ver seu rosto, mas ela era uma jovem mulher alta, bonita e de pele clara. Seus gritos me fizeram estremecer. Nunca antes havia ouvido gritos tão excruciantes e cheios de dor. Quando ela alcançou o caixão, ele se tornou insuportável.

Foi a primeira e única vez na América em que não pude fotografar.....